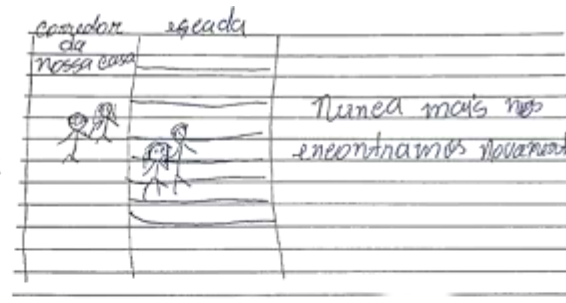
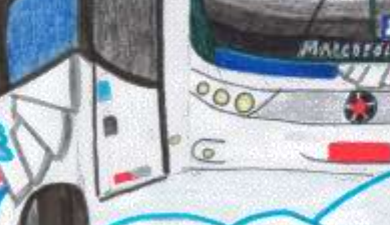
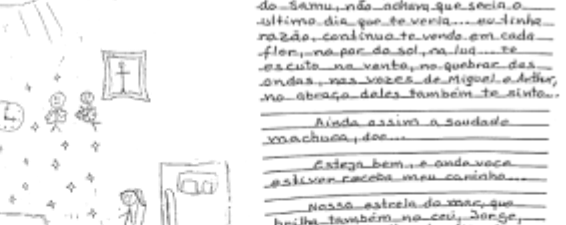




Rua General Valle, todos os carros de ambulância em fila de espera para pagar mortos da covid em 40 anos de vida já não tinha visto uma cama de cama na porta dos dois hospitais, o choro foi inevitável. julho de 2020



**SE NÚMEROS FRIOS
NÃO TOCAM A GENTE
ESPERO QUE NOMES
CONSIGAM TOCAR**

gestão da morte e produção de memória
da Covid-19 a partir das enlutadas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

WEVERSON BEZERRA SILVA

“SE NÚMEROS FRIOS NÃO TOCAM A GENTE, ESPERO QUE NOMES CONSIGAM TOCAR”: GESTÃO DA MORTE E PRODUÇÃO DE MEMÓRIA NA PANDEMIA DA COVID-19 A PARTIR DAS ENLUTADAS

JOÃO PESSOA/RIO TINTO

2026

WEVERSON BEZERRA SILVA

“SE NÚMEROS FRIOS NÃO TOCAM A GENTE, ESPERO QUE NOMES CONSIGAM
TOCAR”: GESTÃO DA MORTE E PRODUÇÃO DE MEMÓRIA NA PANDEMIA DA
COVID-19 A PARTIR DAS ENLUTADAS

Tese submetida ao curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes e Centro de Ciências Aplicadas e Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Doutor em Antropologia.

Linha de Pesquisa: Corpo, Saúde, Gênero e Geração.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mônica Lourdes Franch Gutiérrez

JOÃO PESSOA/RIO TINTO

2026

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586s Silva, Weverson Bezerra.

"Se números frios não tocam a gente, espero que
nomes consigam tocar" : gestão da morte e produção de
memória na pandemia da Covid-19 a partir das enlutadas
/ Weverson Bezerra Silva. - João Pessoa, 2026.
527 f. : il.

Orientação: Mônica Lourdes Franch Gutiérrez.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Antropologia da morte. 2. Pandemia. 3. Covid-19.
4. Mulheres enlutadas. 5. Memória. I. Gutiérrez, Mônica
Lourdes Franch. II. Título.

UFPB/BC

CDU 39(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAEE)
Centro de Ciências Humanas Letras E Artes (CCHLA)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia



Weverson Bezerra Silva

“Se números frios não tocam a gente, espero que nomes consigam tocar”: Gestão da morte e produção de memória da Covid-19 a partir das enlutadas”

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba.

Resultado: APROVADO

Em: 27 de fevereiro de 2026.

Banca examinadora

Documento assinado digitalmente
 **MONICA LOURDES FRANCH GUTIERREZ**
Data: 02/03/2026 12:18:43-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Profa. Dra. Mônica Lourdes Franch Gutiérrez (Orientadora - PPGA/UFPB)

Documento assinado digitalmente
 **LUZIANA MARQUES DA FONSECA SILVA**
Data: 11/03/2026 15:32:52-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof. Dr. Luziana Marques da Fonseca Silva (examinadora interna - PPGA/UFPB)

Documento assinado digitalmente
 **EDNALVA MACIEL NEVES**
Data: 18/03/2026 19:48:19-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Profa. Dra. Ednalva Maciel Neves (examinadora interna - PPGA/UFPB)

Documento assinado digitalmente
 **Flavia Medeiros Santos**
Data: 18/03/2026 10:43:54-0300
CPF: ***.862.762-44
Verifique as assinaturas em <https://u.ufsc.br>

Profa. Dra. Flavia Medeiros Santos (examinadora externa - UFSC)



Prof. Dr. Antônio Carlos Mota de Lima (examinador externo – UFPE)

Documento assinado digitalmente
 **LUCIANA MARIA RIBEIRO DE OLIVEIRA**
Data: 02/03/2026 08:18:34-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Profa. Dra. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira (examinadora interna – PPGA/UFPB)

Documento assinado digitalmente
 **ULIANA GOMES DA SILVA**
Data: 09/03/2026 12:49:54-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Profa. Dra. Uliana Gomes da Silva (examinadora externa- UFPB)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCA/E)
Centro de Ciências Humanas Letras E Artes (CCHLA)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia



Ata da Defesa da Tese de DOUTORADO do aluno Weverson Bezerra Silva

Aos vinte e sete dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e seis, às treze horas, realizou-se na plataforma google meet, a sessão pública de defesa da Tese intitulada: *"Se números frios não tocam a gente, espero que nomes consigam tocar": Gestão da morte e produção de memória da Covid-19 a partir das enlutadas*, apresentada pelo aluno Weverson Bezerra Silva, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de DOUTOR EM ANTROPOLOGIA, área de Concentração em Antropologia Social, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Fabio Mura, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. A Profa. Dra. Mônica Lourdes Franch Gutiérrez (PPGA/UFPB), na qualidade de Orientadora, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte: Profa. Dra. Ednalva Maciel Neves (PPGA/UFPB), examinadora interna, Profa. Dra. Luziana Marques da Fonseca Silva (PPGA/UFPB), examinadora interna, Profa. Dra. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira (PPGA/UFPB), examinadora interna, Profa. Dra. Flavia Medeiros Santos (UFSC), examinadora externa, Profa. Dra. Uliana Gomes da Silva (UFPB), examinadora externa, e Prof. Dr. Antônio Carlos Mota de Lima (UFPE), examinador externo. Dando início aos trabalhos, a senhora Presidente, Profa. Dra. Mônica Lourdes Franch Gutiérrez, convidou as participantes da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao doutorando para apresentar uma síntese de sua Tese, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. **Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Tese, à qual foi atribuído o seguinte conceito: APROVADO.** Proclamados os resultados pela Profa. Dra. Mônica Lourdes Franch Gutiérrez, presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos, e para constar, eu, Antonio Marcelo do Nascimento Neto (secretário *ad hoc*), lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da Banca Examinadora.

João Pessoa, 27 de fevereiro de 2026.

Documento assinado digitalmente
WEVERSON BEZERRA SILVA
Data: 18/02/2026 07:58:14-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Weverson Bezerra Silva
(Doutorando)

Prof. Dr. Antônio Carlos Mota de Lima (examinador externo - UFPE)

Documento assinado digitalmente
Flavia Medeiros Santos
Data: 18/02/2026 10:42:32-0300
CPF: ***.857.767-**
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Flavia Medeiros Santos (examinadora externa - UFSC)

Documento assinado digitalmente
ULIANA GOMES DA SILVA
Data: 09/02/2026 12:34:26-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Uliana Gomes da Silva
(examinadora externa - UFPB)

Documento assinado digitalmente
MÔNICA LOURDES FRANCH GUTIERREZ
Data: 06/02/2026 09:14:45-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Mônica Lourdes Franch Gutiérrez

(Orientadora - PPGA/UFPB)

Documento assinado digitalmente
EDNALVA MACIEL NEVES
Data: 18/02/2026 15:59:59-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Ednalva Maciel Neves
(examinadora interna - PPGA/UFPB)

Documento assinado digitalmente
LUZIANA MARQUES DA FONSECA SILVA
Data: 11/02/2026 11:18:58-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Luziana Marques da Fonseca Silva
(examinadora interna - PPGA/UFPB)

Documento assinado digitalmente
LUCIANA MARIA RIBEIRO DE OLIVEIRA
Data: 02/02/2026 08:14:35-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira
(examinadora interna - PPGA/UFPB)

*Dedico esse trabalho para as vítimas e
enlutadas/os da pandemia de Covid-19.*

“Inumeráveis”

Poema de Bráulio Bessa

André Cavalcante era professor
amigo de todos e pai do Pedrinho.
O Bruno Campelo seguiu seu caminho
Tornou-se enfermeiro por puro amor.
Já Carlos Antonio, era cobrador
Estava ansioso pra se aposentar.
A Diva Thereza amava tocar
Seu belo piano de forma eloquente
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Elaine Cristina, grande paratleta
fez três faculdades e ganhou medalhas
Felipe Pedrosa vencia as batalhas
Dirigindo Uber em busca da meta.
Gastão Dias Junior, pessoa discreta
na pediatria escolheu se doar
Horácia Coutinho e seu dom de cuidar
De cada amigo e de cada parente.
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Iramar Carneiro, herói da estrada
foi caminhoneiro, ajudou o Brasil.
Joana Maria, bisavó gentil. E Katia Cilene uma mãe dedicada.
Lenita Maria, era muito animada
baiana de escola de samba a sambar
Margarida Veras amava ensinar
era professora bondosa e presente.
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Norberto Eugênio era jogador
piloto, artista, multifuncional.
Olinda Menezes amava o natal.
Pasqual Stefano dentista, pintor
Curtia cinema, mais um sonhador
Que na pandemia parou de sonhar.
A vó da Camilly não vai lhe abraçar
com Quitéria Melo não foi diferente.
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Raimundo dos Santos, um homem guerreiro
O senhor dos rios, dos peixes também
Salvador José, baiano do bem
Bebia cerveja e era roqueiro.
Terezinha Maia sorria ligeiro
cuidava das plantas, cuidava do lar
Vanessa dos Santos era luz solar
mulher colorida e irreverente.
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Wilma Bassetti vó especial
pra netos e filhos fazia banquete.
Yvonne Martins fazia um sorvete
Das mangas tiradas do pé no quintal
Zulmira de Sousa, esposa leal
falava com Deus, vivia a rezar.
O X da questão talvez seja amar
por isso não seja tão indiferente
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam.



INSTITUIÇÃO FINANCIADORA



PESQUISAS VINCULADAS



GRUPOS DE PESQUISA



AGRADECIMENTOS

“Relembrar o passado de dor com coragem é uma forma de honrar aqueles que vieram antes e abrir caminho para os que virão.”

(bell hooks)

Agradeço a Deus, à santinha Maria de Lourdes, ao axé e às energias da natureza, bem como às múltiplas manifestações do sagrado. Agradeço à minha ancestralidade, aos meus mortos que se foram antes de mim, sei que lutaram com bravura para que eu pudesse estar aqui. Agradeço aos meus pais, a Painhovô (Manoel Juvenal) e ao meu Pai Preta (Severino dos Ramos). Meus estudos sobre a morte nascem, sobretudo, do desejo de compreender as mortes de vocês. Saudades.

Colagem 1 – Os meus mortos



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Agradeço à minha MÃE-avó Eva, pelo seu amor eterno, por tantas noites em que se preocupou comigo, gratidão pelo cuidado. À minha mãe Sílvia, às minhas irmãs, tias, tios, primas queridas, Luclecia, Laleska e Cinthia, que, sem limites, me ofertaram todo o amor do mundo. Em especial, quero nomear minhas tias-irmãs Léa, Cléia, Socorro, meus tios Leto, Ailton e Nilson, e minhas irmãs: Carol Almeida, Catarina Almeida e Stefhany Bezerra.

Agradeço, com o coração cheio, à minha orientadora Mónica Franch que, desde a graduação, caminha ao meu lado, me auxiliando não só na trajetória acadêmica, mas também na vida. Topou cada tema, cada encruzilhada, cada silêncio e cada recomeço, sempre com generosidade. Obrigado por me ajudar a permanecer na universidade, mesmo quando tudo parecia querer me tirar dela.

Agradeço à banca examinadora pelas contribuições, por aceitarem compor este momento tão importante e por fortalecerem a construção deste resultado. Minha gratidão especial a Ednalva Neves, Luziana Silva, Uliana Gomes, Flávia Medeiros e Antônio Motta, por suas leituras atentas, sugestões e por me acompanharem em minha trajetória acadêmica, contribuindo para o amadurecimento deste trabalho. E, ainda, a Luciana Ribeiro, pela mediação e contribuição no dia da defesa, bem como por todos os conselhos ao longo dos anos do doutorado.

Quero agradecer ao meu companheiro, Arlan Carlos, pelo companheirismo amoroso e por toda a ajuda generosa na elaboração desta tese. Obrigado por viver este sonho comigo.

Agradeço à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que me formou enquanto sujeito político ao longo desta trajetória acadêmica que abrange a graduação, o mestrado e o doutorado. Registro também minha gratidão às políticas de inclusão e expansão do ensino superior, em especial ao REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, criado em 2007 no governo do atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que possibilitou o acesso da classe trabalhadora às universidades públicas.

Agradeço à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ), o governador da Paraíba João Azevedo, cuja contribuição foi fundamental para viabilizar minha dedicação integral a este processo, por meio do investimento e da confiança depositados nesta pesquisa. Estendo igualmente meus agradecimentos ao programa Paraíba sem Fronteiras, que possibilitou a realização do doutorado sanduíche (*um sonho*) no Instituto de Ciencias Antropológicas de la Universidad de Buenos (UBA).

Registro, ainda, minha gratidão pela acolhida generosa da docente María Guadalupe García, docente da UBA, cuja receptividade foi essencial para o desenvolvimento desta etapa acadêmica. Agradeço aos dois projetos que acolheram minha tese desde o início: A Rede ANTROPOCOVID e o Ecos da Pandemia. Foram espaços de troca no debate da pandemia.

Agradeço também aos grupos de estudo que me sustentaram como alicerce e me ofereceram abrigo nos debates dos textos, orientação e acolhimento: o Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura (GRUPESSC), o Grupo de Estudos e Pesquisa em Antropologia da Morte (GEAM), o Grupo de Pesquisas em Etnografias Urbanas (GUETU), ao NAU – Estudos Cemiteriais. Com especial carinho, ao Núcleo de Estudos e Pesquisas de Antropologia Negra

(NEAN Oju Obá) meu aquilombamento. Foi nele que reencontrei força, identidade e ancestralidade negra, tecendo caminhos de enfrentamento e travessia dentro da universidade, quero agradecer a todos/as colaboradores/as, *axé*. Agradeço às políticas de cotas raciais, que abriram caminhos de justiça e reparação histórica, possibilitando o ingresso de negros/as/es no ensino superior, do qual eu sou fruto.

Agradeço aos que caminham comigo desde os tempos da graduação em Ciências Sociais Raphaella Ferreira, Bruna Pimentel e Heytor de Queiroz, presenças constantes que seguem ao meu lado, na trajetória acadêmica e na vida. Estendo também minha gratidão a Ana Patrícia, Iracema Almeida, Janaina Correia e Leonara Alves, por todo o apoio, escuta e carinho ao longo dessa caminhada. Muito obrigado por tudo.

Agradeço às minhas amigas do doutorado Nádja Silva, Rafaela Porcari, Durvalina Rodrigues, Christina Gladys, Pollyana Calado e Elisa Rodrigues (minha alma gêmea na antropologia da morte), que foram meu suporte em tantos momentos, me ajudando a seguir firme até o fim e se *fazer família*. Cada gesto de vocês foi essencial, por toda escuta e companheirismo, vocês foram/são minha rede de apoio, que aqueceram os dias mais difíceis no doutorado.

Quero agradecer, com ternura, ao grupo de orientandos “Turma da Mônica” pelos encontros cheios de afeto, pelas leituras generosas do meu texto, pela partilha, minhas colegas/a Hannah Cabral, Lays Lopes, Luciana Carmélio, Maio Spellman e Stephanie Sacco, minha gratidão. E, em especial, à minha companheira de pesquisa e caminhada acadêmica, Geissy Reis, obrigada por todo o acolhimento, a escuta e a amizade nos dias mais difíceis, e pela gratidão de ter aberto meus caminhos para o sanduíche.

À turma de doutorado de 2021, deixo também minha gratidão. Em especial, a Denise Kamada, Milene Moraes e Beatriz Soares, por estarem presentes com carinho. Agradeço ainda àqueles que, embora não fossem da minha turma, tornaram-se parte dela nos corredores da vida e na Antropologia: Ângelo Gabriel, Júlia Maria, Yuri Schönardie, Marina Prado, Vítor João, Rosiane Trabuco, Milena Matias e Ingrid Rodrigues. Agradeço também aos que estiveram ao meu lado no doutorado sanduíche, Alexandre Pajeú e Janaína Lima, pela acolhida, pelas trocas e pelas vivências na Argentina – “*los Brasileños perdidos*”.

Como se pode perceber, essa caminhada nunca foi solitária. Agradeço, com carinho, às amigas e amigo que seguem comigo para além dos muros da academia, nas veredas da vida, Adriano Alves, Alana Silva, Lizandra Paula, Alexandra Oliveira, Janainy Nery, Klênia Pereira, Stephanie Lima, Marcos Junior, Míryan Alexandre, Andressa Andrade, Gigi de Castro e Emilly Rodrigues, por sempre acreditarem em mim e sustentarem minha trajetória com afeto, parceria e confiança, amo vocês!

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), aos docentes e técnicos administrativos que me acompanharam ao longo deste processo formativo, em especial, Márcia Longhi, Pedro Nascimento, Marco Aurélio Paz Tella, María Elena Martínez Torres, Sônia Maluf e Estêvão Palitot. Agradeço também a Dayse Soares e Antonio Marcelo, pela orientação nos processos administrativos e pela gentileza em lidar com as questões burocráticas.

Agradeço ao meu campo de pesquisa, à Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19 (AVICO), ao Memorial das Vítimas da Covid-19 no Brasil, à Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC), às interlocutoras que gentilmente se encontraram comigo, seja nos espaços das cidades ou nas salas do *Google Meet*, e aos funcionários do Cemitério Senhor da Boa Sentença, agradeço por toda a escuta, acolhimento e partilha ao longo desta caminhada.

Expresso minha gratidão às “*guardias da memória*”, Maria Ednalva, Bruna Henriques, Luiza Henriques, Taíze Santana, Jerlyane Dayse, Suzyany, Cacau, Luanda Catarina, Fernanda, Senhora Leomir, Ruth, Márcia, Janaina Pascualetto, Janaina Arruda, Maiti, Silvania, Mônica Oliveira, Denise Muniz, Débora Silveira, Helen Alves, Mariana Nery Ayach, Silvia Helen, Maria Araújo, Jasmim, Eliane, Maria do Céu, Auxiliadora, Lucynier Omena, Regina, Emile Miachon e Flávia, pela presença, pela partilha e pelo compromisso com a preservação das memórias que sustentam este trabalho. *Minha eterna gratidão!*

*É bonito lbe ver
È tanto prazer
Que seu canto me dá
Vou seguir sua luz
Sua força conduz
Afoxé Ojú Obá*

(Ojú Obá, Gilberto Gil)

RESUMO

Do ponto de vista antropológico, a morte e o morrer são considerados *atos sociais totais* que permitem compreender a sociedade em que vivemos e suas singularidades, de acordo com o contexto histórico em que o indivíduo está inserido e com suas relações culturais, pois esses eventos transcendem o âmbito individual e desempenham um papel fundamental na construção da identidade coletiva, nas crenças, nos valores, nos rituais e nas formas de lidar com o luto, refletindo, assim, a complexidade dos cenários da morte. Em meio a uma pandemia, na qual a doença e a morte individual se fundem em uma experiência coletiva e traumática, os desafios se multiplicam, chamando a atenção não apenas para os aspectos sanitários, mas também para as dimensões sociais, simbólicas, políticas e éticas desse fenômeno. Esta tese insere-se no campo da Antropologia da Morte, buscando compreender os processos ritualísticos de terminalidade e morte das vítimas da Covid-19 na pandemia, por meio das experiências de mulheres enlutadas que perderam seus familiares nos anos de 2020 a 2021 no ambiente hospitalar, no momento de maiores restrições sanitárias que afetaram a realização dos *ritos de passagem*. Trata-se de uma *etnografia multissituada*, ancorada também em uma *etnografia do testemunho*, que privilegia a escuta das narrativas e experiências dessas mulheres. A pesquisa seguiu uma abordagem metodológica qualitativa, com a realização de entrevistas em profundidade. O perfil das 31 interlocutoras da pesquisa, com idades entre 23 e 75 anos, identifica-as como “*guardiãs da memória*”, evidenciando o papel socialmente atribuído às mulheres na produção, cuidado e transmissão das memórias da morte e do morrer. A distribuição geográfica dessas interlocutoras abrange as cinco grandes regiões do Brasil, conferindo à pesquisa uma perspectiva de âmbito nacional e permitindo observar diferentes contextos socioculturais atravessados pela pandemia. As perdas em massa e as normas de biossegurança em um curto espaço de tempo durante a pandemia suscitam uma reflexão sobre como o Estado atuou na elaboração de protocolos no momento dos rituais de despedida, bem como sobre as práticas do Estado em relação aos corpos contaminados pela Covid-19. Mas também nos levam a refletir sobre o modo como as pessoas, especialmente as mulheres, elevadas à condição de *guardiãs da memória*, cuidam da morte e dos mortos e produzem memória, mesmo em meio a situações extremas como as representadas pela pandemia da Covid-19. Tendo isso em mente, a relevância deste trabalho recai em contribuir para a compreensão das transformações que ocorreram no campo ritual em torno da morte em tempos de Covid-19: como aconteceu o tratamento do corpo morto contaminado pelo coronavírus (*post-mortem*) e quais são as implicações dessas modificações no processo ritualístico e suas ressignificações com o corpo morto. Essa análise antropológica destaca como as práticas funerárias foram afetadas e adaptadas durante a pandemia, considerando as restrições sanitárias, as tradições culturais impactadas e o manejo das emoções. Além disso, ao examinar as políticas públicas implementadas para lidar com os impactos da pandemia na esfera funerária e do luto, torna-se possível identificar como as autoridades governamentais condicionaram a maneira como as enlutadas lidaram com a passagem, bem como como essas intervenções regulamentares podem ter moldado a experiência da morte e o processo do luto no *post-mortem*. Dessa maneira, os resultados podem contribuir para um entendimento mais analítico sobre práticas voltadas para os corpos mortos na pandemia, bem como sobre políticas públicas que possam assegurar ações para as enlutadas, analisando as respostas produzidas em um contexto de crise sanitária.

Palavras-chave: pandemia; covid-19; enlutadas; memória; antropologia da morte.

RESUMEN

Desde una perspectiva antropológica, la muerte y el morir son considerados hechos sociales totales que permiten comprender la sociedad en la que vivimos y sus singularidades, de acuerdo con el contexto histórico en el que el individuo está inserto y con sus relaciones culturales, ya que estos eventos trascienden el ámbito individual y desempeñan un papel fundamental en la construcción de la identidad colectiva, en las creencias, en los valores, en los rituales y en las formas de afrontar el duelo, reflejando, así, la complejidad de los escenarios de la muerte. En medio de una pandemia, en la que la enfermedad y la muerte individual se funden en una experiencia colectiva y traumática, los desafíos se multiplican, llamando la atención no solo sobre los aspectos sanitarios, sino también sobre las dimensiones sociales, simbólicas, políticas y éticas de este fenómeno. Esta tesis se inscribe en el campo de la Antropología de la Muerte, buscando comprender los procesos rituales de terminalidad y muerte de las víctimas de la Covid-19 durante la pandemia, a partir de las experiencias de mujeres en duelo que perdieron a sus familiares entre los años 2020 y 2021 en el ámbito hospitalario, en el momento de mayores restricciones sanitarias que afectaron la realización de los ritos de paso. Se trata de una etnografía multisituada, anclada también en una etnografía del testimonio, que privilegia la escucha de las narrativas y experiencias de estas mujeres. La investigación siguió un enfoque metodológico cualitativo, incluyendo la realización de entrevistas en profundidad. El perfil de las 31 interlocutoras de la investigación, con edades comprendidas entre 23 y 75 años, las identifica como “guardianas de la memoria”, evidenciando el papel socialmente atribuido a las mujeres en la producción, el cuidado y la transmisión de las memorias de la muerte y del morir. La distribución geográfica de estas interlocutoras abarca las cinco grandes regiones de Brasil, otorgando a la investigación una perspectiva de alcance nacional y permitiendo observar diferentes contextos socioculturales atravesados por la pandemia. Las pérdidas masivas y las normas de bioseguridad en un corto período de tiempo durante la pandemia suscitan una reflexión sobre cómo el Estado actuó en la elaboración de protocolos en el momento de los rituales de despedida, así como sobre las prácticas estatales en relación con los cuerpos contaminados por la Covid-19. Pero también nos llevan a reflexionar sobre la forma en que las personas, especialmente las mujeres, elevadas a la condición de guardianas de la memoria, cuidan de la muerte y de los muertos y producen memoria, incluso en medio de situaciones extremas como las representadas por la pandemia de la Covid-19. Teniendo esto en cuenta, la relevancia de este trabajo radica en contribuir a la comprensión de las transformaciones que ocurrieron en el campo ritual en torno a la muerte en tiempos de Covid-19: cómo se llevó a cabo el tratamiento del cuerpo muerto contaminado por el coronavirus (post-mortem) y cuáles son las implicaciones de estas modificaciones en el proceso ritual y sus resignificaciones en relación con el cuerpo muerto. Este análisis antropológico destaca cómo las prácticas funerarias fueron afectadas y adaptadas durante la pandemia, considerando las restricciones sanitarias, las tradiciones culturales impactadas y el manejo de las emociones. Además, al examinar las políticas públicas implementadas para hacer frente a los impactos de la pandemia en el ámbito funerario y del duelo, es posible identificar cómo las autoridades gubernamentales condicionaron la manera en que las enlutadas afrontaron la transición, así como cómo estas intervenciones regulatorias pudieron haber moldeado la experiencia de la muerte y el proceso de duelo en el post-mortem. De esta manera, los resultados pueden contribuir a una comprensión más analítica de las prácticas orientadas a los cuerpos muertos durante la pandemia, así como de las políticas públicas que puedan garantizar acciones para las personas en duelo, analizando las respuestas producidas en un contexto de crisis sanitaria.

Palabras clave: pandemia; covid-19; enlutadas; memoria; antropología de la muerte.

ABSTRACT

From an anthropological perspective, death and dying are considered total social facts that allow us to understand the society in which we live and its singularities, according to the historical context in which the individual is embedded and their cultural relations, since these events transcend the individual sphere and play a fundamental role in the construction of collective identity, beliefs, values, rituals, and ways of dealing with grief, thus reflecting the complexity of the scenarios of death. In the midst of a pandemic, in which illness and individual death merge into a collective and traumatic experience, challenges multiply, drawing attention not only to health-related aspects but also to the social, symbolic, political, and ethical dimensions of this phenomenon. This thesis is situated within the field of the Anthropology of Death, seeking to understand the ritual processes of terminality and death of Covid-19 victims during the pandemic, through the experiences of bereaved women who lost their family members between 2020 and 2021 in hospital settings, at a time of heightened sanitary restrictions that affected the performance of rites of passage. It is a multisited ethnography, also grounded in an ethnography of testimony, which privileges listening to the narratives and experiences of these women. The research followed a qualitative methodological approach, including in-depth interviews. The profile of the 31 interlocutors in this research, aged between 23 and 75, identifies them as “guardians of memory,” highlighting the socially attributed role of women in the production, care, and transmission of memories of death and dying. The geographical distribution of these interlocutors spans all five major regions of Brazil, providing the research with a nationwide scope and enabling the observation of different sociocultural contexts shaped by the pandemic. Mass losses and biosecurity regulations within a short period during the pandemic prompt reflection on how the State acted in the development of protocols at the moment of farewell rituals, as well as on State practices regarding bodies contaminated by Covid-19. They also lead us to reflect on how people especially women, elevated to the condition of guardians of memory care for death and the dead and produce memory, even amid extreme situations such as those represented by the Covid-19 pandemic. With this in mind, the relevance of this work lies in contributing to an understanding of the transformations that occurred in the ritual field surrounding death in times of Covid-19: how the treatment of the body contaminated by the coronavirus (post-mortem) took place and what the implications of these changes are for the ritual process and its re-significations in relation to the dead body. This anthropological analysis highlights how funeral practices were affected and adapted during the pandemic, considering sanitary restrictions, impacted cultural traditions, and the management of emotions. Furthermore, by examining the public policies implemented to address the impacts of the pandemic in the funerary and grieving sphere, it becomes possible to identify how governmental authorities conditioned the way bereaved women dealt with this transition, as well as how these regulatory interventions may have shaped the experience of death and the grieving process in the post-mortem. In this way, the results may contribute to a more analytical understanding of practices directed toward dead bodies during the pandemic, as well as public policies that can ensure actions for the bereaved, analyzing the responses produced in a context of sanitary crisis.

Key words: Pandemic; covid-19; mourners; memory; anthropology of death.

MEMORIAL: “nomes de amor que tocam”

1. Adriano Henriques Cosmo da Silva.....	57
2. Alexandre Borges Pereira Reis.....	58
3. Anderson Costa.....	59
4. Bernardo Wanghon Maia.....	60
5. Daniel Tiago Omena Melo.....	61
6. Edvaldo Bezerra de Moura.....	62
7. Efigênio Manoel.....	63
8. Ely Marques Ferreira.....	64
9. Erasmo Pereira de Araújo.....	65
10. Fernando Francisco Monteiro.....	66
11. Hélio Henrique Alves.....	67
12. Ibrahim Ayach.....	68
13. Joana Darc Monteiro Elias.....	69
14. Jonas Barbosa do Espírito Santo.....	70
15. Jorge Lourenço Junior.....	71
16. Juliano Arruda da Silva.....	72
17. Licinha Pitanga Félix.....	73
18. Marcello Vitor.....	74
19. Maria Augusta Oliveira da Silva – Marucha.....	75
20. Maria de Moraes Leite Filha.....	76
21. Maria Vilma Gomes Ottero.....	77
22. Mário Lúcio Fortes Bustamante de Siqueira.....	78
23. Nelson Filipe Neto Maia.....	79
24. Pedro Glauco Coelho Lopes.....	80
25. Roberto Cintra de Oliveira.....	81
26. Rogério Theodoro de Brito.....	82
27. Ronaldo do Carmo Pascualetto.....	83
28. Zeíla Duarte Lopes.....	84

LISTA DE SIGLAS

ABEC – Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais

AMPC – Associação de Mulheres do Porto do Capim

ANPOCS – Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais

ANTROPOCOVID – Projeto Estado, populações e políticas locais no enfrentamento à pandemia de Covid-19

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária

AVICO – Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19

CAAE – Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEPEDISA - Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário

CFM – Conselho Federal de Medicina

CID – Classificação Internacional de Doenças

CNPJ – Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica

CONASS – Conselho Nacional de Secretários de Saúde

COVID-19 - *Coronavirus Disease 2019*

CPF – Cadastro de Pessoas Físicas

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

CTI – Centro de Terapia Intensiva

DO – Declaração de Óbito

DVST-CEREST – Divisão Técnica de Vigilância Sanitária do Trabalho / Centro de Referência em Saúde do Trabalhador

EPI – Equipamento de Proteção Individual

FAPESQ – Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

FPT – Fora de Possibilidades Terapêuticas

FSP - Faculdade de Saúde Pública

GEAM – Grupo de Estudos e Pesquisa em Antropologia da Morte

GRUPESSC – Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura

GUETU – Grupo de Pesquisas em Etnografias Urbanas

HNL – Hospital Napoleão Laureano

HPMGER – Hospital da Polícia Militar General Edson Ramalho

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEIs – Microempreendedores Individuais

MPEs – Micro e Pequenas Empresas

MST – Movimentos dos sem terras

MS – Ministério da Saúde

NEAN Oju Obá – Núcleo de Estudos e Pesquisas de Antropologia Negra

OMS – Organização Mundial da Saúde

OPO – Organização de Procura de Órgãos

PNH – Política Nacional de Humanização

PPGA – Programa de Pós-Graduação em Antropologia

PSF – Programa de Saúde da Família

REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

ScieLO – Scientific Electronic Library Online

SMS – Secretaria Municipal de Saúde

SUS – Sistema Único de Saúde

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UBA – Universidade de Buenos Aires

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UPA – Unidade de Pronto Atendimento

USP – Universidade de São Paulo

UTI – Unidade de Terapia Intensiva

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Caderno de campo e material da oficina	101
Figura 2 – Caderno de campo e material da oficina	101
Figura 3 – Caixa de mensagens do Memorial.....	109
Figura 4 – Principais # do twitter.....	110
Figura 5 – Cláudia no Parque Parahyba.....	117
Figura 6 – Parque Solon de Lucena	119
Figura 7 – Sala de aula em Mangabeira.....	120
Figura 8 – Salão de festa aeroclube	121
Figura 9 – Cemitério Senhor da Boa Sentença.....	122
Figura 10 – Plaza de Mayo - “marcha das pedras”	123
Figura 11 – Print da postagem no @quebrandootabu	124
Figura 12 – Cemitério Nossa Senhora da Aparecida, Manaus - AM.....	127
Figura 13 – Daniel Tiago no Cemitério Nossa Senhora da Aparecida, Manaus - AM.....	129
Figura 14 – As charges relacionadas à morte na pandemia	160
Figura 15 – Charges relacionadas à morte na pandemia.....	161
Figura 16 – Charges relacionadas ao ex-presidente	172
Figura 17 – Charges relacionadas ao ex-presidente	178
Figura 18 – Ato político “a corrupção de Bolsonaro”	185
Figura 19 – Adriano no quarto.....	199
Figura 20 – O prato de Adriano com suas iniciais AH.....	200
Figura 21 – A saída de Adriano.....	201
Figura 22 – Ida de Ronaldo para o hospital.....	204
Figura 23 – Cenário de Guerra para Nalva.....	208
Figura 24 – Maria Moraes na UTI móvel.....	209
Figura 25 – Despedida de Taíze com o Pai Efigênio.....	216
Figura 26 – Mensagem no Whatsapp de Bruna	217
Figura 27 – Mensagem no Whatsapp de Márcia.....	220
Figura 28 – Débora e a experiência da pandemia	224
Figura 29 – Ely e Cláudia antes da intubação.....	225
Figura 30 – O padre	243
Figura 31 – O sonho de Nalva	258
Figura 32 – Cortejo de Fernando	280
Figura 33 – Cortejo de Juliano	281

Figura 34 – Despedida de Eliane no caixão.....	285
Figura 35 – Partida de Fernando	289
Figura 36 – Estratégia com as Cinzas	293
Figura 37 – Ritual com as cinzas no rio.....	294
Figura 38 – Bingo o “pior cachorro” do mundo	309
Figura 39 – O olhar de Adriano.....	310
Figura 40 – A casa de Juliano	311
Figura 41 – O luto dobrado.....	314
Figura 42 – O mundo de Mônica	316
Figura 43 – A solidão de Eliane.....	318
Figura 44 – O cenário de Morte	324
Figura 45 – A dor de Leomir.....	325
Figura 46 – A memória de Silvania	328
Figura 47 – O piquenique	329
Figura 48 – Plantar árvore para Fernando	330
Figura 49 – A família de Roberto	331
Figura 50 – Objetos de Adriano	336
Figura 51 – Objetos de Adriano.....	337
Figura 52 – Objetos de Ely.....	338
Figura 53 – Objetos de fé pertencentes a Licinha	338
Figura 54 – Objetos de Ronaldo.....	339
Figura 55 – Objetos de Edvaldo.....	340
Figura 56 – Vacinação de Débora	343
Figura 57 – Vacinação de Nalva	344
Figura 58 – Resistência.....	345
Figura 59 – Em luto, na luta!.....	349
Figura 60 – Fernando vive.....	350
Figura 61 – Manifestação para vítimas da Covid-19.....	351
Figura 62 – Manifestação para vítimas da Covid-19	352
Figura 63 – Lugar de resistência	353
Figura 64 – Mensagens de resistência	354
Figura 65 – Tatuagem de Bruna e Luiza.....	356
Figura 66 – Tatuagem em homenagem ao pai Adriano.....	357
Figura 67 – Desenho de Ronaldo.....	358

Figura 68 – Tatuagem de Débora.....	358
Figura 69 – Tatuagem de Mariana.....	359
Figura 70 – Tatuagem de Suzyany.....	360
Figura 71 – Carta elaborada pela enlutada Taíze.....	363
Figura 72 – Carta elaborada pela enlutada Débora.....	364
Figura 73 – Carta elaborada pela enlutada Sílvia.....	365
Figura 74 – Carta elaborada pela enlutada Mônica Oliveira	366
Figura 75 – Carta elaborada pela enlutada Luanda Catarina.....	367
Figura 76 – Carta elaborada pela enlutada Eliane.....	368
Figura 77 – Carta elaborada pela enlutada Silviana.....	369
Figura 78 – Carta elaborada pela enlutada Cacau	370
Figura 79 – Carta elaborada pela enlutada Ruth	372
Figura 80 – Carta elaborada pela enlutada Nalva.....	373
Figura 81 – Carta elaborada pela enlutada Emile.....	375
Figura 82 – Chegada no cemitério para exumação.....	385
Figura 83 – Corpo inteiro de Fernando.....	387
Figura 84 – Fases do luto pós-exumação	391
Figura 85 – O retorno para casa depois da exumação	393

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Comércio no cemitério e a venda de máscaras	399
Imagem 2 – Túmulos iniciais do cemitério e a presença do não humano.....	400
Imagem 3 – Profissionais autônomos do cemitério esperando clientes para organização dos túmulos	401
Imagem 4 – A visita restrita.....	402
Imagem 5 – O uso de máscara como critério de visitar os seus mortos.....	403
Imagem 6 – A limpeza dos túmulos pela enlutada.....	404
Imagem 7 – Acender as velas para os seus mortos	405
Imagem 8 – Organização e autocuidado no preparo dos túmulos	406
Imagem 9 – O levar as flores.....	407
Imagem 10 – Profissionais de limpeza realizando a limpeza dos túmulos	408
Imagem 11 – Profissionais autônomos do cemitério esperando clientes para organização dos túmulos	409
Imagem 12 – Os múltiplos agentes sociais.....	410
Imagem 13 – Os acordos de valores e preços dos serviços	411
Imagem 14 – Práticas de rezas individuais	412
Imagem 15 – Grupos geracionais familiares no culto aos mortos	413
Imagem 16 – O retornar do enlutado	414
Imagem 17 – Entrada do cemitério e as crianças em busca de trabalho no Dia dos Mortos	417
Imagem 18 – A espera do chamado para limpar os túmulos.....	418
Imagem 19 – A venda de velas com os carrinhos de mão	419
Imagem 20 – A venda das flores.....	420
Imagem 21 – Monumentos mortuários ao sagrado	421
Imagem 22 – A vela que ilumina	422
Imagem 23 – Os espaços que circulam	423
Imagem 24 – O visitar os seus mortos	424
Imagem 25 – O cuidado coletivo	425
Imagem 26 – Culto familiar aos mortos.....	426
Imagem 27 – O embelezar o espaço do morto.....	427
Imagem 28 – Deixar as flores.....	428
Imagem 29 – Classes e cenário da morte	429
Imagem 30 – Profissionais autônomos do cemitério esperando clientes para organização dos túmulos	430

Imagem 31 – A extensão do corpo.....	431
Imagem 32 – A água que limpa.....	432
Imagem 33 – O retorno e suas idas e vindas	433
Imagem 34 – Retorno da missa no cemitério.....	437
Imagem 35 – Oração no momento da missa.....	438
Imagem 36 – Religiosos como apoio social.....	439
Imagem 37 – Acender as velas para os seus mortos como conexão.....	440
Imagem 38 – O levar as flores	441
Imagem 39 – A limpeza do túmulo pelo enlutado com máscara.....	442
Imagem 40 – Manifestação religiosa	443
Imagem 41 – Oferta de água e pão para matar a sede e fome dos mortos	444
Imagem 42 – Manifestação política Lula querido do povo nordestino	445
Imagem 43 – Devotos da Santa popular Maria de Lourdes.....	446
Imagem 44 – Devotos do Padre Zé.....	447
Imagem 45 – Profissional autônoma do cemitério esperando clientes para organização dos túmulos	448
Imagem 46 – O cenário da saudade	449
Imagem 47 – O ser lembrado.....	450
Imagem 48 – Práticas de rezas individuais	451

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 – Discursos das enlutadas no rito de passagem.....	89
Esquema 2 – Circuito de pesquisa.....	93
Esquema 3 – Número de mortes Covid-19	154
Esquema 4 – O tempo de hospitalização.....	229
Esquema 5 – Disposição do corpo	275

LISTA DE COLAGENS

Colagem 1 – Os meus mortos	7
Colagem 2 – Memórias da pandemia	302
Colagem 3 – As mortes, os mortos e o morrer	396

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Identificação das interlocutoras.....	135

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Origem geográfica das mulheres.....	94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	29
APROXIMAÇÃO COM O TEMA: A ANTROPOLOGIA DA MORTE EM TEMPOS DO MORRER.....	34
O DIA DOS MORTOS NO CEMITÉRIO SENHOR DA BOA SENTENÇA: PRIMEIRO CONTATO.....	40
SAINDO DO CEMITÉRIO PARA O HOSPITAL NAPOLEÃO LAUREANO: SEGUNDO CONTATO	42
CONTEXTUALIZANDO A CONSTRUÇÃO DO OBJETO: A MORTE EM CENA	47
MEMORIAL: APRESENTAÇÃO DAS VÍTIMAS, SUAS HISTÓRIAS E SEUS ROSTOS	54
1 TRAÇANDO A METODOLOGIA: O FAZER ANTROPOLÓGICO EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	85
1.1 ENTRE TROCAS E ENTRADAS COM OS ENLUTADOS: FALAR DE MORTE COM OS QUE SOFRERAM COM ELA	85
1.2 MÉTODOS, FERRAMENTAS E DIÁRIO DE CAMPO: OS ATRAVESSAMENTOS DA PESQUISA COM O <i>EU</i> PESQUISADOR	90
1.3 O QUE É PRÁTICO E O QUE É TEÓRICO: CRUZAMENTOS ENTRE DESENHOS, IMAGENS E LINHAS NO FAZER ANTROPOLÓGICO	98
1.3.1 “Posso enviar o que tenho?” relatos da pandemia e a criação do material etnográfico	98
1.3.2 O tratamento das imagens: texturas e contrastes na tela	105
1.4 PEGUEI A COVID-19 NO <i>FAZER PESQUISA</i> : OS SENTIMENTOS DA MORTE COM O VÍRUS	106
1.5 A CAIXA DE MENSAGEM: O MEMORIAL ENQUANTO ENTRADA NO CAMPO.....	108
1.5.1 “A luta continua”: A Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19 (AVICO).....	112
1.5.2 Os registros de memória no meio do vazio da cidade	114
1.5.3 “É por você, pai, esse oxigênio que você não teve”: Quebrando Tabu e as formas de viralização da luta.....	124
1.6 AQUI REPOUSAM AS VÍTIMAS DA COVID-19: CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA APARECIDA, MANAUS – AM.....	125

1.7	AS GUARDIÃS DA MEMÓRIA: O QUE GUARDAM EM VIDA SOBRE OS SEUS MORTOS.....	131
1.7.1	Quem são essas guardiãs da memória?	134
1.8	ENTRE LÁGRIMAS E AGRADECIMENTOS: AS TROCAS DE AFETOS E AS EMOÇÕES DO PESQUISADOR COM AS ENLUTADAS.....	138
2	A PANDEMIA E OS NÚMEROS DA MORTE: “FAZER MORRER” NO BRASIL	142
2.1	EXPERIÊNCIA COLETIVA DA PANDEMIA DIANTE DA MORTE: A CHEGADA DA COVID-19	143
2.2	A MORTE COMO UM FATO SOCIAL: O SENTIMENTO DE MORTE NO CENÁRIO DA PANDEMIA	150
2.3	A MORTE NOTICIADA: OS NÚMEROS E OS RANKINGS, O BRASIL ENQUANTO FÁBRICA DE MORTE.....	152
2.4	AS CHARGES: A CONSTRUÇÃO DA MORTE A PARTIR DE COMPARTILHAMENTO ILUSTRADO	159
2.5	SALVAR O CNPJ OU O CPF: A ECONOMIA COMO UM RECURSO DE MORTE	162
2.5.1	Corpos vulneráveis: políticas de reparação ou morte para os corpos estigmatizados	167
2.5.2	O negacionismo: o grito: “e daí?”, “eu não sou coveiro”	172
2.5.3	“Imunidade de rebanho”: formas de genocídio assistido	186
2.6	FORMAS DE JUSTIÇA PARA OS MORTOS: COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO (CPI).....	190
3	O CORPO E A SEPARAÇÃO (ADOECIMENTO): MUDANÇA DE STATUS SOCIAL NO PROCESSO DE TERMINALIDADE	194
3.1	PROCESSOS DE TERMINALIDADE E DISTANCIAMENTO SOCIAL NA HOSPITALIZAÇÃO POR COVID-19	194
3.2	O LUGAR E O NÃO LUGAR DO CORPO COM COVID-19: A CASA E O PROCESSO DE ADOECIMENTO	198
3.2.1	Experiências de adoecimento e itinerários terapêuticos mal-sucedidos	202
3.3	OS SENTIMENTOS DO DEIXAR O ENTE QUERIDO NO HOSPITAL.....	205
3.3.1	“A dor de não ter estado lá”: a ausência da visita	210
3.4	O USO DA TECNOLOGIA NO PROCESSO DE TERMINALIDADE: AS CHAMADAS COMO TROCA DE AFETO	214

3.4.1	“Uma hora se tornou uma conversa sem resposta”: o papel dos áudios e vídeos trocados via WhatsApp	216
3.4.2	A ausência de humanização na troca de informação: estratégias de despedidas	221
3.5	“O TEMPO ERA QUINZE DIAS”: CONTAGEM REGRESSIVA DA MORTE.....	226
3.6	A DESPEDIDA NA HORA DA INTUBAÇÃO: A IMINÊNCIA DA MORTE ..	234
3.7	O CUIDADO DURANTE O PROCESSO DE MORRER: AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS NA PANDEMIA	241
4	O CORPO E A MARGEM: O RITUAL DE MORTE E SUAS DISPOSIÇÕES	250
4.1	MORTE, RITUAIS DE PASSAGEM E PANDEMIA	250
4.2	“O HOSPITAL LIGOU, PEDIU PARA LEVAR A DOCUMENTAÇÃO, ELE MORREU”: A COMUNICAÇÃO DA MORTE.....	256
4.2.1	As formas de comunicar em tempos de distanciamento social	260
4.2.2	O risco da contaminação cruzada <i>post-mortem</i> : o cadáver enquanto agente contaminador	265
4.2.2	“O corpo identificado”: reflexões sobre o reconhecimento <i>post-mortem</i>	268
4.3	DISPOSIÇÃO DO CORPO E OS VELÓRIOS ABREVIADOS: “DO HOSPITAL DIRETO AO CEMITÉRIO”	274
4.4	O CORPO PRESENTE E AO MESMO TEMPO DISTANTE: A DOR DO CAIXÃO LACRADO	284
4.4.1	Os cantos da hora da morte: o sentimento do corpo partindo	286
4.4.2	O medo da troca de corpos: “E se não for ele? Se mandaram o corpo errado?”	289
4.5	“ELE FOI CREMADO”: ESTRATÉGIA PARA REALIZAÇÃO DE UM RITUAL COM AS CINZAS	292
5	AGREGAÇÃO E OS EFEITOS DO LUTO SEM CORPO: DIMENSÕES SOCIAIS E A BUSCA DE SENTIDO	302
5.1	AUSÊNCIA DE UMA “RECORDAÇÃO DE UMA REALIDADE REAL”: LUTO E EMOÇÕES	303
5.1.1	Vivenciar a espera: sentimentos e narrativas das enlutadas sobre o sentimento de retorno dos seus entes queridos.....	307
5.2	AS ENLUTADAS: O PROCESSO DO LUTO EM TEMPOS DE SOLIDÃO	312
5.2.1	Os efeitos dos rituais abreviados no processo de luto: “Esse luto é diferente dos outros”.....	321

5.2.2	O luto como recriação de momentos emblemáticos.....	326
5.2.3	O corpo e as coisas: pensando a relação humano não humano das enlutadas com os objetos de seus entes queridos.....	332
5.3	AS FORMAS DE RESISTÊNCIA DO AUTOCUIDADO: A VACINAÇÃO, O CUIDADO DE SI E O GESTO QUE “NÃO CHEGOU NO BRAÇO DELE” ..	341
5.4	OS USOS POLÍTICOS DA MEMÓRIA: MANIFESTAÇÕES SOCIAIS E LUTA POR REPARAÇÃO	345
5.5	TINTAS DE SAUDADES: ETERNIZAR MEMÓRIAS DE VÍTIMAS DA COVID-19 ATRAVÉS DE TATUAGENS	355
	AS CARTAS COMO UM ATO DE DESPEDIDA.....	362
	CONSIDERAÇÕES FINAIS: carta aberta “ao tempo que não cala”	377
	CADERNO DE IMAGEM I: DIA DOS MORTOS NA PANDEMIA: AS FASES DE VIVENCIAR A MORTE NO CEMITÉRIO EM TEMPOS DE SOLIDÃO	398
	APRESENTAÇÃO DO CADERNO DE IMAGEM I.....	398
	CADERNO DE IMAGEM II: DIA DOS MORTOS NO SEGUNDO ANO DE PANDEMIA: AS FASES DE VIVENCIAR A MORTE NO CEMITÉRIO SENHOR DA BOA SENTENÇA NO “NOVO NORMAL.....	416
	APRESENTAÇÃO DO CADERNO DE IMAGEM II	416
	CADERNO DE IMAGEM III: “ <i>VOLTAMOS AO NORMAL</i> ”: O DIA DOS MORTOS NO CEMITÉRIO SENHOR DA BOA SENTENÇA EM JOÃO PESSOA/PB NO PÓS-PANDEMIA	435
	APRESENTAÇÃO DO CADERNO DE IMAGEM III	435
	REFERÊNCIAS	453
	APÊNDICES.....	470
	ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA AS ENLUTADAS	471
	RÁDIO CURA ELY.....	479
	QUANTIFICAÇÃO DE ÓBITOS POR COVID-19 SEGUNDO A DATA DO FALECIMENTO.....	491
	ANEXOS	497
	CARTA DE ENCAMINHAMENTO DO PROGRAMA (PPGA).....	497
	COMITÊ DE ÉTICA	498
	CARTA DE ENCAMINHAMENTO DO PROJETO	502
	CARTA DE ANUÊNCIA AVICO	504
	CARTA DE ANUÊNCIA DO MEMORIAL DAS VÍTIMAS DA COVID-19	505

CARTA DE MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDO CEMITERIAIS.....	506
FESTA DE OTTO COM HOMENAGEM AO AVÔ ADRIANO.....	507
O VIOLÃO DE MÁRIO E A CORDA QUEBRADA.....	508
PERTENCES PESSOAIS DE DANIEL DISPOSTOS AO LADO DO MONITOR HOSPITALAR DURANTE O PERÍODO DE SUA INTERNAÇÃO POR COVID-19	509
AÇÃO SOLIDÁRIA EM MEMÓRIA DE JONAS	510
LICINHA NA ELABORAÇÃO E FABRICAÇÃO DE MÁSCARAS DE TECIDO	511
ÚLTIMA AÇÃO DE FERNANDO: LAVAR E COLOCAR NO VARAL AS MÁSCARAS E O CORDÃO RELIGIOSO.	512
MENSAGEM PARA JORGE, DE SUA ESPOSA RUTH.....	513
SANTINHO DE JULIANO ARRUDA	514
SANTINHO DE BERNARDO WANGHON	515
CONVITE PARA A MISSA DE 7º DIA DE DANIEL TIAGO	516
SANTINHO DE MARIA AUGUSTA.....	517
SANTINHO DE JONAS BARBOSA.....	518
SANTINHO DE ALEXANDRE BORGES	519
DESABAFO DE FERNANDA SOBRE O QUE OCORREU NA DOENÇA E FALECIMENTO DO MEU PAI.....	520

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

“Quando as pessoas morrem, não podem ser substituídas. Elas deixam buracos que não podem ser preenchidos, porque é o destino- o destino genético e neural de cada ser humano ser um indivíduo único, achar seu próprio caminho, viver sua própria vida, morrer sua própria morte” (Oliver Sacks¹).

Esta tese é resultado de minha pesquisa de doutorado em Antropologia, cujo tema está inserido no campo da Antropologia da Morte, com o objetivo de compreender os processos ritualísticos das vítimas pela *Coronavirus Disease 2019* - COVID-19², doença causada pelo vírus Sars-CoV-2, por meio das experiências das mulheres enlutadas, termo utilizado pelas próprias interlocutoras nos processos de morte, luto, luta e memória. A escolha de focar nas mulheres como grupo delimitado será explicada mais adiante, em razão de motivos que serão apresentados.

Este trabalho de tese constitui-se como uma “*antropologia do testemunho*” (Veena Das, 2021), ao compreender o ato de testemunhar como uma prática socialmente situada, centrada nas experiências de violência, gênero e subjetividade que atravessam as narrativas das enlutadas. O testemunho constitui-se como um espaço de mediação entre a experiência subjetiva e as experiências vividas, desempenhando um papel central na construção das memórias coletivas e na produção de sentidos sobre eventos traumáticos (Pollak; Heinich, 2023). Sobretudo, em vários momentos, encontrei-me imerso na prática da escuta, sendo ouvinte das múltiplas experiências das enlutadas durante seu processo ritual, juntamente com as complexas emoções e fases do luto.

Dessa forma, gostaria de destacar que a tese aborda aspectos essenciais que podem ser entendidos a partir das três fases canônicas dos rituais de passagem: “o corpo e a separação (adoecimento)”: no processo de terminalidade, “o corpo e a margem, no ritual de morte”, e “agregação e os efeitos do luto sem corpo no ritual”. Em cada uma dessas etapas, descreverei as experiências de dor e os desafios enfrentados para melhor compreender as dimensões emocionais presentes nesse trabalho de tese.

¹Texto de Oliver Sacks faz uma reflexão de quem tem câncer fase terminal. Disponível em: <http://drfelipeades.com/2015/03/02/oliver-sacks-fala-de-suas-reflexoes-ao-saber-que-tem-um-cancer-em-fase-final/>. Acesso em: 07 de março de 2025.

² Embora a forma oficial e cientificamente recomendada para a sigla seja COVID-19, escrita inteiramente em maiúsculas por se tratar de um acrônimo do inglês *Coronavirus Disease 2019*, a partir de agora opto neste trabalho por utilizar a grafia Covid-19, com apenas a inicial maiúscula e as demais letras minúsculas. Essa escolha segue uma tendência de aportuguesamento adotada em diversos textos acadêmicos, aproximando a sigla do uso corrente da língua portuguesa e favorecendo maior fluidez na leitura, sem comprometer o rigor conceitual ou a precisão terminológica.

As participantes da pesquisa são mulheres que vivenciaram a perda de familiares próximos que foram vítimas da Covid-19 durante o período de “isolamento social,” que ocorreu durante a primeira onda da pandemia, no ano de 2020 e início de 2021, antes da disseminação da vacinação. Portanto, o escopo temporal da tese ficou delimitado a esses dois anos, durante os quais foram coletadas as descrições das mulheres, informações acerca do protocolo sanitário e realizadas as postagens de informações.

Essas mulheres têm ainda por característica o fato de terem realizado homenagem aos seus mortos no “Memorial virtual das vítimas do Coronavírus no Brasil”³, participarem da “rede apoio Covid-19 Acolhimento, escuta e memórias da pandemia”⁴ e da AVICO Associação de vítimas e familiares de Vítimas da Covid-19⁵. Ao longo da pandemia, essas instâncias atuaram como rede de apoio dos enlutados, funcionaram como comunidade de sentido e atuaram como ferramenta política para lutar contra o esquecimento e pela singularização das mortes pandêmicas. Fazer o recorte exclusivo em mulheres na tese permite explorar o impacto diferenciado que a perda de entes queridos pode ter na vida dessas mulheres enlutadas, devido à tradicional divisão de responsabilidades de gênero no cuidado, o que também implica no sentido de responsabilidade que essas mulheres sentem em relação à preservação da memória de suas vítimas. As mulheres enlutadas frequentemente desempenharam funções sociais no fornecimento de apoio emocional e prático durante e após a pandemia. Além disso, são verdadeiras guardiãs da memória de seus entes queridos, o que nos leva a pensar nos *usos políticos da memória* (Grisales, 2016) e na politização do luto como um elemento importante na experiência das mulheres enlutadas.

O título da tese surgiu por indicação de uma pessoa enlutada, a partir do compartilhamento da música “Inumeráveis”, interpretada por Chico César, que musicou um poema escrito por Bráulio Bessa. O poeta, por sua vez, estava internado com Covid-19 quando compôs essa homenagem às vítimas da pandemia. A capa da tese foi elaborada pelo designer gráfico Arlan Carlos⁶, com base em um conceito visual concebido a partir dos desenhos das

³ Link do memorial virtual: <https://www.facebook.com/memorialcoronabrasi> das vítimas do Coronavírus no Brasil.

⁴ “Rede de Apoio às Famílias e Amigos de Vítimas Fatais de Covid-19 no Brasil, uma iniciativa cidadã e independente, suprapartidária, ecumênica e fundamentalmente humanitária construída por várias organizações da sociedade civil, profissionais e demais pessoas voluntárias e solidárias. O objetivo é reunir e promover gratuitamente o acolhimento dos enlutados, oferecendo materiais e endereços de instituições de saúde mental e da atenção psicossocial, os quais chamaram de “Mutirão de Acolhimentos e Repertórios de Possíveis Cuidados para as Pessoas Enlutadas em Tempos de Covid-19”.” <https://redeapoioicovid.com.br/quem-somos-rede-apoio-covid-19/>. Existem também outros memoriais: Reliquia_Rum, com a idealização: Debora Diniz (antropóloga), tem como proposta: delicada homenagem às mulheres mortas pelo Covid-19 no país, tem também memoriais com recorte de ciganos, indígenas, profissionais da saúde, o memorial inumerável e entre outros.

⁵ Link da AVICO: [Sobre Nós \(avicobrasil.com.br\)](https://www.avicobrasil.com.br)

⁶ Designer de interiores pelo Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e designer gráfico pelo Centro Universitário de João Pessoa (Unipê). Atua no campo das artes visuais, com ênfase em colagem e produção de artes digitais.

interlocutoras, que simbolizam a vivência da pandemia. O trabalho de Arlan Carlos buscou traduzir, por meio das formas, traços e cores, a sensibilidade presente nas narrativas e nas memórias compartilhadas ao longo da pesquisa. Os desenhos que inspiraram essa criação não se restringem à capa: aparecem ao longo da tese, pontuando capítulos e seções como expressões visuais de afeto, memória e resistência. Dessa forma, os desenhos se tornam também uma linguagem etnográfica, acompanhando o texto e contribuindo para dar corpo e imagem às experiências narradas.

Do ponto de vista antropológico, a morte e o morrer são considerados um *fato social total*⁷ (Mauss, 2003, p. 364) que permite compreender a sociedade em que vivemos e suas singularidades, de acordo com o contexto histórico na qual o indivíduo está inserido e com suas relações culturais. Em meio a uma pandemia, em que a doença e a morte individual se fundem numa experiência coletiva e traumática, os desafios se multiplicam, chamando a atenção não apenas para os aspectos sanitários, como também para as dimensões sociais, simbólicas, políticas e éticas desse fenômeno.

Diante disso, refletindo que no período de pandemias, tanto no passado como é o caso da Peste Bubônica (Peste Negra) na Idade Média ou já no século XX, da Gripe Espanhola, ou ainda mais recentemente com o Ebola, o HIV/aids, a Zika, entre outros, é comum que esses fenômenos ocasionem transformações políticas, sanitárias, sociais e principalmente um imensurável número de mortes (Ramos, 1993; Diniz, 2016; Franch, 2018; Pimenta, 2019). O contexto histórico que estamos vivenciando reverbera em questionamentos de como a sociedade está lidando com o fenômeno social da morte de vítimas da Covid-19.

Tendo isso em mente, a relevância dessa tese justifica-se em contribuir para a compreensão das transformações que ocorreram no campo ritual em torno da morte no período mais dramático da crise sanitária de Covid-19: como ocorreu o tratamento do corpo morto contaminado pelo coronavírus (*post-mortem*), quais as implicações dessas modificações no processo ritualístico e nas experiências dos familiares das vítimas, com foco nas mulheres. Com isso, busco discutir problemáticas sobre o processo de morte durante a pandemia, visto que esse procedimento/ritual foi radicalmente modificado por causa de preocupações sanitárias e biomédicas.

Dessa maneira, os resultados dessa pesquisa podem contribuir para alcançar um entendimento sobre práticas voltadas para os corpos mortos em situações extremas como a da

⁷ Embora a expressão “fato social total” seja formulada por Marcel Mauss, ela se ancora na tradição durkheimiana. Nesse sentido, a análise de Émile Durkheim em *O suicídio* compreende o fenômeno não como um ato puramente individual, mas como um fato social, condicionado por níveis de integração e regulação social, distinguindo os tipos egoísta, altruísta, anômico e fatalista (Durkheim, *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Presença, 2000).

pandemia de Covid-19, e sobre a necessidade de políticas públicas que possam assegurar ações para as pessoas enlutadas, analisando para isso as respostas que estão sendo criadas neste momento por elas. Isso porque os processos em torno da gestão da morte e do morrer que ocorreram no auge da Covid-19 se dificultaram o enfrentamento da dor e da perda subsumindo as práticas em torno do morrer à lógica da biossegurança acionada para conter a covid-19, sem reconhecer os processos culturais e subjetivos envolvendo esse importante evento vital. Tal dinâmica evidência como as normas de biossegurança passaram a estabelecer limites às práticas vigentes, inscritas em uma lógica de segurança global, convertendo preocupações com a saúde e percepções de risco em dispositivos regulatórios (Segata, 2020).

Durante a pandemia, as medidas recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) estabeleceram novas formas de enterrar os mortos. As perdas em massa e as normas de biossegurança em um curto espaço de tempo durante a pandemia trazem uma reflexão sobre como o Estado atuando nas realizações de rituais de despedida, bem como sobre as práticas estatais em relação aos corpos contaminados pela Covid-19. No Brasil, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) definiu as normas e orientações de cuidado com o corpo através do Comunicado DVST-CVS⁸ 09/2020 sobre o manejo de corpos” ou “manuseio do corpo” no *post-mortem*.

Os termos “*manejo de corpos*” ou “*manuseio do corpo*” no *post-mortem* são termos técnicos que, embora possam abranger as dimensões sanitárias da morte, também objetificam os corpos e geram um impacto social significativo no contexto da pandemia. Com isso, os termos técnicos utilizados criam uma distância emocional e uma percepção mais distante da morte no momento do rito de passagem. Essa objetificação do corpo percebe a morte de forma mais distante, dificultando o processo de luto para as enlutadas.

Percebe-se diante desse comunicado uma intensificação nas normas higienizadoras, indicando a obrigatoriedade do distanciamento social e o distanciamento entre pacientes hospitalizados em estado grave. O fortalecimento das normas sanitárias relativas ao corpo contaminado grave e ao morto demonstram como a pessoa diagnosticada (viva ou morta) com coronavírus passa a ser tratado como algo altamente contaminador (Silva, Andreia Vicente, 2020).

Em relação aos procedimentos, o “*Manual de manejo de corpos*” destaca que todos os orifícios naturais do corpo devem ser rigorosamente tamponados e o corpo morto deve ser envolto em três camadas de capas impermeáveis lacradas e cuja etiqueta descreve a identificação

⁸ A Divisão Técnica de Vigilância Sanitária do Trabalho-Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (DVST-CEREST).

do morto. É preciso igualmente identificar o saco externo de transporte com informação relativa ao risco biológico: “Covid-19, agente biológico classe de risco 3”. Posteriormente, após desses processos de manejo, o corpo segue para o cemitério em um caixão lacrado, e uma declaração de óbito é entregue aos familiares com a descrição da doença causadora da morte: Covid-19, e Classificação Internacional de Doenças CID⁹ B34.2 (em caso de infecção não especificada) ou U04.9 (em caso de síndrome respiratória aguda grave), contribuindo, desse modo, para a constituição de um corpo codificado, regulado por meio desses códigos. Para além das dimensões estritamente ligadas ao controle de um patógeno num contexto pandêmico, interessa aqui pensar nas implicações que estas medidas tiveram nos processos de adoecimento com hospitalização e de morte, incluindo as dimensões simbólicas e práticas desses processos.

Ao receber a declaração e com os caixões lacrados, começa o processo dos “velórios abreviados”. No ano de 2020 e durante os primeiros meses de 2021, os velórios não poderiam ter a participação de quaisquer pessoas consideradas como sendo “grupo de risco”, incluindo: gestantes, portadores de doenças crônicas, maiores de 60 anos, pessoas com problemas respiratórios e imunodeprimidos, como também pessoas com Covid-19, para não transmitir o vírus. As definições dos grupos de risco e as medidas relacionadas à pandemia foram estabelecidas por autoridades de saúde pública, como agências governamentais de saúde, como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e especialistas em epidemiologia e saúde pública.

É pertinente destacar que os guias de orientações levantados apontam para uma restrição das práticas religiosas e culturais dos indivíduos no processo do rito de passagem. Embora as orientações da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) mostrem preocupações com a dignidade dos mortos, as dimensões culturais e tradicionais em torno da morte, apesar de serem contempladas nas orientações, não foram efetivadas durante o processo. Além do protocolo da Anvisa, o Ministério da Saúde do Brasil publicou uma série de documentos e guias com orientações sobre prevenção, diagnóstico e tratamento da Covid-19, o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS) e Conselho Federal de Medicina (CFM) também emitiram orientações e recomendações para médicos e profissionais de saúde sobre o manejo clínico da Covid-19. Enquanto a biossegurança tornava-se a lógica predominante e o ciclo da pandemia se expandia, e com ele, o número de mortes, uma pergunta emergia: como é possível dar conta, subjetiva e coletivamente, dessas perdas quando medidas de isolamento social e limitações temporais para os enterros são impostas às pessoas que estão em luto?

⁹ A Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde. Desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Este estudo propõe conhecer de que maneira as práticas de biossegurança foram implementadas no Brasil, e o modo como elas afetaram as experiências individuais e coletivas das pessoas que perderam seus familiares em meio aos momentos mais críticos da pandemia. Propõe ainda pensar o Memorial e a Associação em si em suas várias facetas – como espaço de troca afetiva, de apoio e solidariedade, como ferramenta de luta política, bem como, a importância desses memoriais em recuperar esse lugar do luto, logo, a importância das vidas perdidas e a urgência de uma ação reparadora do Estado.

Além disso, a análise das mortes na pandemia também permite examinar questões mais amplas, como desigualdades sociais e de saúde, sistemas de saúde público/privado e ausência de políticas públicas, respostas governamentais e ações coletivas de memoriais e associações, entre outros aspectos que ajudam a ampliar o conhecimento sobre o momento pandêmico no Brasil. Ao estudar as mortes na pandemia, é possível destacar as disparidades que surgiram, tanto no acesso aos cuidados de saúde quanto nas consequências das mortes em diferentes contextos territoriais e suas vulnerabilidades sociais.

Ao longo desta tese, abordaremos as diferentes facetas das mortes na pandemia, desde as experiências individuais de luto até as implicações coletivas de mortes pandêmicas, relacionando às mortes de Covid-19 com as experiências das enlutadas, destacando a importância de considerar os aspectos sociais, culturais, emocionais e políticos envolvidos.

APROXIMAÇÃO COM O TEMA: A ANTROPOLOGIA DA MORTE EM TEMPOS DO MORRER

Minhas inquietações e interesses sobre o tema da morte surgem a partir de discussões durante a graduação em Ciências Sociais (licenciatura/bacharelado) refletindo sobre as formas ritualísticas de visitar os cemitérios no dia dos mortos, como também, reflexões que surgiram no mestrado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/UFPB), quando trabalhei sobre as experiências de profissionais da saúde e suas práticas de “boa morte” com pacientes com câncer em cuidados paliativos. Descreverei minha relação com a temática e como fui atravessado por ela no meu trabalho de tese. Nunca pensei que em dez anos de ciências sociais iria vivenciar uma pandemia com tantas perdas coletivas, não apenas pela ação de um vírus, mas, também, pelo modo como essa ação se interrelacionou com formas de “fazer morrer” no Brasil (Duarte, 2020).

É de Martin Heidegger (1997) a conhecida expressão “assim que o homem começa a viver, tem a idade suficiente para morrer”. O processo de morrer faz parte dos dilemas com os quais me deparei no meu processo de socialização. De acordo com Edgar Morin (1997) “a espécie humana é a única para a qual a morte está presente durante a vida, a única que faz

acompanhar a morte de ritos fúnebres, a única que crê na sobrevivência ou no renascimento dos mortos” (p.13).

Esses dilemas trouxeram vários questionamentos que deixaram marcas profundas na minha trajetória. Muitos não entendem o porquê busquei estudar esse tema, ao menos não entendiam até o momento da pandemia. Porém, ninguém sabe que, quando criança e adolescente, fugia do assunto em conversas de família e amigos. Sempre que o tema era discutido, só conseguia perceber dor, lágrimas e medo, representando os sentimentos que se prolongaram por diversas etapas da minha vida.

Mais adiante, o contato com o conceito de “cultura do medo da morte” (Silva, 2015), me fez refletir sobre minhas próprias reações quando tive que enfrentar o assunto da morte diretamente. Passei por três momentos de perda entre meus familiares – meu Painhovô¹⁰, minha bisavó e meu pai. Esses processos de morte ocorreram em intervalos curtos, e cada um deles operou uma mudança em minhas relações sociais no processo de interação e o viver em sociedade.

Pollak (1992) relata que a identidade do ser social é construída através das memórias dos outros que se tornam, em determinadas situações, uma memória individual ou coletiva, perpetuando-se em gerações e trazendo significados ao indivíduo em suas relações sociais. A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (Pollak, 1992, p. 206). Com esse pensamento de Pollak (1992), consigo entender que meus atravessamentos dos estudos da morte no meu processo acadêmico fizeram todo o sentido com a chegada da pandemia.

Nesse momento descreverei algumas memórias relacionadas ao significado da morte em meu processo de socialização, algumas vivenciadas e outras construídas socialmente pelo grupo social em que estou inserido, em forma de lembranças e de memórias compartilhadas. Minha intenção ao trazer esses relatos não é a de empreender uma “psicologização” desta proposta de trabalho, embora acredite que o tema da morte tem esse poder reflexivo/existencial de mobilizar nossa percepção da vida. Optei por apresentar minha trajetória por compreender que ela explicita bem os caminhos que me levaram a este objeto específico – embora o interesse da

¹⁰ Painhovô – nome afetivo utilizado para se referir ao meu avô, fazia essa correlação de pai + avô, porque foi ele quem me criou e o considerava como pai; mas como meu pai morava conosco tinha uma coerção externa para não chamar os dois de pais. Assim, espontaneamente criei esse termo de painhovô durante minha infância.

pesquisa não possa ser reduzido a uma inquietação individual¹¹. Porém, registrar essas memórias é destacar as minhas construções de pessoa pesquisador.

Na minha dissertação, Silva (2021b), eu já escrevi sobre essa experiência. Resolvi resgatar essa parte agora na tese, visto que, na disciplina de Seminário de Tese ministrada pelas docentes María Elena Martínez-Torres e Maristela Oliveira de Andrade¹² foi destacada a minha afinidade subjetivada com o tema, e que minha chegada até a pandemia teve uma linha cronológica, existencial e simbólica, entre o sentimento de medo e a construção do fazer científico. O medo, inicialmente, permeava meus estudos sobre a morte e as vivências no meu processo de socialização, como se fosse um território desconhecido a ser explorado com cautela e apreensão. No entanto, à medida que a pandemia se instaurava principalmente no Brasil, esses estudos adquiriram uma dimensão mais profunda e significativa, aproximando-me das realidades sociais que se desenrolavam ao meu redor.

O fazer científico em tempo pandêmicos, por sua vez, foi impulsionado pela necessidade de compreender e enfrentar os desafios impostos pela pandemia. A busca por respostas em meio ao isolamento físico, a análise de dados primários e secundários, o diálogo com outras áreas do conhecimento e a construção de soluções emergenciais foram fundamentais para lidar com a crise e buscar alternativas para aliviar o sofrimento social.

No momento da pesquisa da tese, uma interlocutora me fez uma pergunta: “você perdeu alguém para Covid-19?”, imediatamente falei “graças a Deus não”, foi quando ela disse, “então fui amaldiçoada e você não”, já que você “graças a Deus”, não teve perdas. A associação da maldição para a enlutada ocorre devido à sensação de que alguns foram escolhidos para vivenciar a morte durante a pandemia, enquanto outros não foram afetados. Este momento me fez lembrar do livro “Os Argonautas do Pacífico Ocidental” de Malinowski (2018), no qual a saúde, doença e morte para os Trobriandeses também são entendidas como resultantes da magia ou da contramagia. Me senti culpado, por ter dito isso... Realmente, jamais conseguiria mensurar as dores alheias. Resgatei meu diário de campo das pesquisas passadas e lembrei da frase dita na

¹¹ Para uma discussão mais aprofundada sobre a necessidade (ou não) de explicitação da relação do pesquisador com seu objeto de pesquisa, remeto ao artigo de Gomes e Menezes (2008b).

¹² Disciplina cursada no semestre 2022.1. **María Elena Martínez-Torres**, Geógrafa pela Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM), possui doutorado em Estudos Latino-Americanos pela Universidade da Califórnia em Berkeley e pós-doutorado pelo Center for the Study of the Americas (CENSA). Atualmente é professora-pesquisadora do Centro de Investigações e Estudos Superiores em Antropologia Social (CIESAS) e professora visitante na Universidade Federal da Paraíba e **Maristela Oliveira de Andrade** Professora Titular aposentada da Universidade Federal da Paraíba. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco (1978), Especialização em Antropologia Cultural (UFPE) (1984) e doutorado em Étude Latino-Américaine/Anthroposociologie des Religions - Institut de Hautes Études de l'Amérique Latine - IHEAL, Université de Paris III (Sorbonne-Nouvelle) (1983).

minha infância “ore para sair o espírito de morte” (Silva, 2021). Foi o único momento que me senti “amaldiçoado” pela sombra da morte.

Nessa trajetória existencial, a vivência da pandemia se entrelaçou com minha jornada acadêmica, tornando-a parte inseparável do meu desenvolvimento como pesquisador. O confronto com as mortes e a vulnerabilidade social ampliaram a percepção da importância das questões relacionadas à morte e ao luto na sociedade. Dessa forma, a linha cronológica que me conduziu até a pandemia revela-se como uma jornada com o tema da antropologia da morte, em que as reflexões sobre a morte e os desafios impostos pela crise sanitária me fizeram transcender o campo teórico da crise pandêmica e adentrar nos rituais e emoções, e principalmente a construção do pensamento sobre o porquê estou inserido nesse assunto desde o momento da minha graduação.

Assim, a abordagem científica sobre a morte convergiu com minha trajetória pessoal e com as dores coletivas, o que despertou em mim uma inquietação e uma necessidade de aprofundar meus estudos nessa área. Foi durante a disciplina de Seminário de Tese que encontrei inquietações para explorar essa temática resgatando memórias de minha própria jornada pessoal, transformando-as em questões acadêmicas.

As autoras Medeiros (2016) e Rodrigues (2023) relatam suas vivências em relação à morte. Medeiros (2016) destaca que, durante o período de trabalho de campo para sua dissertação intitulada “Matar o Morto”, apesar do sentimento de tristeza que é comum e único para aqueles que perdem um ente querido, ela se viu na posição de declarante do óbito de seu próprio pai. Por outro lado, Rodrigues (2023), em sua dissertação sobre estudos cemiteriais, na qual a morte foi uma presença constante, ressalta que a escolha desse tema ocorreu de forma inversa à sua trajetória, mas foi diretamente influenciada por sua experiência de luto diante da perda de seu pai.

Sobre o luto ecoam as palavras de Chimamanda Adichie (2021), que compartilhou sua própria experiência de dor diante da perda de seu pai durante a pandemia da Covid-19¹³.

O luto expõe novas camadas em mim, raspando escamas de meus olhos. Arrependo-me das minhas antigas certezas: Você certamente deve vivenciar seu luto, falar a respeito, encará-lo, atravessá-lo. As certezas arrogantes de alguém que ainda não o conhece. Já estive em luto antes, mas só agora toquei sua essência mais pura. Só agora aprendi, ao tatear em

¹³ Para uma reflexão sobre o luto no contexto da pandemia da Covid-19, ver também Cleonardo Mauricio Junior, “*Como canto de ave desolada: uma autoetnografia do luto na pandemia de covid-19*”, no qual o autor analisa a **sua própria experiência de enlutamento** em meio à crise sanitária, destacando a ausência de rituais coletivos e os afetos subjetivos que atravessam a vivência da perda. Disponível em: <https://seer.unirio.br/revistam/article/view/14016/13491>. Acesso em: 28 jan. 2026.

busca de seus limites porosos, que não há travessia possível. (Adichie, 2021, p. 23).

Essa “sombra da morte” começou em minha experiência no ano de 2005, tinha por volta de 13 anos, quando painhovô começou a ficar doente, a tosse ecoava por todos os espaços vazios da casa, ele sempre se sentava na cama e não conseguia dormir, passava um tempo respirando e depois pegava no sono de tão cansado. Minha avó, que chamo de mãe, sentava-se na sala assistindo televisão e não se concentrava no que estava sendo transmitido. Lembro-me que era período de chuva, e minha mãe sempre falava que tinha medo dessa estação, pois no inverno os índices de morte tendem a aumentar. Para mim a morte era uma metáfora ou uma ficção contada nas redes de televisão pelos programas policiais ou uma situação sempre alheia nas calçadas.

Na madrugada do dia 07 de junho de 2005, acordei escutando gritos dos meus familiares, e ao direcionar meu olhar, percebi minha tia fazendo massagem no peito de Painhovô, e eu sem entender a cena que se desenrolava diante de mim. Minha mãe imediatamente me mandou ir à casa da minha irmã comunicar o que estava acontecendo. Lembro-me que peguei minha bicicleta e pedi para minha irmã se dirigir a minha casa, isso era uma madrugada de chuva e eu fiquei esperando notícias na casa dela. Ao amanhecer, minha irmã finalmente chegou em casa e fez a primeira transmissão da notícia da morte para mim.

Recordo-me que, ao me deslocar para minha residência, a encontrei repleta de pessoas da comunidade. Posteriormente, essa cena me viria à mente ao ler a obra de Philippe Ariès (1977), que fala da morte tradicional como aquela em que a comunidade está presente em todo o processo do morrer. Nessa minha primeira experiência pessoal com a morte, alguns dos elementos apontados por Ariès estavam presentes. Painhovô morreu, não precisou ir fazer autópsia e a médica do setor do posto de saúde providenciou o atestado de óbito. Minha família organizou o corpo colocando a roupa que ele mais gostava e o velório teve uma duração maior que 24 horas. Ele foi velado em sua residência na presença de amigos, familiares e comunidade religiosa.

A literatura mostra que, com o avanço da modernidade, a gestão da morte começou a ganhar outros espaços e significados de acordo com o contexto social e época em que o indivíduo está inserido. Segundo Menezes (2000), houve um deslocamento da morte, que era muitas vezes presenciada na comunidade e começou a ser inserida no âmbito hospitalar modernizado, no qual o médico começa a ter o poder sobre o corpo do indivíduo. Meu segundo contato direto com o fenômeno da morte foi nesse espaço no dia 07 de julho de 2009, data em que meu pai faleceu. Durante suas últimas horas no hospital, médicos tentaram reanimá-lo e

não conseguiram. Neste momento não foi mais minha família transmitindo essa notícia, foi a assistência social de plantão que o fez.

No meu processo de socialização escutava que precisava “orar para que o espírito de morte saísse da minha casa”. Foram momentos difíceis, passei um tempo pegando minha bicicleta e indo visitar Painhovô no cemitério sem meus familiares saberem. Ao passar dos anos, quando estava me adaptando com a situação das perdas, minha bisavó começou a sentir fraquezas em seu corpo, e minha família dirigiu-se ao hospital Napoleão Laureano¹⁴. Depois de realizar exames foi constatado leucemia, um tipo de câncer no sangue, que me colocou em contato com todo o simbolismo relacionado com essa doença. O câncer rapidamente remete ao sofrimento relacionado à morte, algo que ataca a pessoa e, algumas vezes não há como controlar, cujo tratamento é drástico, lento e negativo ao corpo¹⁵.

Para minha família o assunto tornou-se algo aterrorizante e cheio de sofrimento. O tratamento, que foi feito no Hospital Napoleão Laureano, foi algo pesado e cheio de danos não só ao corpo, mas provocador de confusões mentais. Meus familiares buscaram omitir a gravidade da situação para minha bisavó na tentativa de evitar uma provável depressão, e consequentemente o aumento daquele processo de sofrimento.

Passou-se um ano de tratamento e não houve remissão da doença. Quando minha bisavó ficou “fora de possibilidades terapêuticas (FPT)”, o médico que estava acompanhando esclareceu para minha família sobre os chamados cuidados paliativos, em que o remédio seria utilizado para aliviar a dor sem expectativa de cura. De acordo com Maranhão (1987), a expectativa de que o moribundo morra sem se dar conta de que o fim se aproxima faz com que os familiares costumem ocultar do doente a gravidade da situação, podendo contar com a cumplicidade dos profissionais da saúde nesse intento. Pude perceber isso também na minha casa. Os meus familiares decidiram não falar para minha bisavó da gravidade da situação, trouxeram-na para casa e começaram os cuidados paliativos, fizeram todas as suas vontades e proporcionaram, na medida do possível, bons momentos de vida. Depois de seis meses de cuidados paliativos, a doença começou a se agravar e minha bisavó faleceu.

Essas experiências pessoais me colocaram em contato com mortes diferentes, que também vivi de maneira diferente – minha idade mudava, minha relação com cada uma das pessoas que eu perdi era única, a experiência das mortes passadas me ajudava a encarar as mortes presentes, mas também me entristecia mais, como se ao tentar me levantar, levasse de novo uma

¹⁴ hospital que realizei pesquisa na minha dissertação de mestrado intitulada: “trabalhar com a morte é não parar de pensar nela”: estudo antropológico sobre as práticas dos profissionais de saúde do hospital Napoleão Laureano com os pacientes com câncer em cuidados paliativos. Disponível < <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21155> > acessado 07 de março de 2025.

¹⁵ Este assunto será discutido com maior aprofundamento em momento posterior.

queda. Por que, ao invés de relegar o tema para minhas vivências pessoais o resolvi incorporar como objeto de estudo?

Então meus colegas de turma do tempo de mestrado começaram a me chamar de “pesquisador da morte”, pois nesse momento percebi a relevância de estudar a morte e como me auxiliava em meus conflitos pessoais. Diante dessas situações, começando a refletir no tema da morte como meus trabalhos acadêmicos, elaborei meu trabalho de conclusão de curso TCC (Silva, 2017) na licenciatura em ciências sociais, que tinha como objetivo um levantamento bibliográfico sobre a compreensão antropológica da construção histórica e cultural da morte na sociedade, com a orientação da docente Ednalva Maciel Neves¹⁶. Já no bacharelado em ciências sociais (Silva, 2019) meu TCC teve como objetivo compreender a organização social do cemitério, tendo como foco o Dia dos Mortos e as representações simbólicas do túmulo mais visitado no cemitério Senhor da Boa Sentença, no Varadouro, desta vez sob orientação de Mônica Franch.

O DIA DOS MORTOS NO CEMITÉRIO SENHOR DA BOA SENTENÇA: PRIMEIRO CONTATO

Para retomar a realização de uma etnografia no cemitério que fiz na licenciatura, trago o pensamento de Bourdieu (1989), que nos convida a superar o senso comum, na busca por conhecimento sociológico. Na minha experiência precisei desnaturalizar a ideia de que o cemitério era um lugar “sujo” e “assombrado” para assim conseguir construir um objeto para posteriormente desenvolver o trabalho científico. Superar o medo do local foi um dos primeiros passos.

Lembro-me dos primeiros contatos que tive no campo, a sensação de não estar limpo prevalecia a todo o momento. Não conseguia tomar água no ambiente interno e nem nas redondezas do cemitério, comer era impossível na minha cabeça. Ficou evidenciado que o senso

¹⁶ Nesse momento, também fiz uma breve passagem sobre os estudos de suicídio, elaborando um capítulo de livro: Neves, Ednalva. Maciel.; Seminotti, Elisa. Pinto. ; Bezerra, Weverson. Silva. . transversalidade do suicídio: contribuições da construção social da morte para reflexão sobre prevenção e posvenção. In: Iracilda Cavalcante de Freitas Gonçalves. (Org.). Suicídio, prevenção, posvenção e direito à vida. 1ed. João Pessoa - PB: CuideSi Espaço Integrado de Educação Emocional, 2017, v. 2, p. 29-48. Rafaela Acuío (2025) relata que, durante sua pesquisa de campo junto aos bombeiros, ouviu repetidas vezes a percepção de que houve um aumento significativo no volume de tentativas de suicídio desde o início da pandemia. Link: [\(71\) Weverson Bezerra - UFPB - Universidade Federal da Paraíba](#) ou [\(71\) Transversalidade do Suicídio: Contribuições da construção social da morte para reflexão sobre prevenção e posvenção](#) acessado 19 de jan. de 2026.

comum prevalecia nas minhas relações com espaço, um dos primeiros pensamentos era como conseguir romper com essa barreira.

Com o silêncio do cemitério, era o momento que refletia e fazia a observação do espaço. Nesse instante, passava na minha cabeça que, em cada túmulo ou cova existia uma história transcorrida, reprimindo o pensamento de Kübler-Ross (1975) que o real desafio de “tempo e espaço é viver o tempo que você tem antes da morte”. Uma das primeiras reações de muitas pessoas antes da morte é o desespero, e nesse momento tive que respirar, pois percebi que seria um dos meus primeiros momentos de pânico.

Na medida que os tempos foram passando e as minhas visitas começaram a ser mais frequentes, as relações se tornaram mais estáveis. No cemitério do Varadouro, enquanto as mulheres estavam limpando os túmulos e o administrador estava observando cada passo que estava dando, mandava o coveiro me seguir perguntando sobre a minha pesquisa. Percebi que na hora do almoço no cemitério inicia-se um espaço de sociabilidade. Não era apenas um local dos mortos, e sim um espaço para os vivos – espaço que as pessoas se alimentavam em cima dos túmulos e até tiravam um cochilo. A primeira frase que passou naquele momento foi <minha n-o-s-s-a!!! c-h-o-c-a-d-o! Como eles conseguem comer ali???>.

Desse modo, era perceptível as relações dos vivos no espaço dos mortos, de certo modo, meu pensamento espacial de lugar tinha direcionado o cemitério como o *espaço dos mortos*. Mudar esse termo possibilitou não ser tão pesado estar ali, comecei a perceber que a morte não era o problema da pesquisa, mas o senso comum sobre a instituição cemitério. Ao compreender que o cemitério também pode ser um espaço de memórias, homenagens aos entes queridos e um espaço de socialização, pude desvincular a ideia de que era apenas um local “sombrio” e “assustador”. Direcionar o meu olhar abriu novas perspectivas para entender as relações sociais que se manifestam em torno da morte, permitindo uma abordagem mais sensível e abrangente das relações dos vivos nos espaços dos mortos.

No decorrer do campo comecei a desnaturalizar várias coisas, como tomar água e ir ao banheiro do cemitério. O medo e questões de impureza (Mary Douglas, 1976) começaram a desvanecer e a pesquisa começou a seguir porque conseguia dialogar da forma como o campo desejava sem todas essas limitações que eu tinha. Assim, no decorrer das visitas ao cemitério o desnaturalizar o senso comum foi o primeiro passo e as paredes que existiam começaram a ser rompidas por direcionar meu olhar de como os vivos se relacionam no *espaço dos mortos*.

SAINDO DO CEMITÉRIO PARA O HOSPITAL NAPOLEÃO LAUREANO: SEGUNDO CONTATO

Com o tempo, meus interesses foram saindo do cemitério e, com isso, comecei a acompanhar os estudos da morte em outros espaços. Saí, deste modo, do “cemitério para o hospital”. Na metade da pesquisa do campo, chegou a covid-19 e o hospital ganhou outra configuração. Paradoxalmente, nas pesquisas do doutorado sobre a Covid-19, o percurso “do cemitério para o hospital” se transmutou no contrário – “do hospital para o cemitério”, remetendo à ausência dos velórios no auge da crise pandêmica.

Na pesquisa do mestrado, (Silva, 2021), refleti sobre as experiências de cuidado com a vida e com a morte dos profissionais da saúde que trabalham com pacientes em cuidados paliativos, ou seja, trabalhei a morte numa instituição norteadas pelo saber biomédico. O espaço escolhido foi o Hospital Napoleão Laureano, com o qual tinha certa familiaridade em função da doença da minha bisavó, anteriormente relatada.

Nos primeiros momentos no campo, um dia escutei de dois funcionários a frase “aqui é um cemitério de pessoas vivas”. Intencionalmente paradoxal (pois um cemitério, por definição, não pode ser de “pessoas vivas”), essa frase dos funcionários do hospital condensa o caráter liminaridade de algumas das salas que observei, nas quais vida e morte se entrelaçam. Esses dois funcionários estavam saindo da enfermaria 26, onde naquele momento havia pacientes com miíase que é uma infecção de pele causada por “bichos”, em sua grande maioria com a presença de larvas de moscas ou tapuru. Mesmo cuidado do corpo em vida, existe uma relação de corpo se decompondo, tem pacientes que o corpo entra em rigidez cadavérica, os olhos afundam, um odor de cheiro fétido no corpo, entre outras situações semelhantes –ouvi falar inúmeras vezes no hospital que “o câncer mata aos poucos, comendo o corpo em vida”. Portanto, essa enfermaria acaba sendo a “temida”, fazendo um rodízio com os técnicos de enfermagem como uma medida de proteção por estar em contato direto com esses corpos (Silva, 2021).

No começo do mês de março de 2020, quando estava em um ritmo intenso na pesquisa de campo do mestrado, as manchetes dos jornais informaram a aparição dos primeiros casos de Covid-19 no Brasil. De repente, a morte começou a ser debatida de maneira abrangente e o medo da pandemia que estava se aproximando se tornou visível nos semblantes, refletindo o medo das pessoas que fazem parte do meu convívio social. O tema começou a ganhar grandes proporções à medida que as mortes pela doença se multiplicavam no mundo todo, e no Brasil também. Os profissionais da saúde ocuparam um lugar importante dessa triste estatística, pois estiveram “na linha de frente” dessa pandemia, sendo apresentados às vezes como “os

verdadeiros heróis”, arriscando as suas vidas e colocando em risco a dos seus familiares para ajudar nesse caos social que vivenciamos.

As relações sociais começaram a ficar distantes, e do dia para noite tive que começar uma adaptação dessa nova rotina que logo deixou de incluir as idas continuadas ao Hospital Napoleão Laureano para minha pesquisa. Tentando manter acesa a chama do meu campo, comecei a fazer uma observação de postagens do *Instagram* do hospital, além de acompanhar *lives*, reportagens e conversas informais pelas redes sociais. Foi aqui que percebi como minha pesquisa tinha sido afetada pela Covid-19, e pensei nos atravessamentos da pandemia em futuras pesquisas.

Medidas foram tomadas de imediato, mas foi inevitável a chegada do vírus ao hospital fazendo uma nova “ala Covid” com os pacientes que estavam com o vírus e com câncer. Pacientes já internados no Hospital Napoleão Laureano que apresentavam quadro respiratório e se enquadrassem como caso suspeito, deveriam ser isolados na Emergência Respiratória para o devido diagnóstico na “ala Covid” e encaminhamento para a referência, se necessário.

Na “ala Covid” não havia visitas, e os profissionais começaram a assumir essa responsabilidade dobrada. Os pacientes ficaram distantes dos familiares acometendo uma renovada “solidão dos moribundos” (Elias, 2001) nos hospitais. Distanciar o corpo percebido como contaminado pelo Covid-19 exigiu a implementação de novas normas sanitárias, que terminaram deslizando para outros processos envolvendo pessoas hospitalizadas e em cuidados intensivos. Considerando que nas unidades terapêuticas, a morte decorrente do isolamento é comum, o que cria uma distância inerente nas relações sociais.

Com o período de pandemia o distanciamento continuou sendo utilizado, porém, tornou todo esse processo ainda mais delicado, pois se materializou de forma mais rápida e dolorosa. Entre o campo interrompido presencialmente, iniciaram os casos de morte no Brasil, e o terror se tornou real. Com isso, comecei a perceber as “mortes antecipadas” e a me perguntar como meu conhecimento e minha trajetória poderiam ser postas a serviço desse momento singular que atravessávamos.

COVID-19 E AS MORTES ANTECIPADAS

Nesse momento percebi que não seria um trabalho tranquilo, considerando as múltiplas dimensões das emoções, do corpo e dos processos bioéticos relacionados à morte no contexto pandêmico. O termo “mortes antecipadas da Covid-19”¹⁷, ressalta que muitas dessas perdas

¹⁷ O “achamento da curva” faz referência à representação gráfica do número de contágios por covid-19. Em momentos de maior número de contágios, a linha formava uma curva crescente e a expressão “achamento da curva” se referia à tentativa de que os contágios diminuíssem e, conseqüentemente, a representação gráfica se

poderiam ter sido evitadas, reconhecendo que diversas vítimas que sucumbiram à doença não teriam falecido se medidas adequadas tivessem sido tomadas. Em março de 2020 se iniciou um período de ‘isolamento social’ quando, seguindo orientações das autoridades sanitárias estaduais, fiquei trancado em casa, na expectativa de assim contribuir ao chamado ‘achateamento da curva’. Nesse momento, a tela do computador começou a ser um canal direto com o outro, as redes sociais e os *links* das reuniões começaram a ocupar as rotinas que antes eram realizadas presencialmente.

Paralelamente, o tema da morte começou a ser um dos assuntos mais debatidos na esfera pública, estava no ápice dos discursos televisionados, além de estar presente também nas conversas familiares e nos meios eletrônicos, conversas que remetiam à condição da vulnerabilidade humana. Porém, vivemos em uma pandemia com processos de polarização sobre o tema, alguns com medo da morte, e outros banalizando os números de mortos, decorrência da maneira em que se enfrentou a pandemia no país.

Em diversas situações, conhecidos me provocaram para refletir sobre os fenômenos sociais das mortes pandêmicas, mandavam-me notícias, textos, fotos e vídeos sobre o desmonte das “políticas de vida” e o aprofundamento de uma necropolítica (Mbembe, 2018) à brasileira, do “fazer morrer e deixar morrer” (Duarte, 2020). Por esse motivo, quando percebi, já estava envolvido e elaborando meu projeto de tese enquanto finalizava minha pesquisa de mestrado.

A urgência de refletir sobre a temática, portanto, partiu da responsabilidade social de ser um “pesquisador sobre a morte”. Em diversos momentos no primeiro ano da pandemia fiquei repensando qual seria meu papel de antropólogo diante dessas mortes, como poderia contribuir para os modos de produção dessas memórias, das vivências e de que modo poderia trazer isso como um fortalecimento de resistência em tempos de negacionismo.

Em conversas com os membros da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC), tive conhecimento sobre a necessidade da atuação de voluntários no recém-criado Memorial das Vítimas do Coronavírus no Brasil, colocando-me à disposição.

Minha colaboração no Memorial iniciou em julho de 2020 em conversa com a presidente da ABEC Elisiana Castro¹⁸, que incansavelmente estava procurando histórias e conversando com enlutados. Meu andamento no Memorial se dava em conversas diretas com os enlutados via *chat* e procurando notícias e *hashtags* no *Instagram* e *twitter* sobre vítimas da covid-19.

tornasse mais plana. A inclusão dessa expressão no texto desta tese diz respeito, igualmente, à maneira como termos oriundos de diversas ciências da saúde, como, no caso, da epidemiologia, passaram a fazer parte do vocabulário ordinário ao longo do período pandêmico.

¹⁸ Na época da pesquisa, a Presidente da ABEC era Elisiana Trilha Castro, mas atualmente a Presidente é Alcineia Rodrigues dos Santos (Diretoria Gestão 2025/2029). Para saber mais sobre a diretoria e a associação, consultar o link: [Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais](#). 19 de jan. de 2026.

Quando conversava com os enlutados via *chat*, sempre lamentava a morte da vítima com a qual eles tinham relação de parentesco e/ou proximidade, em seguida perguntava se ela ou ele poderia compartilhar a história do seu familiar ou amigo. Em certos momentos a pessoa enlutada escrevia, em outros momentos mandava áudio, eu realizava a transcrição e quando a mensagem era publicada retornava para o/a enlutado/a passando o *link* da publicação e o/a direcionava para a rede de apoio “acolhimento, escuta e memória da pandemia”, que proporciona apoio psicológico e jurídico, caso necessário.

Ao me tornar voluntário, também comecei a atuar como “pesquisador voluntário”. me fazendo caminhar no “sentido inverso” das minhas pesquisas anteriores, em que a inserção em campo se colocava como o primeiro desafio, e isso me proporcionou um melhor entendimento sobre o campo e suas necessidades. Percebi, assim, estando “dentro do campo”, que os discursos dos interlocutores podiam ser agrupados em três grandes blocos. Um primeiro conjunto de discursos sobre “terminalidade/ distanciamento”, referindo-se ao momento em que o paciente entrava no hospital – o processo de adoecimento. Um segundo bloco sobre “o corpo morto”, concernente à ausência de velório, o que as pessoas descreviam como sair “do hospital direto para os cemitérios”. E um terceiro grupo de comentários em torno das severas consequências do distanciamento na hospitalização e no enterramento no processo do luto.

As conversas que aconteciam no *chat* com os voluntários de “plantão” eram cheias de revolta e de não aceitação da morte pela ausência do corpo. Porém era nítida a necessidade de os enlutados demonstrarem seu luto, sua declaração em tela, as palavras se tornavam uma fonte de vivenciar a morte coletivamente.

A cada foto postada no período do trabalho de campo, iniciava-se uma onda de compartilhamentos, comentários, interações e curtidas. Na grande maioria, as pessoas lamentam a morte, expressando sua tristeza através de figurinhas de rostos tristes ou chorando, acompanhadas de um tom de revolta enfatizando que essas mortes poderiam ter sido evitadas – relacionando-as à falta de vacinação naquele período. Nesse contexto, na postagem do Memorial, os compartilhamentos e interações virtuais demonstram o poder das redes sociais como meio de disseminação de informações dos mortos e compartilhamento de informações sobre o tema das mortes pandêmicas. A morte lamentada na imagem do memorial transforma-se em sinfonia das emoções, nas quais as mortes na pandemia se entrelaçam com a memória, criando um fluxo constante de lembranças, interações virtuais a conscientização das perdas e a mobilização social para garantir que tragédias pandêmicas semelhantes possam ser evitadas.

No período em que estive envolvido como voluntário no Memorial, de 2020 a 2023, um dos agradecimentos de uma enlutada foi “*obrigado por compartilhar quem era meu herói, não queria que*

ele se tornasse apenas uma estatística das mortes noticiadas”. As postagens começaram a mexer comigo, mortes de mais de um familiar na mesma família, pai e mãe, filho e pai, filhos, amigos, famosos e anônimos. Não consigo enumerar as postagens...

Um fato que me chamou a atenção nessas postagens era a ideia da comoção diferencial da morte pela importância social dos sujeitos (anônimos x famosos), além disso, pelo simbolismo de algumas categorias de sujeitos (a criança inocente - no começo da vida, a mulher grávida, a pessoa saudável, o sem comorbidades) – não mereciam morrer... A diferenciação da comoção diante da morte de pessoas anônimas em comparação com figuras famosas é um fenômeno observado pelo compartilhamento das notícias. A morte de celebridades geralmente recebe mais atenção da mídia e do público do Memorial, e provocou uma comoção coletiva, muitas vezes resultando em homenagens públicas e extensas coberturas na imprensa. Por outro lado, a morte de pessoas anônimas, embora igualmente importantes para suas famílias e comunidades, tende a receber menos destaque, isso tudo pelas categorias do sujeito na sociedade.

Porém, percebia que o Brasil vivenciava a dor de uma forma coletiva quando era a morte de um famoso, como exemplo a morte Paulo Gustavo – nesse momento se quebrava a invisibilidade da morte, existindo uma comoção generalizada, os *#hashtags*, e o top 1 dos assuntos do momento no *#twitter*. Essa reação intensa demonstrava como o *status* que o indivíduo tinha em vida influenciava o luto coletivo das mortes pandêmicas. A notoriedade e a conexão que o público desenvolvia com a figura do artista Paulo Gustavo¹⁹ tornava sua morte um evento público. A morte de Paulo Gustavo, conhecido pelo seu talento no humor, despertava memórias afetivas em muitos brasileiros, fazendo com que essa perda da pandemia fosse vivenciada de forma mais próxima.

Após o início da vacinação contra a Covid-19, que começou no Brasil (inicialmente apenas para populações específicas²⁰) no dia 17 de janeiro de 2021, as pessoas alcançadas nas redes sociais do Memorial passaram a comentar da seguinte forma: “ele se vacinou?”, “se não queria se vacinar era porque queria morrer” “tenho pena de quem morreu e não teve tempo de vacinar, nem teve

¹⁹ Paulo Gustavo foi um ator, humorista, roteirista e diretor brasileiro, amplamente conhecido por personagens como Dona Hermínia, da franquia *Minha Mãe é uma Peça*. Faleceu em 4 de maio de 2021, aos 42 anos, em decorrência de complicações da Covid-19.

²⁰ Para a fase inicial da campanha de vacinação contra a Covid-19 no Brasil, o *Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a Covid-19*, do Ministério da Saúde, definiu grupos prioritários que incluíam profissionais de saúde, idosos institucionalizados, população indígena e outros grupos com maior risco ou vulnerabilidade, seguindo critérios técnicos para proteger o funcionamento dos serviços essenciais e reduzir a mortalidade. Mais detalhes podem ser consultados no documento do Plano Nacional de Operacionalização publicado pelo Ministério da Saúde: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/c/covid-19/publicacoes-tecnicas/guias-e-planos/plano-nacional-de-operacionalizacao-da-vacinacao-contr-covid-19.pdf/view> acessado 07 de março de 2025.

essa opção”. Nesse momento, diferentemente do exemplo anterior, percebo que o sentir a morte do sujeito estava relacionado sobre sua atitude em relação à vacinação, o que nos leva a pensar em dois desdobramentos. Temos, por um lado, um julgamento moral em relação àqueles que haviam rejeitado a vacina, e portanto, não mereciam o luto; e, por outro, a esperança de se sentir seguro, por ter se vacinado.

No pensamento de Judith Butler (2023), o que faz com que uma vida seja reconhecida como vida e conseqüentemente seja defendida pela sociedade é a capacidade de produzir luto. O que garante a importância de uma vida é a sua capacidade de gerar enlutamento. Assim, temos como fator essencial para o reconhecimento da vida, a atitude diante da morte. Já Michelle Brasil (2021) destaca que certas formas de luto se tornam nacionalmente reconhecidas e amplificadas, enquanto outras se tornam impossíveis de serem sentidas. A negação do luto de alguém, impede a representação pública dos nomes, imagens e narrativas dessas vidas perdidas.

Em conversas com os enlutados, percebi uma padronização nas suas narrativas sobre a experiência do corpo contaminado e o corpo morto. Portanto, posso dizer que os meus interlocutores contribuíram na construção das questões da pesquisa, de modo que, foi a partir de seus relatos que tracei os objetivos da tese.

No fim, essas são as narrativas e minha trajetória com o tema. Sinto-me numa roda – numa circularidade de movimentos entre motivações, começos, términos e recomeços.

CONTEXTUALIZANDO A CONSTRUÇÃO DO OBJETO: A MORTE EM CENA

O tema abordado nesta tese - a gestão da morte e a produção da memória na pandemia da covid-19 - ajuda a pensar que o assunto sempre esteve presente em nosso cotidiano, tendo em vista as inúmeras mortes em massa que aconteceram na história, decorrentes de massacres, guerras, epidemias e chacinas. Segundo Petruski (2006), a ocultação da morte e o afastamento de quem está morrendo tornam-se partes fundamentais no fortalecimento do tabu, como também no processo de sentir a morte em massa.

Uma das minhas hipóteses na tese é que a ausência do corpo interfere sobremaneira no processo do luto e conseqüentemente o contexto de pandemia da Covid-19, com a interdição do acesso aos doentes hospitalizados, pela inexistência de velórios e pela rapidez dos enterramentos, modificou as formas como os enlutados lidaram com a morte no processo ritualístico, dificultando o processo do luto durante a pandemia no período de “isolamento social”.

Entendo, também, que os efeitos dessas mortes foram resultado de uma necropolítica²¹ do Estado que foi negligente no momento pandêmico com discursos de propagação do vírus e

²¹ Termo utilizado por Mbembe (2018).

naturalizando/banalizando as mortes – formando categorias entre aqueles que morrem e aqueles que vivem, e estabelecendo quem pode ou não vivenciar publicamente o luto, conforme destaca Butler (2023) ao tratar das *“vidas que são consideradas merecedoras de luto”*, evidenciando uma postura social e política diante da perda de inúmeras vidas.. O desafio da tese é atribuir significado às mais de 700 mil mortes, em um país que ocupa o segundo lugar no mundo em número de óbitos por Covid-19.

O caso brasileiro é particularmente notável, uma vez que conseguimos conviver com a ocorrência de mais de 1000 mortes diárias por meses a fio, chegando a superar os 2.000, 3.000 e até 4.000 mortos por dia nos meses mais dramáticos de abril e maio de 2021, sem experimentar a mesma comoção social que situações semelhantes desencadearam em países como a Itália e a Espanha. Dessa forma, é pertinente fortalecer as dimensões políticas do luto, algo que ocorreu em outras epidemias, como a da Aids (Valle, 2018), e que logo começou a se configurar a partir de respostas nas redes sociais, em forma de memoriais – alternativa que apareceu como a mais viável em um momento em que não era possível se encontrar presencialmente.

Então, o fenômeno da morte faz perceber que tratamos de interpretações do universo das experiências pessoais, conduzidos por um veículo simbólico que as anuncia, de uma ação social prática, que as fundamenta de uma historicidade (Neves 1998, p.33) e no tempo cronológico. Nesse sentido, a concepção da morte se transforma ao longo do tempo, influenciada por diferentes épocas, contextos culturais e sistemas simbólicos. Essa mudança orienta as ações dos indivíduos em relação à morte e aos processos de morrer. Com as formas de pensar a morte em seus contextos sociais presentes vivenciados no momento da pandemia, os elementos que constituem os processos dos fenômenos da morte não estão apenas em um contexto social, mas em significações da ordem da cultura, e em como os efeitos do protocolo pandêmico dialogam com as relações sociais.

No Brasil, o chamado “isolamento social” foi a principal medida sócio-sanitária implementada pelos governos com o objetivo de minimizar os impactos da proliferação da Covid-19, para não ocasionar um colapso no sistema de saúde. Em que pesem as enormes dificuldades para a implementação desta medida no país, o fato é que o “isolamento social” tem atingido diretamente os processos de terminalidade e de luto. A questão dos hospitais transcende o isolamento social e está intrinsecamente relacionada às normas de biossegurança implementadas por ocasião da pandemia de Covid-19. Isto é, como parte das medidas de contenção da pandemia, houve a prática de isolar as pessoas internadas nos hospitais, impossibilitando-as de receber visitas de seus familiares.

Não visitar o doente contagiado pelo Sars-Cov-2, a ausência do velório, os sepultamentos restritos, os túmulos sendo cavados em grande quantidade por máquinas escavadeiras nos cemitérios, são algumas mudanças que a pandemia trouxe ao cenário habitual da morte e do morrer no contexto das relações entre os enlutados e o corpo morto, impactando assim, nos ritos fúnebres.

Como também ocorre em outros contextos, o Brasil tem nos rituais de enterramento um momento de expressar o vínculo com os que se foram e com os que ficam (Mísia Lins, 1995), bem como de elaborar coletivamente a perda de um ser querido. Nesse sentido, a pandemia modificou a forma como os sujeitos lidaram com os processos envolvidos no morrer, levando-os a novas formas de significar o fim da vida de pessoas próximas. A partir desta situação, é relevante examinar os processos de morte em tempos de pandemia, especificamente as mudanças abrangentes nos rituais durante a Covid-19 e seus impactos para as pessoas diretamente envolvidas em processos de morte e luto.

Essas transformações motivaram a formulação da presente proposta de pesquisa, que visa responder aos seguintes questionamentos: como se desenrolou o processo de morte e de luto durante os anos de 2020 e 2021, considerando as diretrizes de biossegurança, em relação aos corpos das vítimas contaminadas pela Covid-19, a partir das vivências dos enlutados, especificamente das mulheres? Até que ponto as respostas coletivas fornecidas pelos memoriais e associações surgidos nesse contexto têm conseguido atribuir um espaço de luto adequado para essas perdas, conforme questionado por Butler (2023)? Além disso, como se reconfiguraram os rituais de passagem em meio à ausência de velórios e outros eventos tradicionalmente considerados “aglomerações” durante o período da pandemia? Nesse contexto, a tese pretende compreender os processos rituais envolvidos e os impactos socioculturais a partir da perspectiva das enlutadas. Além disso, busca analisar a politização da Covid-19 por meio do trabalho coletivo de luto nos memoriais e associações.

Destaco que este projeto faz parte de um projeto maior, que tem a Universidade Federal da Paraíba como sede, e é composta por pesquisadores\as de outras universidades. O projeto é denominado “Estado, populações e políticas locais no enfrentamento à pandemia de Covid-19: análise social e diretrizes de ação e intervenção não farmacológica em populações em situação de vulnerabilidade e precariedade social”, e deu ensejo à rede de pesquisadores Antropocovid. Ele tem como objetivo analisar as diferentes respostas não farmacológicas praticadas tanto através das políticas públicas de saúde quanto das políticas locais das diferentes populações em situações de precariedade social, em risco e vulnerabilidade e, a partir dessa análise, propor diretrizes e ações para intervenções não medicamentosas no combate à pandemia. A partir do

ano de 2022, a pesquisa se integrou ao projeto Ecos da Pandemia - “Impactos sociais, políticas públicas e estratégias locais de enfrentamento à pandemia de Covid-19: saúde, proteção social e direitos - uma abordagem interdisciplinar a partir das ciências humanas”²².

O objetivo geral desta tese é compreender os processos ritualísticos de terminalidade e morte das vítimas da Covid-19 na pandemia por meio das experiências das enlutadas que perderam seus entes queridos no ano de 2020 e nos meses iniciais de 2021 no ambiente hospitalar. Tem como objetivos específicos: identificar enlutadas de vítimas da Covid-19 que morreram em 2020 e 2021 antes da vacinação; analisar os rituais e práticas específicas relacionadas ao adoecimento das vítimas da Covid-19 no ambiente hospitalar; compreender as adaptações e inovações realizadas pelas instituições de saúde para lidar com a demanda e os desafios do contexto da pandemia em relação aos rituais de despedida; entender como se deu a comunicação da morte para as enlutadas; entender como se realizou o processo de transição do corpo morto do hospital para o cemitério e o sepultamento das vítimas, incluindo os protocolos de biossegurança; identificar os impactos das mudanças dos processos ritualísticos no período de pandemia na vivência individual e coletiva do luto pelas vítimas da Covid-19; e, por fim, entender como o Memorial de Vítimas do Coronavírus no Brasil e a AVICO Associação de vítimas e familiares de Vítimas da Covid-19 se organizaram diante da experiência coletiva da Covid-19, como funciona e qual seu alcance, e relevância no processo de luto.

Esta tese, por fim, se encontra dividida em duas partes e cinco capítulos, além da introdução, considerações finais e três cadernos de imagens. As divisões dos capítulos seguem uma sequência dos relatos das enlutadas, uma compreensão mais aprofundada dos processos ritualísticos de terminalidade e morte das vítimas da Covid-19, centrando-se nas experiências das enlutadas que perderam seus entes queridos no ambiente hospitalar. Através dessas divisões, será possível explorar as dimensões emocionais, sociais e culturais envolvidas no luto durante a pandemia e contribuir para o entendimento das práticas rituais e do suporte oferecido às enlutadas.

Na primeira parte (Percurso Metodológico), apresento o processo de pesquisa (Capítulo 1 – Traçando a metodologia: o fazer antropológico) e faço uma breve incursão do campo de pesquisa (Capítulo 2 – Os números da morte: A pandemia e o “fazer morrer” no Brasil),

²² O projeto Antropocovid foi financiado pela FADE/PE e foi coordenado pelas professoras Sônia Maluf (coordenadora principal), Mônica Franch e Soraya Fleischer (coordenadoras adjuntas) e envolveu pesquisadores das seguintes universidades: UFPB (sede), UnB, UNICENTRO, UFMT, UFSC e UFPA. Já o projeto Ecos da Pandemia também foi coordenado pela professora Sônia Maluf e envolveu as seguintes universidades: UFSC (sede), UFRJ, UFPB, UFRR e UFMT, além de parcerias com universidades estrangeiras (Universidad de Buenos Aires, University John Hopkins, CIESAS - México e Universitat de Barcelona).

destacando a experiência coletiva da pandemia diante da morte, acompanhando o modo como a pandemia foi noticiada, entrecortado com narrativas das entrevistadas. A segunda parte é a etnografia propriamente dita, dividida nos Capítulos 3 (o corpo e a *separação* (adoecimento): mudança de *status* social no processo de terminalidade), 4 (o corpo e a *margem* (morte): o ritual de morte na pandemia) e 5 (*agregação* e os efeitos do luto sem corpo).

As informações gerais desta tese destacam que a maioria dos nomes das participantes foram mantidos, uma vez que elas ressaltaram que isso faz parte de sua resistência. A maioria delas é composta por ativistas dedicadas à causa do não esquecimento. As frases em itálico e entre aspas no texto pertencem às próprias interlocutoras. É importante ressaltar que todas as participantes da pesquisa deram sua aprovação ao assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Além disso, o comitê de ética responsável por esta tese é parte de um projeto mais amplo que mencionei anteriormente, intitulado “Estado, Populações e Políticas Locais no Enfrentamento da Pandemia de Covid-19”. Este projeto foi submetido ao comitê de ética sob o CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética) 44876821.7.1001.5540 e teve sua aprovação.

ADRIANO HENRIQUES COSMO DA SILVA • ADRIANO HENRIQUES COSMO DA SILVA • ALEXANDRE BORGES PEREIRA REIS • ANDERSON COSTA • ALEXANDRE BORGES PEREIRA REIS • BERNARDO WANGHON MAIA • DANIEL TIAGO OMENA MELO • EDVALDO BEZERRA DE MOURA • EFIGÊNIO MANOEL • ELY MARQUES FERREIRA • ELY MARQUES FERREIRA • ERASMO PEREIRA DE ARAÚJO • FERNANDO FRANCISCO MONTEIRO • HÉLIO HENRIQUE ALVES • IBRAHIM AYACH • JOANA DARC MONTEIRO ELIAS • JONAS BARBOSA DO ESPÍRITO SANTOS • JORGE LOURENÇO JUNIOR • JULIANO ARRUDA DA SILVA • LICINHA PITANGA FÉLIX • LICINHA PITANGA FÉLIX • MARIA VILMA GOMES OTTERO • MARCELLO VITOR • MARIA DE MORAES LEITE FILHA • MARIA DE MORAES LEITE FILHA MARIA AUGUSTA OLIVEIRA DA SILVA • MÁRIO LÚCIO FORTES BUSTAMANTE DE SIQUEIRA • NELSON FILIPE NETO MAIA • PEDRO GLAUCO COELHO LOPES • ROBERTO CINTRA DE OLIVEIRA • ROGÉRIO THEODORO DE BRITO • RONALDO DO CARMO PASCUALETTO • ZEÍLA DUARTE LOPES • MARIA DA PAZ E CECÍLIA • ADRIANO HENRIQUES COSMO DA SILVA • ADRIANO HENRIQUES COSMO DA SILVA • BORGES PEREIRA REIS • ANDERSON COSTA • ALEXANDRE BORGES PEREIRA REIS • BERNARDO ADRIANO HENRIQUES COSMO DA SILVA • ADRIANO HENRIQUES COSMO DA SILVA • ALEXANDRE BORGES PEREIRA REIS • ANDERSON COSTA • ALEXANDRE BORGES PEREIRA REIS • BERNARDO WANGHON MAIA • DANIEL TIAGO OMENA MELO • EDVALDO BEZERRA DE MOURA • EFIGÊNIO MANOEL • ELY MARQUES FERREIRA • ELY MARQUES FERREIRA • ERASMO PEREIRA DE ARAÚJO • FERNANDO FRANCISCO MONTEIRO • HÉLIO HENRIQUE ALVES • IBRAHIM AYACH • JOANA DARC MONTEIRO ELIAS • JONAS BARBOSA DO ESPÍRITO SANTOS • JORGE LOURENÇO JUNIOR • JULIANO ARRUDA DA SILVA • LICINHA PITANGA FÉLIX • LICINHA PITANGA FÉLIX • MARIA VILMA GOMES OTTERO • MARCELLO VITOR • MARIA DE MORAES LEITE FILHA • MARIA DE MORAES LEITE FILHA MARIA AUGUSTA OLIVEIRA DA SILVA • MÁRIO LÚCIO FORTES BUSTAMANTE DE SIQUEIRA • NELSON FILIPE NETO MAIA • PEDRO GLAUCO COELHO LOPES • ROBERTO CINTRA DE OLIVEIRA • ROGÉRIO THEODORO DE BRITO • RONALDO DO CARMO PASCUALETTO • ZEÍLA DUARTE LOPES • MARIA DA PAZ E CECÍLIA • ADRIANO HENRIQUES COSMO DA SILVA • ADRIANO HENRIQUES COSMO DA SILVA • BORGES PEREIRA REIS • ANDERSON COSTA • ALEXANDRE BORGES PEREIRA REIS • BERNARDO ADRIANO HENRIQUES COSMO DA SILVA • ADRIANO HENRIQUES COSMO DA SILVA • ALEXANDRE BORGES PEREIRA REIS • ANDERSON COSTA • ALEXANDRE BORGES PEREIRA REIS • BERNARDO WANGHON MAIA • DANIEL TIAGO OMENA MELO • EDVALDO BEZERRA DE MOURA • EFIGÊNIO MANOEL • ELY MARQUES FERREIRA • ELY MARQUES FERREIRA • ERASMO PEREIRA DE ARAÚJO • FERNANDO FRANCISCO MONTEIRO • HÉLIO HENRIQUE ALVES • IBRAHIM AYACH • JOANA DARC MONTEIRO ELIAS • JONAS BARBOSA DO ESPÍRITO SANTOS • JORGE LOURENÇO JUNIOR • JULIANO ARRUDA DA SILVA • LICINHA PITANGA FÉLIX • LICINHA PITANGA FÉLIX • MARIA VILMA GOMES OTTERO • MARCELLO VITOR • MARIA DE MORAES LEITE FILHA • MARIA DE MORAES LEITE FILHA MARIA AUGUSTA OLIVEIRA DA SILVA • MÁRIO LÚCIO FORTES BUSTAMANTE DE SIQUEIRA • NELSON

MEMORIAL

A pandemia além
dos números



23

²³ Como um dos retornos ao campo, pensou-se na criação de um site virtual que reúne tanto as produções das mulheres enlutadas quanto o memorial virtual das vítimas da Covid-19 desenvolvido no âmbito desta tese, disponível em: <https://sites.google.com/view/quemsaoosnumeros/inicio?authuser=0>. Acesso em 15 jan. 2026. Agradeço à minha amiga Antropóloga Júlia Maria Paredes pelo apoio e colaboração na elaboração do site.

MEMORIAL: APRESENTAÇÃO DAS VÍTIMAS, SUAS HISTÓRIAS E SEUS ROSTOS

Quem são as pessoas que foram transformadas em números?

Nesse momento trago as imagens, apresento a história e destaco quem são as vítimas das enlutadas que participaram desta pesquisa. Minha tese se apresenta para as enlutadas como uma ferramenta política para lutar contra o esquecimento e pela singularização dessas mortes pandêmicas – fazendo jus ao que Grisales (2016) denomina os *usos políticos da memória*. No auge da pandemia, ao nos depararmos com os números alarmantes de vítimas da pandemia de Covid-19 a cada dia, acaba se perdendo a dimensão individual das perdas e as tragédias vivenciadas por cada uma dessas famílias são transformadas em números, dados, tabelas e estatística. No entanto, é crucial lembrar que cada número representa uma pessoa que tinha uma trajetória, um ser social com histórias, sonhos e projetos de vida. Quem são esses mortos na pandemia de Covid-19(?), quem são esses números frios noticiados (?), quem são essas mais de mil mortes diárias (?).

As enlutadas destacam que eles são mães e pais, avós e avôs, filhos e filhas, amores e sonhadores. São profissionais corajosos que estavam na linha de frente, arriscando suas vidas para salvar outras vidas. São trabalhadores essenciais que garantiam o abastecimento de alimentos, a limpeza dos espaços públicos e o transporte de passageiros, atuando como motoristas de Uber. São músicos, fotógrafos, artesãs, geógrafos, escritores e vendedores que enriqueciam nossa sociedade e promoviam seu crescimento. São aposentados que estavam em seu período de descanso, sonhos que já foram realizados e outros sonhos que ainda precisavam se realizar. São idosos, pais de muitos, com uma rica bagagem de sabedoria e saudade que ficou gravada no coração dos que ficaram, eles eram símbolo de doçura e cuidado, um afago em tempos de caos.

Esses mortos são sujeitos de direito que foram levados prematuramente pela pandemia implacável, mortes antecipadas e vulnerabilidade intensificada. São pessoas que deixaram filhos, mães, companheiros de vida, amigos enlutados e comunidades inteiras de luto, que depois disso precisaram abrir associação para fortalecer um “pouco cada dor”. Cada vida perdida representa um vazio, um vazio do último adeus, o rosto que não se viu, e a dúvida que ficou, o vazio que não pode ser preenchido, que apenas a dor é ampliada com o tempo, ganhando outros cenários e outras formas de luta

É importante reconhecer que essas vítimas da Covid-19 que trago aqui também são afetadas por desigualdades sociais, trabalhos precarizados, pelo negacionismo estimulado pelo governo federal à época, pela negação da gravidade do que estávamos vivendo e pela necessidade econômica - o “foi preciso sair de casa”. São pessoas que enfrentaram crises econômicas, falta de acesso dos familiares a cuidados de saúde pública adequados e outras

doenças que os deixaram mais vulneráveis, porém não eram essas doenças que iriam matar essas pessoas. A pandemia revelou e exacerbou essas desigualdades, uma desigualdade social, emocional e do desespero, desespero por falta de proteção social. Muitas falaram “preferia que fosse eu”, muitas enlutadas vivendo para lutar, ou vivendo pensando em morrer, esses rostos que trago são uma minoria das grandes mortes pandêmicas.

Nas páginas seguintes, apresento as histórias por trás dos mortos na pandemia de Covid-19: os números transformados em rostos, os dados convertidos em narrativas de vida. Este trabalho se constrói, ele próprio, como um memorial, um espaço de lembrança e de reconhecimento da dor e da ausência em um momento de pandemia. Por meio dos relatos das enlutadas e de reflexões que emergem desses encontros, busco evidenciar o impacto dessa crise em múltiplas dimensões e linguagens, tanto no nível individual, marcado pela experiência íntima de uma tragédia compartilhada, como no nível coletivo, das iniciativas compartilhadas para salvaguardar a memória, oferecer consolo e lutar politicamente.

Escrever esses relatos não foi tarefa simples. Como destaca a enlutada Auxiliadora, “*dar voz a essas vidas perdidas através daquelas que as amam*” exige cuidado, sensibilidade e escuta atenta. Precisei transformar narrativas em pequenos versos, reelaborar experiências de dor em reflexões, converter ausências em presenças e silêncios em palavras que ressoassem na memória. Cada depoimento chegava carregado de afeto, mas também de resistências, foi nesse processo que compreendi que não escrevia apenas relatos, mas junto com as enlutadas estávamos compondo um memorial, um lugar de lembrança e reconhecimento. Essa experiência me remeteu ao aprendizado que tive como voluntário no Memorial das Vítimas do Novo Coronavírus, onde percebi que narrar não é apenas registrar fatos, mas sobretudo dignificar vidas, acolher afetos e impedir que a morte se converta em esquecimento, ou podemos dizer em números. Considero, assim, a *memória como um referencial de vida* constituído a partir das vivências pessoais e/ou coletivas, sendo um fenômeno que gera pertencimento, identidades e questionamentos (Rodrigues, 2023).

Este texto foi tecido em parceria: as mulheres enlutadas me confiavam fragmentos de suas memórias, enviavam informações, lembranças e sentimentos sobre seus entes queridos. A partir desse material, junto com elas, construímos narrativas que não se reduzem a simples descrições, mas que se erguem como testemunhos, como inscrições de memória e resistência diante do esquecimento. Assim, cada história aqui registrada não apenas rememora uma vida interrompida, mas também afirma a dignidade de quem partiu e a força de quem permanece.

“nomes de amor tocam”

(Bráulio Bessa, 2021).

1. Adriano Henriques Cosmo da Silva



Adriano Henriques, filho do vento de dezembro,
 Ainda criança, já conhecia o peso da vida,
 Com oito anos, após o pai abandonar a família,
 Cuidou da mãe, do irmão, da casa ferida,
 Enquanto a infância lhe escapava pelas mãos,
 Aos doze anos já trabalhou em uma loja de construção.

Com dezoito, o serviço militar desejou,
 Negado, não se deixou abater, não recuou,
 Escreveu ao presidente, pediu sua chance,
 Mesmo sem resposta, sua alma não se cansou,
 Voluntário se tornou, do CPOR,
 Sempre firme, o destino ele guiou.

Aos dezenove, Carmenlís cruzou seu caminho,
 Quatro anos depois, sua esposa, seu ninho,
 Na faculdade, entre estudos e amor,
 Três filhas nasceram, seu maior esplendor,
 Honrado, amigo, pai e companheiro,
 Hoje, no oceano, repousa por inteiro.

2. Alexandre Borges Pereira Reis



Alexandre Borges, doce alma que voou,
 Amante da vida, das crianças e das plantas,
 Com sorrisos, histórias e palavras,
 Partiste, vítima de um vento cruel,
 Deixando a saudade que insiste em morar.

Teu corpo, sempre em batalha,
 Cuidava de tudo com muito carinho,
 Na batalha da vida era diretor imobiliário,
 Ensinau e aprendia na força e trabalho.

Tuas filhas te honram em passos firmes,
 Carregam em si a luz que plantaste,
 Na esperança de novamente te abraçar.
 E assim, no pulsar da saudade,
 Mantêm-te vivo no ato de amar,
 Ensinau tudo menos sua ausência.

3. Anderson Costa



Anderson Costa, sorriso que o amor abraçou,
Nos trilhos da vida, um engenheiro sonhador.
Amava viajar, céu e mar
Música suave, seu coração a embalar.

No brinde de um vinho, sua alma se abria,
Com amigos ao lado, a vida fluía.
Em Paranaguá, ele cuidava com zelo,
Da saúde, da segurança, do suor, do apelo.
Mas no que mais brilhou foi em ser quem amava,
Coração generoso, em todos deixava.

Anderson partiu, mas nunca se foi,
Nos ventos que dançam, na música que flui,
Vive em memórias, nas viagens que ainda faz,
Um ser fantástico, de luz e paz.

4. Bernardo Wanghon Maia



Bernardo Wanghon, nascido em Santarém,
Entre irmãs, foi o mais velho a caminhar.
Engenharia Civil na UFPA escolheu,
Com sanitarismo, à água seu valor deu.

Na Fundação SESP, ergueu poços e estações,
Levando vida e saúde a tantas regiões.
Casado meio século com Dulcinea, fiel companheira,
Juntos trilharam cinquenta anos de amor.

Teve três filhos, herança de saber,
Quatro netos para o legado florescer.
Construtor de pontes, de laços e horizontes,
Deixou na terra marcas, de tantas conexões e laços.

5. Daniel Tiago Omena Melo



Daniel Tiago, geógrafo dos céus, da terra e do chão,
 Mapeava terrenos baldios com precisão.
 Satélites guiavam seus olhos atentos,
 Na cidade traçava o destino dos ventos.

Na limpeza urbana, sua missão floresceu,
 Coleta seletiva, foi ele quem trouxe e ergueu.
 Com projetos de vida, movia o futuro,

A pandemia chegou, e a dor, sem aviso,
 Levaram-no ao cemitério – a trabalhar.
 Entre cruzeiros e covas, silêncio e lamento,
 Em Manaus, ele viu o Brasil em tormento.

Mas seu legado resiste, na luta e na fé,
 Um geógrafo que traçou muito mais que um caminho a pé.
 Seu trabalho, seus sonhos, persistem no ar,
 Entre mapas e estrelas, ele continua a brilhar.

6. Edvaldo Bezerra de Moura



Edvaldo Bezerra, homem de calor,
Amado por todos, com abraço de carinho,
Nasceu em 1954, de alma e valor,
Um lutador, cuja presença foi amor.

Com força e ternura, viveu e se deu amor,
Em cada gesto, um carinho a florescer,
Mas a pandemia veio, um golpe cruel.
Agora, a saudade é o que nos traz,
E o luto, um eco vazio.

Edvaldo, teu nome será lembrado,
Por aqueles que te amaram e ainda te amam,
Teu espírito, um farol que nunca se apaga,
Na memória e no coração aberto.

7. Efigênio Manoel



Efigênio Manoel, filho da terra e do lar,
 Filho de Rita e Manoel, cresceu na luta,
 Quarto de nove, forjado no dever,
 Deixou a infância pela força do trabalho,
 Semeando o suor para o sustento vir.

Aos trinta, encontrou em Maria José o amor,
 Pai aos trinta e um, viu o mundo florescer,
 Três filhos, espelhos de seu valor,
 No sol e na chuva, “Seu F” batalhava,
 Fazendo do impossível, um ato de união,
 Teceu com coragem o laço da família.

Anos se passaram, os filhos cresceram,
 Efigênio, agora avô, cumpriu seu destino,
 Com o carinho, o apartamento e o neto,
 Ele se despediu, em paz com a vida vivida,
 “O que mais poderia querer? Nada”,
 Deixou amor, e um legado de gratidão.

8. Ely Marques Ferreira



Ely Marques Ferreira, nome gravado no vento,
 Nasceu em João Pessoa, filho da terra e da arte,
 Cineasta, editor, operário do audiovisual,
 Com mãos que moldavam histórias no tempo,
 Cada frame, uma batalha, cada filme, uma parte
 De uma vida dedicada a brilhar.

Dirigiu sonhos, construiu pontes de emoções,
 “Um fazedor de filmes”, sua voz ressoou,
 Mais de oito prêmios, e o mundo o aplaudiu.
 Em “O Plano do Cachorro”, suas visões
 Transformaram a tela, enquanto ele continuou
 A tecer ficções, em 16mm, o Brasil assistiu.

Era mais que um artista, era um melhor amigo e sonhador,
 Inspirava muita gente a viver,
 Militante da cultura, um coração imenso, vibrante.
 Com “DNA-M”, seu último legado, póstumo abrigo,
 Deixou em cada obra a sua alma, sem nada a perder,
 Ele se foi, mas vive em nós, gigante e constante.

9. Erasmo Pereira de Araújo



Erasmo Pereira de Araújo, filho do tempo,
 Nasceu em abril, de 1967, com vigor e luz,
 Homem forte, saúde em cada movimento,
 Trabalhador incansável, ninguém o seduz
 A deixar de lado o que tanto amava,
 Fascinado por carros, o mundo rodava.

Seus dias eram motores, estradas sem fim,
 Com mãos firmes, construía o amanhã em família,
 Em cada trajeto, um sorriso vinha assim em casa,
 Vendo a vida passar, com paixão de viver.

Março o tirou, mas deixou sua marca,
 No asfalto da memória, sua história trilhava,
 Nos carros que amava, sua alma ainda embarca,
 Erasmo, presente em cada saudade,
 Embora distante, seu legado persiste,
 Um trabalhador forte, que sempre resiste.

10. Fernando Francisco Monteiro



Fernando Francisco Monteiro, nome gravado no tempo,
 Nasceu no calor do Rio, em julho de sessenta e cinco,
 Varreu quintais na infância, trabalho e movimento,
 Aos treze, já cobrador de ônibus, firme, ativo,
 Construiu seu caminho na estrada da vida,
 Com coragem e fé, onde a luta nunca é perdida.

Casou-se jovem, aos vinte, com Maria Ednalva,
 Uma união de trinta e seis anos de amor e companheirismo,
 Amanda e Camilla, as filhas que a vida trouxe,
 Enquanto Fernando, pelas estradas, cruzava o mundo.
 Sua paixão era a família, e o desejo de ajudar,
 No volante, sua alegria, ao próximo, seu olhar.

Partiu cedo demais, sem o adeus que merecia,
 Aos cinquenta e cinco, a Covid roubou seu fôlego,
 O sonho da Terra Santa ficou na memória vazia,
 Mas sua alma vive, no Ypê que floresce.

11. Hélió Henrique Alves



Hélió Henrique, um nome que ecoa no tempo,
Partiu após 40 dias de luta, um herói silenciado,
No coração de Balneário Camboriú, o vento
Aos 69 anos, nos deixou, mas sua luz persiste,
No sorriso que cativava, sua esperança resiste.

Empresário, palestrante, um mestre em cada olhar,
Levando saúde e prevenção com cada palavra dita,
No interior gaúcho, sua voz fazia o mundo parar,
Seu bordão, “cada dia melhor”, era mais que uma fita.
Era promessa de vida, de um amanhã a renascer,
E mesmo na ausência, sua presença vai florescer.

Deixou esposa, seis filhos, e nove netos a lembrar,
Do homem que viveu com amor, que espalhou saber,
Seu sorriso era um raio de sol, seu espírito, um mar,
E seu legado, um tesouro que não podemos esquecer.
Hélió, na memória de tantos, você brilha sem fim,
Sua vida foi um presente, que jamais terá um fim.

12. Ibrahim Ayach



Ibrahim Ayach, primogênito e herdeiro de uma tradição,
 Filho de Kalil e Adibi, nomeado Abrão com devoção.
 Seu destino foi traçado pelo legado da família,
 Grande engenheiro e advogado, sua história se compartilha.
 Com Eulália, construiu um lar repleto de amor,
 Laura e Mariana, as filhas que o amou.

Pai presente, confidente, amigo e protetor,
 Ensinou a enfrentar o medo e encarar a dor.
 Seu sorriso era um abrigo, sua voz, um conforto,
 E mesmo agora ausente, seu amor permanece forte.
 O laço com os irmãos, uma amizade sem igual,
 Cuidaram de Adibi com carinho especial.

Quando partiu, a dor tomou conta de quem ficou,
 Uma ferida aberta, o vazio que ele deixou.
 Mas seu legado vive, nas lembranças que ele teceu,
 Na coragem que plantou em cada vida que cresceu.

13. Joana Darc Monteiro Elías



Dona Joana, nascimento carinhoso,
 Com mãos que bordavam ternura,
 Costurava sonhos com linha e agulha,
 Fazia do almoço um banquete de amor,
 Domingo era feito de risos e afetos,
 Onde o calor da família trazia sabor.

Com o cachorro ao lado, na paz do lar,
 Entre romances e novelas a encantar,
 Passávamos as horas sem pressa de partir,
 Na sala, até a noite nos fazia sorrir.

Diziam: “Você nasceu para ser mãe”,
 E ela, com seu sorriso, fazia o bem,
 Mãe, avó, tão cheia de vida, tão cheia de luz,
 Agora, no céu, sua memória reluz.
 Mas no nosso coração, a herança se faz,
 De amor, de cuidado, de um lar acolhedor,
 Sempre será lembrada com muito amor.

14. Jonas Barbosa do Espírito Santo



Jonas Barbosa, um silêncio estarrecedor tomou conta da sala,
 um luto sem igual,
 A P-43, envolta em sombras, sentiu o peso,
 Ao adentrar a sala, o GEPLAT reunido em desespero.
 A ficha caiu, e o silêncio rasgou o peito,
 Um grito mudo de dor, um lamento perfeito,
 Nem para nós, nem para sua esposa e filhos, seu último desejo.

De carro, ao Brasil, e além da fronteira,
 Seus sonhos juntos, uma vida inteira,
 Agora a ausência, um vazio profundo,
 Seu nome, suas fotos, sua voz, tudo é um mundo.
 Um vírus cruel levou quem nunca economizou palavras,
 Partiu, deixando um vazio em nossas almas,
 A sala de operadores, agora marcada pela ausência,
 Jamais será a mesma, perdida em reminiscências.

Tantas histórias, bons momentos, debates acalorados,
 A perda é imensa, os corações estão abalados,
 Mas a saudade e as lembranças, essas ficarão,
 Nos acompanharão, como uma eterna confissão.

15. Jorge Lourenço Junior



Jorge Lourenço Junior, nascido em sete de outubro,
 Em 1955, chegou para iluminar,
 Um companheiro de vida, amigo intenso, habilidoso, apaixonado pelo mundo.
 Pela natureza, seu amor era sem igual,
 E pelos netos, Miguel e Arthur, um carinho especial.
 Eles o amavam como só ele sabia dar,
 Com um coração que só sabia amar.

Partiu em 26 de março de 2021,
 Deixando um vazio que não pode medir,
 Sua ausência é um espaço imenso,
 Que nada pode preencher, só faz sentir.

Jorge, o seu amor e a sua presença,
 São as memórias que permanecem,
 Na vida, você foi um farol,
 E agora, é a saudade que brilha às cinzas no espaço.

16. Juliano Arruda da Silva



Juliano Arruda, cresce enfrentando desafios,
Superando a dor das palavras cruéis,
E as dificuldades na escola, mas nunca desiste.
Um adolescente tranquilo, um jovem de valor,
Com um coração imenso, amor pelo futebol e pela vida,
Trabalha duro, ajuda a família,
É reservado, dedicado, e o melhor de nós.

Ele é tão especial e querido por todos,
Amava cuidar e se dedicar,
No vento da vida sabia andar feliz,
Fiel e honrado, seguia com firmeza e amor.

Seu legado, bondade e carinho pelos animais,
Lembram o quanto é especial,
Enquanto os gatinhos são cuidados e o amor perdura,
Juliano estará sempre em nossos corações, eternamente amado.

17. Licinha Pitanga Félix



Licinha Pitanga Félix, uma guerreira de coragem com trilhar,
 Fazendo máscaras com suas próprias mãos ao andar,
 Para proteger aqueles que mais precisam,
 Superando a falta de recursos, economizando para todos.
 Participou da PLP (promotoras legais populares), foi oradora da classe,
 Tinha uma frase que definia sua vida: “Se não estamos aqui para servir, não
 estamos aqui para ser servidos.”

Mãe de Marcia e Flávia, avó de Gabriel,
 Com um coração que irradiava bondade,
 Trabalhou em um hospital público,
 Ajudou na luta contra a pandemia com seu talento e dedicação.
 A jornada foi dolorosa, com você lutando contra a doença.

Sua dedicação ao próximo,
 Sua religiosidade sua devoção,
 Dava de si mesma, mulher de fé e ação
 Em seus últimos momentos,
 Sua Bíblia era seu orgulho,
 Os terços que recebia eram sua companhia,
 E sua devoção, uma luz para todos que a conheciam, hoje brilha eternamente.

18. Marcello Vitor



Marcello Vitor, Médico veterinário de 34 anos,
Amado por todos que tiveram o privilégio de conhecê-lo,
Seu amor por jogos de internet, animais e pessoas era contagiante.

Solidariedade era seu sobrenome,
Acreditava nas pessoas e nos processos,
Um excelente profissional e cientista,
Dedicado a ajudar e apoiar seus pais e irmãos.

Ele não foi apenas um número,
Seu potencial e sua vida foram tragicamente interrompidos,
Negado o direito à vacina e a Vida seu destino,
Marcello partiu, vítima de uma doença
Que poderia ter sido combatida com respeito e ação.

Seu legado de amor e solidariedade permanece,
E sua ausência é um vazio permanece,
Mas sua memória viverá nos corações,
Como um farol de esperança e inspiração.

19. Maria Augusta Oliveira da Silva – Marucha



Maria Augusta Oliveira da Silva, conhecida como Marucha,
 Nasceu em Maricá, no estado do Rio de Janeiro,
 Entre cinco irmãos, era gêmea do único irmão homem,
 Uma caçula que cresceu em uma família grande e amorosa.
 Dona de casa dedicada, criou os filhos com carinho e harmonia,
 Ensinou-os a partilhar e a dividir, a importância da literatura.
 Economizava moedas para adquirir coleções de livros,
 E passava seu amor por tricô a todos ao seu redor.

Seu tricô colorido aquecia não apenas a família,
 Mas também amigos e crianças do INCO,
 Casaquinhos, meias, mantas e gorros,
 Feitos com amor e destreza.
 Devota de Nossa Senhora, passou fé e esperança aos filhos,
 Amava música e a companhia das crianças,
 Assistia TV e novelas infantis com um sorriso,
 Nunca reclamava das adversidades, mas curtia a vida.

Marucha, uma vida de amor e dedicação,
 Deixou um legado de bondade e simplicidade,
 Sua memória permanece viva em cada gesto,
 E em cada coração que tocou.

20. Maria de Moraes Leite Filha



Nasceu Maria de Moraes, de alma a brilhar,
Mulher guerreira, católica devota,
Caminhava na bondade, em paz, serena e amorosa.
Sua trilha na missão era cheia de fé

Sem maldade, sem malícia no olhar,
Sua essência era pura, sem nada a ocultar.
Cantava com alegria, dançava em harmonia,
Com os seus familiares e amigos, em doce companhia.
Estava sempre presente com muito amor e afeto,
Seu coração era grande, fiel e completo.

Amava sua Neguinha, fiel cachorrinha,
Com ternura e carinho, era sempre amiga.
Maria, mulher bondosa, de coração aberto,
Nos deixou lembranças de um amor sempre certo.

21. Maria Vilma Gomes Ottero



Maria Vilma, da terra do Goytacazes no RJ,
 Nasceu em cinquenta e quatro, com fervor,
 Cresceu e viveu com brilho, carinho e amor,

Casada, mãe de três, avó de cinco,
 Teu lar era o porto de afeto e paz,
 Empresária firme, mas com graça capaz,
 De unir a força e a doçura em um vínculo.

Tua vida, um exemplo de valentia,
 Com tua presença doce e resoluta,
 Nos ensinou que amor é força, é guia.

Maria Vilma, teu legado é luz,
 Eterna em corações, teu nome ecoa e conduz,
 A memória de teu ser nunca se reduz.

22. Mário Lúcio Fortes Bustamante de Siqueira



Mário Lúcio, engenheiro de engenho,
Formado na Unicamp com saber,
Na Bosch deixou seu brilho a florescer,
Com máquinas e sonhos de desenho.

Aéreo viajante, planador sereno,
Com violão encantava a canção,
Crítico da vida e da política em vão,
Mas sempre com amizade e amor pleno.

Aposentado com planos a sonhar,
Faltou-lhe o tempo de viver a velhice,
Com 59 anos foi-se a viajar.
Deixou saudade, um legado profundo,
Na MPB e em projetos de humanizar,
Viveu, trabalhou e amou este mundo a brilhar.

23. Nelson Filipe Neto Maia



Nelson Filipe Neto Maia, engenheiro dedicado,
Cinquenta anos de vida, sempre ao nosso lado,
Da família, presente, com amor a guiar,
Casado com Silvania, seu eterno lar.

Amava viver, com um brilho no olhar e sempre companheiro,
Feliz, animado, sempre a celebrar,
Pensamos em você, no seu retorno um dia,
Com saudades, mas guardando sua alegria.

Seu filho Felipinho, flamenguista de coração,
Era motivo de orgulho, inspiração e união.
Na natureza encontrava sua paz e querer,
Nelson, homem de luz, que amava viver.

24. Pedro Glauco Coelho Lopes



Glauco Lopes, um homem de alma serena,
Com um coração generoso, que sempre ampara.

Em cada gesto, em cada olhar,
Ajudava quem precisasse, sem hesitar.
Pai companheiro, sábio na arte de amar,
Sabia, com doçura, o filho ensinar.
Um marido espetacular, cuidadoso, amável.

E nas palavras doces, sua alma fluía.
Cantava “É de mais”, versos embalados,
E quando abraçava, o mundo se transformava.
Seu amor era um refúgio, um abrigo,
Momentos maravilhosos, tão vivos.

Nascido em 20 de fevereiro, uma luz que brilhou,
Partiu em 8 de junho, mas nunca se apagou.
Agora, no céu, ele repousa, sereno,
Mas aqui, no coração, seu amor é terreno.

25. Roberto Cintra de Oliveira



Roberto Cintra nasceu sob o céu de Mato Grosso,
Em 27 de julho, onde a vida começou seu curso.
Na adolescência, com Regina, um amor floresceu,
E João Gustavo, um lindo menino, nasceu.

Com apenas 17 anos, ao Rio ele partiu,
Trabalhava e estudava, enquanto o tempo passava.
E assim, o jovem Roberto trilhou o caminho terreno.
No terceiro ano, Deise entrou em sua história,
Carioca de alma, com ela construiu a glória.
Entre namoro, noivado e o casamento,
Vinte e três anos de amor, de riso e sentimento.
Vitor, Igor, e Iago nasceram do enlace,
Mas a união findou quando o mais velho tinha nove.
Dois anos se passaram e em São Paulo ele recomeçou,
Com Lina, um novo amor e mais um filho chegou.

Felipe, hoje com cinco, a alegria trouxe ao pai,
Mas no auge da pandemia, o destino se faz.
Sofia, a única menina, veio ao mundo tão breve,
Mas Roberto não a conheceu, a dor foi leve e breve.
Cinco dias de vida, ela ficou sem o pai,
Doze dias depois, seu próprio adeus ela dá.
Roberto partiu, deixando sua prole em flor,
Uma história marcada por trabalho, amor e dor.

26. Rogério Theodoro de Brito



Rogério Theodoro, nasceu em setembro, o céu iluminando,
 Nas ciências dos números, mergulhou calculando,
 Formado em Computação, desvendou seu mundo.
 No IME da USP, com paixão se envolveu,
 Mestre em Matemática, novos horizontes correu.
 Professor no Mackenzie, sabedoria a semear,
 Nas aulas de verão, fazia mentes despertar.

Doutorado à vista, um sonho a trilhar e multiplicar,
 Rogério, sereno, com ciência a brilhar.
 Seu legado, presente, em cada aluno que foi,
 Ecoa nas aulas, sua programação.

Um mestre dedicado, um saber sem igual,
 Rogério, na vida, deixa um marco especial.
 No caminho dos números, seu nome irá somar,
 Em cada equação, sua essência guiará.

27. Ronaldo do Carmo Pascualetto



Ronaldo do Carmo, no dia três de maio, um brilho se apagou,
 Um ser que nos deixou e brilha em outro lugar.
 Aos 41 anos, o Covid lhe levou,
 Em Fortaleza, seu amor ecoou.

Motorista dedicado, supervisor de frota,
 Seu trabalho era jornada, mas sua vida era nota.
 Na casa, um pai extraordinário,
 Marido presente, um amor inabalável uma figura contente.

Janaina, sua esposa, com dor nos contou,
 Um homem que amava, que a todos encantou.
 “Pai, marido e filho, um verdadeiro amigo,
 Servindo a Deus, e a todos com abrigo.”
 Assistir filmes, momentos de carinho,
 Ronaldo era presença, luz no caminho.
 Sua falta é sentida, um vazio presente,
 Mas suas memórias, eternas, no coração dos que ficam é recorrente.

28. Zeíla Duarte Lopes



Zeíla Lopes, delicada e amorosa,
 Elegância e carinho, sempre preciosa.
 Costureira de talento, arte em cada ponto,
 Costureira apaixonada, com arte e dedicação,
 Transformava o simples pano em encanto pronto.
 Aprendeu sobre perdas, viveu com bravura,
 Dava conselhos sábios, ouvia com ternura.

Corações ganhou, mas um amor foi especial,
 Manoel, o professor, encantado por seu olhar.
 Após sete anos, o casamento chegou,
 Unidos em matrimônio, um amor que se firmou.

Mãe, avó e amiga, muitos filhos e netos amou,
 Deixou uma saudade suave, que o tempo não apagou.
 Zeíla, flor que floresceu em novo jardim,
 Enfeita o céu com sua beleza, eternamente assim.
 Sua memória nos corações sempre viverá,
 Como um jardim no céu, seu sorriso brilhará.
 E suas costuras na terra ficará.

1 TRAÇANDO A METODOLOGIA: O FAZER ANTROPOLÓGICO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Neste capítulo, discorrerei sobre as abordagens metodológicas que foram seguidas na realização da pesquisa, passando pela discussão sobre o *fazer antropológico* em tempos de pandemia, os desafios no campo, as dimensões emocionais e as questões éticas que permearam a investigação. Sigo, assim, as diretrizes de Gerald Berreman (1975), entre outros autores, que destacam a importância de descrever as dificuldades encontradas pelo pesquisador no momento de sua inserção no âmbito da pesquisa como uma forma de permitir situar o contexto e as possibilidades de realização de cada estudo etnográfico. Também abordo a *Etnografia Multilocal* de George Marcus (2011), apresentando o deslocamento dos múltiplos locais e experiências aos que a pesquisa levou. Para finalizar, descrevo os acontecimentos que permitiram a minha aproximação com as enlutadas, apresento os processos da pesquisa e os agentes sociais pesquisados.

1.1 ENTRE TROCAS E ENTRADAS COM OS ENLUTADOS: FALAR DE MORTE COM OS QUE SOFRERAM COM ELA

Se você quer compreender o que é ciência, você deve olhar, em primeiro lugar, não para as suas teorias ou as suas descobertas, e certamente não para o que seus apologistas dizem sobre ela; *you must see what the practitioners of science do. In anthropology or, of whatever form, in social anthropology, what the practitioners do is ethnography*. E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode *começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento* (Geertz, 1989, p. 15, grifos pelo autor).

Conforme apresentei na introdução, a urgência de refletir sobre a temática que abordo nesta tese partiu da responsabilidade social de ser um “pesquisador sobre a morte”. Em conversas com os membros da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC), tive conhecimento sobre a necessidade da atuação de voluntários no então recém-criado Memorial das Vítimas do Coronavírus no Brasil, colocando-me à disposição. Minha colaboração ocorreu da seguinte forma: em conversas direta com as enlutadas via *chat*; e outro momento procurando notícia e *hashtag* no *Instagram* e *twitter* sobre vítimas da Covid-19.

Em conversas com os enlutados, percebi uma padronização nas suas narrativas sobre a experiência do corpo contaminado e o corpo morto. Então, posso dizer que os meus interlocutores contribuíram na construção das questões da pesquisa pois foi a partir de seus relatos que tracei os objetivos do meu projeto. Em diversas situações, conhecidos me provocaram para refletir sobre os fenômenos sociais das mortes pandêmicas, mandavam-me notícias, textos, fotos e vídeos sobre o desmonte das “políticas de vida” que vivemos no Brasil.

no período pandêmico. Por esse motivo, quando dei por mim, já estava envolvido e elaborando meu projeto de tese enquanto finalizava minha pesquisa de mestrado.

A construção desse trabalho de tese, inicialmente, foi dividida em três momentos. O primeiro refere-se ao levantamento bibliográfico, uma das práticas fundamentais para compreender os estudos abordados sobre o tema. A procura dos textos foi dividida nos seguintes passos: comecei pelas leituras que já tinha adquirido na graduação de ciências sociais e mestrado em antropologia e no processo de doutorado, e em seguida pelas leituras sugeridas pela minha orientadora Mônica Franch e nas reuniões do Projeto “Estado, populações e políticas locais no enfrentamento à pandemia de Covid-19” (ANTROPOCOVID), que já me transportavam aos estudos de morte na pandemia e aos debates da antropologia da saúde.

O processo de investigação contou com revisão bibliográfica em livros, artigos, publicações em periódicos, bases de dados, como também, em *lives*, memoriais virtuais das vítimas, levantamento documental dos manuais voltados aos mortos e os enlutados. Informações sobre o tema da pesquisa nas redes sociais, documentários, fotografias e reportagem também compõem os recursos metodológicos dessa pesquisa.

Para revisão bibliográfica busquei as plataformas eletrônicas *Scientific Electronic Library Online* (ScieLO), Google Acadêmico e no catálogo de periódicos de teses, notícia, protocolos oficiais e dissertações da CAPES, link de reportagens e notícias em tempo real na vivência de fazer pesquisa durante a pandemia. Os descritores utilizados foram: pandemia, covid-19, antropologia da morte, enlutados, luto e adoecimento. Cada descritor foi acompanhado pelos termos: Antropologia, Sociologia ou Ciências Sociais, utilizando esse recorte na área de conhecimento na pesquisa.

O segundo momento é a relação dos autores para pensar o método utilizado na pesquisa. Estudar enlutadas na pandemia tem um suporte na etnografia híbrida, e para isso, as estratégias na coleta dos dados para a construção da tese foram: entrevistas semiestruturadas baseadas em roteiro de entrevista na modalidade presencial e online, observação nos momentos de visitas no campo e conversas informais. Como técnicas de registro, foram utilizados diário de campo, bloco de anotações, gravação nas entrevistas semiestruturadas e posterior transcrição, desenhos, cartas e fotografias.

Etnografar relatos de pandemia, contudo, trouxe alguns desafios para os quais foi de grande auxílio a leitura de textos contemporâneos, etnografias clássicas, mas também as experiências de outros pesquisadores/as com o tema da pandemia. Apesar do século que me separa dela, a obra de Malinowski (1922) colabora para uma melhor descrição de uma pesquisa

de campo. Utilizei as suas técnicas etnográficas na construção dessa tese, as quais foram extremamente necessárias para alcançar os meus objetivos.

Uma das primeiras indicações de Malinowski (1922) é que é preciso aprender a língua dos nativos para prescindir de tradutores e assim obter um conhecimento em primeira mão. Quando estudamos na nossa sociedade de origem, pode parecer que essa indicação é desnecessária, porém aprender os “códigos dos nativos” foi essencial para a continuidade da minha pesquisa. Assim como Malinowski relata as dificuldades que podem surgir no campo, como tentativas malsucedidas, também enfrentei obstáculos durante minha pesquisa. Inicialmente, algumas entrevistas foram desmarcadas, encontrei termos locais que não compreendia e tive dificuldade em determinar os melhores horários para entrar em contato com as participantes, dado que minha pesquisa envolveu mulheres de todo o Brasil, cada uma situada em diferentes fusos horários.

As primeiras dificuldades na comunicação com minhas interlocutoras foram as terminologias locais, como “trem”, “tri”, “curumin”, “esgualapado” e entre outros. Nesse momento destaco um sentimento de distanciamento do espaço, uma consciência da diversidade de contextos no país, e como eles se refletiam linguisticamente no meu campo. Teve momentos em que meu sotaque do nordeste foi notado antes mesmo da minha apresentação, provocando um questionamento sobre minha procedência: “você é nordestino?”. Uma vez que esse questionamento quase sempre apareceu no começo das entrevistas, chegou um momento em que eu já resolvi iniciar o contato me apresentando como nordestino da Paraíba.

No momento das entrevistas principalmente *online* procurava os termos que as enlutadas utilizavam, termos médicos quando seu familiar estava internado, por exemplo. Outro aspecto que demorei a compreender foram os códigos corporais, os gestos. Como acabava lidando com os sentimentos de dor, saudades e choros no momento da entrevista, precisava entender o momento de mudar de pergunta, dar uma pausa ou conversar sobre outro assunto e depois retornar.

Uma dificuldade suplementar de entrevistar mulheres foi o ciúme de alguns maridos. Teve momento em que fui bloqueado por uma enlutada pois o marido teve ciúmes de ela conversar comigo. Fiquei preocupado com a segurança dela, e a melhor solução foi ela me passar o número da amiga e eu continuar coletando os dados com a amiga que me passava as informações. O ciúme dos maridos reflete a relação de confiança e proximidade que conquistei nos meus relacionamentos com algumas das entrevistadas. Faço referência ao texto de Bourdieu (2012) intitulado “Compreender,” presente no livro *A Miséria do Mundo*, com o propósito de explorar o valor das entrevistas como momentos de encontro. Outra influência notável é o trabalho de

Roberto Cardoso de Oliveira (2006), que aborda o “*encontro etnográfico*,” em uma busca pela fusão de horizontes e por um diálogo entre iguais no momento do “*ouvir*”. Uma situação adicional que ocorria era que ocasionalmente eu era confundido com um psicólogo, pois às vezes elas esperavam uma resposta ou solução pela situação de vulnerabilidade emocional que elas estavam passando.

À medida que fui entendendo o significado desses códigos, isso auxiliou enormemente nas entrevistas semiestruturadas, cooperando para uma comunicação extensa, na qual, estava nesse lugar sensível na pesquisa. Com isso, a etnografia começa a ganhar as dimensões do “vivido, pensado e expresso” (Peirano, 1995, p. 278).

As entrevistas híbridas, conduzidas tanto online quanto presencialmente, emergiram como uma estratégia para compreender os processos ritualísticos de terminalidade e morte das vítimas da Covid-19 na pandemia. A partir das experiências das enlutadas, busquei entender a definição de responsabilidade segundo os protocolos oficiais no momento do ritual e o manejo de suas emoções. Além disso, ao longo de todo o tempo da pesquisa, e até o momento presente, continuamos em troca de mensagens via *Whatsapp* ou e-mail.

A entrevista semiestruturada foi utilizada nessa pesquisa de acordo com o pensamento de Minayo (2003): “semiestruturada, que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (p. 64). Quero destacar que houve uma diferença na operacionalização do roteiro de entrevistas quando aplicado em contextos online e presenciais. Nas entrevistas realizadas de forma remota, o roteiro pôde ser seguido com maior linearidade, permitindo uma leitura mais constante e sistemática das questões. Já nas entrevistas presenciais, o roteiro assumiu um caráter mais orientador, funcionando como um guia flexível que favoreceu uma interação mais espontânea. Porém em ambas as modalidades consegui ter um aprofundamento das entrevistas e continuidade das conversas.

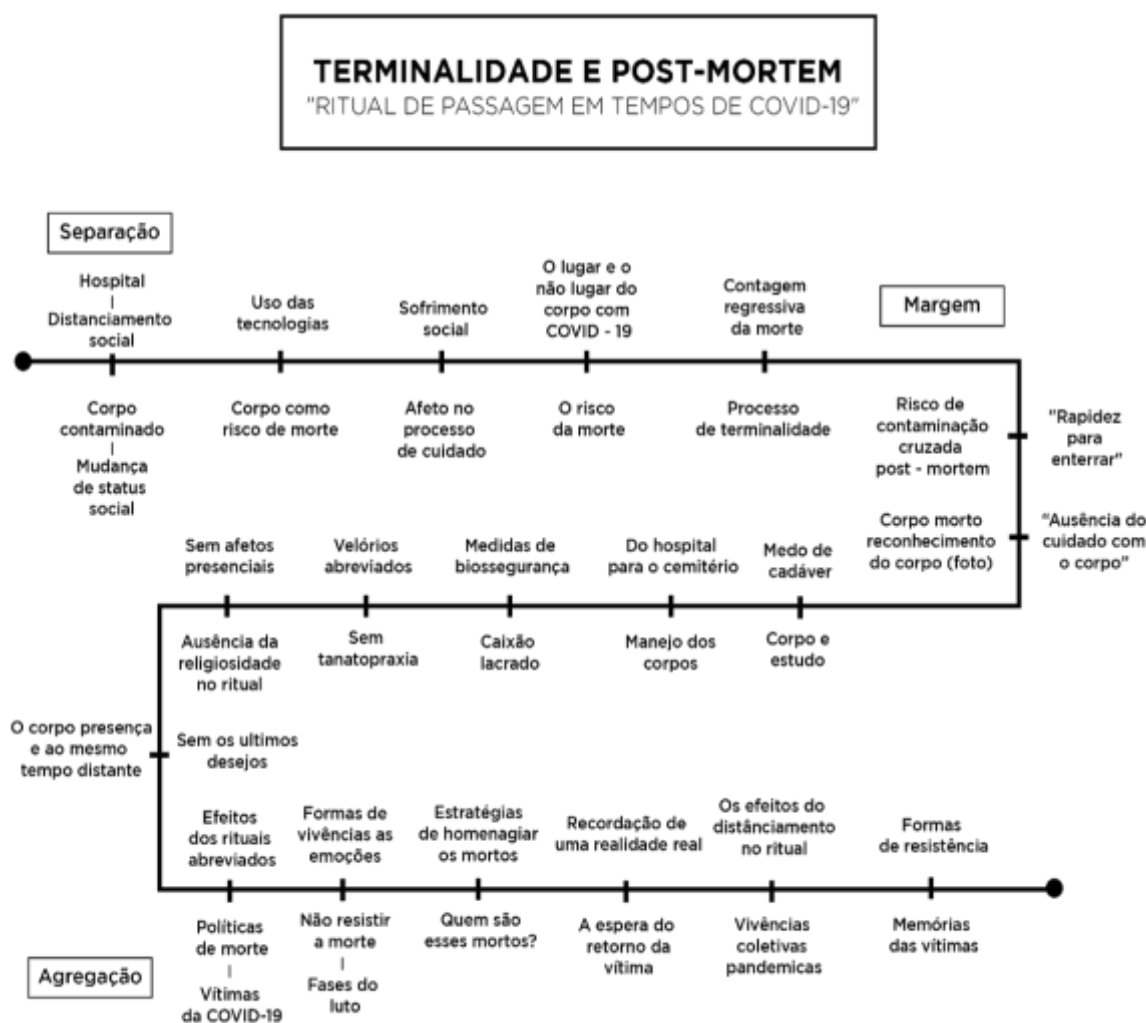
Em geral, para as entrevistas online eu me conectava desde meu quarto. Minha colega e amiga Durvalina Rodrigues²⁴ apelidou esse espaço de “Caixão”, pois meu ele era todo pintado de preto, até que um dia uma enlutada disse que meu quarto provocava um sentimento de tristeza. Naquele momento, percebi a necessidade de mudar e realizei uma nova pintura no quarto. Essa anedota revela um fenômeno muito interessante da pandemia e, especificamente, das pesquisas na pandemia: o quanto de nós passou a ser mostrado nas interações com os outros, que passaram a ocorrer na intimidade de nossos quartos. Pensando retrospectivamente, uma outra opção poderia ter sido ter

²⁴ Psicóloga, Mestra e Doutoranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia/PPGA da Universidade Federal da Paraíba/UFPB. É Integrante fundadora da Abayomi - Coletiva de Mulheres Negras na Paraíba/ABAYOMI.

colocado um filtro no *google meet*, daqueles que mudam os cenários do fundo, mas de certo modo oferecer o acesso a meu quarto, a partir da imagem da câmera, era também uma forma de criar um mínimo de proximidade, diante da distância imposta pela virtualidade. Quanto às entrevistas presenciais, explicarei posteriormente os espaços da pesquisa. Respeitando quanto ao tempo de entrevistas os limites de disponibilidade das enlutadas, as entrevistas duraram entre uma a três horas de conversa direta, teve momento que necessitou de pausa ou redirecionamento da plataforma, caso a internet caísse. Algumas enlutadas pediram mudança das datas por não estarem bem naquele dia, esse processo aconteceu diversas vezes, foi necessário desmarcar e marcar novamente, esperar o tempo delas e o momento que elas precisavam falar. Mais uma vez, é preciso destacar a diferença no modo como ocorreu o agendamento e a realização das entrevistas com as enlutadas.

O esquema que se segue apresenta uma sequência narrativa que abordará esses tópicos do ritual de passagem em tempos de Covid-19.

Esquema 1 – Discursos das enlutadas no rito de passagem



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Iniciar meu envolvimento no campo como um “*pesquisador voluntário*” representou uma abordagem direta com meu campo. Ao contrário do que eu havia experimentado anteriormente, nas pesquisas para graduação e o mestrado, a inserção no campo não foi o primeiro desafio a ser superado, mas sim a base para uma compreensão mais profunda do campo e das suas necessidades.

Nesse contexto, pude observar que as experiências das enlutadas se agrupavam em três principais temáticas abordado no esquema acima que descrevo como as fases do ritual. A primeira delas se concentrava na “terminalidade/distanciamento”, que se referia ao momento em que o paciente ingressava no hospital, o primeiro cenário do ritual. A segunda abordava a ideia do “corpo morto” e a prática de “velórios abreviados”, ressaltando a notável ausência de velórios tradicionais, com corpos seguindo diretamente do hospital para os cemitérios. Isso, por sua vez, desencadeava consequências nos processos de luto.

As formas de produção de dados são realizadas da seguinte maneira, sistematizadas nessa sequência: (i) observo o campo e as vivências pandêmicas, e (ii) obtenho informações por meio de entrevistas semiestruturadas. Ambos os conjuntos de dados são analisados à medida que desenvolvo categorias de análise relacionadas ao referencial teórico. Posteriormente, elaborei a tese com base no material fornecido pelas pessoas enlutadas.

Consequentemente, a tese se propõe a explorar a temática da morte nesses três estágios do ritual: a morte vista como um fenômeno social, porém em um cenário pandêmico, a morte enquanto processo técnico e relacionado ao Estado, e, por fim, a morte no contexto dos processos de luto.

Na pesquisa de Malinowski ([1922]2018), ele destaca a importância do “esquema mental” como apoio para estabelecer um roteiro de trabalho. Esse roteiro na tese se torna uma lista cronológica de acontecimentos, contribuindo para a compreensão das complexidades pandêmicas e enfatizando a necessidade de considerar o contexto histórico. Em sua obra, ele destaca as *características essenciais do kula* e sua relação com a região e os habitantes do distrito onde essa cultura se desenvolvia. Malinowski argumentava que a compreensão de uma cultura não poderia ser feita de forma isolada, mas sim em diálogos com seus interlocutores. Então, seguindo o pensamento do autor, utilizei esse “esquema mental” como base no meu roteiro e divisão dos capítulos da tese.

1.2 MÉTODOS, FERRAMENTAS E DIÁRIO DE CAMPO: OS ATRAVESSAMENTOS DA PESQUISA COM O EU PESQUISADOR

Por muito tempo, hesitei em iniciar minha pesquisa na modalidade online, aguardando o fim da 'pandemia' ou ponderando sobre qual “local físico” escolher para iniciar as entrevistas

e a pesquisa de campo. No entanto, como salientou Malinowski ([1922]2018), não basta ao etnógrafo simplesmente lançar suas redes no lugar apropriado e esperar que a caça caia nelas. Foi essencial refletir, reestruturar e redescobrir o campo “entre espaços” (online/presencial). Conforme destacado por Malinowski ([1922]2018), a ferramenta do etnógrafo reside na coleta de dados concretos em relação ao seu campo de observação, utilizando-os para formular inferências que possa acontecer na pesquisa. Portanto, comecei a pesquisa buscando recursos para superar esse desafio pessoal de realizar pesquisa online e ajustar minha abordagem de pesquisa no cenário da pandemia.

Comecei a desenvolver uma pesquisa etnográfica, lembrando que para Geertz (1978) praticar a “etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (p.15). Comecei a pesquisa em dois momentos: comunicação à distância pensado em uma Netnografia²⁵, e, em um segundo momento, a pesquisa assumiu um caráter de campo presencial, mantendo-se, em ambos os momentos, ancorada na etnografia do testemunho e na análise dos processos ritualísticos da morte vivenciados por pessoas enlutadas durante a pandemia da Covid-19. Esse recorte contempla experiências ocorridas antes do início da vacinação, envolvendo familiares de pessoas que foram hospitalizadas e faleceram no ambiente hospitalar.

Minha entrada no campo da pesquisa aconteceu pelo “memorial das Vítimas do Coronavírus no Brasil”, uma rede de apoio às Famílias de Vítimas Fatais da Covid-19 no Brasil, um espaço para reunir e promover o acolhimento e promover ações para os enlutados, no qual, como referi anteriormente, colaborei na condição de editor voluntário. Uma segunda via de entrada em campo foi por meio da AVICO (Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19), um coletivo social que luta por justiça e memória às vítimas fatais e também pela garantia e acesso aos Direitos Humanos constitucionais dos sobreviventes da covid-19²⁶, associação na qual também colaborei. Uma terceira via de acesso ao campo virtual ocorreu a partir de uma postagem na página do “Quebrando o Tabu”, uma plataforma de mídia independente brasileira no Instagram que aborda diversos temas sociais, que levou à viralização da história de uma das enlutadas que compõem meu universo de pesquisa.

As enlutadas foram convidadas a participar da pesquisa (posteriormente descreverei sobre essas enlutadas) via abordagem direta, tendo a mediação de Paola Falceta, Presidente e fundadora da Avico Brasil e de Elisiana Trilha Castro Presidente da Associação Brasileira de

²⁵ Diferentemente da etnografia tradicional, a Netnografia não exige a presença física do pesquisador. Assim, a abordagem inicial, a chegada ao campo de pesquisa, assume um formato diferente. (...) Além disso, nos espaços on-line, a mediação da tecnologia interpõe na interação entre pesquisador e pesquisados filtros relacionados às possibilidades e peculiaridades de cada tecnologia. (Gutierrez, 2009, p. 11)

²⁶ Link: [Sobre Nós \(avicobrasil.com.br\)](https://www.avicobrasil.com.br) acessado 07 de março de 2025.

Estudos Cemiteriais (ABEC). Mandei para ambas as presidentes a documentação do comitê de ética recebendo a carta de anuência²⁷.

Nesse primeiro momento da Netnografia, ou podemos dizer, “etnografia no ciberespaço”, tanto a página do Memorial virtual na internet como a da AVICO, “representa(m) um lugar, um ciberespaço, no qual a cultura é constituída e reconstituída” (Hine, 2000, p. 9). As enlutadas de forma voluntária foram convidadas a participarem da pesquisa virtual, e em seguida foi proposta para elas uma entrevista on-line no aplicativo e em horário da escolha delas.

“Na antropologia da e na internet, a tecnologia digital é tanto o meio de transporte que executa a viagem quanto o ambiente no qual o campo acontece” (Leitão; Gomes, 2011, p. 04). Com isso, destaca o papel fundamental da tecnologia digital na antropologia realizada na internet e enfatizando que a tecnologia digital não é apenas uma ferramenta utilizada para conduzir a pesquisa antropológica, mas também o ambiente no qual a pesquisa ocorre. Neste contexto, o auxílio dos meios tecnológicos facilitou minha participação nos encontros *online* que acontecem na rede de apoio para essas enlutadas.

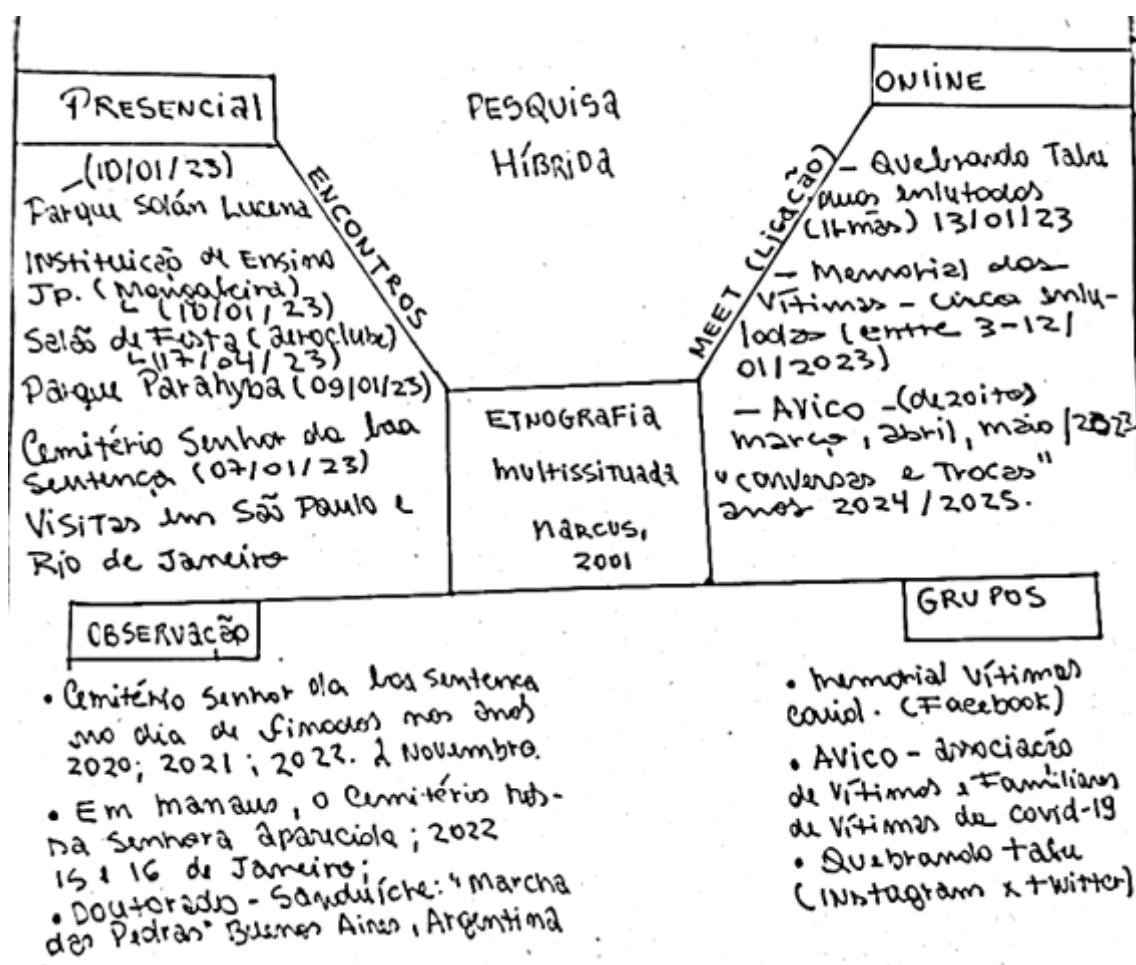
No segundo momento, foi realizada uma pesquisa de campo presencial no Cemitério Senhor da Boa Sentença no Dia de Finados nos anos de 2020, 2021 e 2022, para um foco com as enlutadas de João Pessoa – PB²⁸, além de uma visita de campo no cemitério Nossa Senhora Aparecida, no Bairro de Tarumã, zona oeste de Manaus-AM, já que foi um cemitério que teve grande repercussão pelas covas coletivas e posteriormente conversei com a mãe de um funcionário que estava trabalho no cemitério que veio a óbito. Para as idas ao cemitério, elaborei um roteiro de observação. Além desse momento de observação, houve cinco entrevistas presenciais em diversos espaços da cidade de João Pessoa: no parque Solon de Lucena, em um instituto de ensino, no salão de festa no Aeroclube, no parque Parahyba e no Cemitério Senhor da Boa Sentença.

O esquema a seguir mostra os espaços que foram realizados a pesquisa com as datas de cada encontro;

²⁷ Documentação no apêndice da Tese.

²⁸ É necessário realizar dos enlutados da Paraíba, pois meu projeto tem o financiamento FAPESQ - Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba.

Esquema 2 – Circuito de pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Segue abaixo o mapa do Brasil, no qual estão indicadas as regiões onde foram realizadas as entrevistas com as mulheres da pesquisa e suas federações brasileiras. Essas entrevistas foram parte essencial da pesquisa, e o mapa proporciona uma visualização precisa das áreas geográficas envolvidas no estudo. Outro ponto a ser considerado é a combinação de elementos locais e nacionais na pesquisa. Embora a maioria das entrevistadas seja natural da Paraíba ou resida no estado, a abordagem virtual do campo, aliada à possibilidade de ter viajado a Manaus, expande a dimensão geográfica da pesquisa. Essa diversidade geográfica proporciona uma perspectiva nacional à pesquisa.

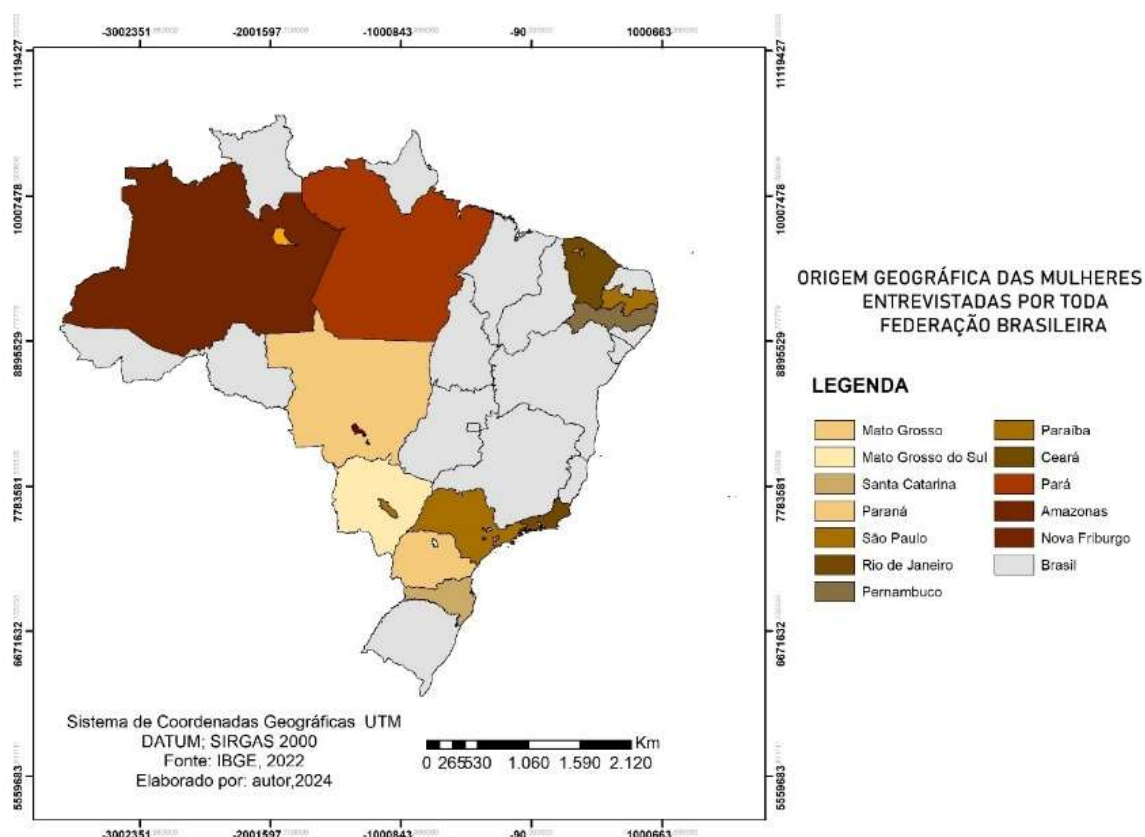
No que se refere à metodologia de coleta de dados, gostaria de destacar que, das federações mencionadas, tive a oportunidade de realizar visitas presenciais, o que contribuiu de maneira aprofundada para a abordagem qualitativa da pesquisa etnográfica. Esse formato de interação permitiu uma compreensão das realidades vivenciadas pelas mulheres entrevistadas,

além de possibilitar o contato direto com as dinâmicas locais, conhecendo os espaços de memória.

Não optei por permanecer exclusivamente na modalidade presencial em João Pessoa, ir para outros estados proporcionou uma experiência mais imersiva. O processo teve início com minha saída de João Pessoa, conforme anteriormente descrito, e seguiu para as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Amazonas, onde pude estabelecer contato direto com as participantes das entrevistas e realizar observações *in loco*. Esse deslocamento contribuiu para a análise, proporcionando um panorama mais abrangente das experiências e desafios enfrentados pelas mulheres nas diferentes regiões do Brasil.

A distribuição geográfica das 31 interlocutoras abrange todas as cinco grandes regiões do Brasil, conferindo à pesquisa uma perspectiva de âmbito nacional. A região Sudeste concentra a maior parcela da amostra, totalizando aproximadamente 45,2% das participantes (14 mulheres), seguida pela região Nordeste, que representa 32,3% (10 participantes), com expressiva concentração na cidade de João Pessoa - Paraíba. A região Norte compõe 9,7% do grupo (3 participantes), enquanto as regiões Centro-Oeste e Sul apresentam participações idênticas de 6,5% cada, contando com duas interlocutoras por região.

Gráfico 1 – Origem geográfica das mulheres



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023)

Os encontros presenciais foram realizados em espaços nos quais as entrevistadas puderam se sentir confortáveis ou um ambiente que lembrasse seu ente querido, facilitando o resgate das experiências. Pelo fato de ter realizado a pesquisa entre o espaço virtual e presencial, em diversas localizações (João Pessoa, São Paulo, Rio de Janeiro e Manaus), de acordo com o andamento das medidas de biossegurança em vigência no período da pesquisa, esse projeto se caracteriza como uma *etnografia multisituada* (Marcus, 2011).

Em ambos os momentos, utilizei diário de campo, elaboração de quadro sinótico (Weber, 2009; Malinowski, [1922]2018), mantive um bloco de anotações, realizei conversas informais e gravação das entrevistas semiestruturadas. Nesse cenário de pesquisa, o mapeamento e a elaboração desse material auxiliam diretamente na reformulação de pensamentos na construção do trabalho e os detalhes da pesquisa.

É importante ressaltar que as entrevistas semiestruturada devem seguir as normas de Ética em pesquisa. Além das normas de Ética em pesquisa, cabe ressaltar que o trabalho é guiado eticamente pelas seguintes resoluções do Ministério da Saúde: Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016; Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012; NORMA OPERACIONAL Nº 001/2013, que destaca o cuidado e a ética em pesquisa com seres humanos e com a aplicação de novas tecnologias nessas pesquisas.

Outro ponto que é pertinente destacar é que as entrevistas foram claramente explicadas às interlocutoras, e apresentado a elas às mesmas o TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, comprovando a ciência de cada entrevistada em estar participando de uma pesquisa com a finalidade acadêmica. A pesquisa também precisou manter a ética com o sigilo da identificação das minhas interlocutoras, e para isso utilizei nomes fictícios para quem optou por essa possibilidade e nomes reais para aquelas enlutadas que enxergaram minha tese como um “ato de resistência”.

As entrevistas seguiram um roteiro dividido em três partes: terminalidade, morte e luto. Elas também abordaram: a identificação pessoal, contendo o nome (caso desejassem), idade, nacionalidade ou naturalidade e formação, e as experiências de adoecimento, morte e luto, das suas vítimas da covid-19. Todas as entrevistadas permitiram a gravação, comprovando a consciência da entrevistada que estaria participando de uma pesquisa com a finalidade acadêmica, como também deixei esclarecido sobre o anonimato, caso necessário.

Dois pontos que destaco são os (i) riscos – as interlocutoras ficaram cientes que se sentissem algum desconforto em responder alguma questão, nesse caso poderiam passar para outra questão ou desistir de participar do estudo, como aconteceu em algumas situações que precisei remarcar. (ii) a devolutiva para os sujeitos envolvidos na pesquisa que consiste: um

memorial das histórias dessas vítimas da Covid-19, o convite aos interlocutores para participarem da defesa da tese. Ainda sobre a devolutiva, podem ser apontados artigos, criação de *website* e capítulos de livros para fomentar um maior debate sobre o tema pesquisado, como também, se espera que a pesquisa possa contribuir para a elaboração de políticas públicas em ações direcionadas aos mortos e os enlutados.

Malinowski ([1922]2018), na coleta desses dados para análise, é uma das principais referências acerca das fases da pesquisa, transformando o “esquema mental” que utilizo em “esquema real”. Malinowski destaca que a análise dos dados em sua pesquisa revelou lacunas e falhas na informação que o levou para novas investigações. Do mesmo modo, também eu precisei revisar informações passadas pelas minhas interlocutoras, principalmente na temporalidade das datas e números.

Houve momentos em que percebi que levar o diário para as entrevistas estava atrapalhando, pois as interlocutoras perguntavam sobre as minhas anotações, então a partir daí comecei a levar um caderno pequeno de anotações, fazendo anotações de palavras-chave, e na folha de entrevista.

Quando acabava a entrevista, desligava o gravador do celular quando era presencial e a gravação do *google meet*, e podia me dedicar aos meus registros. N e nas entrevistas presenciais, esse era o momento em que eu mandava mensagem de áudio para meu WhatsApp, no qual que abri um grupo somente comigo chamado “diário de campo”, reforçando as respostas e registrando por voz aspectos que haviam chamado a atenção ao longo da interlocução. Era indispensável esse procedimento da utilização do diário de campo em lugares estratégicos.

De acordo com a pesquisa de Winkin (1998), a utilização do diário de campo desempenha três funções principais: “*a emotiva, a empírica e a reflexiva/analítica*”. Essas funções são especialmente relevantes em etnografias, uma vez que essas situações dinâmicas envolvem uma multiplicidade de eventos ocorrendo simultaneamente. Nesse contexto, a capacidade de registrar esses eventos é crucial para preservar os dados e facilitar o gerenciamento das emoções durante o trabalho de campo.

Além desse momento, ocorriam as estratégias de observação nos cemitérios que precisaram ser desenvolvidas para dar alguma sistematicidade à observação do cotidiano. Em todo esse momento de observação usava meu bloco de anotações ou fazia mapas mentais de situações que aconteciam e que não poderia anotar naquele momento, pensando nesse espaço para não “chamar atenção”. Desse modo, fui desenvolvendo e percebendo as estratégias do antropólogo no processo de pesquisa, tentando me passar às vezes por um “pesquisador invisível”, ou, no mínimo, discreto, atitude que em algumas situações era necessária para se manter no campo.

Uma certa fluidez em relação ao diário de campo é fundamental no momento da entrevista, havendo momentos que interrompia a escrita. As conversas eram mais fluidas quando não estava escrevendo, pois percebia outras questões que não tinha demarcado no roteiro. Elementos novos apareciam, igualmente, quando o gravador era desligado. As emoções das enlutadas apareciam em diversas situações, de modo que rapidamente parava de realizar as anotações e fazia um mapa mental de palavras. As enlutadas ficavam me mostrando fotografias, objetos, notícias que foram matérias importantes que utilizei no decorrer da tese.

É preciso ressaltar que o gravador foi primordial nesse processo, “objetivando garantir a autenticidade dos depoimentos representados pela fala dos entrevistados e transcritas” (Piana, 2009, p. 179). As gravações tinham uma autorização prévia das interlocutoras e uma teve um problema na gravação que não saiu o áudio, e precisei anotar o que me foi revelado no meu diário de campo.

À medida que as entrevistas com/sem gravações estavam sendo realizadas, o diário de campo era levado como apoio, “auxiliando e elaborando as impressões” (Fleischer; Ferreira, 2014), já que a gravação não registra tudo que ocorre numa interação entre duas ou mais pessoas. Meu diário de campo assume diversas funções. Em alguns momentos, ele pode parecer atrapalhar, como mencionei anteriormente, mas é importante destacar a sua relevância na pesquisa como ferramenta para a sistematização do pensamento. Vale a pena destacar dois momentos distintos em que o diário é utilizado durante a pesquisa: as anotações feitas no campo e o registro feito em casa. Ambos são elementos essenciais, com o meu diário sendo preenchido manualmente em algumas ocasiões e, em outras, digitado diretamente no computador, dependendo da dinâmica com cada interlocutora durante a pesquisa. Para Weber (2009):

É no diário de campo que se exerce plenamente a “disciplina” etnográfica: deve-se aí relacionar os eventos observados ou compartilhados e acumular assim os materiais para analisar as práticas, os discursos e as posições dos entrevistados, e também para colocar em dia as relações que foram nutridas entre o etnógrafo e os pesquisados e para objetivar a posição de observador. É, pois, o diário de pesquisa de campo que permitirá não somente descrever e analisar os fenômenos estudados, mas também compreender os lugares que serão relacionados pelos observados ao observador e esclarecer a atitude deste nas interações com aqueles (Weber, 2009, p. 158-159).

Além das entrevistas e observações, utilizei *documentos da pandemia*, protocolos, diário oficial, normas técnicas, artigos, decretos, entre outros, *construindo uma trilha de papeis* (Lowenkron; Ferreira, 2020, p.47) e discutindo eventos que não foram presenciados, e como esses documentos produzem *narrativas etnográficas sobre cenas* (Vianna, 2014). Comecei a realizar o mapeamento dessa documentação na perspectiva de Hull (2012), para quem lidar com

documentos é justamente olhar *através* deles, e não *tanto* para eles (p.253). Dessa forma, comecei a enxergar os documentos além do escrito, e o que eles produziram para as enlutadas em termos de suas emoções.

Latour (2008) nesse sentido, entendemos esses objetos e documentos das enlutadas enquanto *actantes*, uma vez que contribuem, em alguma medida, para fazer lembrar aqueles que se foram, para manter sua memória viva através desses objetos. As ferramentas de pesquisa antropológica na perspectiva clássica e contemporânea, desempenham um papel fundamental na metodologia do *façer antropológico*, permitindo um aprofundamento de detalhes na produção de dados, analisá-los e interpretá-los de maneira densa. Essas ferramentas foram essenciais para obter o detalhamento das narrativas, para compreender as relações sociais das enlutadas e construir o que chamo das *narrativas de mortes*.

1.3 O QUE É PRÁTICO E O QUE É TEÓRICO: CRUZAMENTOS ENTRE DESENHOS, IMAGENS E LINHAS NO FAZER ANTROPOLÓGICO

1.3.1 “Posso enviar o que tenho?” relatos da pandemia e a criação do material etnográfico

Aqui e agora, diante de vocês, quero descrever o material imagético que permeia este trabalho. Antes de falar do processo metodológico, agradeço a confiança e o cuidado conjunto para trazer ao leitor em forma de outros registros as memórias pandêmicas. As linhas que se transformam em desenhos, ou ainda, que ganham vida em gráficos, são fruto de um resgate colaborativo entre as interlocutoras e eu, um registro das memórias, sentimentos, apresentados agora aos leitores desta tese. Esse processo também foi um espaço de reencontro com o material que tanto eu quanto as interlocutoras produzimos. Em muitos momentos, no isolamento social, o que nos restava eram esses registros, carregados de significados, que agora ganham nova forma e sentido.

Durante o desenvolvimento desta tese, explorei uma gama de materiais produzidos por pessoas enlutadas, elaborados em diferentes momentos relacionados à pandemia, ao processo de adoecimento, morte e luto. Além disso, também produzi no meu diário de campo registros e resgates que documentam as experiências pandêmicas, especialmente durante o auge da pandemia de Covid-19. Quero deixar evidente que há materiais produzidos diretamente para a tese e outros que as enlutadas já haviam criado para si mesmas e trouxeram para a pesquisa como recurso e dados de campo. Para garantir uma padronização entre todas as enlutadas, decidi abrir espaço para que, quem se sentisse à vontade, enviasse algum material que gostaria de mostrar, de acordo com o objetivo da tese.

Os documentos e registros que coletei referem-se a dois momentos principais: (i) aqueles criados durante o período da pandemia e (ii) aqueles desenvolvidos posteriormente, após a perda dos entes queridos. Esse período de confecção dos materiais também foi considerado no momento das entrevistas. A análise desses materiais começou com uma abordagem exploratória, em que busquei identificar temas comuns, padrões e variações nas expressões da memória. Em certo ponto da tese, esses materiais tornaram-se meu guia para a construção dos subcapítulos.

Confesso que, ao receber esses materiais, todos enviados na modalidade *online*, encaminhados via *Whatsapp* ou *gmail*, fui tomado por uma emoção e chorei alguns momentos – fiquei nervoso em saber como poderia realizar a análise desses dados de campo. A materialização dos documentos pandêmicos afetou meu corpo de uma forma inesperada, fez-me retornar ao momento das nossas conversas, e, assim, outros marcadores e problemáticas na pesquisa começaram a emergir. Cada documento trouxe não apenas dados, mas camadas de vivências e afetos que agora reconfiguram a própria trajetória da vivência das enlutadas e minha relação direta com a tese. A partir disso, comecei o estímulo de colocar também as minhas próprias observações de campo, que mostrarei no decorrer do trabalho.

À medida que os materiais chegavam, estabeleci um critério sobre quais deveriam ser utilizados, decidindo usar, no mínimo, três materiais de cada enlutada. No entanto, nem todas enviaram materiais, o que me levou a fazer esse recorte para garantir equivalência entre elas e o material enviado. No direcionamento da minha análise, examinei como o contexto da pandemia acrescentou uma camada às suas práticas sociais, influenciando tanto as emoções expressas quanto as estratégias de enfrentamento. Esses registros são perceptíveis como formas políticas do luto, como pode ser observado nas “cartas de saudades” e nas fotografias tiradas no dia da vacinação.

A participação na oficina 2, “desenho-conhecer e outras amarrações antropológicas”²⁹, durante a Reunião Brasileira de Antropologia em Belo Horizonte em 2024, despertou em mim uma reflexão sobre como poderia estruturar todo esse material no fazer antropológico em minha tese. Essa reflexão se intensificou na sessão “Bordar-Transgressões: tecnologias ancestrais para cerzir o amanhã”, no qual fui instigado a pensar nos múltiplos usos do “conhecer-técnica” e nas diversas amarrações antropológicas que se entrelaçam nesse processo. A ideia de que “tudo o

²⁹ São ministrantes da oficina OF 02: Desenho-conhecer e outras amarrações antropológicas Ralyanara Moreira Freire, vinculada à Ciranda da Arte da Secretaria de Estado da Educação de Goiás (SEDUC-GO); Rachel Paterman, pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz); e Alexandre Silva, docente da Universidade Federal do Pará (UFPA). A coordenação da oficina ficou a cargo de Aina Guimarães Azevedo, vinculada à Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Essa oficina foi parte das atividades do Prêmio Pierre Verger e visa explorar potenciais do conhecimento antropológico pelo desenho e pelo bordado, conectando ministrantes com experiência em artes visuais, antropologia e arte-educação a participantes que se interessem em descobrir modos de fazer etnografia e compor saberes através dessas práticas.

que comparece ao olhar ou perante o olho interior pode aclarar-se através da imagem ou transformar-se numa imagem” (Belting, 2012, p. 21) evidencia que a imagem, ao ser levada como metodologia, torna-se inevitavelmente um conceito antropológico. Assim, as amarrações entre o visível e o invisível, entre a escrita e as fotografias, desenho e entre outras ferramentas, constituem-se como formas de protagonismo na análise dos dados.

O meu primeiro questionamento, que surgiu na oficina, foi sobre os termos “o que é prático” e “o que é teórico” e como a subjetividade aparece, assim como o tempo, na construção da identidade. Refletindo sobre o texto “o ofício do Etnólogo, ou como ter *Anthropological Blues*”, a coleta de um bom material, isto é, dados etnográficos que permitissem um diálogo mais intenso e profícuo com as teorias conhecidas, certamente resultaria no nascimento de novas teorias” (p. 2).

Em seu texto, DaMatta (1978) refere-se aos aspectos “românticos”, desde que se esteja consciente deles, e “anedóticos” das experiências de campo, ao (re)descobrir as emoções, afirmando que “seria possível dizer que o elemento que se insinua no trabalho de campo é o sentimento e a emoção” (p. 7). DaMatta argumenta que o trabalho de campo não se limita à observação objetiva, pois envolve dimensões subjetivas do pesquisador. Ao reconhecer os aspectos “românticos” e “anedóticos” da experiência etnográfica

Uma “ciência interpretativa destinada antes de tudo a confrontar subjetividades e delas tratar. De fato, neste plano não seria exagero afirmar que a Antropologia é um mecanismo dos mais importantes para deslocar nossa própria subjetividade” (DaMatta, 1978, p.2). Fui levado a refletir sobre várias questões que emergiram entre o meu objeto de estudo e as teorias da antropologia da morte. Esse processo me fez pensar na minha própria metodologia, simbolizada pelo ato de bordar, entre agulhas e linhas pretas sobre um tecido marrom.

Durante a produção desse pensamento, comecei a registrar em meu caderno esses questionamentos, refletindo sobre como conectar toda essa reflexão e fazer um bordado já que não possuo intimidade com a técnica. DaMatta (1978) enfatiza essa ideia ao sugerir que o trabalho de campo é permeado por sentimentos e emoções. A antropologia, então, não se resume a descrever o “outro”, mas também envolve o deslocamento da própria subjetividade do fazer antropológico, levando-o a questionar suas próprias premissas, “é que ele precisa do outro como seu espelho e seu guia” (DaMatta, 1978, p.12).

Foi quando pensei nesse título que foi um dos meus entraves na pesquisa “o que é prático e o que é teórico: cruzamentos entre desenhos, imagens e linhas no fazer antropológico”, posso afirmar que minha metodologia se insere justamente nessa intersecção entre o prático e

o teórico, e todas essas formas de documentos que podem ser utilizados na construção do trabalho.

Figura 1 – Caderno de campo e material da oficina



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

O bordado que realizei e mostro acima, com suas linhas trêmulas e formatos iniciais, simboliza uma prática material que carrega em si um conteúdo. Cada ponto e linha desenhada representa uma conexão entre o que é visível e o que é reflexivo, uma articulação de saberes subjetivos e temporais. Assim, os cruzamentos entre os desenhos, as imagens e as linhas tornam-se uma materialização para o próprio fazer antropológico, no qual o prático e o teórico se entrelaçam, criando formas de compreensão das próprias narrativas.

Figura 2 – Caderno de campo e material da oficina



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Quando percebi que um único bordado poderia trazer duas formas de visão, que em certos momentos o “W” seria apresentado com a inicial do meu nome e, em outros, quem

estivesse olhando a mesma imagem poderia vê-lo como um “M”, representando o objeto de pesquisa, compreendi uma dualidade. Essa dualidade revela que a mesma imagem pode ser interpretada de maneiras diversas, em um momento, como minha percepção inicial, e em outro, como a percepção do outro.

Dessa forma, fica evidente que o material que está sendo incorporado à tese reflete essa dimensão do olhar, a subjetividade, a apresentação de outros sentimentos, destacando o que as interlocutoras desejavam que eu visse. Durante a oficina, percebi quão intrincada é minha ligação com o objeto de pesquisa, e qual importância ter essa sensibilidade no olhar no material das interlocutoras.

Assim, nossas conversas eram conduzidas e refletidas da seguinte maneira: as interlocutoras enviavam um material imagético ou de outra ordem, podia ser uma fotografia, por exemplo; em seguida, havia uma descrição da fotografia ou do material trazido por elas, que depois era rediscutido, junto com elas. No contexto desses materiais na tese, realizava-se um levantamento das etapas, identificando em qual parte do trabalho esses materiais se encaixavam melhor dentro do capítulo.

Neste momento, destaco todas as categorias de materiais que compõem a base empírica da tese. A primeira categoria envolve os desenhos, que, ao capturarem detalhes visuais das situações etnográficas da memória das interlocutoras como do pesquisador, percebendo uma representação não verbal das interações sociais vivenciadas no momento da pandemia, me permitem refletir na perspectiva do desenho etnográfico e do diário de campo, bem como o diário gráfico (Azevedo, 2016; Kuschnir, 2012; Velame, 2020).

De acordo com Azevedo (2016), o desenho permite um investimento na observação, ajudando o pesquisador a perceber e registrar elementos que podem ser desconhecidos ou não evidentes no momento da pesquisa, sendo utilizado para criar narrativas gráficas antropológicas, que oferecem uma nova forma de apresentar e discutir as experiências de campo.

Um desenho tem a qualidade de demorar-se em sua execução, algo que o aproxima de uma filmagem, sem termos, no entanto, a necessidade quase mimética de “re-bobinar a fita” para recuperar aquela passagem temporal a fim de observarmos novamente o que registramos. Ao demorar-se em sua execução – seja esse desenho mal feito ou até mesmo um simples esboço – o que ocorre é um certo tipo de investimento na observação que, por alguns momentos, se detém na percepção e inscrição de elementos eventualmente desconhecidos do pesquisado (Azevedo, 2016; p.107).

Assim como destaca o pensamento de Azevedo (2016), o desenho se aproxima de uma filmagem por capturar um momento de observação prolongada, mas se diferencia das filmagens também por não permitir “rebobinar”. No meu trabalho de tese os desenhos

permitiram que as enlutadas dessem uma “pausa” em sua experiência e refletissem sobre os sentimentos que emergem na pandemia – essa metodologia foi elaborada no decorrer da pesquisa por mim e pelas interlocutoras. Não se tratou, nesses casos, de um desenho como forma de observação e sim como uma maneira de rememoração.

O desenho fixa no papel um registro emocional contínuo pandêmico. Cada linha, forma um esboço carregado de uma intenção e uma emoção que refletem o adoecimento, a morte e o luto. Para Velame (2020), os desenhos permitem identificar técnicas, métodos, objetos e coisas observadas durante experiências etnográficas. Entretanto, ao considerar o diário gráfico como ferramenta, debatemos o diário de campo, o que nos permite situar o ato de desenhar no contexto do trabalho de campo (Azevedo, 2016, p. 104). Nesse processo, os desenhos se configuram não apenas como uma expressão, mas como um meio de descoberta e de recuperação de si mesmo (Kuschnir, 2012, p. 298).

Os registros do diário de campo, enquanto repositório das observações cotidianas e elaboração dos esquemas, refletem o processo contínuo de reflexão no momento da pandemia, e uma *recuperação de si*, como destaca Kuschnir (2012), fiz um recorte do meu diário e anexei na tese como recurso de dados e informações sobre meus registros da pandemia. As tabelas e esquemas desenhados organizam os dados coletados das narrativas das interlocutoras, permitindo uma visualização de categorias que surgem durante as entrevistas e análise.

É importante considerar que, no âmbito do meu trabalho, é possível identificar dois usos distintos do desenho. De um lado, estão os desenhos produzidos pelas interlocutoras, que funcionam como dispositivos de rememoração, permitindo dar sentido às emoções, aos espaços, aos objetos e às experiências sensíveis, não como observação direta, como realizado pelos autores/as citados anteriormente, mas como recriação da memória em uma temporalidade já vivenciada. Esses desenhos acessam outras formas de percepção e de registro, mobilizando afetos e temporalidades que escapam à descrição verbal. De outro lado, encontram-se os desenhos/colagem e esquemas realizados por mim, produzidos não a partir da observação em campo, mas como efeito das experiências vividas no isolamento, em contato mediado com relatos, documentos e outros materiais etnográficos.

As fotografias desempenham um papel central na tese, não apenas ao longo dos capítulos, mas também nos três ensaios fotográficos presentes no final do trabalho. Esses ensaios documentam cenas do cenário social do Dia de Finados, imortalizando momentos, além das imagens das vítimas da Covid-19. Minhas interlocutoras descrevem essas fotos como “congeladas”, pois o semblante de seus familiares impede que saibam como seriam hoje, anos após sua morte. Já as cartas manuscritas, que foram fotografadas, são apresentadas no capítulo

sobre o luto. Elas revelam as percepções e sentimentos das interlocutoras, constituindo um meio de acesso direto às suas subjetividades e uma forma de despedida.

No texto “Rastreando a fotografia” de Elizabeth Edwards (2016) a fotografia colabora a capturar e representar aspectos visuais das culturas, permitindo que os etnógrafos documentem práticas, rituais e modos de vida de maneira mais vívida e acessível. Elas oferecem uma forma de evidência que complementa as descrições textuais, com isso, utilizo das fotografias como esse resgate dos aspectos dos rituais pandêmicos.

Como Edwards (2016) destaca, é precisamente a forma de tais dinâmicas sociais e o fluxo de imagens dentro dessas dinâmicas que são antropologicamente reveladoras, na documentação das práticas. Essa virada reflexiva, bem como as questões de voz e as políticas das práticas representacionais, também tiveram um impacto na prática do trabalho de campo, especialmente em relação à ética das imagens. (Edwards, p.178). Uma imagem representa, no sentido bem simples de que ela torna presente qualquer coisa ausente [...] ela representa algo ausente, reproduzindo aspectos de sua aparência visível ou daquilo que se estabeleceu como a sua aparência (Caiuby, 2008, p. 459).

O uso da imagem em antropologia tende a se circunscrever à busca da objetividade legitimada pela câmera, e seu papel na pesquisa etnográfica permanece como uma forma de colecionar evidências (Bittencourt; 2018 p.227). De acordo com a autora, a fotografia acaba sendo um instrumento de trabalho de campo, e é apresentada como uma técnica fundamental de registro antropológico.

Já Marinho (2017) destaca que a fotografia é tratada como uma janela que observa o mundo tal qual ele se apresenta, uma representação visual da realidade. “Após muitos debates acerca da veracidade, a imagem fotográfica passou a ser compreendida como um novo formato de enquadrar as diversas percepções do mundo real” (p.68). De acordo com o pensamento de Daniel Marinho (2017), a fotografia oferece uma forma de capturar e representar a realidade social de maneira visual, permitindo que os pesquisadores documentem contextos, culturas e interações humanas. Nesse sentido, eu próprio me utilizei dessa ferramenta principalmente para capturar o ritual do dia de Finados.

Já o ensaio fotográfico de Reis e Gonçalves (2023), “A Covid-19 experienciada: adoecimento e experiência pública desde uma Antropologia Visual da Saúde”, não aborda a fotografia como uma representação direta da realidade, mas como uma reelaboração performativa, num registro misto entre antropologia e arte, que permite reelaborar sentidos e experiências além do registro narrativo/verbal. Nesse ensaio, as imagens remetem a experiências de adoecimento e torna-se evidente a subjetividade das experiências humanas, especialmente no

contexto da pandemia de Covid-19. Nesse cenário, as imagens pandêmicas capturam não apenas os aspectos visíveis da doença, mas também as emoções. A partir de uma Antropologia Visual da Saúde, essas imagens revelam a intersecção entre o individual e o coletivo, expondo a forma como a Covid-19 foi experienciada e o manejo do risco.

“A antropologia visual não almeja, dentro dos novos padrões de pesquisa, apenas esclarecer o saber científico, mas humanisticamente compreender melhor o que o outro tem a dizer para outros que querem ver, ouvir e sentir” (Andrade, 2002, p. 110-111). Juntas, essas diferentes formas de registros visuais formam uma teia de documentação metodológica, ao dialogarem entre si, com os outros, complexificando a compreensão das questões abordadas na pesquisa sobre o adoecimento, a morte e o luto.

1.3.2 O tratamento das imagens: texturas e contrastes na tela

Esses desenhos e fotografias foram inseridos no programa Photoshop, no qual passaram por um processo de recorte para gerar imagens sem fundo. Em seguida, algumas foram convertidas para preto e branco, visando aumentar a visibilidade, já que havia a dificuldade de legibilidade em alguns desenhos. Além disso, a escolha das cores em preto e branco estava alinhada com o conceito de luto, uma cidade sem vida no primeiro ensaio fotográfico e nos espaços de memória na cidade que vão aparecer no decorrer da tese.

Foi necessário ajustar tanto as cores quanto o contraste para garantir uma melhor legibilidade, de forma que o observador pudesse compreender o desenho de maneira ampla, como por exemplo os desenhos com mais de uma informação, simbolizando um cenário amplo na narrativa. Algumas correções também foram realizadas, especialmente nas cartas, que após o recorte inicial precisaram ser retocadas com as ferramentas de pincel e lápis do próprio Photoshop, além de um efeito de contraste para aprimorar a visualização da proposta.

No caso das cartas, foram aplicados filtros para um melhor desempenho de seleção e posterior recorte. Esta técnica possibilitou o melhor destaque das letras, sendo assim, se tornando mais fácil a retirada do fundo. O pigmento preto foi adicionado às letras para corrigir falhas no recorte, garantindo maior legibilidade.

As fotos das vítimas da Covid-19 foram recortadas e inseridas em uma máscara que simula uma foto polaroide, acompanhada de uma simbologia de flores, remetendo a etapas ritualísticas no processo de morte. A cor acinzentada também faz alusão ao luto, e foram colocadas sobre uma textura de papel recortado, baixada de um banco de vetores. Essa textura original branca foi tonalizada para harmonizar com a paleta de cores escolhida. Dentro dessa composição, foram adicionadas informações tipográficas em estilo de máquina de escrever,

reforçando o conceito da identidade visual abordada. As informações incluem o nome da vítima, um número de identificação, conceito abordado pelo autor da tese, e a data de falecimento.

1.4 PEGUEI A COVID-19 NO FAZER PESQUISA: OS SENTIMENTOS DA MORTE COM O VÍRUS

Como pesquisador na área das ciências sociais e precisamente nos estudos da morte, nunca imaginei que seria eu mesmo a vivenciar a angústia da realidade da Covid-19, entre números de mortes e o medo de ser infectado. No entanto, em um momento de internação, no ano de 2021 (com muitas idas e vindas), do meu tio no Hospital da Polícia Militar General Edson Ramalho (PMPB), percebi que seria ali que iria contrair o vírus, já que estava em uma experiência intensa e angustiante, marcada por sentimentos conflitantes em relação ao cenário que estávamos vivenciando.

Não estava me sentindo confortável com o modo como estava ocorrendo a gestão da pandemia, pois percebia que o afrouxamento do “isolamento social” estava tendo relação direta com aumento de casos de coronavírus no período de setembro. Nos meses de setembro a novembro de 2020, o Ministério da Saúde (MS) estava sem titular efetivo, as eleições municipais estavam acontecendo de modo presencial e as medidas preconizadas para diminuir o contágio pelo coronavírus, como lavar as mãos e evitar aglomerações, não pareciam ser mais uma preocupação geral, praias e bares estavam lotados. Mesmo após o decreto 40.242 do Governo da Paraíba, que determinava o uso obrigatório de máscaras em ambientes públicos, muitas pessoas circulavam sem máscaras pelas ruas e mesmo em espaços fechados. Não por acaso, eu mesmo acabei contraindo Covid-19 e tive vários dos sintomas compatíveis com a doença.

Seguindo os protocolos clínicos do MS e da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), procurei minha unidade do Programa de Saúde da Família (PSF) presencialmente e informei os sintomas. Meu corpo estava mais cansado que o normal, e já tinha perdido meu paladar e olfato. Fui fazer o teste no postinho do meu bairro, recebi o diagnóstico positivo, senti um misto de choque e medo, da realidade do que estava por vir. Ouvir as palavras da enfermeira “você está com Covid-19” trouxe uma enxurrada de emoções avassaladoras, não ser negacionista trouxe uma dimensão do medo de morrer. Eu sabia que havia uma chance real de que minha saúde pudesse ser agravada, já que sou um homem acima do peso, e que eu estivesse em perigo. Nesse momento, não estava com medo de transmitir para minha família, pois todos já haviam tido a covid-19 e eu era o único que tinha conseguido evitar até então, mesmo morando na mesma casa. Essa perspectiva mexeu comigo de uma forma que nenhum estudo que tinha feito ou as pesquisas coletivas poderia ter me preparado, pois minhas emoções estavam a mil.

Conforme os sintomas se agravavam no meu quarto, onde eu estava em isolamento para evitar a transmissão da Covid-19 aos outros membros da minha família, experimentei a fragilidade da condição humana, de solidão e afastamento. Coriza, dor de garganta e cabeça, dor nos olhos, a febre alta com 39º graus, a falta de ar (que era mais por ansiedade do que a própria doença) e a fadiga extrema me envolviam em uma situação de lamentação. A morte, que antes parecia algo que estava apenas lendo, agora estava presente, ao menos nos meus pensamentos, e minhas preocupações. Nesse momento, dei uma pausa nas leituras e na participação no Memorial e fiquei me cuidando.

Enquanto lutava contra minha própria mente, embarquei em reflexões sobre a vida, as oportunidades que abandonamos, as coisas que não experimentamos antes da pandemia e as nossas conexões com amigos e familiares. Questionava-me sobre o impacto da minha pesquisa e o meu papel na sociedade, deixando a minha mente vagar em uma série de cenários. Então, num momento de intensa ansiedade, eu estava conversando com meus amigos Michel Pessoa e Ana Carolina, e rapidamente decidi fazer uma chamada de vídeo. Esse simples gesto me acalmou, e, em seguida, abri a janela do quarto para respirar profundamente. O meu quarto parecia que estava se fechando sobre mim, que estive dentro dele sem sair em um período de sete dias, depois da comprovação.

Ao mesmo tempo em que enfrentava os desafios físicos e emocionais da covid-19, também comecei a receber notícias de perda de pessoas da vizinhança. Conhecidos do bairro, que lutavam contra a Covid-19 e, infelizmente, alguns não conseguiram sobreviver, e no mesmo momento eu me questionava sobre os que sobrevivem e os que morrem. A cada notícia de uma pessoa perdida, entendi o “privilégio” de continuar vivo. A dor de perder alguém da minha família ou amigos próximos para covid-19 aumentava minha ansiedade nesse período com o vírus, o tempo livre fez em pensar mais nos pontos negativos que estava passando.

Apesar de todas as dificuldades, encontrei força e aos poucos, fui retornando às minhas atividades. Os sintomas começaram a diminuir, como o retorno do paladar e olfato, o corpo fraco retornou e a vontade de retomar minha pesquisa apareceu depois de quinze dias. A experiência de ter enfrentado a Covid-19, com os sintomas leves, dentro da minha casa e com o suporte da minha família, trouxe-me uma nova perspectiva sobre a importância do meu trabalho, a urgência de buscar respostas e soluções para essa pandemia, e principalmente para aqueles que não tiveram o mesmo privilégio que eu.

Depois disso, resolvi voltar ao campo. Como disse anteriormente, minha pesquisa de mestrado foi atravessada pela pandemia e meu projeto de tese foi elaborado no meio desse atravessamento. Minha pesquisa de campo do mestrado tinha sido interrompida no mês de

março de 2020, quando a OMS declarou o estado de pandemia por conta da Covid-19 e os diversos estados começaram a decretar medidas sanitárias para evitar a propagação do novo coronavírus. Fui informado da suspensão do campo pelas redes sociais do HNL e também de como a Covid-19 afetou o campo, inclusive com a morte de uma profissional e a aposentadoria de vários outros, por conta da idade (Silva, 2023).

Na minha dissertação de mestrado (Silva, 2021; Silva, 2023), discorro sobre algumas das mudanças que percebi ao meu retorno a campo, sobretudo nas relações interpessoais e no manejo dos EPIs. Para o objetivo deste texto, entretanto, destaco que naquele momento, após minha completa recuperação, retomei com renovadas forças minha colaborando como voluntário do Memorial de Vítimas da Covid-19, mais sensibilizado ainda pela experiência recente de doença. Paralelamente, continuei realizando a pesquisa e indo colaborar como voluntário do Memorial de Vítimas da Covid-19.

1.5 A CAIXA DE MENSAGEM: O MEMORIAL ENQUANTO ENTRADA NO CAMPO

Como adiantei na introdução desta tese, meu engajamento no Memorial ocorreu no momento inicial da pandemia quando, me deparando com números crescentes de mortes, pensei em como poderia contribuir com as vítimas e com suas histórias. Foi quando, durante conversas com os membros da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC) no grupo do *Whatsapp* do qual faço parte, tive conhecimento sobre a necessidade da atuação de voluntários no recém-criado Memorial das Vítimas do Coronavírus no Brasil, coloquei-me à disposição e de imediato comecei a ajudar em um grupo chamado “Memorial rede covid-19”³⁰.

Minha colaboração no Memorial iniciou em julho de 2020 em conversas com a presidente da ABEC Elisiana Castro, que incansavelmente estava procurando histórias, jornais e conversando com enlutados no bate papo do facebook³¹. Como já tinha dito, meu andamento no memorial se deu da seguinte forma: em conversas diretas com os enlutados via chat e, em outro momento, procurando notícias e *hashtags* no Instagram e *Twitter* sobre vítimas da Covid-19.

As conversas ocorriam no chat do Memorial enquanto eu estava de “plantão”. Eram repletas de revolta e recusa em aceitar a morte pela ausência do corpo. Eu costumava escrever cerca de cinco histórias por dia. Era nítida, a necessidade que os enlutados tinham para

³⁰ A iniciativa do Memorial não foi isolada na pandemia. Referencio, igualmente, o *podcast* do Observatório Antropológico do PPGA/UFPB, no qual tive participação em um dos seus episódios sobre as mortes na pandemia: “Não são apenas números, são histórias, amores e sonhos”. Com parceria da Historiadora Elisiana Castro e Arqueóloga Pollyana Calado.

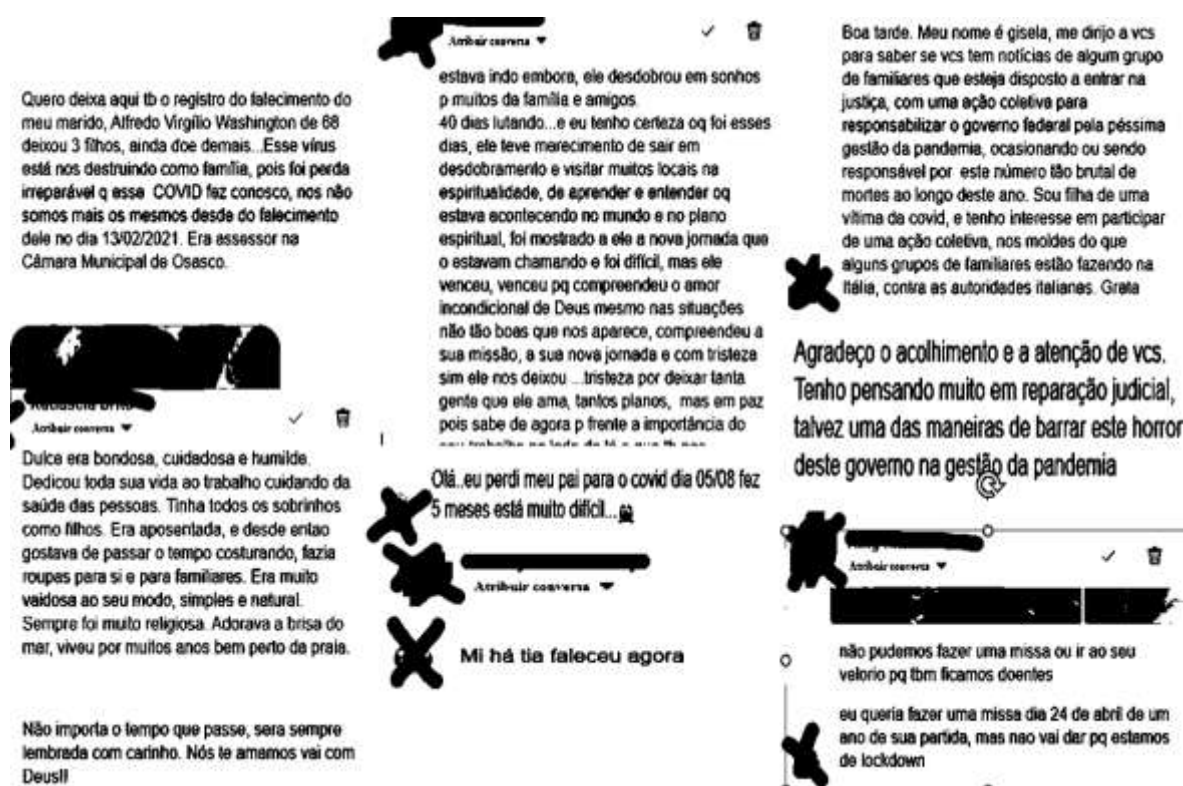
³¹ Link de acesso ao memorial: <https://www.facebook.com/memorialcoronabrazil> acessado 09/04/2024.

demonstrarem seu luto, sua declaração em tela, as palavras se tornavam uma fonte de vivenciar a morte coletivamente. Em um certo momento, percebia que o público do facebook esperava as postagens para comentar frases de lamentações e dores.

Percebi a necessidade de uma pesquisa quando comecei a entender a padronização das histórias. Às vezes já sabia o que ia acontecer, pegava no celular e via uma notificação do Memorial, imediatamente sabia que era uma nova morte.

Seguem algumas mensagens que eram encaminhadas para o memorial – destacam-se características pessoais dos falecidos, resgatam trajetórias e memórias, alguns clamam por justiça.

Figura 3 – Caixa de mensagens do Memorial



Fonte: Print feito pelo próprio autor (2022)

Além disso, essas eram as formas de pesquisa que fazia em busca de vítimas;

Figura 4 – Principais # do twitter



Fonte: *Print* feito pelo próprio autor (2022)

Quando realizava a publicação da foto, iniciavam-se os compartilhamentos, comentários, relações e curtidas. Nesse momento, eu ficava sempre atento, pois às vezes apareciam *haters*, pessoas que deixavam comentários prejudiciais ou ofensivos nas postagens, pessoas que falavam: “essas mortes são mentiras”; “notícia comunista”; “já tinha uma doença”, frases que diminuía a notícia da morte e fortaleciam o negacionismo. Nesses casos, eu procedia a apagar os comentários. Porém, a grande maioria lamentava as mortes. Figurinha de cara triste ou chorando e tom de revolta destacavam que essas mortes poderiam ter sido evitadas – um discurso muito presente relacionado ao debate público do sobre a falta de vacinação naquele tempo.

Gostaria de enfatizar que durante esse período, uma miríade de sentimentos me perpassava. Assumir o papel de “pesquisador voluntário” levou-me a uma reflexão sobre o importante papel desempenhado pelos antropólogos em posições semelhantes na preservação da memória das vítimas da Covid-19. Ao escrever suas histórias, fui capaz de conferir rostos e nomes aos números abstratos. Através da coleta de registros relacionados às vítimas na internet, nossa intenção era centralizar todas essas informações no memorial do Facebook. Esses registros tornaram-se uma representação em tela das vidas que se perderam ao longo da pandemia, criando um sistema de memória repleto de histórias, cores e comentários em cada postagem.

Confesso que o coração às vezes tremia junto com as pernas, quando os enlutados descreviam as lembranças das vítimas, reforçando a importância da pessoa para seus familiares.

Existiam publicações que mexiam de uma forma que não entendia, a “*dor dobrada*”, como quando um casal chegava a óbito em um pequeno intervalo de tempo, na sua grande maioria em 24h, lembro que no dia dos namorados contei essas histórias, foi de cortar a alma. Registrar essas histórias é fazer com que as linhas das tabelas numéricas tenham rosto e cores em tonalidades cinzas. Sendo essas cores forma visuais de dor e de revolta, de amores acabados pela pandemia.

Além disso, conseguimos fazer um acervo com as documentações dos impactos da Covid-19 com notícias, o que era *fake news* sobre as mortes e divulgação de protocolos. Outro ponto de importância de ser um pesquisador voluntário reside nas atualizações sobre as notícias e sobre a possibilidade de problematizar certos tipos de divulgação sem validade científica. Quando recebia um compartilhamento, antes de publicar no memorial ia verificar a veracidade da informação, pois estava em jogo a vida e a história do outro.

A partir da minha participação ativa no memorial de vítimas da Covid-19, a qual, na maioria das vezes, me levava a passar as manhãs em “plantão”, pude conscientizar-me e compreender os impactos da pandemia e o número das vidas perdidas, em conjunto com os usuários do memorial. Nas publicações do memorial, era possível perceber um “desdém” e um estigma em relação às pessoas adoecidas pela Covid-19 e aos mortos, reduzindo simbolicamente o sofrimento.

Além disso, o memorial promoveu a colaboração interdisciplinar e me permitiu conhecer outros pesquisadores da área dos estudos da morte, como também, enlutados que colaboram no andamento do memorial. Tive a oportunidade de interagir com profissionais de diversas áreas, como jornalistas, psicólogos, historiadores e arqueólogos, entre outros, compartilhando conhecimentos sobre a pandemia e experiências; em alguns momentos, ocorreram formações internas, das quais tive a oportunidade de participar.

Essa colaboração interdisciplinar de pesquisadores de várias áreas como voluntário do Memorial do Coronavírus no Brasil enriqueceu a compreensão da complexidade dos impactos da pandemia, das circunstâncias das mortes e da diversidade dos mortos e da tarefa de promoção da memória. Através dessa troca, conseguimos auxiliar em outras medidas de apoio a familiares, como informações, assistência em direitos e também buscamos oferecer um espaço de sentido no processo de luto. Uma das questões que a coordenadora falava era sobre como nossa participação no Memorial poderia colaborar nas políticas públicas relacionadas às políticas de memória e à resposta a pandemias.

A relevância dos pesquisadores voluntários em um memorial virtual das vítimas da Covid-19 vai além da simples coleta de dados sobre as histórias de vida. Ela fortalece a dedicação à preservação da memória das vítimas, impulsiona projetos de pesquisa, como foi o meu caso,

sensibiliza a sociedade para uma comoção coletiva, oferece apoio às famílias e amigos, e exerce uma influência significativa nas políticas públicas, também te deu um propósito em meio à impotência que o isolamento social impôs sobre nós, em um momento tão dramático. Esse trabalho desempenha um papel fundamental na luta por direitos, na compreensão da pandemia como um 'cenário de guerra' e na construção de um pensamento crítico para garantir que essas mortes não sejam esquecidas.

1.5.1 “A luta continua”: A Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19 (AVICO)

Conheci a Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19 – AVICO por meio das enlutadas do Memorial, que falavam da importância da associação em relação às suas demandas sociais e políticas. A AVICO aparecia em seus discursos como dando um apoio às enlutadas, fornecendo um ambiente seguro para que as vítimas da Covid-19 tivessem um espaço para compartilharem as suas experiências e emoções e buscassem apoio social. Também destacavam a atuação política da AVICO em busca de direitos, defendendo os interesses das pessoas afetadas pela pandemia.

Fundada em 8 de abril de 2021, em meio ao colapso da saúde pública na cidade de Porto Alegre/RS, e em todo o Brasil, a AVICO surgiu da indignação de Gustavo Bernardes (Advogado) e de Paola Falceta (Assistente Social) diante da ineficiência e negligência do Estado em lidar com as múltiplas consequências da pandemia de Covid-19.

A história pessoal de Gustavo e Paola tornou-se intrinsecamente ligada à luta contra a pandemia, ou pode-se dizer às mortes da pandemia. Gustavo foi internado e entubado no final de 2020 para tratar da doença e sofreu com as graves sequelas decorrentes da infecção da Covid-19. Enquanto isso, Paola foi infectada enquanto cuidava de sua mãe, que, infelizmente, faleceu em decorrência da doença em março de 2021. Ambos, unidos pelo trabalho na defesa dos Direitos Humanos, em uma situação de calamidade, acreditavam que somente a mobilização social e o enfrentamento coletivo poderiam minimizar os impactos da pandemia no Brasil.

Assim nasceu a AVICO, em busca de justiça e memória para as vítimas fatais da Covid-19 e para as pessoas com sequelas pela Covid-19, uma associação comprometida com a garantia e acesso aos Direitos Humanos. Embora legalmente constituída (com CNPJ - Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas), não se assemelha a uma empresa ou escritório de advocacia. É formada por trabalhadores voluntários que, solidariamente, oferecem seu apoio para outros que compartilham experiências similares. Como havia feito anteriormente no Memorial, eu me disponibilizei como voluntário da AVICO.

O coletivo decidiu não se conformar com as ações do Estado brasileiro diante do adoecimento e morte pela Covid-19. Para isso, considerou fundamental ocupar os diversos espaços políticos e sociais da sociedade, tanto os voluntários como os associados, buscando fazer com que histórias das vítimas sejam justicadas. Cada vida perdida não é um número, mas sim uma história, o amor de alguém. Para o coletivo “unidos, somos mais fortes e buscamos construir um futuro em que os Direitos Humanos sejam respeitados e protegidos para todos”.

Na página da AVICO, na aba “sobre nós”, eles descrevem;

Decidimos não ficar parados assistindo o Estado brasileiro contribuindo com o adoecimento e morte de nosso povo pela covid-19. E para isso, é fundamental que ocupemos os diversos espaços políticos e sociais da nossa sociedade, fazendo com que enxerguem e ouçam as nossas histórias. Somos vidas e amores de alguém e nunca nos reduzirão a números! **É na luta coletiva que somos mais fortes!**³².

Conhecendo a AVICO a partir das interlocutoras, pensei que seria importante incluir essa associação na pesquisa, de modo que entrei em contato com o *Instagram* da AVICO e a página me passou o contato de Paola Falceta, Presidente e fundadora da Avico Brasil. Paola imediatamente solicitou todas as documentações do comitê de ética, para posteriormente passar meu contato para as enlutadas. Após ela passar meu contato para as enlutadas vinculadas à AVICO, teve uma “chuva de mensagens” no *Whatsapp* e no meu e-mail, pensei até que tivessem clonado o meu número de celular.

Demorei dias para responder todas as mensagens, foram por volta de quarenta enlutadas que me procuraram para participar da pesquisa. Desse número fiz um recorte de familiares que tiveram seus entes queridos hospitalizados e não tiveram a chance de serem vacinados. Finalizei a pesquisa com um total de trinta enlutadas entrevistadas. Percebi que, em sua grande maioria são mulheres de “luto na luta”, como destacou uma das enlutadas. Além disso, a AVICO atua por meio da mobilização e do controle social.

A Avico Brasil, além de assessoria jurídica e apoio psicossocial, também faz um trabalho político muito importante de controle social, junto aos três poderes de Estado, Executivo, Legislativo e Judiciário nos âmbitos federal, estaduais e municipais, pleiteando a criação de políticas públicas de assistência multiprofissional e especializado aos sobreviventes com sequelas (variadas) da Covid-19. E de políticas públicas de proteção social para os órfãos da covid-19 ou familiares que perderam seus provedores e estão em situação de vulnerabilidade social por causa da pandemia. Como coletivo da sociedade civil, não pretende e nem pode ocupar o lugar de responsabilidade do Estado brasileiro. Para tanto, tem participado de diversas atividades que reúnem diferentes entes públicos, nas Câmaras de Vereadores, Câmara de Deputados Federais e do Senado, bem como em participantes em Comitês e Conselhos de Direitos (saúde, educação, direitos humanos etc.) solicitando a criação de políticas públicas, legislação ou liberação de verba para que os Estados e municípios possam criar tais políticas. Também cobramos prefeituras

³² Link: [Estrutura Organizacional \(avicobrasil.com.br\)](https://www.avicobrasil.com.br) acessado dia 07 de março de 2025.

municipais e governos estaduais a criarem políticas públicas relativas a covid-19. Ainda somos parceiros de outros movimentos sociais, ONGs, Organismos nacionais e internacionais e Universidades em campanhas, mobilizações e projetos sociais³³.

A Avico Brasil, além de oferecer assessoria jurídica e apoio psicossocial, realiza um trabalho político fundamental de controle social junto aos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Atua na defesa da criação de políticas públicas de assistência multiprofissional para sobreviventes com sequelas da Covid-19 e de proteção social para órfãos e famílias que perderam seus provedores. Como coletivo da sociedade civil, reconhece que não pode substituir o Estado, por isso participa de reuniões em câmaras municipais, assembleias, Congresso e conselhos de direitos, cobrando ações e liberação de recursos. Também dialoga com prefeituras e governos estaduais para que implementem políticas relacionadas à Covid-19 e mantém parcerias com movimentos sociais, organizações e universidades em campanhas e projetos³⁴.

Ter a participação das enlutadas da associação fez com que meu trabalho adquirisse outra dimensão, a da preservação da memória através das “cartas de resistência”, como um registro de guerra, registrando momentos que não tinham sido devidamente documentados antes das partidas dos familiares das enlutadas. Além disso, elas se engajam em movimentos sociais e na luta por seus direitos, acreditando que as mortes não são apenas resultado da ação de um vírus mas também decorrentes da atuação do Estado, e portanto poderiam ter sido evitadas. Essas mulheres estão empenhadas na busca por políticas de saúde, na elaboração de programas de prevenção para aqueles afetados pela covid-19, bem como na promoção de tratamentos mais eficazes e acessíveis durante e após a pandemia. Contribuem, ainda, para sensibilizar a sociedade acerca das repercussões das mortes e para garantir que não sejam esquecidas. Convencido da relevância desse projeto, tornei-me voluntário e apoiador da AVICO.

1.5.2 Os registros de memória no meio do vazio da cidade

Conforme mencionado anteriormente, além das entrevistas realizadas online, conduzi entrevistas presenciais na cidade de João Pessoa. Neste ponto, descreverei os cinco locais na

³³ ASSOCIAÇÃO DE VÍTIMAS E FAMILIARES DE VÍTIMAS DA COVID-19 – AVICO. *Mobilização e controle social*. Disponível em: <https://avicobrasil.com.br/mobilizacao>. Acesso em: 22 nov. 2025.

³⁴ A AVICO, tem Núcleos Estaduais, a ideia inicial de ser uma associação regional, mas com o crescimento vertiginoso de interessados de quase todos os estados do país em associarem-se, decidimos ampliar nossa atuação e criamos os Núcleos Estaduais. Que não tem sede física, mas estão permanentemente mobilizados através de grupo no whatsapp. E pelo qual são trocadas as informações mais atuais sobre a pandemia de covid-19, bem como são traçadas estratégias de planejamento, ação, mobilização ou agendamento de reuniões. Até o momento atuamos em vinte e quatro (24) Núcleos Estaduais, sendo eles: AL, AM, BA, CE, DF, ES, GO, MA, MS, MT, MG, PA, PB, PR, PE, PI, RJ, RN, RS, RO, SC, SP, SE e TO. Disponível em: [Núcleos Estaduais](#). Acesso em: 22 nov. 2025.

cidade de João Pessoa onde foram conduzidas as entrevistas presenciais. As enlutadas optaram por esses locais como espaços de memória, nos quais recordaram eventos que compartilharam com seus entes queridos, ou como lugares de amparo.

Quero destacar, que nesses lugares de amparo estávamos utilizando a máscara, artefato indispensável nas pesquisas presenciais realizadas em período pandêmico. Como destaca Mello (2022), “não apenas o diário, mas a máscara e o álcool em gel também me acompanham à campo” (p.28). Como também destaca Nogueira (2024), de acordo com as observações realizadas pela autora em seu trabalho de campo, até os finais de 2021 o uso de máscaras ainda era recorrente e a preocupação com a pandemia permanecia evidente, revelando um processo contínuo de readaptação ao convívio e às interações sociais. E, nesse encontro, eu e as interlocutoras estávamos utilizando máscaras como medida de segurança nesses espaços.

Nesta seção destaco que os espaços da cidade de João Pessoa desempenharam um papel significativo como lugares de recordação dos mortos para aqueles que permanecem enlutados. Nesse sentido, trago à baila Halbwachs (1990) como um autor indispensável para a reflexão sobre os suportes físicos da memória:

O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras. Como a imagem do quadro evocaria aquilo que nele traçamos, já que o quadro é indiferente aos signos, e como, sobre um mesmo quadro, poderemos reproduzir todas as figuras que se quiser? Não. Todavia, o lugar recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Então, todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, ao menos, naquilo que havia nela de mais estável. Certamente, os acontecimentos excepcionais também têm lugar neste quadro espacial, mas porque na ocasião certa o grupo tomou consciência com mais intensidade daquilo que ele era desde há muito tempo e até este momento, e porque os vínculos que o ligavam ao lugar se tornaram mais claros, no momento em que iam se romper. Porém, um acontecimento realmente grave sempre causa uma mudança nas relações do grupo com o lugar, seja porque modifique o grupo em sua extensão, por exemplo, uma morte, ou um casamento, seja porque modifique o lugar, quer a família enriqueça ou empobreça, quer o chefe da família seja convocado para um outro posto ou passe a ter outra ocupação. A partir desse momento, não será mais exatamente o mesmo grupo, nem a mesma memória coletiva; mas, ao mesmo tempo, o ambiente material não mais será o mesmo. (Halbwachs, 1990, p.133).

Nas entrevistas, foi destacado que à medida que as pessoas lidam com a perda de entes queridos, elas buscam formas de manter viva a memória, nesses *suportes físicos da memória*. Nesse sentido, a cidade se torna um ambiente que abriga essas recordações, ao mesmo tempo que traduz uma falta, como podemos perceber nas imagens abaixo.

As ruas, os parques, os salões de festas, cemitérios, os monumentos e os espaços públicos em geral podem adquirir um significado especial para as enlutadas, que começaram a perceber e observar esses espaços como *espaços de memória*. Esses locais podem ser visitados como um ritual particular, por todos os processos interrompidos que a pandemia causou. Ao caminhar no Parque Parahyba com Cláudia consegui perceber a ligação emocional, e tive oportunidade de vê-la reviver memórias e expressar seu amor e saudade. Nesse momento chorei bastante com essas experiências, como também me ocorreu com Taíze, que concedeu a entrevista em uma praça que trazia as memórias com seus familiares.

Além disso, a cidade oferece espaços específicos destinados à memória coletiva, como cemitérios, memoriais e áreas designadas para homenagear as vítimas e os falecidos, onde são realizados rituais, como o Dia dos Mortos. Uma das pessoas que entrevistei foi Maria do Céu, zeladora do cemitério Senhor da Boa Sentença, em João Pessoa, que enterrou suas duas irmãs no local em que trabalha. Ela fez um pedido especial a outras pessoas para cuidarem desses túmulos das suas irmãs, ao mesmo tempo em que se dedicava a outros túmulos pois não conseguia limpar os túmulos nos quais as suas irmãs estavam enterradas. Maria do Céu, no entanto, não deixava de prestar suas homenagens, acendendo velas e colocando flores. Esse espaço proporciona uma oportunidade para as pessoas se conectarem com outros enlutados, compartilharem histórias das diferentes vivências da pandemia, e encontrarem conforto junto aos colegas que trabalham no cemitério.

É importante ressaltar que cada enlutada encontra suas próprias maneiras de lidar com a perda dos seus mortos. A forma como a cidade é percebida e utilizada como espaço de recordação foi perceptível na escolha do local das enlutadas para realização das entrevistas, porém esses lugares podem variar de acordo com a cultura, as tradições e as preferências individuais e segurança. Além disso, a cidade como espaço de recordação pode mudar ao longo do tempo, acompanhando o processo de luto e adaptação das enlutadas.

Neste momento, quero falar dos espaços de memória escolhidos pelas minhas interlocutoras para a realização das entrevistas presenciais. Ao caminhar pelo Parque Parahyba com Cláudia, consegui perceber a ligação emocional dela com o local. Esse foi meu primeiro contato direto com uma das minhas interlocutoras. Lembro que peguei um Uber para esse local, pois não tinha ideia de onde ficava. Estou nervoso fazendo esse relato agora. Imagine quando a encontrei.

Cláudia era uma conhecida dos tempos de Ciências Sociais e fez estágio docente em uma das disciplinas de Antropologia que eu cursava. Acompanhei toda sua manifestação nas redes

sociais quando da morte de seu companheiro. A luta em prol de justiça social nas redes sociais dela fez com que eu sentisse responsabilidade nesse encontro. Circulamos em volta da praça e minha garganta estava presa. Estava suando frio. Quando nos sentamos em um banco da praça e olhei para o rosto dela, fiz a primeira pergunta. As lágrimas correram pelo seu rosto e percebi que a memória de Cláudia estava imersa em uma lembrança do passado.

A praça não limitou as emoções dela, ou melhor, posso dizer que não limitou as nossas emoções. Permitir-me chorar na frente dela e me senti vulnerável naquele momento. Os cachorros latiam, as pessoas conversavam, outras caminhavam, e dois senhores olhavam para nós - a cidade estava viva. Estávamos ali, em uma praça que evocava memórias afetivas dos momentos que Cláudia viveu com Ely. O vento na praça parecia mais forte e as folhas balançavam mais nas árvores. Eu não tinha ideia de como essa gravação ficaria. Não foi a melhor, mas estava nítida sua voz trêmula.

Começamos a conversar durante a tarde do dia 09 de janeiro, uma segunda-feira de 2023. O ano tinha começado e eu comecei a construir minha etnografia do testemunho, registrando todos aqueles relatos. Quando a noite chegou, paramos o primeiro momento da entrevista, pois Cláudia precisava ir a uma manifestação em prol da responsabilidade pública pelas mortes causadas pela Covid-19, na orla de João Pessoa. Durante a entrevista, Cláudia usava uma blusa com a mensagem “eu avisei”, mostrando que ela tinha alertado sobre a gravidade das mortes, que o vírus era letal e que a sua luta nas redes sociais naquele momento clamava por justiça.

Figura 5 – Cláudia no Parque Parahyba



Fonte: Acervo do próprio autor (2023)

Meu segundo encontro ocorreu no Parque da Lagoa, localizado no centro de João Pessoa, no dia seguinte ao encontro com Cláudia, em 10 de janeiro de 2023, uma terça-feira. Nesse momento, percebi que não havia processado plenamente as emoções vivenciadas no dia anterior com Cláudia. Entretanto, eu estava prestes a encontrar uma amiga de longa data, Taíze Santana, que havia perdido seu pai e sua avó na pandemia.

Recordo-me da manhã em que Taíze compartilhou comigo a notícia da morte de seu pai. Ele estava internado, e mantínhamos constantes conversas sobre sua recuperação. Eu estava fazendo compras no mercado quando ela enviou uma mensagem para um grupo de três amigos, anunciando o falecimento de seu pai. Enquanto realizava minhas compras, fui abalado emocionalmente.

O pai de Taíze foi a primeira pessoa próxima a mim vítima da Covid-19. Isso ocorreu no ano de 2020, durante os primeiros meses da pandemia no Brasil. Taíze tinha conhecimento do meu estudo em antropologia da morte e estava ciente do propósito da minha tese. Iniciamos uma conversa e marcamos um encontro para que ela compartilhasse sua experiência durante a pandemia.

Ao nos reencontrarmos, trocamos abraços cheio de saudades. Não nos víamos desde o início de 2020 devido às restrições impostas pela pandemia. Nesse momento, eu estava agindo como um amigo, ansioso por um abraço após anos de distanciamento. Prontamente nos acomodamos em uma cafeteria e solicitamos uma tapioca, acompanhada de café preto sem açúcar. Foi nesse momento que Taíze mencionou que aquele local era repleto de memórias felizes com sua família, principalmente seu pai.

Durante nossa conversa que se estendeu por horas, revisitamos o período da pandemia e as sequelas³⁵ emocionais que ela havia deixado em seu rasto. Lágrimas se formaram em seus olhos enquanto ela relembrava os momentos finais e a dificuldade de aceitar a perda.

À medida que a conversa avançava, Taíze compartilhou como a pandemia havia afetado sua própria saúde mental, agora ela precisava tomar calmante. A preocupação constante, o medo da doença e a sensação de impotência a tinham sobrecarregado. Conforme o sol se punha sobre o Parque da Lagoa, enquanto compartilhava suas histórias de dor e perda, lágrimas escorriam por seu rosto, mas, ao mesmo tempo, um sorriso aparecia, ela ficava nervosa e sorria. Assistimos ao pôr do sol e partimos.

³⁵ A antropóloga Geissy dos Reis Ferreira de Oliveira tem se dedicado à discussão sobre as sequelas da Covid-19 na XV Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM). Em 2025, apresentou o trabalho intitulado “Uma compreensão antropológica das sequelas da Covid-19: etnografando experiências de adoecimento de mulheres usuárias de uma Unidade de Saúde da Família em João Pessoa”, no qual analisa, a partir de uma perspectiva etnográfica, as vivências de adoecimento de mulheres acompanhadas no contexto da atenção básica à saúde.

Figura 6 – Parque Solon de Lucena

Fonte: Acervo do próprio autor (2023)

No mesmo dia, encontrei-me com Jerlyane Dayse em uma escola na qual ela atua como professora, localizada no bairro de Mangabeira. A escolha desse cenário foi fundamental, pois representava um espaço onde Jerlyane encontrou a força necessária para retornar à sua rotina após a perda de sua mãe para a pandemia.

Jerlyane Dayse, que enfrentou o falecimento de sua mãe em decorrência da pandemia, demonstrou extrema sensibilidade durante nosso encontro, resultando no cancelamento de aproximadamente três entrevistas devido às suas emoções. Durante a entrevista, lágrimas escorreram quase ininterruptamente, evidenciando a imensa dificuldade que enfrentava ao relembrar aquele momento. Em dado momento, ofereci a opção de interrompermos a entrevista, preocupado com seu bem-estar emocional. No entanto, Jerlyane Dayse resolutamente afirmou que precisava continuar compartilhando sua história.

A sala estava deserta, contrastando com o ambiente mais movimentado que experimentei nas conversas anteriores com Taíze e Cláudia. Estávamos em janeiro, durante o período de férias escolares, o que contribuía para o silêncio que envolvia o local. Nesse ambiente tranquilo, Jerlyane Dayse sentiu a proteção necessária para continuar nossa conversa, os momentos de silêncio se tornaram oportunidades para que ela pudesse reunir forças. Com consideráveis intervalos entre as perguntas, seguimos adiante.

Figura 7 – Sala de aula em Mangabeira



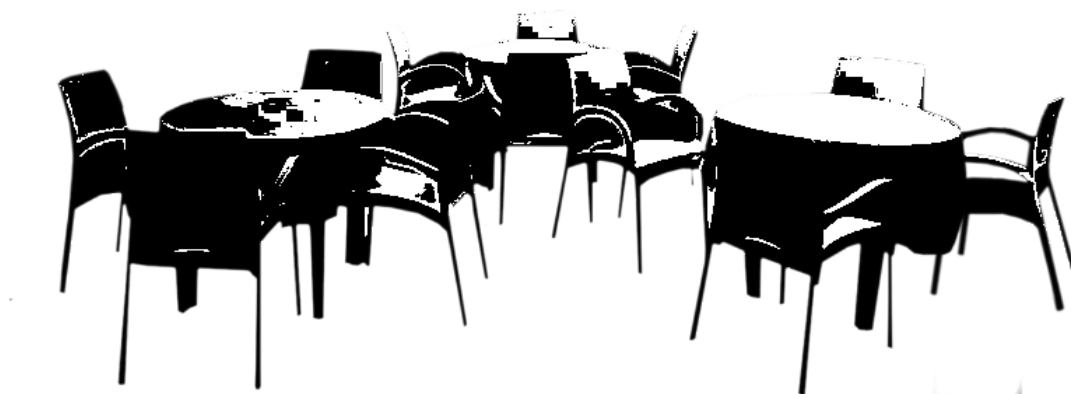
Fonte: Acervo do próprio autor (2023)

Em um contexto marcado por espaços preenchidos com cadeiras vazias, meu encontro com Auxiliadora, mãe de Cecília, uma vítima da Covid-19, se revelou uma experiência de revolta. Inicialmente, Auxiliadora havia planejado nos encontrarmos em uma cafeteria, um local que costumava frequentar com sua filha. Contudo, devido a contratempos, acabamos nos dirigindo a um salão de festas situado em seu prédio. Aquele encontro representou meu primeiro contato com Auxiliadora, cuja residência estava localizada no Aeroclube de João Pessoa, onde começamos a explorar sua experiência em relação à pandemia e à perda de sua filha.

Em todos os momentos de nossa conversa, Auxiliadora enfatizava a extraordinariedade da situação: uma mãe sepultando sua própria filha. Isso a diferenciava das histórias de Taíze e Dayse, que enfrentaram o falecimento de seus pais. Auxiliadora destacava que, na concepção geral, são os filhos que enterram seus pais. Entretanto, ela acreditava que a tragédia estava intrinsecamente ligada à celebração que havia ocorrido naquele salão de festas.

Foi nesse ponto da conversa que Auxiliadora compartilhou o significado desse salão de festas. Sua filha estava em isolamento, mas, em um momento de intensa saudade, permitiu uma comemoração de aniversário em família. No entanto, mesmo com todas as precauções, o vírus conseguiu circular no espaço, provocando contágio de algumas pessoas que frequentaram a festa, entre elas, a sua filha.

Auxiliadora então lançou uma pergunta para mim: como o vírus pôde tirar a vida de sua filha, e poupar a dela, com 75 anos? Foi nesse momento que ela revelou outra razão para nossa entrevista, que ocorreu em 17 de abril de 2023, uma segunda-feira. Aquela data marcava o aniversário da morte de sua filha. O salão de festas, outrora um local de alegria, nunca mais seria um ambiente de celebrações para sua família. Para Auxiliadora, aquele espaço havia se transformado em um vazio, uma lembrança dolorosa da partida de sua querida filha, Cecília.

Figura 8 – Salão de festa aeroclube

Fonte: Acervo do próprio autor (2023)

Por último, gostaria de salientar o encontro com Maria do Céu, de 67 anos, zeladora do cemitério Senhor da Boa Sentença, sujeito da minha pesquisa desde a graduação. Durante os anos de 2020, 2021 e 2022, realizei um ensaio fotográfico documentando o Dia de Finados na pandemia, desde o período de isolamento social até o “retorno à normalidade”. No Dia de Finados de 2022, fui informado de que Maria do Céu, que também fez parte desse ensaio fotográfico, havia perdido suas duas irmãs devido à Covid-19.

Em 2 de novembro de 2022, mantive uma breve conversa com ela para marcar outro encontro. Maria do Céu foi a interlocutora com quem tive mais encontros presenciais, totalizando cerca de cinco ao longo desses anos. Durante nossa conversa, realizada enquanto estávamos sentados em um dos bancos do cemitério, ela compartilhou o quão desafiador foi obter vagas no cemitério para suas irmãs, dado o alto número de óbitos diários devido à Covid-19, além das mortes tradicionais/ “normais”, ela destaca essa morte como as de não-covid.

Ela relatou que o mundo não cessou de experimentar mortes, apenas testemunhou um aumento dos casos de Covid-19. Uma situação particularmente emblemática foi o fato de Maria do Céu não conseguir manter as covas de suas irmãs, mortas pela covid, limpas e ela mal conseguia permanecer por muito tempo no espaço do cemitério onde elas foram sepultadas.

Enquanto caminhávamos pelo cemitério e discutíamos o ato de enterrá-las, Maria do Céu me perguntou se eu gostaria de visitar as covas rasas, ao qual respondi afirmativamente. Contudo, durante nossa caminhada em direção às covas rasas, que são o único espaço disponível para sepultamentos neste cemitério para aqueles que não possuem um túmulo de família, ela começou a hesitar e sugerir que adiássemos a visita para outro dia.

Quando estávamos prestes a retornar, ela expressou o desejo de reverter essa cancelamento e continuar a visita, acreditando que seria melhor para ela. Ao chegarmos às covas,

notamos que estavam adornadas com flores e repletas de cores, no entanto, nada daquelas cores conseguia proporcionar conforto a Maria do Céu. Ela descreveu o ambiente como cinzento em meio a um espaço permeado pela dor.

Em um gesto rápido, convidei Maria do Céu a retornar ao local, e foi então que ela permitiu que eu registrasse algumas imagens. Fotografei o espaço que outras pessoas estavam cuidando, uma vez que ela conseguia manter todos os túmulos do cemitério limpos, exceto os de suas irmãs.

Figura 9 – Cemitério Senhor da Boa Sentença



Fonte: Acervo do próprio autor (2023)

Toda essa dimensão da cidade desempenha um papel fundamental como espaço de recordação dos mortos para aquelas que ficaram como guardiãs da memória. Esses espaços oferecem oportunidades para a preservação da memória, a experiência da lembrança a expressão do luto e a conexão com outros enlutados, como no cemitério. Ao encontrar sentido e conforto nesses espaços, as enlutadas encontram formas de manter viva a presença dos seus entes queridos.

Continuando a reflexão sobre os espaços de memória e a cidade, ao chegar a Buenos Aires para o doutorado sanduíche, encontrei na Plaza de Mayo um cenário onde a memória coletiva se materializava em um dos centros da cidade. Era fim de tarde quando me deparei com o memorial da “Marcha das Pedras”, manifestação em que centenas de pequenas pedras

carregavam nomes, datas e fragmentos de histórias das vítimas da Covid-19 na Argentina³⁶. Diante do Monumento a Manuel Belgrano, as pedras formavam um cenário de memória das vítimas da Covid-19, um ritual público que devolvia presença aos ausentes. A Marcha das Pedras, nesse sentido, prolonga a memória argentina de responder à perda com ritual, de construir um lugar para os mortos.

Figura 10 – Plaza de Mayo - “marcha das pedras”



Fonte: Acervo do autor (2025)

A imagem acima está situada na Plaza de Mayo, rodeada por pedras dispostas cuidadosamente na base do pedestal como marcas materiais de memória para as vítimas da Covid-19 na Argentina, a casa Rosada à esquerda e os edifícios históricos ao fundo. Para quem não a conhece, pode-se dizer que a Plaza de Mayo é o coração administrativo e político da cidade de Buenos Aires, ali onde se concentram os poderes, mas também onde convergem todas as manifestações públicas, dando inclusive nome a um dos coletivos mais importantes de denúncia dos desaparecidos pela ditadura e luta por democracia e justiça social – *las Madres de la Plaza de Mayo*. Pesquisando sobre esse ato, apreendi que a manifestação conhecida como “Marcha das Pedras” surgiu em 16 de agosto de 2021, na Plaza de Mayo, em Buenos Aires, como um ato de memória autoconvocado por cidadãos que depositaram pedras gravadas com nomes de familiares ou amigos mortos pela Covid-19 em frente à Casa Rosada e à Quinta de Olivos. A convocatória circulou pelas redes sociais sob a consigna “*Depositamos una piedra por cada ausencia. En paz, en*

³⁶ As fotografias das pedras, às quais faço referência, estão incluídas nos anexos desta tese.

ordem, com respeito”³⁷, expressando simultaneamente o luto coletivo e a frustração diante da gestão da crise sanitária no país.

A experiência na Plaza de Mayo, diante da Marcha das Pedras, tornou ainda mais evidente como os espaços urbanos podem se transformar em “suportes de memória” e resistência, assim como observei nas trajetórias das minhas interlocutoras. Assim como familiares argentinos depositaram pedras com nomes e datas para reinscrever a presença dos mortos da Covid-19 na cidade, também as enlutadas escolheram praças, parques, salões de festa, escolas e cemitérios como lugares onde o luto se materializa e encontra forma.

1.5.3 “É por você, pai, esse oxigênio que você não teve”: Quebrando Tabu e as formas de viralização da luta

Figura 11 – Print da postagem no @quebrandootabu



Fonte: @quebrandootabu (2022)³⁸

Mesmo com o meu recorte do campo fechado, deparei-me com um vídeo na internet na página @quebrandootabu, comentado por Bruna, que capturou um momento de “alívio” com a perda nas eleições presidenciais em 2022 de Bolsonaro e a vitória do presidente Luís Inácio Lula da Silva. O vídeo mostra uma pessoa levantada em uma cadeira na janela de onde ela estava assistindo à apuração, gritando com uma voz cheia de angústia e tristeza pela perda de seu pai para a Covid-19. Sua voz carregava uma mistura de emoções indescritíveis, repetindo

³⁷ “Marcha de las piedras”: emotivos actos en Plaza de Mayo y en Olivos en memoria de *los muertos* por el COVID-19 en Argentina”, *Infobae*, 16 ago. 2021. Disponível em: <https://www.infobae.com/sociedad/2021/08/16/marcha-de-las-piedras-emotivos-actos-en-plaza-de-mayo-y-en-olivos-en-memoria-de-los-muertos-por-el-covid-19-en-argentina/>. Acesso em: 16 de Nov. de 2025.

³⁸ Link: [Quebrando o Tabu no Instagram: ““Foi por eles”: pelos pais, irmãos, mães, amores, filhos e filhas. Eu não to chorando com esse vídeo, não. Vocês que estão... Via...”](#) acessado 12 de março de 2025.

as frases com que Bolsonaro desdenhou da pandemia enquanto foi presidente do Brasil.

Enquanto eu assistia ao vídeo na minha casa, pude sentir a intensidade de sua dor através da tela do meu celular, chorei na mesma hora, em uma duplicidade de emoções: sua alegria e sua tristeza. A perda de um ente querido para a Covid-19 é uma experiência devastadora, especialmente quando acompanhada pelo cenário do negacionismo. Ela expressava sua dor de uma forma intensa, quase como se estivesse gritando para o “mundo inteiro” ouvir, sentir e compartilhar seu sofrimento. Agora apresentava em um novo cenário, uma nova esperança.

Naquele momento, seu grito era um grito coletivo, nas ruas quando Lula ganhou era uma voz ecoando não só a sua vitória, porém justiça para os mortos da pandemia. A viralização do vídeo e o comentário de Bruna representou as vozes de tantas outras pessoas que também perderam entes queridos para Covid-19. Rapidamente fui ao privado de Bruna do Instagram para convidá-la a fazer parte da pesquisa. Naquele momento, queria contar sua história, descrever quem era o seu pai e sua experiência na pandemia. Bruna aceitou o convite e realizei uma entrevista conjunta com ela e sua irmã Luiza.

1.6 AQUI REPOUSAM AS VÍTIMAS DA COVID-19: CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA APARECIDA, MANAUS – AM

Em janeiro de 2022, fui presencialmente a Manaus, para uma pesquisa exploratória no Cemitério Nossa Senhora da Aparecida, localizado na cidade de Manaus, Amazonas, que se tornou um dos marcos visíveis da crise sanitária causada pela pandemia de Covi-19, principalmente pela imagem das retroescavadeiras abrindo valas comuns, enquanto urubus sobrevoavam o cemitério. Essa imagem, reproduzida até a exaustão durante o período pandêmico, tornou-se um dos símbolos mais brutais da pandemia em Manaus, cidade que de fato experimentou um colapso cemiterial.

O contraste entre as máquinas frias e os corpos sepultados às pressas evidenciou o colapso funerário, a falta de um espaço digno de enterramento e a ausência de despedidas, tornando-se mandatória a realização de uma despedida comunitária em um cenário indigno. Os urubus, presença marcante na imagem, pareciam testemunhar o desespero de uma cidade sufocada pela morte. O solo revirado, as cruzeiras improvisadas nas covas coletivas eram a materialização do massacre de mortes coletivos na pandemia, uma ferida aberta na memória de quem vivenciou aquele momento.

Com essa imagem pulsando na minha mente, decidi ir ao cemitério e realizar uma pesquisa exploratória para compreender a dinâmica do cemitério e conhecer uma das famílias que vivenciou esse momento na cidade de Manaus. Ao atravessar seus portões, fui tomado pela imensidão do espaço, recortado por cruzeiras improvisadas e sinais de enterros recentes, já que a

área estava mexida. O silêncio ali não era apenas um reflexo do lugar – já que é comum os cemitérios serem silenciosos – mas carregava o peso das despedidas. Na recepção do cemitério, perguntei em que local ficava o espaço da imagem e, rapidamente, fui questionado se eu era um repórter, disse que não e em seguida fui direcionado ao local.

Caminhando entre os túmulos, percebi diferenças entre as sepulturas, algumas eram simples, marcadas apenas com pequenos cartões de identificação nas cruzes, enquanto outras já possuíam decorações cuidadosas e pintura nas cruzes. Muitas carregavam mensagens de saudade escritas de próprio punho, mostrando como as famílias tentavam manter viva a memória dos seus.

O solo era desigual, reflexo do rápido aumento do número de enterros durante o pico da pandemia e espaços improvisados. Algumas covas coletivas haviam sido abertas para comportar a demanda, tornando-se testemunhas materiais da tragédia vivida na cidade. Pequenos objetos deixados pelos familiares eram vestígios de vínculos que persistiam, flores, fotografias plastificadas, velas derretidas ao sol. Nesse momento acendi uma vela para aqueles mortos da Covid.

Conversando com os trabalhadores do cemitério, escutei relatos sobre a exaustão nos dias mais críticos da pandemia. Cavavam-se valas rapidamente, muitas vezes sem que houvesse tempo para rituais individuais, apenas coletivos. Nesse cenário da pesquisa, a morte em epidemias gerou novas formas de solidariedade. A prática de memorialização coletiva nas epidemias, como construção de enterramentos comunitários, serve não apenas para lembrar as vítimas, mas também para criar espaços de reflexão coletiva sobre a morte e o sofrimento compartilhado. “Era fila para enterrar, nunca vi coisa igual”, disse um coveiro, enquanto apontava para um setor onde os enterros se concentraram.

Ao conversar com familiares que circulavam no cemitério, percebi também um espaço de memória e de reivindicação política. Algumas famílias haviam destacado a negligência na gestão da saúde durante a pandemia, destacando que o cemitério, não era “apenas um local de descanso para os mortos”, mas naquele local era um marco da dor coletiva e do desejo por lembrança e responsabilização.

Conversando com o antropólogo Felipe Pires, doutorando da Universidade Federal do Amazonas e pesquisador dos estudos da antropologia da morte, ele me explicou diversos aspectos sobre o terreno do espaço do cemitério, que abriga, na verdade, três cemitérios distintos. O primeiro deles, localizado na entrada à esquerda, é o Cemitério Parque de Manaus.

Suas lápides são mais elaboradas, inseridas em um ambiente ajardinado, conferindo um aspecto mais “organizado” e “ornamentado”, diferentes dos demais espaços.

Felipe Pires me explicou que, durante a pandemia de Covid-19, aqueles que foram sepultados ali não enfrentaram problemas relacionados à indigência, pois suas famílias puderam acompanhar os enterros, ainda que à distância, e os túmulos receberam identificação. Esse espaço do cemitério acaba estabelecendo uma relação com os demais achados da pesquisa: quem pode pagar mantém privilégios até mesmo no momento da morte.

Nos estágios iniciais da pandemia, no Cemitério Nossa Senhora da Aparecida os sepultamentos ocorreram nas sepulturas familiares, respeitando os protocolos sanitários. A crise se intensificou posteriormente, quando o número de mortes disparou. Mesmo nos períodos mais críticos, os sepultamentos no Cemitério Parque ocorreram sem grandes tumultos. Já os que não tinham sepulturas familiares foram destinados à vala comum.

O segundo cemitério foi inaugurado após minha visita, em abril de 2022 e ele carrega o simbolismo dos povos originários. O Yane Ambiratá Rendáwa Bara Upé, primeiro cemitério indígena do Brasil, surgiu em meio à pandemia. O terceiro cemitério, o Municipal Nossa Senhora Aparecida, é o local onde foram sepultadas grande parte das vítimas da Covid-19, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade, como mostra a imagem a seguir;

Figura 12 – Cemitério Nossa Senhora da Aparecida, Manaus - AM



Fonte: Acervo Felipe Pires (2024)

As covas rasas apresentam poucas demarcações e, em muitos casos, as sepulturas são identificadas apenas por cruzeiros de madeira. Foi nesse espaço que se abriu a vala comum, marcada por uma placa referente à primeira onda da pandemia com a seguinte descrição “aqui repousam as vítimas da covid-19”. Porém, várias problematizações aparecem, como: a

precarização das sepulturas, marcada por covas rasas e cruzes de madeira, reflete desigualdades dentro do espaço cemiterial. A vala comum, com uma única placa coletiva, representa um reconhecimento digno às vítimas da Covid-19 ou reforça a anonimização e o apagamento de suas histórias individuais? Em que medida a gestão desses corpos evidencia hierarquias sociais na morte?

As questões levantadas sobre a precarização das sepulturas, a vala comum e a gestão dos corpos em tempos de pandemia de Manaus não buscam respostas, mas sim provocar reflexões sobre as desigualdades *post-mortem* em tempos de pandemia. Longe de oferecer soluções, observa-se que, em 2025, anos após a calamidade cemiterial vivenciada por Manaus, muitos corpos ainda não concluíram seu processo de decomposição, permanecendo inteiros em decorrência dos protocolos de cuidado aplicados aos corpos. Afinal, quem tem direito a um sepultamento digno? E como a sociedade constrói e reconhece essas perdas?

Em conversa com o antropólogo Felipe Pires, “os enterros ocorreram de maneira desordenada, sem o devido registro, o que ainda hoje causa sofrimento para muitas famílias. Quando Felipe esteve lá no Dia de Finados, viu muitas pessoas vagando pelo local, sem saber ao certo onde estavam enterrados seus entes queridos: “A ausência de marcações tornou o cemitério um labirinto de incertezas, e até mesmo os coveiros pareciam perdidos”. A desordem nos enterros e a ausência de registros formais não são apenas falhas, mas revelam uma forma de desamparo institucional que transforma a vivência da ritualização da morte em um processo ainda mais doloroso.

A imagem evocada nas conversas por Felipe Pires das famílias vagando sem direção no cemitério, buscando rastros de seus mortos, evidencia como a morte pode ser gerida de maneira desigual, reforçando hierarquias mesmo no *post-mortem*. A noção de um “labirinto de incertezas” dos seus mortos não se limita à geografia do cemitério, mas reflete um estado social de desorientação, no qual o direito à memória é negado ou precarizado.

Nesse momento quero destacar o contato com Lucynier Omena, Socióloga, funcionária da prefeitura de Manaus. Seu filho Daniel Tiago, também servidor municipal, foi designado para trabalhar no cemitério Nossa Senhora Aparecida. Com o aumento exponencial das mortes, ele e seus colegas foram deslocados para atender à nova demanda. Sua mãe Lucynier Omena vivia angustiada, preocupada com a exposição dele ao vírus, mas ele sempre “foi muito responsável e continuava cumprindo seu dever”. Durante todo o ano de 2020, trabalhou incansavelmente, e 2021 começou aparentemente normal. No entanto, em 07 de março, “a tragédia do vírus se aproximou”.

A mãe tomava todo o cuidado possível, preparando vitaminas para fortalecer sua imunidade, já que seu filho estava trabalhando no cemitério. Ele morava com ela e a mãe destaca que era um homem saudável, de 39 anos. Naquela sexta-feira, chegou mais cedo do trabalho e foi ao supermercado com a irmã. No momento da pandemia, na entrada do supermercado, havia um controle de temperatura. Se a pessoa estivesse com febre, era impedida de entrar no estabelecimento. No controle de temperatura do estabelecimento, veio o alerta: “febre”.

Voltou para casa sentindo cansaço e começou a tossir. A mãe sugeriu que procurasse um médico no dia seguinte. No sábado, ao acordar, percebeu que ele já havia saído para trabalhar. Ligou para ele, preocupada e discutiram. Ele nunca trazia nada do trabalho para casa – nem roupas, nem sapatos. Chegava, tomava banho e depois conversava com a mãe, compartilhando os horrores que testemunhava diariamente no trabalho. Abaixo apresento a imagem de Daniel Tiago no Cemitério Nossa Senhora da Aparecida, Manaus – AM, as imagens das cruzes e dos enterros coletivos marcaram todos que acompanharam os noticiários.

Figura 13 – Daniel Tiago no Cemitério Nossa Senhora da Aparecida, Manaus - AM



Fonte: Acervo da enlutada Lucynier (2023)

A mãe destaca vários episódios, um deles é que certa vez, ao final do expediente, uma família chegou desesperada, querendo desenterrar um corpo enterrado erroneamente. Fazia três dias que o falecido havia sido sepultado, e ele, sozinho, precisou conter a angústia daquela família, que queria realizar a exumação por conta própria. Além do trabalho administrativo, Daniel Tiago no planejamento da ampliação do cemitério, pois não havia mais espaço para os enterros.

Quando a mãe retornou à ligação no sábado, insistiu para que ele fizesse o exame. Uma hora depois, veio a confirmação: “Mãe, estou com Covid.” Ele subiu os três andares do prédio onde moravam já demonstrando cansaço. Apesar de ter plano de saúde, optou por buscar atendimento em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), onde lhe prescreveram um xarope. A mãe, sabendo que sua irmã havia tratado a Covid no hospital Adventista, recorreu ao protocolo seguido por ela. Evitava levá-lo ao hospital, pois Manaus³⁹ estava em colapso, e as mortes eram diárias.

Na segunda-feira, começaram a monitorar sua oxigenação, mas os níveis começaram a cair. Um pneumologista foi chamado em casa e receitou novos medicamentos e exames. Na manhã seguinte, a mãe sugeriu que fossem direto ao hospital, para que ele fizesse tudo de uma vez. Ao chegar à clínica, a médica informou que ele precisaria ser internado imediatamente: seu pulmão já apresentava 45% de comprometimento. Com o acompanhamento paralelo de um médico da família, ela confirmou que ele estava recebendo o tratamento adequado.

No entanto, ele não melhorava. “Mãe, eu não aguento mais... Eu tento tomar banho e não consigo nem vestir a cueca.” Ele se foi. No dia 02 de abril, por ser funcionário da prefeitura, a mãe teve o direito de vê-lo morto, algo que muitas famílias não puderam fazer. Foi acompanhada de sua irmã e sobrinhas para uma última despedida e optou pela cremação.

A história de Daniel Tiago, funcionário do cemitério, que trabalhou incansavelmente durante a pandemia e acabou vítima da mesma tragédia que ajudou no cenário de calamidade, carrega um simbolismo sobre aqueles que estiveram na linha de frente. Ele não era apenas um trabalhador; era um filho, um irmão, um amigo, alguém que carregava consigo as marcas de um tempo de caos. Seu compromisso com o trabalho ia além da obrigação - ele estava ali, enfrentando diariamente o desespero das famílias, a sobrecarga de corpos, a urgência de cavar valas onde não havia espaço.

Sua morte não foi apenas uma perda pessoal, mas um retrato de como muitos dos que sustentaram a sociedade nesse período foram deixados à mercê do risco, muitas vezes sem proteção adequada, sem reconhecimento devido. Ele sobreviveu aos horrores sociais do cemitério lotado, famílias enlutadas, mas não ao vírus que ali se espalhava. Sua história ecoa pela

³⁹ Uliana Silva (2024) traz, em sua tese, um trecho de seu diário de campo quando sente observa a falta de oxigênio. “Ainda há pouco estava compartilhando nas minhas redes notícias sobre o pedido de socorro de Manaus. Falta ar e falta oxigênio, hoje 14 de janeiro de 2021, as pessoas correm carregando cilindros de oxigênio para tentar salvar vidas, outras choram, pois a falta de insumos interrompeu vidas. Alguns cantores e famosos fizeram campanhas, outros doaram oxigênio enquanto o poder público silenciava diante da tragédia previamente anunciada. Esse nó na garganta, essas lágrimas que molham esse caderno enquanto escrevo sobre o que tá acontecendo parecem ser intensificadas dia após dia diante desse cenário catastrófico [...] (Trecho do Diário de campo de Uliana Silva (2024), *quando falta ar e oxigênio*). p.38.

voz de Lucynier Omena, sua mãe, e a de tantos outros que foram silenciados, entre trincheiras de lápides e cruzes improvisadas. Como se percebe nas duas fotos anteriores, lutaram para dar alguma dignidade aos mortos, enquanto o próprio direito à vida lhes escapava.

1.7 AS GUARDIÃS DA MEMÓRIA: O QUE GUARDAM EM VIDA SOBRE OS SEUS MORTOS

Nesse momento coloco em destaque as minhas interlocutoras, “*as guardiãs da memória*”, expressão apresentada em uma reunião de orientação pela minha orientadora Mônica Franch, percebendo que as minhas interlocutoras preservam em vida a memória sobre os seus mortos, vítimas de Covid-19. O recorte das entrevistadas foi conduzido da seguinte maneira: inicialmente, observou-se que este grupo demonstrou maior disposição para participar das entrevistas, motivadas pelo seu compromisso em preservar a memória de suas vítimas da Covid-19. Além disso, a maioria delas estava integrada em uma rede de apoio comum, facilitando e criando uma rede de compartilhamento.

Focalizar exclusivamente esse segmento de “enlutadas” na pesquisa permite uma análise do impacto diferenciado decorrente da perda de entes queridos. Isso ocorre devido à tradicional divisão de responsabilidades de gênero na esfera do cuidado, que é uma construção social, bem como à responsabilidade que estas mulheres sentem em relação à preservação da memória de suas vítimas. As mulheres enlutadas desempenharam frequentemente papéis fundamentais no fornecimento de apoio emocional e prático durante e após a pandemia em sua esfera mais imediata de interação bem como a partir das redes e associações em que se envolveram.

A pesquisa com as “guardiãs da memória” destacou uma importante interrelação entre memória, luto e gênero. Enquanto a memória direciona a atenção para os falecidos da Covid-19, que no universo pesquisado são majoritariamente homens (22 homens para 6 mulheres), o luto emerge, no contexto da pesquisa, como uma emoção generificada, o que não significa que os homens não façam também seu trabalho do luto, mas que são as mulheres as que apresentam publicamente essa emoção de forma mais marcada⁴⁰. A dimensão de gênero é, portanto, constitutiva do campo e evidente no meu universo de pesquisa, composto por 22 mulheres “guardiãs da memória”, que expandem sua responsabilidade social do cuidado para a rememoração e reconstrução da memória dos que partiram, mas também para dar conta do impacto e das necessidades daquelas e aqueles que permaneceram. A pergunta que emerge,

⁴⁰ Na obra “Histórias em movimento”, organizado por Jean Segata et al., e resultado de uma colaboração da Rede Covid-19 Humanidades MCTI e a Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19 (AVICO), apresenta uma série de depoimentos em forma de carta majoritariamente escritos por mulheres também.

quem guarda as memórias das mulheres que morreram de Covid? aponta não apenas para uma lacuna memorial, mas para um silenciamento de gênero⁴¹.

A constatação do lugar das mulheres na preservação da memória, sobretudo quando se trata de memórias familiares, está presente em outras pesquisas que também adotam a nomenclatura de “guardiãs da memória”. A tese de Caixeta (2006) intitulada “*Guardiãs da memória: tecendo significações de si, suas fotografias e seus objetos*” traz as seguintes análises sobre as mulheres que compuseram seu universo de pesquisa: a) as histórias de vida de mulheres guardiãs da memória estavam fortemente ligadas às histórias de sua família e a diferentes noções de tempo e espaço; b) as mulheres se tornam guardiãs em momentos de mudança da sua história, mudanças que individual e coletivamente são importantes e repercutem não só para a pessoa em si, mas também para o grupo familiar e c) estas mulheres se posicionam como guardiãs a partir de suas práticas de colecionar objetos. Os objetos são a concretização da memória⁴². A autora também destaca que “o processo de identificação de mulheres guardiãs da memória se dá pela narrativa de história de vida, por imagens e objetos que medeiam a atividade de memória” (p.62).

De modo semelhante às interlocutoras de Caixeta, as “guardiãs da memória” enlutadas da Covid-19, dedicaram momentos do seu dia para a construção deste trabalho, foram fortes em sua vontade de partilhar suas histórias comigo, mesmo quando isso lhes trazia a dor da rememoração, e precisas em suas palavras, foram lutadoras em suas ações, quando falaram dos seus processos comigo, construídos na relação de si com o outro, como também destaca Caixeta (2006);

Nesta construção, as pessoas vão se posicionando e são posicionadas na semiosfera, ou seja, num espaço de significados culturais possíveis **construídos na relação de si com o outro**, vão atuando no mundo e organizando seu conhecimento a partir desse lugar. Neste caso, as mulheres se posicionaram e foram posicionadas como guardiãs e desse lugar construíram significados de si e seu grupo, evidenciando que, para elas, nesse lugar de guardiãs, a memória coletiva é mediada pela memória familiar, já que a memória constrói narrativas e o falar de si é falar da história de suas famílias: dos pais, avós, bisavós, filhos, netos, sobrinhos, tios etc. A história da mulher e da mulher guardiã é a história de sua família e de como ela (mulher) se posiciona e posiciona os outros sociais com os quais se relaciona na desafiadora arte de narrar suas histórias. Isto porque a atividade de narrar a história de si e as lembranças da vida é interpretativa e é trabalho, pois exige tomadas de decisão e reflexão. Narrar a história não é revivê-la, mas construir um conhecimento de si a partir do olhar/ do ponto de vista do hoje, do aqui- agora e das expectativas de futuro, das possibilidades que se abrem ou não no momento da interação entre pesquisadora-guardiã (Caixeta, 2006, p.195).

⁴¹ Essa constatação dialoga com a provocação feita por Débora Diniz durante a pandemia, a partir da iniciativa do perfil @reliquia.rum, no Instagram, dedicado exclusivamente a registrar as histórias de mulheres que morreram de Covid-19.

⁴² Link: [Portal eduCapes: Guardiãs da memória : tecendo significações de si, suas fotografias e seus objetos](#) acessado 02/10/2023.

Essas mulheres ocupam um papel fundamental como guardiãs da memória em suas respectivas histórias de vida para seus entes queridos. Serão consideradas tanto aquelas que desempenham um papel formal, como militantes da AVICO, entre outros espaços coletivos (enlutadas na luta) como também foram incluídas mulheres que não estão em nenhum movimento político (enlutadas no luto), porém ambas assumem a responsabilidade de manter viva a memória dos seus mortos. Cabe ressaltar que a distinção aqui proposta não sugere que as mulheres não inseridas em movimentos sociais careçam de suas próprias lutas e resistências subjetivas e/ou coletivas. A categorização analítica parte da observação de que o conceito de “luta”, no âmbito desta pesquisa, advém inicialmente do vínculo institucional com a AVICO, embora a categoria identitária de “enlutada” seja compartilhada por ambos os grupos como eixo central de suas práticas de memória.

Destaco essas duas categorias – enlutadas vinculadas e não vinculadas a iniciativas coletivas - como agentes de memória. Além disso, reconhecer a importância dessas mulheres como agentes ativas na preservação da memória dos seus mortos promove o entendimento das práticas culturais e rituais relacionados ao adoecimento, à morte e o luto em tempos de pandemia, pois foram as mulheres, majoritariamente, as que tomaram conta de todas as gestões formais e das práticas rituais em relação a seus parentes.

As entrevistas foram conduzidas de maneira individual e semiestruturada, permitindo que as enlutadas compartilhem suas experiências, crenças, sofrimento, rituais pandêmicos e práticas relacionadas aos seus mortos em um cenário de limitações pandêmicas. Foi dada ênfase especial às histórias pessoais desses mortos, lembranças afetivas/coletivas, resgate de memória, e narrativas ao longo da pandemia.

Quanto à metodologia de pesquisa, foram realizadas entrevistas e encontros em uma abordagem metodológica qualitativa, envolvendo entrevistas em profundidade, conversas no *Whatsapp* e conversas informais, como principais técnicas de produção de dados. Destaco que, na maioria das vezes, as interações de pesquisa não se limitaram a uma única ocasião, pois a comunicação pelo *whatsapp*, o envio de materiais, a troca de mensagem diante de eventos do cenário nacional que remetiam, direta ou indiretamente, às mortes por Covid-19, bem como as indagações a respeito do andamento da minha tese ocorreram de forma continuada durante a duração da pesquisa – e continuam até hoje. As entrevistas foram conduzidas de maneira individual e semiestruturada, permitindo que as enlutadas compartilhassem suas experiências, crenças, sofrimentos, rituais pandêmicos e práticas relacionadas aos seus mortos em um cenário de limitações pandêmicas. Foi dada ênfase especial às histórias pessoais desses mortos, lembranças afetivas/coletivas, resgate de memória, e narrativas ao longo da pandemia.

Narrar as histórias e trajetórias dos falecidos não é apenas uma reflexão sobre o passado dessas enlutadas, mas também uma maneira de perceber esse presente em luto, e de reescrever as histórias dos que partiram de Covid-19. Para as enlutadas, essas histórias não estão desconectadas de suas próprias trajetórias; ao contrário, elas fornecem uma relação direta em suas narrativas, permitindo entender melhor o impacto que o falecido teve em suas vidas e na “*comunidade de afetos*” (Koury, 2003). Portanto, narrar as histórias dos mortos é, de certa forma, também trazer o lugar que as enlutadas ocupam na vida daqueles que partiram e nos que ficaram, como também as transversalidades de uma pandemia no processo do luto.

Além das entrevistas, as guardiãs da memória trouxeram material para complementar os meus registros etnográficos, registros esses que fazem parte da construção da memória, como fotografias, cartas, desenhos, documentos e entre outros. Nossas conversas foram cheias de afetos, lembranças e experiências compartilhadas, posso dizer que meu trabalho foi sendo construído enquanto uma “etnografia da confiança”, permitindo ao pesquisador e às pesquisadas expressarem suas situações de vulnerabilidades em palavras e atos, como nos momentos de choro compartilhado, sendo a entrevista ao mesmo tempo um gesto de resistência e uma demonstração de confiança nas trocas possíveis no marco de uma pesquisa acadêmica.

1.7.1 Quem são essas guardiãs da memória?

Para traçar o perfil das interlocutoras, será exposta uma tabela com identificações pessoais que foram coletadas nas entrevistas semiestruturadas. As enlutadas estão justificadas pelo seu nome fictício ou real, de acordo com a vontade de cada uma. A localização geográfica das participantes é ampla e abrange todas as regiões do Brasil, com entrevistadas residentes em cidades como João Pessoa (PB), Sorocaba (SP), Cuiabá (MT), Belém (PA), Campinas (SP), Fortaleza (CE), Nova Friburgo (RJ), Manaus (AM), entre outras. Essa distribuição regional confere a pesquisa em um caráter nacional e multissituada.

No quadro abaixo (quadro 1), as enlutadas 31 que participaram da pesquisa são apresentadas com informações sobre: divididas por idade, profissão, raça/cor, local onde mora, grau de parentesco com o “ente querido” e o dia da primeira entrevista, já que em alguns casos precisou fazer mais que um momento:

Quadro 1 – Identificação das interlocutoras

Enlutada	Idade	Profissão	raça ou cor	Religião	Local onde mora	Grau de parentes com o ente querido	Dia da primeira entrevista
Suzyany	52	Contadora	Branca	Católica	Nova Friburgo/RJ	Esposa de Jonas	24/04/2023
Cláudia Silveira (Cacau)	40	Funcionária pública	Branca	Não se aplica	João Pessoa/PB	Esposa de Ely	09/01/2023
Luanda Catarina	43	Esteticista e Cosmetóloga	Negra	Católica praticante	Cuiabá/MT	Filha de Maria Moraes	26/04/2023
Fernanda	40	Corretora	Branca	Não se aplica	João Pessoa/PB	Filha de Alexandro	28/03/2023
Senhora Leomir	53	Secretária Escola	Parda	Não se aplica	São Gonçalo/RJ	Esposa de Glauco	31/03/2023
Ruth Lacerda	63	Aposentada	Parda	Acredita em Deus	Campinas / SP	Esposa de Jorge	31/03/2023
Márcia Félix	52	Aposentada	Preta	Católica	Sorocaba/SP	Filha de Licinha	10/01/2023
Janaina Pascualetto	49	Vendedora	Branca	Cristã	Fortaleza/CE	Esposa de Ronaldo	04/01/2023
Maiti	45	Coordenadora Editorial	Branca	Espiritualista /Umbanda	Guarulhos/SP	Esposa de Rogério	27/03/2023
Silvania Fontes	55	Fisioterapeuta	Parda	Cristã	Rio de Janeiro/RJ	Esposa de Nelson	30/03/2023
Bruna Henriques	28	Psicóloga clínica	Branca	Umbandista	Sta Bárbara d'Oeste/SP	Filha de Adriano	13/01/2023
Luiza Henriques	23	Instrutora de Inglês	Branca	Católica	Sta Bárbara d'Oeste/SP	Filha de Adriano	13/01/2023
Mônica Oliveira	55	Funcionária Pública	Branca	Espírita	Paulista/PE	Mãe de Marcello	24/04/2023
Denise Muniz	52	Fisioterapeuta	Parda	Católica	Benfica /CE	Ex. Cunhada de Roberto	25/03/2023
Janaina Arruda	41	Controladora de acesso	Parda	Evangélica	São Paulo/SP	Irmã de Julianio	12/01/2023
Débora Silveira	37	Artesã	Branca	Não se aplica	Sobral/CE	Esposa de Anderson	26/04/2023
Jerlyane Dayse	35	Professora	Negra	Católica	João Pessoa/PB	Filha de Joana Dark	10/01/2023
Helen Alves	37	Decoradora de festas	Parda	Espiritualista	Camboriú/SC	Filha de Hélio	10/01/2023
Taíze Santana	30	Auxiliar Administrativa	Parda	Católica	João Pessoa/PB	Filha de Efigênio	10/01/2023

Mariana Nery Ayach	26	Médica	Branca	Católica	Campo Grande/MS	Filha de Ibrahim	03/01/2023
Silvia Helena	56	Jornalista	Parda	Não se aplica	Londrina/PR	Filha de Zélia	27/03/2023
Maria Araújo	54	Autônoma	Parda	Católica	Rio de Janeiro/RJ	Esposa de Erasmo	31/03/2023
Jasmim	48	Funcionária pública	Parda	Espírita	Belém/PA	Filha de Bernardo	26/04/2023
Maria Ednalva (Nalva)	56	Pensionista	Parda	Católica praticante	Rio de Janeiro/RJ	Esposa de Fernando	27/03/2023
Eliane	40	Do lar	Parda	Acredita em Deus	Duque de Caxias/RJ	Filha de Edvaldo	11/01/2023
Maria do Céu	67	Zeladora	Preta	Acredita em Deus	João Pessoa/PB	Irmã de Maria da Paz e Cecília	07/01/2023
Auxiliadora	75	Aposentada	Branca	Adventista	João Pessoa/PB	Mãe de Cecília	17/04/2023
Lucynier Omena	62	Socióloga	Branca	Católica	Manaus/AM	Mãe de Daniel	25/04/2023
Regina	67	Bióloga (pesquisadora)	Branca	Bruxa - espiritualista	Belém/PA	Filha de Maria Augusta	24/04/2023
Emile Miachon	61	Pedagoga	Branca	Espírita	Campinas/SP	Esposa de Mário	23/04/2023
Flávia Oterro	50	Autônoma	Parda	Cristã	Rio de Janeiro/RJ	Filha de Maria Vilma	26/04/2023

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

As interlocutoras ocupam diversas funções na sociedade, como mães (3), filhas, irmãs (2), amigas, contadoras, aposentadas, professoras, funcionária pública, esteticista, secretária, coordenadora, psicóloga, instrutora, fisioterapeuta, controladora de acesso, artesã, decoradora de festa, médica, jornalista, autônoma, zeladora, pedagoga e entre outras.

As participantes enlutadas residem em diversas regiões do Brasil e abrangem uma faixa etária compreendida entre os 23 e 75 anos. No que tange ao vínculo com as vítimas, o grupo é composto majoritariamente por filhas, que representam aproximadamente 45% do total (14 participantes), seguidas pelas esposas, que perfazem 35% (11 participantes), enquanto mães, irmãs e outros vínculos somam os 20% restantes. Quanto à autodeclaração étnico-racial, observa-se que a população negra (soma das categorias parda, preta e negra⁴³) constitui a

⁴³ Entende-se, neste trabalho, a categoria “população negra” em consonância com as diretrizes adotadas por órgãos oficiais brasileiros, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que considera como pertencentes a esse grupo os indivíduos autodeclarados pretos e pardos. Ademais, reconhece-se que, no contexto social brasileiro, a inclusão na população negra está também relacionada à presença de determinados traços fenotípicos, como cor da pele, textura do cabelo e outros marcadores corporais, que são socialmente racializados e operam na produção de desigualdades. No entanto, durante o processo de realização das entrevistas, observou-se que as interlocutoras mobilizavam, de maneira situada e contextual, diferentes formas de autoidentificação racial,

maioria da amostra, totalizando 54,8% (17 participantes), enquanto as mulheres brancas representam 45,2% (14 participantes).

Como já foi mencionado, a escolha de conduzir uma pesquisa de alcance nacional com essa população teve origem a partir do Memorial das Vítimas, que permitiu aceder a um universo diversificado em termos regionais. Isso abrangeu diferentes estados, contextos culturais locais e suas particularidades durante o período da pandemia, bem como as conexões que se estabeleceram entre elas. Essa abordagem revelou-se essencial para a compreensão das ações e omissões dos governos locais, bem como para apreender as nuances e complexidades do processo de luto em distintos contextos regionais.

No que se refere à religião, as interlocutoras manifestam uma ampla diversidade de crenças. A maior parte se identifica como católica (incluindo aquelas que se dizem católicas praticantes), seguida por mulheres que se reconhecem como cristãs sem especificação denominacional, espíritas, espiritualistas (incluindo uma que se define como “bruxa”), umbandistas e evangélicas. Também se destacam aquelas que afirmam simplesmente “acreditar em Deus”, sem se vincularem formalmente a uma religião institucional. Ainda há um grupo que declara “não se aplica”, indicando ausência de religiosidade declarada. Tal diversidade demonstra que o luto é vivido e elaborado sob diferentes matrizes simbólicas, indo além dos limites da religiosidade tradicional e incorporando perspectivas plurais sobre a morte, a espiritualidade e a continuidade dos vínculos. Essa informação é importante na caracterização do perfil das entrevistadas, pois na grande maioria das entrevistas o nome Deus é mencionado como ocupando um lugar central em suas trajetórias de sofrimento, que as interlocutoras compreendem como estando vinculadas à vontade de Deus.

É fundamental ressaltar os variados aspectos que envolvem as mulheres enlutadas, todas elas enfrentaram a perda de alguém que amavam, no entanto, essa perda assumiu configurações distintas. As mães que perderam seus filhos manifestam uma revolta diante da não naturalização do curso da morte, muitas vezes sentindo que deveriam ter partido primeiro. Por outro lado, as mulheres que ficaram viúvas sem filhos frequentemente se percebem pressionadas pela sociedade a superar a perda rapidamente, como se o tempo curasse todas as feridas, e a encontrar um novo/a companheiro/a. Há também aquelas mulheres que perderam suas mães, seus pais ou seus maridos aumentando a solidão de suas redes de apoio. E as mulheres que ficaram sozinhas na função de sustento da casa, viram-se diante da necessidade de desempenhar um

recorrendo alternadamente às categorias “parda”, “preta” e “negra”. Tais variações não indicam incoerência, mas refletem a fluidez e a dimensão relacional das classificações raciais no Brasil, atravessadas por experiências sociais. Ainda assim, ressalta-se que todas as participantes, em distintos momentos de suas narrativas, se autodeclararam pertencentes à população negra, reafirmando um pertencimento racial.

papel duplo, cuidando dos filhos e gerenciando suas finanças sozinhas. A morte foi diferenciada, marcada por efeitos distintos e revelando perfis diversos no processo do morrer.

1.8 ENTRE LÁGRIMAS E AGRADECIMENTOS: AS TROCAS DE AFETOS E AS EMOÇÕES DO PESQUISADOR COM AS ENLUTADAS

Estava no lugar do nativo, agitada pelas 'sensações, percepções e pelos pensamentos' de quem ocupa um lugar no sistema da feitiçaria. Se afirmo que é preciso aceitar ocupá-lo, em vez de imaginar-se lá, e pela simples razão de que o ali se passa é literalmente inimaginável, sobretudo para um etnógrafo, habituado a trabalhar com representações: quando se está em tal lugar é-se bombardeado por intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis. Esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los (Favret-Saada, 2005, p. 159, grifos pelo autor).

Durante a realização desta pesquisa, senti em muitas ocasiões um processo de valorização do meu trabalho a partir das enlutadas, valorização esta que nunca senti por meus antigos interlocutores nas pesquisas anteriores. As enlutadas expressaram e ainda expressam sua satisfação em relação ao meu objetivo, pois consideram meu trabalho importante, desafiador e útil para elas. Ao iniciar a entrevista com uma das interlocutoras, Maria Araújo, ela disse: “obrigado por proporcionar esse momento, estava esperando para falar com você, posso começar?”. Ela começando, deparei-me com uma realidade dolorosa, uma conversa cheia de lágrimas, mas também encontrei razões para manter o foco na construção da tese e o compromisso com as vidas perdidas, pois ela finalizou dizendo que essa entrevista era o momento de dar a conhecer os números tão noticiados.

Reconheço a realidade dolorosa das perdas e a urgência de compreender profundamente as implicações dessa pandemia em sua dimensão individual das histórias. Ao mergulhar no estudo das mortes causadas pela Covid-19, como pesquisador do tema, deparei-me com um turbilhão de emoções que transcende a frieza dos números e das estatísticas⁴⁴. Confesso que foi o trabalho mais doloroso de escrever, pois parece que as realidades dolorosamente vividas pulsavam nas vozes das enlutadas.

Encontrei-me em um espaço onde lágrimas e agradecimentos se entrelaçam como um fortalecimento para continuar, onde os afetos e as emoções das guardiãs da memória se tornam uma parte essencial da minha jornada. Acabamos criando um vínculo de afetos, então me deixei ser afetado (Favret-Saada, 2005).

No andamento da minha pesquisa fui profundamente afetado pelas histórias e narrativas das experiências das pessoas enlutadas. As emoções compartilhadas com as interlocutoras, como

⁴⁴ O levantamento referente à quantificação de óbitos por Covid-19 segundo a data do falecimento das vítimas desta tese encontra-se em forma de tabela apresentado no apêndice deste trabalho, tendo sido elaborado a partir de informações extraídas de notícias veiculadas em meios de comunicação, podendo ser consultado para conferência dos dados.

tristeza, sofrimento, luto, morte, angústia, revolta e gratidão, são afetos que transcendem a esfera individual e se tornam parte do processo de pesquisa, como destaca Favret-Saada (2005). O pesquisador não pode simplesmente se manter distante dessas emoções, pois elas fazem parte da construção do conhecimento sobre o tema, que exige esse tipo de aproximação. A realidade das inúmeras perdas causadas pela pandemia trouxe à tona esse local do sensível na pesquisa.

Ser sensível à escuta e mostrar minha afetação com as histórias compartilhadas sem dúvida trouxe não apenas uma melhor aceitação da pesquisa por parte das enlutadas, mas uma verdadeira cumplicidade com ela. Quando comecei a ser afetado reconheci a importância de incorporar a dimensão emocional em meu trabalho, na escrita e no cuidado de tudo que estava sendo compartilhado comigo. As enlutadas a todo momento me faziam reconhecer o meu trabalho, destacando os seguintes agradecimentos;

Eu tenho certeza que, como você não esquece, que faz esse trabalho bonito, maravilhoso, eu o quero dar os parabéns... que nem conhece essas 700 mil famílias, espero que a gente crie um vínculo, né. E o que você precisar de mim, eu tô aqui, mas nós somos muito esquecidos, né. O brasileiro tem a mania muito grande de esquecer as coisas, você está me ouvindo, escutando a minha história e vivendo esse momento novamente comigo (Nalva, entrevista realizada em 27/03/2023).

Durante a entrevista, em meio ao luto, Nalva ressaltou que “não poderia parar o tempo”, mas sentia a necessidade de afirmar que Fernando “não era apenas um número”. Ela também destacou o objetivo da tese, mencionando que eu não conhecia as famílias envolvidas, e concluiu com um agradecimento sincero: “Rezo todos os dias por você, para que consiga fazer a melhor tese do mundo. Em algum momento, o trabalho vai alcançar seu propósito, e, da maneira que puder, ela compartilhará o que vivenciou durante a Covid”. A relação com Nalva foi se aprofundando em vários outros momentos, em conversas via *Whatsapp* e sempre destacando a sua preocupação com as afetações das entrevistas.

Silvania também chamou a atenção para a importância de conversar sobre o tema e mostrou reconhecimento e agradecimento pelo trabalho;

Olha, eu que gostaria de te parabenizar pelo seu trabalho, pelo trabalho que você está se fazendo, sou uma pessoa que não gosto tanto de entrevista, porém eu disse, eu vou falar porque é muito interessante seu trabalho o que você está fazendo, eu não acredito que acontecerá alguma justiça, mas a justiça que vai ser é através de pessoas como você que está ali relatando para os próximos, para que isso não seja esquecido. E quando eu vi, eu faço questão de ajudar, porque ainda mais hoje no Brasil, você agora, vamos torcer para que o Brasil volte a parte de incentivar a pesquisa, os estudos, porque isso meu marido era muito grato de saber, pois ele era um estudioso, ele gostava disso sabe, então eu me sinto honrada de dar uma entrevista para você tá, de falar e poder ajudar porque eu tenho certeza de que onde ele está ele vai estar orgulhoso de mim e estou muito grata pelo seu trabalho (Silvania, entrevista realizada em 30/03/2023).

Percebo que uma abordagem metodológica sensível possibilita uma compreensão mais aprofundada das implicações das mortes pela Covid-19. Ao estar aberto aos afetos

compartilhados, conseguir capturar a complexidade e a profundidade das experiências de luto, das despedidas, foi essa abertura o que enriqueceu esse texto, juntamente com todos os documentos, desenhos, fotos compartilhadas graças à confiança.

No meio dessas entrevistas, testemunhei o apoio mútuo entre as enlutadas, com a associação, a solidariedade e a luta com os movimentos sociais. Nessas trocas, percebi a importância fundamental da rede de apoio e percebi que minha tese se tornou parte de uma engrenagem maior, de uma rede de apoio acionada durante o processo de luto, como destacaram várias enlutadas. A cada encontro, fui agraciado com essa confiança “eu confio em falar para você”; “preciso que você mostre quem foi meu pai, esse grande homem”; “obrigado por você fazer isso por nós”; “como posso te ajudar?” Como pesquisador, ouvir esses agradecimentos direcionou o meu olhar para uma esfera do trabalho que não tinha prestado atenção, a *manifestação política da memória*. Essa confiança é um lembrete constante da responsabilidade que tenho quando estou escrevendo.

Favret-Saada (2005) lembra que, quando se está no ápice da afetação no trabalho de campo, é necessário ter destreza. Acredito que tive vários momentos de afetação ou, no mínimo, de forte abalo emocional, em que lancei mão de estratégias para lidar com toda a avalanche de emoções que me acometia em minha rotina de pesquisa. Em muitos momentos no processo da escrita, ou quando terminava uma entrevista, senti o peso da responsabilidade que carregava, e o impacto emocional da espera das minhas interlocutoras pela finalização da tese. As histórias de perda e sofrimento atravessavam meu processo de escrita de forma intensa, fazendo emergir o medo de não conseguir finalizar a tese e a inquietação diante da pergunta sobre como seria, para elas, o sentimento caso eu não a concluísse. Quando isso acontecia precisava descansar a cabeça e retornar outro momento. Apegava-me ao relato da enlutada Janaina Arruda, “a gente não tem que ter medo [pesquisador/enlutada], tem que divulgar, falar, **GRITAR** se possível”:

“eu sou parente de vítima, eu sou parente de vítima e não... NÃO pode, não pode deixar quieto isso, não pode, não pode, eu falo pra você, eu te agradeço pela oportunidade, de você trazer essas histórias, de coração, divulgar o que você quiser estou aqui me vitimizando, estou contando a minha história, cansei do povo pensar que é “mimimi”. (Janaina Arruda, entrevista realizada em 12/01/2023).

Em cada entrevista presencial ou online, em cada relato compartilhado em tela ou ao vivo, fui profundamente tocado pelas histórias de perda, dor, luta e resiliência, e pela expectativa de que este espaço da tese possa agir como um “grito”. As enlutadas abriram um recorte temporal do passado e compartilharam não apenas suas angústias, mas também seus sentimentos de amor pelos que partiram na pandemia. Essas trocas de afetos foram momentos de resistência que me mostraram a necessidade de falar dos que partiram, contando suas histórias.

Aqui, começo a trajetória de Suzyany, Cacau, Luanda Catarina, Fernanda, Senhora Leomir, Ruth, Márcia, Janaina Pascualetto, Janaina Arruda, Maiti, Silvania, Bruna, Luiza, Mônica Oliveira, Denise Muniz, Débora Silveira, Jerlyane Dayse, Helen Alves, Taíze Santana, Mariana Nery Ayach, Silvia Helen, Maria Araújo, Jasmim, Nalva, Eliane, Maria do Céu, Auxiliadora, Lucynier Omena, Regina, Emile Miachon e Flávia. Que a todo momento me mostraram que o processo de compartilhar afetos individuais torna-se um sentimento coletivo de dor.

2 A PANDEMIA E OS NÚMEROS DA MORTE: “FAZER MORRER” NO BRASIL

Neste capítulo, abordarei o multifacetado tema dos impactos da pandemia de Covid-19 no país, considerando a morte como um fenômeno social especialmente revelador das contradições e encruzilhadas da experiência pandêmica no Brasil. Nesse sentido, proponho pensar a experiência coletiva da Covid-19 a partir da metáfora da “*máquina de fazer morrer*”, o que remete à necropolítica e às ações vivenciadas durante a pandemia que contribuíram para o aumento de “*mortes evitáveis*” em meio à crise sanitária. Como sabemos, o Brasil figurou entre os países com maior número de óbitos decorrentes da Covid-19 – o segundo em número de mortes absolutas e um dos primeiros em números relativos. Esses números não representam somente estatísticas⁴⁵, mas também vidas perdidas, famílias impactadas e luto disseminado. Ao contextualizar esses acontecimentos, destaco as desigualdades socioeconômicas e raciais que se evidenciaram durante a pandemia, muitas das quais agravadas por um governo negacionista que desencorajou o uso de medidas de proteção, promoveu a ideia de imunidade de rebanho e deixou pessoas em situação de vulnerabilidade.

Embora já existam muitos trabalhos acadêmicos que abordam, de maneira sistematizada, a experiência da pandemia e seus impactos no Brasil, com atenção especial à contribuição da antropologia⁴⁶, considero necessário iniciar meu percurso nesta tese com a minha elaboração pessoal sobre o assunto. Destaco dois aspectos essenciais dessa elaboração: o foco nas enlutadas e o viés acentuado na análise da produção de morte. Para construir este capítulo, lancei mão de um processo semelhante à “*bricolagem*” descrita por Lévi-Strauss (1962) em *O pensamento selvagem*, me valendo de um conjunto heteróclito de elementos para formar uma narrativa pessoal mas também compartilhada sobre a pandemia. Desse conjunto, destaco: minhas experiências pessoais enquanto sujeito que vivenciou a experiência coletiva da pandemia em um momento específico de sua trajetória vital e acadêmica; as orientações, protocolos e manuais publicados por organismos oficiais nacionais e locais; as pesquisas e estudos de outros investigadores sobre o tema; matérias de jornais de ampla circulação; charges e vinhetas humorísticas sobre a pandemia; e, por último mas não menos importante, os relatos

⁴⁵ Compreendo que os números são fundamentais para a epidemiologia em contextos pandêmicos, pois permitem medir a dimensão da doença, identificar padrões de transmissão, orientar políticas públicas e projetar cenários futuros. No entanto, embora reconheça sua importância, este texto não tem como objetivo enfatizar essa dimensão quantitativa, concentrando-se apenas em outros aspectos da análise, acordes com a demanda das interlocutoras em fazer valer a singularidade de cada vida ceifada pela Covid-19 e pelo desgoverno da pandemia, singularidade esta que tende a ficar oculta diante da magnitude da tragédia que foi a pandemia no Brasil.

⁴⁶ Indicando, a título de exemplificação, os resultados de duas importantes redes de pesquisa sobre a pandemia a Antropocovid, coordenada por Sônia Maluf, e a Rede Humanidades, coordenada por Jean Segata, bem como suas respectivas publicações (artigos, dossiês e coletâneas), devidamente discriminadas nas referências.

das mulheres enlutadas. Esses relatos constituem, no meu entender, o elemento que introduz uma dimensão única a este capítulo em relação a outras análises sobre a pandemia: são elas que “pontuam” a minha narrativa sobre a pandemia com suas experiências, opiniões e indignações.

2.1 EXPERIÊNCIA COLETIVA DA PANDEMIA DIANTE DA MORTE: A CHEGADA DA COVID-19

A chegada da Covid-19 ao Brasil marcou o início de uma crise de saúde pública e cemiterial. Lembro que estava no carnaval de 2020 em um bloco de rua na cidade de Olinda, quando vi algumas pessoas fantasiadas de coronavírus. Em meio à festa, aquela era uma experiência longínqua, sobre a qual ainda era possível fazer troça. Não imaginava então que a experiência coletiva da pandemia iria ser tão traumática. Logo em seguida, começaram as notícias sobre os casos do “coronavírus”. O primeiro caso confirmado foi registrado em 26 de fevereiro de 2020, quando um paciente em São Paulo testou positivo para o vírus⁴⁷. Até aqui, não tinha noção sobre a dimensão de uma pandemia por nunca ter vivenciado uma diretamente.

Um aspecto fundamental do recorte temporal da pandemia é a sua heterogeneidade, tanto na forma de resposta quanto nos impactos sobre diferentes grupos sociais. A pandemia não ocorreu de maneira uniforme. Os números de casos, as estratégias de mitigação e, sobretudo, as mortes variaram ao longo do tempo e entre distintos contextos. De acordo com Durvalina Rodrigues e Silva (2021), a pandemia atravessou a experiência social, remetendo-nos a um cenário marcado pelo medo e pela incerteza. Já no mês de março de 2020, foram decretados os primeiros lockdowns, em meio a disputas entre as diferentes esferas de governo que mais adiante mencionarei. Diante da ausência de uma definição sobre a duração do distanciamento social, diversas mudanças se impunham de maneira abrupta, como se a autonomia e o protagonismo sobre a própria vida fossem, de repente, retirados.

Como destaca Carvalho (2022) “Vivenciamos uma conjuntura emaranhada do desconhecido, temos consciência do foco que a Covid-19 direcionou às fragilidades de nossa sociedade. (p.83)”. Houve períodos de alta transmissão com uma redução relativa no número de óbitos, assim como momentos em que, mesmo com uma aparente estabilização na disseminação do vírus, as mortes aumentaram significativamente. Essas oscilações refletem não apenas as dinâmicas epidemiológicas da doença, mas também desigualdades estruturais que influenciaram o acesso à saúde, à proteção social e as condições de vulnerabilidade de diferentes populações.

⁴⁷ Link da notícia: [Primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil ocorreu em SP e completa seis meses nesta quarta | São Paulo | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/brasil/noticia/primeiro-caso-confirmado-de-covid-19-no-brasil-ocorreu-em-sp-e-completa-seis-meses-nesta-quarta-sao-paulo-g1.globo.com) acessado 11 de julho de 2024.

Desde o primeiro momento em que a Covid-19 fez sua aparição entre nós, a doença se espalhou rapidamente, não apenas enquanto realidade biológica, mas também como cenário de experiência, afetando todas as regiões brasileiras e desencadeando uma série de desafios sociais para nosso processo de socialização, interações sociais e afetividades compartilhadas. Pois uma das primeiras lições apreendidas foi que, estar próximo a outras pessoas seria um risco. Assim, o carnaval do qual que estava participando não teria mais um pós-carnaval – a folia literalmente acabou na Quarta-Feira de Cinzas. O que restava foram as redes sociais e as principais *hashtags* destacadas pelo twitter foram: #fechou, #fique em casa, #covid-19 🧑‍🚫, #homeoffice, #lockdown.

O então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, minimizou a pandemia, com uma série de declarações em suas lives semanais, em comunicados para a imprensa e falando para seus seguidores no então famoso “cercadinho” em frente ao Palácio da Alvorada. Desde o início, o Brasil enfrentou dificuldades na identificação e rastreamento dos casos da Covid-19, bem como na adoção de medidas de prevenção eficazes imediatas. A falta de testes para a população e a subnotificação dos casos dificultaram a compreensão real da dimensão do vírus e o monitoramento do número de mortes no início da pandemia. A ausência de políticas sociais, de plano de contingência nacional para a sociedade, e a desarticulação entre os diferentes níveis de governo do Brasil também impactaram a resposta inicial à crise, à saúde pública, gerando um espetáculo de horrores que trouxe violação à sobrevivência das pessoas e ao respeito aos direitos humanos.

Quanto a mim, que cumpria rigorosamente o isolamento social com minha família, em meio ao cenário de caos que o Brasil estava vivenciando, logo percebi que viver em uma casa com quatorze pessoas - “a grande família” - diminuía a solidão nas trocas. O cenário inicial, no primeiro semestre de 2020, foi de muitas incertezas. Informações sobre as formas de transmissão e sobre os modos de prevenção eram atualizadas o tempo todo, às vezes em orientações contrárias ao que tinha sido divulgado pouco tempo atrás. Alguns de nós mergulhamos em uma busca obsessiva por informações, outros preferiram ficar afastados desse fluxo imparável de notícias sobre a pandemia. Retomo aqui as orientações do Ministério de Saúde em 2021. Nesse momento, o que sabíamos era que a Covid-19 é transmitida no momento do encontro de pessoas, principalmente de pessoa para pessoa que têm vínculos, que estão juntas ou até mesmo que estão passando pela rua sem nenhum tipo de interação, por meio de gotículas respiratórias quando uma pessoa infectada tosse, espirra, fala perto ou respira – o estar junto se torna um risco. Essas gotículas podem ser inaladas por pessoas próximas (geralmente a uma distância de até dois metros) ou podem pousar nas mucosas (como boca, nariz ou olhos) de pessoas próximas, que podem se infectar ao tocá-las e, em

seguida, tocar o rosto⁴⁸ (Ministério da Saúde, 2021).

Além disso, é possível que a transmissão ocorra por contato direto com superfícies ou objetos contaminados, uma contaminação cruzada. Se uma pessoa tocar em uma superfície ou objeto contaminado com o vírus e, em seguida, tocar seu rosto, especialmente boca, nariz ou olhos, pode contrair a doença, como também com o cuidado com o corpo morto. No entanto, essa forma de transmissão era considerada menos comum em comparação à transmissão por gotículas respiratórias, o respirar em um local fechado com várias pessoas se tornaria um cenário de risco, que poderia ter uma contaminação por aerossóis.

Para o Ministério da Saúde (2021), a transmissão por aerossóis, é uma forma com menos transmissão. Aerossóis são partículas pequenas que podem permanecer suspensas no ar por um período prolongado e serem inaladas por outras pessoas. Essa forma de transmissão tem a sua prevalência em ambientes fechados, com menos ventilação e quando ocorrem atividades que produzem aerossóis, como cantar, gritar, falar em voz alta ou respirar intensamente durante atividades físicas. É fundamental destacar que esse conhecimento não estava prontamente acessível desde o início. Foram necessários numerosos estudos e mudanças na percepção do que era mais ou menos perigoso ao longo dos meses, além de uma grande dose de incerteza em relação aos modos de transmissão.

Logo, ao se instaurar essa nova dinâmica nas relações sociais, foi necessário reduzir o risco de transmissão da Covid-19 para não gerar mortes. No começo inclusive, as pessoas higienizavam tudo – foi o tempo de “dar banho em pacote de arroz”, retirar todas as roupas ao chegar em casa, perguntar em fóruns se era necessário lavar ovo por ovo, uma série de precauções que mais adiante se mostrariam excessivas, mas que revelam práticas derivadas de outras epidemias, como a cólera, e são reveladoras do medo que nos assolava. A organização Mundial da Saúde (2021) e entidades estaduais de saúde adotaram algumas medidas de prevenção e distanciamento social, como: (i) usar máscaras faciais PFF2 (ou N95) corretamente em ambientes públicos ou quando houver contato próximo com outras pessoas com ou sem sintomas, (ii) praticar o distanciamento social, mantendo uma distância segura de pelo menos um metro e meio entre as pessoas, (iii) lavar as mãos frequentemente com água e sabão ou usar um desinfetante para as mãos à base de álcool, (iv) evitar tocar em seu rosto e no de outra pessoa, especialmente boca, nariz e olhos, sem ter lavado as mãos, (v) cobrir a boca e nariz com o cotovelo flexionado ou um lenço descartável ao tossir ou espirrar e descartar o lenço imediatamente após o uso, (vi) ventilar ambientes internos, abrindo janelas e portas para permitir

⁴⁸ Link para aprofundamento de “como é transmitido”: [Como é transmitido? - Ministério da Saúde \(www.gov.br\)](https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/comunicacao/como-e-transmitido). acessado 11 de julho de 2024.

a circulação de ar fresco, (vii) evitar aglomerações e manter-se atualizado sobre as diretrizes e regulamentações locais em relação a eventos e reuniões, (viii) seguir as orientações das autoridades de saúde em relação à vacinação contra a Covid-19.

Conforme demonstrado pela pesquisa de Maysa Souza (2022), a abordagem em relação ao uso de máscaras passou por transformações significativas ao longo do tempo. Inicialmente, as máscaras eram recomendadas exclusivamente para profissionais de saúde. Com o tempo, essa orientação evoluiu, tornando-se uma recomendação para o público em geral, com a possibilidade de utilizar máscaras caseiras, dadas as limitações de disponibilidade. Mais tarde, em 2021, a recomendação chegou a enfatizar o uso de máscaras N95. Segundo Marques (2020), o uso das máscaras durante a pandemia passou a ter sentidos que extrapolam a proteção sanitária, convertendo-se em um marcador de identidades e de modos de agir.

Desse modo, ao adotar essas medidas de prevenção, é possível reduzir significativamente o risco de contágio, propagação da Covid-19 e os números de morte no Brasil. No entanto, é importante destacar que a situação da pandemia ficou variando de acordo com o tempo e a região, foi necessário acompanhar as orientações das autoridades de saúde de cada Estado para proteger-se e proteger a sociedade.

Um dos aspectos fundamentais apontado por vários pesquisadores, e que contribui para a metáfora da “máquina de fazer morrer”, é que os aumentos de contágios e mortes que observamos ao longo dos meses e no decorrer dos anos mais dramáticos da pandemia, não foi decorrência da ação de um vírus apenas mas resultado da confluência de fatores, alguns de caráter estrutural, dos quais falarei mais adiante, outros de caráter político, no caso brasileiro diretamente ligados à inação e ação contrária empreendida pela cúpula do governo federal à época, entre vários outros atores sociais. É nesse sentido que alguns pesquisadores utilizam a expressão “mortes evitáveis”, por compreender que uma ação coordenada e comprometida com a salvaguarda da vida da população, teria poupado muitas vidas.

Em seu estudo de base epidemiológica, Werneck, Bahia, Moreira e Scheffer (2021) afirmaram que “o conceito de *“Morte Evitável”* por Covid-19 no Brasil abrange diferentes conjuntos de determinantes da saúde. As mortes evitáveis foram subdivididas em: evitáveis pelas políticas públicas de alcance populacional e as evitáveis pelas ações e serviços de saúde; e ainda se admitem subcategorias como aquelas evitáveis por mudanças no estilo de vida (p.6).

Nesse contexto, é evidente que o acesso à assistência médica e a qualidade dos serviços desempenham um papel crucial na prevenção de óbitos. Além disso, ao calcular adequadamente as mortes evitáveis, é imperativo levar em conta os equívocos na política de negociação e

aquisição de vacinas, bem como a ausência de um plano de imunização eficaz e bem coordenado entre as diferentes instâncias governamentais (Werneck; Bahia; Moreira; Scheffer; 2021).

Em um país que não implementou medidas de prevenção imediatas, a disseminação do vírus se acelerou devido à falta de conscientização da população brasileira e à falta de adesão a medidas preventivas essenciais, tais como o uso de máscaras, o distanciamento social e a higiene das mãos, conforme recomendado pela Organização Mundial da Saúde, em 2020.

A pandemia da Covid-19 no Brasil também precisa ser entendida no seio das contradições sociais e políticas existentes há anos, como a desigualdade estrutural, que atinge especialmente a população negra, o avanço da extrema direita, o desmonte do Estado desde o impeachment da presidente Dilma, e a desinformação com o auxílio das *fake news*. A pandemia revelou a centralidade de sistemas integrados de informação, capazes de organizar e padronizar dados nos diferentes territórios com base em evidências científicas. Ao mesmo tempo, tornou evidente a urgência de fortalecer sistemas de saúde diversos e articulados, bem como a infraestrutura necessária para a resposta rápida a emergências sanitárias.

Nesse ínterim, vale ressaltar que, países que adotaram isolamento social rígido sofreram menos efeitos da crise global⁴⁹. Já o Brasil foi diferente, o tão chamado #fique em casa foi vivenciado de maneira muito diferente diante das enormes desigualdades sociais, raciais e de gênero no país, pois a densidade populacional em algumas regiões periféricas e as condições de habitação pífias nas favelas explicitaram o quão difícil seria para essa população seguir as recomendações da OMS. A constatação dessas diferenças revelou a desumanização em relação à população pobre e preta, ao passo que evidenciou como a disseminação do vírus em comunidades mais vulneráveis no Brasil, nas quais aumentaram o número de mortos da pandemia por ausência - por parte do Estado - em investimentos, condições de sobrevivência que podem ser viabilizadas através de políticas públicas, para a população, que morre quase duas vezes mais do que brancos, a população preta⁵⁰.

Diversas soluções coletivas emergiram nos territórios populares, especialmente em comunidades, morros e favelas espalhadas pelo Brasil, bem como em comunidades quilombolas, onde foram instituídas barreiras sanitárias e outras estratégias locais de proteção. Essas iniciativas, construídas a partir da organização comunitária, evidenciam a capacidade de resposta dos próprios territórios frente à crise sanitária. Paralelamente, múltiplas ações solidárias foram colocadas em funcionamento pela sociedade em sentido ampliado, como redes de apoio,

⁴⁹ [Países que adotaram isolamento social rígido sofreram menos efeitos da crise global, diz FMI \(Socialismo Criativo\)](#) — traz análise jornalística com base em estudo que aponta eficácia de medidas restritivas no início da pandemia.

⁵⁰ Link: [Negros morreram quase duas vezes mais de Covid- 19 do que brancos no Itaim Bibi em 2021, diz pesquisa | São Paulo | G1 \(globo.com\)](#) acessado 11 de julho de 2024.

arrecadação e distribuição de alimentos e circulação de informações, em um contexto marcado pela inação ou insuficiência da atuação estatal⁵¹. Em João Pessoa, o protagonismo de moradores de comunidades periféricas, por exemplo, mulheres da Associação de Mulheres do Porto do Capim (AMPC) e do Coletivo de Jovens Garças do Sanhauá organizaram a campanha “*Porto na Quarentena Contra o Vírus*”, que arrecadou alimentos, produtos de limpeza e apoio financeiro para famílias em vulnerabilidade⁵².

Além disso, a sobrecarga do sistema de saúde (público/privado) foi um dos principais desafios enfrentados pelo país. Com o aumento exponencial dos contágios e dos casos de Covid grave, os hospitais começaram a ficar sobrecarregados. A falta de Unidades de Terapia Intensiva (UTI) em hospitais, de equipamento de proteção individual (EPI) para profissionais de saúde, como também, a falta de profissionais capacitados para procedimentos como entubação, impactou a capacidade de atendimento aos pacientes infectados pela Covid-19. Em muitas regiões no Brasil, a escassez de recursos levou a uma crise sanitária, com hospitais e cemitérios à beira do colapso e dificuldades para fornecer assistência adequada para os familiares e vítimas da Covid-19.

Por outro lado, a pandemia revelou as interações complexas de vulnerabilidade entre a morte e a vida social, cultural e simbólica, entre o desespero e o controle, e como essas ausências de interações presenciais reconfiguraram os vínculos sociais, os rituais de despedida e os modos coletivos de elaboração da perda e do luto. Compreender esses aspectos pandêmicos, num momento em que estivemos à beira do colapso, torna-se fundamental para apontar políticas de saúde pública para possíveis crises futuras, e formas de cuidado com as enlutadas e os enlutados, nesta e em futuras ocasiões, além de contribuir para proporcionar uma compreensão do impacto da pandemia na sociedade brasileira.

Não por acaso, a história da primeira vítima conhecida de Covid-19 no Brasil é frequentemente lembrada como retrato do modo como a pandemia se configuraria no Brasil. Cleonice Gonçalves, mulher negra, 63 anos de idade, empregada doméstica desde os 13 anos, trabalhava num apartamento no Alto Leblon. Sua morte ocorreu no 22 de março de 2020, na cidade de Miguel Pereira, no estado do Rio de Janeiro⁵³. Esse caso “foi muito simbólico: enquanto a patroa teve acesso aos cuidados necessários, a trabalhadora doméstica morreu sem ter sequer a chance de se curar, pois nem sabia que poderia estar infectada” (Acciari; Brito, 2021, p.21).

⁵¹ Essas experiências são discutidas por Sônia Maluf (2021), no artigo *Janelas pandêmicas*, no qual a autora destaca o protagonismo comunitário e as formas coletivas de cuidado que se intensificaram durante a pandemia.

⁵² **UFPB**. *Mulheres do Porto do Capim se mobilizam para enfrentar pandemia*. Notícias de interesse para mulheres – CoMu (Universidade Federal da Paraíba), 13 jul. 2020. Disponível em: https://www.ufpb.br/comu/elas-noticias-de-interesse-para-mulheres/mulheres-do-porto-do-capim-se-mobilizam-para-enfrentar-pandemia/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 16 jan. 2026.

⁵³ Link : ['Uma pessoa muito batalhadora', diz sobrinho de empregada doméstica que morreu de coronavírus | Fantástico | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/uma-pessoa-muito-batalhadora-diz-sobrinho-de-empregada-domestica-que-morreu-de-coronavirus-1.4888888) acessado 12 de julho de 2024.

Barros (2022) destaca que a morte de Cleonice Gonçalves, evidenciou como a própria pandemia rapidamente desmentiu o discurso inicial de que se tratava de uma “doença de rico”. Enquanto as mídias destacavam turistas infectados em viagens internacionais, o caso de Cleonice antecipava que a disseminação do vírus seguiria trajetórias marcadas pela desigualdade social. A primeira morte causada pela Covid-19 no Brasil, sendo de uma mulher negra, foi mais um marco histórico para a população negra, pois despertou a consciência sobre a gravidade do vírus, mostrou como a pandemia viria se instalar em um cenário marcado por ausência de direitos sociais por anos, assim como mostrou as configurações do racismo estrutural. A sociedade brasileira está eivada de estruturas e formas de ações racistas que açoitam a população negra em suas práticas sociais diariamente. Uma população que se organiza na luta e na resistência frente a organizações de uma sociedade, injusta e racista, constrói sua identidade negra em um processo de tomada de consciência contínuo (Munanga, 1994).

Diante disso, é inegável o impacto das condições (históricas, sociais e econômicas) de vida das pessoas no modo como lidam/enfrentam o processo de tratamento e cuidado frente ao adoecimento em tempos de pandemia, o que coloca certos corpos, sobretudo os corpos negros e pobres, mais expostos ao risco do vírus – principalmente pelo subemprego ou desemprego. É necessário destacar o modo como se configura a realidade social no Brasil, de modo que a população que se encontra à margem convive diariamente com a negação de direitos, contribuindo com o extermínio dessa população. Logo as estatísticas alertaram para o desigual impacto que pandemia iria ter e sua maior incidência junto aos corpos precários, matando mais as pessoas negras e pobres no Brasil e no mundo⁵⁴.

Salienta-se ainda que a morte de Cleonice Gonçalves despertou a atenção da mídia, gerando postagens nas redes sociais e reportagens, destacando a importância de se tomar precauções para evitar a disseminação do vírus e consequentemente o distanciamento da morte. Contudo, quantos corpos negros precisam ser exemplo negativo nas estatísticas de morte? Pelas notícias divulgadas, ficamos sabendo que a patroa havia voltado da Itália logo depois do Carnaval com sintomas da doença, poderia ficar em quarentena, mas não dispensou Cleonice Gonçalves⁵⁵. Quais são os corpos que podem ou puderam realizar o isolamento social?

Logo nos primeiros meses de pandemia, as autoridades sanitárias estaduais e municipais começaram a traçar estratégias para lidar com a pandemia, como o aumento da capacidade hospitalar para os infectados e a criação de centros de triagem para testagem. Mas essas tentativas não foram homogêneas, existindo estados e municípios que não se alinharam

⁵⁴ Link: [Por que o coronavírus mata mais as pessoas negras e pobres no Brasil e no mundo - BBC News Brasil](#) acessado dia 12 de julho de 2023.

⁵⁵ Link: [Cleonice Goncalves v | IWL \(institutowalterleser.org\)](#) acessado dia 12 de julho de 2023.

com medidas preventivas. Também não foram medidas adequadamente coordenadas, pois o governo federal não ocupou o papel de coordenação de uma estratégia unificada, antes jogou em favor da desinformação e da desorganização (Nascimento, 2022).

A parcela preta e pobre da sociedade, por sua vez, teve dificuldade de se adaptar rapidamente a uma nova realidade, com o isolamento social, o fechamento de comércios e escolas, e a conscientização de medidas de proteção individual - não por não querer, mas por não poder. Se “o desprezo pela vida das trabalhadoras domésticas e das populações mais pobres não é novidade no Brasil, seus efeitos se revelaram com ainda mais força nesse período de crise pandêmica” (Acciari; Brito, 2021, p. 21).

2.2 A MORTE COMO UM FATO SOCIAL: O SENTIMENTO DE MORTE NO CENÁRIO DA PANDEMIA

A pandemia de Covid-19 trouxe um sentimento generalizado na população de ansiedade e sofrimento social em relação à possibilidade de morte em decorrência da doença, mas também diante do número de mortes da pandemia. Essa situação é destacada pelas interlocutoras quando se referem ao medo diante da interação com outras pessoas, ao impacto do número crescente de casos e mortes, à rápida disseminação da morte no mundo e à sobrecarga do sistema de saúde, fatores estes que contribuíram para um momento de incerteza e angústia no processo das relações e ao aflorar de emoções que aqui defino como “sentimento de morte”. Nesse contexto, é fundamental ressaltar a natureza excepcional das mortes ocorridas durante a pandemia e o que isso revela sobre as formas usuais de morte e sobre como as pessoas “são levadas à morte” no Brasil.

Nos estudos da antropologia da morte, a morte é frequentemente compreendida como um *fato social total*, de acordo com Marcel Mauss (2003). O termo se refere ao reconhecimento de que a morte não é apenas um evento biológico, mas um fenômeno que permeia todos os aspectos da vida social, cultural e simbólica de uma sociedade. Ao estudar a morte, diferentes cientistas sociais tratam esse fenômeno como um objeto de estudo das ciências sociais (Àries, 1982; Elias, 2001; Foucault, 1978; Koury, 1983; Martins, 1983; Neves, 1998; Menezes, 2003/2004; Turner, 1974; Kübler-Ross 1993/2008; Herzlich, 1993).

Em suas obras, esses autores buscam entender os significados da morte na sociedade ocidental e também abordam como diferentes culturas e sociedades lidam com a morte, seus rituais, crenças e significados atribuídos a ela. Seus estudos destacam a importância da morte como um fenômeno social e reconhecem sua influência na formação das sociedades nos ritos de

despedida. No dossiê compartilhado com Elisa Rodrigues⁵⁶ (2025) na apresentação intitulada “*A morte, o morrer e os mortos: abordagens a partir das Ciências Sociais*”, destacamos um panorama interdisciplinar dos estudos sobre a morte, o morrer e os mortos nas Ciências Sociais, destacando a morte como um fenômeno atravessado por dimensões culturais, simbólicas, políticas e emocionais.

Na pandemia, quando a morte biológica e social se cruzaram de maneira mais evidenciada, conseguimos constatar um cenário peculiar em que a morte individual se insere e se perde num oceano de mortes que ocorrem simultaneamente, levando a um impacto social e sofrimento social generalizado. Por isso, nesta tese proponho pensar a morte no contexto analisado como um *fato social total pandêmico* – ou seja, como um fenômeno que engajou todas as instituições e imaginários sociais, e ao mesmo tempo como a perspectiva que nos permite compreender de forma privilegiada a experiência da pandemia em cada contexto específico.

Dessa forma, a abordagem da morte como um *fato social total* na pandemia reconhece as mortes pandêmicas não apenas como uma experiência individual, mas como uma vivência enraizada na experiência coletiva, no qual o sentimento de medo perpassa todas relações. O sentimento da morte afeta a organização social, os rituais de passagem, as práticas funerárias e até mesmo as noções de pessoa e moralidade de uma sociedade que compartilha do *sofrimento do deixar* (Silva, 2021).

A expressão *sofrimento do deixar* é desenvolvida na minha dissertação com pacientes com câncer em cuidados paliativos, indicando que o sofrimento do ato de partir vai além do indivíduo que se despede. É um sofrimento social que envolve a antecipação do sentimento de vazio de quem será deixado na família sem a sua presença. Aqueles que estão próximos da morte muitas vezes carregam consigo um sentimento de preocupação e apreensão em relação aos entes queridos que ficarão vivos, refletindo na função social do moribundo que ele ocupava no mundo social. Esse elo entre o sofrimento do que se despede e a angústia pelo futuro daqueles que permanecem cria uma complexa rede de emoções e preocupações, destacando a profundidade do impacto no momento na partida no rito de passagem de alguém.

Assim, o medo da morte é uma das consequências da pandemia.⁵⁷ De acordo com Lemos (2020) “medo e insegurança são sentimentos que marcam a vida de muitas pessoas neste momento de pandemia e isolamento por causa do coronavírus.” Em paralelo, a crise cemiterial afetou diretamente as relações em torno da morte. Durante a pandemia, as práticas funerárias e

⁵⁶Elisa Rodrigues é antropóloga pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e pesquisadora na área dos estudos da morte, dos mortos e do morrer. É coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Antropologia da Morte (GEAM), do qual sou membro. Para mais informações sobre o GEAM, consultar: <https://sites.google.com/view/antropologiadamorte>. Acesso em: 30 jan. 2026.

⁵⁷ Link: [Medo da morte é uma das consequências da pandemia – Jornal da USP](#) acessado dia 11 de Julho de 2023.

os rituais de despedida foram impactados (Soares; Rodrigues, 2020). As narrativas descritas na tese e os discursos em torno da pandemia e da morte marcaram as experiências das enlutadas, influenciando a adesão às medidas de saúde pública estatal, a busca por tratamento médico e as atitudes em relação à morte e ao luto.

Além disso, o sentimento de morte veio de outras esferas, gerando uma série de questões éticas e morais relacionadas à morte. Uma das mais questões mais delicadas diz respeito ao debate sobre recursos médicos escassos e sobre a tomada de decisões difíceis sobre a suspensão de tratamentos intensivos nos hospitais, que conduziram a uma série de decisões extremas, sobretudo para os profissionais de saúde: “quem vamos salvar”, “quem vamos entubar” e qual paciente da “sala de espera trazemos para UTI”.

Acresce-se uma espécie de roleta da morte, gerando uma sensação de medo entre a população, por não saber quem segue ou quem deixa. A doença continuava afetando as pessoas de todas as idades, e a percepção de que qualquer pessoa poderia ser infectada e desenvolver complicações graves respiratória ou mesmo falecer por não ter um leito causou apreensão generalizada, percebendo assim, a morte entrando no cenário de lamento. Essa roleta de sentimentos ocasionou a crise de saúde das emoções tendo um impacto significativo na saúde mental da população⁵⁸.

Consequentemente, o sentimento de “quem morre e quem fica”, gerou uma sensação de medo à morte entre a população. A incerteza de continuar vivo, o número crescente de mortes a cada dia, a perda de entes queridos e os desafios emocionais associados à pandemia contribuíram para essa percepção de um fato mundial, o sentimento de tristeza, dor e perda que consistem em experiências usualmente associadas à morte (Mauss, 2003).

2.3 A MORTE NOTICIADA: OS NÚMEROS E OS RANKINGS, O BRASIL ENQUANTO FÁBRICA DE MORTE

As mortes pandêmicas foram amplamente noticiadas desde o início da pandemia. As notícias variam dependendo do contexto e da região, mas em geral, os meios de comunicação, o consórcio de veículos de imprensa forneceu informações atualizadas diariamente sobre o número de óbitos e informes diários sobre Covid-19 – o Ministério da Saúde era uma das

⁵⁸ As teses de doutorado desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia por Heloísa Wanick, *Suicídio e políticas públicas de saúde: estudo etnográfico com atores e documentos acerca da efetivação de políticas de prevenção do suicídio*, e por Rafaela Porcari Acuio, “*O que o bombeiro faz? O que ninguém mais faz*”: uma etnografia sobre o atendimento de emergência à saúde mental realizado pelo Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba, abordam, ainda que por diferentes recortes empíricos, a questão da saúde mental no contexto da pandemia. Ambas as pesquisas, em distintos momentos, alertam para aquilo que passou a ser denominado como uma “epidemia de saúde mental”, anunciada desde os primeiros meses da pandemia de Covid-19.

plataformas⁵⁹. Na contemporaneidade, marcadamente atravessada pela virtualidade e pela digitalização, os sujeitos são cada vez mais reduzidos a códigos, sequências numéricas que os inscrevem em uma lógica de rastreamento, controle e mercantilização.

Nesse cenário pandêmico, a economia política vigente não opera com base no valor intrínseco da vida, mas na valoração da produção e da extração contínua de dados, transformando indivíduos em meros vetores de capital – números. A subjetividade é, assim, destacada por algoritmos que categorizam, classificam e hierarquizam existências conforme sua produtividade e rentabilidade dentro de um sistema que instrumentaliza corpos e experiências. Essa dinâmica redefine as formas de governança e fortalece as assimetrias sociais, consolidando um regime no qual a vida só importa na medida em que pode ser quantificada e explorada economicamente.

As mortes por Covid-19 foram frequentemente relatadas nos noticiários por meio de manchetes, tabelas, gráficos nas reportagens, que destacaram os números de mortes em níveis locais, nacionais e globais na sua maioria no final da noite quando saía os boletins⁶⁰. No entanto, vale ressaltar que houve momentos em que um apagão das informações dos mortos foi detectado (debate importante que vou destacar posteriormente). Os veículos de comunicação geralmente divulgavam estatísticas e dados fornecidos por autoridades de saúde, Secretarias Estaduais de Saúde e Ministério da Saúde e OMS, com o número total de mortes por dia, taxas de mortalidade, grupos de risco afetados e análises sobre o impacto da pandemia na saúde pública.

Pode ser visto, também, na plataforma *online* Coronavírus//Brasil a disposição do painel de informações interativas⁶¹. Diariamente as notícias televisionadas, olhavam os dados do Sistema Único de Saúde - SUS, com informações estratégicas, e suas divisões por categorias. Na página inicialmente tinha uma “Síntese de casos, óbitos, incidência e mortalidade e as divisões dos óbitos acumulados de Covid-19 por data de notificação, óbitos acumulados de covid-19 por semana epidemiológica de notificação, casos de covid-19 por município de notificação e os óbitos de covid-19 por UF de notificação”.

Além disso, muitas notícias passaram a abordar histórias individuais, principalmente no G1, contribuindo para a construção de uma memória pública da pandemia ancorada em relatos pessoais, a exemplo da reportagem “Os brasileiros que perderam a vida na pandemia do coronavírus - as vítimas da Covid-19”⁶², destacando casos específicos de pessoas que perderam

⁵⁹ Link : [Informes Diários Covid-19 - Ministério da Saúde \(www.gov.br\)](https://www.gov.br/informacoes-covid-19) acesso 12 de julho de 2023.

⁶⁰ Link: [Coronavírus Brasil \(saude.gov.br\)](https://saude.gov.br/coronavirus-brasil) acesso 14 de julho de 2023.

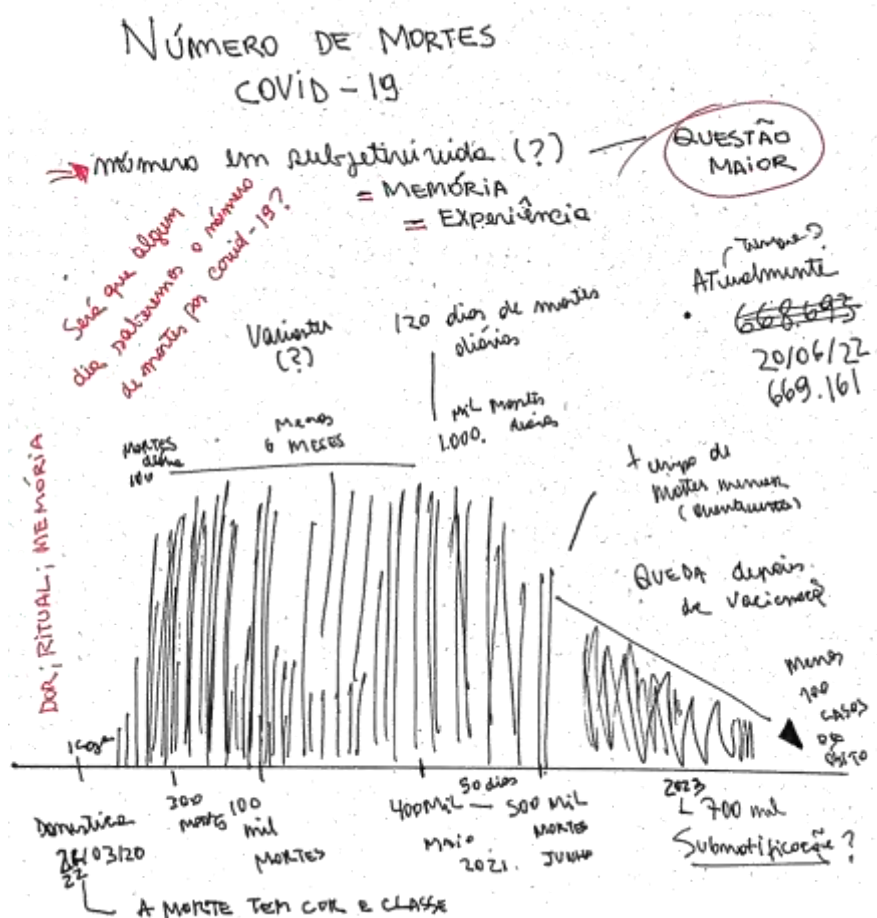
⁶¹ Link: [Coronavírus Brasil \(saude.gov.br\)](https://saude.gov.br/coronavirus-brasil) acesso 14 de julho de 2023.

⁶² Link: [Memorial vítimas da Covid-19 - Coronavírus – Bem Estar \(globo.com\)](https://globo.com/memorial-vitimas-covid-19) acessado 14 de julho de 2023.

a vida devido à Covid-19, porém não conseguiam abarcar o quantitativo das mortes, pois não havia espaço nem tempo suficiente para narrar todos os casos em sua individualidade. Essas histórias mostram a subjetividade das vítimas, suas famílias e as dificuldades enfrentadas durante a pandemia no processo de adoecimento, morte e luto, ajudando assim a sensibilizar a população sobre a gravidade da pandemia, e colocando nome aos números das vítimas, ressaltando ao mesmo tempo a dimensão coletiva das mortes pandêmicas.

Em vista desse fato, retrato em meu diário de campo, a representação gráfica das mortes por dia, em forma de linhas ascendentes e decrescentes, formando uma “barriga” ou uma “onda”, bem como trago a dimensão das notícias sobre as mortes da Covid-19, que tendem a discutir as implicações sociais, econômicas e de saúde pública. As notícias, as manchetes e os números com histórias sobre as mortes da Covid-19 tinham como intenção informar aos negacionistas sobre a gravidade da situação pandêmica e sensibilizá-los quanto às medidas preventivas que foram negligenciadas. Ainda no meu diário de campo, tentei sempre esquematizar o quantitativo, problematizando os números em memória. Vide imagem a seguir:

Esquema 3 – Número de mortes Covid-19



Fonte: Diário de campo (2021)

Realmente, foi uma situação que pode ser descrita como uma espécie de “roleta russa”, embora a analogia com a roleta russa possa dar a entender que todos estavam igualmente sujeitos à morte, o que não é propriamente verdade, pois as desigualdades tornaram-se evidentes no número de mortos. O vírus não atingiu a todos da mesma forma, e a vulnerabilidade à Covid-19 não foi uma questão de sorte ou azar, mas de condições materiais de existência. Biologicamente, algumas pessoas podem ter tido maior suscetibilidade, mas, socialmente, a exposição ao risco foi determinada por fatores como raça, classe e território. Não se tratava de uma escolha individual de se expor ao perigo, mas de um contexto em que certos grupos não tinham alternativa senão continuar circulando, trabalhando e enfrentando condições precárias de saúde e moradia.

A pandemia escancarou essa lógica, na qual o acesso à proteção não foi universal, e aqueles que mais precisavam foram também os que mais morreram. Não era só roleta russa, era injustiça social operando na distribuição da morte. Entretanto, neste momento, gostaria de enfatizar a pandemia de Covid-19 e como, de certa forma, pode ser comparada à incerteza e ao perigo associados à roleta russa, inclusive pelo grau de imprevisibilidade de evolução da doença. Em sua pesquisa com enfermeiras que atuaram na “linha de frente” em João Pessoa, Ana Paula Marcelino Silva (2022) trouxe essa imprevisibilidade como um dos aspectos compartilhados da experiência de atuar em âmbito hospitalar na pandemia – não conseguir explicar por que, diante de circunstâncias aparentemente iguais e até favoráveis para alguns em detrimento de outros, certos pacientes faleciam enquanto outros sobreviviam. Nos documentos oficiais e na divulgação midiática da situação da pandemia, dia após dia, as mortes eram representadas por meio de curvas, estatísticas e números, refletindo a natureza imprevisível da situação, ao mesmo tempo que buscavam apresentar alguma previsibilidade para o momento vivido – quanto tempo duraria uma determinada “onda”, quantos dias seria preciso ficar dentro de casa.

Com o passar dos meses, as estatísticas de morte pareciam evoluir como um degrau ascendente, que nem uma escada em uma única direção, refletindo o impacto da expansão da doença ao longo do tempo. No início da pandemia, o número de mortes relacionadas à Covid-19 no Brasil e em outros países era relativamente baixo. À medida que o vírus se propagava e a transmissão comunitária se intensificava, os casos e as mortes passaram a aumentar sem controle.

As autoras, Silva; Azevedo; Santos, (2024), no texto *“Entre máscaras, tubos, tabelas e fluxogramas: a fabricação das mortes na pandemia de COVID-19 no Brasil”*, discutem como, durante a segunda onda da Covid-19 em 2021, a explosão de dados sobre casos, mortes e leitos conviveu com processos políticos e sociais que “fabricaram” essas mortes. Como afirmam, “tais mortes não terão narrativas e serão reduzidas a números” (p. 10). As autoras procuram demonstrar que os números podem constituir um ponto de partida para o estudo das mortes; contudo, precisam

ser interpretados à *luz das particularidades* se quisermos compreender, de fato, as experiências de sofrimento daqueles que faleceram (p.16).

Os primeiros 100 mil óbitos por covid-19 no Brasil foram registrados em 2020 no dia 08 de agosto, ao fim de cinco meses de pandemia. Desde então, os números vieram dobrando num espaço de tempo curto, as mortes noticiadas, os rankings foram crescendo, tornando o Brasil uma fábrica de morte descontrolada. No dia 07 de janeiro de 2021, o Brasil chegou aos 200 mil óbitos, setenta e seis dias depois chegando aos 300 mil óbitos (24/03/2021), e menos de quarenta dias chegando as 400 mil mortes pandêmicas (29/04/2021), o curto espaço de tempo mostrava a gravidade e o descontrole dos números de mortes, chegando ao triste número de 500 mil óbitos no dia 19 de junho de 2021⁶³. Lembro que nesse momento houve vários compartilhamentos informando a marca de dor, destacando o caráter simbólico ou emblemático dos “números redondos”. Bem configurada na fala de Stalin, nesse sentido “[...] a morte de um homem é uma morte; a de milhões de homens, é estatística” (Stalin dirigindo-se a Churchill em Potsdam, 1945). E no Brasil as mortes foram frequentemente vistas como estatísticas, diminuindo a comoção coletiva do luto e o processo subjetivo individual das vítimas.

No começo de outubro de 2021 mesmo com o avanço da vacinação, ainda existia o risco de morte pelo vírus, o país ainda estava em 3º no ranking com a maior média diária de novas mortes no mundo, atingindo então 600 mil mortes. Em 2023 após três anos da primeira morte, o Brasil chegou mais de 700 mil vidas perdidas. Atualmente, o Brasil ocupa o segundo lugar no ranking de países com mais mortes por covid-19 em números absolutos, tirando as subnotificações, ficando abaixo dos Estados Unidos com mais de 1.000.000 um milhão de mortos⁶⁴.

Lucynier, de Manaus, 62 anos, mãe de Daniel, percebeu média diária de novas mortes da seguinte forma:

assim, é que não dá para você não ter o Estado, porque o que aconteceu com a gente foi a falta do Estado, a média diária de novas mortes no mundo. Então toda essa baboseira, essa história do Estado... ele é responsável sim, se ele não for assumir, se ele tivesse tomado uma atitude de gente grande talvez a tragédia não fosse tão grande. E isso para mim desmonta todo esse discurso neoliberal, esse discurso desses idiotas que vivem pregando... bom, esse campo já é outro, do negro, do homossexual, nós acabamos sendo uma minoria, uma minoria de 700 mil pessoas, fora os sequelados pela Covid, 700 mil mortos. (Lucynier, entrevista realizada em 25/05/2023).

Durante o ano de 2020, o Brasil registrou um aumento acentuado nas estatísticas de morte relacionadas à Covid-19 e também de “sequelados”, como relata a fala de Lucynier, mas

⁶³ Link: [Brasil chega a meio milhão de mortos por covid-19 | Exame](#) acessado: 26 de junho de 2023.

⁶⁴ Link : [quantas pessoas morreram de covid-19 no brasil - Pesquisar \(bing.com\)](#) acessado: 26 de junho de 2023.

esses números não dão conta do total de vidas perdidas e afetadas. A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) mostrou que o número de mortes por Covid-19 no Brasil em 2020 foi 18,2% maior do que o registrado⁶⁵, milhares de vidas além dos informados foram perdidas e o país se tornou um dos epicentros da pandemia. É importante destacar “o jogo de erros” das estatísticas de morte e a subnotificação que poderiam variar dependendo da fonte e da metodologia de coleta de dados utilizada. Alguns Estados só registravam a morte ou a contaminação, havendo uma diferença entre a data em que o óbito ocorre e a data em que foi informado nos sistemas oficiais⁶⁶.

Além disso, os números de óbitos decorrentes da Covid-19 poderiam ser influenciados por diversos fatores, tais como a disponibilidade de testes, o registro adequado das mortes e a subnotificação de casos. Luanda Catarina destacou que, para muitos, a Covid-19 era tratada como algo inexistente, sendo que as estatísticas de mortes eram muito maiores do que a realidade, devido a uma significativa subnotificação, agravada pela ausência de uma política de Estado efetiva e a omissão de um ex-presidente. Muitas pessoas também recusavam acreditar nos números pandemia. Entretanto, diante da negação da realidade da pandemia, ela questionou: “Como é possível que, enquanto o mundo inteiro enfrenta uma crise de mortalidade devido a esta situação, algumas pessoas ainda minimizem a gravidade do problema, atribuindo os discursos da boneca negando os números de morte?” (com referência à “boneca” associada a Bolsonaro).

Com efeito, em 2020, as regiões mais afetadas incluíram o Estado de São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará, Pará e Amazonas, entre outros⁶⁷. Para representar a diferença das incidências por estados, uma estratégia muito comum na imprensa foi a apresentação do mapa do Brasil com as suas diferentes zonas divididas por cores: vermelho significava em “alta”, amarelo em “estabilidade” e azul em “baixa”, porém, em algumas épocas, o “em baixa” era uma estabilidade de mais de mil mortes por dia. No intervalo do primeiro ano contabilizou aproximadamente 200 mil mortos. Logo o sistema de saúde enfrentou sérias dificuldades para lidar com o alto número de casos de adoecimento e morte e as taxas de ocupação hospitalar atingiram níveis críticos em várias localidades, principalmente em locais de difícil acesso.

Ao longo de 2021, as estatísticas de morte continuaram a aumentar, chegando à marca dos 500 mil mortos pela pandemia, embora com variações ao longo do tempo e em diferentes regiões do país. Paralelamente às notícias das mortes, o avanço da vacinação em alguns Estados

⁶⁵ Link: [Estudo analisa registro de óbitos por Covid-19 em 2020 \(fiocruz.br\)](https://www.fiocruz.br/pt-br/assuntos/comunicacao/estudo-analisa-registro-de-obitos-por-covid-19-em-2020) acessado: 14 de junho de 2023.

⁶⁶ Link: [Entenda por que o registro de zero morte por Covid não significa que ninguém morreu naquele dia | São Paulo | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/entenda-por-que-o-registro-de-zero-morte-por-covid-nao-significa-que-ninguem-morreu-naquele-dia-1.7011111) acessado 14 de junho de 2023.

⁶⁷ Link: [Veja os estados mais e menos afetados proporcionalmente pela covid-19 | Exame](https://exame.com/saude/veja-os-estados-mais-e-menos-afetados-proporcionalmente-pela-covid-19/) acessado: 14 de junho de 2023.

e municípios trouxe um “olhar de esperança” na redução no número de óbitos. Nesse momento, um novo registro em cores foi acrescentado às representações gráficas da pandemia. Eram os “recuperados”, apresentados com a cor verde, uma representação que omitia, entretanto, as sequelas que poderiam estar presentes nos sobreviventes, embora já houvesse ampla discussão sobre a “Covid Longa” (Segata; Löwy, 2024).

As estatísticas de morte e as sequelas dos vivos - sejam as pessoas que tiveram Covid-19 e se recuperaram ou dos que não foram contagiados pelo vírus, mas sofreram perdas que também impactaram suas vidas- durante a pandemia se tornaram uma realidade infeliz, representando vidas perdidas, pessoas marcadas pela doença e famílias em luto.

Por conseguinte, esses números enfatizavam a importância de medidas de saúde pública, mas ao mesmo tempo pareceu ocorrer, entre alguns setores da população, uma certa saturação diante dessas informações recorrentes, um certo terror por parte das pessoas que reproduziam frases como: “não aguentamos ouvir esses números dos mortos mais...”, “só fala das mortes”. Essas foram frases recorrentes que comecei a testemunhar no segundo semestre de 2021 em meus círculos de sociabilidade e junto a minhas interlocutoras. Se ausentar das informações começou a ser um mecanismo de defesa da saúde mental.

Maiti, de 45 anos, viúva de Rogério destaca que,

a TV teve uma força muito grande para comunicação e acho que na disseminação do pânico, porque era assustador. Mesmo antes da pandemia, da Covid, a gente ficava ansiosa, ficava desesperado, era um momento de muita tensão, de muita tristeza e essa coisa de a gente começar a ouvir “morreram tantos”, “morreram não sei quantos”. É uma coisa muito engraçada, que eu até comentei com alguns amigos na época, é que a gente fala “nossa, que sensacionalista, tá morrendo tanta gente”, mas a gente nunca acha que vai ser dentro de casa, nunca acha que vai ser com a gente. A gente escuta na TV “olha, morreram não sei quantas pessoas, olha onde”, aí você começa a ouvir “nossa, o vizinho de fulano morreu de Covid”, “o primo de não sei quem morreu de Covid”. E aí vai chegando perto, é como uma onda, começa na beirinha da praia e vai vindo devagarzinho e quando você está ali é tipo um tsunami, porque quando vem não é uma ondinha, não! Vem e derruba tudo [Choro]. E aí foi isso, parece que a gente vai vendo, vai ouvindo e mesmo tendo tantas notícias a gente acha que “ah, eu estou imune a isso”, isso não vai me pegar. Eu estou tão protegido, eu nem saio de casa, pedia compra fora, lavava sacolinha, lavava tudo e aí no momento que você menos imagina é quando a doença entra na sua casa e pega todo mundo [morreram três pessoas da sua família, seu marido, seu sogro e sogra de covid-19]. (Maiti, entrevista realizada em 27/03/2023).

Maiti, que perdeu três pessoas da mesma família por Covid destaca a influência da comunicação de notícias durante a pandemia, mencionando tanto a disseminação do pânico quanto a sensação de descrença inicial diante dos números crescentes de casos e mortes. A metáfora do tsunami ilustra o impacto repentino e avassalador da Covid, dos contágios se avolumando e as mortes chegando cada vez mais perto, mesmo que se acreditasse estar “protegida”, por ficar

em casa e cumprir os protocolos. Seu relato nos fala de como as notícias, num primeiro momento, parecem distantes da realidade, e traz à tona a problematização em torno do impacto emocional das informações. Quando ela fala, as lágrimas vazam. Percebi que a antropologia pode ser encharcada de lágrimas e me emocionei junto com Maiti.

Assim, tornou-se fundamental seguir acompanhando as estatísticas e os esforços de contenção da pandemia ao longo de 2022. No entanto, nesse período, órgãos de saúde e autoridades governamentais passaram a divulgar, de forma menos frequente, dados atualizados sobre o número de mortes por Covid-19, em um contexto já marcado pelo discurso do “*novo normal*” e do “*retorno à normalidade*”. Esse movimento ocorreu mesmo diante de um cenário que ultrapassava 650 mil mortes acumuladas e ainda registrava mais de 300 óbitos diários⁶⁸. Desse modo, a circulação ou o silenciamento dessas notícias pode ser compreendida como parte de políticas de sobrevivência, que tensionam a conscientização social acerca da realidade das mortes e das possibilidades de ação coletiva frente à gravidade da pandemia.

2.4 AS CHARGES: A CONSTRUÇÃO DA MORTE A PARTIR DE COMPARTILHAMENTO ILUSTRADO

Durante o isolamento social na pandemia de Covid-19, os memes e as charges desempenharam um papel na construção do sentido da morte através do compartilhamento em redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas *Whatsapp* e Instagram. As charges dos cards acabavam sendo compartilhadas rapidamente pela internet e refletiam nas percepções, emoções e experiência coletiva da pandemia. Algumas dessas charges têm autoria conhecida, enquanto outras são anônimas. Algumas foram originalmente publicadas em jornais, enquanto outras se disseminaram diretamente nas redes sociais. As imagens com créditos de autoria estão identificadas na própria charge, enquanto aquelas sem créditos foram compartilhadas sem informações sobre o autor. No entanto, é importante ressaltar que nenhuma dessas charges foi criada por mim, nem pelas interlocutoras.

Nas redes sociais, as charges acabaram sendo uma manifestação política relevante durante a pandemia de Covid-19, abordando de maneira dura, satírica e crítica diversos aspectos relacionados à crise sanitária, os mortos e o atual governo. Por meio da crítica e da sátira em formato de informação, as charges compartilhadas destacavam o poder da internet nesse momento de distanciamento, chamando atenção para dores coletivas e sofrimento, como a

⁶⁸ Link: [Brasil ultrapassa 650 mil mortos por Covid; ainda sob influência do feriado, média móvel cai para 509 | Coronavírus | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/brasil/noticia/2022/07/14/brasil-ultrapassa-650-mil-mortos-por-covid-19-ainda-sob-influencia-do-feriado-media-movel-cai-para-509-coronavirus-g1-globo-com-1.6788888) acessado 14 de julho de 2023.

gestão da pandemia, a postura do ex-presidente, as medidas de prevenção e o compartilhamento de *fake news*.

Silva (2022c), em sua dissertação de mestrado “*Impactos da pandemia de Covid-19 no trabalho produtivo e reprodutivo de mulheres*”, destaca as charges como um recurso metodológico capaz de condensar tensões sociais e significados coletivos por meio de imagens que articulam humor, crítica e contexto histórico do momento da pandemia. Na minha tese, serão mobilizadas como dispositivo analítico para compreender as expressões e elaborações do luto entre mulheres enlutadas, principalmente refletindo o negacionismo.

Logo, as charges com manifestações políticas durante a pandemia retrataram situações cotidianas que estávamos vivenciando. Muitas vezes as enlutadas compartilhavam essas charges com um toque de ironia para colegas negacionistas, como ilustração das negligências tomadas ou permitidas por autoridades governamentais. As desigualdades sociais exacerbadas pela crise cemiterial, os desafios no sistema de saúde no processo de vacinação, entre outros temas, foram elaborados por essa forma de comunicação altamente sintética e de rápida divulgação. Como destaque na colagem abaixo (Figura 14);

Figura 14 – As charges relacionadas à morte na pandemia



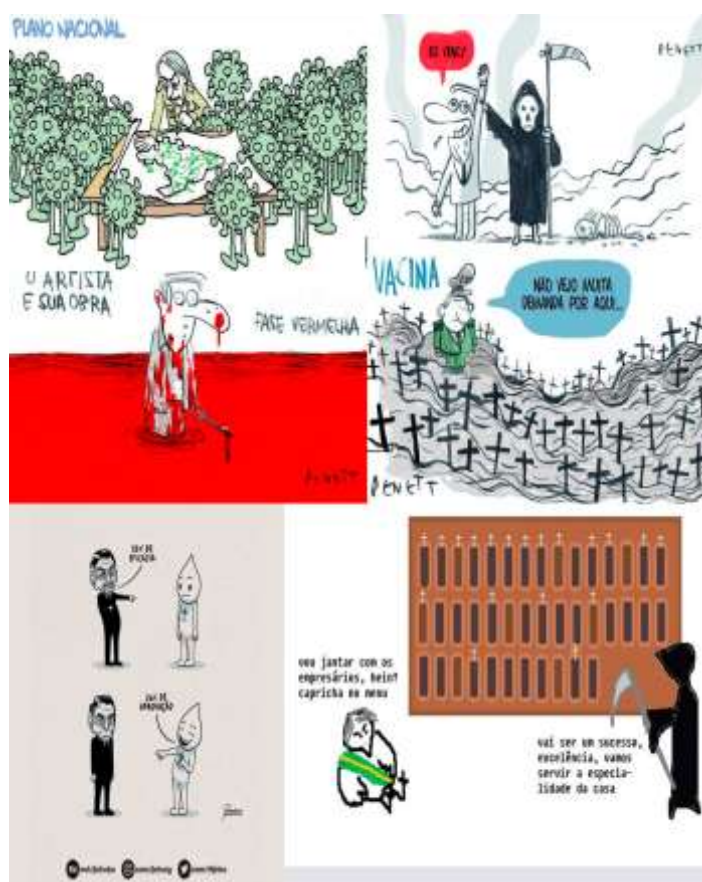
Fonte: Imagens compartilhadas nas redes sociais (2021)

Os memes acima relacionados à morte na pandemia podem abordar diversos temas, desde ausências de medidas de prevenção pelo “mito” pelos seus apoiadores, como o uso de máscaras e o distanciamento social, até as dificuldades enfrentadas pela população, como a falta

de recursos, e a banalização da bandeira do Brasil. Esses memes muitas vezes utilizam o humor como estratégia para lidar com o medo, a situação de calamidade pública e o desconforto associados à morte e à crise sanitária no Brasil.

Além disso, as charges também evidenciaram as falhas na gestão da pandemia, retratando um governo marcado pelo descaso com os infectados, pela negligência nos cuidados e por um plano de morte, conforme sugerido nas charges compartilhadas. Por meio do compartilhamento dessas manifestações de resistência, a partir das charges, as pessoas expressavam revolta e insatisfação, ampliando o debate público sobre as mortes pandêmicas e suas implicações na sociedade, como podemos ver nas imagens abaixo:

Figura 15 – Charges relacionadas à morte na pandemia



Fonte: Imagens compartilhadas nas redes sociais (2021)

É importante ressaltar que a representação da morte através nas charges traduzia um caráter crítico que em nenhum momento desrespeitava a memória dos mortos, nem violava a subjetividade de quem morreu e de quem ficou, porém tinha como alvo os que “deixaram morrer”. Receber e repassar essas charges tornava-se, então, uma forma de manifestação do direito à dor e do respeito de quem morreu, podendo oferecer “algum conforto” e ajudar na luta entre as pessoas em tempos de distanciamento físico. As enlutadas da pesquisa destacaram que

compartilhar as charges seria uma indireta para quem não acredita na pandemia e desdenha da dor dos outros.

As enlutadas destacaram que a morte começou a ser compartilhada, falada de diversas formas, que nos grupos de *Whatsapp* eram compartilhadas notícias que às vezes traziam uma conscientização, e que elas compartilhavam as charges para mostrar de outras formas a morte dos seus familiares.

Pensando nisso, é fundamental ter sensibilidade com o sofrimento dos enlutados, ao compartilhar notícias sobre a morte durante a pandemia. Afinal, as charges funcionam como uma fonte de notícias, como uma forma de expressão artística, e como manifestação política que busca engajar os algoritmos nos aplicativos, estimulando o debate sobre um dos temas que é tão sensível, como as mortes em cenário pandêmico. Deste modo, as charges se tornaram, durante a pandemia, uma importante linguagem para trazer a reflexão sobre a pandemia, seus impactos e sobre as responsabilidades individuais e coletivas diante desse cenário desafiador de uma “fábrica de mortes” em que o Brasil se transformou.

2.5 SALVAR O CNPJ OU O CPF: A ECONOMIA COMO UM RECURSO DE MORTE

Durante a pandemia as necessidades básicas começaram a ser questionadas. Muitas pessoas e empresas enfrentaram dificuldades financeiras e incertezas sobre como manter suas atividades e garantir sua subsistência, principalmente os funcionários com vulnerabilidade social. Nesse contexto, salvar tanto o CNPJ (Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica) quanto o CPF (Cadastro de Pessoas Físicas) tornou-se uma preocupação noticiada abordada e essas duas siglas (CNPJ e CPF) passaram a retratar atitudes opostas em relação à pandemia (Duarte, 2020). Para minhas interlocutoras, a ênfase nos CNPJ, em “salvar a economia” funcionou como recurso de *morte*, especialmente quando analisamos as políticas adotadas durante a pandemia pelo governo federal pelo discurso negacionista.

Com base no artigo “*Negacionismos e temporalidades*”, Rosana Castro (2025) aborda o negacionismo não como uma simples negação da ciência em termos absolutos, mas como um fenômeno mais complexo que articula práticas sociopolíticas específicas no contexto brasileiro contemporâneo. Ela observa que atores rotulados como negacionistas não rejeitam toda a ciência de forma uniforme, mas constroem fronteiras entre aquilo que consideram “ciência legítima” e “ciência ilegítima”, mobilizando classificações valorativas que refletem convicções, filiações políticas e disputas simbólicas no espaço público. Dessa forma, o negacionismo, ao priorizar a preservação da atividade econômica em detrimento das medidas de proteção à saúde pública, revelou uma lógica em que o CNPJ valia mais do que o CPF, esvaziando o valor das

vidas humanas frente ao *poder econômico*, que está diretamente relacionado ao controle e a posse dos meios de produção (Marx, 2008).

Nesse processo, existem duas camadas do sistema capitalista que se tornaram visíveis na pandemia: a primeira, as grandes empresas colocam pressão para os funcionários pedirem para trabalhar e assim não perderem o emprego; e segunda, o estado que não deu suporte imediato para muitos funcionários cumprirem o isolamento social, existindo camadas de quem poderia “ficar em casa” sem morrer de fome. Isso destaca a complexidade da interação entre saúde pública, economia e bem-estar social durante a pandemia.

Dessa maneira, diversas medidas foram desenvolvidas, as empresas, as micro e pequenas empresas (MPEs) e os microempreendedores individuais (MEIs) foram beneficiadas com iniciativas, entre as quais o diferimento de impostos como o Simples Nacional, contribuições da seguridade social e pagamento de débitos. A possibilidade de redução de jornada de trabalho e suspensão de contratos, o auxílio emergencial aos MEIs e as linhas de crédito específicas para o segmento foram ações emergenciais⁶⁹, com isso, a “sobrevivência do CNPJ” envolveu a busca por soluções para lidar com a redução de impostos e a economia veio à frente do CPF.

Já “salvar o CPF”, durante a pandemia, significou enfrentar os desafios da instabilidade alimentar, perda de emprego⁷⁰, redução de renda ou ameaças de “se não retornar pode perder o emprego”. Nesse sentido, medidas de apoio governamental, como auxílio emergencial, foram implementadas para ajudar as pessoas a atravessarem a pandemia somente após uma forte pressão por parte da opinião pública e do Congresso Nacional, pois o então presidente, num primeiro momento, mostrou-se contrário a qualquer política de distribuição de renda mesmo diante do período emergencial.

Durante a pandemia, além dos números de mortos, foram os números da economia que provocaram várias tensões sociais e tabelas de números de desemprego. A pandemia também teve um impacto na economia brasileira, agravando a desigualdade social. O fechamento de comércios, indústrias e serviços não essenciais resultou na redução da atividade econômica, criando o movimento “salve a economia”, “manifesto para não demitir”⁷¹. Setores como turismo, restaurantes e eventos culturais foram diretamente afetados e as *lives* começaram a ser um recurso comercial⁷², como uma medida de pensar nos recursos econômicos e fortalecer o

⁶⁹ Link: [Medidas de estímulo à economia executadas pelo governo atingem R\\$ 1,169 trilhão - Ministério da Economia \(www.gov.br\)](https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/medidas-de-estimulo) acessado 15 de julho de 2023.

⁷⁰ Link: [Desemprego diante da pandemia bate recorde no Brasil em setembro, aponta IBGE | Economia | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/brasil/noticia/2020/09/01/desemprego-durante-pandemia-bate-recorde-no-brasil-em-setembro-aponta-ibge-1.5111111) acessado 15 de julho de 2023.

⁷¹ Link: [Empresas brasileiras lançam manifesto contra demissões – DW – 06/04/2020](https://www.dw.com/pt-br/empresas-brasileiras-lancam-manifesto-contra-demissoes/a-55848484) acessado 14 de julho de 2023.

⁷² Link: [Retrospectiva 2020: lives dominaram o ano, e Brasil é destaque mundial \(uai.com.br\)](https://www.uai.com.br/retrospectiva-2020-lives-dominaram-o-ano-e-brasil-e-destaque-mundial) acessado 14 de julho de 2023.

movimento “fique em casa”. como uma medida de angariar recursos econômicos e fortalecer o movimento do “fique em casa”.

A recomendação do “fique em casa” durante a pandemia da Covid-19 foi uma medida adotada por muitos governos estaduais e propagada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como uma estratégia para controlar a propagação do vírus, fortalecer a vida e diminuir os números de mortes, reduzindo a transmissão do SARS-CoV-2 ao limitar o contato físico, no ambiente de trabalho.

Já o ex-presidente de República, fez várias críticas contrárias às políticas de isolamento social adotadas na pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Bolsonaro usou desde o início da pandemia, em 2020, um bordão para criticar o que, segundo ele, diziam seus adversários: “fica em casa, a economia a gente vê depois”. O bordão aparece em 51% das *lives* que Bolsonaro fez de março de 2020 a setembro de 2022⁷³. Luanda Catarina disse que se o governo tivesse tomado medidas cabíveis e o mais rápido possível, “não ficasse de gracinhas nas *lives* dele falando só de economia, acho que não teria chegado a esse ponto, esses números de mortos”.

Márcia, de Sorocaba-SP, de 52 anos, filha de Licinha, destaca sua indignação sobre os discursos que contrapunham a salvaguarda da vida à salvaguarda da economia:

Acredito que se não fosse aquela exposição, no começo aquela briga de economia “salvar a economia, economia” ... Sim, economia é importante, mas a vida é muito mais, porque teve pessoas: “ah, eu não peguei, eu não morri, eu não perdi ninguém”, “precisamos da economia”, então é fácil você falar quando você não perde alguém, né, quando você não perde o seu amor, a pessoa importante da sua vida. Então, hoje em dia eu fico pensando, aquelas milhares de pessoas que graças a Deus não perderam ninguém, que graças a Deus tiveram a felicidade de ter os seus entes com eles, foram capazes de ter pego uma Covid de grau leve e acharam que foi normal, né, “não virei jacaré, eu não sou coveiro, foi uma *gripizinha*” aquelas coisas assim, com poucos sintomas... e você sentindo o luto do que você perdeu ali, eu perder minha mãe, e as pessoas falando da economia. Foi uma das dores mais horribéis, só perde pra perder um filho, que Deus me guarde que eu não quero nunca sentir essa dor. Então assim, eu achei, sabe, uma falta de empatia, porque “ah, tudo bem, vou abrir a economia”, mas uma coisa é abrir com responsabilidade “vamos então gente, pelo amor de deus, não vamos aglomerar, agora vamos colocar a culpa no carnaval do ano passado”, não! ter respeito, como saúde pública, como chefe do Estado, usar máscara e incentivar, já que se preocupava com a economia. (Márcia, entrevista realizada em 10/01/2023).

Na conversa com Márcia, ela destacava em todo momento a importância de priorizar a vida em meio às questões econômicas que uma pandemia poderia trazer. A todo momento ela destaca as relações de classe e como isso colocava em jogo as vidas, e ainda como algumas

⁷³ Link: [Bolsonaro usou a expressão “fica em casa, a economia a gente vê depois” em mais da metade das lives na pandemia \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/bolsonaro-usou-a-expressao-“fica-em-casa-a-economia-a-gente-ve-depois”-em-mais-da-metade-das-lives-na-pandemia/) acessado : 15 de julho de 2023.

pessoas minimizam a gravidade da pandemia por não terem vivenciado a perda e o luto. No decorrer das conversas, a gravidade da pandemia era relativizada por algumas pessoas que tiveram casos leves de Covid-19 e consideraram como algo “normal”, que tinham que voltar ao trabalho para “salvar a economia”, mesmo aquelas pessoas que poderiam ficar em casa.

Como sabemos, o objetivo por trás da consigna do “fique em casa”, “vamos usar máscara” era evitar as aglomerações, principalmente em locais fechados, sem circulação de ar, onde o vírus se espalha com mais facilidade. Para isso, inicialmente foram definidos os serviços essenciais e não essenciais, sendo que estes poderiam manter-se fechados nos períodos determinados pelas autoridades sanitárias – o que não ocorreu sem conflito – e diversas atividades profissionais transicionaram para home-office. Desta maneira, esperava-se diminuir ou “achatar” a curva de contágios. Além disso, o isolamento social também tinha a intenção de proteger os profissionais de saúde que estavam na linha de frente do combate à pandemia.

Mas enquanto foi inegável o esforço que boa parte da sociedade fez para enfrentar uma crise sanitária sem precedentes para a geração atual, as atitudes do então presidente fomentaram um ambiente de descrença e caos. Durante o isolamento social em 2020, Jair Bolsonaro fez declarações sobre os hospitais em uma live e pediu ajuda aos seus apoiadores, com a desculpa de estar combatendo desvio de recursos:

Em transmissão nas redes sociais na quinta dia 11 de julho de 2020, o presidente Jair Bolsonaro declarou: “Seria bom você fazer na ponta da linha. Tem hospital de campanha perto de você, hospital público, arranja uma maneira de entrar e filmar. Muita gente está fazendo isso e mais gente tem que fazer para mostrar se os leitos estão ocupados ou não, se os gastos são compatíveis ou não. Isso nos ajuda”⁷⁴.

Diante disso, apoiadores e deputados bolsonaristas, invadiram ambiente hospitalar após pedido⁷⁵. Médicos precisavam suplicar o “fica em casa” diante do dramático cenário, criaram a campanha com mensagens gravadas em vídeo, fotos, em que apelam aos cidadãos para que respeitassem as normas para evitar a contaminação do vírus⁷⁶, visto que, tendo o mínimo de aglomeração entre as pessoas, ia reduzir o número de casos, sendo possível evitar uma sobrecarga excessiva dos hospitais de campanha da covid-19, permitindo que os profissionais de saúde dessem atenção adequada aos pacientes infectados, diminuindo assim o número de mortos.

Na dissertação de Silva (2022a)), *Os riscos do cuidado: experiências do trabalho das profissionais de enfermagem na pandemia de covid-19*, fica muito evidenciado como essas atitudes calaram fundo

⁷⁴ Link: [Entidades reagem à declaração de Bolsonaro que incentiva filmar interior de hospitais | Jornal Nacional | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com) acessado: 15 de julho de 2023.

⁷⁵ Link: [Após pedido de Bolsonaro, deputados invadem hospital, diz governo do ES - Congresso em Foco \(uol.com.br\)](https://uol.com.br) acessado: 15 de julho de 2023.

⁷⁶ Link: [Médicos e enfermeiros suplicam: “Fique em casa!” \(igesdf.org.br\)](https://igesdf.org.br) acessado: 15 de julho de 2023.

nas profissionais de saúde, que estavam arriscando suas vidas e voltando para casa, todos os dias, vítimas de um esgotamento físico e emocional jamais vivenciado, diante da impotência de lidar com uma pandemia fora de controle. Uma das falas das profissionais da saúde entrevistadas lembrava que “ficar em casa era/é, então, questão de vida ou morte”. A presença de pessoas na rua, desafiando as normativas e encorajadas pelo discurso do então presidente, enquanto elas, as profissionais, enfrentavam diariamente, jornadas extenuantes de dor e sofrimento, foi uma das situações mais difíceis de suportar na pandemia.

Márcia, filha de Licinha, destaca também os efeitos do bolsonarismo na pandemia;

uma pessoa como presidente da nação, assim, ele incentivou 700 mil mortes por Covid. A vacina não ia chegar no braço da minha mãe, porque começou com pessoas de 99 anos, não ia dar tempo de chegar no braço da minha mãe, mesmo se começasse a vacina 1 mês antes, não ia chegar no braço da minha mãe entendeu? [choro] mas podia ter sido evitado muitas mortes entendeu? se não tivesse esse incentivo de não usar máscara, incentivar as pessoas entrarem no hospital. A pessoa ficou andando fazendo passeata, e a gente está vendo a loucura que está. Olha, chegou a um ponto assim do extremo que nunca imaginava ver na minha vida né, o que tá acontecendo, eu acho que assim que isso é uma coisa imperdoável, pra mim é imperdoável, você perder uma pessoa e outra pessoa dando risada, achando engraçado né “ah, vai morrer mesmo”, lógico que a gente sabe que todo dia alguém vai morrer, a gente não é eterno, mas eu acho que respeito cabe em qualquer lugar, independentemente de qualquer coisa, de qualquer partido, de qualquer ideologia, eu acho que respeito é respeito, já que quem poderão ficar em casa? (Márcia, entrevista realizada em 10/01/2023).

Como dito acima, o objetivo por trás da estratégia “fique em casa” visava “salvar vidas”, proteger os sistemas de saúde, e diminuir o “cenário de morte”. Nesse cenário, estavam inseridos os corpos vulneráveis, que em sua grande maioria são da população negra. No entanto, as medidas de contenção não foram tomadas de forma centralizada visando a proteção das vidas e com atenção às vulnerabilidades, não teve equilíbrio da realidade social de raça e gênero. Os desafios em uma pandemia são os que não têm, principalmente, os corpos em vulnerabilidade, sem reparação e que não conseguiram ter os benefícios sociais para “ficar em casa”.

Resultados de um estudo do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde em 2020, do grupo da PUC-Rio, confirmaram que a população negra morreu por covid-19 mais do que brancos no Brasil. O grupo analisou a variação da taxa de letalidade da doença no Brasil de acordo com variáveis demográficas⁷⁷ e socioeconômicas da população, como aumento do desemprego e sem condições de manter o “fique em casa”.

⁷⁷ Link: [Por que o coronavírus mata mais as pessoas negras e pobres no Brasil e no mundo - BBC News Brasil](#) acessado: 15 de julho de 2023.

O desemprego no Brasil cresceu ainda mais entre negros, aumentando as desigualdade racial⁷⁸, pois dependiam de trabalhos não essenciais (que não estavam liberados na primeira onda em 2020), muitas vezes vivem na informalidade, no subemprego para sobreviver e não tinham a possibilidade de “ficar em casa”, tendo em vista, que a desigualdade racial no mercado de trabalho brasileiro é histórica e se acentuou diante da crise, vulnerabilizando cada vez mais a população negra, estigmatizando como corpos que “tem imunidade” e não precisava ficar em casa. A expressão “tem imunidade” é empregada de maneira irônica para evidenciar como algumas pessoas ainda têm a visão equivocada de que a população negra é naturalmente imune a doenças, como se fossem capazes de gerar anticorpos apenas por estarem expostos a “bactérias”.

2.5.1 Corpos vulneráveis: políticas de reparação ou morte para os corpos estigmatizados

A imagem da morte, as representações que os homens dela fazem para si mesmos são necessariamente de origem social, e, portanto, investidas, trabalhadas, petrificadas pela experiência da idade, classe, região, clima, cultura, luta e utopia. A imagem da morte é uma imagem estratificada. Vamos mais longe, porém: as imagens da morte no Ocidente são imagens de classe. (Ziegler, 1977, p.135-136).

As representações da morte são socialmente construídas e estratificadas, atravessadas por classe, experiência e contexto histórico, tornando-se ainda mais evidentes na pandemia de covid-19, quando corpos vulneráveis e estigmatizados foram desigualmente expostos à morte. Segundo Segata, Schuch, Damo e VÍctora (2021), a pandemia de Covid-19 não deve ser entendida como um fenômeno uniforme, mas como um conjunto de “*múltiplas pandemias*” atravessadas por profundas desigualdades sociais, econômicas e políticas. Embora o vírus seja o agente inicial, sua circulação e seus efeitos se articulam as desigualdades estruturais, como pobreza, racismo, desigualdade de gênero, precarização do trabalho, acesso desigual à saúde e disputas políticas.

No texto *Problemas socio-sanitarios y producción de conocimiento antropológico en el contexto de la pandemia por Covid-19: reflexiones desde la gestión*, María Laura Recoder e María Guadalupe García (2021) destaca que a pandemia não pode ser compreendida apenas como um fenômeno biológico, mas como um processo social marcado por desigualdades históricas e territoriais. A partir de uma perspectiva situada na gestão pública, as autoras enfatizam a necessidade de construir respostas oportunas e eficazes para mitigar o sofrimento, a doença e a morte,

⁷⁸ Link : [Na pandemia, desemprego no Brasil cresceu ainda mais entre negros | GloboNews Jornal das Dez | G1](#) acessado: 15 de julho de 2023.

colocando em jogo a criatividade e a abertura ao “*outro*” como elementos centrais para o desenvolvimento de intervenções socio-sanitárias em contextos de incerteza.

Nas entrevistas com as enlutadas, ficou nítida a preocupação de ser um corpo negro durante a pandemia. Os depoimentos ressaltam a vivência de enfrentar uma pandemia que acentua as desigualdades já existentes, tornando as enlutadas negras, que representam a maioria, as mais suscetíveis aos impactos da Covid-19. É relevante destacar a reflexão sobre as políticas de morte, como evidenciado por Foucault (1999, p. 309): “Vocês podem entender, nessas condições, porquê os Estados mais assassinos são, ao mesmo tempo, inevitavelmente os mais racistas.”

As enlutadas descrevem a luta pela sobrevivência de suas vítimas, que muitas vezes enfrentaram barreiras no acesso a cuidados de saúde adequados e tiveram menos recursos para se protegerem do vírus. Os relatos também enfatizam as dificuldades econômicas enfrentadas e o subemprego. Nas entrevistas ressaltam a urgência de políticas e ações que enfrentem a discriminação racial e melhoria nas condições de vida da população negra.

Ao analisar um fenômeno que afeta a população negra, é impossível ignorar a questão do corpo negro durante a pandemia. No contexto da pandemia no Brasil, a população negra esteve diretamente envolvida na busca por auxílios emergenciais por parte do governo. Pesquisas realizadas por Locomotiva Instituto de Pesquisa⁷⁹ mostraram que as negras pediram mais auxílio emergencial, mas brancos tiveram maior êxito, com isso, percebe-se uma desigualdade com recursos digitais e acesso a regularizações burocráticas documentais. Assim, apontam que a população mais atingida da pandemia não tem as mesmas condições de acesso para solicitar o benefício.

No contexto de pandemia no Brasil, é visível a desproteção social com o aumento da informalidade, cancelamento de benefícios sociais, entre outros, no período que necessitava de distanciamento social para redução de mortes e contágios (Giovanella *et al.*, 2020), faz-se necessário refletir, portanto, sobre a política da vida e o modo como ela esteve em ação durante a pandemia. De acordo com Didier Fassin (2005), “*a política da vida*” diz respeito à gestão moral e política da existência humana e às desigualdades diante da vida da morte, contrastando assim com a biopolítica foucaultiana centrada na gestão da população.

Foi visto em diversas manchetes os carros de luxo pedindo o retorno do trabalho para “salvar a economia”. Esses corpos criticaram o “fique em casa” e não utilizam o transporte público lotado para trabalho ou participar das manifestações. Esses exemplos mostram os

⁷⁹ Locomotiva Instituto de Pesquisa: [Instituto Locomotiva – Transformamos dados e pesquisas em conhecimento e estratégia. \(ilocomotiva.com.br\)](https://www.locomotiva.com.br) acessado 14 de julho de 2023.

efeitos da classe dominante sobre os dominados. Formando um processo de dualidade entre salvar a vida do CPF ou a do CNPJ, salvar a vidas ou salvar a economia (Duarte, 2020), ficar desempregado ou se expor ao vírus.

Os corpos precários nas estatísticas estão representados por um grupo que se encontra à “margem” em seus direitos básicos. No Brasil, no início da pandemia, as estatísticas das mortes pandêmicas sequer eram separadas por cor. Manifestações de diversas entidades nas redes sociais, movimentos sociais e pesquisadores, mostraram que as desigualdades sociais recrudescentes. Nesse contexto, foi nítido o aumento considerável do racismo impregnado em nosso tecido social.

O artigo de Mascarello *et al* (2021), sobre hospitalização e morte na pandemia no Espírito Santo, mostra uma reflexão sobre *multimorbidade*, Covid-19 e determinantes sociais, mostrando como os grupos sociais com piores condições socioeconômicas foram os mais afetados pela pandemia. O aspecto que desejo evidenciar desse artigo é o fato de ele situar os corpos vítimas dos vírus em seu contexto geral, social e biológico mostrando que, os corpos com maiores riscos de internação e óbito foram identificados em pessoas pretas, pardas e amarelas.

Conforme apresentado no referido estudo, pessoas com doenças crônicas estão sob maior risco de desfechos desfavoráveis por Covid-19, mostrando as estatísticas quem são os corpos mais atingidos pela pandemia. Os resultados revelaram que idade avançada (60 anos ou mais), sexo masculino, baixa escolaridade, raça/cor da pele amarela e preta, presença de morbidade e multimorbidade foram condições associadas a um maior risco de internações, internações em UTI e mortalidade por Covid-19 (Mascarello *et al*; 2021, p.7).

Diante disso, é inegável o impacto das condições (históricas, sociais e econômicas) de vida das pessoas no modo como lidam/enfrentam o processo de tratamento e cuidado frente ao adoecimento em tempos de pandemia, o que coloca esses corpos frente ao risco do vírus – principalmente pelo subemprego ou desemprego. É necessário destacar a realidade social que temos no Brasil, lugar em que a população que se encontra nessa “margem” convive diariamente com a negação de direitos que é efetivada pelas diversas desigualdades que nos assolam, contribuindo com o extermínio dessa população. As estatísticas apresentadas por Mascarello *et al*. (2021) são expressivas sobre os efeitos da precariedade no enfrentamento à pandemia no contexto específico do Espírito Santo, mas outras pesquisas confirmam esses dados para outros contextos no Brasil.

Tais dispositivos de poder engendram o controle social dos corpos da população de um território, se caracterizando como uma necropolítica (Mebembe, 2011). Sobre esse aspecto, como esses corpos negros vêm sendo os mais atingidos pela pandemia por causa dessa negligência/racionalidade governamental (?). São esses corpos que estão eivados de destino

social (?) representam “os corpos matáveis” (Butler, 2016) dos quais a sociedade ignora as formas de justiça dessas mortes (?). Há um consenso de que, neste contexto, estamos mais próximos da *necropolítica* do que da *biopolítica* (Foucault, 2008). Isso se deve à percepção de que as políticas adotadas foram, conforme diversas análises, deliberadamente voltadas para a produção da morte. Não se limitaram a “fazer viver e deixar morrer”, mas, de fato, implicaram em “fazer morrer”, seja por meio de abandono ou pela exposição deliberada a riscos.

Os corpos negros fazem parte também do grupo de risco, “variando tanto por comorbidades que atingem negras e negros em maior número, ou mesmo pela letalidade social, motivada por questões históricas, políticas e sociais estruturantes de nossa sociedade”⁸⁰. Ainda sobre esses aspectos, somemos as questões ligadas à precarização do trabalho, pois os atores sociais negros assumem os trabalhos mais fragilizados do mercado, aqueles que são domésticos, entregadores de produtos e que, nesse quadro atual, foram os trabalhos em que se mostraram mais vulneráveis na pandemia.

As enlutadas negras ressaltaram que a ausência de apoio ao emprego formal, as levaram a buscar trabalhos informais, que frequentemente envolviam exposição direta ao risco de contrair o vírus. Fátima Lima propõe o conceito de *bionecropolítica* (2018) para evidenciar como a maternidade de mulheres negras é atravessada pela morte, revelando uma experiência em que gestação e luto coexistem de forma concomitante ou contínua. Sua abordagem enfatiza não apenas a vulnerabilidade imposta por estruturas racistas e desiguais, mas também a reafirmação da vida, mesmo diante da dor e da perda. Essa perspectiva dialoga diretamente com as experiências das minhas interlocutoras, cujas narrativas revelam modos de resistência, cuidado e elaboração do luto em contextos marcados pela violência e pela desigualdade, reafirmando a potência da vida em meio às dinâmicas da morte.

Fábio Franco (2021), por sua vez, propõe o conceito de *necrogovernamentalidade*, que surge a partir de um diálogo direto com a noção de *necropolítica* e com as formulações foucaultianas sobre governamentalidade. Seu conceito busca evidenciar como o governo de populações e territórios opera por meio da morte, tornando-a não apenas um efeito colateral da gestão estatal, mas um artefato central, um dispositivo estruturante das políticas de controle e exclusão.

Ao analisar como determinadas vidas são administradas na lógica da governamentalidade neoliberal e securitária, Fábio Franco (2021) revela que a morte não é

⁸⁰ Pensamento retirado da página: Grupo Temático Racismo e Saúde (GT Racismo/Abrasco); Associação brasileira de saúde coletiva-ABRASCO. População negra e Covid-19: desigualdades sociais e raciais ainda mais expostas. Disponível em <https://populacaonegra.org.br/pt-br/2021/06/22/populacao-negra-e-covid-19-desigualdades-sociais-e-raciais-ainda-mais-expostas-abrasco/>. Acessado 09 de junho de 2023.

apenas uma consequência, mas um elemento ativo na produção de hierarquias sociais e na delimitação de espaços de pertencimento e de abjeção. Essa perspectiva se articula com o conceito de *bionecropolítica* de Fátima Lima (2018), na medida em que ambos evidenciam como a gestão da vida e da morte ocorre de forma racializada, territorializada e profundamente enraizada em estruturas históricas de violência e dominação.

Podemos dizer então com tranquilidade que a pandemia de Covid-19 é “eminentemente social”, tanto nos seus efeitos sobre a vida e a morte de pessoas, quanto sobre as relações sociais (Maluf, 2020, p. 1). Face ao exposto, os argumentos suscitados pela autora indicam que os efeitos da pandemia encontram e impactam os sujeitos vulnerabilizados de formas diferentes, sobretudo, em uma sociedade capitalista, marcada por processos de desigualdades sociais e desdobramentos do neoliberalismo.

Nesse aspecto, as decisões políticas do governo se tornam imprescindíveis na direção dos problemas surgidos na saúde pública e na economia. Nesse contexto, a omissão ou descaso do governo no que concerne à pandemia constituem o “deixar morrer”, e assim, fomentam a necropolítica de forma veemente em um governo negacionista à ciência, que cometeu crime contra a saúde pública e vulnerabilizou os grupos subalternos, de maneira mais intensa, a população negra.

Os sujeitos são impactados com a perda de trabalho, ausência de efetividade de políticas públicas em um contexto marcado por mortes biológicas e sociais. Os efeitos da Covid-19 no Brasil foram desastrosos e, quando associados às crises políticas, econômicas e da saúde pública, percebemos que estamos imersos em um contexto em que se apresenta o Brasil como uma anomia social, e um intenso laboratório e banalização constante de morte (Duarte, 2020).

De acordo com o pensamento de Foucault (2008), na modernidade os dispositivos de poder engrenam a governamentalidade na ideia de “fazer viver e deixar morrer”, ao compreender que a vida e a morte estão inseridas dentro do campo do poder político do Estado sobre os corpos. E, como já foi mencionado, o momento de pandemia propicia um fortalecimento do cenário de desigualdades sociais que selecionam segmentos específicos de atores sociais que perfazem o “deixar morrer”. Sobre esse engendramento de poder, emergem as práticas da necropolítica, que exploram como o poder estatal pode ser exercido para controlar e determinar quem vive e quem morre, quem importava viver e que poderia morrer (Mbembe, 2018).

No contexto em que se encontra o mundo em relação à pandemia, o pensamento de Mbembe (2018) sobre a necropolítica é relevante para entendermos determinadas práticas sociais, econômicas e políticas. No Brasil, em relação à pandemia causada pela Covid-19, o conceito de “necropolítica” é útil para pensar nessa exposição diferencial dos sujeitos, marcados pela

banalização da morte por uma política neofacista, cujos preceitos tomam por base e evocam interesses neoliberais, de fortalecimento de mercado, de fragilização dos trabalhadores e de modelos de trabalho precarizados.

2.5.2 O negacionismo: o grito: “e daí?”, “eu não sou coveiro”

Quem foi e está sendo mais atingidos pela pandemia por causa da negligência governamental (?)

“mas no caso da experiência brasileira da pandemia, existe um fator a mais, que é a outra crise: ter lidar com um governo que não governa, que não só desdenha da epidemia e das mortes que crescem a cada dia, mas, pior, boicota as medidas de prevenção, de isolamento e tratamento tomadas pelos governos estaduais e municipais” (Maluf, 2020⁸¹).

Figura 16 – Charges relacionadas ao ex-presidente



Fonte: @ggeomoura (2021)

Ao refletir sobre os efeitos sociopolíticos da pandemia no Brasil, Maluf (2020) chama atenção para um agravante que extrapola a dimensão sanitária da crise. Para a autora, além do impacto direto da Covid-19 sobre a vida cotidiana, tornou-se decisivo o modo como o Estado brasileiro respondeu, ou deixou de responder, à emergência sanitária.

Durante a pandemia de Covid-19, o ex-presidente do Brasil, fez várias declarações que

⁸¹ MALUF, Sônia Weidner. Antropologia em tempo real: urgências etnográficas na pandemia. 2020. Disponível em: <https://brasilplural.paginas.ufsc.br/antropologia-na-pandemia/antropologia-em-tempo-real-urgencias-etnograficas-na-pandemia/>. Acesso em: 20 Nov. 2025.

foram amplamente consideradas problemáticas por diferentes setores da sociedade, movimentos sociais, órgãos de direitos humanos, pesquisadores das instituições de pesquisa e principalmente dos enlutados. Algumas das falas controversas minimizaram a gravidade da pandemia, com comentários depreciativos, rindo e fazendo voz grossa, de deboche em relação às vítimas da pandemia, mostrando cada vez mais sua forma de poder e diminuindo as dores das pessoas enlutadas, no cenário de mortes. Por essas atitudes, Bolsonaro e seus seguidores foram frequentemente considerados negacionistas e o vocábulo “negacionismo” tornou-se amplamente difundido na sociedade.

É importante destacar que o conjunto de atitudes que são comumente descritas como negacionismo constituem um fenômeno complexo e diverso, que não pode ser reduzido a uma única definição e que não teve início com a pandemia de Covid-19. De acordo com Szwako e Ratton (2022), os negacionismos “podem ser entendidos como estratégias que, por meio da desqualificação deliberada das ciências, visam fins políticos, econômicos, morais e outros” (Szwako; Ratton, 2022, p.7). O negacionismo ambiental, o negacionismo racial, o negacionismo histórico, além do negacionismo médico, de acordo com os autores, são exemplos de posturas incentivadas por indivíduos com alguma influência sobre coletividades mais amplas, com o intuito de espalhar o medo, a insegurança e a dúvida, especialmente em contextos de incerteza, como guerras e, no caso que nos ocupa, pandemias.

Desde o início da pandemia, repetidamente, o então presidente minimizou a gravidade do vírus, dos mortos e o sofrimento dos enlutados, chegando a chamar a Covid de “gripezinha” e a reação da sociedade de “histeria”⁶³. Essas declarações contradizem as evidências científicas e a seriedade da situação, bem como alimentaram a circulação de *fake news*.

O texto de Mercedes Neto et al. (2020), intitulado “*Fake News* no cenário da pandemia de Covid-19”, aborda a rápida propagação das *fake news* entre a população como um vírus que contamina a comunicação. Uma das maneiras pelas quais contaminação de informações ocorre é quando as evidências científicas sobre a pandemia são questionadas no campo político por alguns governantes, afetando medidas de saúde, prognósticos da doença, orientações terapêuticas e informações relacionadas à vacinação. Isso expõe a população a condutas inadequadas, influenciadas pela disseminação de *fake news* nas mídias digitais, o que aumenta o sofrimento e o desespero das pessoas em meio a um contexto já enlutado pela pandemia.

Com isso, o texto Mercedes Neto et al. (2020), contribui para a compreensão de que, no período em que o artigo foi elaborado, a escassez de conhecimento sobre a pandemia de Covid-19 se confronta com a proliferação de fake news. Dessa forma, é fundamental ressaltar os efeitos nocivos desse vírus de desinformação que contamina a comunicação, diminuindo a eficácia das medidas para enfrentar os principais efeitos causados pela pandemia.

Um ano antes da chegada da pandemia ao Brasil, Rocha (2019), publicou o artigo intitulado “*Fake News* e fundamentalismo como forma de ver o mundo”. Nesse texto, é explorado o modo como grupos de fundamentalistas cristãos criam “sistemas de verdade” baseados em notícias falsas, o que os torna suscetíveis ao negacionismo científico, como supostas ligações com vacinas, resultando em uma rejeição à modernidade.

Outro ponto importante abordado nesse texto é a criação de comunidades de verdades, destacando o conceito de “regimes de verdade” sinalizado por Michel Foucault (2016). Esses regimes seriam protocolos socialmente organizados para validar o que é considerado verdadeiro. Rocha (2019) ressalta a criação de ecossistemas de informação que têm o objetivo de legitimar e propagar essas negações, e aponta que, no século 21, a internet se tornou um meio utilizado pelos fundamentalistas para esse fim.

A partir do conceito de “regimes de verdade” sinalizado por Michel Foucault, (2016), a autora observa o surgimento de comunidades de verdade entre os grupos fundamentalistas cristãos. Esses regimes seriam protocolos socialmente organizados para validar o que é considerado verdadeiro. Rocha (2019) ressalta a criação de ecossistemas de informação que têm o objetivo de legitimar e propagar essas negações, e aponta que, no século 21, a internet se tornou um meio utilizado pelos fundamentalistas para esse fim.

Já o texto de Szwako (2020) apresenta uma análise do discurso da “volta ao trabalho”, enfatizando os mecanismos pré-conscientes do negacionismo científico-sanitário. No início do texto, são descritas as metáforas, imagens e soluções da morte evocadas pelo filme “A Morte lhe Cai Bem”. O aspecto narrativo-descritivo me inspira a abordar o cenário das narrativas como análise do negacionismo, trazendo discursos do então presidente Jair Bolsonaro, conhecido por suas posições negacionistas. O autor, por meio de relatos no aplicativo de mensagens, apresenta números e gráficos relacionados a curas e mortes, além de notícias que enfatizam a valorização da “família, pátria e trabalho”. Esses elementos compõem uma narrativa que permite examinar de perto o fenômeno do negacionismo.

Continuando com o pensamento de Szwako (2020), retratar o discurso capitalista de “salvar a economia” e os movimentos de retorno ao trabalho torna-se a primeira camada de racionalização negacionista. Ao longo do artigo, é recorrente perceber os relatos de uma realidade vivida no cotidiano, tendo como base o negacionismo, além de um compartilhamento nas redes sociais, sejam elas televisivas ou experienciais, conforme a descrição dos acontecimentos.

Um dos conceitos inspiradores de Szwako (2020) é o de “utopia moral do negacionismo”, que se mostra duplamente escatológica. Seu desejo de fim do mundo é um desejo cadavérico, repleto de moribundos, putrefação e lixo (p.8), uma ideia imagética na

fantasia encenada ao longo do discurso sobre trabalho, morte e vida. Ao explorar essa utopia oral do negacionismo, Szwako (2020) desvela a sociedade do caos, que tem nutrido pelo colapso uma espécie de desejo mórbido de destruição negacionista. A morte e a decadência dos discursos da pandemia, longe de serem repelentes, porém são fortalecidos, são pintados como um destino repleto de moribundos, uma libertação de controle da vida cotidiana.

A obra de Morel (2021) também aborda o negacionismo no contexto pandêmico. A autora enfatiza que as expressões do negacionismo nesse contexto no Brasil estão relacionadas ao crescimento da extrema-direita e produzem o aumento da necropolítica. Dois termos importantes que Morel utiliza são (1) a ‘*crise de interpretação*’ que aponta a (2) ‘*ignorância*’ como um dos efeitos maciços do negacionismo.

As informações no referido artigo que pude identificar ao longo da minha pesquisa incorrem sobre o negacionismo científico negando a gravidade da pandemia e se posicionando contra a vacinação, e a proliferação de *fake news* sobre caixões funerários que estariam sendo enterrados vazios e sobre laudos falsos das entidades de saúde sobre os óbitos por Covid-19. O texto traz esses fatos relevantes para perceber como aconteceu a banalização das mortes e os caminhos que o negacionismo cria, e as enlutadas, por sua vez, mostram em suas narrativas como foi conviver com a ‘*crise de interpretação*’ e a ‘*ignorância*’.

Continuando com o pensamento de Morel (2021), o negacionismo passa a ter uma expressão nunca vista no decorrer do processo histórico, ganhando mais força, inclusive no âmbito das próprias políticas públicas. A consequência mais perversa dessa equação é a intensificação de uma política de morte voltada para grupos mais vulneráveis, a partir do que foi chamado de “imunização de rebanho” – uma evidente falácia preventiva.

Afinal de contas, o texto de Morel (2021) é relevante para esta tese ao pensar nas habilidades que o negacionismo demonstra. No final do artigo, são abordadas as estratégias e movimentos de resistência das favelas. Enquanto as favelas buscam se organizar em ações de resistência, o Estado adota políticas negacionistas e recorre a uma necropolítica.

A produção de Nakagawa et al. (2020) analisa mensagens acerca do novo coronavírus que circularam em grupos de WhatsApp bolsonaristas, relatando as narrativas bolsonaristas e a consolidação de crenças que não se amparam em evidências científicas. Essa obra me estimula a refletir sobre a eficácia da cloroquina e a responsabilização sobre Luiz Henrique Mandetta, então ministro da saúde no período entre 1º de janeiro de 2019 e 16 de abril de 2020, data em que foi desligado do cargo devido a divergências com o ex-presidente em relação à política de isolamento social durante a pandemia de Covid-19. Nesses grupos, Mandetta passou a ser atacado pelas mortes de pacientes da Covid-19, pela proibição do uso do medicamento. Nesse contexto

da cloroquina como “forma de sobrevivência” /” esperança de cura”, existiu uma tentativa de associar seu uso ao presidente na construção de uma “verdade”.

Observando esses aspectos, Costa (2020) coloca em destaque a crise e a falha da modernidade, de modo que a ciência passa a ser objeto de questionamentos que colocam em xeque as recomendações da saúde. É observado que o conservadorismo religioso, o bolsonarismo e a circularização da extrema direita se aliaram ao discurso contra o isolamento social, promovendo ideologias que aumentaram o contágio da Covid-19. Esse ponto de vista do autor contribuirá para a reflexão sobre as formas de discurso que desvalorizam a ciência, ao adotarem convicções negacionistas e contrárias ao distanciamento social.

Quem também faz uma análise sobre o negacionismo no caso da recomendação do uso de medicamentos como a cloroquina para o que ficou conhecido como “tratamento precoce” é Castro (2025). Um aspecto interessante da sua análise é que ela mostra que os atores sociais negacionistas não negam a ciência como um todo, mas a utilizam estrategicamente, se colocando como “verdadeiros” defensores da boa ciência.

Nesse sentido, lembremos que o ex-presidente desdenhou sobre as medidas de distanciamento social, como *lockdowns* e quarentenas⁸² e defendeu o uso do “tratamento precoce” como forma de enfrentamento à pandemia. Ele criticou governadores e prefeitos que implementaram restrições, afirmando que elas causam danos econômicos, mesmo que tais medidas fossem recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Foi precisa a intervenção do Supremo Tribunal Federal (STF), para que os governadores de Estado pudessem impor as restrições que achassem necessárias diante da situação de emergência sanitária que vivíamos.

Silvania, esposa de Nelson, de 55 anos, moradora do Rio de Janeiro não gosta nem de lembrar o nome “desse senhor”, e enfatiza as diversas formas pelas quais o ex-presidente desdenhou da pandemia;

Eu não quero nem falar a palavra desse senhor que foi chamado de presidente, mas me doeu muito e doeu muitas pessoas quando ele ia para a televisão para debochar da quarentena, porque aquilo ali era deboche, não era brincadeira. Ridicularizar uma pessoa faltando ar, não usava máscara, dizer que não é coveiro, acho que ele seja culpado sim, por não ter a vacina e depois a gente foi ver o que tinha acontecido, então acho que ele é culpado por isso tudo. Não quero falar porque não quero isso para o meu coração, mas assim... tenho pavor desse homem, eu não gosto nem de falar o nome, pelo descaso que ele fez, eu acho que poderia ter evitado muita coisa, inclusive do meu marido. Não só do meu, mas de várias outras pessoas, eu tenho tristeza de

⁸² Link: [Bolsonaro ataca 'lockdowns' dos Estados e diz ver 'problemas sérios' pela frente - 12/03/2021 - UOL Notícias](#) acessado 16 de julho de 2023.

tudo isso, pois enquanto governadores estavam comemorando as vacinas, ele debochava [choro]. (Silvania, entrevista realizada em 30/03/2023).

Desestimular o uso de máscaras para seus apoiadores em várias ocasiões, diminuindo o uso de máscaras faciais, apesar das orientações de autoridades de saúde, uma configura a “política de morte”, já que o uso da máscara era uma medida preventiva. Ele em diversos momentos se apresentou em eventos públicos sem máscara e chegou a afirmar que as máscaras são “coisa de viado”, termo totalmente pejorativo em relação à comunidade LGBTQIAPN+⁸³. Um momento especialmente marcante foi quando retirou a máscara do rosto de uma criança: o ex-presidente pegou o garoto por cima da grade de proteção instalada pela segurança, e abaixou máscara de proteção que estava cobrindo o nariz e a boca, colocando a proteção no queixo⁸⁴. Outras cenas lamentáveis foram suas “motocicletadas” causando aglomeração⁸⁵ com seus apoiadores, em sua grande maioria sem proteção, aumentando o contágio do vírus. E, em todos esses cenários, foram nítidas as estratégias de imposição, no momento em que o Brasil atingiu as 450 mil mortes.

A autora Thayonara Santos (2022), em sua dissertação “*Políticas de morte e Tecnologias de Sobrevivência*”, argumenta que acompanhar, ao longo dos últimos três anos, os desmontes, paralisações e retrocessos promovidos pelo governo Jair Bolsonaro tem sido uma tarefa extremamente difícil, dadas as sucessivas investidas contra diferentes áreas, ministérios e políticas sociais do país. Como aponta Nádja Santos (2023), o Estado brasileiro vem produzindo novas formas de necropolíticas que, embora inicialmente direcionadas a grupos específicos considerados indesejáveis e, portanto, descartáveis, acabaram sendo ampliadas, durante a pandemia, para toda a sociedade.

⁸³Link: [Bolsonaro sobre uso de máscaras: “coisa de viado” \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/brasil/imprensa/ultimas-novas/2022/07/16/bolsonaro-sobre-uso-de-mascaras-coisa-de-viado/) acessado 16 de julho de 2023.

⁸⁴ Link: [Presidente Bolsonaro tira máscara de criança em evento no RN \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/brasil/imprensa/ultimas-novas/2022/07/16/presidente-bolsonaro-tira-mascara-de-crianca-em-evento-no-rn/) acessado 16 de julho de 2023.

⁸⁵ Link: [Bolsonaro provoca aglomeração em passeio de moto com apoiadores no Rio de Janeiro | Rio de Janeiro | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-de-janeiro/noticia/bolsonaro-provoca-aglomerao-em-passeio-de-moto-com-apoiadores-no-rio-de-janeiro-g1.globo.com) acessado 16 de julho de 2023.

Figura 17 – Charges relacionadas ao ex-presidente



Fonte: @midianinja (2021)

O acúmulo de *fake news* negacionistas, as atitudes do ex-presidente e seus apoiadores em afrontar as medidas preconizadas como preventivas, foram especialmente notadas pelas mulheres entrevistadas, que tinham uma experiência em primeira mão do quanto a covid-19 pode ser perigosa e mortal.

Um dos elementos destacados pela literatura, e visível a olho nu, foi a escolha de certas categorias como especialmente suscetíveis a adoecer pelo vírus e vir desenvolver suas formas graves, inicialmente os idosos, em seguida as pessoas que apresentavam alguma “comorbidade” – essa lista foi sendo atualizada ao passar dos meses, incluindo também as mulheres grávidas, entre outros segmentos. Nesse sentido, observamos na Covid-19 um acionamento do uso de categorias de risco próximo ao que ocorreu no caso do HIV/aids (Silva; Oliveira Neto; Moraes, 2022), que termina por tornar as pessoas percebidas como sendo em risco responsáveis pela sua própria saúde e, em última instância, candidatas a uma morte compreensível.

A entrevista de Jerlyane Dayse, moradora de João Pessoa, de 35 anos, filha de Joana Dark, reveladora de como a percepção da “comorbidade” como categoria de risco não foi mobilizada para proteger a população percebida como mais suscetível, antes o contrário:

“Ah, mas vão morrer as pessoas que têm comorbidades!”, não, as pessoas que têm comorbidades como a minha mãe, ela ia viver mais dez, vinte, até trinta anos. Por que a gente estava cuidando dela sabe? Mas mesmo que assim, ah, “é um processo de seleção natural... quem tem comorbidade vai morrer”, mas não eram comorbidades, eram pessoas, e não teve nenhum tipo de memória, nenhum pedido de desculpa, nada, simplesmente, pronto, morreu, não foi proposto nenhum tipo de memorial para as

vítimas de Covid, só ficando falando que ela ia morrer mesmo porque tinha comorbidades (Jerlyane Dayse, entrevista realizada em 10/01/2023).

Em sua tese de doutorado intitulada *Risco como dispositivo biopolítico e seus sentidos frente ao novo coronavírus: Cartografia da pandemia de Covid-19 no Brasil*, Ana Maria Guedes Nascimento (2022) mostra como a narrativa do risco produzida pelo governo federal, liderada pelo então presidente Jair Bolsonaro, foi sendo direcionada em dois sentidos ao longo da pandemia – por um lado, foram minimizados os riscos decorrentes da doença, por outro lado, foram superdimensionados os riscos decorrentes dos impactos negativos das medidas de contenção do vírus sobre a economia. Nessa operação que vimos acontecer por meio do estímulo à desinformação e pela recomendação de medidas como “o tratamento precoce”, revestidas de um discurso aparentemente científico, teve um resultado evidente: “O risco como dispositivo biopolítico deveria trazer prenúncios de proteção à vida, mas em um governo de morte, trouxe morte” (p.189).

Com isso, a atuação do ex-presidente, como líder máximo na condução da nação em meio à crise pandêmica, pode ser explicada a partir do conceito de necropolítica, de Mbembe (2018), que põe em evidência a ação do Estado não apenas no deixar morrer mas no fazer morrer. Deste modo podemos compreender como o Estado foi omissivo em relação aos mortos da pandemia, expondo o “show de horrores” de uma gestão que teve sua expressão em declarações como: “país de maricas”, “já ia morrer mesmo”, “vamos todos morrer um dia”, “eu não sou coveiro” e “e daí?”⁸⁶ A repetição contínua de expressões e gestos que só podem ser compreendidos como sendo de deboche contribuíram sobremaneira para o enfraquecimento das medidas de isolamento social. Isso permite afirmar que não se pensou, em nenhum momento, em prevenir um possível colapso dos sistemas de saúde e cemiteriais, naturalizando as mortes e o sofrimento dos corpos frente ao um estado de urgência sanitária, e trazendo uma “instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos” (Mbembe, 2018, p. 10).

Para Janaina Arruda, de 41 anos, moradora de São Paulo, irmã de Juliano, a gestão do Estado sobre as mortes foi insuficiente. Janaína perdeu seu irmão que trabalhava num mercado, um setor que fez parte dos serviços essenciais que não fecharam na pandemia. Para essa enlutada, é possível rastrear a responsabilidade pelo falecimento de seu irmão até as posturas negacionistas do então presidente:

⁸⁶ Essas declarações foram amplamente repercutidas pela imprensa e por entidades da sociedade civil. Ver, por exemplo: *Gazeta do Povo*, “Tem que deixar de ser um país de maricas”, disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/bolsonaro-covid-19-criticas/>, acesso em 18 jan. 2026; e *SP Bancários*, “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? O desprezo de Bolsonaro pela vida na pandemia”, disponível em: <https://spbancarios.com.br/04/2022/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-o-desprezo-de-bolsonaro-pela-vida-na-pandemia/>, acesso em 18 jan. 2026.

Muitas pessoas me criticam, muitas pessoas falam que é ignorância tudo, mais eu vejo pelo governo, eu digo pelo governo federal principalmente ,porque, as piadinhas, “ah, eu não sou coveiro”, “até quando vocês vão continuar chorando”, “até quando vocês vão continuar fazendo mimimi”, desculpa do mimimi, algumas frases, porque na época , justo na época que eu perdi ele, mais eu lembro que “pode sair para rua sem máscara”, era isso que eles diziam, “podem sair na rua, vocês vão ficar dentro de casa até quando?”, foi justo nessa época que nós fomos contaminados, que meu irmão foi contaminado. Quando chegou esse vírus aqui em 2020 infelizmente veio o carnaval, veio negligência, veio um monte de coisas e as pessoas cruzaram os braços, e foram deixando e foram deixando e foram deixando, e foram rindo, enquanto os países lá de fora falaram assim “vamos comprar, vamos fazer aquilo, vamos fazer isso” e o governo federal falava “não, eu não vou fazer, eu não vou fazer, eu não vou fazer” [pausa para respirar], até que virou essa palhaçada toda que acabou acontecendo, e infelizmente na minha casa aconteceu isso, eu tive uma perda, eu falo para você, eu choro por essa perda até hoje, e antes de acontecer isso eu brigava pela vacina, um ano antes do meu irmão falecer eu cheguei a brigar e discutir com uma amiga minha que dizia, que era a favor da cloroquina, um monte de notícias sem fundamentos [*fake news*], e eu falei “amiga vamos brigar pela vacina”. (Janaina Arruda, entrevista realizada em 12/01/2023).

Todos esses discursos do ex-presidente fortaleceram as divulgações de *fake news* sobre a pandemia, incluindo a promoção de medicamentos sem eficácia comprovada contra a Covid-19, como a cloroquina, que colaboraram com o aumento das mortes na pandemia, no que ficou conhecido como o “Kit Covid” ou 'tratamento precoce'⁸⁷. Essas ações foram criticadas por profissionais de saúde e por órgãos reguladores, que alertaram sobre os riscos de disseminar informações não baseadas em comprovações científicas (ver, novamente, Castro, 2025 e Nascimento, 2022).

Regina, bióloga e pesquisadora, filha de Maria Augusta expressa uma indignação e uma revolta diante da condução da pandemia de Covid-19 no Brasil, especialmente no que tange à atuação do governo e suas escolhas políticas. Em conversas com ela, sua fala articula a dor pessoal da perda de sua mãe Maria Augusta com um diagnóstico político da pandemia, evidenciando um processo de luto que se entrelaça com uma demanda por justiça pelas mortes na pandemia.

Weverson: Mas, como é que você viu esse número das mortes com a questão da assistência do Estado nesse momento da pandemia?

Regina: Olha, eu vou ser suspeita pra falar, porque politicamente total desacordo, né? Ao golpe. 700 mil, mas a gente sabe que é muito mais que isso, né? Com o comércio, né? O facismo na sua expressão mais capitalista, de propina de vacina, de comercializar *cloroquina*, de jogar no lixo testes, vacinas, né? A coisa aqui no Brasil, desde agosto de 2020, a gente já podia tá sendo vacinado! Então eu falo que a minha mãe foi assassinada, sabe? Um misto de revolta, de ódio! Eu senti um ódio profundo quando a minha mãe faleceu, profundo! Sabe? Desse desgoverno, desse caráter das pessoas, desse facismo absurdo que tomou conta do país! Um desgoverno que a gente viu, gerando

⁸⁷ Link : [A história de Bolsonaro com a hidroxicloroquina em 6 pontos: de tuítes de Trump à CPI da Covid - BBC News Brasil](#) acessado : 16 de julho de 2023.

descrédito na ciência, né? Você vê que as pessoas não acreditavam que a vacina... olha a luta que foi pra que as pessoas se vacinarem! Então, eu olho pra esses momentos pesados que foram, que foi esse desgoverno, né? 6 anos de desgoverno, 4 com esse racista nojento, misógino, assassino! Não tenho aqui nenhuma empatia, nenhuma empatia mesmo, né? Não tem fé cristã que me faça remover ou ter qualquer empatia com qualquer coisa, pessoa, atitude que se relacione a esse grupo que as pessoas chamam de “bolsomion”. *Então pra mim não tem que ter anistia, não tem que ter nada! É cadeia! É pagar! É crime! Foi um crime mundial! Foi um crime contra a humanidade no Brasil, não só a população urbana, como a população rural, os povos indígenas que morreram de covid.* Olha, eu trabalho com população tradicional, eu te falei... amém que a gente hoje em dia tem essas redes [sociais], porque pelo menos aqui eles não entrevistaram tanto, porque mexeram! Que pedia socorro, entendeu? Pra mandar sabão pras comunidades! Não tinha nem sabão pra lavar a mão! Que falar de água sanitária! Sabe? Máscara... foi cruel na Amazônia, foi cruel, muito cruel! Então, assim, não dá pra ter qualquer empatia, nada! Eu torço muito com a AVICO, com a luta que eles fazem, por isso me filiei, apoiei, me inscrevi, né? Pra que a gente possa fazer cumprir, fazer justiça, né? Contra esses assassinatos que foram deliberados, não foi nada, porque não sabia. Não, sabia! O país tinha vacina! Ele queria 10 dólares de propina por vacina, né? Então foi consciente da matança, entende? Eu vejo assim. É muita revolta, né? Pela dor de perder a minha mãe, os meus amigos, todas as pessoas, né? *A gente não pode não ter consciência de que foi um ato deliberado! Não foi um ato governamental sem sabedoria, porque não conhecia. Conhecia! Sabia! Foi deliberado! Então é zero empatia! Zero empatia! É cadeia mesmo! Some, desaparece, vai pra o esgoto de onde nunca deveria ter saído,* como a gente lê aí e fala, e eu reforço. Você vê que eu mudei até a minha... sobe o sangue! [risos]. (Regina, entrevista realizada em 24/04/2023).

É importante perceber um dos primeiros aspectos a ser destacado é a relação entre luto e revolta política – que mesmo diante da dor da perda, a revolta política está presente. A morte de sua mãe, bem como de amigos e conhecidos, não é vista como um evento natural ou inevitável, mas sim *como resultado direto de ações e omissões governamentais*. A dor pessoal de Regina se torna um instrumento de denúncia, transformando a experiência do luto em um discurso político que reivindica justiça pelas mais de 700 mil mortes, lutando por punição para aqueles considerados responsáveis pela tragédia sanitária vivida no país.

Regina destaca um ponto importante e central em sua fala que é a crítica à intersecção entre neoliberalismo e necropolítica (2003). O uso de expressões como “fascismo na sua expressão mais capitalista” e “propina de vacina” denuncia uma gestão da pandemia pautada pelo lucro e pelo descaso das vítimas da pandemia. A referência à comercialização da cloroquina, ao descarte de vacinas e à exigência de propinas por doses evidencia uma visão segundo a qual a crise sanitária foi instrumentalizada para favorecer interesses privados em detrimento da saúde pública.

A apropriação do ex-governo específico em relação aos impactos da pandemia não se deu de forma isolada, mas esteve inserida em um modelo mais amplo de governança que orienta o tratamento das populações e dos territórios. Esse modelo, ancorado na lógica do capitalismo

neoliberal e tecnocrático contemporâneo, estabelece que o valor das vidas seja mensurado a partir de sua produtividade e de seu *status social*, articulando-se às *interseccionalidades*, conceito formulado por Kimberlé Crenshaw (1989), que evidencia como diferentes marcadores sociais se entrecruzam na produção de desigualdades, bem como às contribuições de Angela Davis (2016), que demonstram a indissociabilidade entre raça, classe e gênero na estruturação das opressões. Nesse horizonte, raça, gênero, classe, território, deficiência e capacidade produtiva não operam de forma isolada, mas compõem um campo relacional que produz hierarquias de vulnerabilização. Assim, determinadas vidas são sistematicamente mais expostas à precarização, ao controle e à violência, enquanto outras são reconhecidas como mais “valiosas” ou dignas de proteção, revelando um regime de valoração diferencial da vida que naturaliza desigualdades ao mesmo tempo em que mascara os mecanismos estruturais que as (re)produzem.

Esse enquadramento se expressa, especialmente, na burocracia estatal e nas normativas que regulam a gestão da morte, impondo uma linguagem formal e técnica que, ao invés de reconhecer as especificidades dos sujeitos, tende a individualizar e fragmentar as histórias das pessoas que morreram. Essa perspectiva evidencia como as regras institucionais e administrativas contribuem para a invisibilização das trajetórias dessas vidas, reproduzindo um processo de desumanização e despolitização da morte.

A recusa da anistia e a exigência de punições severas demonstram um apelo por *accountability*, que é um termo que se refere-se à responsabilização e à prestação de contas por parte de governantes em relação às suas ações e decisões. Para Regina, um “*apelo por accountability*” significa, nesse contexto de Covid-19, a exigência de que os responsáveis pelos atos deliberados durante a pandemia, a pandemia paguem pelos seus crimes, pois acabavam “jogando a culpa” de um para o outro. Por isso, é importante envolver os processos de justiça, através de ações como a CPI da Covid, para encontrar meios de punições para aqueles que negligenciaram a crise sanitária ou agiram de maneira criminoso, principalmente na compra das vacinas.

Ela também destaca o uso do termo “*crime contra a humanidade*” que sugere a necessidade de uma responsabilização não apenas pela população urbana, mas também como a população rural, e sobretudo os povos indígenas que morreram de covid. Além disso, a fala ressalta o papel das redes sociais na denúncia da negligência governamental, especialmente no que se refere às populações tradicionais e indígenas. O reconhecimento da internet como ferramenta para amplificar vozes e viabilizar pedidos de ajuda aponta para uma luta política que se desloca para o ambiente digital, evidenciando a importância da mobilização social na contenção dos danos da pandemia, como também destacam as charges satíricas desse capítulo.

Em sua fala, o uso de repetições, pausas e interjeições demonstra um discurso carregado de emoção, no qual a revolta não é apenas um elemento retórico, mas sim uma expressão visceral da indignação quando lembra do momento da pandemia. A própria Regina reconhece essa carga emocional ao afirmar que “sobe o sangue”, evidenciando como a experiência da pandemia marcou as subjetividades daqueles que vivenciaram perdas irreparáveis, isso em todas as interlocutoras. A repetição enfática de termos como “conhecia”, “sabia” e “deliberado” busca afastar qualquer possibilidade de interpretação que atribua a crise apenas a erros de gestão ou incompetência, mais sim a “crime contra a humanidade”. O tom indignado em sua voz, evidenciado pela exigência de punição e pela metáfora do “esgoto” como símbolo de repúdio, traduz uma denúncia incansável.

Emile Miachon, pedagoga, esposa de Mário, também tem uma visão crítica da gestão na pandemia:

Weverson: Inclusive, uma das perguntas que eu coloquei no questionário, é como você viu a atuação do Estado nesse momento da pandemia?

Emile Miachon: Eu acompanhei bem, né? Inclusive, antes da gente pegar... às vezes a gente se abraçava e falava, ele falou “acho que a gente vai morrer” [choro].... e por isso a gente tomava bastante cuidado e tal. Essa coisa, né? Da vacina e troca de ministro, e você vê que, bom! Não dá nem pra falar desse cara que foi o nosso presidente, o “inominável”, né? Eu acompanhei a mídia, acho que ela fez um papel... na verdade, com toda a eleição que teve, a prisão, o STF que eu gosto de lembrar bem quem são esses caras do STF, permitiram, viram, sabiam o que tava acontecendo e permitiram. São coniventes com tudo o que aconteceu, são culpados do que aconteceu com esse país, né? Então pra mim nenhum deles presta [risos], a mídia ridícula, né? Uma coisa assim absurda. (Emile Miachon, entrevista realizada em 23/04/2023).

A fala acima pode ser analisada sob a perspectiva da necropolítica (Mbembe, 2003), ao evidenciar como a gestão da pandemia no Brasil esteve diretamente associada à administração da morte e da exposição diferenciada de grupos à vulnerabilidade. A menção ao medo da morte (“acho que a gente vai morrer” [choro]) revela a percepção de que a vida foi politicamente gerida de modo negligente, com decisões que impactaram diretamente a sobrevivência da população e o sentimento da morte. A crítica à vacina, à troca de ministros e ao ex-presidente demonstra como políticas estatais contribuíram para a precarização da vida, tornando determinadas populações mais suscetíveis ao contágio. Continuando com o pensamento de Emile Miachon, a desconfiança em relação às instituições (STF, mídia tradicional) reforça a ideia de um Estado que não apenas falha em proteger, mas também diminui os sentimentos dos mortos.

Suzyany, contadora e viúva de Jonas, que foi uma das vítimas da Covid-19, destaca seus atravessamentos durante a pandemia, evidenciando como decisões governamentais moldaram a experiência da pandemia no Brasil, em todos os estados. A crítica central recai sobre a negligência do governo na condução da crise sanitária, destacando a influência direta da retórica

presidencial na disseminação do negacionismo e no comportamento social diante das medidas preventivas, a implementação de medidas de biosseguranças.

A ênfase na fala do presidente minimizando a gravidade da Covid-19 como “gripezinha” revela a dimensão performativa do poder, no qual discursos moldam práticas sociais da população que acreditava em sus discursos e diminuía o alcance dos pronunciamentos das autoridades sanitárias como a Organização Mundial da Saúde (OMS), resultando na não adesão às medidas de contenção.

A fala abaixo, também de Suzyany, enfatiza o conceito de morte política, na medida em que responsabiliza o Estado por omissão e por ações que ampliaram a letalidade da pandemia. O luto de vivenciar a pandemia, assim, entrelaça-se com a revolta e a mobilização política, a desigualdade no acesso à saúde e a valorização de um tratamento eficaz sem uso de medicamentos ineficazes (como a cloroquina) ressaltam a seletividade da política de morte no Brasil.

Dessa forma, a fala articula destaca uma denúncia explícita da necropolítica, como das enlutadas anteriores, ao apontar que as mortes não foram apenas consequência do vírus, mas de escolhas governamentais que produziram sofrimento/morte evitável. Suzyany destaca;

A gente sempre soube, sempre culpou muito o governo! Tudo bem, “ah, é lá no início”, mas a fala do governo já foi influenciando, “ah, é uma gripezinha! Pra que usar máscara?”. Aquelas brigas dos estados, obriga uso de máscara, o outro não obriga o uso de máscara, fica a cargo do prefeito. O prefeito daqui bolsominion, negacionista, terraplanista, né? “Ah, fica a critério, num sei o que”, tanto que ele foi numa clínica, né? Que era um dos primeiros lugares que teria que ser obrigatório o uso de máscara e todo mundo sem máscara! A gente aqui, assim, quando tinha que ir na rua, alguma coisa notava as pessoas sem máscara, aglomerando, os meus vizinhos fazendo churrasco, tudo por conta da fala do presidente, que é uma gripezinha, que não é assim, é coisa da China, coisa de comunista, num sei o que! E a gente sempre culpabilizou, tanto que no velório do meu marido, o meu filho, né? Que estava com 15 anos, disse “pai, eu vou ajudar a tirar esse governo, porque ele é culpado pela sua morte!”. Ele realmente, assim, nas redes sociais, na época das eleições, pra tirar... porque a gente sabe que poderia ter sido muito menos morte. Além da questão da vacina, tudo bem que chegou depois, na época... mas a obrigatoriedade e a seriedade da pandemia, do que estava por vir, que já estava fora se apresentando, se tivesse levado a sério o resultado seria outro! Por isso que até... além de toda a minha dor tem muita revolta, sabe? Tanto que uma vez, a minha família, a maioria, votou nele, né? “Ah, porque era pra ser”, não era pra ser! Poderia ter sido evitado, num governo sério, num governo “vamos ficar em casa! Vamos fechar tudo!”, sabe? Que o lockdown funcionou, teve lugares que realmente fechou, o número de mortes em comparação ao Brasil... né? Você vê, um número exorbitante de mortes no Brasil, por quê? Porque a pandemia não foi levada a sério como deveria, né? Demora no tratamento, demora na forma de medicamento... a gente teve, assim, um pouco de sorte, apesar de tudo, de ter encontrado médicos terríveis no caminho, porque a gente tinha plano, né? Tava num hospital dos melhores aqui da cidade pra tratamento de covid, até referência aqui na região, tinha

um número de óbitos muito pequeno em relação aos demais! Que dava um tratamento diferenciado, não tava dando cloroquina, né? E mesmo assim aconteceu. Mas o uso de máscara dele, no caso dele, teria evitado tudo, só de falar “não é uma gripezinha!” É sério, vamos levar a sério! Vamos evitar aglomerações, vamos fazer distanciamento, usar máscara, usar álcool, mas não! Ele fez totalmente o contrário, né? Então é culpa do governo sim! Da péssima política de gestão que ele fez da pandemia! Então não tem como não dizer que não foi uma morte política, porque poderia ter sido evitada sim! [choro]. (Suzyany, entrevista realizada em 24/04/2023).

A imagem mostra Suzyany e sua família em uma manifestação contra a gestão Bolsonaro, segurando faixas que criticam políticas do governo e alertam para o aumento das mortes durante a pandemia, além dos impactos das privatizações.

Figura 18 – Ato político “a corrupção de Bolsonaro”



Fonte: Acervo da enlutada Suzyany (2021)

A fala de Suzyany acima, assim como a de Regina anteriormente, expressa uma experiência pandêmica atravessada por um forte senso de injustiça e responsabilização política, revelando como a pandemia não foi apenas uma crise sanitária, mas também um fenômeno social e político que intensificou desigualdades, polarizações e disputas narrativas governamentais.

O negacionismo do vírus e das mortes e a minimização da pandemia por parte do ex-presidente e de autoridades locais, mencionados nas entrevistas, são apontados como fatores determinantes para a adesão reduzida a práticas como o uso de máscara e o distanciamento social. Esse elemento discursivo se materializou em ações concretas, e Taize Santana, filha de Efigênio, destaca que o ex-presidente “*tinha falas que arrancavam sorrisos, era carismático e tinha um povo que o admirava.*”

Nesse momento, podemos relacionar com a dominação carismática Weberiana (1999), sendo um dos três tipos ideias de dominação, seus apoiadores viam nele um líder “forte” e “autêntico”, que falava “a verdade” contra a “velha política”, apresentava-se como um líder

próximo do povo (que fazia aglomeração), utilizando uma linguagem “informal” (falando que era linguagem popular) e apelando para valores nacionais e religiosos. Ambas as narrativas evidenciam a dimensão biopolítica da pandemia, no sentido de que o Estado não apenas geriu a crise sanitária de maneira ineficaz, mas também decidiu quem viveria e quem estaria exposto à morte.

2.5.3 “Imunidade de rebanho”: formas de genocídio assistido

Como vimos até agora, o desrespeito à ciência foi disseminado em redes sociais por meio das *Fake News*, que se expandiram em um momento político obtuso e deram legitimidade, para uma parte considerável da sociedade, à forma como o governo federal, liderado por Jair Bolsonaro, realizou a condução da pandemia. Essa condução foi definida por diversos analistas, e também por algumas enlutadas participantes desta pesquisa, com a expressão “imunidade de rebanho”. De acordo com o Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário (CEPEDISA) da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da Universidade de São Paulo (USP), a imunidade de rebanho, no sentido original do termo, é uma estratégia que consiste em vacinar 70% das cabeças de gado ao invés do total do rebanho, o que é considerado suficiente para controlar a disseminação de doenças. Já a imunidade de rebanho, no uso político que se deu ao termo, significaria facilitar que o maior número de pessoas pegasse Covid logo para assim acontecer uma imunidade não vacinal, e quem tivesse que morrer, morreria – o que também é denominado “imunidade de rebanho por contágio”.

Essa estratégia não foi seguida apenas por Bolsonaro, mas por outros chefes de Estado, sendo o caso mais conhecido o de Boris Johnson, ex-primeiro-ministro do Reino Unido, que somente depois de ter adoecido por Covid mudou de atitude. De forma direta ou indireta, o objetivo de alcançar a “imunidade de rebanho” esteve presente em muitas das falas do então presidente e de seus apoiadores. Ainda em maio de 2020, Bolsonaro se referiu à Suécia como um país que “não fechou”, em clara referência a suas intenções para o Brasil⁸⁸. Já em 2021, enquanto acontecia no país (tardamente) a vacinação contra a Covid⁸⁹, o ex-presidente, ao vivo pela internet, aludiu de novo a tese da 'imunidade de rebanho', quando enfatizou que a contaminação é mais eficaz que vacina contra a Covid-19. Na ocasião, uma fala foi criticada por infectologistas, profissionais da saúde, pesquisadores e especialistas em saúde pública.

⁸⁸ Citada como exemplo por Bolsonaro, estratégia da Suécia contra coronavírus não serve para o Brasil, diz responsável por plano. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/citada-como-exemplo-por-bolsonaro-estrategia-da-suecia-contr-coronavirus-nao-serve-para-o-brasil-diz-responsavel-por-plano.ghml>. Acesso em: 19 jan. 2026.

⁸⁹ Link: [Bolsonaro diz que contaminação é mais eficaz que vacina contra Covid; especialistas contestam | Política | G1 \(globo.com\)](#) acessado : 18 de julho de 2023.

Nalva, 56 anos, moradora do Rio de Janeiro, viúva de Fernando, acredita que o estado de calamidade vivenciado no Brasil aconteceu por um desgoverno que não acreditava na ciência:

Que veio por um desgoverno, por um desgoverno que não acreditou na ciência, que debochou, que não comprou a vacina, porque a doutora falou pra Amanda [filha de Nalva] “seu pai tinha que ter sido vacinado, seu pai era pra ter sido vacinado”, ela estava indignada essa doutora, “seu pai deveria tá vacinado, porque se ele tivesse vacinado, talvez ele tivesse pego e não tivesse ido a óbito, mas ele não foi vacinado porque um desgoverno não quis”. A corrupção não deixou, a ambição desse governo de 4 anos, porque esse governo veio para levar o meu marido e essas 700 mil famílias, então é comprovado pela ONU que se ele tem comprado a vacina mais de 400 mil vítimas estariam vivas, acreditando em uma imunidade de rebanho. Para mim, foi uma morte de guerra essa que o meu marido e essas pessoas todas, que foram negadas por um desgoverno assassino, pra mim ele é um assassino. Para mim é culpa dele. Como bota uma pessoa... porque o Mandetta já falava lá atrás nessas mortes e como ele queria trabalhar, o que ele fez? Botou ele para fora. E quem ele coloca? Quem não entende nada da saúde, para que a coisa fosse mais bem feita e ele não gastar e ele ganhar em cada vacina. Ele só quis ganhar para que a gente perdesse, mas ele não sentiu na pele o que eu senti. (Nalva, entrevista realizada em 27/03/2023).

Nalva virou militante a partir da morte do seu marido. Em sua fala, ela expressa crítica à postura negacionista do governo em relação à ciência e à falta de investimento na compra de vacinas, o que ela entende como parte da estratégia da imunidade de rebanho. Neste sentido, Nalva considera a morte das vítimas da Covid-19 como uma “morte de guerra”, promovida por um governo assassino. Ela destaca o ex-Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta⁹⁰, que alertava sobre a gravidade da situação, e critica quem veio depois de Mandetta, que não tinha formação na saúde.

A menção à estratégia de imunidade de rebanho precisa ser situada temporalmente dentro da evolução da pandemia. Essa estratégia foi amplamente debatida durante a primeira onda da Covid-19, quando ainda se conhecia pouco sobre as formas de funcionamento do vírus. Em reportagens na imprensa, o tema era discutido, questionado e debatido, havendo especulações sobre a possibilidade de “alcançar a imunidade de rebanho naturalmente”, com uma grande parcela da população contraindo o vírus, em um momento em que a vacina ainda não estava disponível. No entanto, essa abordagem trazia o risco de sobrecarregar o sistema de saúde além de resultar em um grande número de mortes. De fato, assumir uma estratégia de “imunidade de rebanho”, dada a relativamente alta letalidade da Covid-19, implicaria em aceitar

⁹⁰ Luiz Henrique Mandetta foi Ministro da Saúde desde o começo da gestão de Jair Bolsonaro (01/01/19) até o dia 16/04/20. Apesar de ter sido um ministro a serviço do desmonte do SUS durante sua gestão, sua atitude durante a pandemia, mais afinada às diretrizes internacionais, tornou sua permanência no cargo incompatível com a visão presidencial sobre a pandemia. Mandetta foi sucedido por Nelson Teich, que ocupou o cargo brevemente (17/04/20 a 15/05/20). Entre 15/05/20 e 02/06/20, o Ministério foi ocupado interinamente por um militar, o General Eduardo Pazuello, que foi nomeado ministro apenas em 02/06/2020, ficando no cargo até o dia 23/03/21, quando foi substituído por Marcelo Queiroga, que permaneceu no cargo até o fim da gestão (31/12/22).

o sacrifício de todas aquelas pessoas que desenvolveriam a forma grave da doença e, dentre aquelas, as que morreriam. Esse alto custo em vidas levou a esmagadora maioria de países a não se inclinarem pela imunidade coletiva, optando por outras medidas de diminuição do risco, como as quarentenas e lockdowns.

Com o avanço dos meses, com a chegada da segunda onda, especialmente no início de 2021 no Brasil, os debates sobre imunidade de rebanho foram gradualmente sendo abandonados. a emergência de novas variantes tornou evidente que a imunidade adquirida por infecção prévia não era suficiente para conter a transmissão, pois muitas pessoas que já haviam sido infectadas voltaram a adoecer. Dessa forma, a ideia de alcançar proteção coletiva por meio da infecção natural perdeu respaldo, e os esforços passaram a se concentrar na vacinação em massa como principal meio de controle da pandemia. Portanto, ao abordar essa questão, é fundamental considerar a temporalidade e as mudanças nas diretrizes científicas e sanitárias ao longo do tempo.

No caso brasileiro, embora não tenha existido uma diretriz claramente enunciada como “imunidade de rebanho por contágio” diversas análises conduzem a essa conclusão, entre as quais destaco *A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da Covid-19*, elaborada pelo Cepedisa (2021), e que serviu de base às discussões no Senado durante a CPI da pandemia que tratarei mais adiante. É importante perceber que as conclusões a que chegou a Cepedisa não falam apenas de omissão mas de uma ação estratégica para que a população brasileira adquirisse a tal imunidade de rebanho, ou seja, um plano de “disseminação da Covid-19” com o objetivo de poder retornar, o antes possível, à normalidade econômica. As análises do Cepedisa são condizentes com a ideia de Nalva de “morte de guerra”, que por sua vez parece ecoar a opinião de William Haseltine, Presidente da ACCESS Health International, para quem a “imunidade de rebanho é outro nome para assassinato em massa. É exatamente disto que se trata” (Cepedisa, 2021, p. 24). Ou, em outras palavras, um genocídio assistido planejado pela estratégia Federal de disseminação da covid-19.

Na conversa realizada no dia 24 de abril de 2024, a interlocutora Flávia Oterro destacou a desinformação e a negligência em relação à pandemia da Covid-19, apontando a responsabilidade do então ex-presidente Jair Bolsonaro. Segundo seu relato, no hospital, os profissionais de saúde enfrentavam um cenário de incerteza, sem saber exatamente com o que estavam lidando. Paralelamente, a disseminação de *fake news* agravava a situação, gerando medo e resistência à vacinação, e paradoxalmente uma maior exposição a situações favorecedoras do contágio – a tão chamada imunidade de rebanho. Esse ambiente de desinformação, segundo Flávia, contribuiu diretamente para a exposição ao vírus e a consequente morte de muitas pessoas que, influenciadas por discursos negacionistas, subestimaram a gravidade da doença, que em horas era chamada de “gripezinha”.

O relato de Flávia Oterro também traz um caso pessoal que demonstra os impactos dessa postura negacionista. Flávia menciona que seu tio, um apoiador de Bolsonaro, manteve contato com seu primo infectado, desconsiderando os riscos do contágio. Mesmo após a morte de sua esposa, que faleceu diante da televisão acompanhando as notícias sobre a pandemia, ele continuou se expondo ao vírus, ignorando as evidências da gravidade da situação. Flávia Oterro, que perdeu a sua mãe Maria Vilma, evidencia como a descrença na ciência, as notícias da não vacinação e a adesão a discursos políticos desinformados tiveram consequências para muitas famílias, reforçando a ideia de que a falta de informação confiável e o negacionismo foram fatores determinantes no avanço das mortes.

Na conversa realizada no dia 10 de janeiro de 2023, a enlutada Helen Alves, destaca que a sua região, Santa Catarina, especialmente nas cidades de Camboriú e Balneário Camboriú, apresentou altos índices de negacionismo em relação à pandemia, o descrédito à gravidade do vírus e às recomendações científicas é atribuído, em parte, ao discurso do então presidente da República, que minimizava a doença e a classificava como uma “gripezinha”, o que é destacado também por Flávia Oterro.

Já a entrevistada Helen Alves aponta que, além do ceticismo popular, houve decisões diretas governamentais na disponibilidade das vacinas. Segundo ela, o atraso na aquisição dos imunizantes custou vidas que poderiam ter sido salvas, reforçando a centralidade da ciência na superação da crise sanitária de Covid-19. Também destaca uma tensão entre o *tempo científico* e as *expectativas populares*: ela rebate o argumento de que a vacina foi desenvolvida em um período demasiadamente curto, lembrando que a emergência sanitária demandava celeridade no desenvolvimento de soluções. A desconfiança sobre a eficácia e a segurança da vacina, segundo a entrevistada, está relacionada a uma “falta de estudo” por parte da população e o aumento de *fake news*, o que evidencia um desafio estrutural no campo da educação e da comunicação científica para a população.

Maiti, viúva de Rogério, moradora de Guarulhos/SP, destaca que o governo federal foi extremamente omissos nas suas funções.

Demorou muito para alguma tomada de decisão e acho que a tomada de decisão só aconteceu por alguma questão externa, porque se dependesse do governo federal não teríamos vacina até hoje. Ia investir na **tal imunidade de rebanho e vimos o preço dela qual foi...** (Maiti, entrevista realizada em 27/03/2023).

Essa fala reflete a crítica em relação à demora do governo federal em tomar decisões durante a pandemia, em aderir ao distanciamento para salvar as vidas. Maiti na entrevista questiona que as medidas só foram adotadas devido a pressões externas, colocando que o governo não agiu por iniciativa própria, pela falta de investimento na vacinação e a estratégia da imunidade de rebanho, que levou às mortes.

Além de Maiti, Taíze Santana, moradora de João Pessoa, 30 anos, que perdeu o pai Efigênio, enfatiza que o governo Bolsonaro e toda a ideia de imunidade de rebanho foram “uma destruição, uma infâmia”. Ela acredita que foi um grande erro, e que poderiam, sim ter sido feitas mais coisas, como aceitar ajuda de outros países em relação às pesquisas e às vacinas. Ela entende que, quando as vacinas foram disponibilizadas, seu pai e sua avó já haviam falecido, mas muitas outras vidas poderiam ter sido salvas se o Governo Federal não tivesse negado a gravidade da situação.

Por isso, ela discorda do governo que estava no poder, pois muitas pessoas foram vítimas da negligência e subestimação da gravidade da pandemia. Muitos acharam que o Covid era apenas uma brincadeira e não era, pois o vírus matava e não conferia essa suposta “imunidade de rebanho”. Nem todo mundo se salvava, e as pessoas morriam. Para ela, além de “ficar em casa”, deveriam ter sido implementadas políticas públicas que oferecessem um auxílio melhor às pessoas, especialmente aquelas com comorbidades e idosos.

Vale ressaltar que o limiar exato necessário para alcançar a imunidade varia de acordo com cada doença e suas características de transmissão, a vacinação em massa tem sido apontada como uma medida de mitigação para alcançar a imunidade de rebanho na luta contra a pandemia de Covid-19 (Godlee, 2019). No contexto da Covid-19, o processo de vacinação foi a forma mais segura e eficaz para alcançarmos essa proteção coletiva, reduzindo a disseminação do vírus e minimizando os impactos das mortes.

2.6 FORMAS DE JUSTIÇA PARA OS MORTOS: COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO (CPI)

A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da COVID-19 foi um marco para as enlutadas da pesquisa, principalmente para investigar a resposta do governo federal à pandemia. A CPI, iniciou em 27 de abril de 2021, teve uma duração de cerca de 120 dias, encerrando suas atividades em setembro do mesmo ano.

O presidente da CPI da Covid-19 foi o senador Omar Aziz, do Partido Social Democrático (PSD) do Amazonas, e o relator foi o senador Renan Calheiros, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) de Alagoas. A comissão em seus relatórios apurava ausência de ações e omissões do governo federal no enfrentamento da pandemia, bem como a aplicação dos recursos federais repassados aos estados e municípios. As enlutadas destacaram a importância de serem audiências públicas, a espera sempre da próxima sessão da CPI para continuar a assistir ao desenrolar desses 120 dias de episódios, por processos de reparação.

A pandemia de Covid-19, como uma das maiores crises de saúde pública, mostrou uma desorganização do governo, tornando-se uma máquina de fabricação de mortes, dor e

sofrimento. A fim de compreender os fatores que contribuíram para o número de mortes relacionadas à doença e buscar medidas eficazes de prevenção, a instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) desempenhou um papel fundamental na busca por culpados e nos processos de reparação para as sequeladas da pandemia.

Cláudia, moradora de João Pessoa, 40 anos, viúva de Ely, enfatiza que acompanhou a CPI da Covid;

Isso pra mim é revoltante, é cada vez mais revoltante. Eu acho que a CPI da Covid foi o momento em que eu acompanhei, todos os dias eu acompanhava a CPI da Covid, estava de home office ainda, que foi outra coisa que minha chefe foi muito compreensiva, ela nunca disse “Volte”, eu fiquei fazendo 3 meses de reabilitação pulmonar, porque quando ele faleceu eu piorei, e aí subiu um pouco a perca do pulmão, e eu tinha que fazer 3 meses de reabilitação. E assim, mesmo depois das 3 meses ela não mandou eu voltar, ela me deixou bastante tempo em home office, e aí eu ficava ouvindo, trabalhava, mas ouvia a CPI da Covid, para mim é uma questão de honra, dele, mas também todos os brasileiros assim, então isso me revolta muito ainda por todas as pessoas que podiam tá ainda vivas sabe? Podiam ter essa chance. É isso, é essa sensação de injustiça. A CPI da Covid foi o momento de entender o desmonte. (Cláudia, entrevista realizada em 03/01/2023).

Cláudia destaca o momento da CPI como uma forma de honra, e durante a realização da CPI destinada a investigar ações e omissões do governo federal no enfrentamento da pandemia de Covid-19, diversos momentos foram dedicados a discutir e abordar as mortes relacionadas à doença. Durante a pandemia, o momento da CPI se tornou um espaço relevante para investigar os fatores que contribuíram para as mortes, como a falta de insumos médicos na distribuição dos estados, a demora na aquisição de vacinas no Brasil pelo desgoverno, a falta de planejamento e coordenação efetiva em combate ao vírus. As enlutadas com as que conversei começaram nesse momento o processo de espera na busca de reparação dos culpados.

Márcia (filha de Licinha) e Lucynier (mãe de Daniel), em seus depoimentos, também destacaram a importância da CPI da Covid-19 para a defesa dos direitos e para entender o papel do Estado nesse processo. Eles relataram que...

aquele presidente dando risada de tudo, achando engraçado e as pessoas achando normal, “aí mas ele não tem culpa.”, vacina, não sei o que... Mas nem respeito pela gente ele teve, dando risada, falando que “eu não era coveiro”, as pessoas virando aquelas covas, outros dizendo que era mentira né, então aquilo te entristecia mais, eu fiquei assistindo aquela CPI, como se fosse uma forma protesto, assistia cada detalhe, relato que falava sobre as mortes, fiquei revoltada com Deus, com todo mundo, um dia eu acreditava em uma religião, no outro dia você não acreditava em mais nada. (Márcia, entrevista realizada em 10/01/2023).

Essa fala de Denise no momento da entrevista expressava uma profunda indignação em relação às atitudes do ex-presidente e sua funcionalidade na pandemia. O uso da expressão “eu não sou coveiro” foi ofensivo a dores dos enlutados. Márcia acompanha a CPI como uma forma de protesto, buscando conhecer cada detalhe e relato sobre as mortes, reconhecendo a luta por

reparação da sua mãe. Essa experiência intensificou sua revolta e provocou uma crise de fé, levando-a a questionar suas crenças religiosas. A CPI da pandemia se tornou um momento de solução das mortalidades da pandemia.

Já Lucynier, mãe de Daniel, moradora de Manaus, destaca;

meu filho morreu dia 02 de abril, se meu filho tivesse se vacinado antes talvez ele não tivesse morrido, talvez tivesse morrido, mas eu nunca vou saber se ele tivesse tomado a vacina, se ele teria vivido. Eu com 60 anos fui vacinada dia 20 de março, ele com 39 ia ser vacinado quando? Então eu tenho muita raiva, muita revolta. Sou militante política, eu tenho muita vontade de ver justiça, aquela CPI eu assisti todinha, eu li, que aquilo ali chegue a algum resultado. Não sei te explicar como, mas o Estado não nos acolheu, sabe? O Estado não nos acolheu, pelo contrário. Eu estava ali sofrendo, porque eu não penso só em mim, penso nas 700 famílias ali, porque 700 mortos que dizem, e a CPI da Covid é um espaço de justiça. (Lucynier, entrevista realizada em 25/04/2023).

Lucynier não para ao lutar pela morte do seu filho, no seu cotidiano existe um sentimento de dor e revolta por parte de uma mãe, que busca forma de resistência. Ela expressa a angústia de imaginar que se seu filho tivesse sido vacinado antes, pois estava na linha de frente da pandemia, trabalhando no cemitério de Manaus, ele poderia estar vivo. Lucynier, que também é uma militante política, manifesta sua vontade de ver justiça sendo feita, especialmente através da CPI que ela acompanhou. Ela enfatiza a falta de acolhimento por parte do Estado, sentindo que não foram tomadas as medidas adequadas para proteger as pessoas e evitar as mortes.

No relatório Final da CPI da pandemia⁹¹, foi destacado um tópico sobre a “*geração de risco proibido – mortes evitáveis*”, que relata que, se o Brasil tivesse iniciado uma campanha de vacinação rápida, poderia ter evitado cerca de 127 mil mortes. Esses dados, conforme simulação, é de atingimento de imunização de 70% da população em 9 meses (544 mil pessoas por dia), o que é plenamente factível, de acordo com o relatório, dada a experiência brasileira em vacinação em massa, destacando o exemplo de 2010, foram vacinadas 80 milhões de pessoas em 3 meses contra o H1N1.

No relatório Final da CPI, destaca-se o ritmo lento de vacinação da população, produzindo sérias consequências na mortalidade pelo vírus, servindo de alerta para as autoridades, para que o maior número possível de pessoas seja imunizado no menor período de tempo possível. Pois o atraso na aquisição de vacinas impôs escassez à população e a redução do ritmo de vacinação, o que aumentou a mortalidade pelo vírus (Relatório Final-CPI Covid, 2021).

No momento da CPI, os pesquisadores Pedro Hallal e Jurema Werneck trouxeram outros dados dos números de mortes. Conforme estudo de Hallal, destacado no relatório final

⁹¹ Link: [relatorio_final_26102021_12h40.pdf\(globo.com\)](#) acessado 20 de julho de 2023.

da CPI da Covid, de cada cinco mortes no Brasil quatro teriam sido evitadas se estivéssemos na média mundial de mortalidade (Relatório Final-CPI Covid, 2021).

Além dos dados dos pesquisadores, o relatório final da CPI da Covid destacou os estudos do IPEA, que apontam que o Brasil registrou, em 2020, em proporção de sua população total, mais mortes por Covid-19 do que 89,3% dos demais 178 países, segundo dados compilados pela Organização Mundial da Saúde. Quando a comparação é ajustada à distribuição populacional por faixa etária e sexo com cada país, o resultado brasileiro se torna pior que os de 94,9% dos mesmos 178 países (Relatório Final-CPI Covid, 2021, p.1021).

Durante a realização da CPI foram destacadas as ações e omissões do governo federal no enfrentamento da pandemia de Covid-19, diversos momentos foram dedicados a discutir e abordar as mortes relacionadas à doença, bem como a inexistência de responsabilidade de autoridades governamentais e gestores públicos no enfrentamento da pandemia.

Porém, como pensar em uma pandemia e no seu enfrentamento, se em diversos cenários os mortos não foram sentidos como uma comoção? À medida que as vítimas aumentavam, engrossavam as estatísticas e se tornavam invisíveis, junto com as enlutadas, que também deixaram de ser vistas. Mas elas se levantaram todos os dias na busca de fazer justiça para as vítimas da Covid-19 e conseguir uma reparação do Estado que abandonou os seus à sorte.

3 O CORPO E A SEPARAÇÃO (ADOECIMENTO): MUDANÇA DE STATUS SOCIAL NO PROCESSO DE TERMINALIDADE

Durante este capítulo será destacada a interseção entre a pandemia de Covid-19 e o processo adoecimento pelo vírus, considerando os impactos específicos dessa crise de saúde entre aquelas pessoas que desenvolveram a forma grave da Covid, demandando hospitalização, nos primeiros tempos da pandemia. Será discutido como o corpo infectado pelo vírus Sars-Cov-2 foi conformado por medidas de biossegurança, que afetaram o *status* social dos afetados, levando à sua separação do ambiente familiar, ao isolamento hospitalar e ao medo do corpo como vetor de contágio. Será discutido também como a pandemia de Covid-19 influenciou a prestação de cuidados e o acesso aos recursos de saúde para pessoas em processo de terminalidade, bem como o uso das tecnologias de comunicação no processo de despedida. A sobrecarga dos sistemas de saúde, as restrições de visitas hospitalares e a falta de suporte adequado, como medicamentos, agravaram a separação social e afetaram a qualidade de vida e o bem-estar dos pacientes de Covid-19 e de seus familiares em busca de suporte.

3.1 PROCESSOS DE TERMINALIDADE E DISTANCIAMENTO SOCIAL NA HOSPITALIZAÇÃO POR COVID-19

“estudos empíricos dos citados autores e de outros antropólogos vêm evidenciando o que todos sabemos por meio do senso comum e do bom senso: o fato de que **a doença, a saúde e a morte** não se reduzem a uma evidência orgânica, natural e objetiva, mas que sua vivência pelas pessoas e pelos grupos sociais está intimamente relacionada com características organizacionais e culturais de cada sociedade.” (Minayo, 2006, p.193).

Os estudos empíricos realizados por Minayo (2006) têm destacado aquilo que, de certo modo, já reconhecemos pelo senso comum: que *saúde, doença e morte* não podem ser compreendidas apenas como fenômenos orgânicos ou naturais. Ao contrário, essas experiências são atravessadas por dimensões culturais, simbólicas e organizacionais que variam entre sociedades e grupos sociais. E, neste capítulo, proponho um recorte analítico sobre o processo de adoecimento durante a pandemia de Covid-19.

Refletindo sobre o contexto da pandemia, parti do princípio de que, nos processos de distanciamento social, para evitar a propagação da Covid-19, as orientações eram claras: se alguém apresentasse febre persistente, tosse, dificuldade para respirar ou baixa saturação de oxigênio, deveria buscar imediatamente uma unidade de saúde especializada no tratamento do coronavírus. Nesse momento, é fundamental manter rigorosamente as medidas de biossegurança para evitar a proliferação do vírus.

Foram muitos os itinerários seguidos por pessoas afetadas pelo Sars-Cov-2. Teve

peças que adoeceram em casa e não procuraram os serviços de saúde, outras que procuraram os serviços e foram mandadas para casa, outras, ainda, que precisaram ser hospitalizadas, e dentre estas, outras, muitas outras, que morreram no hospital. Neste capítulo, são apresentados relatos de terminalidade⁹² e distanciamento social na hospitalização por Covid-19 por doentes que vieram a falecer nos hospitais, longe de suas famílias.

Todas as mulheres dessa pesquisa tiveram suas vítimas hospitalizadas entre os anos 2020 e 2021. Os processos de terminalidade no contexto hospitalar referem-se ao estágio de uma doença em que um paciente não possui mais chances de recuperação, e o foco do cuidado muda da cura para o alívio dos sintomas (Silva, 2021). Nesses casos, na pandemia, a terminalidade refere-se ao estágio da doença em que as opções de tratamento foram limitadas ou ineficazes nos pacientes que vieram a óbito.

Durante a emergência sanitária ocasionada pela pandemia da Covid-19, como já foi indicado, foram implementadas medidas de biossegurança em relação ao tratamento das pessoas hospitalizadas, incluindo a proibição de visitas por parte das famílias dos pacientes suspeitos ou confirmados. Essas medidas foram adotadas devido ao alto risco de contágio que os corpos no ambiente hospitalar representam (Soares; Rodrigues, 2020). No contexto da minha pesquisa de tese, é relevante considerar o corpo como um fator de risco para a saúde, destacando o afastamento de sua esfera social e avaliando o impacto das medidas de distanciamento físico e isolamento social na saúde física e mental das pessoas enlutadas.

De acordo com Cleam e Hoch (2001), o corpo com Covid-19 passa por um *processo de estigmatização*. Para as autoras, a crescente elevação de casos de morte, juntamente com as medidas de controle, podem levar a um medo generalizado, estigma e exclusão social de pacientes e familiares e sobreviventes (p.5).

As autoras descrevem essas vivências com a morte no ambiente hospitalar como *forma imediata* de vivência. Essas vidas perdidas, em grande parte, passaram pelas mãos dos profissionais de saúde, que estiveram na linha de frente no enfrentamento à pandemia. Por sua vez, esses profissionais de saúde, muitas vezes sob extrema pressão, lidaram diretamente com o adoecimento, sofrimento e a perda. Eles e elas enfrentaram a morte de maneira muito próxima e (im)pessoal, testemunhando e lidando diretamente com ela em suas rotinas no hospital.

O artigo de Cleam e Hoch (2001) aborda que a *experiência da hospitalização* já é ameaçadora por si

⁹² De acordo com o pensamento de Crepaldi *et al* (2020), os processos de terminalidade têm sido afetados no período de pandemia da Covid-19, pois impõem desafios aos rituais de despedida de pacientes terminais que estão contaminados pelo coronavírus em estado grave. O fato do distanciamento na iminência da morte, estarem isoladas e sem contato, sem a possibilidade de estabelecer interações face a face, pode dificultar as conversações no final da vida.

só, mas no contexto da pandemia, aparece como uma *ameaça à existência do eu* muito mais palpável. O estar com Covid-19 parece despertar um senso de finitude nas pessoas no contexto hospitalar, colocando-as vulneráveis a sensações, emoções e questionamentos que talvez antes nunca haviam experimentado/sentido. Com isso, pretendo destacar o “eu pessoal” com relação ao sentimento de morte das vítimas a partir das experiências dos enlutados - *o medo do invisível e do inevitável* (Cleam; Hock, 2021).

Em meio a esse contexto, o processo de distanciamento social tornou mais intenso o sofrimento. Nesse momento, ocorre um agravamento do quadro do doente que pode levar a morte, por conta da angústia pelo bem-estar do grupo familiar, e pelo *reajuste de papéis* e posições familiares (em vida). *A solidão no momento da morte* - a dor da saudade e da perda, o afastamento, o medo frente à possibilidade do morrer - a não existência de um eu vivo emergem nesse momento. Essa experiência revela o impacto emocional que a pandemia trouxe na experiência hospitalar, destacando a importância de abordar não apenas as consequências físicas da doença, mas também as repercussões sociais na vida das enlutadas.

Segundo o sistema cultural de morte (Rodrigues, 2006), ninguém deveria morrer sozinho e sem a presença da família; nem sem uma vela, embora atualmente essa tradição possa ter mudado, considerando que até nos velórios as velas já não são mais de cera. A vela simboliza a vida do falecido e a luz no momento da morte. Para as famílias com quem conversei, uma “boa morte” significa morrer em seu próprio lar, cercado por seus entes queridos⁹³. Durante a pandemia, no entanto, muitas dessas expectativas foram desafiadas pelo controle da biossegurança, pois as restrições de visitação nos hospitais e as medidas de segurança impediram que as pessoas estivessem acompanhadas por suas famílias no momento do adoecimento/ ou da morte.

Para Soares e Rodrigues (2020) é necessário *construção subjetiva diante da doença e da morte no ambiente hospitalar* no processo de terminalidade, é nessa perspectiva que relatei as vivências das enlutadas. Nesse contexto, as autoras mostram as formas de contato para informações sobre o paciente eram realizadas pelo boletim médico como *processo de informação* - tal medida visa um esforço conjunto de informar e atender a família que, nessa circunstância atípica, não pode ter nenhum contato físico com o familiar doente (Soares; Rodrigues, 2020).

O artigo destaca também que a pandemia da Covid-19 ressalta a força da *tecnologia como aliada* para contornar nossas limitações e impossibilidades. Essas práticas são observadas por

⁹³ Os estudos sobre a morte no Ocidente, notadamente a partir das obras clássicas de Philippe Ariès, como *História da morte no Ocidente* e *O homem diante da morte*, evidenciam que a morte ocorrida no espaço doméstico, cercada pelos familiares, tornou-se progressivamente rara nas sociedades contemporâneas, tendência na qual o Brasil também se insere. Nesse sentido, o que se observa não é propriamente a descrição da forma como as pessoas morrem na prática, mas a expressão de um ideal ou desejo socialmente construído, uma vez que a maioria dos óbitos ocorre em instituições hospitalares, ainda que, em muitos casos, com a presença e o suporte da família.

Silva (2020), para quem, durante o período da pandemia, as interações tecnológicas desempenharam um papel fundamental na mediação do processo de adoecimento e morte, permitindo, com o auxílio de médicos e enfermeiros, que pacientes mantivessem contato com familiares e amigos por meio de telefones celulares presentes nos quartos de hospitais facilitando assim, a interação dos pacientes em terminalidade pelo coronavírus.

Ainda em meio à solidão evidenciada pelo distanciamento das relações, processos de humanização aconteceram no contexto hospitalar. Os pacientes internados em unidade de terapia intensiva declaram *seus desejos*, seus últimos desejos, como destaca o título do texto de Cleam e Hoch (2001) , “A morte dizendo olá”. Algumas das descrições seriam, ver a família e os amigos por apenas alguns minutos por dia, a angústia de ter tubos no nariz e/ou na boca e não ter controle de si mesmo. Essas condições pandêmicas criam adaptações nas tomadas de decisões, nas quais profissionais de saúde desempenharam um papel fundamental ao fornecerem conforto, apoio social e *conexões humanas possíveis* aos pacientes isolados, por meio de gestos nos cenários de cuidado diante das circunstâncias desafiadoras impostas pela pandemia.

No artigo de Soares e Rodrigues (2020) anteriormente mencionado “A exigência psíquica dos rituais de despedida diante da morte em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) da Covid-19 (Sars-CoV-2)”, destaca formas de humanização no cuidado, como processo de respeito aos familiares e sujeitos afetados pela covid-19. Sendo necessária, “uma cultura de respeito e valorização não da doença, mas do ser humano que adoece, contemplando uma relação sujeito-sujeito e não sujeito-objeto” (Clead; Hock, 2021, p.6).

Quais foram os processos de humanização viáveis ao refletir sobre a Política Nacional de Humanização (PNH), estabelecida pelo Ministério da Saúde (MS) em 2004? Essa política tem como objetivo aprimorar as práticas de gestão e atenção em saúde, buscando a humanização do trabalho no setor (Brasil, 2010). Destaco as seguintes questões: quais estratégias foram adotadas pelas equipes de saúde para aderir aos princípios da PNH durante a crise da Covid-19, levando em consideração as restrições ao contato físico e a necessidade de isolamento dos pacientes? E quais resultados foram observados na qualidade do cuidado e na experiência dos pacientes quando as diretrizes da PNH foram efetivamente implementadas durante a pandemia? Estas são algumas das questões que este capítulo aborda no contexto de uma situação de pandemia e adoecimento.

Soares e Rodrigues (2020) expressam em seu artigo sobre o processo de *ritualização hospitalar* que a escuta técnica dos profissionais intensivistas objetiva contribuir com uma nova maneira de vivência da experiência da doença, da morte e do luto. Porém em decorrência ao

contexto pandêmico, os processos de ritualização de morte de uma paciente terminal tiveram os seus impactos, principalmente no processo de humanização.

O artigo destaca que uma outra possibilidade encontrada como substituto ritualístico no *processo de adoecimento e óbito* de um ente querido foi a inserção de fotografias e cartas para serem colocadas nos leitos, recursos substitutivos às visitas regulares aos pacientes que aconteciam em “tempos normais” (Soares; Rodrigues, 2020). No contexto da pandemia de Covid-19, em que as restrições de visitação afetaram a experiência dos pacientes com Covid-19 e as enlutadas, a inserção de fotografias, áudios, chamadas de vídeo e cartas nos leitos da UTI surge como uma alternativa simbólica para o ritual, principalmente na ausência física dos entes queridos.

Quando o médico diagnosticava no protocolo *medicamento para conforto, em estado terminal*, inicia-se para os profissionais a adoção de alternativas ou outras formas de *rituais no processo de terminalidade*, como os últimos desejos para os familiares. Uma das experiências é o envio das roupas com as que gostariam que seu familiar fosse enterrado e fosse colocado no “saco preto” com essa vestimenta (Soares; Rodrigues, 2020).

Outra questão pertinente de reflexão do artigo de Soares e Rodrigues (2020) é o *sofrimento dos familiares* no processo de ritualização, por não possuírem nenhuma proximidade com a equipe hospitalar. Quando acontece a morte, há ainda o *impedimento da despedida*, na medida em que é público e conhecido que os velórios e os enterros, em casos de pessoas infectadas pela Covid-19 são devidamente limitados. Com isso, ocasiona a *negação da morte*, pela ausência do corpo. Nesse momento, os familiares solicitam uma cópia do prontuário, na expectativa de “ver para crer”.

Nas seguintes páginas, percorreremos esses caminhos de angústia e sofrimento, bem como as alternativas encontradas em meio a circunstâncias extraordinárias, da mão das enlutadas que fizeram parte desta pesquisa.

3.2 O LUGAR E O NÃO LUGAR DO CORPO COM COVID-19: A CASA E O PROCESSO DE ADOECIMENTO

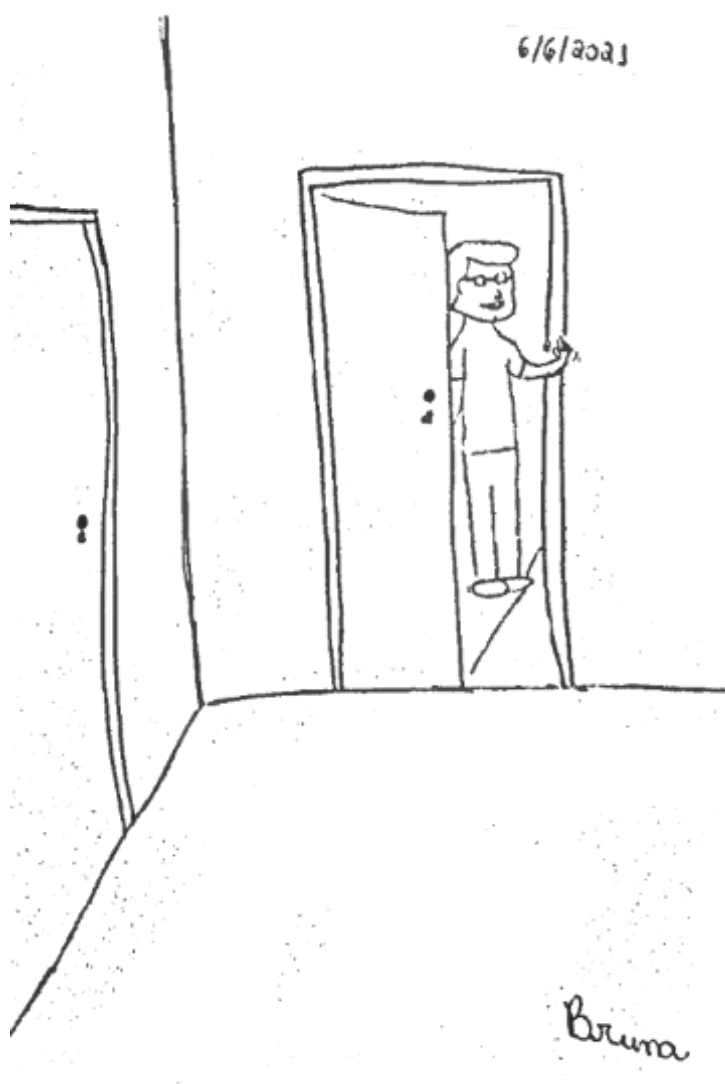
Adriano tinha uma preocupação constante com as entradas e saídas de casa. Sua filha Bruna ressalta que ele sempre foi muito cuidadoso com a porta desde o momento em que contraiu a Covid-19. Tornou-se uma rotina necessária cuidar da desinfecção antes de entrar em casa. Dado que a família residia em um apartamento, ficou desafiador para ele manter o isolamento. Ele acabou se alojando no quarto da filha Luiza, enquanto ela passou a dormir com sua minha mãe.

O quarto de Adriano era uma suíte, ao passo que o de sua filha Luíza não era, porém, o banheiro ficava justamente na porta, bem na entrada do corredor. Ele costumava enviar mensagens como “Pessoal, preciso usar o banheiro”, e todos imediatamente se afastavam.

Então, lá vinha Adriano com máscara e protetor facial, uma sacola na mão, abria a porta, desinfetava o ambiente com álcool, saía, e então fechava a porta. Era nesse breve intervalo, enquanto ele realizava esse ritual, que a família conseguia vê-lo. Luíza, brincando, dizia: “Pai, você está levando um tempo, não pode demorar tanto!” No entanto, em sua mente, ele acreditava que estava contribuindo para a segurança de todos.

Bruna, 28 anos, filha de Adriano, moradora de Santa Bárbara, d’Oeste/São Paulo, desenha a cena das limitações de Adriano no espaço da casa:

Figura 19 – Adriano no quarto



Fonte: Acervo da enlutada Bruna (2023)

Quanto à alimentação, a família reservou um prato específico para Adriano Henriques, o pai. Até hoje, suas filhas mantêm o prato na casa, que corresponde às iniciais de seu nome. Isso aconteceu porque Adriano “desenvolveu uma certa obsessão com os talheres e utensílios

que utilizava”. Ele os marcou e passou a utilizar somente aqueles específicos. Bruna e Luiza enfatizam que essa atitude demonstrava a preocupação e o cuidado que ele tinha com a saúde de todos os membros da família. A preservação do prato com as iniciais de seu nome tornou-se um símbolo emocional e memorial para suas filhas, e essas lembranças permanecem vivas em suas memórias.

Figura 20 – O prato de Adriano com suas iniciais AH



Fonte: Acervo da enlutada Bruna e Luiza (2023)

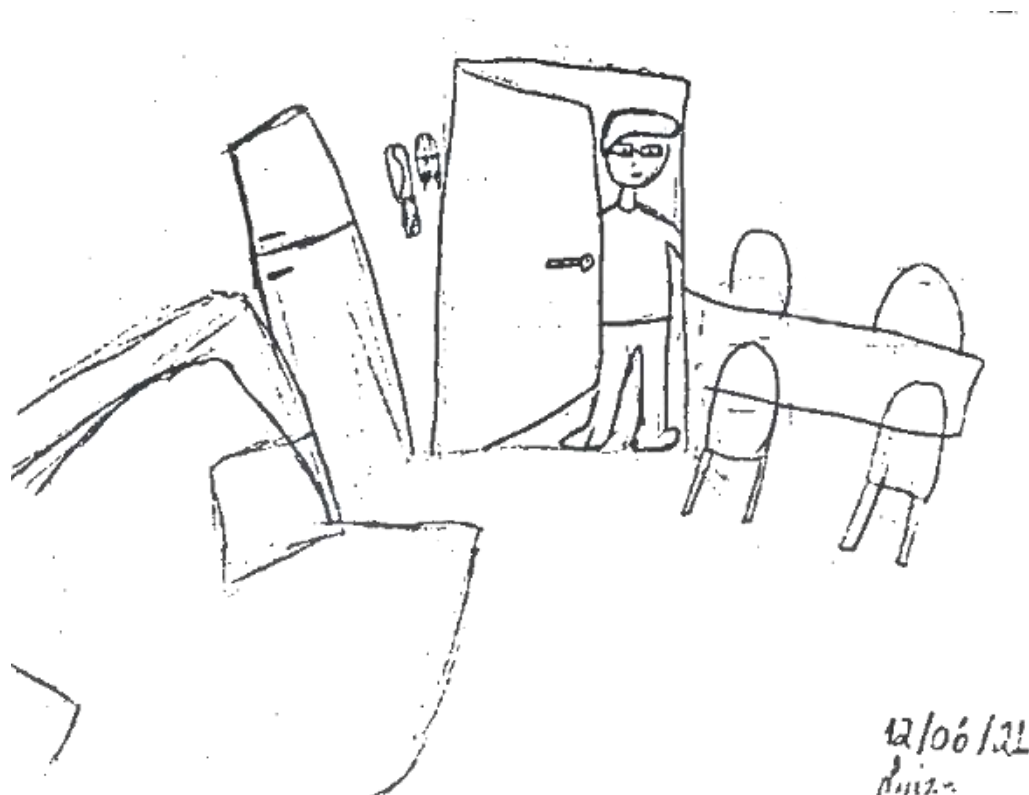
Por meio dos relatos de Bruna e Luiza, irmãs, podemos explorar a interação entre o corpo com Covid-19 e o ambiente, especialmente na casa de Adriano. Esse contexto evidencia a limitação das interações sociais e a experiência traumática de solidão, com a ausência dos abraços que faziam parte de sua rotina. A residência de Adriano, de fato, transformou-se em um local de dualidades: um espaço de proteção e, ao mesmo tempo, de risco, isolamento e cuidado. Além disso, a casa também se tornou um cenário marcado por desafios e restrições nos afetos, introduzindo, de certa forma, novas dinâmicas em seu interior.

Um momento que chamou a atenção de Luíza, 23 anos, foi quando seu pai Adriano, precisou ser hospitalizado. Ao vê-lo sair, algo a deixou desconfortável, pois ela estava infectada: “Deixei de dar um abraço de despedida.” No entanto, ela lembra que disse: “Ele vai voltar, volta amanhã.” O que a marcou profundamente foram os gestos de seu pai quando estava prestes a sair de casa. Antes de fechar a porta, ele percorreu todo o apartamento com um sorriso discreto nos lábios, observou minuciosamente cada canto, olhou para Luíza, acenou com a mão e só então fechou a porta. Se dirigiram ao hospital público, que ficava a uma curta distância de aproximadamente três minutos da residência. Luíza pensou que alguém poderia esperar lá fora,

mas o protocolo determinava que, uma vez dentro com a Covid, precisavam permanecer no hospital.

Então, a mãe de Luiza e Bruna precisou retornar, mas Adriano não queria que ela ficasse. Quando a mãe passou pela mesma porta pela qual seu pai havia saído, seus olhos se encheram de lágrimas. Ele deu um sorriso e disse adeus, e ela teve que voltar para casa, não podendo permanecer no hospital. Luiza ilustrou essa narrativa:

Figura 21 – A saída de Adriano



Fonte: Acervo da enlutada Luíza (2023)

A sensação de não poder se despedir de forma plena devido à incerteza do retorno é marcante. O gesto de seu pai, ao examinar minuciosamente o apartamento, sorrir e acenar antes de fechar a porta, permanece vivamente na memória. Essa despedida evoca a reflexão sobre o que poderia ter sido feito de diferente, “uma despedida da memória, que ficou apenas na memória”. Essa despedida nos faz refletir sobre as possibilidades não exploradas e as palavras não ditas.

3.2.1 Experiências de adoecimento e itinerários terapêuticos mal-sucedidos

Janaina Pascualetto, 49 anos, moradora de Fortaleza, compartilha sua experiência com seu esposo Ronaldo, quando ambos começaram a sentir os sintomas no fim de semana que passaram juntos. Inicialmente, tiveram sintomas leves, como irritação na garganta e nariz congestionado. Janaina Pascualetto chegou a pensar que isso poderia estar relacionado a um incidente: “Desci para varrer lá embaixo, e havia água. Acreditei que a exposição àquela água quente pudesse ser a causa..., o Ronaldo também passou pela mesma situação. No entanto, após três dias, meus sintomas desapareceram completamente, mas Ronaldo começou a apresentar outros sintomas”. Ele insistia que não era Covid, enquanto Janaina Pascualetto estava convencida de que sim. “Naquele estágio inicial, ninguém tinha informações ou entendimento adequado, pois estávamos no começo de tudo.”

Naquela época, a orientação predominante era que as pessoas deveriam permanecer em casa e procurar atendimento médico somente se experimentassem falta de ar, muitas vezes quando a infecção já havia atingido uma fase inflamatória avançada, o que por vezes era tarde demais. Janaina persistia em sua convicção de que seu companheiro estava com a Covid-19. Isso continuou até que, no quinto ou sexto dia, os sintomas de Ronaldo se intensificaram. A irmã de Janaina começou a pressionar: “Janaina, leve Ronaldo a um posto de saúde para descobrir o que está acontecendo.” Foi nesse momento que decidiram procurar ajuda médica. No entanto, Ronaldo já estava vivenciando os sintomas do vírus há mais de uma semana e estava tomando diversos medicamentos, incluindo azitromicina, antialérgicos e medicamentos para o nariz, que haviam sido recomendados por outras pessoas.

Janaina, por sua vez, optou por não tomar nenhum medicamento. Ronaldo, no entanto, estava seguindo um tratamento, embora mesmo com a medicação, sua condição tenha piorado. Ele chegou a buscar atendimento em uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) uma vez, mas devido à superlotação não foi atendido, e ele acabou retornando para casa, já que o sistema de saúde estava sobrecarregado naquele momento. Foi apenas quando Janaina o acompanhou até um posto de saúde que ele conseguiu ser atendido, e nessa ocasião, já haviam se passado 10 dias desde o início dos sintomas.

Nesse momento, Ronaldo já apresentava febre e estava profundamente exausto, sentindo-se extremamente cansado. Houve um dia em que ele foi ao hospital, e ao retornar, teve que tomar banho sentado, pois não tinha forças para ficar de pé. Quando chegaram ao posto de saúde e Ronaldo relatou seus sintomas, ao aguardar o resultado do teste, ele disse: “Doutor, diga logo a ela que eu não tenho nada, pois ela insiste em dizer que é Covid.” O médico

respondeu: “Ronaldo, não posso confirmar isso, pois seus sintomas pioraram desde o primeiro dia. Portanto, vamos realizar o teste, e para ela, esse teste seria a confirmação da Covid.”

Ele fez os testes e recebeu outros medicamentos. No dia seguinte, pela manhã, quando se dirigiu para fazer o teste, Ronaldo enfrentou uma crise tão severa que Janaina relatou: “Quase vi ele morrer na minha frente.” Ele teve uma crise aguda de falta de ar. Imediatamente, Janaina ligou para a ambulância, mas, infelizmente, não havia nenhuma disponível para atendê-los. A atendente da ambulância informou que eles precisavam encontrar uma maneira de chegar ao hospital por conta própria, pois não havia ambulância disponível. Janaina tentou buscar ajuda de outras pessoas para levá-lo, mas ninguém estava disponível naquele momento. Além disso, naquele dia, não havia ninguém para cuidar do filho do casal, uma vez que a irmã de Ronaldo, que morava nas proximidades, também estava ausente.

Ficou evidente que ir ao hospital seria arriscado. Ele decidiu se deslocar até a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) sozinho, conduzindo seu próprio veículo. Essa cena permaneceu gravada na mente de Janaina, pois ele estava enfrentando uma crise de falta de ar, batendo desesperadamente na cama e indicando que estava com dificuldade para respirar. Janaina, com os olhos em lágrimas, recordou-se vividamente desse momento e de como ela chegou a pensar que ele poderia falecer ali mesmo.

Janaina Pascualetto relata que se sentiu desesperada dentro de casa, ligando para as pessoas, até que ele começou a melhorar, mas continuava com dificuldade para respirar. Janaina disse: “Você não pode permanecer em casa.” Então, ele segurou seu ombro, desceu as escadas, entrou no carro e partiu. Essa foi a última vez que Janaina viu seu esposo. Tudo estava extremamente desafiador, pois ela tinha seu filho, estava sozinha e, ao mesmo tempo, enfrentava o risco de contágio.

Quando ele chegou, disse: “Janaina, eu acredito que não vou superar isso, não sei se conseguirei. Você não tem ideia da loucura que está aqui”, “Eles começaram a conversar porque ele havia levado o celular. Ela ofereceu palavras de encorajamento durante o momento difícil, mencionando que Deus estava ao seu lado. Mais tarde, ele ligou novamente, mas enquanto falava, teve uma crise de falta de ar e expressou o temor de que pudesse não sobreviver. Rapidamente, ele conversou com seu filho, falou brevemente com a mãe dele e expressou sentir um incômodo até mesmo ao falar. Para ela, aquela foi uma cena de guerra (que podemos remeter a Butler, 2016): a consciência da morte, do horror de uma pandemia negligenciada.

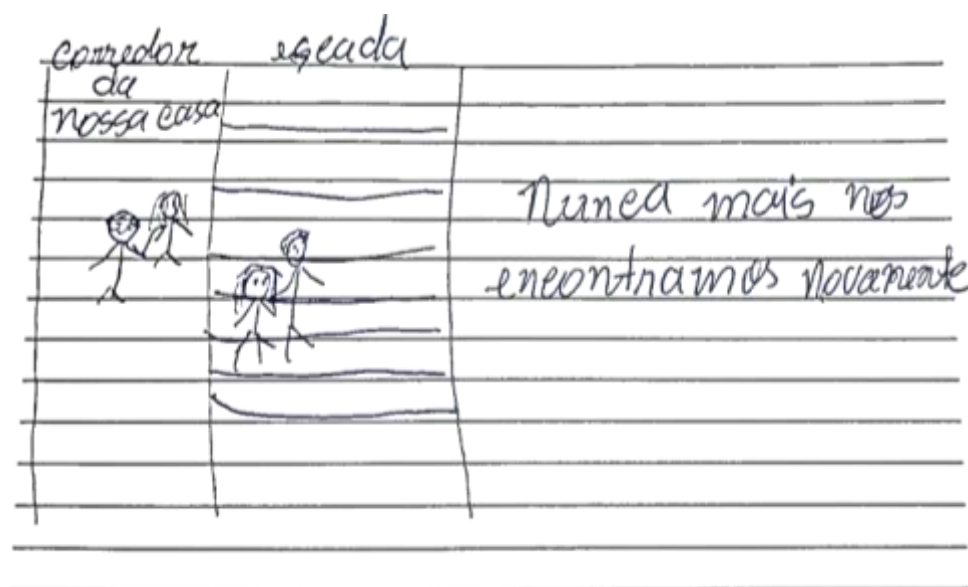
Quando chegou à noite, um amigo do casal foi buscar o carro de Ronaldo no hospital, mesmo com receio de o veículo estar contaminado. Ronaldo já estava sob observação hospitalar, não pôde mais sair, e permaneceu sob tratamento. Janaina ainda conseguiu falar com ele algumas vezes, e durante a noite, ele enfatizou a necessidade de ser retirado do local e internado em outro

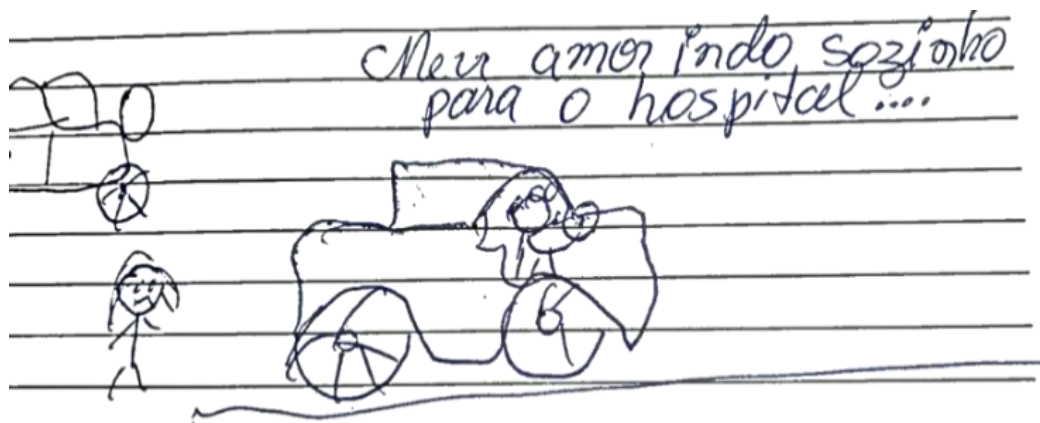
lugar “pelo amor de Deus”, pois acreditava que sua sobrevivência dependia disso. Ele comunicou isso à sua esposa, o que causou uma sensação de desespero em Janaina. Ela fez inúmeras ligações para pessoas que conhecia, como médicos da família e um sobrinho que trabalhava no hospital da Unimed, na tentativa de obter informações e ajuda. No entanto, percebeu que, mesmo entre aqueles com conhecimento na área, conseguir um leito hospitalar era uma tarefa árdua, pois a demanda por internação era extremamente alta e a disponibilidade de leitos, escassa.

Finalmente conseguiu uma vaga, mas quando isso aconteceu, já era uma sexta-feira à noite. No sábado, a partir desse dia, não foi possível entrar em contato com ele, pois o celular descarregou, e ele tinha piorado. Sua irmã buscou informações e soube que ele mesmo havia solicitado a intubação, pois não conseguia mais respirar e estava em estado crítico. Essa notícia abalou profundamente Janaina, pois ela já tinha noção do que poderia acontecer quando alguém era intubado.

Ronaldo, que era o amor de alguém, tornou-se uma pessoa afetada pelo vírus, com um corpo em risco, tudo isso em um curto espaço de tempo. Ele desenvolveu uma infecção bacteriana no sangue que não respondia aos medicamentos; os antibióticos não estavam fazendo efeito. O quadro evoluiu para uma infecção generalizada, como retratado nos desenhos feitos pela pessoa enlutada para representar esse momento nas experiências de adoecimento e itinerários terapêuticos mal-sucedidos.

Figura 22 – Ida de Ronaldo para o hospital





Fonte: Acervo da enlutada Janaina Pascualetto (2023)

A ausência da visita nesse contexto intensifica ainda mais a dor de Janaina. Como mostra o desenho, os corredores de sua casa levando ao carro e sua ida sozinho para o hospital foram os últimos momentos com seu marido. A impossibilidade de estar fisicamente presente no momento do adoecimento fez com que ela sentisse dor em sua ausência. Nesse cenário, pode-se perceber as experiências de adoecimento e itinerários terapêuticos mal-sucedidos. O reconhecimento dos sintomas, o adiamento do diagnóstico, a superlotação, o uso de remédios por conta própria. O reconhecimento tardio dos sintomas ressalta a importância da educação pública sobre a Covid-19 e a necessidade de políticas de saúde eficazes. O adiamento do diagnóstico, agravado pela superlotação nos sistemas de saúde, levanta questões sobre o acesso à assistência médica e a eficiência dos serviços durante a pandemia, causando um descompasso nos itinerários terapêuticos mal-sucedidos, causando a morte de Ronaldo.

3.3 OS SENTIMENTOS DO DEIXAR O ENTE QUERIDO NO HOSPITAL

No contexto da pandemia de Covid-19 nos anos de 2020 e 2021, um dos aspectos mais angustiantes e dolorosos foi o momento de deixar um ente querido no hospital. Durante as entrevistas realizadas, foi um momento forte ouvir sobre a temporalidade do adoecimento, que resultava em uma média de cerca de 15 dias de internação. Nesse período, Foi especialmente difícil descrever o sofrimento vivenciado por muitas famílias, refletindo a gravidade da situação e as incertezas que cercaram a evolução da doença, até a morte.

Além disso, as restrições e medidas de segurança impostas para conter a propagação do vírus causaram um profundo impacto nas experiências, afetando a forma de lidar com os sentimentos do deixar. Nesse cenário desafiador, as emoções envolvidas no ato de se despedir de um ente querido vítima da pandemia no hospital se intensificam, permeadas pelo total sofrimento de não saber se ele ou ela voltaria. Esses sentimentos são vivenciados de forma intensa pelas enlutadas que passaram por essa separação, tendo que lidar com a ausência, e assumindo responsabilidades.

Neste momento, destaco experiências relatadas por aquelas que passaram por essa situação de enlutamento, a fim de dar voz às suas vivências acompanhadas de memórias traumáticas e frequentemente entremeadas pelo pranto.

Nalva, moradora do Rio de Janeiro, esposa de Fernando, ficou doente primeiro. Estava sentindo a chegada da Covid-19 em seu corpo e queria ir ao PSF (Posto de Saúde da Família). Fernando, seu marido, disse: “Nalva, eu vou com você, porque está ensolarado... Vais a pé?” O posto fica pertinho da casa do casal. E Nalva respondeu: “Vou a pé, porque está ensolarado e quero tomar um solzinho.” Então, ambos foram acompanhados pelo genro e a filha do casal, de forma descontraída. Nalva fez o teste, e quando saíram do teste, a profissional de saúde disse: “Ah, o resultado só sai em 5 dias.” No entanto, Nalva já sabia que estava com a Covid-19, pois tinha perdido o olfato e o paladar, sendo um dos primeiros sintomas que indicam a presença do vírus nas primeiras variantes. Quando Fernando foi fazer o teste, ele disse: “Não tinha problemas de pressão alta, mas neste momento, minha pressão não estava normal.”

Nalva fala que seu marido era um homem saudável, que se alimentava bem, de tudo. Ela destaca o apoio emocional que encontrava na comida e no afeto dele. Ambos são nordestinos, e quando ela prepara comida hoje em dia, as lágrimas inundam seus olhos, pensando nele e em como ele era apaixonado por sua culinária, por tudo o que ela fazia. Isso porque tudo o que ela fazia, era com amor, com carinho, pois, como dizia, “quando você faz com amor e com carinho, faz melhor”. Com a pressão alta, Fernando disse a Nalva: “Minha pressão está alta, está 17/11”. Nalva, preocupada com o cenário da pandemia, questionou nervosamente: “Sua pressão está alta? 17/11?” E enfatizou a importância de consultar um médico. Foi nesse momento que uma frase da enfermeira fez Nalva ficar desestabilizada: “Estou ouvindo um chiadozinho no seu pulmão, mas é bem leve.” Nesse ponto da nossa conversa, percebi as lágrimas de Nalva, lembrando desse momento, o momento em que o vírus se tornou uma realidade assustadora para sua família.

Ambos foram para casa, e Nalva se isolou de tudo, ficou mal, mas ela não teve falta de ar. No entanto, a todo momento pensava que ia morrer e se despediu das suas filhas. Ela relata que Fernando foi ao mercado, e quando ele chegou lá, não sentiu o cheiro do Pinho Sol, o que a apavorou. Aí ele voltou para casa, e já voltou com febre muito alta. Sua filha o levou para o hospital. Quando chegaram ao hospital público, deram a ele o “kit Covid com todos aqueles remédios para tomar”, mas ele não chegou a tomar porque passou muito mal à noite e durante o dia. Sua filha e Nalva voltaram com ele para o hospital quando ele estava escarrando sangue. Então, o médico disse para ele voltar para casa, sem fazer tomografia, e pediu que ele parasse de “ver notícias”, como se Fernando e Nalva estivessem daquele jeito devido ao

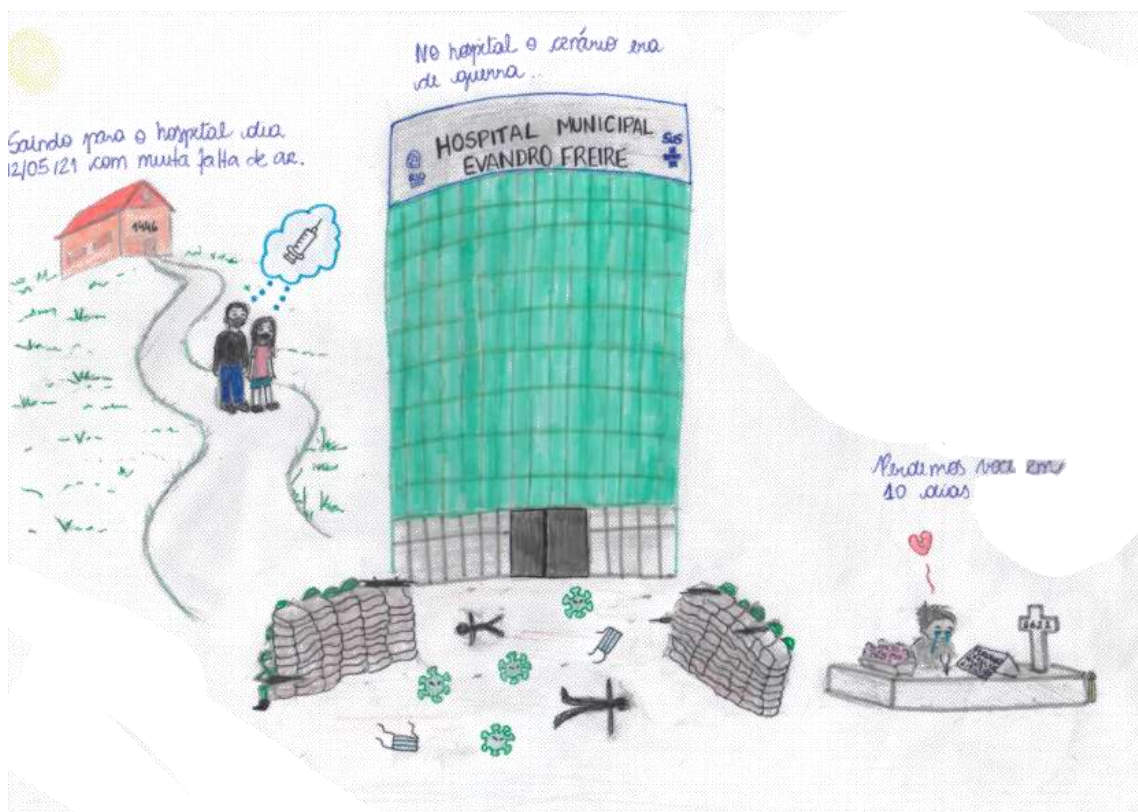
acompanhamento das notícias sobre a Covid. Isso foi uma violência. A filha de Fernando voltou com ele para casa, e naquela noite, Nalva acordou com ele ardendo em febre, o rosto dele estava “desse tamanho” (nesse momento Nalva usou as mãos para mostrar o tamanho) e a boca dele mudou, ela não o reconhecia.

Nalva acordou Fernando para que ele tomasse um banho, mas ele não conseguia mais se levantar devido à falta de ar intensa. Ao amanhecer, a situação piorou, com a falta de ar se tornando insuportável. Na casa deles, Fernando usava uma máscara que entrava em seu nariz e boca, mas ele tinha dificuldade em respirar. Enquanto Nalva estava deitada, Fernando se levantou para ir ao hospital e disse a ela: “Nalva, deixa-me dizer uma coisa. Você é uma mulher forte e cuida de tudo”. Nalva respondeu: “Para com isso, Fernando! Eu vou te buscar”. Neste momento, Fernando usou o sofrimento do deixar, sentindo a dor de deixar Nalva e encorajando-a a desempenhar suas funções e mostrando a mulher que ela é.

Foi Amanda (filha de Nalva e Fernando) quem o levou para o hospital, e essa experiência a afetou profundamente, a ponto de ela continuar fazendo terapia até hoje (período da entrevista 2023), devido ao trauma de ter levado o pai ao hospital. No Hospital Evandro Freire, as condições eram terríveis, com pessoas morrendo nos corredores. Muitas pessoas que Nalva conhecia perderam a vida devido à falta de ar, tornando o corredor do Evandro Freire um cenário de guerra.

Quando chegaram ao hospital, Nalva relatou que teve um bom atendimento. Fernando passou por uma tomografia, e quando Amanda foi chamada, receberam a notícia de que o estado de saúde dele era crítico. O pulmão estava consideravelmente comprometido, com cerca de 75% de comprometimento, e a “falta de ar era muito grande”. A condição de Fernando continuou a se deteriorar e, “em apenas 10 dias, ele nos deixou...”. Segue um desenho elaborado por Nalva sobre o acontecimento⁹⁴.

⁹⁴ Os desenhos realizados por Nalva foram produzidos com a colaboração de **Brenda Aparecida de Maria Carneiro** e das filhas de Nalva, Amanda e Camilla. Brenda é filha de Cezar, descrito pela interlocutora como “meu grande anjo, amigo e irmão”, e reside com sua mãe, Neide, figura também mencionada de forma marcante, ainda que de difícil definição em palavras. Trata-se, portanto, de uma produção coletiva, atravessada por vínculos familiares.

Figura 23 – Cenário de Guerra para Nalva

Fonte: Desenho elaborado pela enlutada Nalva (2023)

Nalva mostra esse cenário que vivenciou na Covid-19, do seu amor sendo levado ao hospital devido à doença e, infelizmente, vindo a falecer, cenário que é marcado por uma série de desafios e emoções. O tempo, a distância, as mortes e a solidão. A jornada de Nalva começa com os sintomas da doença, da perda do paladar e a busca de atendimento médico. Fernando antes de morrer passou o legado do cuidar da casa para Nalva. O desenho descreve com detalhes a angustiante experiência vivenciada por Nalva e sua filha Amanda diante da grave situação de saúde de Fernando durante a pandemia de Covid-19.

As condições do hospital público Evandro Freire, com pessoas falecendo nos corredores, criaram um cenário que remete a uma verdadeira guerra contra o vírus, que ocasionou a morte de Fernando. Essa realidade impactou a vida de Amanda, como a de Nalva, que mostra no final do desenho a solidão da viúva na pandemia.

Já os processos de terminalidade da mãe de Luanda Catarina passaram pela burocracia do Estado, afetando não apenas a gestão dos recursos, como a medicalização, o oxigênio, os materiais e o acesso aos serviços de saúde, mas também a necessidade de correr de um local para outro, ao mesmo tempo em que ela própria auxiliava a linha de frente no processo de cuidado.

Luanda Catarina, filha de Maria, 43 anos, moradora de Cuiabá/ Mato Grosso, destaca a falta de oxigênio e os hospitais cheios:

A minha mãe mesmo, eu avisei a enfermeira que estava acabando o oxigênio, ela demorou, aí quando acabou que ela foi pegar um, que ela trocou, trocou por um vazio, acredita? porque não tinha um cheio. Aí foi aquela correria, até achar um cheio... aí na hora que trocou, abriu demais a válvula, aí minha avó [mãe] ficou daquele jeito, sufocada, porque veio muito ar. E até que o médico falou pra mim pra eu fazer alguma coisa, porque ela precisava de uma UTI e lá não tinha UTI, aí entrei com uma liminar na defensoria daqui e chamei TV também, dei entrevista, tenho até as filmagens da entrevista. (Luanda Catarina, entrevista realizada em 26/04/2023).

É fundamental compreender os processos de terminalidade no contexto da Covid-19 a partir de uma perspectiva ampla, regional e ética, levando em consideração, também, as dimensões burocráticas envolvidas. Luanda Catarina teve momentos em que conseguiu acessar o hospital em função da condição de sua mãe; ela insistia constantemente e permanecia sempre à espera de notícias na unidade de saúde. Em seu relato, chama a atenção para formas de negligência no atendimento prestado à sua mãe, revelando uma sucessão de falhas graves que colocaram a vida da paciente em risco, desde a demora na substituição do oxigênio até o uso de um cilindro vazio e a manipulação inadequada da válvula, resultando em intenso sofrimento físico, em meio a um cenário de calamidade pública.

A ausência de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) na unidade hospitalar evidência em seu relato a insuficiência da infraestrutura para atender casos críticos, em um cenário que não tinha um protocolo padrão. A reação de Luanda Catarina, que recorre à Defensoria Pública e à mídia, evidencia tanto a gravidade da situação quanto a necessidade de mobilização coletiva por direitos básicos, revelando um contexto no qual a luta por assistência adequada depende de pressão jurídica e a luta dos próprios pacientes.

Registro feito por Luanda Catarina no momento da transferência:

Figura 24 – Maria Moraes na UTI móvel



Fonte: Acervo da enlutada Luanda Catarina (2023)

O hospital, em um certo momento, jogou para ela a complexidade dos trâmites e procedimentos burocráticos na ausência de recursos, como também, de instalações físicas. Além disso, a burocracia do Estado, em meio a uma emergência sanitária, introduziu elementos de “desumanização no processo”, como destaca Luanda Catarina, pois mesmo com tanto dor teve que lutar para sua mãe conseguir ter um acesso à assistência médica necessária.

A imposição de trâmites burocráticos, como autorizações de transferência para um hospital de campanha, documentações dos pacientes como exames e protocolos de segurança, começaram a prolongar o tempo de espera por internação, em um momento em que a espera poderia agravar o estado de saúde da paciente, como também, a angústia das enlutadas.

3.3.1 “A dor de não ter estado lá”: a ausência da visita

As restrições sanitárias durante a pandemia da Covid-19 impuseram o distanciamento social como uma norma inegociável nos protocolos dos hospitais, impossibilitando que muitas famílias/amigos acompanhassem presencialmente seus entes queridos internados. A impossibilidade de realizar visitas nos hospitais, especialmente nos momentos que antecederam a morte, configurou uma frustração nas relações afetivas que sustentam os rituais de cuidado e despedida no contexto do adoecimento e terminalidade.

As decisões clínicas, médicas e sanitárias durante o contexto pandêmico também geraram tensões sociais entre o desejo de estar presente e a necessidade de proteger a si e aos outros do contágio. Em muitos casos ditos pelas enlutadas, o sentimento de culpa apareceu entrelaçado à crença de que se poderia ter feito algo diferente, mesmo que, racionalmente, a situação estivesse fora do controle individual. Nesse momento, não quero fazer uma crítica aos protocolos, porém relatar a experiência das enlutadas sobre esses protocolos restritivos.

É importante enfatizar que o acesso hospitalar não foi igualmente restrito a todas as enlutadas. Em razão de privilégios desigualmente distribuídos, algumas conseguiram adentrar o ambiente hospitalar durante o tratamento ou no reconhecimento do corpo, enquanto outras foram completamente impedidas de realizar qualquer prática de contato. Para além das barreiras físicas, o que se instaurou foi uma sensação de impotência, culpa e luto antecipado.

A enlutada Auxiliadora, de 75 anos e mãe de Cecília destaca que a fé se tornou chão e refúgio. Entre orações e lágrimas, resistia a entregar sua filha a morte sem ter o contato com ela. No espaço entre a súplica das suas orações e o silêncio institucional, ela construiu uma vigília no hospital. Em toda a entrevista ela destacava a sua idade e como ficava cansada:

dizia muito “MEU DEUS, TENHA MISERICÓRDIA DA MINHA FILHA!” Nós oramos muito juntas, eu clamei tanto naquele hospital, Weverson. Eu passava o dia todo no hospital Santa Isabel, ali embaixo, na frente do hospital, em cima da UTI, eu no chão do lado de fora orando, cantando e pedindo ajuda a Deus pra minha filha. Quando eles permitiram eu entrava, via, orava com ela, saía, mas eu tive uma grande dificuldade, porque eu temia muito entregar a minha filha nas mãos de Deus. Eu lutei muito pedindo a ele para curá-la. (Auxiliadora, entrevista realizada em 17/04/2023).

Auxiliadora destaca as “manifestações de amor e cuidado” que ela fazia em frente ao hospital.

criaram tanto problema dentro daquele hospital pra eu não ver a minha filha, que terminaram me proibindo de ver a minha filha nos finais de semana. Não me deixaram entrar no sábado, *eu adulei* pra me deixarem entrar, pra fazer uma oração pra minha filha não me deixar!

No domingo eu tava lá pedindo PELO AMOR DE DEUS que me deixassem entrar, pra ver minha filha e eles disseram assim “*vá pra casa, almoce e volte que a gente vai pensar no seu caso*”. Aí eu vim em casa, quando eu cheguei aqui, eu vi uma mensagem no celular “MÃE, TÁ ACONTECENDO ALGO TERRÍVEL, NÃO SEI O QUE É. AJOELHA E ORA”. Eu fui me ajoelhar, não consegui, me levantei correndo pra lá. Cheguei lá, ELA TINHA ACABADO DE MORRER! Não me deixaram vê-la, não me deixaram entrar... eu os achei muito *desumanos*, o pessoal do hospital Santa Isabel a parte de serviço social naquele momento foi terrível! E a parte de enfermagem, tem uma enfermeira lá terrível! Muito perseguidora, ela não gosta das pessoas, sabe? Ela fez tudo pra dificultar a vida da gente! Tudo! As médicas deixavam a gente entrar, ela denunciava as médicas! Ela era horrível. Eu espero que Deus tenha misericórdia dela. Mas a minha filha lutou com garra até o final! Ela lutou muito, ela orou muito, ela perseverou muito! E ela não queria desistir em nenhum momento, sabe? E eu, eu decidi que eu ia ficar com a minha filha até o fim. Eu disse pra minha filha. (Auxiliadora, entrevista realizada em 17/04/2023).

A experiência de Auxiliadora com a instituição hospital onde sua filha estava internada é marcada por sofrimento, frustração e sentimento de desumanização. Ao tentar acompanhar a filha Cecília, ela se deparou com diversas barreiras institucionais, especialmente na atuação do setor de serviço social e de parte da equipe de enfermagem, que, segundo seu relato, criaram obstáculos sistemáticos para sua entrada. É importante destacar que no momento do ocorrido na Paraíba não eram permitidas visitas presenciais.

A proibição de visitas nos fins de semana, mesmo após súplicas para realizar uma oração, gerou um sentimento de impotência, já que o desejo de sua mãe era ter estado lá. A ausência forçada nos últimos instantes de vida da filha Cecília – marcada pela última mensagem angustiante recebida por celular – intensificou ainda mais o trauma vivido por Auxiliadora, uma mãe de 75 anos. Nesse momento, levanta-se o questionamento: até que ponto as medidas de distanciamento contribuíram para relações de cuidado e proteção, ou, ao contrário, promoveram afastamento e dor?

Auxiliadora descreve que o momento da morte foi atravessado por uma sensação de abandono institucional, reforçada pela atuação de uma profissional que ela identifica como “perseguidora” e “desumana”. Ela destaca que sabia de formas de entrar escondido, porém decidiu respeitar as normas.

Porque eu tinha direito, eu tinha acesso a UTI, entendeu? Eu, ao invés de entrar e ir direto pra UTI, eu teria entrado, porque as portas não eram fechadas. Eu empurrava e entrava até onde ela tava, né? Mas pra não causar problema no hospital, pra não dizer que eu fui invasiva, né? Que eu invadi a UTI, eu fui direto pra o serviço social, aí quando eu cheguei lá eu disse “me leva lá, por favor! Eu quero ver minha filha, minha filha não tá bem. Ela tá muito doente, me leva lá!”, ela disse “calma! Não tá acontecendo nada!”, eu disse “tá acontecendo sim!”. Eu não podia dizer o que tava acontecendo, porque eu ia denunciar as enfermeiras, né? Aí eu disse “tá acontecendo sim! A minha filha não tá bem! Me leva lá, por favor! Eu quero ver a minha filha”, “eu não posso te levar! Tenha calma!”. Eu estava com a minha irmã, eu adulei, eu implorei até pra ela ir lá dentro foi preciso eu forçar a barra dela, eu disse “você não vai, eu vou indo”, eu fui me levantar e ela “não, não! Eu vou”. Aí foi e não voltou! Quando ela voltou, ela já voltou pra dizer que a Cecília tava morta, entendeu? Aí eu disse pra ela “EU ESPERO QUE VOCÊ NUNCA PASSE O QUE EU TÔ PASSANDO, PORQUE VOCÊ ME NEGOU O DIREITO DE VER A MINHA FILHA VIVA PELA ÚLTIMA VEZ. VOCÊ ME NEGOU O DIREITO! E ISSO NÃO SE FAZ COM UMA MÃE... VOCÊ TEM FILHOS E EU ESPERO QUE DEUS LHE POUPE DESSA, PORQUE NA VERDADE O QUE EU DESEJO MESMO É QUE VOCÊ PASSE POR ISSO PRA VOCÊ SENTIR NA PELE A DOR QUE EU ESTOU SENTINDO, MAS EU ESPERO QUE NÃO ACONTEÇA”, aí ela fez “ai! Isso não!”, eu disse “isso sim [GRITEI]! Porque vocês podiam ter facilitado a minha vida, não custava nada me deixar entrar”, mas eu só recebi a minha filha dentro de um saco preto! Eu que fui identificá-la. Eu velei por ela a noite toda, o dia todo... (Auxiliadora, entrevista realizada em 17/04/2023).

O relato de Auxiliadora destaca uma dimensão de sofrimento atravessada por disputas institucionais e simbólicas no ambiente hospitalar. Ela opta por seguir o caminho protocolar, dirigindo-se ao setor de serviço social na tentativa de não ser interpretada como “invasiva”, evidenciando a consciência de que seu comportamento poderia ser lido como transgressão mesmo diante da gravidade da situação vivida.

A reação de Auxiliadora ao ser impedida de ver a filha viva pela última vez pela assistente social mobiliza um campo simbólico carregado de revolta, julgamento moral e mobilização do sagrado. Seu grito: “isso sim!” carrega não apenas a revolta diante do cenário social da negativa institucional, mas também um desejo paradoxal de justiça e reconhecimento da dor vivida.

Esse momento pode ser relacionado com obra de Evans-Pritchard (2005) que observa entre os Azande nas situações-limite, como a morte, o sofrimento e o incontrollável, as pessoas recorrem a formas oraculares, à magia e à bruxaria não apenas para explicar os eventos, mas

também para localizar responsabilidades, mesmo que simbolicamente, “movido por suas próprias razões ou pela necessidade de reagir à morte” (Evans-Pritchard, 2005; p.41)⁹⁵.

No caso de Auxiliadora, o hospital e, particularmente, a profissional que nega o acesso tornam-se o alvo dessa acusação emocional. Sua fala assume situações-limite “pra você sentir na pele a dor que eu estou sentindo”. Essa afirmação não é apenas expressão de sofrimento de Auxiliadora, mas uma forma de reestabelecer um equilíbrio simbólico diante daquilo que lhe foi negado “O DIREITO DE VER, DE TOCAR, DE DESPEDIR-SE”. O ambiente hospitalar, atravessado por lógicas de retribuição, passou por um embate entre mundos que raramente dialogam entre si, o da razão técnica e o das afetações espirituais, já que a todo momento auxiliadora estava usando a sua religiosidade.

A negativa sistemática do acesso ao quarto que estava Cecília, mesmo diante de súplicas desesperadas, produz um sentimento de negligência e frieza por parte da equipe hospitalar. A mediação institucional, ao invés de acolher, transforma-se em um aparato que opera o “afastamento definitivo entre mãe e filha”. A descrição de Auxiliadora, marcada pela revelação da morte de Cecília e pela imagem do corpo embalado em um saco preto, simboliza não apenas a perda, mas também o apagamento da possibilidade de uma despedida digna, e o hospital sendo esse agente de distanciamento para sua experiência.

O sofrimento de Auxiliadora em nossa conversa me fez chorar em vários momentos, pois nesse contexto, não decorre apenas da morte da filha, mas da violência do não-ver, do não-tocar, do não-estar, experiências que ampliam o trauma e explicitam o papel do hospital como lugar não apenas de cura. Ela evidenciou não apenas o distanciamento da ausência no processo de despedida, mas também como as relações estabelecidas com os espaços hospitalares e seus agentes podem se tornar arenas de conflito.

A experiência de não não-ver, do não-tocar, do não-estar – de não ter segurado a mão, de não ter dito adeus, de não ter presenciado os últimos suspiros – foi vivida por muitas mulheres como uma dor do trauma. Tal ausência não se limitou ao campo físico, mas reverberou nos vínculos simbólicos do ritual, afetando diretamente a forma como o sofrimento foi elaborado e como as despedidas puderam ou não ser ressignificadas no cenário da pandemia.

⁹⁵ Outra obra da qual podemos destacar um recorte sobre a morte é *Os Nuer*, Evans-Pritchard (2008) demonstra que a vida social *nuer* é organizada a partir de princípios de parentesco, territorialidade e religião, nos quais os eventos de infortúnio, como a doença e a morte, são compreendidos dentro de uma ordem moral e cosmológica que atribui sentido social às experiências (Evans-Pritchard, 2008).

3.4 O USO DA TECNOLOGIA NO PROCESSO DE TERMINALIDADE: AS CHAMADAS COMO TROCA DE AFETO

Taíze Santana, moradora de João Pessoa, 30 anos, perdeu seu pai Efigênio e sua avó Eunice, bem no começo da pandemia, no qual o acesso a realização de exames era limitado, em um contexto pessoal marcado pela experiência de uma doença e as dores em duplicidade. Neste momento destaco o turbilhão de emoções envolvendo o processo de adoecimento, porém relacionado com a ajuda da tecnologia. O pai de Taíze, que tinha histórico de doença cardíaca, tabagismo de longa data e obesidade, começou a apresentar sintomas de cansaço exacerbado, febre e dores no corpo. Preocupado com seu estado de saúde, a família decidiu levá-lo ao posto de saúde local na cidade de João Pessoa, onde constataram pressão alta e febre. Posteriormente, ele foi encaminhado para a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) em Cruz das Armas, onde foi admitido como suspeito de ter contraído a Covid-19 após realizar o teste, embora o resultado não saísse na hora.

A avó, que permanecia na residência de um parente, também apresentava sintomas preocupantes, como respiração ofegante. Diante disso, ela precisou ser levada ao hospital, mas após receber tratamento, foi mandada de volta para casa. Nos dois dias seguintes, sua condição não melhorou. Em determinada noite, percebeu-se que ela estava com dificuldades respiratórias e não respondia ao que lhe era dito. A família, então, a conduziu ao hospital com urgência, já a altas horas da noite. Devido à falta de equipe hospitalar disponível, a família teve que retirar sua avó do carro e, nesse momento, notou que os olhos dela estavam vermelhos, um dos sintomas conhecidos como “*senal de derrame ocular*”, reforçando assim a suspeita de que ela também estava com Covid-19. Ela foi internada no Hospital São Vicente de Paula, onde permaneceu isolada por cerca de 4 a 5 dias. Taíze fala que o contato com a avó não foi tão intenso como foi o do seu pai, que sabia utilizar de uma forma mais dinâmica o aparelho celular.

Enquanto a avó estava hospitalizada, o pai foi internado na UPA de Cruz das Armas, mas após um dia, ele foi transferido para o Hospital Clementino Fragas, onde permaneceu por aproximadamente 8 a 10 dias. Essa situação tornou-se extremamente difícil para a família, Taíze começou a ter picos de ansiedade, seu irmão assumiu a frente dos cuidados e todos vivenciaram a angústia constante de esperar por notícias sobre a recuperação - “quem vai e quem fica” é uma situação que exemplifica como foi ser parte de uma rede de apoio sem a capacidade de estar fisicamente presente. Mesmo sabendo da gravidade, eles estavam esperando a recuperação, o sentimento de morte não aparecia em “*minha cabeça*” a possibilidade de que seus familiares poderiam morrer. Durante esse período, Taíze se recuperou.

No dia 27 de maio, sua avó piorou e precisou ser entubada por volta das 13:00 horas. Infelizmente, no dia seguinte, 28 de maio, ela faleceu às 05:00 horas da manhã. Nem seu pai, nem a avó tinham conhecimento de que um estava internado enquanto o outro estava piorando. O pai de Taíze conseguia se comunicar com a família até o dia 26 de maio, mesmo estando no respirador, através do celular. Taíze fala que se não tivesse deixado o celular na entrada do UPA com seu pai, a comunicação teria piorado, pois o celular se tornou a maior comunicação direta com os familiares.

No entanto, após esse dia, seu celular descarregou, e ele ficou sem contato direto. Nesse momento, Taíze disse que sentiu um sentimento de “sumiço”, como se seu pai “desaparecesse”. O contato através do celular a fazia sentir que ele ainda estava presente para ela. Nesse cenário, além da morte social, surgiu a ideia de uma morte tecnológica. A sensação de “morte” causada pelo descarregamento do celular é uma reflexão sobre como a tecnologia se tornou um elo vital para manter conexões entre as pessoas na nossa sociedade, e como isso se revelou importante durante a pandemia. Para Taíze, o celular não apenas funciona como uma ferramenta de comunicação, mas também como um meio para compartilhar afetos. Quando o celular ficou sem bateria, a sensação de “morte” surge porque a pessoa perde esse canal de afetos. Nesse contexto, o descarregamento do celular simboliza a quebra do vínculo real, e a morte que antes não pairava em “sua cabeça” começou a pairar.

Informações sobre seu estado de saúde eram transmitidas por outras pessoas. Em 29 de maio, seu Efigênio teve uma piora significativa e precisou ser entubado às 20:30. Infelizmente, ele faleceu às 23:55 da noite, mais precisamente no dia 30 de maio. Taíze menciona essas datas e horários apenas como uma forma de resgatar a memória, mas reconhece que não pode determinar com exatidão o momento em que seu pai realmente partiu, pois antes desse horário ela já estava com o sentimento ruim. Ela fala sem a certeza, pois sente que a precisão dessas informações não consegue capturar sua perda. Esses eventos foram extremamente dolorosos para Taíze. Seu Efigênio (pai de Taíze) não soube que sua mãe morreu. Neste cenário, pode-se perceber que além da morte social, existiu a morte tecnológica, que antecipou a morte física.

Taíze desenhou a cena da sua chegada no hospital e deixando o celular com seu pai, pois o celular se tornou uma *ferramenta essencial* para manter *os laços de comunicação* e *fornecer conforto* no período da pandemia, em 2020, quando não tinha livre acesso no ambiente hospitalar:

Figura 25 – Despedida de Taíze com o Pai Efigênio



Fonte: Desenho elaborado pela enlutada Taíze (2023)

Taíze Santana, destaca que o celular proporciona um meio de contato imediato quando precisava de informações, permitindo que se comunicasse sem precisar falar com o pessoal do hospital. No relato do duplo sentimento de dor que ela passou, tornou-se evidente quando o pai, mesmo estando em estado grave e utilizando um respirador, ainda conseguia manter contato com sua família por meio do celular. Essa comunicação possibilitou que ele transmitisse informações sobre sua condição de saúde, expressasse seus sentimentos e angústias, o que a avó de Taíze não conseguiu fazer. O uso das tecnologias para Taíze forneceu, deste modo, “*um alívio emocional*”.

3.4.1 “Uma hora se tornou uma conversa sem resposta”: o papel dos áudios e vídeos trocados via WhatsApp

eu mandava mensagem pro meu pai, oh... cadê? Oh porque eu sei, dia 12 eu tenho salvo aqui oh, eu conversava com meu pai pelo WhatsApp e no dia que ele internou e foi sedado, eu mandava diariamente mensagens pra ele falando bom dia e boa noite. Eu tenho até aqui oh e eu sei porque a do dia 12 eu mandei pra ele “ei velhinho tu trata de vir pra casa que tem um neto chegando logo mais, eu te amo, luta daí que a gente luta daqui!” e todo dia eu mandava bom dia e boa noite e a última mensagem que eu mandei pra ele foi justamente no dia que ele foi embora. Eu só mandei bom dia, no dia que ele foi embora, né porque... e eu falei para as meninas “olha eu estou mandando mensagens no WhatsApp todo dia de bom dia e boa noite, pra quando ele voltar, ele ver! Pra quando ele voltar ele ler” (Bruna, entrevista realizada em 13/01/2023).

Início com o relato de Bruna sobre a comunicação por mensagens de texto com seu pai durante a internação por Covid-19. Ao enviar mensagens diárias de “bom dia”, “boa noite” e “falando tudo que estava acontecendo com sua família”, Bruna demonstra um cuidado e um

esforço “*para manter meu pai envolvido e informado que tudo estava dando certo, para ele não se preocupar*”. Mesmo na ausência física, Bruna utilizou o *Whatsapp* como um diário. Há uma comunicação nas intenções que não passa pela copresença no mesmo espaço.

As mensagens enviadas por Bruna também representavam um “encorajamento”. Ao mencionar a chegada de Otto, o neto de Adriano. Ela tenta transmitir motivação e uma razão para o pai lutar pela recuperação, como também, utilizar o aplicativo como uma forma de expressão das suas emoções.

Além disso, mesmo depois da partida de Adriano, ela decidiu manter o registro dessas mensagens, como suportes da memória, preservando-as como uma lembrança das palavras de afeto que compartilhou com seu pai, no momento da pandemia com total distanciamento social. Essa prática demonstra a importância que ela atribui à comunicação, mesmo sem resposta do pai em certos momentos e ao impacto emocional nas relações de interação.

Algumas mensagens que Bruna, psicóloga, filha de Adriano, 28 anos, mandava para o pai:

Figura 26 – Mensagem no *Whatsapp* de Bruna



Fonte: Acervo da enlutada Bruna (2023)

A última mensagem enviada pela filha, no dia em que o pai foi embora, reflete a continuidade de seu compromisso em se comunicar com ele. Mesmo que fosse apenas um simples “bom dia”, essa mensagem carrega consigo complicações emocionais pandêmicas a intenção de que ele possa ler e perceber “*o amor compartilhado*”, mesmo após sua partida.

O relato de Bruna acaba ilustrando a importância das mensagens como *resgate da memória*, como uma forma de *manter a conexão emocional*. No momento da nossa entrevista, ela a todo instante mostrava as conversas que teve com ele, a comunicação por meio de mensagens de texto como conexão de uma realidade real da pandemia não foi isolamento social, foi isolamento físico nesse contexto.

As enlutadas encontraram diversas formas de manter conexões, mesmo diante da distância física ou da passagem do tempo. Algumas optaram por eternizar lembranças através de tatuagens que vou descrever posteriormente, transformando símbolos ou palavras em marcas permanentes na pele, como uma forma de manter viva a memória do ente querido. Outras escolheram expressar seus sentimentos através de cartas que estão apresentadas no final da tese, um meio de comunicação que permite compartilhar emoções. Além disso, muitas enlutadas recorrem a objetos simbólicos, como fotografias, joias ou objetos pessoais, como uma maneira tangível de manter vínculos emocionais com seus entes queridos. A religiosidade também desempenha um papel importante, oferecendo conforto espiritual e um senso de conexão, que também é apresentado nas conversas do *WhatsApp*, mesmo em momentos de perda. Essas diferentes formas de conexão e resgate de memória das enlutadas demonstram experiência no processo de morrer, sendo isso uma forma de preservar laços sociais afetivos, mesmo quando as circunstâncias pareceram pleno distanciamento.

Outra situação foi a que Márcia, filha de Licinha, destaca sobre a comunicação via celular como uma ferramenta importante para saber de informações, não apenas pela sua mãe, internada no hospital, mas pelos profissionais de saúde que a atendiam:

Então, quando ela estava internada a gente tinha contato via celular né, Podia falar com ela pessoalmente pelo celular, ela falava com a gente né constantemente, ela podia ligar a todo momento. Só que muitas vezes, pela falta de ar que ela estava, a gente pedia pra ela não ficar ligando o tempo inteiro, não ficar conversando pra ela não se cansar, mas assim, quando ela estava na enfermaria, todo dia uma enfermeira ligava pra gente, 1 vez por dia passando o relatório né, e quando ela estava na UTI era um médico que ligava. Quando ela estava na UTI daí ela não falava mais né, e daí eu acho que ela foi dia 20 pra UTI, ela falando “Olha, estou indo pra UTP”, no 1º dia acredito que ela já foi entubada, no segundo dia ela já faleceu, foi dia 20 e dia 22/ 01 / 2021 ela já faleceu. (Márcia, entrevista realizada em 10/01/2023).

Márcia relata a forma como a comunicação ocorria com a sua mãe internada. Através do celular, havia a possibilidade de conversar virtualmente com ela, o que proporcionava “*uma*

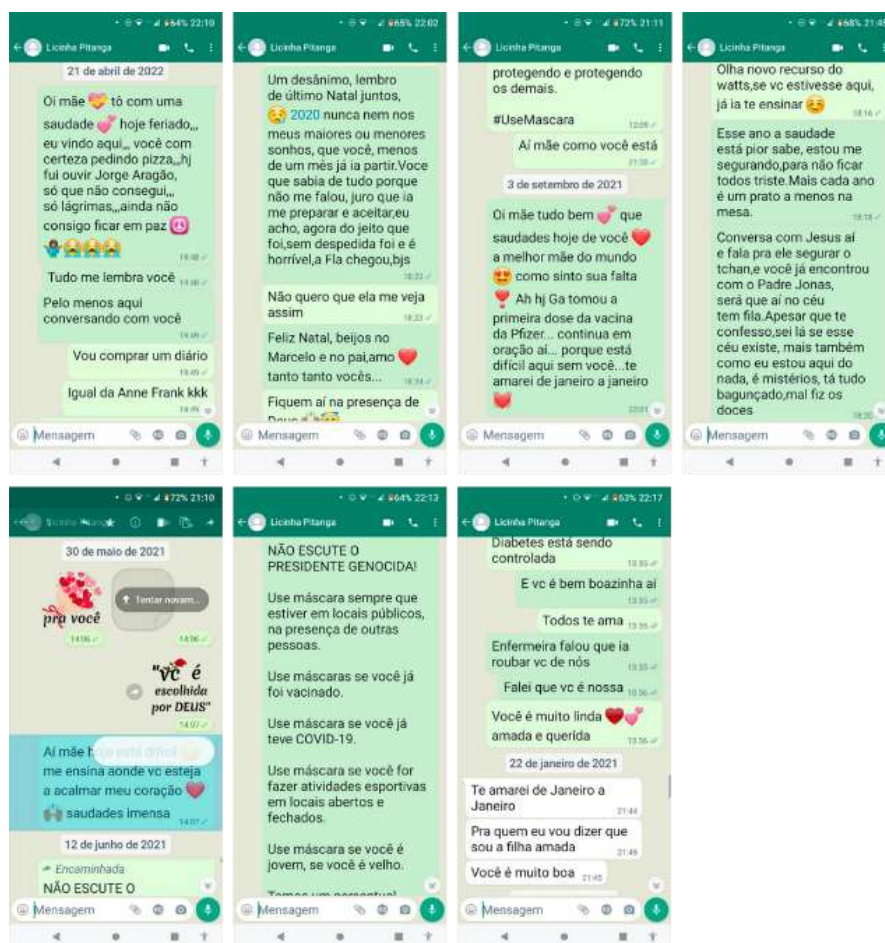
sensação de proximidade e contato direto”. No entanto, devido à falta de ar e à condição de saúde delicada de Lucinha, houve momentos em que foi necessário limitar as conversas para evitar que ela se cansasse demais, iniciando a dor da saudade e a preocupação com a saúde. Esse cenário de Márcia, em que a comunicação é entrecortada pela necessidade de preservar a saúde de sua mãe, ilustra a complexidade das experiências vividas por aqueles que enfrentam doenças ocasionadas pela Covid-19 e seus familiares, na qual a angústia da separação física se entrelaça com o cuidado e a proteção do outro, iniciando a dor da saudade através do distanciamento.

Durante o período em que Márcia estava na enfermaria, havia um contato frequente entre a equipe médica e a família no uso das tecnologias. Isso era realizado por meio de ligações diárias, nas quais a enfermeira fornecia relatórios sobre o estado de saúde de Lucinha. Já na UTI, o contato era realizado por um médico. No entanto, uma vez que a paciente estava na UTI, ela não tinha mais condições de falar diretamente com a família. Márcia relata que nesse momento iniciou um sentimento de solidão, uma morte aos poucos - primeiro os silêncios no celular, depois a ausência mesmo.

A partir da lembrança de Márcia, Lucinha foi transferida para a UTI no dia 20 e, provavelmente, foi entubada no primeiro dia nesse setor. Infelizmente, no segundo dia na UTI, ela faleceu. A rapidez com que a situação se deteriorou mostrou gravidade da doença e das complicações, questionando sobre o despreparo dos profissionais no momento da intubação⁹⁶.

Algumas mensagens que Márcia manda para a Mãe via Whatsapp aparecem na imagem abaixo. Elas indicam como o celular atua como suporte da memória ou, melhor, como continuidade da relação entre os mortos e os vivos:

⁹⁶ A questão do despreparo de parte dos profissionais no momento da intubação será retomada e analisada de forma mais detida em seção posterior deste trabalho.

Figura 27 – Mensagem no *Whatsapp* de Márcia

Fonte: Acervo da enlutada Márcia (2023)

Márcia também usou a comunicação via *WhatsApp* para falar com sua mãe, ao contrário de Bruna, que enviava mensagens quando o pai estava internado. Até o momento da pesquisa, Márcia continua enviando mensagens para sua mãe falecida. Mesmo sabendo que sua mãe não pode mais responder, Márcia sente que essa é uma forma de “*manter viva a conexão entre elas*”. Ela compartilha detalhes de sua vida cotidiana, contando como está se sentindo e informando sobre eventos importantes que aconteceram desde a partida de sua mãe. Por exemplo, ela mencionou a derrota de Bolsonaro nas últimas eleições para Lula, algo que sua mãe certamente teria interesse em discutir, pela negligência de Bolsonaro na pandemia.

Márcia também faz questão de informar que tomou todas as doses da vacina contra a Covid-19, um ato que ela considera uma homenagem à memória de sua mãe, pois ela queria que sua mãe tivesse tomado a vacina. Além disso, Márcia expressa sua saudade em cada mensagem com emoji chorando (😭😭😭), tentando transmitir o vazio que sente sem a presença física.

Para aliviar um pouco da dor, ela frequentemente inclui trechos de músicas que a fazem lembrar de sua mãe, como “Te amarei de janeiro a janeiro”, de Roberta Campos. Cada letra escolhida carrega um significado especial de conexão com sua mãe, representando o amor eterno que sente e a esperança de que, de alguma forma, sua mãe esteja recebendo essas mensagens. Nesse momento, o *WhatsApp* não se torna apenas uma tecnologia de memória, mas uma tecnologia de vínculo entre redes, para Márcia. Apagar essa conversa seria como apagar um vínculo, uma conexão vital que mantém Márcia ligada à sua mãe de uma maneira que só Márcia consegue interagir. Cada mensagem enviada por ela é um fio que tece a narrativa contínua de amor, saudade e lembranças compartilhadas, que nesse momento da pesquisa ficou sendo preenchida só por Márcia.

Essas mensagens são um reflexo do vínculo de Márcia, e uma tentativa de encontrar consolo em meio à dor da perda que se iniciou no momento da internação, no qual foi o único recurso possível. Por meio dessas palavras via *WhatsApp*, Márcia mantém viva a memória de sua mãe e busca força para continuar enfrentando os desafios da vida sem ela.

Percebo que, para Márcia, essas mensagens não se reduzem a simples palavras digitadas em uma tela; elas constituem um testemunho de sua perseverança em manter viva a presença de sua mãe em sua vida cotidiana, operando como um dispositivo de continuidade do vínculo para além da morte. O *WhatsApp*, assim, transforma-se em um espaço sagrado, um diário digital onde Márcia pode expressar seus sentimentos e refletir sobre suas experiências. É claro que ela não vai receber a notificação de retorno de sua mãe, mas esse ritual diário ou semanal de comunicação unilateral ajuda-a a processar sua dor, mesmo sem respostas. Ela sabe que, apesar de não haver uma notificação de retorno, cada mensagem carrega consigo a intenção de que ela gostaria de compartilhar com sua mãe.

As mensagens descrevem uma cena de emoções e simbolismo, sugerindo as complexas interações emocionais de afeto em palavras entre Márcia e sua mãe. A menção aos diversos tipos de coração, as flores, os sorrisos e as lágrimas nas duas escalas evocam uma experiência compartilhadas em tela. A “mensagem sem resposta” e as “memórias internalizadas em telas” enfatizam a natureza da comunicação contemporânea de vivenciar o processo de distanciamento. O contraste entre a falta de resposta nas mensagens e o acúmulo de memórias “internalizadas em telas” ressalta como as conexões precisam de ações de afeto para se manter vivas.

3.4.2 A ausência de humanização na troca de informação: estratégias de despedidas

Neste momento, descrevo as estratégias vivenciadas pelas enlutadas no momento da pandemia. Primeiro, quero trazer a experiência de Débora, 37 anos, esposa de Anderson. Essa

enlutada relata com lágrimas e diversas pausas devido as emoções, as experiências vividas pelo seu marido durante sua hospitalização devido à infecção por Covid-19, incluindo o momento em que solicitou atendimento médico e a subsequente transferência para outra região devido à indisponibilidade de leitos. Foi difícil ouvir a sequência de eventos desde a busca inicial por cuidados médicos até a despedida antes da partida para outra localidade.

Inicialmente, Débora menciona que seu marido apresentava sinais de agravamento de sua condição de saúde, indicada pela baixa saturação de oxigênio e pela manifestação de desconforto respiratório. Antes disso, Anderson, seu marido, havia realizado exames pulmonares devido a dores nas costas. O médico solicitou esses exames para avaliar a condição dos pulmões do paciente, e Débora foi encarregada de receber os resultados no hospital. Ao retornar para casa, Débora descobriu que 25% dos pulmões de seu marido estavam comprometidos. Decidiu, então, acompanhá-lo até o hospital, onde ficaram em estado de angústia e medo devido às pessoas buscando assistência e à falta de espaço no serviço público. Após a avaliação médica, foi determinada a necessidade de internação. Anderson ficou e Débora retornou para casa. Esse foi o primeiro distanciamento do casal no momento da pandemia.

Durante o período em que seu marido permaneceu internado, Débora relata a troca constante de mensagens e comunicações por meio de chamadas de vídeo, áudios e mensagens de texto pelo telefone. Essas interações eram uma fonte de “*apoio mútuo*”, compartilhamento de informações sobre seu estado de saúde e expressões de sentimentos. O contato com ele se tornava real, essa era a realidade que ambos estavam vivenciando naquele momento.

Débora sentia que tudo ia mudar e seu marido ia se recuperar, especialmente porque ele necessitava de uma quantidade “*mínima de oxigênio*” e “*demonstrava um quadro estável durante no hospital*”. No entanto, o estado de saúde dele se deteriorou rapidamente, exigindo a utilização de um “*capacete de oxigênio*”. Sem acesso ao celular, ela passou várias horas sem contato direto com ele, o que gerou um sentimento de desespero e preocupação.

Em razão da escassez de leitos no estado em que se encontravam, a equipe médica entrou em contato com a ela para discutir a possibilidade de transferir seu marido para Santa Catarina, onde havia disponibilidade de tratamento. Embora ele não necessitasse, naquele momento, de uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI), a transferência era vista como uma medida preventiva para garantir que, caso ele viesse a necessitar de cuidados intensivos, houvesse recursos disponíveis. Nesse momento, foi destacado a falta de recursos que certos territórios tinham durante a pandemia, principalmente pelo despreparo.

Anderson precisou ser transferido e, movida pelo desejo de se despedir pessoalmente do seu marido, Débora enfrentou condições adversas que estava vivendo e sentindo, como febre e chuva, para chegar ao local de partida da ambulância. No entanto, deparou-se com um

portão fechado. Débora relata que: *“eu saí de casa e tinha um portão pra poder passar pra poder ter acesso a ambulância e eu vi a ambulância, porém, o portão estava fechado. Eu pulei o portão e consegui chegar na ambulância.”*

Ao chegar à ambulância, encontrou seu marido deitado e uma enfermeira realizando procedimentos médicos, *“ligando os aparelhos”*. Apesar das circunstâncias, *“implorei aos médicos para permitir que conversasse com ele, explicando que já estava infectada pelo vírus, e que não tinha mais riscos.”* Débora, 37 anos, esposa de Anderson destaca que falou:

Eu lembro que conversei com ele, mas não entendia muita coisa pelo fato dele tá com aquela máscara, que eu falava pra ele ter força e ser corajoso, que ele já tinha passado por momentos muito difíceis e que ele tinha conseguido sair daqueles momentos, então era só mais um, eu falei isso pra ele, falei para meu amor o quanto amava, meu quebra cabeça. E lembro só dele me dizendo que me amava e que eu me cuidasse. Daí eles [os profissionais da saúde] pediram para eu sair e eu não consegui mais falar nada e nem entendi do que ele queria me dizer. (Débora, entrevista realizada em 26/03/2023).

Foi-lhe concedida a oportunidade de entrar na ambulância e trocar algumas palavras com seu marido, embora a compreensão mútua tenha sido limitada pela presença da máscara, as emoções e todos os obstáculos que Débora precisou enfrentar até chegar lá. Após essa breve interação de minutos, os médicos partiram, levando Anderson. Débora, teve que se despedir duas vezes do *“seu amor, sua metade”*, os efeitos de uma pandemia limitam as interações e as enlutadas buscaram estratégias para pequenos gestos de humanização, ou pode-se dizer: *“de amor”*.

Todo esse relato foi demonstrado com o desenho a seguir elaborado pela Débora, uma família com outra configuração familiar, deixando seu cachorro Lucky dentro do desenho:

Figura 28 – Débora e a experiência da pandemia

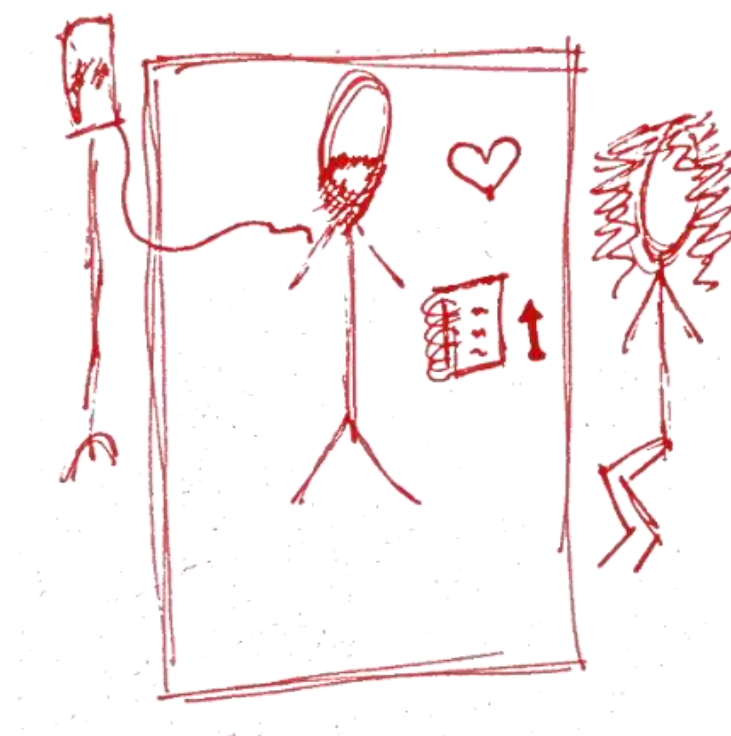


Fonte: Acervo das enlutadas Débora (2023)

Essa narrativa em forma de desenho ilustra a complexidade emocional e os desafios enfrentados durante a internação e transferência de Anderson com Covid-19. Revela também a importância da comunicação, bem como os obstáculos impostos pela condição de saúde. A história destaca o desejo de proximidade e a busca por interações com o corpo presente, mesmo diante das restrições impostas pela pandemia. Débora no desenho coloca uma música que viu ele cantando no celular “Qualquer dia, qualquer hora, A gente se encontra, Seja aonde for, prá falar de amor”. Quando ele foi transferido não permitiram chamada de vídeo e nem áudios, sua última imagem foi ele tentando falar com a máscara no rosto.

Outra estratégia possível foi a de Cláudia e Ely, casal jovem de João Pessoa. Diferentemente do caso de Débora, Cláudia conseguiu ter momentos dentro do hospital com o seu marido Ely. Ela conseguiu se despedir do marido antes da intubação de uma forma mais “confortável”. Eles se comunicavam pela escrita.

Figura 29 – Ely e Cláudia antes da intubação



Fonte: Acervo da enlutada Cacau- Cláudia Silveira (2023)

Ao acompanhar de perto o seu marido Ely, Cláudia Silveira (Cacau) sentiu que isso aliviou um pouco a sensação de perda, como se, ao menos, tivesse havido uma despedida, algo que sabia que muitas outras pessoas não tiveram. Nos últimos dias, puderam conversar e, por mais surpreendente que parecesse, ele ainda “conseguia manter o bom humor no início”. Quando soube que iria para a UTI, Ely disse para Cacau: “*Fica aqui porque eu não volto.*” Aquilo doeu para minha interlocutora. Ele estava tão calmo, não demonstrava desespero. Quem estava desesperada era ela. Era como se estivesse exausto, tão cansado que já não suportasse mais. Repetiu que não voltaria. E então falou tantas coisas... Disse que “*nunca havia imaginado ser tão feliz quanto foi nos últimos anos, que não queria vê-la sofrer*”. Cacau falou isso enquanto estávamos conversando na praça, um lugar onde eles costumavam a caminhar. Ao balançar as folhas das árvores, nos vimos acompanhados de lágrimas.

Ely parecia querer acalmá-la, amenizar sua dor. Pediu que ela seguisse sua vida. Depois, quando já tinha dito tanto, afirmou que partia de coração tranquilo. Havia brigado com o irmão mais velho e não mencionou seu nome, mas ela sentiu que, de alguma forma, ele queria que a mensagem fosse transmitida: “ele estava indo sem mágoas. Havia se afastado da família desde o golpe e, em algum momento, até por conta de Bolsonaro, mas agora deixava claro que não guardava rancor de ninguém”.

Após essa despedida, ainda teve a lucidez de tratar de questões práticas. Avisou sobre o cartão bancário da tia, que não sabia usar caixa eletrônico, e revelou onde estava guardado, junto com a senha. Pediu que ela registrasse tudo em áudio e foto, pois sabia que, no meio de tanta dor, talvez não conseguisse se lembrar desses detalhes depois. Sua última gravação foi sobre isso... burocracias...

Durante os dias no hospital, ainda usava o celular de vez em quando. Pagou antecipadamente um ano de ração para o gato, que tinha problemas urinários. Preocupou-se com os trabalhos inacabados, pois já havia recebido pelos serviços. Caso não conseguisse concluí-los, o dinheiro precisaria ser devolvido ou os sócios teriam que dar continuidade.

Antes de perder completamente a fala, pediu que ela escrevesse o que ele queria dizer. Ditou um recado para o sócio, pedindo que tudo o que fosse de clientes, armazenado na ilha de edição dentro de casa, fosse passado para um dos seus sócios, pois ele saberia o que fazer.

Foi nesse momento que ela começou a perceber que não estava apenas perdendo alguém que amava, mas que muitas outras pessoas também sentiriam aquela ausência - e que esse luto não seria apenas seu. Teria que lidar com a dor de todos. E foi exatamente o que aconteceu. Durante mais de um ano, diversas pessoas entraram em sua casa para concluir os trabalhos pendentes. Mesmo sabendo que estavam ajudando, para que o dinheiro não precisasse ser devolvido, aquilo às vezes parecia uma invasão. Ver aquelas pessoas passando horas e horas ali, trabalhando, era doloroso. Foi assim que começou a compreender o que havia acontecido. O lugar que antes era dele sendo ocupado por outras pessoas.

A casa, tradicionalmente entendida como espaço de intimidade do casal, refúgio e controle, torna-se um “não lugar” quando atravessada pela presença constante de pessoas que não compartilham daquela intimidade. Mesmo que estejam ali por motivos de trabalho e dando continuidade às tarefas de Ely, estão como continuadores de um trabalho deixado por alguém que partiu. Sua presença produz estranhamento para Cacau e traz de volta o sentimento da morte. Essa situação aponta para uma tensão entre o cuidado coletivo dos amigos e sócios e a vivência privada da perda de Cacau, onde a casa, em vez de abrigar a memória com recolhimento, é atravessada por demandas do que ficou.

3.5 “O TEMPO ERA QUINZE DIAS”: CONTAGEM REGRESSIVA DA MORTE

“O tempo não passava”.

(Luiza, entrevista realizada em 13/01/2023).

“As pessoas não podem, ou não devem, morrer nem *antes* nem *depois*. A hora da morte deve ser a hora que é destinada à morte. Por esse motivo, no campo, *os ritos relativos à morte são ritos de tempo*. São ritos para evitar que a pessoa morra *antes* do tempo e são também ritos para evitar que a pessoa morra *depois* do tempo. Todos os cuidados que os vivos têm no tratamento do morto, que serão analisados mais adiante, parecem destinados a evitar a contaminação dos sobreviventes pela morte e, portanto, a evitar, culturalmente, que o destino próprio e natural do vivo passe a se determinar pelo morto, que já está fora da natureza, inserido na ordem do sobrenatural. Nesse arranjo, há uma relação conflitiva e de força entre a natureza e a cultura. (Martins, 1983, p.259).”⁹⁷

Neste momento pretendo abordar emoções e significados mobilizados pelas enlutadas em torno do tempo de hospitalização de seus familiares com Covid-19. Durante esse período, as enlutadas enfrentam o tempo como uma incerteza prolongada. Além da incerteza, a espera e a falta de controle sobre o próprio tempo foram experiências compartilhadas pelas mulheres enlutadas, compondo suas narrativas de sofrimento.

A espera, como afirma Emília Araújo (2012), é uma dimensão intrínseca à própria experiência temporal. A autora nos fala da existência de “processos e dinâmicas que possuem durações e temporalidades próprias” (p.9), cujo entrecruzamento traz como consequência a existência de distintos compassos de espera: “É, afinal, a própria teia de relações sociais e das suas densidades que condicionam a existência, as funções e as características da espera”. (Araújo, 2012, p.9).

A espera pode ter diferentes acepções, que vão da esperança à expectativa, às que é possível acrescentar outras emoções, como o desespero e a angústia. Ela revela, igualmente, a existência de relações de poder entre os que podem fazer esperar e os que são obrigados a esperar (Araújo, 2012; Franch, 2010; Auyero, 2016), no caso específico da espera das enlutadas durante a hospitalização de familiares, esse foi um tempo imbuído de uma intensidade emocional muito alta, que tornou cada dia uma experiência de ambivalência entre a esperança da melhora e a iminência da morte.

A contagem dos dias no hospital ganha, entre as enlutadas, contornos próprios, que não se resumem ao número exato de jornadas passadas, mas à forma como esse tempo é vivido. Para elas, quanto mais dias se passavam, seu familiar poderia estar mais próximo da morte, pois existia um senso comum “*que se passasse de quinze dias, não tinha um retorno de cura*”.

A marca dos 15 dias (“o tempo era quinze dias”, como mencionado por uma das interlocutoras) não era apenas uma informação objetiva sobre a duração da internação hospitalar. Esse era um prazo carregado de apreensões. Embora, por um lado, atravessar mais um dia sem vir a óbito

⁹⁷ Ver A morte e os mortos na sociedade brasileira, organizado por José de Souza Martins (1983), obra coletiva que reúne análises sociológicas e antropológicas sobre as múltiplas formas de vivenciar, representar e administrar a morte no contexto brasileiro.

pudesse alimentar uma certa esperança, chegar perto do marco dos 15 dias significava um passo a mais na contagem regressiva em direção ao ponto de não retorno. O avanço do tempo, nesse sentido, dentro da fronteira simbólica dos 15 dias, carregava essa ambivalência de sentidos – um dia mais e um dia ao menos ao mesmo tempo.

Embora a internação hospitalar tivesse sido a última opção, na busca de uma possível recuperação, ficar tempo demais no hospital “podia custar a vida”. Deste modo, no hospital, disseram para Flávia Oterro, que perdeu sua mãe Maria Vilma, que o paciente não podia ficar muito tempo internado, porque havia risco de infecção hospitalar.

Bruna teve essa experiência com seu pai Adriano:

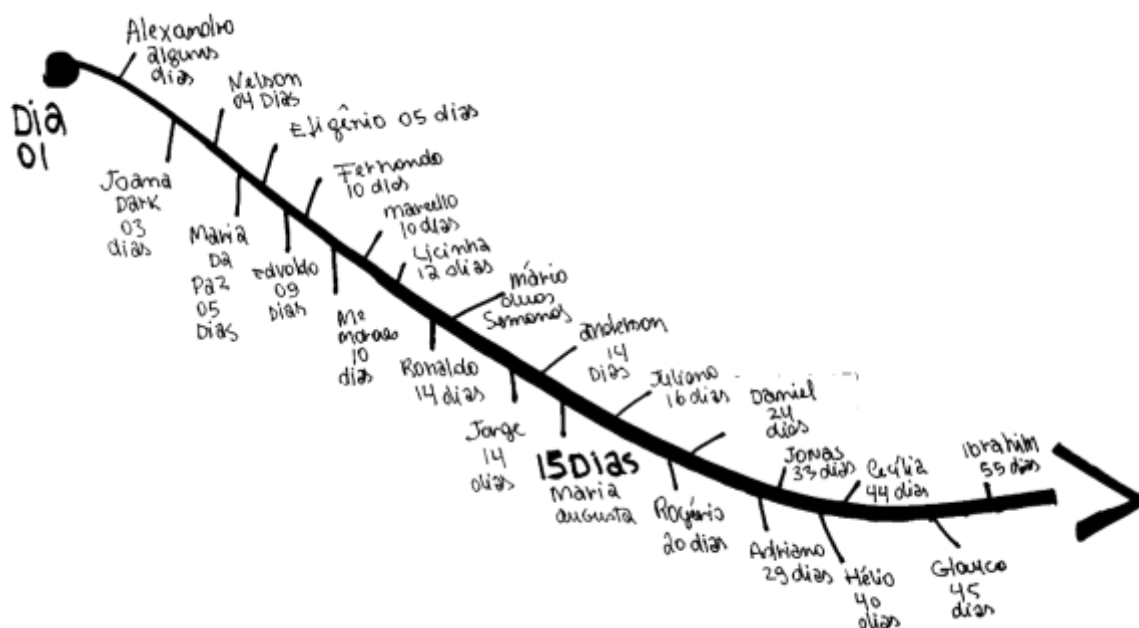
“porque ele já estava entubado há muito tempo e estava, começando a dar infecção, por conta dos canos e tudo. Estava dando infecção, então tinha que desentubar e entrar com a traqueostomia e eles também tinham diminuído a sedação pra ver se ele voltava. Falaram que... ah e nesse dia da melhora... um dia antes dele falecer falaram que ele abriu o olho, ele abriu, a pessoa falou com ele, ele provavelmente não ouviu e ele fechou e foi aí que a gente pensou, caralho ele está acordando, ele está voltando pra gente, sabe? Eles diminuíram a sedação nesse quarto dia que a minha mãe foi visita-lo e ela dizia que o olho dele vibrava bastante! Ela disse que acreditava que era ele tentando abrir, porém o tempo da entubação fez uma infecção. (Bruna, entrevista realizada em 13/01/2023).

Em meio ao contraste entre a percepção subjetiva do tempo da recuperação e o tempo clínico da infecção, que não respeitava as esperanças das enlutadas, o tempo se desdobra como uma espera incerta. Diante do ineditismo da Covid-19, tudo era novo e só o tempo iria mensurar essas respostas, essa era a questão dita para Flávia Oterro. Perceber isso é destacar que, para as enlutadas, cada novo dia vivido no hospital não necessariamente representava um avanço na recuperação, mas, ao contrário, podia ser interpretado como mais um passo em direção ao fim. Nesse contexto o tratamento prolongado pode ser um dano.

O que se espera, e teme, não é apenas o desenrolar incerto da situação, mas também a falta de controle diante dela. Essa sensação de impotência diante tanto do tempo da doença como da temporalidade hospitalar intensifica o sofrimento das enlutadas. A internação, portanto, se converte em um tempo-limite, em que a vida das enlutadas parece estar suspensa, girando em torno do que ocorre no hospital, ao qual não se tem acesso, enquanto a morte se anuncia como possibilidade progressiva do tempo que o ser querido passa dentro do hospital.

Fiz um esquema para demonstrar quanto tempo os familiares passaram no hospital.

Esquema 4 – O tempo de hospitalização



Fonte: Diário de campo (2025)

O esquema acima representa em linhas a sobreposição de tempos vividos durante a hospitalização. As enlutadas destacam como ficam nervosas com o tempo que passava no ambiente hospitalar. Ele evidencia como o tempo clínico (de internação, intubação, exames e liberação do corpo) é atravessado por múltiplas camadas temporais. O tempo das instituições, da espera, da burocracia, da comunicação (ou da falta dela), e, sobretudo, o tempo vivido pelas famílias, que experimentam uma cronologia própria dos dias, como vou destacar posteriormente.

O fato de não poder visitar o seu familiar fragmenta os vínculos, criando um “vazio temporal”, um momento em que “o tempo não passa” ou um “medo temporal”, o que reforça a percepção de que o tempo é tanto acelerado quanto suspenso. Em conversas com as enlutadas, o tempo no hospital, aparece como um período no qual a temporalidade é regida por ritmos impostos pela instituição hospitalar, alheios à interferência das famílias. É o médico que decide o momento da intubação (embora haja também relatos de doentes que solicitam a intubação “porque não aguentam mais”), é a organização do trabalho no hospital que determina os horários dos exames, das visitas médicas, eram os profissionais de saúde que determinavam o horário de ligação pelo celular para os familiares (no caso dos familiares intubados ou sem fôlego), decisões tomadas a partir de protocolos de biossegurança e diante de condições extremas – emergências lotadas, evolução incerta dos pacientes, falta de profissionais de saúde

devido a adoecimento. A espera, nesse contexto, se torna o regime temporal por excelência: a espera por notícias, por melhoras, por decisões sobre os familiares, e, muitas vezes, a espera pela morte.

A espera vivida das enlutadas como prolongamento da experiência no ambiente hospitalar desestrutura a noção linear do tempo. O tempo da internação, embora curto em termos objetivos no que foi apresentado, é percebido como extenso e exaustivo, pois é atravessado por uma densidade emocional da experiência que desorganiza a rotina.

O intervalo entre a internação e a morte não é vivido apenas como um “antes”, mas como uma contagem regressiva, uma temporalidade saturada de sentimento de perda antecipada, um momento em que o tempo carrega o medo. Há uma apreensão do tempo de hospitalização como um momento de liminaridade, um tempo entre, ou como diz Taíze Santana, um “meio tempo”: “esse meio tempo ficou muito difícil, para mim e pro meu irmão que a gente quem ficava à frente, cada ligação era muito difícil, a gente ficava naquela expectativa para saber se estava melhor ou não tinha dado tempo de ficar bom.”

Taíze Santana, que perdeu a avó e o pai num curto intervalo de tempo, destaca a sua experiência do tempo nessa sequência de perdas da seguinte forma:

No dia 27 de maio, minha avó passou mal e precisou ser entubada. Isso aconteceu por volta das 13h, aproximadamente. No dia 28 de maio, ela veio a óbito às 5h da manhã. Meu pai não sabia que ela estava internada, e ela também não sabia que meu pai estava internado. Ele se comunicou conosco até o dia 26 de maio, estava com o celular e conseguia falar com a gente, mesmo usando o respirador. O tempo foi curto entre uma morte e outra. Parecia que, a cada momento que passava, algo ruim poderia acontecer. (Taíze Santana, entrevista realizada em 10/01/2023).

Na narrativa de Taíze, o tempo aparece como um fio frágil, tenso, entre a vida e a morte. As datas são precisas: 26, 27, 28 de maio, mas o que se passa entre essas marcas no calendário não é apenas um intervalo de horas, é uma experiência do adoecimento de dois de seus familiares no ambiente hospitalar, em que o tempo parece se precipitar para um desfecho fatal: “*a cada hora que passava, havia a sensação de que algo pior estava por vir*”. O tempo, normalmente medido em minutos e horas, aqui se mede em perdas, em ausências do seu pai e da sua avó, em telefonemas que não acontecem mais.

No seu conhecido conto “O relógio do hospital”, Graciliano Ramos (1970) adentra na experiência de um paciente acamado num hospital, envolto em uma temporalidade densa, marcada por desorientações, rupturas e ensonhações, que não podem ser encerradas no instrumento de medida do tempo que, justamente, dá nome ao conto: o relógio. Também o tempo vivido por Taíze e sua família é diferente do tempo marcado pelos relógios. É um tempo subjetivo, dilatado pela ansiedade e pelo sofrimento pandêmico. Mais do que um tempo curto,

como diz Taíze, trata-se de um tempo cortado, de um tempo roubado, pois não houve tempo para ela elaborar o que estava acontecendo, passando sem pausa de uma morte para outra. A experiência nesse caso, não se limita à ausência física dos seus familiares, mas se amplia a sensação de que o tempo, esse tempo partilhado em família, foi arrancado antes da hora.

Suzyany, que perdeu seu esposo Jonas durante a pandemia, disse que, no processo, percebeu que “*o tempo é muito relativo, e que cada um sabe o quanto está sendo difícil seguir*”. Para Suzyany, o tempo ganhou outra densidade na sua experiência. Os dias em que Jonas ficou na UTI pareciam suspensos. Sem poder falar com ele, cada minuto se alongava em silêncio. Ela se lembra do médico que lhe deu a notícia da morte e também do carinho inesperado nas palavras dele: “Brinquei com ele... Tinha 54 anos e nem um fio de cabelo branco. Eu sou mais novo e todo grisalho”. Suzyany destaca

[...] e assim, não tive tempo de ficar mal, não tive tempo de deitar chorar, chorar o que eu tinha que chorar, deve ser por isso que ainda tô assim, né? Porque o meu filho também ficou mal, meu filho é autista, leve, mas é! Tudo é muito grande, né... não tive tempo para sentir. (Suzyany, entrevista realizada em 24/04/2023).

Essa fala acima de Suzyany destaca a experiência marcada por uma suspensão ou negação do tempo no ambiente hospitalar. A repetição em sua fala que “*não tive tempo*” destaca uma vivência em que as urgências da vida, especialmente o cuidado com o filho, se interpuseram no “trabalho do tempo” (Das, 1999) necessário à vivência do luto. Efetivamente, o tempo não foi o bastante e ela ficou com um sentimento de não ter tempo de ficar mal. Próximo ao que disse Taíze, o tempo, aqui, é vivido como algo que lhe foi tirado, um tempo negado para sentir, para elaborar os sentimentos.

Diferentemente de Suzyany, Sílvia Helena vivenciou um processo de despedida gradual no tempo de hospitalização. Permaneceu ao lado da mãe durante todo o período de internação, mantendo o contato físico como forma de cuidado e elaboração antecipada da perda. Ciente da gravidade do quadro clínico e da baixa possibilidade de recuperação, Sílvia Helena recorreu ao tempo sagrado, onde se insere a crença de que o destino de sua mãe seria decidido por instâncias não terrenas: “*seja o que Deus quiser!*”. Eliane, filha de Edvaldo, também recorreu ao tempo do sagrado, usando o conhecido trecho da Bíblia, no Eclesiastes 3, para dar sentido a suas perdas: “*há tempo para todas as coisas*”.

A morte da mãe de Sílvia Helena, dona Zélia ocorreu em 17 de janeiro, data emblemática por coincidir com o início da vacinação contra a Covid-19 no Brasil. Curiosamente, ela faria aniversário em 12 de março, posteriormente instituído como o Dia Nacional das Vítimas da Covid-19. Ao lembrar dessa circunstância, Sílvia Helena lamenta que “ela [a mãe] não teve tempo”, não pôde vivenciar o seu aniversário.

Fernanda descreve o tempo em que seu pai, Alexandre, esteve hospitalizado como tendo sido dominado por um sentimento de exaustão:

eu me senti esse tempo todo exausta, exaurida, como se não existisse mais nada, eu estava no piloto automático, triste também, com toda dor, mais do que isso foi exaustão porque foi esse tempo de UTI foram tempos exaustivos, não existia outra coisa senão aqueles boletins médicos, existia os intervalos entre eles, e a nossa vida ficou em razão disso, às vezes você se planejava, você dormia. Eu, por exemplo, eu não gosto de dormir com a televisão ligada, só conseguia dormir com a televisão ligada, normalmente, eu não gosto, passei a gostar porque se abstrai um pouco do que você está vivendo. Você precisa ter um barulho, você deixa sua mente barulhenta para não pensar. (Fernanda, entrevista realizada em 28/03/2023).

Fernanda enfatiza que o tempo é vivido como um intervalo ou suspensão do cotidiano marcado pela exaustão. O período de internação na UTI do pai impôs um ritmo marcado pela espera dos boletins médicos, que passaram a estruturar a rotina do cotidiano. O tempo subjetivo do sofrimento não era apenas medido em horas ou dias, mas em estados de vigília e cansaço, em que se fez necessário acionar o “piloto automático”. A exaustão, mencionada várias vezes na entrevista, mais do que a dor em si, torna-se a marca do tempo vivido, e estratégias como dormir com a televisão ligada, apesar de ir contra hábitos anteriores, revelam tentativas de criar ruídos que abafem o excesso de realidade que é acompanhada pela exaustão.

Mônica Oliveira também destaca as notícias como sendo a principal pontuação do tempo de internação de seu filho Marcello.

Weverson: Ele passou quantos dias internado?

Mônica: 10 dias. Do dia 5 até o dia 15.

Weverson: Do dia 5 até dia 15 de junho, né?

Mônica: De 2021...

Weverson: Como foi o tempo desses 10 dias para você?

Mônica: Foram terríveis, né. Foram dias de terror, porque só chegavam notícias sempre piores, era “não, ele não tá bem”. Nesses 10 dias ele teve uma parada cardíaca, reanimaram, ele ficou usando máscara de oxigênio seco antes de entubar. [...] E aí chegou o dia que “vai precisar fazer hemodiálise”, aí ele “ele tá com problema, ele teve uma hepatite tóxica por conta da medicação, aí vai ter que iniciar isso aí, mas não se preocupe”, mas aí só chegou a fazer uma. E aí, assim, eram todos os dias esse tipo de notícias, né? Depois baixou um pouco a infecção, depois subi novamente, mudamos a medicação, mudamos o antibiótico, vamos usar outro antibiótico.

De modo semelhante, Lucynier Omena, mãe de Daniel, destaca que o tempo de hospitalização do filho foi vivido como uma sucessão de momentos de angustiante espera e deterioração progressiva. O relato abaixo ilustra uma experiência de tempo dilatado, no qual a espera por notícias e o acompanhamento constante da situação de saúde do filho eram penosos.

O tempo nesse momento também não segue um ritmo linear, mas é fragmentado entre boletins médicos e as constantes variações nos sinais vitais, representando uma temporalidade marcada pela incerteza:

E ele entrou nesse hospital era dia 09 de março e ele só foi piorando, ele já não queria mais falar, ele só falava por “zap”, aí quando foi dia 19... a minha vacina tava marcada para dia 20 de março, no dia 19 me chamaram no hospital me dizendo que ele tinha piorado consideravelmente. Ele não reagia, eles já tinham feito várias tentativas, várias coisas, mas ele não reagia, ele só piorava, piorava, piorava, e ele ia ser entubado. Aí como já tava tendo esse acompanhamento paralelo, eu não duvidei do hospital, eu sabia que podia ser mesmo, como depois aconteceu com o Paulo Gustavo, que pegaram até um pulmão artificial e ele não conseguia, porque tinha sido a mesma cepa que ele pegou. Ele foi entubado dia 19 de março e depois desse dia eu podia ir vê-lo na UTI, ou ele ou o pai dele. Aí eu ia pra receber o relatório e eu podia ficar com ele até o médico chegar, aí eu fui vendo aqueles aparelhos que tem ao lado da cama, os números diminuindo, outros aumentando estupidamente. Era sexta-feira da paixão, dia 02 de abril, na terça-feira o médico me disse que a situação dele era muito grave, que não sabia se ia poder reverter, mas eu não acreditava. Ele era saudável, ele não tinha comorbidade, não tinha doença nenhuma, nunca foi internado por nada. Ele foi obeso, mas fez tratamento com uma nutricionista e conseguiu, na época tava bem magro, aí na terça-feira ele me disse isso, que ele tava bem mal. Na quinta-feira de noite, na hora da visita [choro] o médico disse “olha, eu vou liberar a UTI, se a senhora quiser ficar a noite inteira aqui com ele, a senhora fica. Não tem mais nada o que fazer”. Aí um sobrinho meu que tava cuidando lá da covid em Figueiredo, num município aqui perto, aí ele disse “tia, deixa eu falar aqui com o médico”, aí eu dei o telefone pro médico pra ele falar com o médico, o meu sobrinho “tia, não tem jeito” [choro] “o decímetro é extremamente alto, é muito difícil, tia”. Aí o médico disse pra mim “a senhora fica aqui, a senhora fica lá fora. A senhora pode entrar, quando liberar a UTI a senhora pode ficar a hora que quiser com seu filho”. Aí eu descí, tava desesperada [Choro]. (Lucynier Omena, entrevista realizada em 25/04/2023).

A repetição dos dias e das visitas à UTI, com a crescente deterioração da saúde do filho, expõe o paradoxo do tempo vivido: cada dia parecia se estender em uma longa espera, enquanto o tempo objetivo, medido pelos médicos avançava. A tensão entre o tempo pessoal e o tempo clínico em que o corpo do paciente é mensurado em números por aparelhos é notável, assim como a experiência de Lucynier para compreender o que acontece enquanto sua percepção de tempo “se estreita”, absorvida pela urgência de cada momento e de cada tempo. Uma vez constatado que o tempo acabou, que a morte é inevitável, inaugura-se um outro tempo, com outras regras, em que já não valem mais as preocupações que marcaram toda a internação em relação ao isolamento do doente. Agora, por fim, mãe e filho podem ticar todo o tempo que quiserem juntos, “a noite inteira”. É a liminaridade máxima que marca a passagem entre a vida e a morte, momento em que todos os ponteiros dos relógios são suspensos.

3.6 A DESPEDIDA NA HORA DA INTUBAÇÃO: A IMINÊNCIA DA MORTE

Neste momento, vi-me impelido a reescrever inúmeras vezes o relato sobre a intubação, evidenciando a necessidade de elaborar minhas próprias vulnerabilidades nesta seção da tese. Este trecho constituiu uma das muitas passagens de lágrimas ao longo da tese, lágrimas que verti não apenas pelas enlutadas, mas também pelos relatos que ecoaram em minha escuta etnográfica, nas conversas e no mapeamento dos materiais enviados.

Ao ouvir um áudio de despedida de Fernando para Nalva, deparei-me com a materialidade da voz exaurida, trêmula, que enunciava: “estou pedindo para os médicos me intubar, não estou aguentando mais. fica com Deus.” Naquela madrugada em que ouvi esse áudio, não consegui dormir. A etnografia se tornou insônia na confluência entre o som de sua voz e o silêncio, entre as palavras e o barulho. Posso dizer que esse foi o único momento em que ouvi a voz de uma das vítimas por ela mesma, sem a mediação da memória das enlutadas. Eu ouvi as últimas palavras de Fernando para Nalva.

Não apenas escutei a despedida, mas também os ruídos do hospital, o pulsar das máquinas e a tecnologia do celular operando como um canal de aviso, de notícias e de uma dinâmica das emoções, entre sua dor sem o ar e o aviso que precisava ser intubado para seu amor. Chorei ao ouvir o relato de Nalva, chorei ao escutar o áudio e choro enquanto escrevo esta parte – e talvez chore novamente ao reler.

Então, nesse momento, quis descrever alguns aspectos relacionados à intubação. Para as interlocutoras da pesquisa, esse instante representava a “iminência da morte”, um marco de transição no qual a vida parecia escapar sem ouvir a “voz”. A intubação era percebida não apenas como um procedimento médico “normal”, mas como um limiar, um ponto sem retorno, carregado de incertezas e temores. Talvez as chamadas de vídeo e os áudios de despedida representassem um momento de adeus, mas ainda assim havia esperança.

Durante a pandemia, essa sensação se intensificou, pois o ato de ser intubado não significava apenas um suporte do retorno da cura, mas também uma separação abrupta – do lar, da família, da voz, do contato humano, e, em muitos casos, da própria possibilidade de voltar. As imagens dos hospitais superlotados, notícias de profissionais que não tinham a prática da intubação, a escassez de leitos e a falta de garantias sobre a reversibilidade do quadro tornaram esse momento ainda mais angustiante para enlutadas. Assim, a intubação não era apenas um procedimento técnico, mas uma experiência emocionalmente desgastante, atravessada pelo medo, pela despedida implícita e pela incerteza.

O momento da intubação emerge como um limiar na experiência das enlutadas, um *rito de passagem* involuntário que separa a “esperança de cura” da “despedida definitiva”. Com inspiração nas

ideias de Van Gennep (1978) e de Turner (1974), pode-se compreender a intubação como um estado *liminar*, no qual as enlutadas vivenciam uma suspensão da normalidade do tratamento, habitando um espaço entre a “vida e a morte”, entre a “presença e a ausência” e entre “dor e esperança”. Diferente dos rituais tradicionais que marcam transições, geralmente de modo público, incluindo a presença dos familiares ou de outros atores sociais, dentro de uma sequência conhecida, esse limbo pandêmico foi caracterizado por ausências e pelo distanciamento imposto, elementos que intensificaram a experiência do adoecimento.

Se, em outros contextos, a doença grave ainda permite um contato final, um último gesto, a Covid-19 rompeu esse ciclo. A ligação informando sobre a intubação tornava-se, para muitas famílias, a “última comunicação antes do silêncio”, transformando o anúncio “seu familiar precisa ser intubado” em um marcador simbólico da antesala da morte. No campo da tanatologia, sabe-se que o luto envolve a reelaboração das ausências, mas o luto pandêmico se desenhou em um tempo acelerado e desconectado dos rituais corriqueiros. O impacto emocional desse momento está ligado não apenas à morte em si, mas à impossibilidade de acompanhamento, de presença e de despedida.

Ao reescrever essa parte da tese, também se reescrevem as marcas desse processo, pois a escrita do luto, tal como o luto em si, é um ato de reconstrução da experiência e o resgate de entender todos esses rompimentos. Para aqueles que acompanham esse processo, sejam familiares ou os próprios pacientes que foram vítimas da Covid-19, há uma percepção de iminência – a morte se torna uma presença palpável, mesmo quando não dita. Na maior parte das entrevistas ouvi “nesse momento sabia que ele/a tinha a chance de não voltar”. O ritual que se forma em torno desse instante carrega silêncios, olhares que buscam sentido no momento das nossas conversas e gestos que condensam o afeto e a angústia do sentimento de fracasso.

Nesse momento, não tenho a pretensão de aprofundar os eventos clínicos, mas sim trazer as narrativas, discorrer sobre os vínculos e os sentidos que se desenrolam nesse breve espaço de tempo. A despedida, muitas vezes improvisada e permeada por urgências, materializa-se de maneiras diversas, uma ligação do hospital no celular informando, uma palavra sussurrada em áudio no *WhatsApp*, um olhar fixo na chamada de vídeo, tentando expressar pelo olhar esse processo, já que a voz se silenciava diante do agravamento da Covid-19. Nessas narrativas, a experiência da intubação ultrapassa a dimensão biomédica, revelando camadas subjetivas e sociais que atravessam tanto aqueles que ficam quanto aqueles que partem.

O processo de intubação orotraqueal em ambiente hospitalar foi compreendido sob três óticas distintas pelas enlutadas, que refletiram diferentes equilíbrios de poder em um cenário de crise sanitária, conforme os exemplos a seguir, irão demonstrar: primeiro, na (1) mediação

institucional (a intubação que o hospital comunicava), o procedimento era comunicado aos familiares, intermediado pela estrutura do hospital, muitas vezes por meio de videochamadas ou boletins médicos estruturados pela instituição; segundo, na perspectiva da (2) autonomia individual (a intubação que o paciente autorizou), a intubação era precedida pelo consentimento informado, em que o paciente, no pleno exercício de sua vontade e enquanto ainda possuía estabilidade respiratória, autorizava a intervenção; e, por fim, a (3) decisão soberana da instituição ocorria quando a intubação era realizada sem comunicação ou consentimento prévios, configurando-se como uma ação amparada pelo hospital em situações de urgência, em que a instituição, ao priorizar salvar a vida, sobrepunha-se temporariamente à interlocução, estabelecendo uma intervenção impositiva justificada pela iminência da morte e pela rapidez do colapso respiratório.

Essas três óticas distintas podem ser observadas nos relatos que destaco, especificamente nos casos de Nalva, Dayse, Fernanda, Mônica e Janaina Arruda, compondo um mosaico de narrativas de despedida atravessadas pela incerteza do processo da intubação. A proximidade da morte ressignifica gestos e reconfigura interações, evidenciando os sentidos que atribuímos à vida quando confrontados com sua possível finitude.

Nalva destaca a interação que teve com Fernando nos momentos antes da intubação;

E aí quando foi na... na segunda-feira, eu estava dormindo, aí de madrugada eu acordei com meu telefone tocando, era 2:57 da manhã, aí eu me levantei, dei um pulo da cama e quando vi era ele numa *chamada de vídeo pra mim*. Olha, eu peço a Deus todo dia pra esquecer essa cena da minha cabeça, eu o vi *se afogando, eu o vi morrendo ali, ele estava se afogando. Aí ele com muita dificuldade falou assim "Nalva, eu vou ser entubado, porque eu não tô aguentando mais, eu não aguento mais. Eu vou ser entubado, fique com Deus"*, e eu "NÃO! NÃO!", tinha toda aquela coisa que intubação morria e pra eu descobrir que a intubação era o último recurso, isso demorou a cair na minha cabeça, porque eu achava que todo mundo que era intubado morria. (Nalva, entrevista realizada em 27/03/2023).

A narrativa de Nalva destaca uma experiência marcada pela urgência, pelo trauma e pela dificuldade em assimilar a iminência da morte no contexto da Covid-19. O relato é estruturado de forma a intensificar a solidão de Fernando no hospital e o uso da tecnologia no momento da despedida antes da entubação, como o horário exato da ligação (2:57 da madrugada), reflexo do lugar das novas tecnologias na reconfiguração das lembranças, que reforça a sensação de choque da experiência de Nalva.

O relato descrito por Nalva destaca a impotência diante da despedida inesperada e a tentativa de lidar com um evento que, ao mesmo tempo que era um chamado de socorro, também era um adeus. A metáfora do afogamento aparece duas vezes – “eu o vi se afogando,

eu o vi morrendo ali, ele estava se afogando” –, enfatizando a percepção da morte iminente e a sensação de sufocamento, a falta de ar.

Outro ponto central do relato é a associação imediata entre intubação e morte. Nalva expressa sua resistência inicial à aceitação do procedimento quando grita “NÃO! NÃO!” – na nossa conversa esse não me levou a esse cenário da chamada, o que reflete uma compreensão socialmente construída durante a pandemia, sendo a intubação como um limite, uma passagem irreversível para morte. A frase “tinha toda aquela coisa que intubação morria” enfatiza esse sentimento generalizado, e a própria Nalva reconhece que demorou a compreender que a intubação era um recurso extremo, mas não necessariamente uma sentença de morte, como estava inserida no senso comum – e que foi confirmado posteriormente por estudos divulgados na imprensa indicando que até 80% das pessoas intubadas no Brasil faleceram⁹⁸.

A narrativa de Nalva não apenas evidencia o impacto emocional da despedida, mas também revela um aspecto sociocultural da pandemia: o fato de não poder ficar ao lado de seu marido na internação, a percepção da intubação como um “marco definitivo”, permeado por medo, desconhecimento e impossibilidade de controle das emoções, o celular como única forma de contato possível. A experiência de Nalva, marcada pela fragmentação do tempo, pela urgência e pelo desejo de apagar a memória traumática (“eu peço a Deus todo dia pra esquecer essa cena da minha cabeça”), torna-se emblemática do sofrimento e da solidão que cercaram as despedidas durante a crise sanitária.

Já Dayse teve a notícia por ligação do hospital que sua mãe precisa ser intubada e foi vê-la:

E aí eles ligaram e avisaram que tinham que entubar ela. Ela não podia ser entubada, porque ela não... não ia aguentar. Ela era muito nervosa, ela tinha pressão alta. E quando o médico chamou a gente dizendo que tinha que entubar enquanto ela estava consciente porque se ela passasse mal à noite não ia dar tempo de entubar ela. Aí foi muito angustiante... A gente ainda conseguiu entrar e falar com ela. A bichinha... *Eu nem conseguia entender o que ela estava falando de tão cansadinha que ela estava. Foi a última vez que eu vi ela.* Ela ficou o domingo no Hospital e a gente não tinha notícias. (Dayse, entrevista realizada em 10/01/2023).

A narrativa de Dayse revela como a experiência da intubação hospitalar no momento da pandemia é atravessada por aspectos culturais, emocionais e sociais. A necessidade do procedimento é apresentada com resistência, assim como na experiência de Nalva, pois a família/profissionais da saúde acreditavam que Joana Dark não suportaria. Esse dilema

⁹⁸ Passarinho, Nathália. *Exclusivo: 80 % dos intubados por Covid-19 morreram no Brasil em 2020* (BBC News Brasil, 19 de março de 2021). Reportagem que aponta que, segundo dados inéditos obtidos com exclusividade pela BBC, cerca de oito em cada dez pacientes intubados com Covid-19 no Brasil ao longo de 2020 evoluíram para óbito. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56407803>. Acesso em: 24 jan. 2026.

evidencia a intubação como um limiar carregado de significados sociais, um ponto de transição que marca a incerteza entre a vida e a morte. Sob essa perspectiva, esse momento pode ser compreendido como um *rito de passagem* nos termos de Van Gennep (1978), envolvendo separação (afastamento da família), liminaridade (intubação como estado intermediário) e um desfecho definitivo, seja a recuperação ou o falecimento, no caso das experiências das interlocutoras acabam sendo para o desfecho foi a morte. No contexto pandêmico, esse rito ocorreu de forma abrupta, sem a possibilidade de despedidas prolongadas, deixando para as famílias pouco tempo para se despedir.

Além da ruptura física, a despedida de Dayse é marcada por uma comunicação fragmentada. Ela vê a mãe, mas não consegue compreendê-la, o que acentua a sensação de impotência pela falta de ar. Podemos fazer uma comparação com a experiência de Nalva que destaca o sentimento que “estava se afogando”. A experiência em que a paciente, já exausta, tenta falar, mas não é entendida, revela como a separação entre familiares e doentes foi potencializada não apenas pelo ambiente hospitalar em meio à pandemia mas pela condição crítica dos pacientes.

Esse cenário de Dayse com a experiência de contato com sua mãe antes da intubação, somado à fragilidade da comunicação, ressignifica a despedida, tornando-a um processo de distanciamento do próprio cuidado. A impossibilidade de interpretar as últimas palavras da mãe evidencia um dos aspectos mais angustiantes durante a pandemia, a ausência de um diálogo, ficando o silêncio.

Outro elemento do relato é a ausência de informações e o silêncio institucional. Dayse menciona que a mãe passou um dia inteiro no hospital sem que a família recebesse notícias, o que reforça o caráter impessoal do hospital nesse período – o que deve ser entendido também a partir da superlotação hospitalar no auge da pandemia. Esse distanciamento não é apenas físico, mas também informacional, privando os familiares de acompanhar a evolução do quadro clínico e de participar ativamente das decisões nas relações de cuidado, a falta de comunicação sobre a sua mãe acentuou a sensação de desamparo.

Dessa forma, a experiência de Dayse sobre a intubação, foi mais do que um procedimento biomédico, insere-se em uma experiência complexa de relações sociais e afetivas, marcado pela urgência, pela incerteza e pela impossibilidade de controle sobre a despedida e sobre a impossibilidade de cuidar dela nesse momento, pois era um desejo que ela tinha de cuidar dela até o fim, assim como sua mãe fez com ela na infância e antes desse cenário da pandemia.

Na mesma linha, Fernanda narra como ocorreu a intubação de seu pai, Alexandro, a partir das informações recebidas, e os questionamentos que foram aparecendo posteriormente:

Depois, que entubou ele, a gente não conversou com ele para entubar, diz o pessoal que explicaram para ele que tinha que entubar e se perguntou se ele queria ligar antes. Ele disse que estava sentindo muito mal que ele queria entubar rápido, como que não estava dando conta, coisa também que na época a gente acreditou sem questionar. Hoje eu nem sei se realmente foi assim ou não, que também nem necessariamente ele pode ter desmaiado, pode ter sido necessário. Não sei. Mas independente disso, após a intubação, realmente você perde completamente o contato. (Fernanda, entrevista realizada em 28/03/2023).

A fala de Fernanda evidencia duas coisas, a incerteza e a impotência vividas pelos familiares de pacientes intubados durante a pandemia. Sua narrativa destaca a ausência de controle sobre a situação, tanto na decisão pela intubação quanto na falta de contato após o procedimento - “depois, que entubou ele a gente não conversou com ele para entubar”. Fica evidente que os familiares não participaram ativamente da escolha e que a decisão foi tomada dentro da dinâmica hospitalar, o que deixa uma série de dúvidas em relação a como o processo foi conduzido. Essa falta de participação direta dos familiares reforça a sensação de distanciamento e desamparo, central da dúvida de Fernanda depois do falecimento do seu pai. Inicialmente, a família aceitou a versão dos profissionais de saúde sobre a intubação de Alexandro sem questionar (“coisa também que na época a gente acreditou sem questionar”), mas com o tempo, Fernanda passou a se perguntar o que realmente aconteceu. Aqui, sua experiência se distancia daquela de Nalva ou a de Dayse, que viram seus familiares. Ao fazer o resgate da memória de um passado marcado por lacunas ocorre um processo de ressignificação da experiência, na qual a verdade dita pelos profissionais de saúde não é mais aceita de maneira incontestável.

Quando Fernanda destaca que “independente disso, após a intubação, realmente você perde completamente o contato”, ela sintetiza um dos aspectos mais característicos da experiência pandêmica no caso dos doentes hospitalizados, que foi o distanciamento, a impossibilidade de comunicação entre paciente e família. Esse isolamento forçado rompe com a possibilidade de despedida e de acompanhamento do agravamento do quadro de saúde, tornando a experiência mais aflitiva. A fala de Fernanda revela como a experiência da morte hospitalar no contexto pandêmico foi mediada por protocolos que despersonalizaram a despedida e intensificaram a angústia dos familiares de Fernanda, deixando lacunas que jamais poderão ser completamente preenchidas.

Já no relato de Mônica podemos perceber uma relação de confiança com o médico, que transparece na ligação deste para ela após o óbito do seu filho Marcello:

Ele ficou usando máscara de oxigênio seco antes de entubar. Ele foi entubado com consentimento dele, isso com conversa com o médico logo depois, o médico que o recebeu foi o que acompanhou, foi o que reanimou ele, foi quem entubou ele, que conversou com ele antes e aí ele que autorizou a

intubação e aí, assim, a gente meio que criou um laço com o médico, porque ele se apegou muito ao caso. Aquele corre, corre, de entubar, da gente procurar apoio, ajuda, fazer o que estava ao nosso alcance, mas infelizmente ele veio a óbito. (Mônica, entrevista realizada em 25/04/2023).

O relato de Mônica, assim como o de Fernanda, reflete a experiência de uma família diante da intubação e da perda de um ente querido (uma relação entre mãe e filho e filha e pai), evidenciando as emoções diante de um cenário de urgência e a complexidade dos processos de decisão. Mônica compartilha um cenário em que a intubação foi autorizada com o consentimento do seu filho e mediada por um médico com quem, aparentemente, houve uma conexão emocional durante esse processo. O laço emotivo criado entre a família e o médico que estava diretamente envolvido no atendimento sugere uma tentativa de humanização em um momento de urgência, contrastando com a sensação de impotência e isolamento experimentada por Fernanda, que, em seu relato, expressa a dúvida sobre o que realmente aconteceu com seu pai durante o processo de intubação.

Diante da diferença nas experiências das enlutadas com a intubação, diversos questionamentos foram aparecendo. De que modo a falta de informações do ambiente hospitalar afeta emocionalmente as famílias durante a intubação? De que forma o consentimento do paciente, como visto no relato de Mônica e Fernanda, impacta a experiência da família no processo de intubação? Alguma circunstância permite enquadrar essa diferença de experiências diante da intubação – por exemplo, o perfil da vítima (um homem jovem, no caso de Mônica, um homem de mais idade, no caso de Fernanda), ao tipo de instituição (pública ou privada)?

Os relatos de Mônica e de Fernanda mostram, de diferentes formas, a tentativa das famílias de lidar com a situação, buscar apoio social e manter um contato com os profissionais de saúde, mas, apesar dessas tentativas, o desenlace se torna irreversível...

Janaina Arruda destaca a revolta que sentiu quando soube que seu irmão tinha sido entubado:

Ele estava com muita falta de ar, aí quando de fato saiu a vaga dele, ele saiu de um hospital e foi transferido pra outro sem a nossa autorização e foi *automaticamente entubado sem a gente saber, sabe? É a negligência, a falta de comunicação, isso que eu falo pra você, os médicos eles não tiveram um pingão de respeito com a gente que é familiar também, eles falam assim “olha, estou avisando a vocês que o seu irmão será entubado”*, simplesmente foram, transferiram ele de uma região de São Paulo a outra sem um familiar acompanhar. Eles só me avisaram, ele está entubado e ponto, como assim? Entendeu, foi muito triste pra gente que é família, não teve uma despedida. (Janaina Arruda, entrevista realizada em 25/04/2023).

A fala de Janaina Arruda expõe uma situação de negligência e desrespeito no atendimento hospitalar na informação da intubação do seu irmão, evidenciando a falta de comunicação entre os médicos e a família. Ao relatar que seu irmão foi “transferido e intubado

sem a autorização da família”, Janaina enfatiza a ausência de diálogo direto com os familiares. A maneira abrupta com que as decisões foram tomadas, sem permitir que os familiares estivessem presentes ou ao menos informados sobre os procedimentos, revela como a crise sanitária desumanizou o atendimento e intensificou a sensação de impotência dos parentes, e principalmente do atendimento do seu irmão Juliano.

A falha na comunicação médica não só privou a família de um acompanhamento adequado, mas também gerou um distanciamento, aumentando o sentimento de impotência. A frustração de Janaina com a atitude dos médicos evidencia a desumanização do processo hospitalar sem uma comunicação direta com os familiares. Quando ela menciona que os médicos simplesmente informaram que seu irmão foi entubado “e ponto”, sem dar espaço para perguntas ou uma conversa, ficou evidente que a relação entre os profissionais e a família foi marcada pela ausência de empatia, diferentemente do exemplo de Mônica.

A negação do direito de estar junto de Juliano, somada à falta de informações, gerou uma ausência de despedida. As falas de Janaina, Fernanda e Mônica apresentam diferentes facetas do impacto emocional da intubação, refletindo a complexidade da experiência das famílias frente à incerteza, negligência e desumanização do processo limite que era a ausência do ar. Em comum, todos os relatos destacam a falta de comunicação com seus entes queridos, um fator que gerou grande sofrimento e intensificou o luto que vamos debater no último capítulo da tese. Enquanto Fernanda questiona a verdade sobre o que realmente aconteceu com seu pai durante o processo de intubação, Mônica descreve a criação de um laço com o médico, Janaina, por sua vez, enfatiza a negligência dos médicos ao transferir seu irmão sem autorização e intubá-lo sem qualquer aviso aos familiares, o que intensificou o sentimento de desrespeito e abandono, ficando apenas o silêncio.

Esses relatos, embora com diferentes contextos e experiências das enlutadas, revelam como a intubação se tornou um processo que desumanizou em grande parte tanto os pacientes quanto as famílias, interrompendo os *rituais de despedida* e de *acompanhamento dos pacientes*. A falta de espaço para a participação dos familiares nas decisões, a ausência de despedidas adequadas e a comunicação truncada criaram um cenário de incerteza, dor e sofrimento, no qual a experiência foi marcada por lacunas. As enlutadas se viram impotentes, privadas do direito de estar junto aos seus entes queridos.

3.7 O CUIDADO DURANTE O PROCESSO DE MORRER: AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS NA PANDEMIA

Nesse momento, damos continuidade à reflexão sobre o tempo da hospitalização destacando a dimensão do cuidado. A esfera do cuidado se perpetua em diversas situações, por

exemplo, na compreensão de quais seriam os cuidados de que precisa um corpo morto. É necessário evidenciar os fenômenos sociais e práticos do cuidar em cada momento da vida, e no processo de morrer, o importante consiste em minimizar o sofrimento (Dantas *et al*, 2020) e em fortalecer as práticas culturais na ritualização da morte. Se entendemos o cuidado a partir da já clássica definição de Tronto e Fischer (1990) como uma “atividade da própria espécie humana, que inclui tudo o que fazemos para manter, continuar e reparar nosso ‘mundo’, para que possamos viver nele da melhor forma possível” (p.40), as atividades em torno do corpo morto também são atividades de cuidado, que visam reparar a fissura imensa da perda de um indivíduo sobre seu círculo de relações, recompondo de certo modo o mundo.

No cenário pandêmico, ademais, as práticas de cuidado se viram atravessadas de maneira intensa pelas questões do risco, e o corpo morto, especificamente, foi apreendido como uma ameaça biológica pelo seu potencial contaminador. A pandemia de Covid-19 lançou luz, em muitos sentidos, para a importância das ações de cuidado. Márcia Longhi (2024) destaca que “a pandemia também veio evidenciar que estamos conectados a redes (muitas vezes, invisíveis) de cuidado” (p.10), e, quando esse cuidado passa a envolver exposições e vulnerabilidades, ele pode trazer riscos para as próprias agentes do cuidado, no que Silva (2022b), em diálogo com Joan Tronto, denominou os “riscos do cuidado”.

A pandemia não apenas possibilitou visibilizar a importância do trabalho do cuidado para a nossa sobrevivência mútua como também mostrou o quão desigualmente esse trabalho é distribuído, recaindo sobretudo sobre os ombros das mulheres. Também na hora da morte, são as mulheres as que estão à frente dos rituais de despedida – e, como busco mostrar nesta tese, na produção da memória dos que foram embora.

Cuidar da despedida dos seres queridos hospitalizados envolveu uma série de negociações e tensões, que apareceram de maneira marcante nos relatos das enlutadas. Jasmim, 48 anos de idade, moradora de Belém do Pará, filha de Bernardo, relata que, durante o processo de luto pela perda de seu pai, ocorrido em meio à pandemia, deparou-se com uma situação complexa relacionada às práticas funerárias devido às diferenças religiosas em suas famílias e as práticas de cuidado em vida, conflito que foi refletido no momento da morte. Enquanto Jasmim tinha uma ligação com a espiritualidade espírita, seus familiares tinham uma forte ligação com a fé católica. Surpreendentemente, mesmo sendo anteriormente ateu, o pai de Jasmim expressou sua disposição em “ter um velório de acordo com os costumes católicos”, levando em consideração a devoção religiosa de sua esposa. Diante disso, Jasmim decidiu convidar um padre para conduzir a cerimônia dentro do hospital em que seu pai estava hospitalizado devido ao avanço da doença.

Jasmim, desenhou essa situação, conforme figura abaixo:

Figura 30 – O padre

Fonte: Desenho elaborado pela enlutada (2023)

Foi com admiração que Jasmim testemunhou a coragem do padre, que prontamente “atendeu ao meu pedido”. A cerimônia ocorreu em uma igreja próxima ao hospital onde seu pai estava internado. Apesar de não o conhecer previamente, explicou ao padre a condição crítica de seu pai na UTI e solicitou a unção dos enfermos. A Unção dos Enfermos é um dos sete sacramentos da Igreja Católica. Também é conhecido como “extrema unção” ou “sacramento dos enfermos”. Esse sacramento é administrado a pessoas que estão enfrentando doenças graves, idosos ou qualquer pessoa cuja saúde esteja seriamente comprometida⁹⁹. Com sua presença, ele a acompanhou até a UTI, onde realizou a cerimônia, apesar de ser, ele próprio, um idoso. Posteriormente, Jasmim soube que o padre veio a falecer devido à Covid-19 meses depois desse encontro, o que leva a lembrar a vulnerabilidade em que estiveram todos aqueles que, durante a pandemia, exerceram atividades de cuidado, mesmo de cuidado espiritual, ficando assim mais expostos ao vírus.

A cerimônia religiosa foi uma experiência de cuidado para Jasmim com seu pai, devido à dimensão espiritual que ela relata ser necessária no momento de terminalidade. Vale ressaltar que, naquela ocasião, a saúde do seu pai estava fragilizada, pois ele sofria de problemas cardíacos e retinopatia, embora esta última fosse controlada adequadamente no ambiente hospitalar.

“No momento da unção dos enfermos feita pelo Padre, a frequência cardíaca de meu pai estava significativamente alterada, excedendo os valores normais, que variam entre 60 a 100 batimentos por minuto, com uma média de 80 batimentos. Naquela ocasião, a frequência cardíaca de meu pai atingiu cerca

⁹⁹ VATICAN NEWS. *O rito dos enfermos*. Vaticano, 2020. Disponível em: < [Rito para os enfermos - Vatican News](#)>. Acesso em: 13 out. 2023.

de 150 batimentos por minuto”. (Jasmim, entrevista realizada em 26/04/2023).

Contudo, à medida que o padre concluía a unção e realizava a imposição de óleos sagrados em sua testa, costas e mãos em uma demonstração de cuidado e ritualização religiosa, a frequência cardíaca do pai de Jasmin gradualmente diminuiu, estabilizando-se em torno de 100 batimentos por minuto. Nesse momento podemos perceber como Bernardo conseguiu receber outras formas de cuidado de outros agentes sociais além dos profissionais da saúde.

A ideia da eficácia simbólica de Lévi-Strauss (1946) é relevante para entender o impacto dos rituais e simbolismos no bem-estar de Bernardo. Segundo Lévi-Strauss (1946), a eficácia simbólica refere-se ao poder dos símbolos e rituais de produzir efeitos reais na saúde e no estado emocional de quem é objeto dessas práticas, tomando como exemplo um ritual xamânico em meio a um parto difícil entre os cuna do Panamá.

Quando Bernardo, experimentou a diminuição gradual da frequência cardíaca durante a unção pelo padre, testemunhamos um exemplo prático da eficácia simbólica, possível a partir da crença compartilhada entre o padre, a pessoa doente e a comunidade maior em que ambos se inserem (mesmo que a filha fosse espírita). A ação do padre, ao impor óleos sagrados e realizar rituais religiosos, atua como um símbolo que reestrutura a percepção de Bernardo sobre sua própria condição de saúde, induzindo a melhora momentânea em sua condição física. É importante destacar que esse processo de cuidado não é apenas simbólico e emocional, mas também se produz no corpo físico.

Após a cerimônia, o padre se despediu e partiu. Nos dois dias subsequentes, houve uma ligeira melhora nos resultados dos exames médicos de Bernardo. No entanto, sua condição acabou se deteriorando novamente, resultando em seu falecimento. Embora Jasmim não possa afirmar se existe uma conexão causal entre a cerimônia religiosa e a breve melhora de seu estado de saúde, compartilha esse episódio como parte dos privilégios de cuidado em tempo de pandemia, respeitando as diferentes perspectivas religiosas e sistemas culturais. Com isso, podemos perceber que o cuidado, incluindo o cuidado religioso, é propulsor de relações afetivas no percurso da vida do indivíduo, dimensionando o cuidado como dom, o cuidado como reciprocidade e o cuidado como mercadoria (Comas-d’Argemir, 2017, p. 18).

Já o relato da interlocutora Taíze, que perdeu sua avó na pandemia, faz uma relação entre os cuidados que ela exercia com a avó na vida cotidiana, os cuidados no momento da hospitalização e no momento da morte. Taíze destaca que, sempre cuidou da sua avó, e na pandemia teve que se adaptar a uma nova realidade e adotar medidas de cuidado para proteger a si mesma e aos outros, por isso, adotou uma rotina rigorosa de higiene. Ela lavava as mãos com água e sabão limpando todos os dedos, especialmente após tocar em superfícies comuns ou

voltar de lugares públicos, pois às vezes precisava sair. E destaca que sempre teve cuidado com sua avó, que pensava que ia cuidar dela até a morte, na sua casa, até dormia no mesmo quarto dela. A sua vida foi fazer revezamento com outras mulheres no cuidado da avó e a pandemia interrompeu essa relação de cuidado.

O modo de cuidar de Taíza reproduz experiências tradicionais de cuidado, quando a família (melhor dizendo, as mulheres das famílias) estava no centro do cuidado dos velhos e moribundos, pois era no espaço familiar que eles recebiam proteção e afeto, mesmo em situações higiênicas adversas (Baltazar *et al* 2001, p.41). Esse modo, que a literatura comumente denomina “tradicional”, faz parte das estratégias de muitas famílias atualmente, embora todas as situações conhecidas como “crise dos cuidados” apontem para um esgotamento desse modelo em contextos contemporâneos, em que concorrem o aumento da longevidade e da população idosa, a maior presença das mulheres na força de trabalho e a ausência de políticas públicas que deem conta das demandas de cuidado (Guimarães, 2024). O que Taíza experimentou, portanto, foi uma quebra nas expectativas de cuidado com a sua avó tanto no adoecimento como na morte.

Essa quebra nas expectativas nos permite refletir brevemente sobre as mudanças nas formas de cuidado dos moribundos e do corpo morto ao longo da história, e mostrar como algumas tendências se acirraram em tempos de pandemia, enquanto outras foram momentaneamente suspensas. Como já foi tratado em algum momento desta tese, os processos de ritualização em torno do corpo morto e os modos de lidar com o sentimento de dor e o sofrimento social decorrente da perda de um indivíduo se configuram em diversas situações e espaços ao longo da história. O estudo clássico de Philippe Ariès (1981) chama a atenção para um modelo *de morte tradicional*, em que o caráter dramático ou as emoções exageradas não seriam rotineiros na comunidade, pelo fato de que todo o processo de morrer era apropriado pelas comunidades, existindo um prolongamento do cuidado nas relações da vida na morte.

A família espelhava o significado da morte como uma fase natural da vida humana e a tratavam como tal (Menezes, 2004); os familiares cuidavam do corpo dando banho, colocando uma roupa que o morto gostava e a própria comunidade cuidava uns dos outros. Essas são dimensões das relações do cuidado perante um cenário de morte. Nesse aspecto, o fenômeno social da morte intercalava as relações do cuidado da comunidade, existindo *redes de cuidado* entre a vida e a morte. O lugar da morte e do cuidado com o corpo morto geralmente se reservava ao quarto onde o moribundo dormia: quando o moribundo falecia, esse local se tornava em “espaço público” onde a comunidade circulava no ambiente e as crianças tinham o livre acesso no funeral (Ariès, 1981).

Mudanças sociais, ocorridas nas sociedades ocidentais, transformaram radicalmente essa experiência ao longo dos séculos, retirando a morte do interior das casas e levando-a para dentro dos hospitais, onde as famílias passam a ter uma função muito mais subordinada na passagem da vida para a morte:

“No modelo tradicional e público o processo dos cuidados, a contagiosidade e os efeitos nocivos da morte são suprimidos pelos ritos fúnebres, já o pragmatismo da sociedade moderna procura evitar tais efeitos por antecipação: afastando o moribundo da vida social e cuidando do cadáver” (Neves, 1998, p.76).

A pesquisa de Neves (1998), realizada em um período anterior à institucionalização dos cuidados paliativos (de que falarei logo mais), já mostrava que, mesmo com o avanço do processo de deslocamento da morte da casa para o hospital, muitas famílias no Nordeste brasileiro preferiam que seus entes queridos morressem em casa, em meio a suas redes de solidariedade, desejo também expresso pela enlutada Taíze.

Taíze, como qualquer outra pessoa que tenha vivido essa experiência, pode ter se deparado com a necessidade de lidar com a morte de maneira distanciada, diferentemente do que era comum no modelo tradicional e público, que era a forma que pretendia seguir com sua avó e também seu pai. Taíze expressava o desejo de cuidar do ritual de maneira tradicional, com a comunidade religiosa presente no velório, a mesma religião à qual sua família pertence, de modo a honrar as crenças e tradições compartilhadas por sua família, e todo esse cuidado que a avó não teve foi tirado pela pandemia.

Devido à alta contagiosidade do vírus e à necessidade de evitar a propagação da doença, os ritos fúnebres de modelo tradicionais foram adaptados, Taíze destaca que houve um “deslocamento forçado da função de cuidado que ela possuía”, que foi tirado o seu direito, e relata que sempre ela cuidou da sua avó e no momento que precisava dos últimos cuidados não “poderia prestar esse cuidado”, sentindo-se assim violada. Isso pode ter implicado em uma separação forçada do cuidado de seus entes queridos durante o momento adoecimento e morte.

Voltando ao relato histórico, que ajuda a contextualizar a queixa de Taíza, entre os séculos XIX – XX a morte do indivíduo começou a ser dramatizada, e com isso, o controle higienista sobre a morte e novos agentes sociais no processo de adoecimento e morte começaram a possuir outra configuração. O trabalho do cuidado, nesse momento, passa a se estabelecer pela mediação de relações institucionalizadas no ambiente privado, operando uma gestão das emoções (Soares, 2012).

A partir desse processo ocorre o deslocamento do moribundo do seu contexto social de cuidado no âmbito público para um outro cenário. Isso significa que houve, historicamente, uma mudança de espaço do local da morte, uma vez que na perspectiva cultural tradicional a

morte acontecia em meio à comunidade, e a partir desse momento o processo do morrer foi praticamente transferido para os hospitais – lugar dos médicos, no espaço privado, eminentemente mais medicalizado, que enfocaram pioneiramente a passagem do monopólio dos cuidados ao doente. O moribundo, deste modo, foi transferido da família e dos cuidados religiosos para o médico e suas instituições (Menezes, 2004 p. 27), realizando então um deslocamento dos cuidados com os novos agentes do cuidar e da morte, como os funcionários das centrais de velórios que realizam o “preparo do corpo” o “cuidado do corpo morto”.

Embora pesquisas como a de Neves (1998), e o relato de Taíze, mostrem que muitas pessoas continuam morrendo em casa, é nos hospitais onde majoritariamente passam a ocorrer os cuidados que outrora se faziam no interior das casas, surgindo profissões que vão precisar lidar com a passagem da vida à morte nessas instituições. A obra de Angelo Soares (2012) apresenta os profissionais como os novos agentes do cuidado, enfatizando a dimensão relacional e as dimensões emocionais em torno do cuidado. Destaca o ambiente hospitalar como palco de diferentes (re)produções, demonstrando o esgotamento da jornada de trabalho dos profissionais com pacientes terminais e seus familiares, e o surgimento dos laços do cuidado entre os profissionais da saúde com a pessoa em processo de adoecimento.

Nesse sentido, um aspecto que é importante destacar é que, na atualidade, os cuidados paliativos aparecem como um horizonte de reinserir a comunidade e humanizar os cuidados do fim da vida, que visa se sobrepôr à solidão dos moribundos, apontada por Elias (2001). Ou seja, diante da submissão do doente a uma série de intervenções tecnológicas, em que ele é objeto dessas práticas, no qual não há espaço para o reconhecimento dos limites das possibilidades terapêuticas, e em última instância, dos limites da vida, a filosofia do hospice, que está na base dos cuidados paliativos, procura oferecer uma alternativa de cuidado em que se recupera a centralidade da pessoa, em suas relações sociais, no momento do fim da vida, entendida como um “morrer bem” ou como uma “boa morte”.

De acordo com Menezes (2004), com a chegada dos cuidados paliativos, ocorreram mudanças na cultura brasileira, uma nova prática de assistência humanizada nessa chegada da morte em torno da ideia de *viver bem até a morte*. No período crítico da pandemia de Covid, essa nova perspectiva do “viver bem até a morte” se viu especialmente diante das medidas de biossegurança que impediram, na maioria dos casos, a presença física dos familiares junto dos seus seres queridos nos últimos momentos.

Claudia Arantes (2016), médica com uma longa experiência em cuidados paliativos, em seu livro “A morte é um dia que vale a pena viver”, afirma que, no momento que precede a morte, “as pessoas ao redor do paciente podem ter chances maravilhosas de curar emoções corrosivas trabalhando o perdão, a gratidão, a demonstração de afeto e o cuidado” (p. 186).

Nem todos os pacientes de Covid-19 tiveram essa chance, por todos os elementos elencados até aqui. No entanto, mesmo diante das restrições, muitas pessoas ao redor do paciente com Covid-19 tiveram a oportunidade de oferecer cuidado e demonstrar afeto de diferentes maneiras, dentro das formas e possibilidades pandêmicas de cuidado. Essas possibilidades pandêmicas de cuidado podem incluir a comunicação regular por meio de chamadas de vídeo – cuidado em forma tecnológica, mensagens de texto, cartas ou áudios como o exemplo da “rádio para Ely”¹⁰⁰, uma gravação elaborada pelos amigos de Ely e encaminhada para ele na UTI, que permite expressar gratidão, saudade, força, perdão e afeto.

Cláudia, 40 anos, moradora de João Pessoa, destaca que durante o período da pandemia, as pessoas se uniram para demonstrar solidariedade e cuidado para seu esposo Ely:

As pessoas fizeram tipo um manifesto na rádio pra curar ele, fizeram tipo um podcast na rádio, fizeram uma fala, algumas pessoas da minha família também e uns amigos da cultura eles juntaram um áudio pra que o psicólogo passasse para ele mesmo estando inconsciente né, dizem que algumas pessoas conseguem escutar, também como uma forma de cuidado né pra ele ficar ouvindo. Enfim, eu oscilava principalmente esperança, eu achava que ia dar certo, em nenhum momento achava que não ia dar certo. (Cláudia, entrevista realizada em 09/01/2023).

A citação de Arantes (2016) reflete a importância de promover cuidados mesmo em meio a restrições, pois esses cuidados podem auxiliar no processo de terminalidade para ambos os agentes sociais no cenário da morte. O cuidado nesses momentos trouxe conforto e alívio tanto para os pacientes quanto para as enlutadas, um enfrentar as emoções corrosivas e a fortalecer os laços de afeto socioemocionais.

Além disso, essa atitude reflete a compreensão de que o cuidado vai além das intervenções médicas, envolvendo também o apoio emocional e social da sua rede de apoio em vida. Ao se juntarem para enviar mensagens de força para Ely, mesmo que estivesse inconsciente, eles reconhecem que algumas pessoas podem ouvir mesmo nessas circunstâncias, mostrando uma preocupação em manter um ambiente de cuidado de uma forma ativa mesmo à distância.

A pandemia trouxe à importância de repensar e adaptar os cuidados no fim da vida no ambiente hospitalar, buscando abordagens que priorizem o bem-estar do paciente e promovam uma morte digna e cercada de apoio social, como exemplo dos cuidados paliativos, mesmo em tempos de restrições e desafios como os enfrentados durante a pandemia de Covid-19, em que o corpo acaba sendo um agente de risco (Silva, 2021).

¹⁰⁰ Transcrição da “rádio do Ely” se encontra em anexo da tese para quem quiser ler a iniciativa feita pelos amigos de Ely.

Ao analisar a morte no contexto da Covid-19, no processo da minha pesquisa de mestrado em Antropologia pelo PPGA/UFPB sobre cuidados paliativos em um hospital de câncer, destaco que a responsabilidade pelo cuidado dos pacientes em estado terminal avançado se desloca para o espaço hospitalar. Os familiares sentem que estão fazendo a coisa certa quando levam seus entes queridos para esse ambiente, onde recebem um cuidado diferenciado em comparação ao que poderiam oferecer em casa. Nesse sentido, o hospital se configura como uma dimensão ideal do cuidado nessas circunstâncias (Silva, 2021).

Também no contexto da pandemia, levar um familiar até o hospital se configurou como um ato de cuidado – embora as dúvidas em relação a qual poderia ter sido o desfecho em caso contrário possam ainda permanecer. Maria de Araújo destaca que os profissionais de saúde se encontravam sobrecarregados em decorrência do aumento expressivo da demanda assistencial, da escassez de recursos materiais e humanos e da intensificação das jornadas de trabalho impostas pelo contexto pandêmico.

Além disso, ela questiona se o resultado teria sido diferente caso tivesse tido o direito de cuidar. Essa dúvida persiste até hoje: “se eu tivesse cuidado, seria diferente?”. A frase de Maria de Araújo destaca uma preocupação em relação à sobrecarga enfrentada pelos profissionais de saúde - os agentes do cuidado na pandemia, que trabalharam durante aqueles momentos. Isso ressalta a importância de reconhecer e apoiar esses profissionais que estiveram na linha de frente, enfrentando desafios no contexto da crise de saúde pública. Porém ao mesmo tempo, ela destaca que sempre cuidou do seu marido, e naquele momento sentiu a necessidade de estar ao lado dele, proporcionando apoio, mas as circunstâncias da pandemia impediram que ela o fizesse da maneira que gostaria, ficando os profissionais que não tinham um vínculo com ele à frente desse processo do cuidado. Ela se questiona se seu marido teria se sentido mais amado se ela tivesse tido a oportunidade de cuidar diretamente dele.

Deste modo, o cuidado diante do cenário do processo de morrer e do corpo morto, representa reproduções simbólicas da vida social, criando vínculos e fortalecendo laços sociais, configurando a *função social do cuidado* (Aguilar;2019). A importância do ritual de transição no processo de cuidado com o corpo, é o momento no qual se visualiza o cadáver e os toques no corpo reforçam a transformação do ente querido no *rito de passagem*, reconhecendo sua nova posição no contexto social e familiar. Isso demonstra como os rituais funerários de cuidado com o corpo morto tem uma função, tem um papel fundamental na criação de significado, honrando a vida da pessoa falecida e facilitando a aceitação da morte e o processo do luto.

4 O CORPO E A MARGEM: O RITUAL DE MORTE E SUAS DISPOSIÇÕES

Neste capítulo, serão discutidas as mudanças nos rituais de morte na pandemia, como o velório abreviado, funeral com limitações na expressão de afeto e cerimônias de despedida sem os últimos desejos dos familiares e vítimas, em face da pandemia de Covid-19. Essas mudanças tiveram uma nova configuração condensada na expressão “do hospital para o cemitério”, sem o processo de velório. Serão exploradas as restrições em torno do corpo morto, como limitações no número de participantes do enterro, distanciamento de afetos e a necessidade de adaptação aos protocolos de biossegurança, e como essas restrições afetaram o processo de despedida e a experiência das enlutadas. Além disso, será analisada a influência das restrições na dimensão simbólica e cultural dos rituais de morte, como a religiosidade e as formas de fazer velar em tempos de pandemia. A forma como nos despedimos de entes queridos é um reflexo de nossas formas de ritual de passagem, com crenças, tradições, objetos simbólicos e valores, e a pandemia trouxe uma nova configuração de despedida e questionamentos sobre como preservar esses rituais no isolamento e distanciamento social.

4.1 MORTE, RITUAIS DE PASSAGEM E PANDEMIA

...dor e tristeza em todas as faces... Como víamos a peste se aproximando, ***cada um cuidava de si e de sua família como se corresse o maior perigo***. Se fosse possível representar exatamente aqueles tempos para aqueles que não os viram, dando ao leitor a devida ideia do horror que se apresentava em toda parte, seria preciso criar imagens em suas mentes e enchê-las de pavor... (Daniel Defoe. Um diário de um ano de peste, 1722. – Romance sobre a peste bubônica, no ano de 1665, na cidade de Londres, Inglaterra).

“La antropología sólo sería en definitiva una antropotanatología vergonzante. Esmás -y creemos haberlo mostrado-, toda antropología de la muerte sólo puede ser comparativa, y se sitúa necesariamente en la confluencia de procedimientos pluri o interdisciplinarios.” (Thomas, Louis-Vincent; 1983; p. 630 - 631).

“Hacer una *antropología de la muerte* -o intentar apenas una aproximación a ella- implica un planteo total de situación en un sistema sociocultural, donde cada grupo concibe a la muerte de una cierta manera!” (Thomas, Louis-Vincent; 1983; p.188).

Adentrar nos debates que permeiam as questões ligadas à morte e ao morrer nos convida a trilhar por caminhos da teoria das Ciências Sociais voltados para este tema. Nesse momento, busco desenvolver um debate amparado em autores/as que apontam para o sistema cultural na construção do sentido atribuído à morte e ao morrer na vida coletiva e nas experiências sociais nesse momento de pandemia. Nessas circunstâncias, como pestes e pandemias, é comum

perceber que “os corpos dos mortos estão ligados à ameaça à saúde pública”, como visto nas obras *História da Morte no Ocidente* e *A morte é uma Festa* (Ariès, 1975; Reis, 1991).

Esta não será uma discussão exaustiva, mas uma apresentação das principais referências, em sua maioria clássicas, que contribuíram para minha compreensão da morte, dos mortos e dos rituais de passagem em torno deles, perspectiva que adoto neste capítulo. Entre os nomes estabelecidos sobre *ritos de passagem* em antropologia, e especialmente os ritos ligados à morte e sua relação com memória e luto, especificamente no que tange aos elementos constitutivos do ritual, é pertinente destacar Van Gennep (1978) com os *ritos de passagem* e a noção de mudança de *status social* de um indivíduo mediante a sua transição mediada pelo cumprimento do ritual. O autor esclarece que o luto é uma característica desse processo do ritual da morte, e nesse momento pandêmico, é importante destacar o “luto como um elemento político”. Portanto, é necessário considerar todos esses aspectos como “ritos de reintegração na vida social” e que, durante o luto, os vivos e os mortos constituem uma sociedade especial situada entre o mundo dos vivos, de um lado, e o mundo dos mortos, de outro (Van Gennep, 1978, p. 121).

No capítulo XIII de sua obra, intitulado “Funerárias,” o autor expõe um exemplo notável de como a morte desempenha um papel central nos rituais de passagem. Neste contexto, ele esclarece que o luto é uma característica fundamental desse processo ritual. O luto se manifesta na margem de maneira material na forma da estadia no velório. Isso é um ponto de destaque da tese, pois o luto desempenha função nos ritos de passagem relacionados à morte, influenciando a maneira como as enlutadas da pesquisa lidam com a perda e a transição do indivíduo falecido para outro estado ou plano.

O antropólogo Bronislaw Malinowski (2018) aborda o tema da morte e dos rituais funerários nas sociedades das Ilhas Trobriand, localizadas no Pacífico Ocidental. O livro “*Os Argonautas do Pacífico Ocidental*”, destaca que “a morte, entre todos os nativos da costa da Nova Guiné oriental, causa uma grande e permanente perturbação no equilíbrio da vida tribal” (p.627). Para trobriandeses nesse ritual de morte existe uma relação da vida após a morte da seguinte forma:

vão, depois da morte, para a terra dos espíritos dos trobriandeses. Os dobuanos creem também na existência de uma alma dupla – uma, obscura e impessoal, que sobrevive à morte física por apenas alguns dias, permanecendo nas redondezas do túmulo; a outra, o espírito verdadeiro, que vai para o monte Bwebweso. (Malinowski, 2018, p.100).

Malinowski (2018) explora como os trobriandeses encaram a morte como um *rito de passagem* para uma nova fase da existência e como isso afeta suas práticas funerárias. Discute também a importância dos rituais e das crenças em relação à morte, bem como as diferentes

formas dos papéis desempenhados pela comunidade durante o processo de morte e sepultamento. A pesquisa nas Ilhas Trobriand destaca que:

Outros poderosos agentes da morte são os tauva'u, seres antropomórficos não humanos, causadores de epidemias. Quando, no fim da estação das chuvas, o inhame não maduro é ingerido pelos nativos e a disenteria assola aldeias inteiras, exterminando-as; ou quando, nas épocas de intenso calor e umidade, uma doença infecciosa atinge os distritos causando inúmeras mortes – as doenças e as mortes são então atribuídas ao tauva'u. (Malinowski, 2018, p.143).

Além disso, Malinowski (2018) analisa como as práticas funerárias estão interligadas com outros aspectos da vida social e cultural dos trobriandeses, como a economia, o sistema de parentesco e a estrutura política da comunidade. “A imensa comoção social e econômica que ocorre após cada morte é uma das características mais salientes da cultura desses nativos e é também algo que nos parece enigmático e que incita a toda espécie de especulações e reflexões” (Malinowski, 2018, p.627). Ele explora as relações entre os vivos e os mortos, a importância do culto aos ancestrais e como a morte desempenha um papel central na compreensão das práticas cotidianas dos trobriandeses.

Já Claude Lévi-Strauss debate a morte como um acontecimento que rompe a ordem social e exige uma resposta ritual coletiva em diferentes momentos de sua obra, especialmente em *O cru e o cozido* e em *Tristes Trópicos*. Ao descrever o ritual funerário Bororo, o autor evidencia que o choro dos parentes do morto não se trata de uma manifestação espontânea, mas de uma ação deliberada, dotada de eficácia simbólica, uma vez que “os parentes do morto choram copiosamente sobre o cadáver para acelerar a decomposição” (Lévi-Strauss, 2004, p. 227). Desse modo:

“considerada de um ponto de vista individual, cada morte é ocasião de uma arbitragem entre o universo físico e a sociedade. As forças hostis, que constituem o primeiro, causaram um dano à segunda, e esse dano deve ser reparado: é a função da caça fúnebre” (Lévi-Strauss, 1996, p. 252).

O processo funerário evidencia, que a morte não se reduz a um fato biológico, mas instaura um desequilíbrio que precisa ser simbolicamente administrado por meio de rituais socialmente organizados. O luto só se encerra quando os ossos, após cuidados sucessivos, são imersos em rios ou lagos entendidos como “moradas das almas” (Lévi-Strauss, 2004, p. 227), permitindo o fechamento simbólico da perda e a reorganização da vida social dos vivos.

“a representação que uma sociedade cria para a relação entre vivos e mortos reduz-se a um esforço para esconder, embelezar ou justificar, no plano do pensamento religioso, as relações reais que prevalecem entre os vivos” (Lévi-Strauss, 1996, p. 259).

Outra obra clássica das Ciências Sociais que destaca essa estrutura política da comunidade é no livro “*Os Mortos e os Outros*”, da antropóloga Manuela Carneiro da Cunha (1978) que destaca os rituais para os *Krahó* (povo indígena do Tocantins). A complexidade do *corpus ritual Krahó* impediu, no entanto, que se pudesse incluir nos limites deste trabalho uma análise deste ritual. (p.7). Não são apenas cerimônias formais, mas modos fundamentais de lidar com a morte, organizar a vida social e manter a relação entre vivos e mortos. Ela destaca em sua obra a presença da comunidade nesse processo;

A presença da comunidade é se o morto foi personagem importante e, ao mesmo tempo, especialmente ligado à vida ritual, a comunidade pode manifestar-se ainda de outro modo. Se ele tiver morrido de tarde, e, portanto, só deva ser enterrado no dia seguinte, leva-se o corpo para o pátio, por iniciativa do chefe dos rituais - o padre - e durante uma noite inteira cantam-se para alegrá-lo cantos do ritual ao qual ele era associado ou de que era devoto. A partir deste momento, sabe-se que a parte final deste ritual será encenada no fim do luto. (Cunha, 1978; p.25).

O ritual destaca a importância social do morto e reafirma sua ligação com o coletivo do povo indígena *Krahó*, ativando a memória e a continuidade dos ciclos cerimoniais. A presença comunitária e os cantos noturnos expressam o reconhecimento do morto como sujeito do ritual. Cunha (1978) destaca que, os rituais de luto e pós-luto são processos coletivos que ajudam a recompor o tecido social da comunidade. O ritual, nesse contexto, é também um modo de produzir conhecimento, memória e pertencimento.

Victor Turner (1974) em seu livro *O processo ritual*, no capítulo sobre “*Liminaridade e communitas*”, destaca o pensamento de Van Gennep (1978), “que determina como “fase liminar” – são ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição sociais de idade” (p.116) – são os símbolos ritualizam a transições como a morte. Neste contexto, Turner (1974) explora como a liminaridade, ou a fase de transição, é marcada por um estado de ambiguidade e indeterminação, no qual os indivíduos deixam para trás suas posições anteriores, mas ainda não alcançaram um novo *status*. E que esses ritos de passagem ou de “transição” tem três momentos: separação, margem ou “Liminaridade” e agregação. No período de pandemia pela Covid-19, processos como terminalidade e morte nesse capítulo serão trabalhados no quadro dos “*ritos de passagem*”.

Quando um indivíduo morre, ocorre a sua separação do convívio social, iniciando-se um processo assemelhado ao afastamento de um ponto fixo de uma estrutura. Neste limiar, o indivíduo se encontra em um estado de transição, transitando entre espaços que podem ser categorizados como estruturas em movimentos, nos quais ele detém poucos, ou quase nenhum, dos atributos do seu passado ou do seu futuro. Este momento coincide com o período em que o corpo é velado, seguindo as particularidades de cada grupo social, e culmina quando o corpo

é sepultado no cemitério. A partir desse momento, inicia-se o processo de agregação, que se consuma na passagem do indivíduo, e ele assume, finalmente, uma nova posição social.

Esse período em assumir uma nova posição social, conhecido como “setenário”, era uma prática comum na tradição cristã católica, durando sete dias após a passagem de um ente querido. Acreditava-se que durante esses dias a alma do falecido ainda permanecia próxima à terra, possibilitando que os familiares pudessem prestar homenagens e oferecer suas orações para ajudar na jornada espiritual da pessoa morta. Esse período era marcado por diversas restrições e rituais que variavam de acordo com as tradições culturais e religiosas de cada comunidade no momento do rito de passagem. O luto era vivido de forma mais densa durante esses dias, com familiares e amigos se reunindo para levar o corpo morto.

No entanto, com a chegada da pandemia de Covid-19, essa perspectiva e prática sofreram alterações, que aqui apresentamos de acordo com os relatos das enlutadas. As medidas de distanciamento social e as restrições impostas para conter a propagação do vírus limitaram as realizações dos funerais presenciais ou até mesmo visitar entes queridos que estavam doentes. Com a pandemia, o que aconteceu com essa perspectiva? A busca por formas alternativas de expressão do luto e de conexão comunitária demonstra a importância contínua desses rituais no processo de interação, mesmo diante de desafios pandêmicos.

No interior das discussões sobre os ritos de passagem e suas implicações na organização da vida social, De acordo com o autor Turner (1974), essa separação abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo ou de um grupo, que de um ponto fixo anterior na estrutura social se desloca para um outro (Turner, p.116). É na última fase da reagregação que se consuma o processo de passagem assumindo uma nova situação social (Turner, 1974, p.116-117). Desse modo, o ritual opera como um dispositivo simbólico fundamental para a transformação do *status social* dos sujeitos.

No sistema social, em sua estrutura, o grupo que se encontra na margem se localiza no que Victor Turner (1974) denominou de “situação interestrutural”. No momento em que o indivíduo ou os grupos sociais se encontram em uma situação ambígua, as pessoas escapam à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural, ficando numa condição “nem lá, nem cá = entre”. O processo de liminaridade se caracteriza por ser o momento de passagem interestrutural passando da margem e chegando na fase de reagregação ou reincorporação.

A *communitas* é um elemento central na teoria de Turner sobre liminaridade. Como a condição liminar implica em indivíduos sem hierarquia, sem poder, à margem das posições da sociedade, essa condição “oferece uma mistura de submissão e santidade, de homogeneidade e

camaradagem” (Turner, 1974, p. 98), que é o modelo que surge no período liminar nas quais há pouca ou nenhuma estrutura de relações humanas (Turner, 1974). No contexto de uma morte, por exemplo, os membros da *communitas* seriam os enlutados, em que a morte estabelecendo esse fim momentâneo das hierarquias no grupo diretamente afetado pela morte de uma pessoa. Nesse contexto, a *communitas* se configura como um espaço de igualdade, como o das enlutadas da pesquisa, no qual as tensões sociais se dissolvem temporariamente, permitindo a expressão da solidariedade e do apoio mútuo, se colocando enquanto redes, que compartilham a vivência da perda e da transição, formando uma comunidade unida pela experiência da morte e luto.

Proponho compreender os processos de terminalidade e morte no período da pandemia de Covid-19 dentro do quadro conceitual dos “ritos de passagem” - embora compreendendo que tais ritos se transmutaram em diversas ocasiões em “*ritos de impasse*”. Para Machado Pais (2009), os *ritos de impasse* aparecem associados a situações de anomia, em que certas ritualizações acabam por preencher vazios de trocas simbólicas e rituais que, em sociedades tradicionais, constituíam modelos nos processos rituais. A quebra desses modelos se configura como a não satisfação do sentimento ritualístico (Pais, 2009), situação que foi possível observar durante a pandemia, pelas limitações que as normas de biossegurança impõem à realização dos rituais. Para as enlutadas, ficou evidente que existiu uma quebra no ritual de mortes das suas vítimas, e essa ruptura faz parte das suas experiências de luto de maneira muito marcante. Por outro lado, a partir dos relatos das interlocutoras, busco também recuperar o modo como foi possível “inventar rituais” em meio a tantas limitações. Aqui, penso na inventividade da cultura, uma ideia destacada por Roy Wagner (1975), que propõe uma abordagem mais diversa em sua obra “A Invenção da Cultura”, destacando a capacidade dos indivíduos/ grupos sociais de inovar e transformar suas práticas culturais em resposta às mudanças sociais, políticas e ambientais, como podemos ver o caso da pandemia.

Trazendo para o debate as contribuições de Mary Douglas (1976), em seu livro *Pureza e Perigo*, a autora nos convida a pensar como a relação entre puro e impuro repousa sobre a díade fundamental de *ordem e desordem*, o ser e o não ser, a forma positiva e a forma negativa, a vida e a morte (Douglas, 1976, p.9). Daí a importância do ritual que separa a vida da morte: “os mortos, se não forem separados dos vivos, enlouquecem-nos” (Idem, p.127). A autora entende que o sujo, relacionado com a morte, torna uma forma de impureza. E ressalva que a morte desafia todos os sistemas metafísicos, mas nem todos encaram este desafio de frente (Idem, p.123).

A morte, nesse momento da pandemia, acentuou o caráter de contaminação do cadáver, e o corpo morto foi apresentado como um risco contaminador, provocador de uma sensação de impureza e de perigo, fazendo com que o corpo se distancie do ritual “tradicional” do morto,

uma vez que o corpo morto foi visto como um agente contaminador. Mary Douglas (1976) ajuda a pensar como as normas técnicas e protocolos em torno do corpo morto buscavam, em última instância, a imposição de uma ordem em meio ao caos da pandemia, em que todos os elementos que entraram em contato com o vírus traduziam sujeira e desordem.

Por fim, o texto “*A expressão obrigatória dos sentimentos*”, que faz parte dos “*Ensaio de Sociologia*” de Marcel Mauss, antropólogo e sociólogo que debate sobre temas relacionados a ritos, entre muitos outros temas, destaca o processo de ritual oral dos cultos funerários australianos, em que as emoções aparecem como formas coletivamente demonstradoras do sentimento de luto na companhia do corpo morto. Essas ritualizações são fenômenos sociais, são linguagem, expressões de sentimentos e formas culturais. Ele observa que rituais e práticas sociais desempenham um papel fundamental na criação e manutenção de laços sociais, influenciando os sentimentos das pessoas, de modo que a expressão de sentimentos não é uma manifestação individual, mas está profundamente enraizada nas estruturas sociais coletivas e expressões de sentimentos.

Pensando em tempos de Covid-19, parto do princípio de que nos processos de ritual no tempo pandêmico acontecem modificações tanto a partir do Estado como também relativos ao medo de morrer. Logo no primeiro mês de decretação do estado de pandemia, teve início o processo de distanciamento dos corpos contaminados pela Covid-19 em estágio grave do convívio social, que resultou numa renovada *solidão dos moribundos* nos hospitais, apesar de todas as formas criativas de cuidado que foram surgindo em meio às limitações experimentadas, como foi amplamente discutido no capítulo anterior. De todo modo, as medidas de isolamento físico, necessárias para conter a propagação do vírus, resultaram na separação forçada de pacientes moribundos de suas famílias, tornando a experiência de morrer ainda mais solitária e o processo pós-morte mais desafiador. “Do hospital direto para o cemitério” (Silva, 2020) é a expressão que condensa o ritual pandêmico e o trajeto do corpo morto.

4.2 “O HOSPITAL LIGOU, PEDIU PARA LEVAR A DOCUMENTAÇÃO, ELE MORREU”: A COMUNICAÇÃO DA MORTE

“E cada qual no seu canto E em cada canto uma dor...”
Chico Buarque de Holanda, *A Banda*

A pandemia de covid-19 trouxe consigo uma série de desafios quando se fala no manejo das mortes, incluindo a forma como lidamos com a comunicação da morte. Neste momento, trago a discussão da dor associada à transmissão dessa notícia, principalmente para as pessoas enlutadas. Após a crise sanitária, em que o distanciamento social e as medidas de segurança foram essenciais para conter a propagação do vírus, tanto os enlutados quanto os profissionais

de saúde enfrentam novos desafios na comunicação da morte. É comum que a visita ao hospital para obter a documentação seja o primeiro passo para a notificação da morte.

Na discussão sobre os impactos da pandemia na comunicação da morte, considerando um dos principais danos as dificuldades práticas enfrentadas, destacam-se situações como a necessidade de informar aos familiares sobre o falecimento de um ente querido por meio de uma ligação telefônica (em algumas situações, os enlutados choravam, pedindo para serem informados imediatamente), até a busca por maneiras alternativas de promover o reconhecimento do corpo, à distância ou com o auxílio de fotografias.

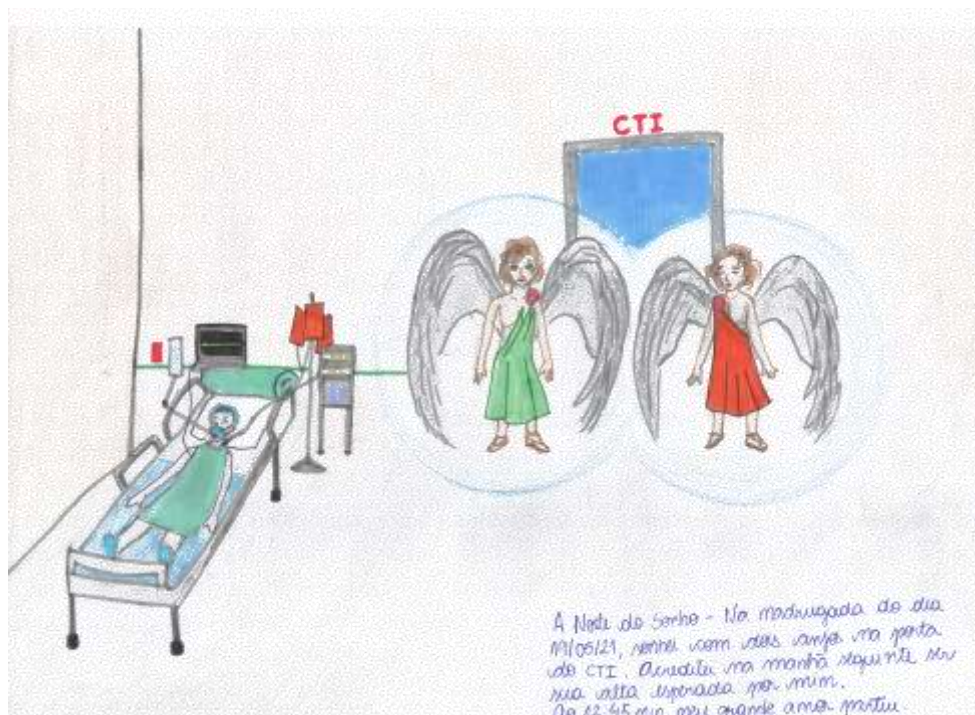
Começarei com o relato de Nalva sobre sua relação com o sentir a morte antes de comparecer no hospital. O depoimento retrata de maneira angustiante a experiência de Nalva, diante da comunicação da morte de seu esposo, Fernando e revela as dificuldades práticas enfrentadas pelos profissionais de saúde ao informar sobre a gravidade do estado de saúde de Fernando, bem como as limitações impostas pela distância e pela ausência física nos momentos da terminalidade não esperada.

Nalva relata um sonho com a presença de dois anjos na porta do Centro de Terapia Intensiva CTI, interpretado como um sinal divino e uma esperança de que Fernando iria se recuperar e voltar para casa. No entanto, a realidade trágica se impõe quando Nalva é chamada ao hospital para levar os documentos de seu esposo, e a confirmação de sua morte é comunicada. Nalva, 56 anos, moradora do Rio de Janeiro, esposa de Fernando narra o sonho da seguinte forma;

E aí quando foi na noite da quarta-feira, da terça para quarta, eu sonhei com dois anjos na porta do CTI, mas eram dois anjos muito grandes, muitos brilhosos, tão bonitos que brilhavam, irradiava. E aí de manhã eu fui abrir a palavra e falavam de dois anjos querubins e eu falei “ah, Deus está me dando a resposta, vou buscar Fernando. Vai voltar para casa”, aí acordei feliz na quarta-feira, falei com a Amanda, “Amanda, você não vai acreditar! Tive um sonho, dois anjos enormes, as asas deles nem cabiam no hospital, na porta do quarto dele”, porque eu sabia a posição que ele estava pelos vídeos que as meninas mandavam escondido pra mim. Muito limpo, muito direitinho, entubado, com a máscara, tudo e aí quando eu abro a palavra falava dessa passagem dos anjos. Olha Deus me dando a resposta, ele vai voltar para casa. E aí na quarta-feira, eu estava com um problema no meu joelho, aí quando deu 12:40 assim eu falei “vou tomar um remédio pra o meu joelho”, ia dar 12:50. Aí ela falou “mãe, vem aqui” [chorou por minutos], e a gente tinha combinado de não esconder nada uma para outra, “mãe, o hospital mandou chamar... pra levar o documento do meu pai”. Eu já sabia, porque com o meu irmão tinha sido assim... solicitar os documentos é a morte. Só que eu achava que era pra desentubar ele, para transferir ele. Eu sabia que já era, mas eu não queria acreditar que eu estava perdendo o grande amor da minha vida. [choro do pesquisador e da enlutada] fizeram de tudo para ele voltar, deram uma injeção de adrenalina no coração direto, acharam que ele ia resistir, mas não resistiu, acabei perdendo o grande amor da minha vida. (Nalva, entrevista realizada em 27/03/2023).

Nalva desenhou seu sonho, encontrou-se uma maneira de expressar sua dor e manter viva a lembrança do sonho com os dois anjos na porta do CTI;

Figura 31 – O sonho de Nalva



Fonte: Desenho elaborado pela enlutada Nalva (2023)

Acompanhar a entrevista de Nalva foi reviver aquele momento em conjunto, os choros de Nalva me levaram ao ambiente hospitalar no imaginário, já que nem a esposa teve a oportunidade de acompanhar nenhum momento esse processo. No seu livro *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami*, Hannah Limulja (2022) mostra como os yanomami oferecem uma explicação inversa à da psicanálise para o fato de uma pessoa sonhar com uma outra – não é o desejo do sonhador o que produz essa imagem onírica e sim o desejo de quem é sonhado, que pode estar com saudade daquele que sonha.

O relato de Nalva sobre seu sonho oferece uma metáfora na experiência da perda e a busca por formas de conexão em um contexto de distanciamento físico. Nesse contexto, o sonho pode representar uma manifestação do desejo de Nalva de estar presente no processo de despedida de seu ente querido no hospital, algo que lhe foi negado devido às restrições da pandemia. Por outro lado, o sonho traz também um elemento de antecipação, aparece como uma mensagem cifrada cujo significado, ancorado em um imaginário cristão, se mostra enganoso: onde Nalva interpretou recuperação, a mensagem era de partida. De um modo ou de

outro, o sonho nos fala de conexões: conexões entre a casa e o hospital, entre pessoas e anjos, entre a vida e a morte.

Além de Nalva, Silvania também sentiu a morte do seu marido com a ligação do hospital. Quando eles ligaram e pediram que Silvania fosse ao hospital, eram 18h da noite, e ela sentiu que algo “tinha acontecido”. Naquele momento, ela já sabia o que tinha ocorrido; “sentiu na mesma hora a morte”, porque, em sua concepção, ninguém é chamado para ir ao hospital às 19h da noite para ser uma notícia boa. Chamo a atenção ao elemento do “sentir”, do “pressentir”, do “antecipar” como um tipo de conhecimento que passa por outros registros que não o explícito, uma leitura de indícios, uma afetação.

Nesse momento, ela já pressentia o que havia acontecido, sentindo o peso da notícia que estava prestes a receber, ficou atenta para ter confirmação do que já tinha sentido. Ao chegar ao hospital, confirmando a morte, *“deixando-a sem palavras e com a sensação de que o mundo desmoronava ao seu redor, você não pensa e o mundo cai, cai, e você... fica sem chão, fica sem chão e você não tem nem como expressar os sentimentos.* É o luto, o contato com a realidade da morte de um ente querido. Mesmo que se pense nas circunstâncias em que a comunicação ocorre (e que poderiam ser melhoradas), o sentimento de “ficar sem chão” é inerente à perda de alguém.

A dificuldade de Silvania, moradora do Rio de Janeiro, esposa de Nelson, expressar os sentimentos diante dessa situação mostra as limitações entre a comunicação da morte e o amparo em um cenário de pandemia. A incapacidade de encontrar palavras e a sensação avassaladora de estar perdido ilustram a profundidade do impacto emocional que a comunicação da morte causa, sem preparação prévia, tornando-se uma experiência visceralmente dolorosa. A tristeza permeia cada palavra da enlutada, evidenciando a profunda dor e sofrimento. Enquanto ela compartilhava essa situação, as lágrimas surgiam, mesclando-se com suas palavras, num testemunho vívido da sua angústia que passou, porém tão presente.

Essa experiência compartilhada no depoimento de ambas as enlutadas reforçam a necessidade de uma abordagem humanizada¹⁰¹ mesmo no contexto crítico de uma pandemia. O sonho de Nalva e o pressentimento de Silvania foram passos para o entendimento da terminalidade dos seus esposos, considerando as dificuldades práticas, as limitações impostas pela distância física e o amparo de outras pessoas como um suporte contínuo no momento de liminaridade. Ambas enfrentaram a dificuldade de expressar seus sentimentos com palavras e encontraram uma maneira de lidar com a perda, como também destacam que, compartilham *“experiência ruim de receber a ligação do hospital”*, um momento que ficará gravado em suas memórias.

¹⁰¹ Aqui entra mais uma vez a discussão sobre política pública de humanização. Refere-se ao debate em torno das políticas governamentais voltadas para a promoção de práticas que priorizem a humanização, trazendo como exemplo a pandemia.

Conforme observado no campo e na literatura, a comunicação da morte é, de fato, um ponto sensível no processo de morte hospitalar e que se viu agravado na pandemia, como foi apreendido nos relatos delas. É importante destacar como essas mulheres e as pessoas que estavam junto delas foram fazendo a leitura dos indícios, desde o sonho até os pedidos que recebiam do hospital, para chegar ao conhecimento do que tinha acontecido com seus maridos. É importante também levar em consideração as circunstâncias suspeitas – o pedido do documento, a hora da ligação do hospital – na progressiva compreensão da morte de seu familiar. Nas próximas páginas, me debruço com mais atenção sobre esse tema.

4.2.1 As formas de comunicar em tempos de distanciamento social

Do ponto de vista sociológico, a morte pode ser descrita como o núcleo de um complexo cultural que envolve técnicas, costumes e valores. Isso significa que, para habituar-se à morte, cada sociedade, cada comunidade, cada grupo social, à sua própria maneira, acabou desenvolvendo dispositivos de suportes sociopsicológicos para conviver com a ideia de finitude. Com isso, a morte foi se transformando numa experiência institucionalizada socialmente, cercada de ritos, hábitos e técnicas (Mattedi; Pereira, 2007, p. 319).

Se, como sugerem Mattedi e Pereira (2007), a morte está no cerne de um complexo cultural que abrange técnicas, costumes e valores, a comunicação da morte faz parte desse todo complexo. Isso implica que cada sociedade, comunidade e grupo social desenvolveu, à sua própria maneira, mecanismos de apoio para lidar com a ideia da finitude, como também formas de organizar o processo do ritual de passagem. Consequentemente, a morte se tornou uma experiência institucionalizada socialmente, envolvendo rituais, hábitos e técnicas, as técnicas em torno do morrer no momento da pandemia trouxeram várias flexões de como os familiares receberam essas notícias da morte no contexto hospitalar.

Através dessa perspectiva das ciências sociais, como já foi enfatizado em diversas ocasiões nesta tese, compreendemos que a morte não é apenas um evento individual, mas sim um fenômeno que transcende o âmbito pessoal e se torna uma construção social coletiva. Nos contextos anteriormente mencionados de morte tradicional ou morte pública, a comunicação da morte não existia do modo como a referiremos nesta seção, pois ela ocorria diante dos olhos de todo mundo. Nesse sentido, comunicar a morte tinha mais o sentido de participar outras pessoas daquele evento, para que pudessem participar das exéquias ou dos rituais da morte – como se faz até hoje. Mas o sentido que utilizo aqui de comunicação da morte tem a ver com a morte hospitalizada, em que cabe aos profissionais de saúde, muitas vezes, dar a notícia aos familiares. A situação de pandemia trouxe vários agentes sociais e maneiras de lidar com a comunicação da morte, em um contexto em que os profissionais de saúde foram, geralmente, as últimas pessoas a estarem corpo a corpo com o familiar morto. Todas as enlutadas relataram que a comunicação

da morte foi um momento de dor, angústia e sofrimento. Uma delas recebeu a notícia por meio de uma ligação, outra através de uma mensagem nas redes sociais, enquanto outra não teve uma comunicação direta. Há também o relato de alguém que sentiu a dor de perder um ente querido duas vezes, devido a uma ligação equivocada.

Lysakowski et al (2020) refletem sobre a comunicação da morte em tempos de pandemia por Covid-19, a partir da experiência de enfermeiras que atuam em uma organização de procura de órgãos (OPO). O estudo discorre sobre os desafios enfrentados por esses profissionais no contexto da crise sanitária, e defende que o processo de humanização da comunicação efetiva da morte é fundamental, tanto para as famílias enlutadas quanto para os profissionais envolvidos. Para as autoras, no processo de comunicação de más notícias, existe um procedimento que leva em conta o histórico de saúde e doença do paciente. Nesse momento é relevante compreender as particularidades de cada local e de cada indivíduo, porém com a Covid-19 aconteceu restrição de circulação de pessoas e o isolamento social, o que limitou as relações entre as instituições de saúde e os grupos sociais que as acessavam.

Lysakowski *et al* (2020) discutem diversos aspectos em torno da *dificuldade na comunicação de situações críticas* as informações de saúde do doente sendo informadas por telefone e a notícia da morte sendo manifestada em portas de UTIs ou saguões de hospitais, sem ter um local acolhedor. Essas medidas foram compreendidas como necessárias para a não propagação da doença, porém será que essas são as únicas formas de comunicação da morte?

Em geral, a presença dos familiares é solicitada no hospital como uma forma de sinalizar que se trata de uma notícia grave sobre o paciente, sendo, na maioria das vezes, relacionada à notícia da morte. As questões levantadas no artigo de Lysakowski *et al* (2020) são: que nesse momento não são acolhidos em local adequado para a notícia, sem a oportunidade de expressarem sua perda com conversas de longa duração, nem tempo para fazerem perguntas pois é necessário realizar o afastamento, muito menos de conseguir enxergar o rosto dos profissionais da saúde que estão lhes dando uma das piores notícias, e o pior, sem a oportunidade de fazer uma última visita ao seu familiar, para despedir-se de forma adequada e como deseja (Lysakowski *et al*, 2020, p.74). Essas são questões importantes para reflexão, pensando, inclusive em pandemias vindouras: como conciliar a necessidade de afastamento do corpo e as práticas de biossegurança hospitalar, com as demandas do cuidado? Quando isso não é feito, é normal que venha acontecer um sentimento de revolta por parte dos familiares.

Também o texto de Silva (2021), destaca a solicitação de presença dos familiares no hospital como um *indicativo de uma notícia grave*, que na maioria dos casos é a notícia da morte. Como a maioria dos familiares não conseguem fazer uma última visita ao seu ente querido, para se

despedirem, essa comunicação se torna fria e problemática, restando um vazio que não é possível preencher.

A história vivida por Maiti, esposa de Rogério, ilustra de forma impactante os desafios enfrentados durante a comunicação da morte em um contexto de sobrecarga dos profissionais de saúde. Maiti recebeu uma notícia que seu marido, que estava internado no hospital Oswaldo Cruz¹⁰², havia falecido, apenas para descobrir, minutos depois, que se tratava de uma informação errada. Essa experiência foi profundamente angustiante para Maiti, ampliando ainda mais o sofrimento emocional que ela estava passando por ter perdido outros parentes pela Covid-19. Embora ela entenda que a situação evidenciou a “*pressão e a carga de trabalho intensa que os médicos enfrentam durante períodos de alta demanda de números de óbitos*”, Maiti não pode evitar sentir que seu marido morreu duas vezes. A comunicação equivocada da morte revela os desafios de lidar com as consequências emocionais que podem ter ficado na pandemia.

Esse foi o relato de Maiti:

Eu ainda recebi uma comunicação de uma morte, morte que não tinha acontecido... e é pior, né. Eu não sei, os médicos ficaram muito sobrecarregados nesse período, eles estavam com uma quantidade de pacientes enorme, mas receber a notícia que ele tinha falecido e ele não ter falecido foi horrível. Ela me ligou, depois de 5 minutos ela me ligou e disse “me desculpa, Maiti, eu me confundi, não foi seu marido. Foi outro Rogério”. E aí dá um momento de desespero de pensar “nossa, acabou tudo agora”, mas quando ela me ligou e falou “não, não era”, eu fiquei com as esperanças renovadas pensando “nossa, é uma segunda chance”. Mas mesmo assim, ele já estava bem ruim mesmo, entubado, ele já estava bem debilitado... e aí eu conversei lá e falaram “Maiti, se você quiser vir no hospital, a gente abre a UTI pra você entrar mesmo fora do horário de visita”. Então, eu já entendi aquilo como um sinal de que não havia possibilidade de recuperação, porque os médicos são muito objetivos às vezes, a gente que não quer entender. (Maiti, entrevista realizada em 27/03/2023).

No trecho acima, Maiti diz que teve um alívio temporário ao descobrir que seu marido ainda estava vivo, ficando com as *esperanças renovadas*, apesar de reconhecer que seu estado de saúde estava ficando debilitado. Ele já estava entubado e aumentando a gravidade da doença. Foi o oferecimento de abrir a UTI para que Maiti pudesse visitá-lo, mesmo vivenciando um momento de pandemia, que sinalizou que ele tinha chance de morrer.

Mônica, diferentemente de Maiti, recebeu a ligação no celular. Durante o processo da pandemia, percebeu que suas visitas ao hospital eram frequentes. Passava as manhãs lá, verificando os resultados dos exames e acompanhando a evolução do adoecimento de seu filho. No dia do falecimento dele, já havia retornado para casa, provavelmente no final da tarde ou à noite. Foi nesse momento que recebeu a ligação, por volta das 17h, confirmando a notícia da morte. E, mais tarde, por volta das 23h, o próprio médico assistente entrou em contato para

¹⁰² O Hospital Oswaldo Cruz está localizado nos arredores da Avenida Paulista em São Paulo. Este hospital é uma referência em diversas especialidades e possui uma estrutura moderna com 350 leitos, incluindo internação e UTI. Link: <https://www.hospitaloswaldocruz.org.br/> acessado: 31/01/2026

informar que ele havia falecido. Mônica não precisou ser “poupada” da informação sobre a morte de seu filho na chegada ao hospital.

Cláudia recebeu a ligação e precisou ir para o hospital receber a notícia. Ela destaca que essa ida até o hospital foi uma jornada angustiante. Durante toda a internação, a cada final de tarde, esperava a ligação do psicólogo ou médico para obter informações sobre o estado de saúde dele. Porém, houve uma piora, seguida pela notícia grave no dia seguinte. Essas informações geraram grande angústia em Cláudia, pois ela estava em isolamento social, sentindo-se sozinha na sua casa.

No dia seguinte de ter recebido a notícia da piora de seu marido, Cláudia tentou acessar os exames do esposo pela internet, mas para sua surpresa, não havia nenhum disponível, o que a levou a entrar em contato com o hospital. Ao se identificar como esposa de Ely e solicitar acesso aos exames, o médico pediu para falar pessoalmente com ela, o que já indicava para Cláudia que ele tinha morrido. Nesse momento, Cláudia compreendeu que seu esposo havia falecido. A notícia chegou de uma forma que deixou ela em choque.

Diante da tristeza e da necessidade de apoio que ela estava precisando naquele momento, Cláudia decidiu chamar a mãe de seu esposo para acompanhá-la ao hospital. Nos outros casos, as mulheres estavam acompanhadas dentro de casa. Aqui, ela está só. Reconhecendo que se a notícia fosse confirmada, ela teria que compartilhá-la posteriormente com a mãe, Cláudia optou por irem juntas, considerando que moravam próximas. Ela ligou para o sócio de seu esposo, explicou a situação e pediu para que ele as levasse, pois estava muito abalada.

Ela sentiu a necessidade de pensar em todos os detalhes, assim como seu esposo costumava fazer, pois destaca que ele era uma pessoa racional. É pertinente destacar que foram as possíveis formas de pensar em um preparo do corpo do seu marido. Pensou até mesmo que seu esposo pudesse precisar de uma roupa e a levou. Cláudia destaca que precisava ser prática como uma maneira de se distanciar do impacto emocional.

Ao entrar no carro, a mãe de seu esposo já parecia saber da notícia, pois não demonstrou desespero nem surpresa quando Cláudia mencionou que o hospital havia entrado em contato. Ela estava tranquila, conversando sobre assuntos aleatórios com João Carlos, o que intrigou Cláudia, que não conseguia falar sobre nada além da situação difícil que estava enfrentando, ou que ia enfrentar, pois a certeza só seria no hospital com a comunicação.

No hospital, a espera para receber as informações foi longa. Quando finalmente o médico as atendeu, a confirmação da morte veio, mas Cláudia ainda esperava ouvir que havia alguma esperança de sobrevivência, mesmo com dificuldades e a necessidade de fisioterapia, por exemplo. Cláudia na hora da entrevista chorando disse: “eu queria que eles me dissessem “Olha, tá muito mal, mas, ele vai sobreviver, vai demorar, ele vai ter que fazer fisioterapia, vai

ficar sem andar”, mas eu imaginava que ainda ia ter esperança, e não foi, recebi a notícia que ele tinha morrido...” Infelizmente, Cláudia sentiu a sensação de desamparo e perda de Ely.

O sentimento de desamparo de Cláudia leva a pensar sobre a falta de comunicação adequada, atraso na comunicação da morte, falta de informações sobre os exames levando ela a pensar na morte e suas preocupações em relação aos detalhes práticos, como a necessidade de uma roupa adequada para o esposo, situações essas que não foram abordadas no momento das informações sobre sua morte. Cláudia considera a comunicação incompleta, mesmo tendo a oportunidade de uma “atenção especial” quando comparada aos outros casos, entrando na sala com os médicos e podendo conversar com eles. Também conseguiu ficar perto de Ely durante o tempo da doença em um hospital privado.

A falta de apoio e amparo com o sentimento de desamparo também aconteceu com Débora.

Débora, 37 anos, esposa de Anderson teve a informação da morte por amigos secundários, relata que:

eu ficava olhando o celular, porque ficava com o celular direto esperando notícias, quando eu recebi uma mensagem via messenger de um desconhecido que trabalhava com ele, e eu não tinha ele como um amigo no facebook nem nada, mas ele me encontrou lá e já foi falando “meus pêsames, meus sentimentos” e foi ali que eu soube. Daí eu vi aquilo e... a ficha não caiu. Até que a minha cunhada resolveu me atender e eu comecei a perguntar desesperadamente o que é que tinha acontecido, como é que tava o Anderson, porque é que tinham me falado aquilo e ela negava o tempo todo, ela negava dizendo que não, que não era verdade. Até que depois de insistir muito ela me disse por telefone que era verdade mesmo e que eles não tinham me contado ainda, porque eles não queriam me falar por telefone, aí depois daquele momento é como se tivesse aberto um buraco, sabe? Nenhuma palavra que eu te falar agora eu vou conseguir descrever agora o que eu senti. (Débora, entrevista realizada em 26/04/2023).

O relato de Débora descreve sua experiência ao receber a notícia da morte de seu esposo, havendo uma falha no processo de comunicação – um vazamento. Como vimos no relato acima, Débora estava constantemente olhando o celular, aguardando notícias, quando recebeu uma mensagem de um desconhecido através do *Messenger*. Essa pessoa, que trabalhava com seu esposo, expressou seus pêsames e sentimentos, e foi nesse momento que Débora soube da notícia da morte do seu esposo. Ou seja, ela não recebeu a informação do falecimento de uma forma direta dos profissionais da saúde que cuidavam dele, como das enlutadas anteriores.

De forma semelhante ao que aconteceu com Nalva, que relata ter ficado “sem chão”, Débora descreve a sensação de abertura de um buraco em seu interior. A ausência de uma comunicação adequada intensificou os sofrimentos vivenciados por Débora, marcada pelo desespero e pelo choque ao ter de acompanhar as informações sobre a morte do esposo. A família optou por não lhe comunicar imediatamente o ocorrido, sob a justificativa de que a notícia seria

dada pessoalmente; contudo, esse adiamento produziu um vazio comunicacional que acabou por expô-la a outras formas de circulação da informação. Débora tomou conhecimento da morte por vias externas à sua rede familiar, o que evidencia uma ruptura na experiência da perda e produzindo sentimentos de abandono, desorientação e vulnerabilidade. É essencial considerar o impacto das notícias para as enlutadas, nesses múltiplos cenários da comunicação da morte dos seus entes queridos.

4.2.2 O risco da contaminação cruzada *post-mortem*: o cadáver enquanto agente contaminador

Entre vida e morte que são universais (Sahlins, 1990, p.113)

De acordo com Louis-Vicent Thomas (1993, p.13), o horror ao cadáver em decomposição é um universal humano, que em nossas sociedades toma como “pretexto” a questão da higiene. Se esse horror é um universal, epidemias e pandemias podem exponenciar o medo do corpo morto, levando a um acirramento das medidas de distanciamento. Nos primeiros tempos da aids, por exemplo, Troyer (2010) descreve as interdições impostas às *funeral homes* nos Estados Unidos, que formam proibidas de embalsamarem cadáveres de vítimas da aids. No Brasil, ativistas relatam a prática de enterramento em caixões de chumbo e em alas isoladas do cemitério (Farias, 2025), práticas que revelam a estigmatização que marca a história social da aids (Silva; Franch, 2026).

Também durante a pandemia da Covid-19, em 2020 e 2021, a percepção do corpo morto se alterou, pois ele passou a ser compreendido prioritariamente como um veículo de transmissão do vírus. No capítulo anterior, mostrei como os protocolos de biossegurança afetaram o processo de terminalidade dos doentes de Covid-19 hospitalizados. Aqui, apresento alguns protocolos que se aplicaram sobre os corpos mortos em seu trânsito do hospital ao cemitério, prestando atenção em como essas medidas afetaram os rituais de passagem.

O Manual do Ministério da Saúde para “manejo dos corpos” em contexto de pandemia (2020)¹⁰³ destaca uma série de procedimentos para lidar com o corpo morto que envolvem tanto os profissionais como também os familiares. Embora os objetivos desses procedimentos digam respeito à saúde pública, eles têm como desdobramento a ausência do corpo no ritual. No que tange à identificação, o corpo deve ser reconhecido pelos responsáveis, com um distanciamento de dois metros e sugere-se que o reconhecimento seja feito por fotografia eletrônica, evitando-se

¹⁰³ Link: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes-tecnicas/recomendacoes/manejo-de-corpos-no-contexto-da-covid-19> acesso 12 de outubro de 2023.

ao máximo a aproximação com o corpo morto. No caso de inumação, os caixões devem ser lacrados. Além disso, os velórios e as despedidas devem ser “abreviados”. Essa diretriz deve ser aderida durante os períodos de isolamento social ou de quarentena estabelecidos pelas autoridades locais ou governamentais.

Neste momento da tese abordo o risco da contaminação cruzada *post-mortem*, destacando como o cadáver, em contexto pandêmico, é apreendido e tratado como um agente contaminador pelo Estado, o que implica a aplicação de protocolos estritos de biossegurança que visam conter esse risco. A contaminação cruzada *post-mortem* se refere à transferência de microorganismos presentes no cadáver para o ambiente ou objetos utilizados no corpo para quem teve contato com o cadáver. Por isso a comunicação da morte era feita à distância, como uma forma de “minimizar” a exposição aos microorganismos presentes, protegendo assim a teia de contaminação cruzada.

As medidas de biossegurança implementadas para evitar a propagação da doença tiveram um impacto direto no ritual de morte: o corpo morto passou a ser tratado como potencial fonte de contaminação, e os enterramentos foram considerados eventos de alto risco, tanto pela proximidade com esses corpos como pela existência de “aglomerações”. Os processos de sepultamento e cremação se tornaram objeto de rígidas orientações, que foram postas em prática em meio ao caos nos hospitais e cemitérios de muitas cidades.

Quando os cuidados necessários são tomados no *post-mortem* e o manuseio correto é praticado com o corpo morto, não há razão para temer a disseminação da covid-19 por cadáveres, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS,2020). Podemos nos perguntar por que, embora a OMS tenha fornecido diretrizes e recomendações sobre o manuseio de cadáveres durante a pandemia de Covid-19, essas diretrizes e recomendações não levaram em consideração o processo subjetivo ritualístico no momento da terminalidade?

No manual Manejo dos corpos diretrizes gerais para o manejo de cadáveres unidade forense¹⁰⁴, documento que foi utilizado para apresentar diretrizes técnicas e operacionais para a atuação forense diante de mortes suspeitas ou confirmadas por Covid-19, nas indicações do manuseio do corpo do ambiente hospitalar até cemitério, também é possível perceber como o corpo é visto apenas como um agente contaminador.

Nesse sentido, o manual informa os direcionamentos necessários para a segurança e o bem-estar das “pessoas manuseando os cadáveres”, uma vez que o corpo infectado com Covid-19 continua potencialmente a ser uma fonte de risco de contaminação durante um determinado período (horas e possivelmente dias). Também nos rituais fúnebres, o cadáver é caracterizado

¹⁰⁴ FORENSIC Guidance for COVID-19 (depen.gov.br) acessado 14 de julho de 2023.

como o “risco”, descrito como “risco direto”, ou seja, o risco advindo dos processos técnicos realizados diretamente no corpo morto, ou como “risco de contaminação cruzada”, nos quais os objetos pessoais das pessoas falecidas são um fator contaminante.

O risco do cadáver aparece de diversas formas nos manuais consultados, que reconfiguram o corpo do “ente querido” para o tratamento de um corpo temido. Dentro da área de armazenamento temporário, nos hospitais, é necessário o cumprimento rigoroso dos protocolos de saúde e segurança em todos os momentos. De acordo com Medeiros (2016), o *post-mortem* inicia a “vida social dos mortos”, que consiste nas estratégias e procedimentos relativos ao corpo e suas transições técnicas e ritualísticas, nas formas de controle do corpo morto, na chegada para a autópsia, nas estratégias de presença nos “espaços públicos” (o rito fúnebre), momento em que se inicia os processos de luto, memória e reparação. Trata-se, por fim, de toda uma relação de tempo e espaço com “o lugar e o não lugar dos mortos”. Medeiros (2017) destaca que a vida social desses corpos é entrelaçada com o rito de passagem. Para a autora, a transformação de cadáveres em mortos visa reestabelecer as relações sociais que foram abaladas pelo acontecimento morte e individualiza o corpo morto.

As orientações sobre os óbitos durante a pandemia da covid-19 foram aparecendo tanto nas instituições públicas como nas privadas. Por meio desses documentos, os corpos ganharam outras classificações, cuidados e técnicas. O Hospital Albert Einstein (mantido pela Sociedade Beneficente Israelita Brasileira) estava em constante atualização sobre as orientações quanto a preenchimento de Declaração de Óbito, durante a pandemia. Suas orientações colocam em destaque três situações: Situação 1: Óbito confirmado Covid (+) B34.2: Casos confirmados devem seguir a Declaração de Óbito (DO), preenchida como bem definido, seguindo as Orientações o Preenchimento da DO. Situação 2: Óbito com suspeita de Covid-19 (em investigação, mas ainda não confirmado) Casos de Síndrome Respiratória Aguda Grave sem diagnóstico etiológico e casos suspeitos de Covid-19 com investigação em andamento devem colher *swab* nasal/orofaríngeo post-mortem (até 24h após o óbito) caso não tenha material colhido em vida e preencher a Declaração de Óbito como “MORTE A ESCLARECER – aguarda exames”¹⁰⁵, e a situação 3 era para demais casos⁴. foi utilizado como guia de orientação para profissionais que atuam no processo de investigação e documentação de mortes por Covid-19, especialmente em contextos institucionais. A facilidade ou dificuldade de acesso a essas informações e essas informações detalhadas eram passadas por esses manuais.

¹⁰⁵ Parte retirada do [MANEJO CASOS SUSPEITOS DE SÍNDROME RESPIRATÓRIO PELO NOVO CORONAVÍRUS \(2019n-CoV\) \(einstein.br\)](https://www.einstein.br/pt-br/assuntos/covid-19/manejo-casos-suspeitos-de-sindrome-respiratorio-peelo-novo-coronavirus-2019n-cov) para esclarecimento do processo de declaração de óbito.

Trouxe o exemplo de algumas cartilhas e manuais como ilustração do modo como a sociedade, de modo geral, passou a adotar “mecanismos urgentes” para lidar com o corpo morto. Nos casos suspeitos de Covid-19, aplicavam-se os mesmos critérios de distanciamento, isolamento e temor em relação ao corpo. Mesmo diante da dúvida, os familiares não eram autorizados a realizar os rituais desejados, e o corpo acabava sendo codificado na esfera das limitações das relações, limitado ao contato, ao afeto e à despedida. Nas situações confirmadas em que a morte não tinha relação com a Covid-19, o rito fúnebre também se via interrompido, pois a própria gestão institucional da morte impunha restrições baseadas nas condições materiais dos corpos marcados pela Covid.

4.2.2 “O corpo identificado”: reflexões sobre o reconhecimento *post-mortem*

Após a notícia da morte, como fica o corpo? O artigo de Neves (2016) “Entre pessoas, corpo e coisas: a vida social de cadáveres em laboratórios de anatomia”, elaborado a partir de pesquisa em um laboratório de anatomia de uma Universidade na cidade de Porto (Portugal), busca refletir acerca do estatuto dos corpos que lá se encontram, questionando, fundamentalmente, o processo através do qual estes foram cedidos ao laboratório.

No contexto da sua pesquisa, torna-se evidente o deslocamento identitário do corpo, em que ocorre uma mudança na sua nomenclatura, transformando-se em corpo morto e sendo institucionalizado. O texto descreve um corpo que transita entre o estatuto de coisa e pessoa, oscilando entre objeto de troca e objeto de sacralização. Essa dinâmica é marcada por ressignificações e transitoriedade, que envolvem tanto a humanização quanto a mercantilização do corpo (Neves, 2016, p.208).

Já na minha dissertação de mestrado (Silva, 2021), abordei como o manejo do corpo morto ocorre em uma instituição hospitalar com pacientes de câncer em João Pessoa (Paraíba). A pesquisa se viu atravessada pela Covid-19 e os riscos associados a esse cenário em momentos de alta mortalidade e possíveis contágios entre a equipe médica também foram discutidos. Mesmo com todas as orientações recebidas, os técnicos de enfermagem que participaram da pesquisa, queixaram-se do medo da contaminação. Inclusive, uma profissional de saúde faleceu de Covid logo nos primeiros meses da pandemia (Silva, 2021).

As perdas em massa e os sistemas de biossegurança em relação ao corpo morto em um curto espaço de tempo durante a pandemia geraram uma reflexão sobre as dificuldades no manuseio do corpo suspeito ou com Covid-19 nos hospitais. Mas também geraram questionamentos em relação a como incluir os familiares dos pacientes num processo que, por

si, já não é fácil, quanto mais em um período de excepcionalidade. Como lidar com as subjetividades dos familiares, quando o corpo do ente querido pode representar um risco de contaminação para as pessoas próximas?

Na pesquisa de mestrado, em ambiente hospitalar, me familiarizei com todo um vocabulário dos profissionais que lidavam especificamente com o corpo morto e um termo que chamou minha atenção foi o de “envelopar”, que se refere aos procedimentos que ocorrem imediatamente logo após a morte de um paciente até sua descida para o depósito. Após a eclosão da Covid-19, o processo de “envelopar” o corpo passou a ser realizado com maior rapidez pois “não poderia ficar muito tempo nesse procedimento devido ao risco”, conforme destacado pelos profissionais em relação ao corpo suspeito de Covid-19. Para dar início a esse processo, era preciso que os familiares realizassem o reconhecimento do corpo, o que precisava ser feito de modo apressado para evitar uma exposição mais longa a uma situação percebida como de alto risco. Naquele contexto, os profissionais perceberam que estavam confrontando o medo relacionado ao cadáver, ao corpo terminal e ao vírus, um vírus invisível que amedronta as relações entre os profissionais e os pacientes, mesmo no post-mortem. Esses profissionais não apenas lidavam com seus próprios sentimentos, mas também enfrentam um período de calamidade em tempos de pandemia em relação aos corpos mortos.

O reconhecimento do corpo na pandemia, portanto, fica nesse trânsito entre coisa e pessoa, técnica e sujeitos. Passando agora para a perspectiva das enlutadas, as restrições afetaram diretamente os rituais funerários e a forma como as famílias puderam se despedir, reconhecer e ter certeza da morte de seus familiares. Nesse contexto, um desafio enfrentado foi a dificuldade de acesso aos hospitais e casas funerárias, pois na maioria das vezes os agentes funerários já receberam o corpo no “saco”.

Taíze destaca que seu pai Efigênio foi reconhecido por meio de uma foto por seu irmão, que posteriormente foi apagada. Janaina Arruda também relata que reconheceu seu irmão por meio de uma foto, na qual ele estava com barba, algo que nunca tinha visto nele antes. Luanda Catarina, por sua vez, não teve a oportunidade de realizar o reconhecimento do corpo de sua mãe. Maiti teve a chance de reconhecer o corpo de seu marido, porém sua irmã foi em seu lugar, assim como Silvania, cujo reconhecimento foi realizado por um amigo, que era como um irmão para ela.

Fernanda, moradora de João Pessoa, filha de Alexandro, que não teve reconhecimento do corpo igual o caso de Luanda Catarina moradora de Cuiabá, filha de Maria Moraes, questiona:

Não teve. Depois a gente até se questionou sobre isso, que teve gente que falou que teve [velório], e outros falando que era assim, mas não tivemos, não tivemos velório, não tivemos o enterro com caixão fechado, foi tudo acertado e mandado direto, mas a gente não fez reconhecimento do corpo. Eu não sei

se seria melhor ou pior, porque **a gente conversou com muita gente nesses grupos de apoio ao Covid, aos enlutados, que disse que foi horrível, mas não sei, poderia ter sido pior, mas não sei, ao mesmo tempo gente queria e ficamos sem entender, porque você não sabe nem se isso é certo, se é errado, se não tem alguma coisa. Você fica até pensando... nossa... e se não for, se não era ele, se mandaram errado, sendo que nem tem como, mas são coisas que veio muito mais com o tempo do que na hora**, no momento do enterro você está com tanta dor que eu acho que a gente foi perceber que não houve esse reconhecimento do corpo depois porque a gente queria um velório, **a gente queria as coisas que estava proibida na época.** (Fernanda, entrevista realizada em 28/03/2023).

No caso de Fernanda, o relato evidencia a ausência do reconhecimento do corpo. Não puderam ver o corpo e tiveram o enterro com caixão fechado. Esse processo foi realizado de forma acelerada e direta, sem a oportunidade de realizar o reconhecimento físico do ente querido. A falta desse momento de despedida e de confirmar a identidade do corpo trouxe dúvidas e questionamentos para Fernanda. Fernanda também destaca que os grupos de apoio a enlutados, outras pessoas descreveram essa experiência como horrível. Porém, mesmo sem saber se seria melhor ou pior ter tido o reconhecimento, a falta desse processo deixou um sentimento de incerteza e de não ter tido a oportunidade de se despedir adequadamente.

Embora não seja mencionado pela interlocutora nesse momento, vale a pena ressaltar a difusão de notícias e boatos sobre corpos trocados, caixões vazios e óbitos com nomenclatura da morte trocada. Essas difusões de notícias contribuíam para um clima de desconfiança para as enlutadas. Não ter reconhecido o corpo podia dar ensejo a uma cadeia de desconfiança em relação ao próprio morto enterrado. Pensar que essa é a segunda situação de equívoco apareceu em outras passagens da tese, como no caso de Maiti, que recebeu uma ligação informando que o marido tinha morrido, sem ser verdade.

Janaina Pascualetto discorre sobre seu sentimento de arrependimento. Ela precisava voltar ao hospital às 7 horas para reconhecer o corpo, mas decidiu não ir “Não tendo certeza se teria sido melhor ter visto”. Janaina viu seu marido sair de casa, pois ele estava andando e segurando o ombro dela, dirigindo, e “simplesmente nunca mais o vi, nem mesmo seu corpo”. Hoje em dia, lamenta profundamente não ter ido vê-lo, para encerrar esse ciclo em sua mente, esse ciclo que testemunhou, “mas não vi”. Podemos perceber a angústia de Janaina em lidar com a ausência e a falta de encerramento emocional do vivenciar o momento do reconhecimento do corpo. Ela sente um desejo de completar esse ciclo, de ter uma visualização concreta da despedida, na presença do corpo do seu marido, como se a visão do corpo pudesse trazer um fechamento para o processo.

Como apontado na seção anterior, as medidas de distanciamento social e as preocupações com a propagação do vírus levaram às restrições no acesso aos corpos nas

instalações médicas, interditando o reconhecimento de perto. Muitas vezes, as enlutadas foram impedidas de ver ou tocar o corpo antes do enterro ou cremação. Como mostrado acima, têm enlutadas que só depois perceberam que não tiveram reconhecimento do corpo, que não têm certeza que é o corpo da sua vítima da pandemia. Além das restrições da própria pandemia, também ocorreram atrasos e dificuldades na liberação dos corpos devido ao aumento no número de óbitos durante a pandemia.

Mônica Oliveira, 55 anos, mãe de Marcello, não levou em consideração as medidas de distanciamento social e as preocupações com a propagação do vírus com as restrições ao corpo:

Foi terrível, com a sensação de que eu não fiz o que poderia ter feito. E que ele foi uma vítima do sistema, da ignorância das pessoas, da cabeça fechada, do autoritarismo, do negacionismo, porque foi negada a vacina para ele, uma pessoa que era profissional de saúde. Tudo isso veio à tona no reconhecimento do corpo, pedi perdão a ele por não ter feito o suficiente, porque a gente sempre acha que não fez o suficiente. Eu sinceramente eu não fiz nada, porque tudo o que eu tentei eu não consegui. Foi presencialmente. Inclusive, quebrei todos os protocolos, porque eu me abracei com ele, eu o beijei, eu fiz todas as despedidas que eu achei que deveria. Nessas horas a gente não pensa nem em contaminação, não pensei em nada disso. (Mônica Oliveira, entrevista realizada em 24/04/2023).

O relato de Mônica se torna relevante no contexto da pandemia, pois revela as emoções intensas e os sentimentos de vulnerabilidade que as enlutadas enfrentaram no momento do reconhecimento do corpo. Ela expressa a sensação de não ter feito o suficiente para proteger seu filho, que, como profissional de saúde, não teve acesso à vacina antes de sua morte. Esse sentimento de culpa e indignação reflete a frustração diante do sistema, da ignorância das pessoas quando se falava da vacinação, do autoritarismo e do negacionismo que contribuíram para a negação da vacinação, todos esses sentimentos apareceram no momento do reconhecimento do corpo do seu filho.

Nesse momento com um choro profundo, no momento de reconhecer o corpo, Mônica sente a necessidade de pedir perdão por não ter feito mais, uma sensação comum em situações de perda, principalmente com as limitações de recursos que uma pandemia provoca. Ela descreve como quebrou todos os protocolos de segurança para se despedir do seu filho, abraçando-o e beijando-o, sem se preocupar com a contaminação.

O relato de Mônica pode ser relacionado à ação social afetiva de acordo com a perspectiva de Max Weber (1999). Weber classificou quatro tipos ideais de ação social, sendo um deles a ação afetiva. Essa forma de ação é baseada nas emoções. No relato de Mônica, podemos observar claramente a manifestação de ação afetiva. Ela descreve como, apesar dos riscos de contaminação durante a pandemia, ela se deixou levar pelas emoções e quebrou os protocolos de segurança para se despedir do seu filho. Ela abraçou e beijou, realizando todas as

despedidas que sentiu que deveria fazer, sem se importar com as consequências. Mônica agiu pela dor da morte, morte de um filho e seu desejo de se despedir com o toque, não racionalizando e colocando a biossegurança. Depois desse momento Mônica foi realizar os processos burocráticos de funerária.

Além do relato de Mônica, Cláudia e Eliane também compartilharam suas experiências durante o momento de reconhecimento dos corpos de seus entes queridos. Ambas descreveram ter visto sangue no corpo de Ely (esposo de Cláudia) e Edivaldo (pai de Eliane), o que intensificou no momento do reconhecimento deixando marcas profundas. A presença do sangue foi uma imagem marcante que reforçou a realidade da morte, deixando uma lembrança em suas memórias, e levando-as a questionar: será que não seria possível realizar uma limpeza no corpo durante esse processo? Esses detalhes visuais de Cláudia e Eliane acentuaram como o momento da pandemia cria limitações em um processo importante no ritual de passagem.

Mais uma vez, recorro a minha pesquisa de mestrado (Silva, 2021), na qual explorei as complexas temáticas relacionadas ao conceito de morte em uma instituição hospitalar, junto a pacientes com câncer em cuidados paliativos. A partir do caso de um paciente que morreu em meio à perda de sangue, destaquei a categoria “o sangue e a má morte”, aprofundando-me nas discussões que abordam as interações entre esses elementos. Pensando com Mary Douglas (1976), percebi que o sangue é sinal de desordem, impureza, e uma substância que liga o corpo morto ao processo da morte. É algo fora de lugar naquele momento em que já finalizou o sofrimento, atuando como uma lembrança, um resquício, um rasto, um resto.

Eliane destaca que teve uma “*mistura de apreensão e coragem*” no momento do reconhecimento do corpo do seu pai. Dirigiu-se sozinha ao necrotério do hospital e à medida que a gaveta se abria, uma sensação de angústia aparecia, já que em todo o processo se sentia muito sozinha. Lá estava ele, com uma faixa enrolada em torno do rosto, a língua para fora e vestígios de sangue escapando de seus lábios. A imagem diante dos seus olhos retratava a fragilidade e os limites de uma pandemia, em que os corpos não são minimamente preparados para seu reconhecimento. Uma visão que deixou marcas na sua experiência de perda.

Já Cláudia relata que precisava reconhecer o corpo. Deu uma olhada rápida, pois para ela foi “uma visão muito chocante”. No entanto, ouviu o que a esposa de João Carlos (um amigo) disse, que talvez tenha sido bom ter visto, pois com o tempo conseguimos elaborar isso de outra forma. Hoje, realmente, não se arrepende dessa decisão. Foi uma experiência extremamente difícil e rápida demais, algo que nunca havia enfrentado antes. “Ele estava envolto em um saco preto, que foi aberto, e pude ver o sangue escorrendo pelo nariz, com o rosto já pálido e os

olhos fechados”, disse Cláudia, “parecia que ele estava apenas dormindo, mas sabia que não era o caso... decidi partir logo, pois não podia ficar ali, e o caixão precisava ser lacrado”.

Com esses relatos podemos perceber que o corpo acaba transitando em determinadas esferas e suas contextualizações - entre o estatuto de pessoa, coisa e mercadoria. Pessoa para os familiares, que reconhecem, mesmo numa rápida visão, os traços de uma vida que compartilharam; coisa, pela aparência do corpo guardado às pressas em um saco plástico preto, sem mesmo o tempo e o cuidado de limpar o sangue ou guardar a língua dentro da boca; e mercadoria, uma vez que uma das características desse período foi o aumento da comercialização de planos funerários¹⁰⁶. Isso aponta para uma mudança nas relações sociais entre o fenômeno social da morte e o corpo pandêmico após a morte, sugerindo que questões econômicas desempenham um papel na maneira como as pessoas lidam com essa transição entre a vida e a morte.

Como afirmam Silva e Rodrigues (2023), “a maneira como as atividades econômicas e sociais estão paralelamente ligadas à morte” faz parte das formas contemporâneas de organização social da morte. Voltando à compreensão do corpo como “coisa”, o artigo de Neves (2016) assinala que os corpos mortos à disposição do laboratório de anatomia são identificados por números gravados em etiquetas atadas aos corpos. No contexto da pandemia, as etiquetas dos corpos mortos por Covid-19 tiveram em seus códigos a causa mortis, que determinou todo um tratamento específico ao corpo.

Também faz parte da aceção do corpo morto como “coisa” todo o tratamento burocrático em torno dele. Dessa forma, é pertinente perceber a codificação dos corpos, e *o processo de reconfiguração do corpo morto a partir da burocracia*. Neves (2016) mostra que é a burocracia a que torna aquele corpo o de uma pessoa sem vida, detentora de uma Declaração de Óbito e, por consequência, de determinados direitos e proteções. Uma vez que o morto não pode falar por si, a burocracia produz os documentos necessários à destinação final dos corpos mortos – no caso da pesquisa de Neves (2016), um laboratório de anatomia.

No processo de pandemia, portanto, o corpo ganha múltiplas dimensões e passa a transitar entre diferentes contextos sociais. Além de ser o corpo de um ente querido, ele é também

¹⁰⁶ Embora a mercantilização da morte anteceda o período analisado, o recorte temporal aqui mobilizado refere-se a mudanças na intensidade, na visibilidade pública e na racionalização dessas práticas, especialmente evidenciadas durante a pandemia de Covid-19. Segundo dados divulgados pela Associação Brasileira de Empresas e Diretores do Setor Funerário (ABREDIF), a demanda por serviços funerários no Brasil cresceu cerca de 30% em março de 2021, em comparação com o mesmo período do ano anterior, indicando não apenas o aumento do volume de serviços, mas também a necessidade de reorganização, profissionalização e ampliação da oferta de bens e serviços vinculados ao morrer. Fonte: *Setor funerário cresce 30% em março de 2021, segundo dados da Abredif*. Terra, 01 abr. 2021. Disponível em: [Setor funerário cresce 30% em março de 2021, segundo dados da Abredif](#). Acesso em: 1 fev. 2026.

considerado um agente de contaminação, e um objeto de mercado para empresas funerárias no seu *post-mortem*. Uma vez reconhecido, o corpo é inserido no contexto do mercado funerário. As enlutadas destacaram que em muitos hospitais vários agentes funerários ficavam na frente esperando a morte, uns verdadeiros “urubus”, conforme definiram algumas enlutadas.

No âmbito das emoções, o corpo morto devido à Covid-19 desperta uma gama de sentimentos nas pessoas enlutadas, o não reconhecimento do corpo de uma forma adequada ativou consequência no processo do luto. A perda de um ente querido para a doença provoca sofrimento, mas também pode gerar medo, e até incerteza de quem está no caixão.

O estudo de Neves (2016) traz uma contribuição importante ao descrever a técnica de identificação dos corpos durante a pandemia. A utilização de números gravados em etiquetas atadas aos corpos mortos destaca as mudanças de nomenclatura e a transformação do corpo morto em um objeto codificado. Os códigos da causa mortis registrados com caneta, especificamente relacionados à Covid-19, passam a fazer parte da identificação dos corpos pandêmicos, acrescentando um elemento adicional no processo da pandemia que é a complexidade das práticas de reconhecimento o corpo.

4.3 DISPOSIÇÃO DO CORPO E OS VELÓRIOS ABREVIADOS: “DO HOSPITAL DIRETO AO CEMITÉRIO”

A morte da Covid-19, a ausência dos corpos, a ausência de velórios, diminui as chances de uma última relação presencial com o morto, um último momento em que o corpo ainda está no lado da vida, cercado pelos seus. Ao contrário, estamos diante do medo do cadáver, agente ele mesmo de morte, e esse medo inconscientemente provavelmente se traduzirá em uma agressividade em relação ao morto, a uma aversão prematura, mas protetora. As fantasias do contágio do morto, simbólicos, aqui são bem reais (Rial, 2020, p. 5).

Em sua contribuição ao Boletim Cientistas Sociais e Coronavírus, Carmem Rial (2020) traz uma reflexão interessante sobre a morte no contexto da pandemia, sob uma perspectiva ritualista dos enterros abreviados, destacando a ausência de rituais tradicionais de despedida, como velórios, devido às restrições sanitárias e ao medo de contágio. Essa ausência pode diminuir as oportunidades de uma última interação presencial das enlutadas com os entes queridos.

Rial também aponta para o medo do cadáver como um agente de morte e como esse medo pode se manifestar de forma inconsciente, levando a uma agressividade ou aversão precoce em relação ao morto, e realizando os enterros “do hospital para o cemitério”. Essa aversão pode ser interpretada como uma forma de distanciamento do corpo morto, uma maneira de evitar a contaminação cruzada, direcionando o corpo para o seu sepultamento ou cremação. Nesta seção

tratarei de todos esses procedimentos como formas e processos de *disposição do corpo*, expressão que foi referida pela enlutada Taíze Santana e que também é possível encontrar nos estudos sobre a morte e os mortos.

De um modo geral, a disposição do corpo refere-se às formas pelas quais o corpo de uma pessoa morta é tratado. No contexto das vítimas da covid-19, a disposição do corpo indica como o corpo morto foi manipulado e posicionado no ritual após a morte, incluindo práticas como o velório, o preparo para o sepultamento com a tanatopraxia ou cremação, e os rituais simbólicos do grupo e materiais do corpo que envolvem seu encaminhamento do ciclo do ritual de morte. Essa disposição é moldada por aspectos culturais, religiosos, sanitários e o desejo do morto, expressando sentidos coletivos sobre a morte e a dignidade do corpo morto.

Na minha tese, foram identificados 11 (onze) rituais de cremação e 19 (dezenove) rituais de sepultamento¹⁰⁷, como mostra o esquema a seguir.

Esquema 5 – Disposição do corpo



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2025)

O esquema intitulado acima “ciclo do ritual de morte” demonstra duas formas predominantes de disposição do corpo após o falecimento: O SEPULTAMENTO E A CREMAÇÃO. Ambas são práticas culturalmente realizadas no território brasileiro e permitidas

¹⁰⁷ Este mapeamento refere-se exclusivamente à primeira entrevista, realizada no início do trabalho de campo no doutorado. Ao longo dos anos seguintes, até 2026, ocorreram outras configurações nos percursos *pós-morte*, incluindo situações em que pessoas inicialmente sepultadas passaram posteriormente pelo processo de cremação. No entanto, para os fins analíticos deste trabalho, opta-se por um recorte temporal específico, centrado no primeiro momento do trajeto, isto é, da saída do hospital até o cemitério, considerando-o como um recorte etnográfico situado e metodologicamente delimitado.

por lei, porém no caso da cremação, há requisitos específicos para que ela ocorra legalmente. A norma principal que regulamenta essa prática é a Lei Federal nº 6.015/1973, é importante destacar que a cremação só pode ocorrer após 24 horas do falecimento, salvo em casos especiais determinados pela autoridade sanitária, que foi o caso da pandemia de Covid-19.

No lado esquerdo do esquema, vemos a divisão entre sepultamento, caracterizado pela colocação do corpo em um caixão, que é então enterrado no solo ou acomodado em gavetas de cemitérios verticalizados, e cremação, que corresponde à incineração do corpo, sendo, entretanto, um procedimento que geralmente necessita de autorização prévia ou vontade expressa da pessoa falecida ou de sua família. Para a enlutada Suzyany, o corpo, após o cumprimento dos rituais, “vira nada” e, por essa razão, o velório e o enterro foram compreendidos como etapas necessárias, o que a levou a preferir que seu marido, Jonas, fosse sepultado.

O verbete “velório”, termo de origem luso-brasileira, deriva do ato de velar, que significa cuidar e vigiar o falecido durante suas últimas horas no mundo dos vivos. Durante esse período, “os familiares e amigos protegem o morto, garantindo que ele não se perca no caminho que leva da morte a outra vida” (Reesink, 1995, p. 92). Segundo Rodrigues (1983), o velório é um momento de exposição socialmente regulada do corpo, no qual o falecido é visto pelo grupo social, configurando-se como uma ocasião pública de partilha da morte e de produção de sentidos coletivos em torno da perda.

Nesse sentido, o corpo presente no ato de velar faz parte do processo ritualístico, percebido como um evento de natureza pública (Ariès, 1975). Essa ausência de exposição do corpo, ou podemos dizer o corpo oculto durante esse traslado, contribui para a percepção de como evento como um acontecimento que deveria ser de natureza pública, no momento da pandemia se tornou privado. Essa reflexão antropológica sobre o velório traz à tona a importância dos rituais funerários na nossa sociedade e perceber como o trajeto “do hospital direto para o cemitério” tem afetado essa prática de despedida.

No Boletim n.25 da ANPOCS, Silva (2020b) fortalece esse pensamento sobre o momento do velório como parte do sistema de interação dos enlutados, “que é preciso tocar, falar, chorar e ir o morto. O velório é parte da elaboração da perda (p.2)”;

O velório é parte essencial dos rituais funerários justamente porque permite aos vivos reunidos em copresença um espaço de transição e de elaboração da mudança social que a morte impõe. É no velório que se inicia a transformação do vivo em morto através da visualização do cadáver, da observação da face da morte e dos toques no corpo que comprovam que aquele parente e amigo agora é um ancestral (Silva, 2020b, p. 2).

O pensamento de Silva (2020b) apresenta uma reflexão sobre a importância do velório como parte essencial dos rituais funerários. Ela ressalta que o velório proporciona um espaço de transição e elaboração da mudança social que a morte traz consigo. Ao reunir os vivos em copresença, permite-se a visualização do cadáver, a observação da face da morte e os toques no corpo, que simbolizam a transformação do ente querido.

O velório é uma das etapas no processo de luto e despedida, porém as despedidas pandêmicas tiveram uma nova configuração com restrições de toque de afeto. A morte convida a compartilhar o sentido da comoção coletiva, expressar emoções, compartilhar histórias e memórias, e iniciar o processo de adaptação à perda. Muitos desses momentos na pandemia aconteceram em espaços virtuais.

Silvia Helena, jornalista e filha de Zélia, relatou a experiência de enterrar sua mãe em meio às restrições impostas pela pandemia, destacando os sentimentos nos rituais funerários. No dia seguinte ao falecimento da sua mãe, sob forte chuva, ocorreu o sepultamento, ainda nas primeiras horas da manhã. O caixão estava lacrado, e o protocolo só permitia a presença de duas pessoas por enterro, não tendo contato no momento do velório.

No entanto, Silvia recorda que cerca de quinze pessoas da família estiveram presentes, mesmo diante do risco de contaminação, movidas pela necessidade de se despedir. Ela enfatiza que isso foi possível devido à chuva e à falta de fiscalização no momento, pois apenas os trabalhadores do cemitério estavam presentes para realizar o sepultamento. A cena foi descrita como extremamente violenta. Segundo ela, o corpo da mãe foi praticamente despejado na sepultura, em uma imagem que comparou à de “um cachorro sendo jogado”. A dor foi intensificada pela impossibilidade de realizar sequer uma oração completa, nem o “Pai Nosso, nem uma Ave Maria”, o que agravou a sensação de brutalidade no ritual de sepultamento e de ausência de dignidade no momento da despedida de sua mãe.

Nesse momento apresento também a narrativa de Nalva que enfrentou a “rapidez para enterrar” o seu marido, igual a Silvia. A narradora compartilha suas dificuldades ao lidar com as restrições impostas pela pandemia no processo de despedida e funeral. Apesar desses relatos que dão conta de despedidas breves em meio a restrições, diversas estratégias foram desenvolvidas pelas entrevistadas para “burlar” os protocolos mais restritivos. Isso dá um contraste interessante com o senso comum sobre como a dimensão da biossegurança tomou conta de tudo, destacando a complexidade vividas durante as experiências pandêmica.

Na Ilha no Rio de Janeiro, onde Nalva mora, havia uma situação delicada: não havia vagas disponíveis no cemitério da Cacuia. Fernando, sempre dizia à sua esposa, de forma

decidida, que se ele partisse antes dela, não queria ser enterrado fora da Ilha, pois era o lugar onde nasceu e desejava permanecer.

Ele tinha duas vontades claras, que falou para Nalva: não queria ser cremado e queria ficar na Ilha enterrado no local que viveu¹⁰⁸. No entanto, devido ao alto número de enterros por conta da Covid-19, encontrar uma vaga no cemitério foi difícil, as mortes estavam se acumulando e o espaço estava se tornando pequeno.

O falecimento de Fernando ocorreu no dia 19 de maio de 2021, só, no dia 21, conseguiram uma vaga no cemitério para realizarem o enterro. Contudo, devido às restrições impostas pela pandemia, o caixão foi mantido fechado, sem a possibilidade de visualizar o ente querido pela última vez.

A Nalva de Fernando (assim como ela se descreveu no momento da conversa), mesmo diante das circunstâncias pandêmicas, sentiu uma necessidade intensa de ver o marido. Ela sabia de amigas que haviam perdido entes queridos e não puderam se despedir adequadamente, e isso a deixou com um “sentimento de angústia” no momento do enterro. Ela percebia que suas experiências de luto eram distintas, pois a morte de Fernando fora especialmente brutal, quase como uma morte em guerra.

Nalva relata “*a gente teve morte diferenciada. Eu não estou diminuindo aquele que morreu com câncer, com acidente, mas nós tivemos mortes, assim, muito brutas. É como eu falei para você no começo, o meu marido teve morte de guerra...*”. Na cultura brasileira, pronunciar o debate da morte é perceber que existem diferentes sentidos em torno dela. Algumas das classificações mais comuns são “morte morrida x morte matada”, que correspondem à morte violenta e à morte por velhice ou doença. Cada uma dessas mortes caracteriza uma forma diferente de especificar sua causa e, desta forma, o seu significado (Rodrigues, 1983).

Além de Rodrigues (1983) na obra “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”, o antropólogo Bronisław Malinowski aborda o tema da morte e dos rituais funerários nas sociedades das Ilhas Trobriand, localizadas no Pacífico Ocidental, na qual a morte natural por velhice é considerada possível;

¹⁰⁸ Na obra *Ilhas de História*, ao analisar a morte do capitão Cook, Marshall Sahlins (1990, p. 121) enfatiza que “o subterrâneo é o lugar da morte”, referindo-se a uma lógica cosmológica na qual a morte é concebida como um deslocamento. No contexto das sociedades polinésias examinadas pelo autor, o mundo dos vivos associa-se à superfície, ao visível e à circulação social, enquanto o subterrâneo corresponde ao domínio dos mortos. Na qual, “A caminhada que faz em direção à morte tem uma certa qualidade de sonho. Mais de um dos diários fala de uma inexplicável “paixão”, como se estivesse certo de sua invencibilidade. A sua morte teria sido uma morte realmente polinésia: a morte reservada para aqueles que acumularam tanto mana, que são tentados a desafiar as regras que governam os meros mortais (Sahlins, 1990, p.168).”

[...] quando, porém, em vários casos concretos cuja causa era obviamente a senilidade, indaguei por que determinada pessoa havia morrido e sempre me respondiam que, por trás, havia um *bwaga'u*. Apenas o suicídio e a morte em batalha ocupam posição diferente no pensamento dos nativos – e isso se confirma também pela crença de que o espírito daqueles que cometem suicídio, dos que são mortos em batalha e daqueles que morrem por ação de feitiços, cada um tem seu próprio caminho para o mundo do além (Malinowski, 2018, p. 144).

Ao diferenciar essas duas categorias de morte, a citação chama a atenção para a importância de compreender o contexto em que ocorrem as perdas, igual o relato de Nalva. Isso porque cada tipo de morte traz consigo significados distintos e pode ter impactos diversos, como na situação de Nalva que a morte pelo vírus se tornou em sua concepção como morte de guerra.

Diante da oferta da funerária de colocar um vidro no caixão, ela aceitou prontamente. Para ela, era fundamental ter a oportunidade de ver o rosto de Fernando, de saber que estava realmente enterrando seu amado marido. Ele era uma pessoa tão querida que parecia impossível para os outros acreditar ou aceitar a dimensão de sua perda. Ele era um vizinho amado, nascido e criado no mesmo lugar onde ela vivia, mas muitos não compreenderam a profundidade de seu afeto por ele.

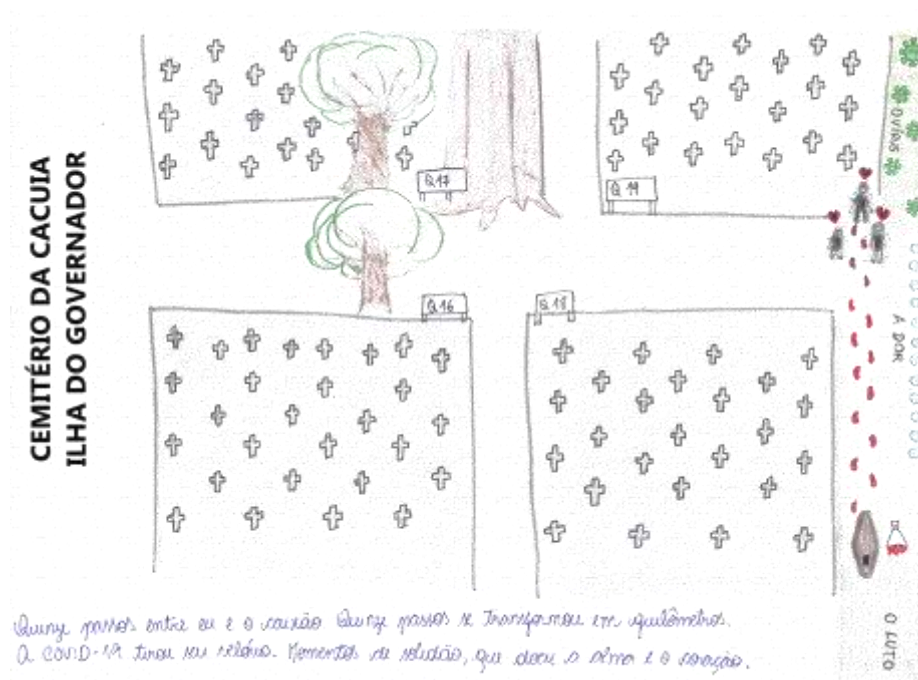
O velório, embora com uma duração estendida para uma hora, ocorreu ao relento, fora da capela, para evitar aglomerações. O cemitério, com muitas vítimas da Covid-19, precisou improvisar mesas em cada quadra para acomodar os presentes de maneira segura. Fernando foi colocado na primeira quadra, de frente para a 19, como ele havia expressado que desejava.

O cenário era marcado pela triste realidade da pandemia, na qual faltavam vagas nas gavetas e os novos prédios do cemitério estavam sendo construídos para dar conta da demanda crescente. Ir ao cemitério para Nalva era você entender e perceber os números da pandemia. O vírus havia tomado conta de tudo, reconfigurando a vida e as despedidas, tudo distante e ao mesmo tempo cheio de vibrações de dor em cada canto do cemitério.

O momento de despedida não permitia abraços, mas a dor da Nalva era imensurável, sua dor e sua perda não tinham nome. Ela sentia-se tomada pela profunda tristeza enquanto enfrentava a distância entre ela e Fernando, que estava dentro do caixão. Mesmo sendo apenas 15 passos, cada um deles parecia que tinha andado até o Nordeste a pé para chegar até Fernando. Neste momento da entrevista choramos juntos eu e Nalva, e damos uma pausa em nossa conversa.

Nalva, 56 anos, moradora do Rio de Janeiro, esposa de Fernando, desenhou nesse momento, o cemitério e os quinze passos para chegar no caixão:

Figura 32 – Cortejo de Fernando



Fonte: Desenho elaborado pela enlutada Nalva (2023)

Ao chegar e avistar o rosto sereno de Fernando sem expressar sofrimento, a Nalva foi tomada por um turbilhão de emoções. Suas lágrimas fluíram ao ver aquela “orelhinha” que tanto amava. E, assim, o momento do sepultamento chegou, enterrando a pessoa que ela tanto amou em vida.

Em meio à dor da perda entre o enterrar e o velório, Janaina tentou fazer algo para amenizar a sua dor. Mesmo sabendo que não era o momento apropriado, insistiu em perguntar ao médico se poderia tentar a doação dos órgãos de seu irmão, já que ele havia sido uma pessoa saudável e fazia quase trinta dias que havia contraído o vírus, Janaina não queria levar o corpo do seu irmão antes de tentar todas as possibilidades de órgãos dele continuarem ajudando outras vidas. No entanto, suas esperanças foram frustradas quando o médico informou que isso não era possível. Ela lamentou que nem mesmo nesse momento de perda, pôde ajudar outras pessoas na fila de espera por órgãos. Mesmo sendo a favor da vida, ela teve que enterrar seu irmão com todos os órgãos intactos, um cenário extremamente angustiante.

No cemitério com o corpo do seu irmão e os órgãos intactos, Janaina Arruda, 41 anos, moradora de São Paulo, irmã de Juliano, teve que enfrentar a falta de estrutura e também se defrontar sozinha com o caixão de seu irmão. O caixão estava completamente lacrado, envolto em um saco preto. Só uma pessoa tinha permissão para se aproximar do caixão e realizar o sepultamento, e foi ela quem teve que realizar esse momento, sozinha e na solidão de sua dor.

O irmão de Janaina foi enterrado em um cemitério de São Paulo que estava situado em uma ladeira. Ela relata que seu irmão Juliano foi enterrado basicamente em pé, que os coveiros estavam com suas proteções, seguindo todos os procedimentos conhecidos e vistos na televisão, que ao viver o enterro do seu irmão, conseguiu relacionar a realidade que passava na televisão. Infelizmente, a situação era essa, devido à pandemia da Covid-19, as pessoas estavam distantes e com medo. Seu irmão Juliano foi colocado no caixão envolto em plástico, sem roupa, assim como veio ao mundo, nu.

A enlutada destaca que essa imagem lembrava até mesmo a aparência de uma mortadela embalada no supermercado, que dentro daquele caixão tinha seu irmão, que era um perigo. A dor de Janaina foi perceber que as pessoas precisaram sair de perto para continuar o sepultamento. E quem iria abraçá-la depois de isso tudo?

Segue o desenho de Janaina Arruda, destacando essa situação:

Figura 33 – Cortejo de Juliano



Fonte: Desenho elaborado pela enlutada Janaina Arruda (2023)

Weverson: Quando você fala do saco embrulhado em forma de mortadela né? você falou, o caixão vem lacrado, é isso?

Janaina Arruda: Isso, o caixão e aquele plástico em volta, em todo o caixão para não abrir

Weverson: AAAA, então quer dizer que o caixão estava com o plástico em volta?

Janaina Arruda: Isso. Aí meu irmão no saco preto dentro do caixão, e por fora um plástico em volta lacrando o caixão, duplamente trancado, sem flor e sem roupa, sem nada, meu irmão dentro de sacos. Que nem um indigente. Não consegui fazer uma despedida que queria [choro].

Essa narrativa retrata o enfrentamento da morte durante a pandemia, ressaltando as limitações e restrições impostas pelo processo de biossegurança e como isso pode afetar as possibilidades de doação de órgãos, doação de cadáver voluntário e outras formas de auxílio no processo de sepultamento, assim como as formas de despedidas e o distanciamento do corpo. A dor e o desejo de contribuir para salvar vidas, bem como o anseio por uma despedida mais humanizada e sem sacos enrolando o corpo, tornam essa situação ainda mais problemática para aqueles que vivenciaram o ritual de passagem em tempos de pandemia. Os estudos sobre rituais de morte destacam sempre a importância do cuidado do corpo – a necessidade de o enfeitar, de colocá-lo com as melhores vestes. O contraste com o corpo em pé envolto em plásticos é gritante. Essas imagens assombram as enlutadas dificultando o processo do luto e provocando emoções de angústia, raiva e indignação até hoje.

Outra narrativa que destaco é a de Márcia. Após um certo tempo do enterro de sua mãe, Márcia fez uma análise profunda, sentindo-se culpada por não ter brigado mais, por não ter lutado mais. O primeiro sintoma indicando que sua mãe estava doente ocorreu no dia 31 de dezembro. Ela realizou o exame no dia 07 de janeiro e faleceu no dia 22 do mesmo mês, a contagem dos quinze dias. A mãe (Licinha) de Márcia morreu sozinha, sem velório. Márcia e sua família não puderam se despedir pela última vez, e em meio às lágrimas, destacaram que “não precisava ter sido dessa maneira”. Emocionada, ela chora ao lembrar da ausência do velório em seu processo de luto. *“Quer dizer, todo mundo, enfim, morreu sozinho, sem ninguém.”* Mesmo ciente da excepcionalidade do momento, sente-se culpada com tudo isso.

Para minhas interlocutoras, uma “boa morte” é assim: morrer rodeado dos seus entes queridos, no conforto do seu próprio quarto ou em um lugar familiar, após ter resolvido todas as pendências e assuntos inacabados da vida. Esse é um desejo que não corresponde, habitualmente, às experiências de morte na contemporaneidade, pois como já discuti no capítulo anterior, a morte foi deslocada aos hospitais, e ela ocorre, majoritariamente, dentro do enquadramento da instituição hospitalar. No entanto, a pandemia de Covid-19 trouxe desafios adicionais nesse ritual de passagem. As restrições impostas para conter a disseminação do vírus não apenas impediram que as enlutadas estivessem presentes fisicamente nos momentos finais, como destaca o relato de Márcia se não também limitaram ao extremo a possibilidade de ofertar um mínimo de dignidade ao corpo morto.

Márcia relatou que ficou tão abalada com a situação envolvendo a morte de sua mãe que não conseguia pensar claramente. Foi então que uma funcionária do hospital se aproximou delas e falou de forma sincera: “Olhem, vocês não vão ver nada.” Em seguida, Márcia disse: “Vou levar roupas para ela.” A mulher respondeu: “Moça, você não está entendendo... Não adianta você trazer roupas. Sua mãe vai ficar em um saco... E as roupas que você levar não serão vestidas por

ela; ficarão ao lado do caixão. Portanto, não adianta trazer ou levar nada...”

Marcia ficou profundamente chocada ao ouvir a funcionária do hospital explicar a situação com tanta franqueza, chorava em todo o momento da entrevista lembrando dessa cena. A ideia de que sua mãe não poderia ser vestida com as roupas que ela queria levar, e que a mãe permaneceria em um saco, a deixou atônita, revoltada e se sentindo culpada porque queria ter feito mais. A sensação de impotência do momento da morte por não poder proporcionar esse último gesto de carinho e dignidade a sua mãe pesaram sobre ela, intensificando ainda mais a carga emocional já esmagadora que estava enfrentando no momento da pandemia. Era uma dura realidade que ressaltava a difícil tarefa de suportar a ausência do corpo com o sentimento de desamparo.

O sentimento de culpa surgiu de uma forma maior no período pós-velório. Márcia estava completamente sem reação naquele momento. Ela já se encontrava em um estado debilitado, incapaz de se mover e sofrendo de falta de ar. Ela desabafava com a irmã, que também estava passando por dificuldades devido à Covid-19. A irmã de Márcia havia sido internada após o enterro da mãe, e ambas começaram a lidar com as marcas deixadas pela doença. O que nos leva a perguntar: o que permanece, que tipo de marcas são essas? São marcas do vírus, marcas da experiência ou uma combinação de ambas as coisas?

Voltando ao dia do enterro, as duas irmãs chegaram depois do velório, que nem chegou a acontecer. Um carro passou com o caixão, e Márcia nem sabia se era o da mãe dela. Ela mencionou que as flores seriam colocadas em cima do caixão, mas ninguém iria acompanhá-lo, pois todos tinham medo de se aproximar devido à pandemia e ao risco de contágio, dado o elevado número de mortes ocorrendo ao mesmo tempo. Ninguém pôde comparecer ao velório. Em seguida, ela continuou sua narrativa, mencionando que começou a se sentir muito mal, sentindo que ia/estava doente.

No dia seguinte falaram para elas irem para o cemitério assinarem os papéis. O pós-enterro era uma montanha íngreme que ela precisava escalar, mas se sentia incapaz de dar o primeiro passo, pois o seu corpo e mente estavam conectados ao sentimento de culpa. A sensação de culpa pode se intensificar à medida que a pessoa se confronta com perguntas não respondidas e possíveis arrependimentos. Essa montanha íngreme de culpa pode parecer intransponível, mas, com o tempo e o apoio emocional, a pessoa pode começar a dar os primeiros passos em direção à aceitação. As enlutadas estão no processo em busca de se perdoar, em busca de um perdão que está além das suas capacidades e recursos, especialmente em um contexto de pandemia. Há uma modulação das emoções ao longo dos diversos momentos no processo de terminalidade e morte que podem variar na jornada em direção ao perdão.

4.4 O CORPO PRESENTE E AO MESMO TEMPO DISTANTE: A DOR DO CAIXÃO LACRADO

Eliane, filha de Edvaldo, 40 anos, moradora do Duque de Caxias/ Rio de Janeiro, condensou na expressão “a dor do caixão lacrado” a complexidade da experiência de sepultar seu pai em meio à pandemia da Covid-19. O título dado por mim a esta seção (“O corpo presente e ao mesmo tempo distante”) sugere a dualidade paradoxal de saber que o corpo de seu familiar está no caixão, próximo fisicamente, mas não poder olhá-lo ou tocá-lo pela última vez, , impossibilitando a conexão entre a enlutada e o corpo morto. A partir desse mote, descrevo reflexões sobre como as enlutadas lidam com o sofrimento no ritual de passagem. O texto busca mergulhar nos sentimentos das enlutadas e encontrar significado em meio à aparente desconexão com o corpo do seu ente querido.

Eliane após o contato com seu pai no hospital no dia 24 de março, nunca mais teve a oportunidade de vê-lo novamente. As lembranças mais vívidas que permaneceram em sua memória foram dele entregando seus pertences pessoais, como os óculos e o relógio (objetos que vou apresentar no próximo capítulo), e dizendo que ficaria bem e voltaria. No momento da entrega dos objetos, Edvaldo falou: *“tranquiliza as crianças, fala pra eles que eu vou me cuidar, vou ficar bem e vou voltar”* Eliane começou a chorar, e falou *“pai, Deus tá no controle de tudo”*. Essa foi a última vez que pôde ouvir a voz dele e vê-lo com vida. A equipe do hospital aconselhou que se despedisse, pois ele seria levado para outro lugar, e ela não teria mais a oportunidade de vê-lo. Eliane destaca: *“nunca mais vi meu pai com vida, nunca mais ouvi a voz dele, nunca mais eu vi, aí a mulher do hospital falou assim “vai lá, se despede dele que ele vai entrar pra lá e você não vai ver mais ele”, a minha vontade era não deixar ele no hospital”*, Esse “nunca mais” da profissional da saúde soou para Eliane que seu pai não voltaria mais. O que permaneceu em sua mão foi o óculo e o relógio.

Já naquele momento, ela se arrepende de tê-lo deixado no hospital e passa a ir lá apenas para receber atualizações sobre seu estado de saúde, mas, infelizmente, a situação só piorava. Até que, infelizmente, ela recebeu a notícia do seu falecimento. Quando chegou no hospital, ainda conseguiu reconhecer o corpo dele no caixão, e isso a deixou em transe, trazendo uma sensação de desespero profundo. Depois do reconhecimento do corpo, recebeu um caixão lacrado, com o nome em cima, identificado por uma “etiqueta”.

Figura 34 – Despedida de Eliane no caixão



Fonte: Acervo da enlutada Eliane (2023)

O caixão lacrado, identificado apenas com o nome de seu pai, foi vivenciado por Eliane como uma experiência traumática; o desejo de abri-lo e vê-lo novamente assumia contornos de desespero. Ela relata que aquela cena lhe causava a impressão de estar diante de um produto, um caixão com o nome “Everaldo” estampado na parte superior. Nesse sentido, o modo como o corpo do morto foi tratado evidencia como os cuidados funerários, atravessados por protocolos e procedimentos técnicos, mobilizam reflexões mais amplas sobre a morte, o luto e os processos de separação, tal como discutem Fustinoni e Caniato (2019). Eliane destaca:

fui ficando desesperada, fiquei lá falando tudo que estava doendo, porque aquilo aconteceu, comecei gritar, GRITEI ALTO, me desesperei, comecei louvar, pedir força a Deus, me segurei que a vontade era abrir aquele caixão, vê aquele caixão lacrado com o nome em cima é uma coisa que é um trauma pra mim, e eu me desesperei, fiquei um tempinho ali em pé olhando aquele caixão lacrado desesperadamente, foi desesperador, desesperador mesmo, OS GRITOS, GRITEI. (Eliane, entrevista realizada em 11/01/2023).

Nesse momento, ela encontrou força em suas crenças religiosas, louvando a Deus e pedindo força para suportar essa dolorosa perda, em cima do caixão, não sentindo o corpo do seu pai, porém sentindo o caixão, o objeto mais próximo que estava seu pai. Ficou um tempo em pé, olhando o caixão lacrado com desespero, vivendo um momento de angústia e tristeza profunda, uma experiência verdadeiramente desesperadora.

Neste relato percebe-se o distanciamento duplicado e a dor do caixão lacrado separados por uma madeira, a saudade ecoava em forma de grito no espaço vazio. O caixão lacrado simbolizava a barreira intransponível no momento do ritual, que agora separava a presença física do pai Edvaldo do mundo dos vivos. A vida tinha que seguir, falavam para Eliane, mas para ela, tudo parecia suspenso no tempo do velório, perdida em um limbo de sentimentos, e neste momento, Eliane disse, que apresentou sintomas de depressão e começou a usar remédios controlados. A saudade era um buraco engolindo tudo ao seu redor e sua única forma era GRITAR ALTO, deixando apenas uma dor de “*remorso de ter deixado seu pai no hospital*”, pois aos deixá-lo foi o começo do distanciamento e o início do fim.

4.4.1 Os cantos da hora da morte: o sentimento do corpo partindo

Eliane, filha de Edvaldo cantou. Ela destaca que, na hora do enterro do pai, o canto teve o poder de proporcionar consolo e conforto aos familiares que enfrentavam a perda de Edvaldo, tornando-se uma maneira de expressar o luto e homenagear o falecido, já que prevalecia o distanciamento social.

No momento da entrevista Eliane cantou, cantou como se estivesse naquele lugar, com sua voz baixa e lágrimas, deitou-se, fechou os olhos e cantou, pensando o que ia fazer com os restos mortais do seu pai, cantou como um desespero:

É adorar quando Deus não responde
 É adorar quando a dor te consome
 Adorar a Deus acima de tudo
 É adorar no dia do luto
 Adorar a Deus no vale ou no deserto
 É adorar sem amigos por perto
 É adorar quando não há recursos
 É adorar a Deus, quando lhe falta tudo
 Quem nunca pensou em desistir?
 Quem nunca pensou em parar?
 Mudar todos os planos de uma vida
 Deixar tudo pra lá?
 Quem nunca cogitou sair de casa?
 Abandonar os sonhos no caminho?
 Como folha seca no vento sem direção
 Virar um andarilho...
É Adorar
Amanda Wanessa

Essa música cantada por Eliane pode ser relacionada à pandemia da Covid-19 de diversas maneiras, pois suas letras expressam sentimentos pandêmicos e relação com o luto, desafio e superação, que muitas pessoas enfrentaram durante o momento do velório.

Solidão, luto e isolamento. Os versos “É adorar sem amigos por perto” e “É adorar no dia do luto” pode ressoar aquele momento que Eliane vivenciou solitariamente durante a

pandemia, devido ao distanciamento social e às restrições limitadas do velório. Muitas pessoas passaram por momentos de solidão pelo distanciamento social, no qual a adoração e a espiritualidade puderam desempenhar uma função social importante na busca por conexão e consolo no momento da morte. Eliane destaca que nem gosta mais de ouvir essa música, pois para ela retoma a dimensão da memória no momento do enterro.

No segundo louvor ela falou com seu pai: “o senhor não disse que ia se cuidar? eu estou sozinha”, falei com ele, era louvando, conversando e adorando. Nesse segundo louvor, ela direciona sua adoração na confiança em Deus:

Jó, como pode ainda adorar?
Se não tem motivos pra cantar
Abandona esse Deus e morre
Mas não o adoro pelo que ele faz
Nem menos por bens materiais
Eu o adoro pelo que ele é
Eu sou dele, tudo é dele...

Jó
Midian Lima

Ao perguntar sobre a segunda música, Eliane menciona que estava entregando o corpo do seu pai para Deus e que tudo é d'Ele – movimento que corresponde à fase de agregação dos rituais de passagem. Esse sentimento de pertencer a algo maior e confiar na providência divina desempenhou um papel importante para Eliane durante o distanciamento do corpo do seu pai, pois lhe permitiu sentir-se parte de uma continuidade espiritual e encontrar um senso de propósito maior no enfrentar da morte do seu pai. Neste momento da pandemia, Eliane lembra que era necessário encontrar significado em meio à crise emocional que ela estava sentindo naquele momento do enterro, em que foi levada a questionar valores e sua própria religiosidade.

Eliane estava deitada no momento da conversa e ao cantar esses dois hinos, começou a colocar a mão na cabeça com um sinal de que tinha lembrado de um momento importante nesse processo do enterro.

Eu olharei para o alto, de onde vem socorro
E é firme na rocha, que eu terei vitória
Eu olharei para o céu, de onde vem a benção
Verei o testemunho
E contarei ao mundo que Tu és meu Deus
Quando a minha força se esgotar
E tudo em mim desmoronar
Então olharei para ti, e confiarei em Teu amor
E quando o vento então soprar
Eu sei que em Ti vou me firmar
Então confiarei em Ti e na promessa que fez a mim, a mim
Eu olharei para o alto, de onde vem socorro
E é firme na rocha, que eu verei vitória

Eu olharei para o céu (De onde vem a benção)
 Terei o testemunho
 E contarei ao mundo que Tu és meu Deus.
Olharei Para o Alto
Midian Lima

Enquanto Eliane cantava na entrevista, a imagem de seu pai se tornava mais nítida em sua mente, trazendo à tona memórias no momento do enterro de Edvaldo. E uma parte da música ela destacou “eu olharei para o alto, de onde vem socorro”. A pandemia trouxe essa ausência de socorro nos afetos, e em momentos Eliane se sentiu sozinha e perdida. Uma questão de relevância crucial a ser abordada é a seguinte: o que exatamente a pandemia provocou em nossas vidas, ou no relato de Eliane? Deve-se considerar que as músicas descritas não foram originalmente concebidas em um cenário pandêmico, contudo, ganham agora uma dimensão renovada e singular do cantar em distanciamento. Contudo, é fundamental ressaltar que a dor da perda e a sensação de desamparo não se restringem ao contexto da pandemia, sendo experiências que transcenderam esse período específico. No entanto, o termo “sentir-se perdida” para Eliane refere-se à carência de apoio de outras pessoas no contexto do velório, que tornou o processo de luto e despedida para muitos indivíduos um caminho especialmente tortuoso, incluindo Eliane.

A frase “olhar para o alto” foi cantada com o olhar direcionado para cima, enquanto ela segurava a cabeça, gesto que conferiu forte carga expressiva ao canto no momento do enterro. As músicas expressaram a crença em Deus, principalmente a primeira que deixou marcas profundas, independentemente das circunstâncias sociais pandêmicas. Isso destaca a capacidade da música de transcender as barreiras temporais e sociais, tocando as emoções e as crenças fundamentais das pessoas.

Nalva, esposa de Fernando, também cantou, sonhou e teve um sentimento de partida do seu marido. Ele era motorista, e quando ele faleceu, sua profissão era inspetor da linha 1001:

Figura 35 – Partida de Fernando



Fonte: Desenho elaborado pela enlutada Nalva (2023)

Nalva representa em forma de desenho a partida do marido fazendo o que ele gosta, ela relaciona a sua função em vida com a sua chegada no céu, no ônibus com o letreiro anunciando a sua chegada. Nalva desenhou um ônibus celestial cheio de cores com nuvens ao redor e um letreiro luminoso que dizia “**o cara**”, o apelido carinhoso do marido. O ônibus simbolizava sua jornada para a eternidade, com a sua representação social em vida, e no céu seria uma prolongação em vida, sendo um lugar onde ele seria reconhecido.

4.4.2 O medo da troca de corpos: “E se não for ele? Se mandaram o corpo errado?”

Neste momento quero destacar o medo das enlutadas no processo do ritual de não ser o corpo do seu ente querido no caixão. Jean Delumeau (1989), em sua obra “História do medo no ocidente 1300-1800” uma cidade sitiada, argumenta que a sociedade europeia viveu por séculos sob uma “*pastoral do medo*”, na qual autoridades religiosas e políticas fomentavam sentimento de culpa e temor como formas de controle social e disciplinamento dos corpos e das almas.

O autor destaca que o medo foi historicamente construído e manipulado no Ocidente entre os séculos XIV e XVIII, especialmente em contextos de crise como guerras e pestes. Na pandemia de Covid-19, vimos nos relatos das enlutadas ressurgir esse modelo de “*gestão do medo*”,

atravessado por discursos médico-sanitários e por uma biopolítica da emergência. A contínua circulação de boatos e “*fake news*”, como discuti no capítulo 1, contribuiu para um sentimento de incerteza e insegurança.

O medo da troca de corpos durante a pandemia de Covid-19 foi um acontecimento televisado e noticiado. Com o rápido avanço do vírus, a dinâmica dos enterros se acelerou, e foi confrontada com incertezas das enlutadas sobre o corpo que estava sendo enterrado. A ausência de contato com o corpo, a não possibilidade de visualizar o cadáver no caixão causou essas inconstâncias de informações.

Fernanda, corretora, filha de Alexandro, também destaca esse questionamento sobre o corpo

Você fica até pensando... **NOSSA... e se não for, se não era ele, se mandaram errado**, sendo que nem tem como, mas são coisas que veio muito mais com o tempo do que na hora, no momento do enterro você está com **tanta dor** que eu acho que a gente foi perceber que não houve esse reconhecimento do corpo depois porque a gente queria um velório, a gente queria as coisas que estava proibida na época. (Fernanda, entrevista realizada em 28/03/2023).

No momento do enterro do seu pai Alexandro, a dor intensa e a urgência da situação impediam muitas vezes uma elaboração sobre o que estava acontecendo no momento do ritual de morte. No entanto, posteriormente, surgiam indagações inquietantes para Fernanda: “E se não era ele?”, “E se entregaram o corpo errado?”. Esses questionamentos nas falas das enlutadas, revelam não apenas a fragilidade das instituições diante do volume de mortes, mas também o quanto o reconhecimento do corpo visual, simbólico e afetivo se faz necessário no momento da morte. A negação do velório, do toque, do último olhar, impôs *lacunas subjetivas* que alimentaram o medo do não corpo, uma identidade trocada, transformando a dor da perda em um campo de inseguranças. Nesse momento, quero trazer alguns relatos sobre essas inseguranças, pela ausência de um último reconhecimento do corpo morto.

Esse medo pode se manifestar de diversas maneiras, como uma ansiedade no cumprimento do ritual. Márcia destaca: “*Nossa, será que é a minha mãe que tá mesmo ali?*” né, porque *você não vê nada, só mandam você escolher o caixão, meu medo era está com a pessoa errada no caixão*”. A falta de sentir o corpo da mãe no processo do ritual, levantou uma tensão da enlutada. Denise também questiona: “*quem me garante que as cinzas são do meu cunhado?*”.

Ninguém estava presente. É uma situação muito, muito, errada porque você não podia ir, eu até iria, eu estava na quarentena, mas eu falei para minha irmã “Irmã, como pode isso? vão cremar ele e ninguém vai acompanhar este momento e vão dar umas cinzas, pode ser? pode ser, mas no meio daquela demanda toda, eu não sei... eu não sei”. (Denise, entrevista realizada em 25/03/2023).

Além disso, foi necessário o traslado das cinzas para um possível ritual, já que a pandemia limitou o processo de interação, desenvolvendo então uma logística para viabilizar o ritual de despedida. Como mostram os estudos relacionados aos rituais de morte, o cadáver, ou seja, o corpo sem vida, desempenha um papel central na construção e execução desses rituais. Daí a importância de repatriar corpos em situações de morte no exterior, mesmo em contextos de conflitos armados, nos quais a busca por restos mortais em casos de indivíduos desaparecidos assume um significado político e humanitário crucial. No cenário atual, observamos isso também no contexto dos falecidos devido à Covid-19, uma vez que as limitações impostas pela pandemia tornam impossível a visualização ou o toque dos corpos, afetando profundamente as práticas rituais e o processo de luto.

Denise, 52 anos, moradora de Benfica, Ceará, ex-cunhada de Roberto, também relata:

PORRA!!!... é uma sensação de impotência, medo, uma falta de desrespeito mesmo, falta de humanidade porque já é uma perda, independente da Covid, já é muito difícil, mas naquele momento da Covid você se quer poderia colocar uma roupa na pessoa e dirá você não acompanhar, você não tem certeza e fica uma incerteza para o resto da tua vida. Será que essas as cinzas são do meu cunhado? (Denise, entrevista realizada em 25/03/2023).

Denise expressou frustração e impotência diante da situação sobre o corpo de seu ex-cunhado Roberto, sentindo medo e desrespeito no momento do ritual de despedida. Percebeu uma falta de humanidade no processo, considerando que a perda perante a morte já era difícil mesmo antes da pandemia da Covid. Durante esse período, não pôde nem vestir a pessoa e muito menos acompanhá-la, deixando-a com incertezas que a afetarão pelo resto de sua vida. Surgiu a dúvida da enlutada: “Será que essas cinzas são do meu cunhado?”.

Luanda Catarina, esteticista e cosmetóloga, filha de Maria Moraes, relatou que, no momento do enterro, havia uma “atmosfera de tensão e incerteza”. As equipes responsáveis pelo sepultamento usavam roupas específicas de proteção, o que já indicava a gravidade da situação. Ela se aproximou e pediu para abrir o caixão, pois queria colocar um terço junto ao corpo da sua mãe, mas foi impedida com o argumento de que “a morte havia ocorrido por covid-19”. O sepultamento seguiu sem maiores pausas, e, enquanto o corpo era colocado na gaveta, um amigo de infância chegou atrasado e comentou que não havia conseguido chegar antes. Perguntou a Luanda Catarina como o corpo estava disposto no caixão, ao que ela respondeu: “*Não sei, porque não abriram*”.

A partir desse momento, uma dúvida passou a acontecer, especialmente considerando o contexto da época, em que se registraram “*diversos casos de troca de corpos no município, durante um período em que muitas pessoas morreram em um curto espaço de tempo e houve troca de corpos*”, diz Luanda Catarina. Desde então, ela levanta o questionamento sobre se o corpo sepultado era, de fato, o de sua mãe, a partir de indícios e incertezas vivenciados no momento do enterro.

Retomando o diálogo com Delumeau, se, por um lado, as dúvidas em relação ao corpo enterrado podem ter sido estimuladas a partir da circulação de boatos e *fake news* que compuseram o cenário de desinformação da pandemia no Brasil, visando o descrédito às autoridades sanitárias e espalhando a descrença e a insegurança, por outro lado, o modo como os rituais aconteceram, em meio ao caos nos hospitais e cemitérios, sem acesso ao corpo e de forma acelerada, deram azo para que a dúvida se mantenha, como mais uma ponta solta das histórias pessoais e coletivas da pandemia.

4.5 “ELE FOI CREMADO”: ESTRATÉGIA PARA REALIZAÇÃO DE UM RITUAL COM AS CINZAS

Só então se pode falar de pulsão de morte. Só então se pode falar de inconsciente, porque o *inconsciente não passa da acumulação da morte equivalente* - aquilo que já não se troca e que se pode avaliar no fantasma. O simbólico é o sonho invertido de um fim da acumulação e de uma possível reversibilidade da morte na troca. A morte simbólica, que não sofre essa disjunção imaginária entre a vida e a morte e que está na origem da realidade da morte, troca-se num ritual social de festa. A morte real/imaginária (a nossa) só pode ser resgatada num trabalho individual do luto, que o sujeito realiza sobre a morte dos outros e sobre si mesmo a partir de sua vida. É esse trabalho do luto que alimenta a metafísica ocidental da morte a partir do cristianismo, e alcançando o conceito metafísico de pulsão de morte. (Baudrillard, 1996, p.199).

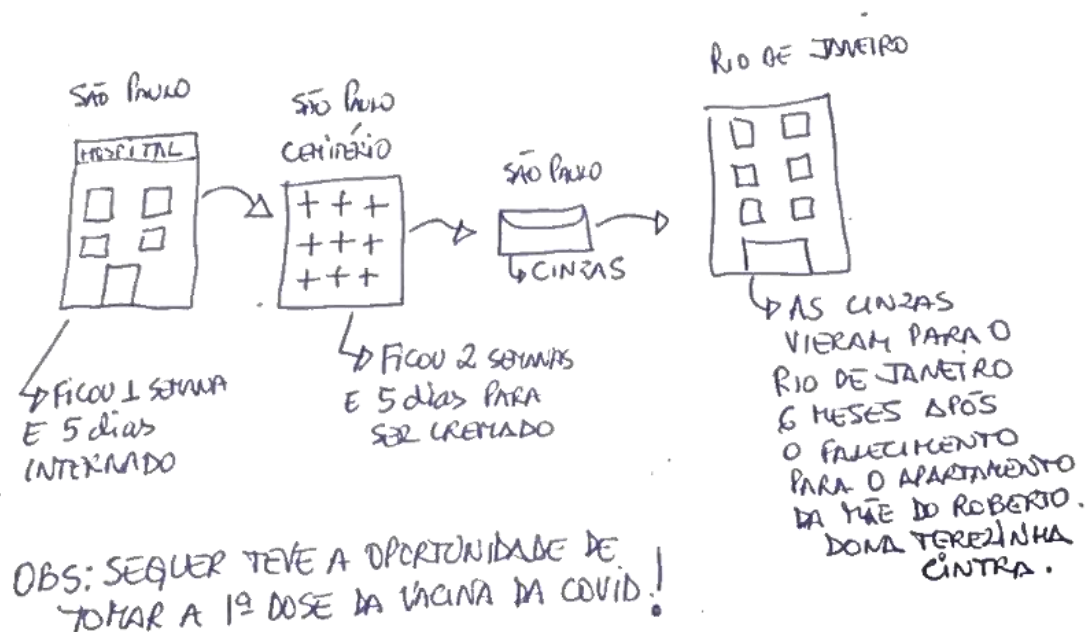
Nesse cenário, a pandemia acentuou a cisão entre a morte vivida coletivamente e a morte administrada, deslocando o ritual para experiências mais solitárias e individualizadas. Como observa Baudrillard (1996), a morte que não pode ser simbolicamente trocada em rituais sociais tende a ser remetida ao trabalho individual do luto, reforçando uma separação entre vida e morte própria da metafísica ocidental. A cremação e os rituais com cinzas, nesse contexto, aparecem como tentativas de reinscrever a morte no campo do simbólico, criando formas possíveis de elaboração da perda.

Em um mundo marcado por protocolos, a pandemia da Covid-19 remodelou para as enlutadas a forma como realizamos rituais e cerimônias. A necessidade de distanciamento social e medidas de segurança alterou a maneira como nos despedimos dos entes queridos no seu *post-mortem*, impondo restrições a práticas tradicionais de sepultamento e velório. Nesse contexto de adaptação, uma estratégia que ganhou espaço é a cremação, um ritual pós-pandemia que se tornou uma alternativa para a realização do ritual de forma coletiva. A cremação não apenas atende às restrições impostas pela pandemia, mas também oferece oportunidades para a personalização na celebração da morte dessas vítimas

Denise, ex-cunhada de Roberto, relata que o hospital entrou em contato com a esposa dele e comunicou o falecimento. Em seguida, ela entrou em contato com a funerária, que

realizou a retirada do corpo e marcou a cremação para a outra semana, em uma quarta-feira. A funerária informou que, devido à situação que estava ocorrendo em São Paulo, ninguém poderia acompanhar o procedimento. E assim foi feito. Denise desenhou esse percurso com a colaboração do filho de Roberto:

Figura 36 – Estratégia com as Cinzas



Fonte: Acervo da enlutada Denise (2023)

Outro relato é o caso de Sylvania, esposa de Nelson, que jogou as cinzas onde seu marido queria. No momento que recebeu a notícia da morte recordou que ele, durante o período inicial da Covid-19 em 2020, buscava informações sobre a pandemia, uma vez que a quantidade de notícias na rádio sobre a pandemia era esmagadora. Nesse momento, uma propaganda de cremação na rádio local do Rio chamou a atenção deles, e de maneira descontraída, o assunto surgiu na conversa. Ele então expressou seu desejo de ser cremado, não desejando ser enterrado. Por isso, após seu falecimento, seu desejo foi respeitado.

O velório não era uma preferência de Nelson, por isso apenas um pequeno grupo de cerca seis amigos se reuniram para a cerimônia de cremação realizada no Rio de Janeiro. Em seguida, fizeram uma homenagem para ele, destacando suas paixões como cantar e seu amor pelo meio ambiente, já que era engenheiro e preocupado com a natureza. As cinzas foram dispersas em um lugar especial que ele adorava, próximo à cachoeira em Petrópolis. Sylvania mandou uma foto do local:

Figura 37 – Ritual com as cinzas no rio



Fonte: Acervo da enlutada Silvania (2023)

Perguntei a Silvania quantas pessoas estiveram presentes na cerimônia de dispersão das cinzas na floresta, e ela respondeu que foi com o seu filho de 13 anos, Tulio, além de duas amigas, totalizando seis pessoas:

fizemos uma homenagem para ele e as cinzas, ele gostava muito do meio ambiente né, então nós fizemos outra homenagem que eu joguei na floresta, em um local que ele amava, então foi lá, entendeu, próximo da cachoeira, um lugar maravilhoso que ele amava aquele lugar e aquela cidade. (Sylvania, entrevista realizada em 30/03/2023).

Sylvania destaca que além do desejo de Nelson, foi importante realizar a cremação pela possibilidade de realizar um ritual na pandemia. Ao optar pela cremação, a família pôde planejar um ritual mais íntimo e restrito no ambiente que Nelson desejava, seguindo as diretrizes de saúde e segurança, e garantindo que essas seis pessoas mais próximas pudessem participar de maneira segura, já que os números de casos estavam altos no tempo da morte de Nelson. Há a questão do custo financeiro a ser considerado. Estamos observando que algumas situações favoreceram transições menos dramáticas. Parece evidente que a disponibilidade de recursos econômicos por parte das famílias desempenha um papel nesse processo, permitindo a saída de situações mais desafiadoras. Isso levanta questões sobre como a desigualdade econômica

influencia as experiências de morte das pessoas em momentos de transição, criando diferentes realidades para aqueles com e sem recursos econômicos.

Silvania destaca que, mesmo com as limitações impostas pelo contexto pandêmico, foi possível prestar uma homenagem adequada a Nelson, lembrando-se das boas lembranças em vida e compartilhando o luto com seu filho em um ambiente da natureza que causava bem-estar.

Mônica também escolheu a água e o espaço da natureza para dispersão das cinzas do seu filho Marcello:

Weverson: Aí você fez algum ritual com as cinzas ou guardou as cinzas?

Mônica: Fiz. No ano passado (2022), um ano depois, no dia do aniversário dele, eu deposei as cinzas dele no mar.

Weverson: Aí foi qual mar?

Mônica: No mar daqui de Itamaracá.

Weverson: Aí em Pernambuco?

Mônica: Sim, de Pernambuco...

Mônica relata que só marcou o horário da cremação e esperou o tempo certo para concluir o ritual. Como ela não queria enterrá-lo em vala comum, sem velório, sem nada, optou pela cremação: “aí foi feita a cremação e é feito aquele ritual sem aproximação do corpo, uma coisa mais de visual”. Para realizar o ritual, ela escolheu o mar, símbolo de renovação. A ideia de que as cinzas serão levadas pelas correntes e dissipadas em diferentes direções, pode representar uma jornada contínua no mar de Itamaracá, libertando-a das limitações terrenas e possibilitando novas formas de construir rituais.

Jasmim, filha de Bernado, relatou que foi um momento muito difícil o processo de cremação. Após o falecimento do pai, o corpo foi encaminhado ao cemitério, no qual, conforme a legislação vigente, permaneceu por alguns dias em uma câmara refrigerada antes de ser autorizado o processo de cremação. Quando a família foi chamada para acompanhar o ritual e o corpo seria colocado no forno, ela não conseguiu *suportar a dor* e não participou presencialmente, apenas seu irmão e um primo estiveram presentes. Organizaram uma espécie de terço *online* com familiares, o que trouxe algum conforto diante da impossibilidade de encontros presenciais.

Além desses relatos, tem enlutadas que optaram pela cremação, mas não realizaram rituais de dispersão das cinzas, como o caso de Cláudia e Lucynier:

Cláudia lembrava-se de que Ely desejava ser cremado, o que inicialmente gerou desgosto na mãe do falecido devido ao seu apego ao sepultamento do corpo. Contudo, devido à rapidez dos procedimentos e à necessidade de manter o caixão lacrado, não foi possível realizar o velório. A experiência foi extremamente difícil e chocante para Cláudia como também para a mãe de Ely, pois nunca havia enfrentado uma situação de morte.

Nesse momento, ela se sentiu como uma guardiã dos desejos que o falecido pediu, mas que ela não conseguiu atender completamente todos. A presença de familiares bolsonaristas no velório foi um conflito interno para Cláudia, pois isso parecia uma traição ao desejo do seu esposo Ely, mas ela não pôde evitar. É um elemento crucial nessa narrativa, pois Cláudia e Ely eram indivíduos altamente politizados. Durante todo o processo de terminalidade, eles se destacaram por suas postagens muito críticas em relação à condução da pandemia pelo governo Bolsonaro. Mantiveram sempre uma postura ativa nas redes sociais, na qual expressaram suas preocupações com a gestão da pandemia.

Durante o pequeno discurso permitido no evento de cremação, Cláudia aproveitou a oportunidade para expressar suas emoções e compartilhar que seu esposo Ely não foi apenas uma vítima da Covid-19, mas também do governo devido à falta de vacinas. Ela sentia que ser a voz do falecido era o mínimo que poderia fazer por ele. Apesar do cansaço, ela falou com firmeza sobre a situação:

só que ele disse não queria nenhum bolsonaristas no velório dele, no momento lá não tinha como impedir o pai dele, o pai dele é até hoje... mesmo depois, e aí o pai dele foi, e assim, aquilo me deixava mal era como se eu tivesse traindo ele, permitindo, não falando pros outros, ninguém ia me entender, ninguém ia me entender, iam achar que era um exagero meu ou que era coisa minha. Mas aí liberaram pra uma pequena fala e eu fiz questão de falar tudo, eu falei que ele era não vítima só da Covid não que era vítima de Bolsonaro, desse governo por falta de vacina, ele perdeu a chance da primeira dose que não teve, eu fiz questão que o pai dele e primos que eram bolsonaristas escutassem porque eu acho que era o mínimo que podia fazer por ele, ser a voz dele. E aí até me deram um bom tempo pra eu falar, a mãe dele falou também, o pai ficou lá falando é evangélico, ficou lá fazendo oração, falando de Deus, e que ele não era a gente não tinha religião, e depois eu levo ele pra ser cremado né. E ali eu já estava exausta. (Cláudia, entrevista realizada em 09/01/2023).

No crematório em Cabedelo, conhecido como Mata do Amém, Cláudia se sentiu exausta e desejou ir para sua casa para escrever para Ely, escrever uma carta ao falecido (Essa carta vai ser colocada no próximo capítulo). Ela recusou o contato com outras pessoas devido à transmissão contínua de Covid, mesmo com a preocupação de seus familiares.

Enfim, eu queria ir para minha casa, e eu queria escrever pra ele, uma carta, e queria ficar só, era isso. E por mais que as pessoas ficassem preocupadas comigo, eu estava transmitindo ainda Covid [acreditava que estava transmitindo pelo tempo de contaminação do vírus], eu ainda estava, eu não queria ver ninguém, nem da minha família sabe, minha mãe e minha irmã queriam vir pra cá e eu disse “Não venham, cuida da minha mãe que é idosa e tem os filhos que é pequeno, eu tô transmitindo ainda”, “Não a gente vem pra um Hotel e a gente se vê de longe”, “Não, eu não quero”. (Cláudia, entrevista realizada em 09/01/2023).

As cinzas foram divididas, com metade sendo entregue à mãe de Ely e metade ficando com Cláudia. Após um ano, eles foram ao cemitério da família da mãe de Ely e depositaram a

parte dela. Cláudia ainda não tinha decidido o que fazer com a outra metade, mas considerava a possibilidade de jogá-la no Rio Paraíba, pois o falecido sentia orgulho de ser paraibano. Ela pensava como uma segunda opção em realizar um ritual com a ajuda de uma amiga que tinha um empreendimento em Jacumã, chamado “Mirante da Sereia”. A amiga também era uma pessoa próxima ao Ely.

Os rituais com cinzas representam uma mudança na maneira como lidamos com o ritual de morte. A possibilidade de dividir as cinzas entre as diferentes relações das pessoas que ficaram reflete a crescente individualização e personalização nesses processos do rito da margem. Essa nova materialidade das cinzas permite que as pessoas criem rituais e memórias que atendam às necessidades das redes de relacionamentos. Neste caso, a divisão das cinzas de Ely ficou para a sua esposa e a sua mãe, permitindo-se criar múltiplos ritos com a materialização das cinzas de Ely.

Atualmente, as cinzas permanecem em uma urna no quarto da casa de Cláudia, que se transformou em um quarto de memórias. A urna está acompanhada de prêmios, objetos do falecido, como o boné do Movimentos dos sem terras (MST), e outras lembranças, tornando-o o lugar que guardava as coisas de Ely, esse espaço da casa vou descrever no próximo capítulo sobre os processos do luto.

Lucynier, moradora de Manaus, mãe de Daniel, também fez um espaço de memória com as cinzas do seu filho Daniel. Lucynier relatou que sua filha teve a tarefa importante, de pegar as cinzas. Durante esse período, Lucynier se sentiu emocionalmente incapaz, “*inútil*” de lidar com a situação, uma vez que estava sozinha, pois o pai não estava presente. A filha teve que ser forte e apoiar sua mãe “*segurando a barra*”. Um aspecto relevante a discutir são as posições dessas mulheres e as diferenças e aproximações entre esses lutos. Mulheres jovens que se tornam viúvas, mulheres com filhos que também se tornam viúvas, mulheres idosas, mulheres que perdem filhos, irmãos, pais. Será o mesmo luto? Mesmo em um cenário pandêmico, as dimensões se desdobram em diversas configurações, que se entrelaçam com outras questões, como o acesso a recursos, como apoio emocional e serviços de saúde, pode influenciar profundamente a forma como essas mulheres vivenciam o processo da morte.

Enquanto Lucynier lidava com sua dor, ela perdeu de vista os acontecimentos e as necessidades de sua filha. No trabalho, uma homenagem foi feita para Daniel, incluindo uma missa de sétimo dia. Lucynier guardou as cinzas do seu filho Daniel em sua casa, onde havia um espaço dedicado para esse propósito, um espaço de memória com os objetos de Daniel. Ela explicou que as flores presentes no local eram de lugares que o Daniel gostava de visitar, mencionando especificamente o Chile e sua vontade de viajar para o Ushuaia.

Lucynier expressou o desejo de que, após sua própria morte, suas cinzas fossem unidas às do seu filho e enterradas juntas, apesar da resistência inicial de sua filha. Ela deixou claro que não conseguia conceber a ideia de perder outro filho e solicitou que sua filha cumprisse esse último desejo, uma recomposição de corpos com as cinzas.

Eu pedi pra minha filha, ela ficou zangada por isso, no dia que eu morrer que ela **juntasse as minhas cinzas com as dele e enterrasse**, né. Ela até ficou chateada comigo, “já vi que estou fora dessa viagem”, aí eu disse pra ela “**eu não consegui conceber te perder, não existe essa perspectiva na minha vida, não existe esse olhar, porque eu não vou suportar perder outro filho**”. Então você pode até deixar essa missão pra alguém, pra juntar as três, mas eu quero que você faça isso pra mim e pra ele. (Lucynier, entrevista realizada em 25/04/2023).

Desde então, Lucynier tem cuidado das orquídeas que estão no local, trocando-as a cada duas ou três semanas ao longo dos últimos dois anos. No caso de Lucynier, existe um planejamento do ritual só depois da sua morte, concretizando o seu desejo em vida de se juntar com as cinzas do seu filho.

Outra experiência que não terminou em cremação, mas que é interessante trazer aqui foi a situação de Suzyany, cujo marido, Jonas, expressava o desejo de ser cremado; porém, no momento da morte, ela não conseguiu realizar esse ritual. Suzyany lembra que, na hora do velório, a filha mais velha de Jonas, sua enteada Camile disse: “*Tia Suzy, papai queria ser cremado.*” Aí os filhos começaram a comentar também sobre essa possibilidade. E Suzyany disse: “*Gente, eu não consigo autorizar isso agora!*” Assim, de repente, de uma hora pra outra, tudo vira nada, sabe? Talvez mais pra frente eu consiga, mas agora, não dá. E eles insistindo falando: “*Mas ele queria!*” E Suzyany disse: “*Gente, não dá. Eu não consigo.*” Então decidiram enterrar.

Ela era de Friburgo, e ele, do Rio. A família dela possuía uma sepultura em Friburgo, que havia sido reformada depois de ter sido danificada. No entanto, no meio do velório, ela foi chamada porque, ao medirem o espaço, disseram que, por ele ser alto, o caixão não caberia na sepultura. O coveiro, então, comentou com uma certa frieza que “*talvez viesse do costume com aquele tipo de trabalho*”, que poderiam colocá-lo em um caixão menor e dobrar suas pernas para que coubesse¹⁰⁹.

Ela, indignada, respondeu: “De jeito nenhum! Ele trabalhou a vida inteira, sempre teve bons empregos, e agora vai ser enterrado encolhido?!”¹¹⁰ Era um momento de dor no momento

¹⁰⁹ Nesse momento, é importante destacar o pensamento de Ziegler, que “organização desigual das condutas fúnebres, a estratificação dos túmulos, que torna visível nos cemitérios a existência de uma sociedade antagonista da vida, fracassa finalmente no seu projeto” (Ziegler, 1977, p.162).

¹¹⁰ “todas as sociedades têm de dar conta da morte e dos mortos, mas há um padrão visível quando se lança os olhos sobre a questão. De um lado há sistemas que se preocupam com a morte, de outro há sistemas que se preocupam com o morto. É claro que não se pode estabelecer um corte radical, mas há uma tendência para ver a

do velório para Suzyany, e ainda assim, era precisava lidar com esse tipo de situação. Suzyany destaca:

No velório! Me chamaram pra resolver. Eu disse que não, de jeito nenhum! Dois meses antes, eu já tinha liberado o sepultamento do meu sobrinho, que também morreu por complicações da covid, mas não era covid. Aí eu perguntei: “Qual é a outra opção?” Me disseram: “Você pode comprar um jazigo nesse cemitério, que é onde ele está sendo velado.” Eu: “Tá, e como funciona isso?” Responderam: “É cinco mil de entrada e mais trinta parcelas de oitocentos.” E eu precisava decidir na hora, porque ele precisava ser enterrado. Gente, como assim? Eu ali **chorando, acabada, tinha acabado de perder a pessoa que eu mais amava no mundo, e ninguém pra cuidar dessas coisas**. E você tem que resolver TUDO isso! Eu pensei: “Meu Deus, o que eu faço?” Aí tive que me virar, comprar o jazigo, mandar preparar, pra ter onde enterrá-lo. Acredita? A pessoa... Meu Deus. “E aquela possibilidade?” E eu disse: “Gente, eu não vou deixar *dobrarem a perna dele pra colocá-lo num caixão menor!* Não tem necessidade.” Então, paguei por esse enterro, mas depois tive que esperar o coração, pra poder fazer a cremação que era, afinal, o que ele queria. (Suzyany, entrevista realizada em 24/04/2023).

A experiência de Suzyany relatada acima sobre o corpo do seu marido, evidencia como os processos de morte, especialmente em contextos pandêmicos marcados pela desigualdade e pelo sentimento do agora, que precisa “resolver agora”, são atravessados por dinâmicas institucionais que produzem sobrecargas emocionais, financeiras e morais a sujeita enlutada. A cena do velório, revela a racionalidade burocrática e mercantil que rege a gestão dos corpos, mesmo em momentos de extrema fragilidade que a enlutada destaca. A exigência de decisões imediatas como a “compra de um jazigo com pagamento parcelado” impõe não apenas o ônus econômico, mas também a responsabilidade por definir, em tempo real, os desdobramentos rituais da despedida.

A ausência de suporte institucional e a pressão para evitar procedimentos desumanizantes como uma adaptação forçada do corpo para caber no túmulo, nos falam das dimensões de pessoa, coisa e mercadoria (Neves, 2016). Nesse caso, mostra não apenas o sofrimento pela perda, mas a forma como a instituição, os serviços funerários e o mercado operam na produção de uma morte regulada, onerosa e, muitas vezes, solitária. Suzyany já não queria realizar a cremação do seu marido para ele “não se tornar um nada”, porém naquele momento o corpo do seu marido se tornou uma mercadoria, deixando-se de reconhecer sua individualidade e seus laços com os vivos.

morte como importante, descartando o morto; e uma outra que tende a ver o morto como básico, descartando obviamente a morte” (DaMatta, 1997, p.135).

De forma semelhante ao que ocorreu com Suzyany, que se sentiu sem amparo no momento das decisões, Emile, esposa de Mário expressou sua confusão e dor diante da perda no momento da morte, afirmando: “Você fica perdida” [choro]. Ela expressou também esse sentimento de não saber o que fazer, e de tudo precisar ser decidido muito rápido. Ela decidiu pela cremação e, segundo relatou, sentiu-se grata por ter condições de realizar esse procedimento. No entanto, mesmo após algum tempo, ainda guarda as cinzas de Mário sem saber ao certo o que fazer com elas. “Eu sei que preciso lidar com isso, mas não me incomoda”.

Já a irmã de Emile, coloca a importância de um ritual de despedida, sugerindo algo simbólico em uma praia. Como Mário praticava voo planador, cogitam a possibilidade de realizar um último voo em homenagem à sua memória. Esse sentimento de realização de um ritual é um sentimento de fechamento para a *communitas*, tanto quem realizou o sepultamento como com as cinzas da cremação, está relacionado com a dimensão cultural do não-lugar da morte.

Os casos analisados revelam uma reconfiguração das práticas de despedida pandêmicas, permitindo identificar a coexistência de *rituais de distanciamento, de improviso e de circuito* que permearam os momentos de sepultamento e cremação. Notavelmente, os rituais de circuito manifestaram-se, em diversas ocasiões, por meio do *manejo das cinzas* de indivíduos cremados; a circulação desses remanescentes permitiu que as famílias estabelecessem novas formas de conexão diante das restrições impostas, transformando as cinzas em elemento central de *ritos compartilhados*, que desafiaram a imobilidade do isolamento social.

No que se refere aos *rituais de improviso*, estes podem ser relacionados à criação de novas alas destinadas às vítimas da Covid-19 nos cemitérios, evidenciando rearranjos espaciais que impactaram diretamente as formas de sepultamento. Tais adaptações, frequentemente marcadas pela urgência, contribuíram para a constituição de práticas funerárias provisórias, nas quais as famílias precisaram negociar, em meio às restrições, modos possíveis de ritualização da morte.

Na medida em que os ritos de despedida não oferecem apenas um marco simbólico para a separação, mas também operam como dispositivos de organização da experiência da perda, torna-se necessário ritualizar a ausência como forma de produzir sentidos diante da interrupção do corpo vivo. Elaborar o destino do corpo morto ou, nos casos da cremação, das cinzas constitui um elemento central desse processo, uma vez que tais materialidades demandam inscrição ritual e social. Não se guarda um corpo morto em casa e, nesse sentido, observa-se também certo desconforto em manter as cinzas indefinidamente, pois elas, assim como o corpo,

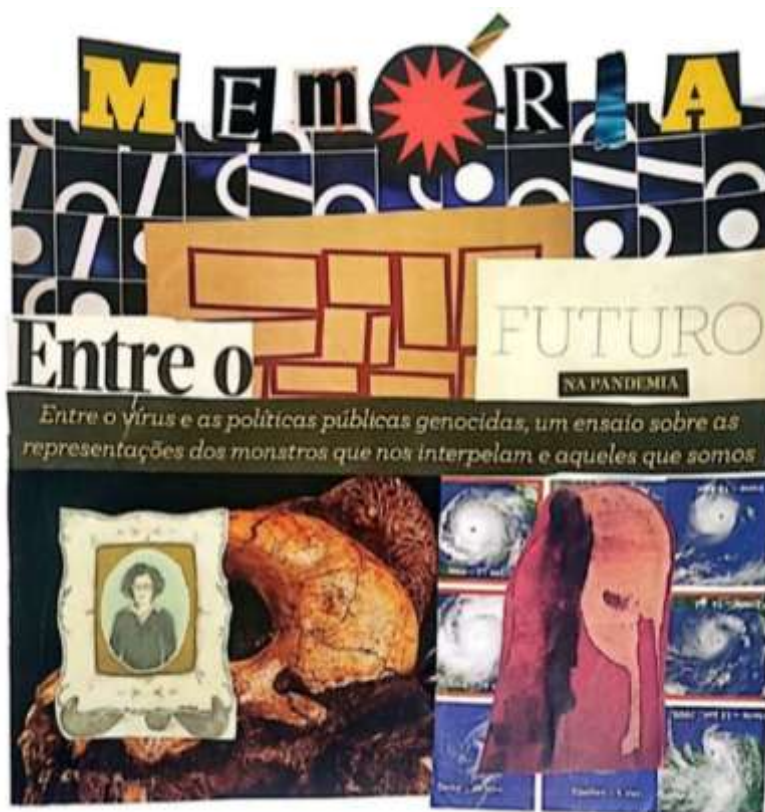
convocam um destino simbólico que lhes atribua lugar e significado, conforme as “*formas e atributos dos ritos de passagem*” descritos por Turner (1974).

Nessa direção, Louis-Vincent Thomas (1988) compreende as práticas funerárias como mecanismos centrais de regulação social, por meio dos quais as sociedades elaboram coletivamente a experiência da morte. O luto e a memória configuram-se como processos sociais compartilhados, fundamentais para a recomposição dos vínculos rompidos pela perda. A morte, entendida como ruptura da ordem social, encontra nos ritos funerários uma resposta de reparação, que não se dirige apenas ao morto, mas sobretudo aos vivos. São esses ritos que permitem reordenar o social e reinscrever o falecido em um novo estatuto simbólico, como ancestral, espírito, memória ou ausência, garantindo a continuidade das relações entre mortos e vivos (Thomas, 1988).

5 AGREGAÇÃO E OS EFEITOS DO LUTO SEM CORPO: DIMENSÕES SOCIAIS E A BUSCA DE SENTIDO

Neste capítulo, serão analisadas as transformações ocorridas nos rituais de morte, especificamente na fase de agregação, e nos processos de elaboração do luto no contexto da pandemia de Covid-19, a partir das narrativas das enlutadas. A ênfase recairá sobre os efeitos de longo prazo do luto pandêmico, evidenciando a dor da solidão e o sofrimento social experimentado diante da impossibilidade de velar o corpo ou de realizar os rituais de despedida. Essa interrupção ritualística teve influência direta na aceitação da perda e na elaboração simbólica da ausência, comprometendo os mecanismos coletivos de ressignificação da morte, dos mortos e do processo de morrer. Além disso, serão analisadas as formas alternativas de apoio social que emergiram, como manifestações públicas, iniciativas associativas e a criação de memoriais (virtuais e presenciais), formas de homenagear e de ressignificar, novas ritualizações, enfim, que buscaram restituir, ainda que parcialmente, o espaço simbólico da despedida e a dimensão coletiva da memória dos mortos¹¹¹.

Colagem 2 – Memórias da pandemia



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

¹¹¹ Quero agradecer a **Cláudia Barcellos Rezende (UERJ)**, professora titular do Departamento de Antropologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pelas suas contribuições a este capítulo da tese, especialmente a partir da mesa realizada na III Jornada do GRUPESSC, que teve como tema a antropologia das emoções.

A colagem acima foi realizada durante o “II Canjerê Antropológico: Entre fazeres, saberes e anunciamentos: outras perspectivas em Antropologia”, no PPGA/UFPB que teve como foco as aproximações entre Arte e Antropologia, explorando as práticas de colagem e etnografia. Proposta pela Prof^a Lara Amorim e pelo discente Bernardo Américo, a atividade abriu espaço para refletir sobre a potência da criação artística como gesto etnográfico e metodológico, convocando os participantes a elaborarem, por meio da visualidade e da montagem, modos de narrar experiências sociais e subjetivas que ultrapassam o campo da escrita.

A colagem apresentada na oficina materializa, em linguagem estética, o entrecruzamento de temporalidades e afetos que constituem o luto na pandemia. A justaposição das palavras “memória” e “futuro”, ladeadas por imagens de morte (o crânio), de catástrofe (os furacões) e de lembrança individualizada (o retrato emoldurado), revela a potência política da memória: lembrar, neste contexto, não é apenas evocar os que partiram, mas também enfrentar as ausências produzidas por escolhas estatais que naturalizaram a perda de vidas. A noção de “entre”, que atravessa a composição textual e visual, sugere uma zona liminar na qual o passado e o porvir se tensionam, evidenciando o caráter ambíguo do luto coletivo, simultaneamente memória e projeção, dor e denúncia. Ao rearticular imagens de ossos, retratos e desastres naturais, a colagem espalha um luto coletivo, que não se restringe à lembrança íntima, mas se expande como denúncia e como gesto de resistência.

5.1 AUSÊNCIA DE UMA “RECORDAÇÃO DE UMA REALIDADE REAL”: LUTO E EMOÇÕES

Inicialmente apresento alguns elementos dos estudos da Antropologia das Emoções pensando especificamente na contribuição dessa área para os estudos do ritual e do luto, para em seguida compreender as emoções das enlutadas que participaram desta pesquisa diante da morte, dos mortos e do morrer em tempos de pandemia. Embora a questão do ritual já tenha aparecido nos capítulos anteriores, até agora não foi dada a devida atenção a sua relação com o campo das emoções, que é o foco da discussão aqui proposta. De modo geral, pode-se dizer que a falta de uma despedida presencial e a ausência de rituais intensificaram os sentimentos de isolamento, solidão, sofrimento e angústia das enlutadas. Nas próximas páginas, mostro de que maneira essas mulheres significaram e ainda significam suas perdas, e como se movimentam em busca de estratégias e recursos que as auxiliem frente ao luto, incluindo a busca de apoio social, a procura de especialistas, e a participação em grupos e associações, entre alternativas. Serão descritas formas ritualísticas recriadas pelas mulheres em contexto pandêmico, considerando

que o ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica capaz de se atualizar à luz das dinâmicas do presente (Peirano, 2003).

Motta (2009) relata que o rito pós-morte está relacionado a uma necessidade social e emotiva. De acordo com o autor, “No mundo dos vivos, os mortos passam a ter vida a partir do trabalho contínuo de memória e recordação de indivíduos achegados ou do grupo social ao qual o morto pertenceu” (p. 27). Assim, os rituais funerários tanto servem para afastar a morte como estão ligados a uma necessidade emotiva dos vivos, que se estende ao mundo dos mortos. Ele aponta que o rito após a morte, portanto, está relacionado a essa dupla necessidade, sugerindo que o processo de lidar com a morte de alguém contém um aspecto emocional e uma dimensão social, ambas intrinsecamente entrelaçadas.

Avançando sobre esse tema, a partir da revisão do campo realizada por Lutz e White (1986, p.413), vemos que os estudos da Antropologia das Emoções estabelecem um diálogo com os estudos de ritual, abordando especificamente a transformação cultural da experiência do indivíduo. Se consideramos, com Peirano (2003, p.7) que a qualquer tempo e em qualquer lugar, a vida social é sempre marcada por rituais, o papel que as emoções jogam nessa constante das sociedades humanas tem estado em questão desde, no mínimo, os trabalhos de Durkheim (Lutz; White, 1986, p.413). De acordo com as autoras, um dos debates recorrentes é até que ponto o estudo do ritual pode ser explicado pelas emoções dos sujeitos participantes, e também se essas emoções são universais ou específicas, espontâneas ou estereotipadas. Os rituais funerários ocupam um lugar especial nesse debate enquanto “caso paradigmático”. Se, para alguns autores, esses rituais permitem a expressão ou o controle de certos sentimentos universais, outros, na linha de Durkheim, consideram essa abordagem reducionista – embora, por sua vez, sejam acusados de priorizar os aspectos formais e não levar em conta as emoções espontâneas que acompanham esses momentos. O ritual *post-mortem* já foi analisado como um método socialmente construído de distanciar os indivíduos da experiência emocional e, de modo diversos, como uma forma de ajuda das pessoas no seu “trabalho emocional”. Seja como for, a centralidade das emoções nos ritos funerários está dada, e ela assume um papel essencial nas narrativas das mulheres entrevistadas, como mostrarei ao longo do capítulo.

Os rituais, na concepção de Peirano (2010), destacam-se por compartilhar alguns traços distintivos, uma ordenação que estrutura, e um sentido de realização coletiva por parte dos grupos com um propósito bem definido. Dessa forma, a ação ritual é compreendida e consiste em uma operação feita em um objeto símbolo com o propósito de uma transferência imperativa de suas propriedades para o recipiente (p.12).

Os rituais, na concepção de Peirano (2010), destacam-se por compartilhar alguns traços distintivos: eles possuem uma ordenação que os estrutura, e têm um sentido de realização coletiva por parte dos grupos, respondendo a um propósito bem definido, que somente pode ser apreendido etnograficamente. Dessa forma, a ação ritual é constituída por sequências com conteúdo e arranjo “caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotípia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição)” (p.10). Mais do que isso, Peirano aponta para o caráter performativo da ação ritual:

A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos: 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo] (p.10)

Embora a análise de Peirano não priorize a dimensão emocional do ritual, a ideia de “performatividade” dialoga com esta pesquisa no sentido de que os rituais “fazem coisas”. O que ocorre, no nível das emoções, quando essas “coisas” não são feitas, quando os rituais de passagem não têm lugar?

Ainda sobre a relação entre emoções e rituais, especificamente rituais funerários, Rezende e Coelho (2010) retomam o artigo pioneiro de Marcel Mauss intitulado “A expressão obrigatória dos sentimentos”, em que o autor discorre sobre o estatuto das emoções para a nascente ciência social a partir de um caso de ritual funerário australiano, no qual as emoções não são expressas individualmente, mas de forma coletiva e estereotipada. Diz o autor: “Não só o choro, mas toda uma série de expressões orais de sentimentos não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais, marcados por manifestações não-espontâneas e da mais perfeita obrigação” (Mauss, 1979, p.147). O interesse desse texto, de acordo com Rezende e Coelho (2010), é que ele senta as bases para pensar a expressão dos sentimentos como uma linguagem, “em que o indivíduo comunica aos outros aquilo que sente em um código comum, nesse movimento comunicando também a si mesmo suas emoções” (p.103).

De várias formas, os autores apresentados até aqui nos permitem compreender a importância dos rituais funerários como elementos comunicativos, que favorecem a solidariedade em um momento dramático e, de certo modo, ajudam a dar um enquadramento emocional ao processo do luto. Entretanto, é preciso levar em conta, também, as importantes mudanças que vem acontecendo no terreno da morte e dos seus rituais nas sociedades

contemporâneas, na esteira do que já foi tratado nesta tese, a partir de autores como Ariès e Thomas, e como elas afetam a dimensão emocional do luto.

No Brasil, pesquisa de Koury (2003) identificou importantes mudanças em curso nas formas de expressar a dor do luto desde a década de 1970 nos segmentos médios urbanos, mudanças estas que o autor atribui ao avanço do processo de individualização das relações sociais e das formas de agir e pensar individuais. Nestas novas configurações, a exposição do sofrimento passa a ser vivida com vergonha, como domínio do íntimo, ao mesmo tempo em que os sujeitos se ressentem da falta de apoio, gerando um ambiente de ambiguidade e ambivalência em relação ao luto. Nesse contexto, o próprio ritual tradicional perde força em favor de outras manifestações da ordem do privado, ainda não consolidadas. Koury (2020) chegou a abordar questões relativas às emoções na pandemia em sua última obra, uma coletânea intitulada *Tempos de pandemia: reflexões sobre o caso Brasil*, e especialmente no capítulo de sua autoria “As emoções em tempos de isolamento social”. Nesse texto, o autor mostra a experiência da pandemia como uma dupla crise para o brasileiro, política e sanitária, e se centra nas mudanças das emoções da vida cotidiana, situando processos da perda, dor, solidão e sofrimento social na ação do coronavírus (Koury, 2020). As emoções ansiedade, medo e tristeza, às vezes beirando a depressão, são consideradas pelo autor as mais presentes entre os brasileiros, o que provoca sofrimento individual e social, moldando o humor cotidiano afetando as relações pessoais, e ampliando as crises individuais. Embora o foco desse último trabalho não esteja somente no luto nem nos rituais, alguns elementos de sua análise passam por esses temas e mostram semelhanças com os relatos das enlutadas (Koury, 2020, p.23).

Outro artigo que tem aproximações com minha tese é de Silva (2020), intitulado “Os ‘ritos possíveis’ de morte em tempos de coronavírus”. A partir da análise de matérias de jornais e outros documentos, pela lente das teorias dos rituais de passagem, ele traz a sensação comum entre os enlutados de que as vítimas não teriam morrido devido à falta de contato com o corpo morto – dado que eu também discuti no capítulo anterior. Com isso, podemos perceber como as mudanças no ritual no marco da pandemia interferiram no processo do luto, uma vez que no luto, para reviver a perda do morto, se faz uma idealização do falecido, processo que faz parte da interiorização da morte na “*recordação de uma relação real*” (Koury, 2003). No marco desta pesquisa, uma das formas da “*recordação da relação real*” para as enlutadas está sendo a homenagem aos seus mortos nos memoriais virtuais das vítimas da Covid-19, além das redes de apoio que promovem ações de amparo psicossocial pós-trauma para os enlutados nesse momento de pandemia, como é o caso da AVICO. Uma tradição, a dos memoriais, que também se mostrou muito forte na pandemia de Aids.

Pensando essas práticas culturais dentro de um contexto como o Brasil, que tem nos rituais de enterramento um momento de expressar o vínculo com os que se foram e com os que ficam, bem como de elaborar coletivamente a perda de um ser querido, as práticas fúnebres colaboram para o enfrentamento da dor. Compreendo que a pandemia modifica a forma como os sujeitos lidam com os processos envolvidos no morrer, levando-os, provavelmente, a desenvolver novas formas de significar o fim da vida de pessoas próximas.

Como editor do “Memorial das vítimas do Coronavírus no Brasil”, pude compreender através dos discursos que no processo de as pessoas lidarem com o fato de terem perdido um ser querido por coronavírus se dá uma indignação pela ausência do Estado em forma de políticas públicas que enfrentassem de forma eficiente a pandemia. Essa indignação aparecia nos relatos que eram postados e compartilhados, mostrando a dimensão política do memorial. Tales (2017), em sua obra sobre “O memorial dos desaparecidos de Vila Formosa em São Paulo”, destaca que os memoriais de vítimas favorecem a constituição de uma consciência coletiva, trazendo uma relevância da cultura da memória e da legitimidade do relato pessoal, produzindo políticas de memória e reparação.

Neste momento, irei abordar a experiência das enlutadas em duas direções complementares e intrinsecamente entrelaçadas: a memória pessoal/familiar e a memória coletiva ou coletivizada. Explorando como essas dimensões se relacionam, muitas vezes interagindo e influenciando-se mutuamente, por meio do fluxo constante de informações e imagens de memória como desenhos, fotos, cartas, pinturas e entre outros materiais, as histórias pessoais de perda se conectam à narrativa mais ampla e compartilhada de uma pandemia que afetou diretamente as emoções de todos. Ao considerar tanto o aspecto íntimo e pessoal quanto o coletivo e público da memória relacionada à Covid-19, busco revelar as complexidades dessas experiências de luto e como elas moldam a compreensão das suas vítimas.

5.1.1 Vivenciar a espera: sentimentos e narrativas das enlutadas sobre o sentimento de retorno dos seus entes queridos

Embora sendo uma situação comum a todas, o processo do luto foi vivenciado de maneira singularizada por cada enlutada da pesquisa. As formas de lidar com o sofrimento variaram consideravelmente a partir do sentimento de solidão e apoio social que a enlutada recebeu. Algumas enlutadas da pesquisa se sentem inundadas por uma profunda tristeza de sofrimento pela ausência do ente querido e sentem dificuldade em seguir adiante, enquanto outras podem tentar enfrentar o sofrimento buscando apoio emocional e amparo em suas redes de suporte, como até mesmo no processo de ativismo que apresento posteriormente.

A necessidade de se manter firme, forte, com esperança e coragem, que aparece em alguns relatos, requer uma gestão emocional que apreende a noção de pena como algo negativo, indesejado. Com o passar do tempo, a tristeza, o abatimento, o medo, o receio e demais sentimentos que transpareçam a “não condição” ou a “falta de esperança” das enlutadas para suas vítimas da covid-19 deve passar por um processo de controle emocional. É preciso “seguir”, isto é, considerar a gestão emocional na criação de estratégias para lidar com a situação da perda.

Os processos de controle das emoções e a gestão do sofrimento apresentados nas narrativas das mulheres são como cicatrizes sociais da dor. Por um lado, o controle do sofrimento é visto como um preparo para a “aceitação da morte” do seu familiar, e como a resposta a uma exigência social de se retomar a vida, de encerrar o tempo do luto. Nesse contexto, é relevante destacar como as experiências emocionais das enlutadas da pesquisa são produzidas em meio a normas sociais, expectativas culturais e experiências compartilhadas durante a pandemia e antes dela. A dimensão do controle das emoções nos convida ao diálogo com Elias (2001) e suas análises sobre a privatização das emoções no processo civilizador. A expectativa de que o luto não seja exposto, que ele seja rapidamente superado ou mantido de uma maneira “discreta” também faz parte das novas configurações da vivência do luto em contextos urbanos brasileiros (Koury, 2003) e, nesse sentido, o controle é fundamental. Entretanto, não podemos pensar as emoções somente como controle e construção social, pois as emoções são ao mesmo tempo “aquilo que vaza”¹¹². A forma como lidamos com o sofrimento e como buscamos controlar nossas emoções diante da perda são reflexos diretos desse contexto social, com todas suas ambiguidades e conflitos, tensionados no momento de pandemia.

Nos primeiros relatos que trago aqui observamos algumas estratégias utilizadas por três mulheres que envolvem a mobilização de lembranças felizes, a busca por suportes diversos e a partilha do trabalho do luto entre várias mulheres. Começarei com o relato de Nalva.

O desenho feito por Nalva, abaixo é um reflexo da relação entre Nalva, Fernando e seu cachorro, Bingo. Fernando, na época, estava empregado na empresa São Geraldo, onde desempenhava o papel de motorista em viagens interestaduais. Em meio a todas essas experiências, havia o Bingo, um cão que, por mais desastroso que pudesse ser, ocupava um lugar especial na família. Bingo era aquele tipo de cão que causava estragos em casa, mas sua capacidade de conquistar afeto era inegável, especialmente por parte de Fernando. Bingo tinha

¹¹² Aqui, inspiro livremente em Octavio Bonet (2018).

uma conexão única com ele, e era notável o ciúme que o cão demonstrava sempre que alguém se aproximava de Fernando. Nalva quando chegava perto de Fernando, o Bingo caia em cima. Nalva esperava essa chegada de Fernando em sua casa com a recepção de Bingo.

Figura 38 – Bingo o “pior cachorro” do mundo



Fonte: Desenho elaborado pela enlutada Nalva (2023)

A vida de Bingo teve suas complexidades, pois ele era epilético e precisava de cuidados especiais. Diariamente, ele tomava gardenal e brometo, dois medicamentos caros que eram essenciais para controlar sua condição. Surpreendentemente, Bingo viveu com eles dez anos e meio, apesar de seus desafios de saúde. Este desenho tinha um significado especial para Nalva, pois representa *“os momentos inesquecíveis que compartilhamos com ele”*.

Após a triste perda de Bingo, que foi marcada por uma noite com crises de epilepsia, Fernando jurou nunca mais ter outro cachorro, devido ao amor profundo que sentia por ele. Fernando costumava passar dias fora de casa, e quando retornava, Bingo não permitia que ninguém se aproximasse de Fernando devido ao ciúme que sentia.

Essa foto (que foi desenhada por ela, conforme a imagem acima) na geladeira de Nalva é uma lembrança constante desses tempos de afeto entre Fernando e Bingo, de um período significativo da vida de Fernando, quando trabalhava na São Geraldo e fazia viagens longas. E quando Nalva olha essa imagem ela percebe que agora Fernando fez uma viagem longa e acredita que Bingo está lhe recepcionando. O papel de Bingo na vida de Fernando e Nalva vai além das palavras e formas de carinho que tinha entre os três (Nalva, Fernando e Bingo). Bingo não era apenas um cão de estimação; ele era um companheiro leal emocional para ambos.

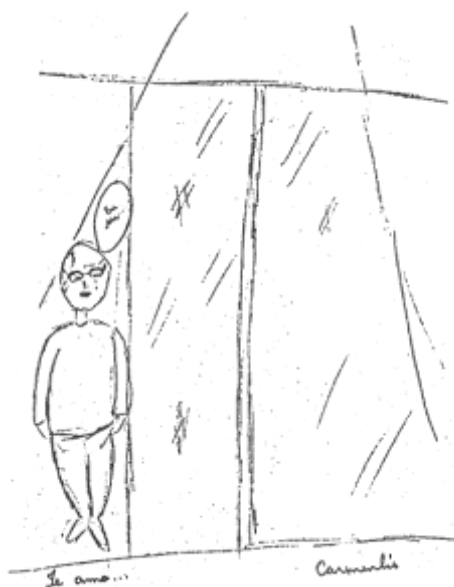
Após a perda de Bingo, a simples visão de uma foto dele com Fernando se tornou uma espécie de refúgio para Nalva, uma janela para o passado repleto de memórias felizes. A imagem

deles juntos evoca um sentimento de saudade dupla, mas também de alegria pelo ato de ter compartilhado a vida, o que desempenhou um papel importante no processo de luto de Nalva de seguir em frente.

“É uma recordação que proporciona conforto, consolo e mantém viva a lembrança daquelas experiências compartilhadas. No entanto, um novo sentido se iniciou quando Gabriel, meu neto de 14 anos, nasceu. Fernando se apaixonou pelo neto e realizou seu sonho de ter um filho homem.”

Já no caso de Adriano, o processo de luto da família foi marcado por uma imagem de distanciamento que se tornou a última presença. A mãe de Bruna e Luiza levou Adriano, seu marido, ao hospital e permaneceu na sala de espera interna. A comunicação final entre o casal se deu através de uma porta de vidro automática, que serviu como um cenário de separação iminente. Eles se olharam intensamente, e aquele foi o último momento em que a esposa viu o pai de suas filhas com vida. Ela relatou que o olhar de Adriano estava “muito assustado”, carregado de medo – um adeus silencioso, a imagem da partida eternizada no olhar.

Figura 39 – O olhar de Adriano



Fonte: Acervo da enlutada mãe das enlutadas Bruna e Luíza (Carmenlis) (2023)

No dia seguinte, ou dois dias depois, ele foi sedado e intubado, então esse desenho mostra a última vez que a mãe de Bruna e Luiza viu seu esposo em vida. Na sala de espera, ele ficou na parte de dentro dos pacientes aguardando o atendimento, e ela, de fora. A sala de espera

para essa família não é mais a mesma, pois nela está inscrita a lembrança do momento do distanciamento, do olhar de Adriano.

Janaina Arruda foi outra enlutada que falou sobre a experiência do luto do irmão Juliano. A situação com sua mãe era especialmente desoladora para a mãe de Juliano e de Janaina. Ela chorava todos os dias, e o motivo era o luto por Juliano, que era uma pessoa lutadora e trabalhava nos serviços essenciais, no mercado. Ele não era apenas um querido irmão para Janaina, mas também morava com a sua mãe e cuidava dela, o que tornava a perda ainda mais devastadora para sua mãe no processo do luto. A relação deles era muito próxima, e a ausência de Juliano deixou um vazio na vida de todos.

Sua mãe, enfrentando a dor e a realidade da perda, tomou uma decisão angustiante: ela deixou todos os pertences de Juliano da mesma forma. A casa do seu irmão Juliano permaneceu congelada no tempo, como se ele tivesse saído para trabalhar de manhã e estivesse prestes a voltar à noite. Cada objeto, cada canto da casa, era um lembrete constante da presença que não estava mais lá. Janaina me mandou fotos da casa de Juliano.

Figura 40 – A casa de Juliano



Fonte: Acervo da enlutada Janaina Arruda (2023)

O peso da perda e o vazio da casa tiveram um impacto sobre a sua mãe. Ela caiu em uma depressão que parecia não ter fim. O luto e a dor pareciam estar entrelaçados com as paredes da casa, tornando impossível para sua mãe encarar a realidade e o processo de luto. As coisas dele permaneciam exatamente onde ele as deixara, como se o tempo tivesse parado naquele dia na pandemia.

Janaina reconheceu a necessidade de lidar com as emoções que assolavam sua mãe e com a casa que parecia suspensa em um estado de luto eterno. Mesmo que fosse doloroso, ela estava começando a encontrar a coragem para abrir o guarda-roupa do seu irmão e começar o processo de doação das suas coisas, dando um passo em direção à aceitação e à superação do luto. Os animais de estimação de Juliano, os dois gatinhos, eram agora cuidados por Janaina, e eles eram uma lembrança constante da presença carinhosa do seu irmão. A casa do seu irmão permanecia um testemunho silencioso de um tempo que nunca voltaria, um lugar onde as memórias do passado continuavam a ecoar na solidão da ausência de Juliano. De acordo com DaMatta (1997):

há obrigações palpáveis diante dos mortos e de suas almas: seus aniversários de nascimento e de morte são lembrados, sua memória deve ser cultuada e há até mesmo uma possibilidade curiosa, pois, falar periodicamente com eles dá a quem o faz uma certa sabedoria, poder e aquela invejável e tranquila resignação diante "deste mundo". (DaMatta, 1997, p.142).

A experiência de Janaina dialoga com o que DaMatta (1997) descreve como as obrigações palpáveis diante dos mortos, expressas na preservação de seus objetos, na memória cotidiana e na manutenção de uma relação contínua com sua presença. A casa de Juliano, ao permanecer intacta, transforma-se em um espaço ritualizado, onde o tempo parece suspenso e onde Juliano é continuamente reinscrito na vida familiar, seja pelos objetos que permanecem em seus lugares, seja pelos animais de estimação que evocam sua presença. Nesse contexto, o sofrimento da mãe e a dificuldade de reorganizar o espaço doméstico revelam como se processa o processo do luto, intensificado pela pandemia, no qual a memória deixa de paralisar o cotidiano e passa a ser reinscrita como forma de convivência.

5.2 AS ENLUTADAS: O PROCESSO DO LUTO EM TEMPOS DE SOLIDÃO

Durante a pandemia, as fases do luto “*negação, raiva, barganha, depressão e aceitação*”, conforme descritas por Elisabeth Kübler-Ross (2008), assumiram novas configurações, refletindo as transformações nas formas de viver, morrer e se despedir. Pensar nessas fases nesse contexto é reconhecer que a pandemia desestruturou o “curso habitual do luto”, deslocando suas fronteiras e intensificando suas expressões. Diante dos encontros com as enlutadas, a *negação* aparece pela dificuldade em aceitar a morte de entes queridos sem poder vê-los ou acompanhá-los no momento de adoecimento e morte; a *raiva* se voltou tanto contra o vírus quanto contra a ausência de políticas públicas e contra as desigualdades que agravaram as perdas; a *barganha* manifestou-se nas tentativas simbólicas de compensar a ausência dos rituais, como homenagens virtuais e mensagens nas redes sociais, que pude observar de perto enquanto atuei como voluntário no memorial de Covid-19; a *depressão* assumiu uma forma coletiva e individual,

atravessando o isolamento e o medo que pairavam sobre toda a sociedade, principalmente marcando a experiência das enlutadas; e a *aceitação*, por sua vez, tornou-se mais complexa, exigindo outras formas de significar a ausência e de reconstruir laços afetivos em meio ao ritual, transformando seu luto em luta. Alguns relatos escolhidos ajudam a visualizar melhor essas mudanças, começando com a narrativa de Maiti.

“*A rotina mudou*”, essa foi a primeira frase no início da nossa conversa com Maiti. Sua irmã morava perto de sua casa e decidiu ir morar com ela por um tempo, porque sua casa era grande demais para ficar sozinha e, além disso, ela não queria sair de lá, pois não queria fugir da dor. Essa era a verdade. Ela tinha consciência de que precisava viver o luto, todos os lutos, porque quando sua mãe faleceu, ela não vivenciou completamente o luto. Sempre foi do tipo que segue em frente, sem se abalar muito.

Por causa de sua atitude resoluta, quando sua mãe faleceu, ela passou por isso sem viver a dor no momento, e só depois percebeu como isso foi difícil. Desta vez, com a ajuda do terapeuta e outras ferramentas, ela entendeu que era o momento de encarar a dor e passar por ela. Decidiu, então, permanecer em sua casa e se reconstruir a partir de lá. Vivenciar as saudades naquele espaço que provocava sentimento de perda.

Maiti deu continuidade ao seu trabalho e passou a dedicar-se intensamente aos estudos, aproximando-se de diversas amigas e passando a participar de um grupo de cura formado por mulheres, associado a práticas de espiritualidade. Esse movimento se deu à medida que ela percebia, em seus contextos sociais, a presença de uma *moralidade do luto*, isto é, um regime de expectativas que orienta as formas consideradas legítimas de sofrer diante da perda, exigindo a exteriorização do sofrimento para que este seja socialmente reconhecido a pessoa enlutada. Nesse cenário, o processo de luto deixa de ser apenas uma experiência subjetiva e passa a operar como prática social. Maiti não nomeia com precisão esse espaço, referindo-se a ele como uma espécie de egrégora de mulheres que se apoiam mutuamente por meio de orações, vibrações positivas, reiki e encontros periódicos. No interior desse coletivo mais amplo, formaram-se grupos menores de amigas mais próximas, que atualmente constituem sua principal rede de suporte.

Ela acredita que o principal de tudo é o autoconhecimento, e sente que mergulhou em si mesma nesse período, descobrindo quem realmente é, além do que faz. Ao refletir sobre si, percebeu que muitas vezes nos definimos pelo que fazemos, mas ela descobriu que é mais do que apenas suas ocupações. Seu trabalho não a define e nem pode limitá-la. Com isso em mente, decidiu investir em outras áreas além de seu trabalho. Com o dinheiro que tinha, inclusive o

seguro de vida, resolveu abrir uma cafeteria com sua irmã, para diversificar e ter algo novo em que pensar.

Além disso, nessa jornada de autoconhecimento e espiritualidade, decidiu, junto com duas amigas, criar um podcast sobre essas questões. O foco do podcast é falar sobre o autoconhecimento de mulheres entre 40 e 50 anos, abordando temas como dores, solidão e solitude, pois, mesmo em relacionamentos, muitas mulheres enfrentam suas próprias solidões e dificuldades. O *podcast* ainda está em produção e não foi divulgado, mas para ela tem sido um exercício de renunciar à privacidade e se expor. Ela acredita que, para falar de autoconhecimento e dor, é necessário compartilhar as próprias experiências, e esse processo tem sido muito terapêutico, até mais intenso do que o último ano de terapia.

Maiti no período da Covid-19 perdeu o seu espesso, sua sogra e seu sogro. Essa situação, que acometeu diversas famílias, em que várias pessoas do mesmo grupo familiar morreram de Covid em um curto espaço de tempo, apresenta um desafio ainda maior pois os lutos se entrelaçam e a sensação de vazio e perda de referências se aprofunda – não à toa, Maiti nos fala de uma casa que de repente ficou muito grande. Ela fala sobre o sentimento de saudades e descreve o longo trajeto de superação do luto e como ela faz esse manejo das próprias emoções.

Figura 41 – O luto dobrado



Fonte: Acervo da enlutada Maiti (2023)

Os danos emocionais são abundantes, e muitas vezes as pessoas carregam essas dores por muito tempo – Maiti traz essa reflexão ao falar sobre o histórico de morte que teve em sua trajetória. Há momentos em que sente que está superando o luto - “nossa, passei. está passando”, porque, de certa forma, a dor diminui, mas a saudade não.

Maiti destaca que, embora ambos sejam sentimentos e emoções que aparentam estar no mesmo espaço, na verdade, estão em “caixas” diferentes. Para ela, a dor está em uma caixa, e a

saudade, em outra. Atualmente, consegue lidar com ambas de forma dissociada, separada, mas isso não foi fácil, e ainda não é simples. Ela já fazia terapia anteriormente e continuou o tratamento com duas outras terapeutas após tudo o que aconteceu, mantendo-se em terapia até hoje (momento da pesquisa) e acreditando que precisará dela por muito tempo. Agora, já consegue espaçar as sessões, tendo passado de duas vezes por semana para uma vez, e atualmente vai apenas duas vezes por mês, sentindo-se mais tranquila.

Desde então, está se reinventando, repensando tudo, incluindo quem era antes. Estava casada há apenas dois anos, um casamento recente, ainda em um período que pode ser chamado de lua de mel, e, por isso, tudo foi muito difícil. Pensamentos confusos surgiram: “por que demorei tanto para casar?” ou “Por que me casei?”. Além disso, houve questionamentos como: “Por que eu precisava passar por isso?”. Seu pai já havia sido assassinado quando ela era muito jovem, sua mãe também já havia falecido, e, diante de tudo isso, veio a sensação de perda completa: “Já não bastava não ter pai, não ter mãe? Agora, não tenho marido, não tenho sogra”. A sensação era de estar jogada no mundo, ou melhor, cuspidada nele. Foi então que começou seu processo de reinvenção, sentir o luto e reconstruir.

Se a perda de várias pessoas de mesma família foi uma situação especialmente desafiadora para Maiti e para muitas outras pessoas na pandemia, a perda de um filho para a Covid também se situa entre os lutos considerados difíceis, uma vez que a morte de um filho desafia a ordem natural das coisas – os pais não devem enterrar os filhos, antes ao contrário. Ao narrar a morte de seu filho Marcello Vitor, Mônica revelou que essa experiência a levou a desacreditar nas pessoas. Tudo começou com a atitude do ex-presidente na pandemia, na contramão de todas as recomendações existentes para a proteção da população: *“até hoje eu descredito, eu passei a desacreditar nas pessoas, eu não acredito mais em governo. Aí onde está o senso de justiça, sabe? Cada vez mais aguça mais o sentimento de injustiça dentro de mim, de desacreditar”*.

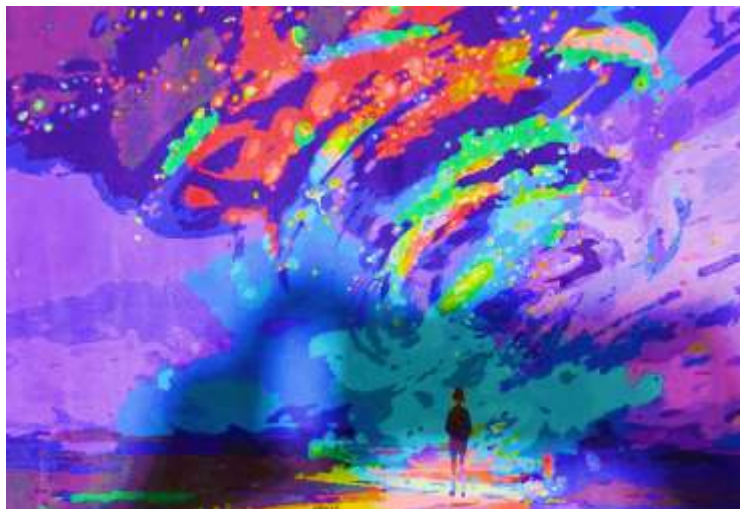
Desde que seu filho morreu vítima da Covid, ela começou a perder a confiança nas pessoas, o que resultou em sérios problemas de relacionamento, inclusive dentro de sua própria família e quando saía às ruas. A desconfiança e o sofrimento culminaram em seu divórcio, que ocorreu três meses após a morte do filho. Atualmente, ela vive com sua filha, mas relata que tudo mudou desde então, como se o mundo tivesse perdido o sentido.

Mônica ficou mais de um ano afastada do trabalho, incapaz de exercer suas funções, pois se sentia abalada com tamanha mudança de vida em um intervalo de dez dias, o tempo que durou o processo de adoecimento e morte do filho. Quando retornou ao trabalho, passou a trabalhar apenas meio período, das 7h às 13h. No entanto, outras atividades continuam sendo um desafio, pois ela se encontra em um estado depressivo, reconhecendo a necessidade de agir,

mas sentindo-se paralisada e sem conseguir interagir com as pessoas, como se sua vida estivesse estagnada.

Abaixo apresento um quadro elaborado por Mônica sobre seu mundo sem sentido.

Figura 42 – O mundo de Mônica



Fonte: Acervo da enlutada Mônica Oliveira (2023)

O relato de Mônica reflete sua experiência de luto, revelando não apenas a dor emocional, mas também as repercussões em sua vida social cotidiana nas interações sociais entre familiar e profissional. Em uma perspectiva antropológica, o luto vai além de um processo biológico, afetando redes de relações sociais e a maneira como a pessoa percebe e interage com o mundo ao seu redor, por ter experimentado uma situação de rompimento de um vínculo.

Outra enlutada que referiu ter ficado triste com as pessoas foi Eliane, que perdeu seu pai, a quem era muito ligada. No seu relato, a solidão é a emoção que recebe mais destaque, o que nos permite pensar o isolamento social pela chave das emoções no momento do luto. Devido ao fato de ela ter convivido com alguém que morreu de Covid-19, as pessoas não se aproximaram dela logo da morte de seu pai, com medo do contágio. Por isso, ela precisou vivenciar esse momento em solidão. Em nossa conversa online, à qual ela compareceu depois de fazer uso de calmantes para poder reviver toda a história de dor, ela destacou que ainda está vivenciando seu luto, um luto que considera intemporal e que não sabe quando terá fim. Foi enfática em afirmar que uma das experiências mais dolorosas desse período tem sido viver sozinha, sem ninguém, sem apoio, sem um abraço, isso é o que a deixa mais triste nesse momento. Um luto solitário, porém, não pela vontade dela e sim pela ausência dos outros.

Na compreensão de Eliane, naquele momento as pessoas estavam muito ignorantes do que estava acontecendo, cada um vivendo a sua vida, sem perguntar sobre o outros, ninguém sabia quem havia perdido alguém por Covid ou quem precisava de um ombro amigo. A enlutada

contou o caso de uma amiga e comadre que teve uma atitude que ela não esperava. A amiga enviou uma mensagem dizendo: “Amiga, eu queria estar aí com você nesse momento, mas estamos numa pandemia. Sei que você esteve ao meu lado quando minha mãe faleceu, mas não sei o que fazer.” Eliane respondeu: “Não, tudo bem.” e deixou claro na mensagem para a amiga: “Não estou revoltada com Deus, estou revoltada com o ser humano, com as pessoas.” Depois disso, a amiga a bloqueou, sem mais falar com ela, algo que não esperava. Em um momento posterior, a amiga tentou justificar sua ausência, mas Eliane mostrou como a justificativa da amiga não se sustentava. A enlutada enfatiza que ela (a amiga) pega ônibus todos os dias e trabalha em um hospital. O que a impedia de estar ao seu lado naquele momento?

Em diversas ocasiões, a enlutada fez referência à ideia de “trauma”, também presente no mosaico com o que abri este capítulo: o trauma que terão de carregar para o resto da vida, um fardo pesado de lágrimas e momentos em que é difícil conter as emoções, pois precisava ser “forte”, embora não quisesse ser forte naquele momento, queria apoio para superar sua dor. As lágrimas... há momentos em que é difícil segurá-las, então nesse momento, Eliane e eu choramos, e em sussurros ela disse: “*Nada, ninguém aparecia, ninguém aparecia.*”, sua voz estava trêmula ao falar sobre a ausência das pessoas.

A enlutada explicou como as noites são especialmente difíceis para alguém em luto e principalmente sozinha. Ela disse que, durante o dia, a correria diária ajuda a distrair, parece que o tempo passa mais rápido. “Eu sou mãe, sou pai, e o dia passa rápido”, contou. Mas à noite, quando tudo para ela começa a refletir. A noite é um limbo do tempo, parece que o ritmo acelerado do dia se detém.

Nessa hora, vêm as lembranças da vida que teve com a pessoa que foi vítima da Covid-19, revivendo o que aconteceu. As datas comemorativas, que costumava passar ao lado do seu pai, agora trazem uma dor ainda maior, porque de repente essa pessoa não está mais ali. Ela relatou como dói ouvir os outros dizendo: “Graças a Deus, eu não perdi ninguém para a Covid”, o que às vezes a faz sentir como se estivesse amaldiçoada. “A ignorância das pessoas fere”, disse em forma de revolta. Para ela, não são apenas as datas comemorativas que machucam, mas o vazio da vida cotidiana sem aquela pessoa, o confronto com o silêncio, o vazio da casa e as circunstâncias da perda. Amanhecia o dia, e as pessoas não chegavam perto dela na rua, ninguém acudiu a vê-la e nem aos seus filhos, como se tivesse ficado isolada – “isola ela, porque o vírus está com ela. Alguém da casa dela morreu.”.

A questão do contágio da morte, para além do fato de a Covid se tratar, efetivamente, de uma doença contagiosa, está no cerne dos rituais funerários e das atitudes humanas diante da morte, como afirma Louis-Vincent Thomas (1993),

A morte em si mesma é sempre violência (é isso que poderiam traduzir os estremecimentos do agonizante) e, por essa razão, a fim de preservar-se dessa violência contagiosa, a sociedade isola o defunto, cria um vazio ao seu redor, multiplica as precauções pelo duplo jogo dos ritos funerários e das condutas de luto. (1993, p.228 – tradução nossa)

É todo o ambiente em torno do defunto que se torna perigoso e, por isso, os rituais se fazem tão necessários para reforçar os laços entre os vivos e afastar a ameaça do morto, sobretudo daqueles mais próximos a ele. O que acontece quando os rituais não podem ser realizados – ou são realizados apressadamente, como veremos na próxima seção? Elaine sentiu na pele, no silêncio e na solidão da sua casa, o vazio que a sociedade criou ao seu redor, o peso do contágio da morte. O desenho abaixo nos fala desse sentimento:

Figura 43 – A solidão de Eliane



Fonte: Acervo da enlutada Eliane (2023)

Foi muito difícil para Eliane lidar com o luto da filha de 8 anos, para quem a avó foi a única figura paterna que conheceu, e também com o filho especial. Foi extremamente doloroso passar por tudo aquilo sozinha, pedindo a Deus forças e ainda cuidar das duas crianças. Uma

noite, ela sonhou com seu pai, que lhe dizia que ele estava bem, que o tempo dele aqui havia acabado, e que, para ele continuar bem, ela precisava estar bem, pois as crianças precisavam dela. A partir disso, começou a tentar se convencer de como o pai gostaria que ela agisse, de como ele queria que ela estivesse.

Na conversa, ela conta que começou a frequentar uma academia não exatamente para malhar, mas como uma maneira de se recuperar e se reerguer e vivenciar com outras pessoas. A academia se tornou sua terapia. Ela vai todos os dias. E assim segue, pedindo forças a Deus, em suas palavras. Há dias de altos e baixos, especialmente quando se aproximam datas comemorativas. Nos dias 31 de dezembro e 1º de janeiro, ela se isolou: “no Natal e no Ano Novo, não quero abraço de ninguém, porque, quando mais precisei de um abraço, de uma palavra, ninguém me deu.”

Ao término de nossa conversa, Eliane me disse que, a partir dessas experiências, acabou se tornando um pouco fria, não egoísta, mas passou a pensar mais em si, a querer mais para si, porque foi muito duro: “As pessoas agem como se dissessem - “Ah, mas não foi só você...” Ela sabe que não foi a única a passar por isso, mas acredita que é necessário falar, se expressar, pois é algo que mexeu muito com ela, especialmente pela forma como o luto aconteceu, sem despedida. Pensando com Peirano (2010) no caráter performativo do ritual, é evidente que alguma coisa não foi feita nesse momento de perda. Todos os lutos doem, penso com Eliane, mas quando há a possibilidade de se despedir, de velar, de ver a pessoa no hospital, de visitá-la, existe o contato, o carinho, um beijo. Essa foi uma maneira diferente de perder alguém, e isso a consome até hoje.

Outra enlutada reflete sobre o impacto da perda e a dificuldade em lidar com a ausência de sua mãe na casa e a solidão da casa. Dayse comenta que, após a partida da sua mãe, não conseguiu permanecer em sua própria casa, sentindo-se incapaz de enfrentar o espaço que compartilhou com ela. Um ex-namorado ofereceu um apartamento vago e ela se mudou para lá. Até hoje, a ida à sua residência continua sendo extremamente dolorosa. Ao entrar no local, ela ainda espera ouvir a voz familiar, relembrando momentos rotineiros em que chegava brincando e fazendo barulho, perguntando por sua mãe.

A sensação de que sua mãe ainda responderá, dizendo que está ocupada com alguma atividade doméstica, é uma presença viva que a impede de se desapegar das lembranças, ou não quer desapegar, destaca Dayse. Ela não consegue mexer nos pertences de sua mãe, apesar dos conselhos de outras pessoas que sugerem que doar os itens ajudaria no processo de luto. Para ela, a mãe não era um simples animal de estimação cujo desaparecimento pudesse ser amenizado ao se desfazer dos objetos. A fala sobre a morte de sua mãe, por muito tempo, foi evitada, pois

tornaria a perda mais real e difícil de suportar, já não bastava o espaço da casa vazia, o distanciamento e lidar com a situação da não existência da pessoa física circulando em seu lar. Em seu íntimo, ela desejava apenas que o tempo passasse, de modo que pudesse lembrar de sua mãe com saudade, mas essa jornada de reconciliação com a dor tem sido um sofrimento, além disso, ela traz a dimensão da Covid-19 enquanto um rótulo que marca o olhar dos outros em direção a suas atividades:

Só um silêncio sabe? E uma das coisas que mais me angustiam é dizer assim “Ah, tá vendo ela? A mãe dela morreu de Covid e ela tá aqui trabalhando”. Eu não queria que minha mãe ficava rotulado como alguém que morreu de Covid, e eu não queria ficar rotulada como alguém que “Aí apesar de tudo olha isso, tá reclamando, mas olha ela”, porque... O que as pessoas veem não é o que eu tô sentindo, o que as pessoas veem é o eu quero que elas vejam, como eu fico, se eu tô triste, se eu tô feliz, quem sabe sou eu quando fica em casa. Eu brinco muito, mas eu sou uma muito fechada. Então eu dificilmente vou chegar pra você e vou dizer “Olha, eu tô me sentindo um lixo hoje”. Como algumas pessoas que eu dizia assim “Eu não tô me sentindo em lugar nenhum”. “Ah, mas você tem sua casa”, mas casa é estrutura uma física assim, lar... É diferente. E quando ela se foi é como se meu lugar no mundo tivesse desaparecido. Como se eu não tivesse mais pra onde voltar sabe? E até hoje eu me sinto assim, de vez em quando, sabe?... Com o tempo vai passando, mas a sensação ainda é essa, como se não tivesse lugar pra mim... (Jerlyane Dayse, entrevista realizada em 10/01/2023).

A narrativa da enlutada Dayse evidência a complexidade do luto e do processo de construção da identidade pós-perda, especialmente quando a morte ocorre em circunstâncias como a pandemia de Covid-19. Nesse contexto, o silêncio aparece como uma metáfora do silêncio da sociedade sobre a morte, representando o espaço íntimo das enlutadas, como no caso de Eliane também, em que se manifesta a dor e a ausência. O luto envolve não apenas a perda física de alguém amado, como nesse caso a sua mãe, mas também o dismantelamento de estruturas simbólicas e afetivas, como o “lar”, que vai além de uma construção física, sendo um lugar de pertencimento emocional e identitário, que aparece nos relatos das enlutadas. A enlutada expressa o desejo de não ser reduzida à narrativa pública da morte por Covid-19, o que reflete uma luta interna contra rótulos e expectativas sociais que não correspondem à sua vivência íntima do luto. Por um lado, a rotulação da Covid concorre para uma naturalização ou banalização das mortes que ocorreram, especialmente no caso da existência de comorbidades. Por outro lado, percebe-se em seu relato uma vigilância maior quanto às emoções expressas em seu período de luto – não basta ela estar triste, ela deve *parecer triste*.

A sensação de deslocamento – de não ter mais um “lugar no mundo” após a morte da mãe – é uma experiência comum no luto, no qual o sujeito precisa reorganizar sua existência

frente à perda de uma figura central em sua vida, reação que também aparece nos relatos de Eliane e Mônica.

5.2.1 Os efeitos dos rituais abreviados no processo de luto: “Esse luto é diferente dos outros”

A experiência do luto e os rituais abreviados em tempos de pandemia revelou-se marcada pela ausência do outro, pelo medo e pela impossibilidade de despedida. Os relatos a seguir evidenciam como a ausência dos rituais e do acolhimento coletivo transformam a dor das enlutadas em uma experiência silenciosa.

Luanda Catarina, filha de Maria Moraes, narra que, após o falecimento da avó, que ela considerava mãe, seguiram diretamente do hospital para a central de óbitos e, em seguida, para a funerária um percurso breve e burocrático, que substituiu o tempo ritual de despedida. Esse rito fúnebre rápido, como ela mesma ressalta, repercute na forma de vivenciar o luto, revelando como a ausência de mediações do velório altera a experiência da perda e fragiliza os processos de elaboração da morte.

Durante todo esse tempo, ela se manteve aparentemente calma, pois estava sedada e não chegou a chorar naquele momento, as lágrimas vieram apenas dias depois. Ela contou que chorou de verdade quando o hospital ligou, num momento em que estava sozinha em casa. Sua pressão chegou a 21 por 19, e, desesperada, saiu gritando até a casa da vizinha. A vizinha relatou que ela chorava e gritava MUITO, e foi quem ligou para o psiquiatra explicando o que estava acontecendo. Um outro vizinho a levou de carro até o hospital. Após o enterro, ela precisou voltar sozinha para casa, pois ligou para várias pessoas pedindo para dormir fora, mas ninguém quis recebê-la, todos tinham medo, já que a avó havia morrido de Covid, e ela havia passado dias acompanhando-a no hospital, em contato com outras pessoas – situação paralela à descrita por Eliane. Foi, portanto, um momento solitário e ela percebeu que aquele luto seria “diferente”: ela não pôde receber um abraço, nem participar de um velório, porque não houve cerimônia. A ausência de despedida tornou a experiência ainda mais traumatizante.

Luanda Catarina: É só assim que o **LUTO É DIFERENTE**. Quem não passou por isso acha que é como se fosse, assim, um “*mimimi*”, entendeu?

Weverson: E agora... você tá com alguém?

Luanda Catarina: Não... eu moro sozinha [choro]. Sozinha [choro]. Eu moro sozinha [choro], sozinha... No começo eu vi de tudo... Vi uma matéria dizendo que tava faltando oxigênio em Manaus, um monte de covas abertas... Aí alguém falou que era tudo *fake news*, que era pra derrubar o governo. E eu falava: “Não pode ser um negócio desses! Eu fui lá na policlínica e vi o tanto de gente que tava morrendo” [choro]. E, assim, é diferente o luto, sabe? Porque, quando eu perdi meu pai, eu vim pra casa, minha avó tava comigo, eu reconheci o corpo, teve velório... Não sei se

você já levou alguém da sua família, se já prestou atenção, mas na hora de arrumar o corpo pra levar pro cemitério, vem o agente funerário e diz que você tem cinco minutos pra se despedir do seu ente querido, e eu não tive direito a nada disso, [isso não foi normal].

Weverson: É por isso que você fala que foi um luto diferente?

Luanda Catarina: É... é diferente. Porque, se fosse de qualquer outra doença que ela morresse, eu poderia até ficar mais consolada. Mas dessa, que a gente nem sabia direito o que era, eu não tive o direito de reconhecer [choro]. E outra: ali, durante o velório, você tá sendo acolhida, tá recebendo as pessoas que vão ver o ente querido, tem o cortejo, tem o momento ali no cemitério... Eu não sei como é aí, mas, na minha família, por exemplo, quando morre alguém, a gente vela praticamente 24 horas. Meu avô morreu às 13h, que eu falo que foi como um pai pra mim, e foi enterrado às 17h do outro dia. E minha avó... a gente não pôde fazer nada disso. E, como eu te falei, a gente nem sabe se é ela que tá lá enterrada. Eu não sei, entendeu? [choro].

Weverson: E como você lida com esse sentimento?

Luanda Catarina: Aham... é muito difícil. E tem gente que fala pra mim: “Ah, mas você tá aí? Já era pra ter passado o luto já.” Os médicos dizem que eu ainda nem passei pelo luto. Igual o cardiologista, eu fiz todos os exames, e ele falou que eu não tenho problema no coração, que minha pressão só tá subindo por conta do emocional, esse luto que não acaba.

O relato de Luanda Catarina acima destaca o luto atravessado por rupturas nas práticas de despedida e nos rituais de morte. Sua fala em vários momentos é marcada por pausas, repetições e choro, destacando a dor de uma experiência que rompe com o que ela reconhece como “normal”.

Luanda Catarina destaca;

E eu fiquei muito abalada, porque o médico, o psiquiatra e o psicólogo dizem que eu ainda *não passei pelo luto*. Eu continuo à base de remédios até hoje, e isso aconteceu em 2020. Como tomo vários medicamentos, como Rivotril, oxalato de escitalopram e Imipramina, eles explicam que isso *acaba impedindo que eu sinta plenamente tudo o que vivi*. Eu não pude reconhecer o corpo dela, não pude velar. Eu sou muito católica, ela também era, e eu queria colocar o terço junto dela, mas não deixaram abrir o caixão. Quando falei que ia pegar a roupa pra colocar nela, percebi que havia esquecido no hospital. Disseram: “*Não, quem morre de covid é enterrado do jeito que veio ao mundo, não pode vestir roupa*.” Tudo isso causa uma sequel, um mal-estar emocional profundo. Um dia, uma pessoa me perguntou: “Como ela estava no caixão?” E eu respondi: “Eu não sei, porque não abriram, né? Eu não posso nem afirmar que era ela mesma que estava lá.” Na semana em que ela morreu, houve várias trocas de corpos aqui em Cuiabá. Ficamos sabendo porque uma pessoa, que não estava com covid e podia ser velada, quando o corpo chegou na cidade vizinha e foi aberto, perceberam que não era o familiar, era alguém que tinha morrido de covid. *E, assim, eu digo que é passar pelo luto sozinho, porque era eu e ela...* (Luanda Catarina, entrevista realizada em 26/04/2023).

O relato de Luanda Catarina revela um luto atravessado pela impossibilidade de reconhecimento e de ritualização da morte, rompendo com os “modos tradicionais” de despedida que dão sentido à perda, como vestir uma roupa ou “*colocar o terço junto dela*”. Seu relato

evidencia um sofrimento prolongado. “*Eu digo que é passar pelo luto sozinha, porque era eu e ela...*”, afirma, a solidão e a desolação de uma experiência que, além da perda, carrega o peso do isolamento. A impossibilidade de ver o corpo, de tocar, de vestir e de rezar, gestos que, em sua tradição católica, representam o cuidado, marcam uma experiência de luto suspenso, sem ritualização. O medo da contaminação e os protocolos sanitários transformaram a morte em um acontecimento anônimo, desprovido de ritos e, portanto, de humanidade. Como um de seus exemplos, ela mencionava que o corpo da mãe e o dela se tornou um agente do medo.

A impossibilidade de acompanhar o corpo, de realizar o velório e de vivenciar o tempo coletivo da despedida faz emergir uma sensação de desamparo e de não pertencimento à própria perda, e assim o sentido do luto se transforma. O “luto diferente”, como ela nomeia, não é apenas a ausência de consolo, mas a perda das mediações simbólicas no ritual de passagem que permitem reconhecer a morte como parte da vida. Nesse sentido, o luto pandêmico para Luanda Catarina é vivido como uma suspensão: ele não se encerra, não encontra forma social de expressão, e se transforma em uma dor que se manifesta no corpo “*a pressão subindo por conta do emocional*”. O prolongamento do luto também está relacionado ao uso de medicamentos psicotrópicos, que fazem com que ela não chegue a sentir plenamente o luto, o que é uma forma de medicalização (mais especificamente de psiquiatrização) das emoções com vistas a mantê-las sob controle (Faria; Lerner, 2019). A experiência de Luanda Catarina, portanto, destaca a dimensão social do luto, que não se limita ao sofrimento individual dela, mas depende da presença do outro, do ritual, do uso de fármacos e do reconhecimento público da perda, as formas de vivenciar a dor.

Ao relacionar esse “*luto diferente*” com o cenário de morte nas ruas durante a pandemia, corpos em caminhões frigoríficos, covas coletivas, funerais apressados, a morte tornando-se um dado cotidiano, percebe-se como a coletividade também foi privada do direito de elaborar simbolicamente a catástrofe. Assim, o “*luto diferente*” de Luanda Catarina é também o luto de um tempo em que a morte ocupou o espaço público, mas o direito de chorar coletivamente foi interditado, revelando, em última instância, a dimensão política e desigual do morrer no Brasil pandêmico. No desenho abaixo, Luanda Catarina relaciona, expressa a solidão e a desumanização que marcaram o luto durante a pandemia. Assim como no relato, em que o luto é descrito como “*diferente*”, o desenho mostra que a morte sai do espaço íntimo e invade a rua, tornando-se parte da paisagem urbana e da experiência de um cenário de guerra. A ausência de rostos, o silêncio e o corpo solitário remetem ao isolamento vivido por quem ficou reforçando a sensação de um “luto suspenso, sem ritual e sem reconhecimento”.

Figura 44 – O cenário de Morte



Fonte: Acervo da enlutada Luanda Catarina (2023)

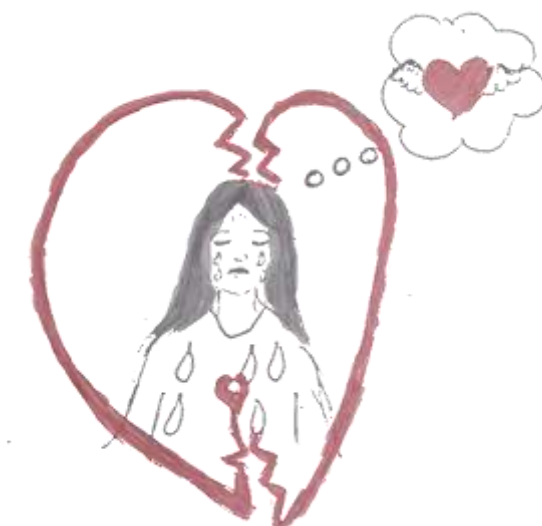
A senhora Leomir fala de seu luto como tendo sido “invisibilizado”. Ela precisou seguir muito rápido, seguir para sobreviver. Na entrevista, ela referiu o sentimento de incompletude que encontrei entre outras enlutadas: “quando a gente perde a nossa metade, a gente fica incompleta”, sintetizando em poucas palavras o abismo aberto pela morte do companheiro. Em sua fala, o luto se constrói como uma experiência de descontinuidade: antes, havia o “nós” que viajava, ria, planejava o futuro; depois, resta o “eu” que sobrevive, que cumpre obrigações sem esperança. A lembrança dos quatro anos vividos juntos é atravessada por uma ternura que se mistura a dor, “eu apresentava ele como um presente de Deus na minha vida”, destacando as marcas profundas do vínculo e o modo como a memória se torna refúgio diante da ausência. Ela destacou que, “a perda não é apenas de uma pessoa, mas de um modo de existir no mundo”. Cada lembrança, ao mesmo tempo em que consola, fere: “a gente voou de avião, a gente nunca tinha feito isso”. O passado, agora inacessível, transforma-se em território de sobrevivência afetiva de memória, no qual o amor continua a pulsar, mesmo na falta.

Com o rompimento do laço, o tempo também se quebra. “Antes eu planejava o futuro... hoje eu não planejo mais nada”, afirma, denunciando a suspensão de qualquer horizonte de continuidade. A morte de uma pessoa na pandemia é tão rápida como um sopro. Viver torna-se um gesto automático, um seguir adiante sem direção, na qual a rotina “pagar conta, trabalhar,

fazer o dinheiro” substitui o sentido. Há, contudo, no modo como ela fala, uma delicada consciência de que o luto é irreversível: “*a gente nunca mais vai ser a mesma pessoa, mas a gente precisa seguir*”. Essa ambivalência entre seguir e não esquecer expressa a complexidade do luto como experiência humana, não um fim, mas um processo de reconstrução precária das emoções. Em suas palavras, que em muitas vezes vinham entrecortadas pelo silêncio e lágrimas, ressalta o esforço de continuar respirando em um mundo no qual antes se vivia intensamente. A tentativa de existir apesar da incompletude.

Eu faço tratamento com uma psicóloga e também com um psiquiatra, e tomo remédio, né? Todos os remédios são controlados, porque, sem eles, eu não tenho forças para levantar da cama. Faço o acompanhamento médico porque, sozinha, eu não estava conseguindo. ***Eu queria apenas ficar deitada, esperando a morte chegar. Não cuidava de mim, não queria fazer nada. Mas depois eu tive que voltar a trabalhar. Foi difícil, porque a sociedade cobra muito, acha que, em tão pouco tempo, a gente tem que seguir a vida. Eu não sigo a minha vida, eu sobrevivo. É porque eu acordo... eu não tenho vontade de acordar. Eu durmo com a intenção de não acordar. Mas aí eu sobrevivo, tenho que levantar, tenho que trabalhar...*** [silêncio] fazer as coisas. (Leomir, entrevista realizada em 31/03/2023).

Figura 45 – A dor de Leomir



Fonte: Acervo da Senhora Leomir (2023)

Esse relato e o desenho da Senhora Leomir evidenciam o luto atravessado por expectativas sociais na oposta direção do que Luanda experimentou – enquanto Luanda era cobrada a parecer triste, a Senhora Leonir é empurrada para a vida, como se a duração e intensidade de seu luto à mostra traissem algum tipo de acordo social. Na nossa conversa, ela discorre sobre a experiência

de ser alguém que luta cotidianamente para manter-se vivo, em meio à exaustão emocional e à sensação de impotência diante da própria existência em seu cotidiano. O tratamento com psicóloga e psiquiatra, bem como o uso de medicamentos controlados, aparecem como estratégias de sustentação mínima da vida, não como escolha, mas como necessidade para continuar existindo, vivendo, trabalhando. O corpo, aqui, torna-se o campo em que se inscrevem as marcas da dor e do esforço de permanecer, um corpo que, sem a mediação “não tem forças para levantar-se da cama”. Nas nossas conversas, ela se posiciona no limite entre o viver, o morrer e o sobreviver, entre o desejo de desistir e a exigência de continuar.

Ao mesmo tempo, a Senhora Leomir explicita o “*peso social da cobrança pela retomada da normalidade*”, denunciando a dimensão moral e disciplinar que a sociedade coloca aos sujeitos em sofrimento, principalmente como ela reflete o sofrimento do luto da pandemia. A frase “*a sociedade cobra muito, acha que, em tão pouco tempo, a gente tem que seguir a vida*” a violência simbólica que recai sobre quem não se encaixa no ideal de “produtividade e superação”, rápida da morte.

A ideia de “sobreviver” em vez de “seguir a vida” sintetiza uma existência em suspensão, no qual o cotidiano é cumprido mecanicamente, sem desejo, apenas por obrigação. O silêncio final, da nossa conversa, em que em certos momentos faltaram palavras, caindo em uma pausa, é o espaço daquilo que não se pode dizer. O silêncio, portanto, não é apenas o testemunho de uma dor individual, mas um espelho das condições sociais e afetivas que em seu relato moldam o sofrimento contemporâneo, esse sofrimento que não teria tempo para seu luto.

5.2.2 O luto como recriação de momentos emblemáticos

Due concetti complementari sembrano comporre questo tema: il primo è che la morte non si consuma in un atto istantaneo, ma implica un processo di una certa durata che, almeno in un gran numero di casi, sarà considerato compito solo con la dissoluzione del corpo; il secondo concetto è che la morte non è una semplice distruzione, ma una transizione: via via che si compie si prepara la rinascita, mentre il vecchio corpo cade in rovina, si forma un corpo nuovo con cui l'anima - purché siano stati compiuti i riti necessari - potrà entrare in un'altra esistenza, spesso superiore alla precedente (Hertz, 1978, 58).

Como destaca Hertz (1978), a morte não é uma destruição instantânea, mas uma transição em que o “corpo novo” não se refere à matéria biológica em decomposição, mas à construção de uma nova identidade social. Nesse processo, o renascimento do falecido no imaginário coletivo depende da celebração dos ritos. Assim, o luto como recriação de momentos emblemáticos atua como esse rito essencial. Ao reviver afetos compartilhados, as enlutadas asseguram que a trajetória do sujeito transcenda a finitude, consolidando sua nova existência na memória coletiva.

Dessa forma, esta seção explora como o processo de luto, especialmente em crises sanitárias, transcende a mera aceitação da perda para se tornar um espaço de reconstrução de significados. Ao refletir sobre essa experiência como uma recriação de momentos emblemáticos, analisa-se como as enlutadas resgatam fragmentos da trajetória do falecido, transformando lembranças em rituais vivos de preservação da memória.

Ao refletir sobre o luto como uma recriação de momentos emblemáticos também se torna útil trazer a perspectiva de Michel Vovelle (1987), que aborda a “morte vivida” como uma rede de gestos e ritos que suscitam sensibilidades.

A “morte vivida” — dito da maneira mais simples — é, primeiramente, toda a rede de gestos e ritos que acompanham o percurso da última enfermidade até a agonia, ao túmulo e ao outro mundo. Poderíamos, certamente, contextualizar, com facilidade, a morte consumada no quadro cômodo e seguro das práticas funerárias, mágicas, religiosas e cívicas que, em todos os tempos, tentaram apreender a morte, dando aos ritos da última passagem — **funerais, sepultamento e luto** — uma estrutura onde se revela tanto um sistema, como mais freqüentemente uma estratificação de sistemas articulados. Reduzir a experiência da morte a esses elementos significaria apenas ver seu envoltório formal. No interior desse invólucro, se exprime uma sensibilidade à morte que está longe de ser monolítica ou imutável. Não creio que tenha havido, jamais, tempo algum em que a morte humana pudesse ter sido “natural”, como se escreveu, isto é, aceita serenamente, sem temor nem apreensão (Vovelle, 1987, 131).

Essa recriação não é apenas uma recordação, mas um ato de afetividade para conferir um novo sentido à ausência. Ao reencenar momentos que definiram o vínculo em vida, as enlutadas estabelecem uma ponte entre o passado e o presente, permitindo que a “*representação coletiva*”, como propõe Robert Hertz (1978), se mantenha ativa mesmo diante da impossibilidade dos ritos “tradicionais”. De acordo com Hertz, quando se trata de um ser humano, os fenômenos fisiológicos não dizem tudo sobre a morte. Ao evento orgânico sobrepõe-se um complexo conjunto de crenças, de emoções e de ritos que lhe atribuem um caráter próprio (Hertz, 1978).

É no intervalo entre a biologia e o símbolo que o luto de Silvânia se corporifica, manifestando-se como uma dor que transita entre a “saudades, a culpa e a sensação de injustiça”. Ao inserir-se no contexto político e coletivo da pandemia, ela refaz o percurso de uma perda marcada por paradoxos: Nelson Filipe, seu marido, era um homem saudável, ambientalista e engajado que, embora acreditasse na ciência e celebrasse a vacina, sucumbiu à Covid-19 poucos dias antes de sua própria imunização. O tom de sua fala é entrecortado por espanto e inconformismo: o fato de ela ser profissional da saúde, ter sido vacinada enquanto ele não teve essa chance, transforma o luto em uma experiência permeada por culpa, que é a de ter sobrevivido quando aquele que amava não pôde ser protegido. Essa culpa se soma à impotência

diante de um sistema de saúde que, segundo ela, “*tratou a morte com frieza, negando a presença, o toque e o direito de acompanhamento no hospital*”.

O desenho abaixo que retrata o pai e o filho assistindo juntos a um jogo de futebol, vestidos com as cores do Flamengo, comemorando um gol e trocando palavras de afeto, ganha, à luz da narrativa de Silvania, uma dimensão simbólica do luto. A cena de celebração e pertencimento, marcada pela presença, pelo toque e pela alegria compartilhada, contrasta com a ausência e o silêncio que atravessam o relato de Silvania, cuja perda foi mediada pela distância, pelos protocolos hospitalares e pela impossibilidade de despedida.

Conforme Robert Hertz (1978), a morte possui um significado determinado para a consciência social, tornando-se “o objeto de uma representação coletiva” que não é simples nem imutável. No contexto desta pesquisa, o futebol emerge como o espaço privilegiado dessa representação: um território de comunhão e memória afetiva que serve de metáfora para aquilo que a pandemia rompeu. Os “*gestos de estar junto*”, o abraço físico e as exclamações “Eu falei! Te amo, filho!” ou “Viramos, pai!!!”, materializam a força dos laços sociais, onde o amor e a alegria são traduzidos pela gramática do futebol, como destaca no desenho a seguir. Assim, a partida assistida em conjunto deixa de ser um mero evento esportivo para se tornar um rito de comunhão, permitindo a inscrição de memórias compartilhadas na vida cotidiana e a reafirmação da persistência do grupo, mesmo diante da perda.

Figura 46 – A memória de Silvania



Fonte: Acervo da enlutada Silvana (2023)

Um segundo relato sobre um momento emblemático é o piquenique desenhado por Nalva, esposa de Fernando – Figura 48. Sua família sempre foi muito unida, desfrutando de

momentos juntos, seja saindo para almoçar, indo ao shopping, visitando lugares como Parquinho da Boa Vista, ou simplesmente buscando locais onde pudessem fortalecer os laços.

Nalva, Amanda, Camila, Fernando, Gabriel e Sélia, a irmã de Nalva, a qual tive a hora de conhecer em uma visita ao Rio de Janeiro e por quem ele tinha um carinho enorme, formavam um núcleo familiar expandido de intensa convivência. Sélia também se sente viúva de Fernando, pois ele a apoiou em tudo. Quando Rafael nasceu, o marido dela a abandonou, e foi Fernando quem a apoiou durante o parto e cuidou dela. Isso era típico de Fernando - ele não era apenas um marido para Nalva. Ele também era, de acordo com Nalva, o grande amor da sua mãe, um pai exemplar para suas filhas, o melhor avô do mundo, um cunhado exemplar e bom filho.

Assim, quando Nalva perdeu Fernando, não foi apenas seu marido que perdeu, mas um conjunto de relações sustentadas por ele ou com ele. O desenho do piquenique representa a felicidade que compartilhavam em todos os momentos e o quanto eram próximos. Hoje em dia, é mais difícil realizar essas atividades pois Nalva perdeu “um grande homem, uma pessoa extraordinária, e esses momentos foram tirados de nós devido à Covid”. Nalva enfatiza que esse ritual do piquenique se tornou uma das maneiras de experienciar suas emoções, antes e depois da morte de Fernando. Ela sentia a necessidade de ocupar os locais por onde costumavam passear com Fernando, sua jornada de luto sempre se pautando na preservação da memória, sem negar a ocorrência desses momentos. Nalva desenhou um desses momentos com Fernando:

Figura 47 – O piquenique



Fonte: Acervo da enlutada Nalva (2023)

Nesse processo de lembrança e superação, um dos gestos de Nalva foi o de plantar, junto com sua família, um pé de ipê como forma de manifestação do luto que transcende o ato individual da sua dor, e se inscreve como uma prática de resistência e memória. Ao escolher o local onde o marido costumava jogar futebol, um espaço carregado de significados afetivos, ela reconstrói, através da natureza, uma presença contínua. O ipê, que para ela é uma árvore que floresce de maneira exuberante mesmo em tempos de seca, torna-se metáfora da persistência da vida e da memória diante da perda de Fernando. Em um contexto marcado pela pandemia, o plantio assume também uma dimensão política, é uma forma de inscrever no território o nome de quem foi arrancado pela covid-19, diante de um cenário social que, muitas vezes, negou o luto público às famílias.

Figura 48 – Plantar árvore para Fernando



Fonte: Acervo da enlutada Nalva (2023)

Nalva frequentemente relata que, por ser uma mulher nordestina, precisava ser “porreta”, e a fonte dessa força derivava de suas raízes regionais. Seu processo de luto não se resumiu a estagnar no passado e esquecer, mas sim a renascer, como uma fênix em contínuo crescimento.

Os espaços urbanos pelos quais Nalva circula após a morte de seu marido Fernando não são mais os mesmos que costumavam compartilhar enquanto ele estava vivo – sua ausência é sentida. Isso explica o porquê de um dos maiores desafios emocionais para ela é evitar se enclausurar em sua própria casa. A cada momento, Nalva busca resgatar memórias de Fernando, e percebe que essas lembranças/momentos de interações lhe possibilitam vivenciar a sua perda e ao mesmo tempo superar o processo de luto.

Nas conversas com Denise, a expressão “deixar a família” surge como uma forma para compreender a morte não apenas como fim biológico, mas como ruptura que reconfigura posições e vínculos sociais. No desenho sobre Roberto, ele aparece de mãos dadas com os familiares, compondo uma corrente que insiste em permanecer coesa apesar da ausência material do corpo vivo. O sinal da cruz junto ao seu nome, acompanhado pelas datas de nascimento e

falecimento, inscreve o limite da existência biológica, mas também reinscreve Roberto no espaço familiar, convertendo-o em presença simbólica. Tal dinâmica relaciona-se com o pensamento de Hertz (1978) sobre a morte como “processo social”, e se aproxima de Pollak (1992), para quem a memória opera como dispositivo de resistência contra o esquecimento e como forma de continuidade geracional.

Na narrativa anterior de Nalva, o piquenique e o plantio do ipê se articulam como modos de elaborar a perda e reinscrever a presença de Fernando no cotidiano. O piquenique, enquanto prática de convivência e partilha da família, que marcava a vida familiar e revela o esforço de retomar lugares e gestos que remetem à união interrompida pela morte. Já o ipê, plantado no campo onde o marido costumava jogar futebol, transforma o espaço urbano em um “*território de memória*”, no qual a ausência se converte em permanência. Ambos os gestos, embora distintos, convergem na tentativa de dar forma ao luto e resistir ao esquecimento.

A experiência do luto pandêmico, narrada por Denise, intensifica essa tensão entre presença e ausência, vida e morte, por uma dinâmica de ausência de velórios e contato com o corpo. A impossibilidade de rituais fúnebres fragmentou processos de despedida e reintegração, conforme Van Gennep (2011) na centralidade dos ritos de passagem. Nesse vazio ritual, memórias e símbolos tornam-se mecanismos de reinscrição do morto na vida social. Assim, a identidade de Roberto, tal como sugere Hall (2003) em sua concepção de identidades em processo, é continuamente reelaborada nas narrativas familiares, atualizando-se em formas que procuram manter a coesão do grupo frente à perda.

Figura 49 – A família de Roberto



Fonte: Acervo da enlutada Denise (2023)

Na pandemia, esse esvaziamento ritual produziu um luto marcado pela incompletude, no qual o corpo ausente não encontrava nos “*dispositivos sociais tradicionais*” o suporte para sua reintegração simbólica. Foi nesse interstício que foi necessário construir formas alternativas de memória, como diários, registros digitais, homenagens virtuais e, no caso relatado por Denise, os desenhos, que atuam como dispositivos de reinscrição, recolocando o morto na trama familiar. Diferente do luto em contextos anteriores, no qual a ritualização ofertava uma gramática compartilhada para a perda, o luto pandêmico evidenciou a necessidade de inventar práticas simbólicas “substitutivas”, capazes de materializar a ausência do corpo morto e ressignificar a experiência da morte em um cenário de descontinuidade social.

5.2.3 O corpo e as coisas: pensando a relação humano não humano das enlutadas com os objetos de seus entes queridos

Nas narrativas das enlutadas, roupas guardadas sem serem lavadas, fotografias expostas, móveis preservados, objetos¹¹³ de fé ou pequenos pertences cotidianos tornaram-se suportes materiais de memória e prolongamento do vínculo. Se, como sugere Gell (1998), os objetos possuem agência distribuída, nesse contexto pandêmico eles passam a operar como mediadores ativos do luto, substituindo, em alguma medida, a ausência do corpo físico interditado. O humano e o não humano se entrelaçam, e as coisas assumem o lugar de corpos ausentes, condensando marcas sensoriais, cheiros, texturas, gestos, que reinscrevem o morto no cotidiano, em uma continuidade simbólica. Dessa forma, o luto pandêmico não apenas produziu novas práticas simbólicas, mas também ampliou a centralidade da materialidade, revelando como a vida e a morte se articulam em uma ecologia de presenças mediadas por objetos.

Latour (2008) nos provoca a olhar o corpo, assim como as experiências corporais a partir de uma perspectiva ampla e relacional, evidenciando que o corpo de um sujeito se constrói a partir das relações que estabelece com o meio no qual está inserido e com os humanos e não humanos que o cercam. Sendo estas relações fundamentais na construção do sujeito e de suas elaborações sobre o mundo, sobre o outro e sobre si mesmo. Afinal, o autor entende, baseado nas reflexões de Vinciane Despret, que ter corpo implica em aprender a ser afetado. De modo que essa afetação é responsável por colocar o corpo em movimento, isso tanto por humanos quanto por não humanos, evidenciando que a agência não é prerrogativa dos seres humanos.

Latour (2008) argumenta que o corpo se torna cada vez mais passível de descrição ao passo que aprende a ser afetado por elementos e entes diversos. Apartar-se desse processo de

¹¹³ Destaco que esta reflexão tem origem na disciplina Ateliê de Pesquisas: exercícios de pensar o sensível a partir de Latour, ministrada no PPGA/UFPB pelas professoras Dra. Flávia Pires e Dra. Alexandra Tsallis.

aprendizagem ou esquivar-se das afetações, que inevitavelmente fazem parte da experiência sensível dos seres vivos, é algo que implicaria em ficar insensível às vivências, em estar morto, real ou simbolicamente. Dessa forma, podemos observar o quanto o autor valoriza o sensível e a construção das afetações na experiência humana, estas seriam condição necessária não só da vida humana ou da vida em sociedade, mas da vida como um todo.

É na relação de afetação que estabelecemos com humanos e não humanos, com dispositivos diversos, que vamos constituindo o nosso corpo e nossa experiência corporal. Tsallis et al. (2020), seguindo as pistas de Latour, reflete sobre o conceito de dispositivo, que consiste em uma das ferramentas teóricas basilares na perspectiva latouriana. Segundo as autoras, um dispositivo seria qualquer coisa que tenha o poder de orientar, modelar, controlar comportamentos, opiniões e discursos de algum ser. De modo que um dispositivo tem a capacidade de compor o mundo em relação com humanos e não humanos, mas também de atuar com, a partir e através destes. Para a teoria ator-rede o dispositivo vai compor a trama altamente complexa da vida humana e vai atuar, em sentidos diversos, sobre ela.

Isso significa dizer que, um dispositivo, a exemplo dos objetos que antes pertenceram a pessoas que faleceram e que agora pertencem aos seus parentes enlutados, atua sobre a vida dos sujeitos, tem a capacidade de criar, em alguma medida, novas realidades. Visto que, os objetos não são seres inanimados, puramente simbólicos, e ao se relacionarem com os seres humanos, eles se tornam agentes, eles compõem juntos com os seres humanos a trama da vida. O que decorre do fato desses não humanos, que são os objetos apropriados pelos enlutados, é provocar afetações, fazer emergir lembranças, sentimentos, sensações, que sem a presença desses não humanos, desses *actantes*, talvez não fossem possíveis.

Nesse sentido, entendemos esses objetos dos enlutados enquanto *actantes*, uma vez que contribuem, em alguma medida, para fazer lembrar aqueles que se foram, para manter sua memória viva. De modo que, esses objetos atuam na criação de novas relações do enlutado com não humanos, que talvez em um cenário anterior não assumissem um papel, um significado tão relevante em suas elaborações sobre o mundo, sobre o outro e sobre si mesmo. Além disso, esses objetos não raros produzem novas realidades ao provocar afetações variadas no dia a dia do enlutado, afinal, esses objetos têm o poder de servir a incontáveis fins, a depender de sua constituição física e dos significados a eles atribuídos. Os objetos, talvez, no ápice de sua agência podem não só fazer lembrar, mas fazer reviver aqueles que se foram.

Ademais, há de se levar em conta o fato de que a afetação é algo que aprendemos a vivenciar ao longo de nossas vidas, é um processo gradativo e vitalício que tende a assumir novos contornos de acordo com as mudanças que fazem parte da experiência sensível dos seres

humanos. Isso implica dizer que a construção de um corpo *preparado* para se afetar é um processo contínuo, de maneira que “adquirir um corpo é um empreendimento progressivo que produz simultaneamente um meio sensorial e um mundo sensível” (Latour, 2008, p. 40). Assim, os enlutados vão construindo e aprendendo novas formas de afetação a partir dos objetos de seus entes queridos.

Logo, um objeto que anteriormente pouco ou nada dizia ao sujeito que hoje se encontra na condição de enlutado, agora está imerso em uma teia de significados, sentimentos e afetos. O processo de elaborar uma afetação, porém, é bastante delicado. Afinal, de acordo com Favret-Saada (2005), o momento inicial da afetação torna impossível falar da experiência, daquilo que nos trouxe afetos e nem sempre o momento da narração é o momento da compreensão da extensão da afetação. O tempo do afeto é um, o da elaboração, da compreensão e da narração, é outro. Quer dizer, o enlutado precisa de tempo para elaborar a relação que passa a estabelecer com os objetos dos entes queridos, precisam de tempo para compreender quais significados estão atribuindo a estes e como estes atuam na sua vivência com o luto.

O tempo da elaboração dos significados que esses objetos passam a assumir é de suma importância para que o enlutado possa compreender o vínculo que irá estabelecer com esses não humanos. É a partir da compreensão da articulação de humanos e não humanos que se torna possível pensar e situar-se politicamente nesse campo de disputas que são os discursos sobre os mortos pela pandemia da Covid-19. É nesse movimento de atentar para objetos e para as relações se são estabelecidas a partir destes que se torna possível valorizar *actantes* que, em um primeiro momento, poderiam ser encarados como insignificantes, pequenos demais para serem mencionados. Quando na realidade, as “pequenezas” da vida, de nossas relações com humanos e não humanos são fundamentais na constituição do indivíduo, de sua subjetividade e da vida em sociedade (Tsallis *et al.*, 2020), especialmente em um cenário de catástrofe, como foi o da pandemia, em que as idiossincrasias da vida humana perderam espaço, porque tudo emanava tragédia.

Nessa esteira, partimos da compreensão de que falar dos objetos dos entes queridos dos enlutados implica em realizar um resgate das “pequenezas” da vida, implica em resgatar a humanidade de corpos e sujeitos que passaram por um processo de apagamento e desumanização. Isso, tanto em seu processo de adoecimento, quanto no processo de morrer. Valorizar esses objetos, esses não humanos, e compreender a sua atuação na vida dos enlutados é uma forma de manter viva a memória dos que se foram, assim como de resgatar a humanidade, a subjetividade de sujeitos que foram transformados em números, em estatísticas.

Os objetos dos mortos ou os pequenos pertences cotidianos guardados pelas enlutadas adquirem, portanto, estatuto de *actantes*, operando como suportes materiais de memória e como prolongamentos do vínculo interrompido pela morte. Como destaca Gell (1998), Latour (2008) e a partir das reflexões de Despret, pode-se afirmar que esses não humanos assumem agência distribuída, pois não apenas trazem lembranças, mas também produzem afetações sensoriais “cheiros, texturas, gestos” capazes de reinscrever o morto na vida cotidiana.

A pandemia de Covid-19, ao interditar corpos e desorganizar rituais, intensificou essa transferência da presença para as coisas, fazendo delas dispositivos de recomposição simbólica. Nessa ecologia de presenças, objetos outrora “banais” passam a condensar significados vitais depois da morte dos seus donos, tornando-se centrais na elaboração do luto. É nesse horizonte que passo a apresentar alguns dos objetos que as enlutadas guardam, revelando como neles se produz a continuidade da vida, a memória e a resistência contra o apagamento que a pandemia trouxe.

Adriano Henriques, costurou a vida das três filhas com rituais simples e inesquecíveis, para elas, a “sessão pipoquinha” de filmes no sofá, as noites de jogos (War, Imagem & Ação, Banco Imobiliário), as partidas de xadrez que a Luiza “*nunca ganhou*”, o futebol em que vestiu a Bruna de goleira completa. Levou as três para o judô por proteção e orgulho, cultivou nelas o gosto pela história, por séries como House, The Unit e The Big Bang Theory, e por uma música que ia de Milton, Caetano e Gil ao rock que o fez vibrar no show do Black Sabbath aos 53.

Em casa, a biblioteca e os dois tabuleiros de xadrez viraram relicários; nos ouvidos, a canção do Oswaldo Montenegro que a família transformou em saudade. Inteligentíssimo, “resolvia fórmula de xampu por telefone”, e, ao mesmo tempo, exigia que elas dessem valor ao estudo, não por notas, mas por respeito ao esforço da família, repetindo o mantra: “*aconteça o que acontecer, os verdadeiros amigos são a família*”.

Cada filha carregou um pedaço dele: a Taís, a química; a Bruna, o futebol e o impulso de cuidar; a Luiza, o xadrez, a cervejinha e o papo longo. No conjunto, fica a imagem de um pai que “vestia a camisa da vida com intensidade”, família no altar. Entre os objetos deixados pelo pai, a roupa de judô e os livros concentram, como relíquias ativas, os objetivos que ele legou às filhas: proteção, disciplina e conhecimento como formas de cuidado. As faixas guardadas, da branca a marrom, remetem ao projeto de ensiná-las a “*se defender*”, mas também à ética da constância, do treino e do respeito, que atravessava as noites de jogos.

Figura 50 – Objetos de Adriano



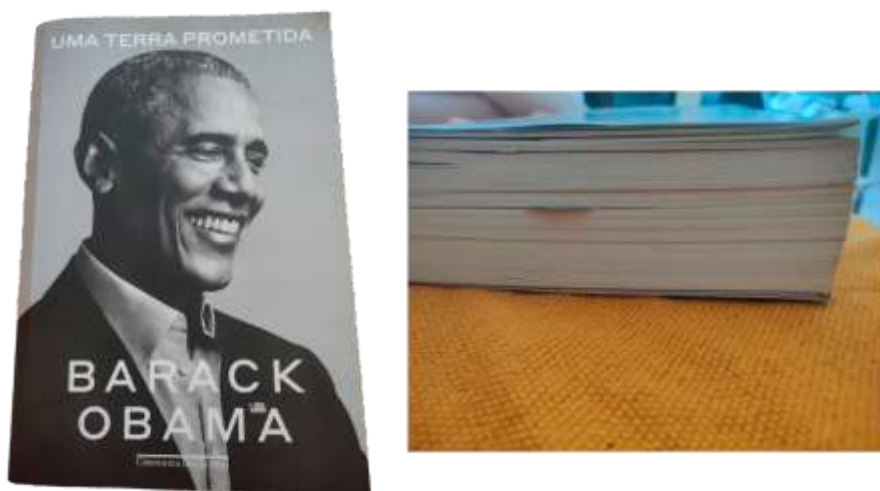
Fonte: Acervo das enlutadas Bruna e Luiza (2023)

Já a biblioteca, com o livro que ele não terminou de fazer a leitura que inclusive está marcado:

Sim! Ele deixou aqui uma biblioteca enorme, e a gente nem sabe o que fazer com ela. É tanto livro que a última coisa dele em que ainda não conseguimos mexer são justamente os livros... tem de tudo: livros de química, de história, de tudo um pouco! Quando ele faleceu, estava lendo o livro do Barack Obama, mas não chegou a terminar. (Bruna, entrevista realizada em 13/01/2023).

Ele deixou uma biblioteca em sua casa, repleta de volumes que parecem guardar ecos de sua presença. Diante deles, as filhas ainda não encontraram coragem para mexer, é como se preservasse algo do pai. Entre tantos títulos, um livro permanece em destaque: o de Barack Obama, interrompido no meio da leitura, pela morte pandêmica. Esse exemplar, deixado marcado, simboliza não apenas o fim abrupto de uma leitura. Os livros, agora silenciados nas estantes, tornaram-se guardiões daquilo que ele foi e daquilo que ensinou a ser para as suas filhas.

Figura 51 – Objetos de Adriano



Fonte: Acervo das enlutadas Bruna e Luiza (2023)

Cláudia estabelece com os objetos de Ely uma relação afetiva. Cada item, o boné do MST, os prêmios, o computador, a urna com as cinzas, carrega fragmentos de uma vida compartilhada e torna-se uma extensão sensível da memória do companheiro. Ao organizar o que ela chama de “*quarto de memórias*”, Cláudia não apenas guarda os pertences de Ely, mas recria uma convivência simbólica, mantendo viva a materialidade do amor interrompido pela morte pandêmica. Ela destaca que:

As cinzas estão em uma urna que fica no quarto, antes, era o quarto em que dormíamos, a cama ainda é a mesma. Coloquei os prêmios dele lá, a urna, o boné do MST e algumas das coisas que eram dele. Hoje o apartamento tem três quartos: um deles transformei em *quarto de memórias*, outro é o de hóspedes. Mas é nesse quarto das lembranças que permanecem as coisas dele, o espaço onde, de alguma forma, ele ainda está presente. (Cláudia, entrevista realizada em 09/01/2023).

Nesse ambiente, o que outrora foi lar de ambos, torna-se território ritualizado, onde a memória opera como forma de “resistência à perda e à injustiça”. Ao nomear aquele cômodo de “quarto de memórias”, Cláudia coloca o cuidado com o que resta, sobre os seus objetos, uma política da lembrança que confronta o apagamento coletivo das mortes da Covid-19. Ela destaca que, Ely “existiu, amou e foi amado, e que sua vida não se reduz a um número nas estatísticas da tragédia sanitária”. O memorial no espaço doméstico é, portanto, uma extensão do Ely.

Figura 52 – Objetos de Ely

Fonte: Acervo da enlutada Cacau- Cláudia Silveira (2023)

Márcia descreve sua relação com os objetos da sua mãe como uma “tentativa de reconstruir a ligação rompida pela morte”, para ela, é um gesto de cuidado que atravessa tanto o plano material quanto o espiritual, quando ela destaca a religiosidade. Em meio à dor e ao luto, ela passou a ressignificar os pertences da mãe, os objetos religiosos, as pequenas imagens de santos, as bonecas que ela mesma confeccionava, como emanções da presença materna, religião e o cuidado. Esses objetos tornaram-se guardiões de uma história de fé, formas de “prolongar a vida da mãe” no espaço doméstico também, assim como as demais enlutadas. As bonecas, feitas por suas próprias mãos. Ao cuidar e preservar essas peças, Márcia destaca que o luto não é apagamento, mas continuidade uma maneira de permanecer junto, mesmo na ausência.

Figura 53 – Objetos de fé pertencentes a Licinha

Fonte: Acervo da enlutada Márcia (2023)

Esses objetos, operam como “mediadores entre mundos”, pois ela destaca o sentimento de presença, entre o corpo que se foi e o que permanece. Nas bonecas e nas imagens religiosas,

a filha reencontra a mãe não apenas como lembrança, mas como força que senti. A fé de sua mãe, antes compartilhada em orações, materializa-se nesses artefatos, que funcionam como “relicários da memória”. Márcia compreende, intuitivamente, que o sagrado pode habitar as coisas, que nas bonecas, nas velas e nas imagens há uma espécie de “resto de alma”, um sopro que resiste ao tempo. Assim, o quarto onde repousam esses objetos torna-se um altar doméstico, onde ficam as lembranças após a devastação da pandemia.

No relato de Janaína, a materialidade dos objetos deixados por Ronaldo adquire centralidade como mediadora entre a “ausência e a memória”. Em meio à pandemia, esses pertences tornam-se suportes concretos da presença simbólica. Guardar “as coisas dele” não corresponde apenas a preservar restos materiais, mas a reinscrever Ronaldo na vida cotidiana, mantendo-o ativo nas lembranças de sua esposa e de seu filho. A relação com os objetos se intensifica quando se considera a própria forma como Ronaldo vivia: “um homem apressado em realizar seus desejos, que não deixava nada para depois, que vestia imediatamente as roupas que comprava, que se lançava nos mínimos detalhes da vida cotidiana”.

Essa urgência em viver atravessa também o modo como é lembrado por Janaína e se condensa nos objetos que ficaram. Ao serem guardados, esses objetos não apenas narram sua ausência, mas tornam-se extensões de sua própria temporalidade acelerada, de sua pressa em concretizar sonhos, de seu apego às pequenas realizações do dia a dia. No contexto da Covid-19, esses objetos acabaram sendo vestígios da vida interrompida que, ao mesmo tempo, mantêm ativa a memória de quem foi Ronaldo e resistem ao vazio deixado pela pandemia.

Figura 54 – Objetos de Ronaldo



Fonte: Acervo das enlutadas Janaina Pascualetto (2023)

No relato de Eliane, os objetos entregues por Edvaldo *que foram “os óculos e o relógio”* assumem centralidade no processo de luto, pois condensam a última cena de contato entre pai e filha. Mais do que pertences pessoais, eles se tornaram “suportes materiais da memória” e “extensões da presença interrompida pela morte”. Esses objetos *para Eliane* operam como dispositivos de afetação, carregam odores, marcas de uso, gestos corporais e lembranças que reinscrevem Edvaldo no cotidiano de Eliane, funcionando como mediadores entre a ausência física e a permanência relacional.

Figura 55 – Objetos de Edvaldo



Fonte: Acervo da enlutada Eliane (2023)

É comum que enlutados preservem objetos de seus mortos como forma de prolongar vínculos e “*sustentar memórias*”, mas entendo que no contexto pandêmico essa prática adquire centralidade singular. A impossibilidade de realizar rituais fúnebres coletivos e a experiência de uma morte massificada, transformada em números e estatísticas, fizeram com que roupas, fotografias, móveis ou pequenos pertences cotidianos se tornassem âncoras de presença e resistência, fazendo uma manutenção dos seus mortos pelos vivos. Esses objetos recuperam a singularidade das trajetórias individuais, reinscrevem subjetividades apagadas e oferecem ao enlutado não apenas lembranças, mas também a possibilidade de reconstruir laços e reconstituir a humanidade daqueles que foram desumanizados pela catástrofe sanitária. Assim, no luto pandêmico, como mostram as enlutadas, as coisas deixam de ser apenas lembranças materiais para tornarem-se dispositivos ativos de memória, mediadores entre vivos e mortos, e lugares de reinscrição simbólica frente na ausência do corpo que foi distanciado.

A partir dessas experiências das enlutadas, torna-se possível compreender que os objetos guardados pelas enlutadas não são meros resquícios materiais, mas *actantes* que, conforme Gell (1998) e Latour (2008), participam ativamente da constituição do mundo social. Eles agem,

provocam afetações, reconfiguram o espaço doméstico e operam como mediadores entre vida e morte, principalmente em um cenário da pandemia. Ao serem investidos de sentidos e cuidados, tornam-se dispositivos de memória e resistência, “não humanos” dotados de agência distribuída, capazes de reinscrever a presença dos mortos no cotidiano dos vivos.

Esses objetos também estiveram presentes nos contatos com as interlocutoras, eles também me afetaram (Favret-Saada, 2005). Olhar esses objetos me fizeram sentir a presença das pessoas que as enlutadas traziam. Assim as roupas, os livros, as bonecas, as imagens religiosas, o boné do MST, os óculos e o relógio tornam-se parte de uma *ação afetiva* que refaz as relações interrompidas pela pandemia e trazem afetações, inclusive para o pesquisador. As enlutadas, ao instituírem quartos de memória, estantes de lembranças e altares domésticos, fazem de seus lares territórios de luta simbólica contra o esquecimento, no qual os mortos voltam a habitar o mundo nas coisas.

Por fim, o ato das enlutadas de preservarem os objetos das vítimas da Covid-19 permite estabelecer um paralelo com o conceito de *hau*, termo da cosmologia Maori central ao ensaio *sobre a dádiva* de Marcel Mauss. O *hau* pode ser compreendido como o “*espírito da coisa dada*”; segundo Mauss (2003, p. 198), ao oferecer um objeto, parte da essência e da força do doador permanece ligada ao bem, constituindo o “*hau da propriedade pessoal*” (Mauss, 2003, p.198). Essa força espiritual se manifesta nos casos que foi destacado: no livro inacabado de Adriano, preservado com a marcação de página por suas filhas, Bruna e Luiza; no “quarto de memórias” mantido por Cláudia Silveira; nos objetos de fé de Licinha, guardados com afeto por Márcia; nos pertences pessoais do esposo de Janaína Pascualetto; e nos óculos e relógio entregues a Eliane quando seu pai, Edvaldo, era hospitalizado. Tais objetos carregam o espírito de seus antigos proprietários que, no momento da partida, é transmitido às guardiãs, permanecendo vivo por meio de seu *hau*.

5.3 AS FORMAS DE RESISTÊNCIA DO AUTOCUIDADO: A VACINAÇÃO, O CUIDADO DE SI E O GESTO QUE “NÃO CHEGOU NO BRAÇO DELE”

A demora na vacinação foi um dos efeitos mais visíveis da necropolítica praticada pelo governo Bolsonaro durante a pandemia da Covid-19, responsável pelo número ingente de mortes evitáveis, conforme discutido amplamente no capítulo 1 desta tese. Os e-mails não respondidos à Pfizer, as tentativas de negociar propina com a vacina indiana, sem falar na campanha antivacinação e pró-kit-covid trouxeram como resultado um atraso no início da vacinação brasileira, que se traduziu em sofrimento, dor e morte. Nesse contexto, o ato de se vacinar para as enlutadas, ultrapassa a dimensão médica e passa a integrar o campo das práticas rituais, em que o gesto adquire sentido social e expressivo. Ao se colocarem diante da vacina,

essas mulheres enlutadas reinscrevem no corpo a continuidade da vida, afirmando-se enquanto sujeitos que cuidam, sentem e resistem, mostrando-se na esfera pública com placas e mensagens.

A vacina, então, deixa de ser apenas uma substância imunizante e se torna um meio de significar a dor, um dispositivo que permite reorganizar o mundo após a perda, de acordo com as enlutadas. Nalva e Débora, ao dizer que “*não chegou no braço dele*”, carregam uma dimensão do luto, a impossibilidade da partilha um direito público, ao mesmo tempo, o desejo de continuar o que ficou interrompido.

Esse gesto de vacinar-se por si e pelo outro expressa aquilo que Veena Das (2007) “identifica como o esforço cotidiano de reconstruir a vida no interior da ruína” (p.6), um processo em que o sofrimento é vivido na prática. A vacinação, nesse caso, torna-se uma forma de “*habitar o luto*”, transformando o corpo como um ato político. A dimensão política do luto, observada nas narrativas dessas mulheres, aproxima-se das reflexões de Judith Butler (2023) sobre a vulnerabilidade como base para novas formas de coexistência. Ao se exporem ao gesto da vacinação, elas reafirmam a interdependência dos corpos e a necessidade de um cuidado. Como em Foucault (1984), o cuidado de si não é um ato isolado, mas uma prática que implica transformar-se para continuar. No caso de Nalva e Débora, esse cuidado é também um gesto de reexistência, o corpo que recebe a vacina é o mesmo corpo atravessado pela dor, mas também aquele que escolhe permanecer e reconstituir vínculos, como elas destacam em seus relatos abaixo, a começar por Débora.

Débora: Então... acredito muito nisso, e isso chega a me revoltar: o fato de que, se o Anderson tivesse conseguido se vacinar, ele não teria partido. O Anderson era do grupo de risco, e, para idade dele, já poderia ter tomado a vacina. A gente conseguiu um atestado, uma declaração, para que ele pudesse se vacinar. Só que, no dia em que fui receber essa declaração, porque ele estava trabalhando, foi o dia em que ele começou a sentir os primeiros sintomas. Então, foi por um dia que ele não se vacinou. Não tem como eu não falar, não sentir o que sinto a respeito disso, porque acredito que, se tivessem liberado essas vacinas antes, ele não teria ido. Eu sei que poderia ter acontecido de qualquer forma, mas, na minha cabeça, não. Ele teria tido mais chances.

Weverson: E você se vacinou, Débora?

Débora: Consegui também a declaração e consegui me vacinar. Tomei a vacina uma semana depois que ele faleceu.

Weverson: E como foi tomar essa primeira dose?

Débora: Aí... jamais vou esquecer aquela tarde. Eu estava na fila, tentando não chorar, sentia uma angústia, aquela coisa apertando, mas conseguia me controlar. **Quando chegou a minha vez, eu só chorava, chorava muito. Lembro que levei um cartaz e pedi que tirassem uma foto daquele momento, porque, por mais triste e difícil que fosse, eu queria deixar registrado que aquilo era por ele e por tantas outras pessoas que não tiveram a chance de se vacinar, sabe?** No começo, o rapaz não queria tirar, mas eu insisti, implorei, até que ele fez. E eu não senti dor, parece que a vacina nem aconteceu, como se eu estivesse anestesiada naquele momento, porque não senti nada. Quando saí do local

onde me vacinei, minha irmã estava me esperando lá fora, e foi quando me dei conta de que realmente tinha me vacinado. Tipo assim: “Oi, eu me vacinei!”. Cadê a dor? Não senti nada! Fiquei até em dúvida: “Será que eu fui vacinada mesmo?”. Aí olhei para o braço e vi que estava saindo um pouquinho de sangue. Foi aí que pensei: “Sim, eu fui vacinada”. Aquele dia foi muito difícil, muito mesmo. Cheguei em casa e, como nos outros dias, o que eu fazia era só chorar. Não foi diferente, mas foi um dia muito forte, justamente pelo fato de ele não ter conseguido fazer isso.

Figura 56 – Vacinação de Débora



Fonte: Acervo da enlutada Débora (2023)

A fotografia em que Débora aparece sendo vacinada, segurando um cartaz com os dizeres “A vida não espera! / Meu eterno amor Anderson Costa / 11/06/2021 / + Vacina sim”, destaca visualmente o seu relato. O corpo, atravessado pela dor e pela lembrança, torna-se um território de inscrição da memória no momento que seria da sua vacinação. A cena expressa o que a antropologia do corpo, a partir de Marcel Mauss (1974), o corpo como “*instrumento e expressão de pensamento*”, pois o ato de vacinar-se é também uma forma de dizer, de narrar, de transformar o sofrimento em presença.

Essa imagem revela a materialidade do luto como prática política. “*Jamais vou esquecer aquela tarde*”, disse Débora, com a voz embargada na nossa chamada. Ela estava na fila tentando conter o choro, tomada por uma angústia silenciosa que apertava o peito. Quando chegou sua vez, o corpo cedeu “*eu só chorava, chorava muito*”. Levava um cartaz nas mãos, queria deixar registrado que aquele gesto era “*por ele e por tantas outras pessoas*” que não tiveram a chance de se vacinar. Não sentiu dor, “*como se estivesse anestesiada*”, e naquele instante compreendeu que a vacina atravessava não só o corpo, mas também sua manifestação política.

Nalva também fez uma manifestação política. Na fotografia, Nalva aparece chorando quando recebe a vacina, um gesto simples que, para ela, carrega o peso de uma ausência do seu marido Fernando:

Figura 57 – Vacinação de Nalva



Fonte: Acervo da enlutada Nalva (2023)

Ela destaca que, enquanto a agulha toca seu braço, seu pensamento se volta para Fernando, cuja lembrança se torna inseparável daquele instante. Quando a agulha atravessa sua pele, Nalva recorda com nitidez as conversas e esperanças que compartilhava com Fernando. Ela se lembra de como ele sonhava diariamente com a chegada da vacina, de como acompanhava as notícias, acreditando que logo chegaria sua vez. “Nós tínhamos todos os protocolos, todos”, diz ela, como quem reafirma o cuidado que não foi suficiente diante da espera que se alongou.

Essa memória de Nalva irrompe no instante da vacinação, misturando-se às lágrimas que descem pelo rosto, o corpo reage não apenas para vacinação, mas ao vazio deixado por um desejo interrompido. No momento da vacinação, ela destaca que ainda estava tendo que justificar a importância da vacinação. O gesto de receber a vacina, então, carregar a ausência de Fernando, é o cumprimento tardio de um sonho que “*não chegou no braço dele*”, mas que, naquele instante, atravessa o corpo de Nalva como forma de resistência e de continuidade. Por isso, ela levantou a placa “eu fui vacinado”.

O corpo que chora e se vacina é, ao mesmo tempo, o corpo que sente e a dor de Fernando, transformando a dor em continuidade. Esse momento, marcado pela emoção e pela

memória, revela como o ato de vacinar-se ultrapassa o campo da biomedicina e se converte em prática simbólica. O choro de Nalva não é apenas expressão de perda, mas também de permanência, de lutar pela morte de Fernando, como vamos ver a seguir as manifestações políticas das enlutadas.

5.4 OS USOS POLÍTICOS DA MEMÓRIA: MANIFESTAÇÕES SOCIAIS E LUTA POR REPARAÇÃO

Figura 58 – Resistência



114

As experiências de luto narradas a seguir e performadas por mulheres que participaram desta pesquisa evidenciam como a dor pode se transformar em “*linguagem política*”, configurando formas de mobilização social no contexto da pandemia de Covid-19. A partir dessas trajetórias, emergem três categorias para compreender os usos políticos da memória: (1) *o luto como ato público*, (2) *os dispositivos materiais de visibilização* e (3) *a construção coletiva da reparação simbólica e política*. A primeira categoria expressa a passagem do sofrimento íntimo à esfera pública, quando o gesto de lembrar se torna uma forma de resistência e denúncia. A segunda se manifesta nos objetos e rituais, faixas, balões, fotografias, bandeiras que materializam a ausência e reinscrevem os mortos na cena social, configurando uma forma de protesto na manifestação. Já a terceira evidencia o caráter ético e político dessas ações, ao reivindicarem reconhecimento, justiça e responsabilização do Estado, fazendo da memória uma prática em busca do direito dessas enlutadas. Assim, entre o corpo, o espaço e o afeto, o que se revela é a potência das enlutadas que, ao reivindicarem o direito à lembrança, constroem também um novo sentido de vida coletiva e de reparação aos mortos.

Movimentos sociais podem ser compreendidos como “ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas” (Gohn, 2011, p.335). No Brasil, desde finais da década de 1970, os movimentos

¹¹⁴ Fonte: Acervo da enlutada Cacau- Cláudia Silveira (2023)

sociais desempenham um importante papel na produção de novas formas de organização social, principalmente, por seu caráter de contrapoder, ou seja, agindo como elemento autônomo e forte que contribui para a transformação social tanto de maneira formal, como a efetivação de direitos, como também no terreno das relações sociais, incorporando novos sujeitos na participação política (Gohn, 2011).

Na dissertação de Mendes (2020), a autora destaca como a participação das mulheres nas lutas coletivas representa um movimento de afirmação e efetivação delas enquanto sujeitos de direitos. No contexto pandêmico contemporâneo, as enlutadas encontram nos movimentos sociais “entre elas” um espaço para se unirem, compartilharem suas experiências de emoções, e transformar essas emoções em luta, reivindicando mudanças e justiça. Eles não apenas buscam a efetivação de direitos pelas suas vítimas, como também buscam transformar as relações sociais entre elas, que não tiveram amparo enquanto vivenciavam suas perdas, incorporando uma nova identidade de sujeitas políticas que não se apresentava anteriormente da morte dos seus entes queridos. Elas se juntam em um movimento de participação política que age na contramão da política do esquecimento.

Assim sendo, a trajetória histórica dos movimentos sociais é responsável por provocar mudanças nas estruturas sociais, em sua maioria, confrontando a hegemonia de valores e poder de cada época. Na América Latina, os movimentos sociais jogaram um papel de enorme relevância na precipitação do fim dos regimes militares, mas se consolidaram nos regimes democráticos, ampliando-se e diversificando suas pautas. Com efeito, é nas lutas sociais que a contestação é desenvolvida. Eles fazem parte da história dos sujeitos e podem fazer parte das características de um determinado grupo social. Com isso, a participação em movimentos sociais fornece aos sujeitos o caráter de formação da identidade, como também de resistência. E resistir, para as enlutadas, é manterem viva a memória dos seus mortos.

Os movimentos sociais são necessariamente ações coletivas com o objetivo de impulsionar mudanças. Fazem isso de diferentes formas e a partir de diversas estratégias, “que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até as pressões indiretas” (Gohn, 2011, p.336). Os movimentos podem ainda ser organizados, na forma de associações, coletivos etc., ou conjunturais, respondendo a demandas do momento, e se relacionarem de maneira local, regional, nacional ou internacionais, ou até mesmo virtual, como é caso dos novos movimentos sociais que conseguem transcender o espaço virtual e físico. As ações nas ruas e no espaço virtual demonstram continuidades, mas também a capacidade de diferenciação em relação aos movimentos sociais tradicionais. ., Os

movimentos atuais trazem características da contemporaneidade nas formas de organização, como a utilização do ciberespaço como forma de comunicação, possibilitando novas formas de sociabilidade e comunicação. De acordo com Castells (2013), os movimentos sociais contemporâneos destacaram-se pelo uso estratégico de recursos virtuais.

Um exemplo notável é a utilização de transmissões ao vivo (*Livestreams*) durante os movimentos político-sociais. Essa tecnologia permitiu que as discussões e assembleias fossem transmitidas em tempo real pela internet. Dessa forma, mesmo quem não estava presente nas ocupações podia acompanhar e se informar sobre os acontecimentos. Essa dinâmica se repetiu em outros contextos, e foi especialmente relevante durante a pandemia de Covid-19, quando o acesso às ruas foi impossibilitado, reforçando o papel essencial das plataformas virtuais na conscientização e na participação à distância nos processos sociais e políticos. No século XXI a inconformidade com a realidade social, política e econômica propiciaram o surgimento de movimentos como a “Primavera Árabe” (2011), em vários países do Norte da África e do Oriente Médio, o “Occupy Wall Street”, em Nova York (2011) e o Movimento 15-M ou Los indignados na Espanha (2011) que, apesar de suas especificidades, trouxeram de volta as ruas como palco de reivindicações e como formas de experimentação comunitária.

Mitchell (2002) ressalta que:

No espaço público - nas esquinas ou nos parques, nas ruas durante as revoltas ou os comícios - as organizações políticas podem representar a si mesmas para uma população maior e, através dessa representação, imprimir alguma força a seus gritos e demandas. ao reclamar o espaço em público, ao criar espaços públicos, os próprios grupos sociais tornam-se públicos.” [Tradução pelo autor] (Mitchell, 2003, p. 12).

Movimentos sociais ao redor do mundo têm adotado táticas de sensibilização como formas poderosas de manifestação. Esses métodos visam atrair a atenção para uma pauta específica e ganhar apoio público. Um exemplo notável foi o “Movimento do Guarda-Chuva” (Umbrella Movement) em Hong Kong (2014), que deve seu nome à tática dos manifestantes de usar guarda-chuvas para se proteger contra o gás lacrimogêneo e o spray de pimenta utilizados pela polícia durante os protestos. Nos protestos à “Luz de Velas” (Candlelight) na Coreia do Sul (2002, 2008 e 2016-2017), os manifestantes utilizam vigílias de luz como uma forma simbólica e pacífica de incorporar sua manifestação e pressionar por mudanças. Essas táticas são incorporadas como formas estratégicas de mobilização para sensibilizar a sociedade em relação a alguma causa.

Durante a pandemia de Covid-19, o espaço público, concebido como arena de visibilidade e de constituição do político, foi tensionado e ressignificado. Conforme argumenta Mitchell (2003), é no ato de ocupar as ruas, praças e parques que grupos sociais se tornam

públicos, inscrevendo seus corpos e demandas na cena coletiva. Todavia, as restrições de circulação impostas pelas medidas sanitárias esvaziaram tais espaços, deslocando práticas de contestação e mobilização para ambientes digitais e expressões simbólicas, como os painéis. Ainda assim, em diferentes contextos, observaram-se manifestações que, mesmo sob risco de contágio, reafirmaram a centralidade da presença corporal no espaço público. Nessa direção, a pandemia não suprimiu a dimensão pública, mas a reconfigurou, evidenciando-a como campo de disputa entre saúde coletiva, direitos políticos para os mortos e as enlutadas e desigualdades estruturais.

Antes de dar passo às histórias do campo, um último debate precisa ser brevemente introduzido. Esta tese tem como foco as experiências das enlutadas e aqui retomaremos sua organização enquanto movimento de luta. Isso não quer dizer que homens não façam parte das associações que atuam contra o esquecimento e por políticas de reparação, mas é notável a maior presença de mulheres nesses espaços e sua reivindicação identitária enquanto “enlutadas”. À margem da decisiva contribuição do movimento feminista na luta pelos direitos das mulheres historicamente, há na América Latina uma tradição de movimentos de mulheres, não necessariamente alinhados ao ideário feminista, que politizam o lugar das mulheres nas suas comunidades e famílias, como foi o caso, no Brasil, do Movimento das Mulheres contra a Carestia (Pinto, 2003), e na Argentina, das Mães da Praça de Maio. Mais recentemente, no Brasil e no campo da saúde, vimos emergir os movimentos de mães de crianças nascidas com a síndrome do zika vírus ou “mães de zika” (Pinheiro; Longhi, 2017). Não é de hoje, portanto, que as mulheres se mobilizam no Brasil e no mundo na luta por justiça social, memória e reparação. Passo, agora, às suas histórias.

No dia da entrevista com Cláudia, após nosso encontro, ela seguiu para o Busto de Tamandaré, em João Pessoa, a fim de se manifestar pelas mortes decorrentes da Covid-19, entre as quais estava a do seu marido, Ely. Um dos desenhos que produziu trazia a frase “*só a luta muda a vida*”, e foi nesse momento que percebi o quanto ela e as demais estavam exaustas diante da forma como a pandemia de Covid-19 vinha sendo conduzida pelo Estado. Uma das soluções encontradas para resistir a essa exaustão foi justamente a mobilização por meio dos movimentos sociais e das manifestações, que funcionaram como espaços de denúncia, expressão de dor e construção de força coletiva.

Nalva foi uma das enlutadas que sempre destacou a importância da força coletiva. Ela sempre se colocou, na linha de frente. Nalva rememora um dos momentos emblemáticos de sua trajetória de luto transformado em luta. Em suas palavras, envolveu-se em uma bandeira do Brasil tingida de preto, na qual as estrelas haviam sido substituídas por cruzeiros e a inscrição dizia:

“queremos justiça, em luto, na luta”. Nesse dia, acompanhada de outras viúvas, dirigiu-se à Câmara dos Vereadores, no Teatro Municipal, na Cinelândia, espaço onde o luto privado se transformava em denúncia pública.

Figura 59 – Em luto, na luta!



Fonte: Acervo da enlutada Nalva (2023)

Segundo Nalva, mesmo diante da resistência de autoridades que tentavam impedir a colocação de faixas, uma das mulheres assumiu a dianteira, erguendo o símbolo que condensava o sofrimento e a indignação dos presentes. O apoio de organizações, como a AVICO, foi fundamental nesse processo, bem como a participação de suas próprias filhas na confecção da bandeira preta. No dia da manifestação, o espaço público foi tomado por vozes, cartazes e carros de som, transformando-se em arena de visibilidade para aquelas experiências de perda.

Nalva relembra ainda que, diante da presença de repórteres independentes e de jornalistas estrangeiros, assumiu a palavra quando outras mulheres hesitaram. Para ela, era necessário nomear responsabilidades, pois sua forma de resistência consistia em não permitir o esquecimento de Fernando, reforçando a necessidade de manter viva a sua memória. Questionada sobre quem seria o culpado pela morte de seu marido, sua resposta foi contundente: o então presidente da República da época. Contudo, ao mesmo tempo em que o responsabilizava diretamente, recusava-se a pronunciar o seu nome, gesto que simbolizava não apenas repúdio, mas também a recusa em reinscrever sua memória em uma narrativa que, para ela, representava a negligência estatal diante da pandemia.

Figura 60 – Fernando vive



Fonte: Acervo da enlutada Nalva (2023)

As conversas com Silvania, fisioterapeuta e viúva de uma das vítimas da Covid-19, seu esposo Nelson, evidenciam a passagem do sofrimento individual para uma consciência política e coletiva que caracteriza os movimentos de familiares enlutados pela pandemia. Seu relato destaca a dimensão política do luto e o modo como as experiências de perda se articulam em torno de uma crítica contundente ao Estado e à negligência institucional. O que emerge de sua fala é um sentimento de revolta diante da ausência de “políticas eficazes e da indiferença das autoridades frente à dor de milhares de famílias.” O reconhecimento de que a morte do marido, que ela descreve como “um homem ativo, engajado e defensor do meio ambiente”, poderia ter sido evitada, e destaca o processo de transformação do sofrimento em denúncia, que em seu luto precisava lutar. Nesse sentido, Silvania passa a integrar redes como a AVICO e o grupo das vítimas da Covid no Rio de Janeiro, espaços que reconfiguram o luto em ação social e memória coletiva, criando formas de resistência e reivindicação de justiça para os mortos da pandemia.

Figura 61 – Manifestação para vítimas da Covid-19



Fonte: Acervo da enlutada Silvania (2023)

Essa dimensão afetivo-política do luto, presente também em outros movimentos de familiares, transforma a experiência do sofrimento em uma linguagem de luta. Nesse contexto, o ato de soltar balões em um encontro coletivo de luto, materializa o gesto de despedida, mas também de denúncia, o corpo ausente é lembrado, e o espaço urbano torna-se ritual público, onde a dor individual se converte em uma linguagem política.

Já Denise Muniz, 52 anos, que também faz parte da AVICO, é fisioterapeuta do Hospital Municipal Miguel Couto (Rio de Janeiro), viveu a pandemia em dois planos entrelaçados: o da profissional na linha de frente exausta, exposta e desamparada e o da cidadã atravessada por lutos que desorganizam a vida. Para ela enfrentar o luto uma das suas estratégias foi se manifestar. Ingressou no setor Covid em abril de 2021 e, no mês seguinte, adoeceu trabalhando. Com comorbidades, decidiu se isolar e tratar-se em casa: “*tranquei a porta e fiquei com Deus*”. Entre perícias e laudos, enfrentou negativas do INSS e descobriu que a organização social contratante (RioSaúde) não repassava corretamente informações para benefícios e FGTS. O que deveria ser rede de proteção transformou-se em labirinto: “*um ano e cinco meses descoberta*”. Para Denise, a conta desse desamparo não é individual, ela solicita, inclusive, estatísticas sobre quantos profissionais de saúde morreram nas unidades para evidenciar a negligência institucional com “*o material humano*” que tentava salvar vidas.

No cenário político, sua fala é incisiva. Ela reivindica responsabilização (“há culpados”) e denuncia o desrespeito à ciência: “*a demora e o bloqueio à disponibilização de vacinas por instituições públicas de excelência (Butantan e Fiocruz), a difusão e uso de tratamentos ineficazes, a participação de agentes privados (como planos de saúde) e a condução do governo federal à época*”. Outra frente de indignação recai

sobre a desinformação e a importância de ir para os movimentos externos nas ruas, inclusive a importância de falar sobre o desconhecimento de direitos básicos, como a gratuidade de sepultamento para famílias de baixa renda e sobre a permanência de discursos antivacina no círculo social e profissional. Diante dessas muitas frentes de descontentamento e indignação, ela decidiu lutar, e conheceu a AVICO.

Mas o relato não se reduz ao inventário da perda. Ele narra também estratégias de continuidade. Participar de atos, apoiar pesquisas, comparecer a lançamentos de livros, caminhar com coletivos de familiares e trabalhadores (como grupos de confiança mencionados por ela), insistir na memória pública e sustentar as lutas judiciais da família (inventário, partilhas, garantias para os filhos) são modos de fazer viver quem partiu e de reclamar justiça para os que ficaram, “FAZER JUSTIÇA”. Nesses encontros, os sobrinhos de Denise ganham lugar, o choro entre balões brancos vira linguagem compartilhada das saudades coletivas, como ela destaca. Entre a dor e o vazio na mesa do almoço, ela escolhe estar junto: “NÃO DEIXAR CAIR NO ESQUECIMENTO”.

O relato de Denise é, portanto, um documento de época/na época e um chamado, em sua ação política. Documento, porque fixa, com nomes, datas, lugares e procedimentos, a textura vivida da catástrofe da pandemia, a máscara contada, o teste que falha, o protocolo que não chega, o corpo que não se vê, porém o corpo que precisa de movimento. Chamado, porque convoca pesquisa, memória e ação pública, nomear perdas, responsabilizar poderes, garantir direitos e recolocar a ciência e o SUS. Denise destaca que, “lembrar é também uma forma de cuidar e de lutar”. Por isso, as bolas precisavam ser nomeadas e os espaços vazios da praia precisavam ser preenchidos, como ela mostra na foto a seguir:

Figura 62 – Manifestação para vítimas da Covid-19



Fonte: Acervo da enlutada Denise (2023)

Os balões brancos, inscritos com nomes e datas, corporificam a memória das vidas interrompidas pela pandemia. Dispostos na areia, eles transformam o luto em gesto coletivo. Cada balão torna-se um signo de presença, um corpo simbólico que reivindica lembrança. Nos dois rituais, o lançamento de balões pretos diante da igreja e a homenagem com balões brancos na praia, a dimensão simbólica do ar, aquele mesmo ar que não chegou aos pulmões das vítimas, se converte em linguagem de memória dos mortos da pandemia de Covid-19. Ambos, contudo, partilham uma mesma intenção política: *“reinscrever os mortos na esfera pública, transformando o vazio em presença coletiva”*.

A varanda da socióloga Lycyner se tornou mais do que um “espaço doméstico”, foi transformada em um território simbólico de resistência, luta política e memória. Ao pendurar faixas, banners e imagens de seu filho, ela reconfigurou o ambiente privado em um espaço público de denúncia e elaboração do luto, como ela destaca um *“lugar de resistência”*. Essa ação evidência, como o modo do sofrimento individual se converte em ato político público, o corpo ausente do filho é reinscrito na paisagem urbana através de símbolos de resistência. A varanda, lugar liminar entre o dentro e o fora, passou a expressar o conflito entre a dor íntima e a necessidade de tornar visível a injustiça, um gesto que, no plano antropológico, evidencia a potência da materialidade na elaboração do trauma e na produção de sentidos sobre a perda. A seguir, apresento a fotografia encaminhada:

Figura 63 – Lugar de resistência



Fonte: Acervo da enlutada Lucynier (2023)

As ações de Lycynier se desdobraram em diferentes espaços de construção da memória, nos quais ela reiterava a presença e o nome do filho frente às cifras impessoais produzidas pelo Estado em forma de estatística. Em cada movimento, Lycynier reafirmava a impossibilidade de cessar sua luta, transformando o luto em uma forma contínua de resistência e reivindicação, em denúncia de quem tirou o direito da vida do seu filho. A experiência de Lycynier também pode ser lida como uma *reconfiguração do ritual e da memória*. Sua ação rompe a lógica do luto silencioso. Os banners e faixas constituem não apenas objetos de lembrança, mas suportes de narrativas que conectam sua história pessoal às histórias coletivas de milhares de famílias. Ao marcar o número de mortos, ao relacionar o rosto do filho às cifras da tragédia nacional da pandemia de Covid-19, Lycynier produz uma forma de contesta o esquecimento e a negação política das perdas, no qual o cotidiano é invadido pela política e o político é atravessado pelo afeto. Dando essa direção, ela afirma que decidiu “RESISTIR, LUTAR, LUTAR E RESISTIR”. Fazendo de sua vida um ato político;

Figura 64 – Mensagens de resistência



Fonte: Acervo da enlutada Lucynier (2023)

As três imagens de Lycynier compõem um conjunto visual potente de memória e denúncia. Ao colocar as imagens do filho e as mensagens que nomeiam a negligência estatal, Lycynier rompe com o silêncio imposto pela naturalização das perdas. Esses banners não estão na função de homenagens, mas *dispositivos de visibilização*, aquilo que poderíamos compreender como *marcadores da ausência*. Neles, o corpo do filho é reinscrito na esfera pública como símbolo de uma morte evitável, mas também como testemunho da persistência materna em exigir justiça e reconhecimento pela sua morte, em vários momentos ela destaca que não vai desistir.

As imagens de Lucynier no sentido ressignificar a dor me tocaram em vários momentos da escrita desse capítulo. Ao “não aceitar a morte/ ou naturalizar como se fosse normal” a morte de seu filho, ela fez de sua casa um *dispositivo de visibilização*. Assim, o gesto de pendurar faixas torna-se um *ritual contínuo*, um modo de manter o filho presente, mas também de confrontar o Estado e a sociedade que “permitiram a perda ou naturalizaram ela”. Nesse sentido, sua varanda é, ao mesmo tempo, altar e tribuna, é uma forma de justiça, um espaço onde o amor materno de Lucynier se transforma em ato político e em escrita de fazer memória

5.5 TINTAS DE SAUDADES: ETERNIZAR MEMÓRIAS DE VÍTIMAS DA COVID-19 ATRAVÉS DE TATUAGENS

As tatuagens também emergem, neste contexto, como suportes de memória e formas do afeto diante das perdas provocadas pela pandemia de Covid-19. A tatuagem, enquanto prática memorial para as enlutadas, desloca o sofrimento do campo do invisível para o visível, produzindo uma narrativa que une sobre a experiência da morte, e ao mesmo tempo em que reinscreve os mortos na biografia dos vivos.

As experiências aqui apresentadas, como as tatuagens de Débora, Janaína e das filhas e a esposa de Adriano, Bruna, Thais e Luiza, destacam diferentes modos de elaborar o luto e reconstruir laços rompidos pela ausência. Cada marca de tinta em pele, palavra, desenho ou símbolo tatuado corporifica uma relação com a memória, funcionando como gesto de eternização e expressão estética da saudade. Essas tatuagens, mais do que homenagens, configuram práticas sociais e afetivas que reconstituem, na pele, o vínculo entre corpo e lembrança, projetando o amor e a perda no tempo e no espaço da vida cotidiana das enlutadas.

As filhas de Adriano mobilizaram a tatuagem como linguagem memorial, produzindo em seus corpos inscrições que remetem à presença e à continuidade simbólica do pai. Cada uma escolheu elementos que traduzem modos singulares de elaborar a perda e reinscrever o vínculo afetivo. Para elas, essas tatuagens evidenciam um processo de ressignificação do corpo como um local de memória, em que o gesto de se tatuar assume o caráter de ritual. Uma das filhas,

ao tatuar a imagem do pai com ela ainda criança, faz uma materialização do corpo a experiência de infância.

Bruna tatuou uma imagem baseada em uma fotografia de infância, em que aparece ainda bebê ao lado do pai. Essa escolha inscreve no corpo um fragmento do tempo, transformando a imagem em um testemunho visual do vínculo entre ambos e em uma tentativa de preservar a lembrança que ela tem. Luiza, por sua vez, optou por tatuar a data de nascimento do pai acompanhada de um ramo de oliveira, símbolo universal de paz e reconciliação.

A Carmenlís esposa de Adriano, que já possuía uma tatuagem representando as três filhas, estrela, sol e lua, acrescentou o desenho de um dragão para simbolizar o marido, percebido como o “norte” e o “guia” da família. Essa adição reconfigura o conjunto anterior, inserindo a figura paterna como eixo central. Thais também escolheu o dragão como motivo principal, em referência ao signo chinês do pai e à relação afetiva mediada por momentos compartilhados, como as sessões de *Game of Thrones*. A frase “He lives in me” e a data de nascimento reforçam a dimensão da presença contínua, na qual, a tatuagem em um marcador simbólico.

Figura 65 – Tatuagem de Bruna e Luiza



Fonte: Acervo das enlutadas Bruna e Luiza (2023)

Figura 66 – Tatuagem em homenagem ao pai Adriano



Fonte: Acervo das enlutadas Bruna e Luiza (2023)

Essas quatro tatuagens, quando observadas de forma articulada, configuram um repertório visual afetivo, no qual o corpo se torna suporte da memória e meio de elaboração do luto familiar. Mais do que simples manifestações estéticas, essas tatuagens produzem narrativas corporais que preservam a continuidade dos laços afetivos e transformam a pele em espaço de recordação sobre seu familiar.

Janaína expressa também o desejo também de tatuar uma mensagem deixada por seu marido, Ronaldo. A mensagem manuscrita com as iniciais de ambos e do filho do casal, entrelaçadas por um coração, representa, para ela, mais do que uma lembrança: é a materialização de um vínculo e uma forma para o não esquecimento.

A escrita original com a letra, preservada em sua forma e traço, carrega a presença viva de Ronaldo. Cada curva da letra, cada detalhe, acaba sendo uma linguagem de afetividade, na qual, ela sempre lembra do papel em que essas palavras foram originariamente gravadas. Ao projetar essa caligrafia sobre a pele como uma tatuagem que ela ainda ia fazer, para ela, busca reconstituir o contato interrompido, reinscrevendo no próprio corpo a memória de uma relação interrompida pela pandemia. É uma das formas que ela buscou para transformar o trauma em permanência, para converter a dor em símbolo em seu corpo.

Figura 67 – Desenho de Ronaldo

Fonte: Acervo das enlutadas Janaina Pascualetto (2023)

A tatuagem de Débora constitui um gesto memorial inscrito na intersecção entre o corpo, o afeto e a memória. O desenho de um coração formado pelas impressões digitais dela e de seu marido, Anderson, opera como um dispositivo de lembrança e uma forma de significação da perda. Trata-se, portanto, de uma marca que, para Débora, ultrapassa a dimensão estética, configurando-se como uma inscrição de permanência e vínculo afetivo, como uma parte dele em seu corpo, uma marca.

Para as autoras Miriam Pinho e Miriam Rosa (2014), essa marca é uma “cicatriz lançada” que desperta a curiosidade e o apelo à decifração por parte de quem a observa. Ao transformar o corpo em um suporte para a memória, “a tatuagem memorial” faz com que o luto público tenha novamente um lugar no campo social. Assim, a pele torna-se um memorial vivo que permite que a história da pessoa amada continue sendo contada.

Figura 68 – Tatuagem de Débora

Fonte: Acervo da enlutada Débora (2023)

A escolha da digital como elemento constitutivo do coração articula dois registros: o da identidade, representada pela impressão única e irrepetível, e o do vínculo afetivo, condensado na forma do coração, porque para ela, eles viveram intensamente a relação. Nesse sentido, a tatuagem transforma o corpo em suporte de memória, um espaço onde se manifesta a tentativa de reinscrever a presença na ausência de Anderson. Outra interlocutora realizou uma tatuagem da assinatura de seu pai, Ibrahim Ayach, no braço, como forma de manter permanentemente registrado um traço de sua presença.

Figura 69 – Tatuagem de Mariana



Fonte: Acervo da enlutada Mariana (2026)

Para muitas enlutadas, tatuar-se tornou-se uma forma de reinscrever no corpo a presença daqueles que partiram abruptamente como na pandemia de Covid-19, diante da impossibilidade de rituais fúnebres convencionais, como dito durante a tese. Essas marcas corporais funcionam, assim, como dispositivos de memória com o corpo, permitindo elaborar o luto, reconstruir laços afetivos e afirmar a continuidade simbólica da vida frente à devastação das mortes. Conforme Miriam Pinho e Miriam Rosa (2014) destaca que, marcar no corpo a memória de uma perda é uma forma singular de “*convocar o jogo simbólico*”, permitindo que o portador exponha seu luto e dê um lugar concreto e visível a um sentimento que a cultura atual tenta reduzir ao silêncio.

Para finalizar, trago a tatuagem de Suzyany como uma carta inscrita na pele, um gesto que desloca a escrita do papel para o corpo e a transforma em permanência corporal a homenagem. Trata-se da reprodução da carta que o seu pai Jonas Barbosa do Espírito Santo escreveu para sua filha Ana Luiza por ocasião de sua formatura, posteriormente convertida em tatuagem como forma de homenagem e de continuidade do vínculo.

Figura 70 – Tatuagem de Suzyany



Fonte: Acervo de Suzyany (2026)

No contexto do *post-mortem*, a tatuagem destaca como uma tecnologia de memória e de presença, na qual o corpo da enlutada torna-se suporte material de narrativas interrompidas pela morte. Nesse sentido, a tatuagem opera como um dispositivo ritual contemporâneo que tensiona as fronteiras entre vida e morte, entre lembrança e esquecimento, permitindo que o morto permaneça inscrito no corpo vivo. Trata-se de uma prática que não apenas homenageia, mas que reinscreve a relação, atualizando-a no tempo e no espaço do corpo.

ESPAÇO DE, MEMÓRIA

AS CARTAS COMO UM ATO DE DESPEDIDA

“Nossas despedidas se fizeram em papeis, postagens, fotos e memórias, em que a escrita e as conversas substituíram o toque que a pandemia nos negou.” Luanda Catarina (2021)

Figura 71 – Carta elaborada pela enlutada Taíze

Oi painho! Tá tudo bem aí?
 Ciqui está do mesmo jeito, viu?!

 Tô com uma saudade tão grande do
 senhor. Chega daí! Sim, antes que
 eu esqueça... Painho do céu, Miguel
 está tão esperto, agora ele vai
 fazer 5 anos e digo mais, Miguel
 sempre olha pro céu e diz que te
 vê. Eu fico lrestinha...
 Mainha, Tata, Bruno e eu esta-
 mos bem (aquele bem não bem
 por sua ausência física), Deus tem
 sido tão maravilhoso conosco...

 Estamos com muita saudade!
 Cuida de nós daí, que nós nos
 cuidamos daqui. ♡

 Com muito amor,
 Taíze (dentura)!!

Figura 72 – Carta elaborada pela enlutada Débora

Anderson Costa,

Meu eterno amor, vai fazer dois anos que me faltou o ar, faltou o chão, deu um nó na garganta, uma dor imensurável e um vazio que jamais será preenchido tomou conta de mim, parece um pesadelo, até hoje quando acordo, demoro a acreditar.

Espero que você tenha encontrado aí no céu seus pais, seus irmãos e sobrinho.

Por aqui você é sempre muito presente, espero que possa sentir todo esse amor, aqui tudo era mais doce, alegre e mais fácil com você, eu sigo tentando reaprender a viver, estou criando mais um doguinho, a sua é filha do novo luckyinho, é linda e carinhosa como sempre sonhamos, o luckyinho continua "tinhoso" e cheio de manias, mas sempre cuidando de mim como você sempre pediu pra ele fazer.

Amor, eu sinto você em cada cantinho da minha casa, em cada lugar que eu vou, é difícil comer algo e não lembrar de você, e independente do que eu conseguir fazer da minha vida, vou sempre te levar comigo, seguirei levando tua voz, teu olhar, tua risada e seus sonhos, que agora são meus também.

Obrigada por ser tão especial e me fazer sentir o teu amor todos os dias, espero que possa sentir o meu amor que só aumenta a cada dia, e eu sei que esse sentimento é tão forte e lindo que transcende essa vida. Eu vou te amar até a eternidade.

De sua amada esposa, um beijo meu amor e muita saudade!

Débora, 29 de maio de 2023

Figura 73 – Carta elaborada pela enlutada Sílvia

Mãe,
 A senhora faz muita falta na nossa vida.
 Nunca mais seremos os mesmos.
 Emanuel sentiu a dor maior, Sérgio ainda
 está sem chão e a Bia ainda transpassa o
 dracão que tem no coração. Ela mantém
 a foto com a senhora até hoje no perfil do
 whatsapp. Laucas perdeu um pouco do brilho.
 Quanto ao Sérgio, fica tranquilo, estou
 cuidando dele, aiá, estamos. Ele evoluiu
 muito, está mais maduro. Mas sofre de
 solidão. Forço pra encontrar uma homenagem
 a senhora fidaria orgulhoso dele.
 O Mauro também sente sua falta, mas
 também perdeu o brilho para a Covid, logo
 depois da senhora.
 A nossa casa sempre estava cheia, até eu
 voltar pra SP. A senhora deixava saudades
 em todos nós.
 Emanuel está muito maduro, lindo. Mas
 Lelso não conseguiu influenciá-lo por tabela.
 Mesmo não gostando dele, agora algumas
 ideias por causa da influência dos
 amigos. Continue orando por ele, se puder.
 Sinto sua falta. Se amo!!!
 Sílvia

Figura 74 – Carta elaborada pela enlutada Mônica Oliveira

O meu Amor

Tantas coisas pra te falar, mas
deixei pra depois... Deixa sua paixão
muitas coisas mudaram, eu mudei,
em pessoa, de lugar! Estou am-
anhado, tenho sido forte e coraço-
so, a fim de fazer um lugar pra
lutar, por você, por todas essas pen-
sões negligenciadas pelo Governo
então... A vida me chegou a
você, como um anjo de direito. Somos
dois os dias por um dia feito
mais por você, por vc sabe, eu
sempre acho que fiz pouco. Me
dei inúmeras vezes para dar a
oportunidade de estar ou falar com
você quando ~~me~~ estivestes internado,
mas Deus, como você deve ter ficado
assustado... Sei do jeito que
você (apesar de ser de área de saúde)
foi de hospitais, exames, procedimentos
médicos e vc foi forte e valente
enfrentando sozinho tudo aquilo.

A saudade é infinita, penso
em você todos os dias, do dia.

Te amo por sempre.
Na vida a hora de nosso
reencontro.

MAMABI / MANUSKIS / Mônica

Figura 75 – Carta elaborada pela enlutada Luanda Catarina

Então vó!
 a senhora não tem ideia de como me jo-
 gata pedir sua bênção e ter como resposta
 sus de alencor.
 Vó eu fiz tudo que pude para tentar
 salvar a senhora e me senti e sinto ainda
 impotente por não ter conseguido.
 As vezes fico pensando a senhora por a
 primeira pessoa que me falou de uma paroli-
 mia quando eu era uma criança e a senhora
 partiu justamente em uma pandemia.
 Vó no terceiro dia após sua partida foi
 horrível passar a noite inteira chorando
 o corpo inteiro tremia meus ossos tremiam
 e sem a companhia de ninguém as pessoas
 estavam como modo de vivos pois fiquei o
 tempo todo com a senhora no hospital.
 Vó na noite na hora que recebi a no-
 ticia de sua morte minha pressão foi a
 21/19 desde de então de tendo picos de
 PA, faço tratamento para síndrome do
 pânico, ansiedade, depressão e dissociação da
 realidade.
 Os psicanalista, psiquiatra e cardiologista
 dizem que preciso passar pelo luto os
 remedios não duram porém não consigo
 deixar de usar os remedios e se eu parar
 pelo luto vou enlouquecer já que por
 mim é muito difícil estar bem a senhora
 aqui eu sinto como se a senhora

vai chegar a qualquer momento! Vozes
 ouço esse barulho pela casa, ouço a
 senhora me chamar, com sua morte
 também conheci o lado ruim de muita
 gente se pode ver como é um mundo
 de dor e dor no mundo eu não sei
 como a senhora foi para ai não ver
 isso mas piadoso.
 Desde que a senhora se foi nunca mais
 ouvi música aqui em casa e depois tem
 sem veros vizinhos e parentes e se for
 da por causa da covid outros estão com
 sequelas. Vó! Dura senhora sei o quanto
 gostava de a senhora gostava a gente
 que ali fosse muito de mais e eu que não
 foi abduzida e nos dois comemoramos
 a senhora disse agora vou me novamente
 e ele canha. O infante não eu tiver
 vou falar a tempo todo que a senhora se
 foi por causa de um presidente negligente
 que enquanto eu estava lá de ali que
 senhora e presidente de uma vida imitando
 pessoas com covid tendo falta de ar isso
 é insuportável ele foi omisso e negligente em
 o queimou um pouco de conforto. Vó! Vó que
 a senhora não perdeu a vida nem por um minuto.
 Vó o médico disse que nunca viu uma pessoa
 tão forte por isso ele decidiu me ficar no hospital
 com a senhora no quarto eu tinha medo de perder
 mais para ficar ao seu lado perdi o medo

Figura 76 – Carta elaborada pela enlutada Eliane

Pai eu te amo e nunca
 deixarei de te amar sinto
 falta do seu cheiro seu
 acolher e abraços fácil
 não está sendo o Sr. Sôphos
 aqui mais estou seguindo
 cuidado das crianças como
 me pediu desce não ter
 conseguido te proteger desse
 vírus como a Sôphos tinha
 medo dessa covid sabia
 que ela te levaria espero
 que as médicas e enfermeiras
 tenha cuidado Bem do Senhor
 obrigado por ter sido pai e
 mãe dos meus filhos ter
 dado todo amor e carinho
 pra eles me perdoa quando
 eu chorar não quero que
 se entristeça pois a saudade
 sufoca não dá pra aguentar
 mais digo umas palavras forte
 mais não me importa quando
 quando penso no Senhor
 te amo mais eternamente
 me perdoa não ter conseguido
 te proteger te amo mais
 querida pai tanto acredito
 que não foi a covid que te
 levou tanto acredito que te
 levou te levou pra um
 melhor sem dor te amo pai

Figura 77 – Carta elaborada pela enlutada Silviana

R.J; 20 de abril de 2023.

oi meu anjo.

Depois da sua partida eu me senti anestesiada, você não estava mais aqui; mas eu ainda sentia que estava. Você tinha partido mas para mim era apenas um pesadelo e que logo acordaria. Aos poucos a ficha caiu, e fiquei enlutada com todo o sistema: Você não teve direito a necinha, foi intubado e nem foi comunicada. Não consegui me despedir de você.

Te peço perdão por ter feito você acreditar que voltaria para casa,

Todos os dias penso em você; ao acordar e o retorno do trabalho é o mais difícil. Lembro das suas mensagens ou ligações para me informar trânsito e para ligar a cafeteira para o meu café. Foram 33 anos de companheirismo, tanto admirava

Felipinho cada dia mais parecido com você; flamenguista, estudioso, ansioso, genioso; líder, mas carinhoso. Sinto muito sua falta e adora ver fotos e os vídeos com você. Ele está fazendo desenho para você. Spider está bem mas continua latindo para os gatinhos do vizinho e morrendo medo dos fogos.

Marina Silva é a ministra meio ambiente e Lula presidente, tenho certeza que está feliz. Estamos!!! Até hoje não consigo assistir "É da coisa" Rinaldo Azevedo. Meu coração fica apertado. Fogo flamengo assiste por causa Felipinho que é igual a você, gata, xingá, torce.

Estou tentando ser forte e prosseguir. Lembro das suas lutas e do que aprendi com você. Mas difícil...

com amor; gratidão eterna.

obs: Um dia nos reencontraremos!!!   Silviana. 

Figura 78 – Carta elaborada pela enlutada Cacau

Mouquito,

Não consigo ainda acreditar que você não está aqui, passe pelo corredor daqui de casa e vejo a sua ilha de edificação, cuja a porta fica sempre fechada e imagino que você está lá dentro trabalhando e que a qualquer momento irá sair de lá e vir sorrindo me abraçar. Audácia e Pacato, nossos gatinhos, também ficam na porta da ilha durante horas, como se estivessem esperando você, des me olham como se indagassem: "por que ele está demorando tanto para sair?".

Nunca tinha sentido uma dor tão sólida na alma, é uma dor concreta, quase consigo segurá-la dentro de mim. Antes de entrar na U.T.I., você me disse: "eu nunca fui tão feliz como fui com você, foram os melhores anos da minha vida. Eu era feliz e sabia". Fomos felizes, meu amor e sabíamos, e não só isso, dizíamos diariamente isto um

ao outro. Com você eu aprendi tanto, tanto. Aprendi que o ódio, a raiva e a indignação diante das injustiças não são sentimentos ruins, pois nós podemos transformá-los em combustível para a luta por justiça social, "com sangue nos olhos", como você falava. Você sempre foi um apaixonado pela vida, pela diversidade e um indignado diante das desigualdades.

A sua trajetória de vida foi uma trajetória de lutas, militando pela cultura, lutando para que o seu segmento tivesse condições dignas de trabalho e reconhecimento, militando no PSOL por justiça social, acreditando em uma luta antissistêmica.

Você sonhava com um mundo melhor, mais justo, paterno e igualitário, e repetia sempre que num mundo capitalista isso jamais irá ocorrer, pois onde há exploração, não há justiça, não há sustentabilidade, não há igualdade. Por isso, você

sempre lutar para derrubar esse sistema e sonhava com a construção de um novo projeto. Você levava a vida muito a sério e colocava sinceridade em todos os casos que defendia, porque se não fosse para ser assim, não valeria a pena. E foi lutando que você nos deixou, não seria diferente. Você não foi apenas uma vítima da COVID-19, foi vítima desse governo genocida que está matando vários famílias, levando embora nossos afetos. E você queria sobreviver para continuar sua luta para derrubar Bolsonaro.

Com todas as minhas forças, irei transformar meu luto e toda indignação que estou sentindo em luta! Você continuará vivo em meu coração e sempre será minha inspiração para continuar a lutar, pois como você mesmo me ensinou, só a luta muda a vida, não é mesmo? Te amo!

Cacau

Figura 79 – Carta elaborada pela enlutada Ruth

Jorge,

Naquele 12 de março, quando te levei pro hospital na ambulância do Samu, não achava que seria o último dia que te veria... eu tinha razão, continuo te vendo em cada flor, no por do sol, na lua... te escuto no vento, no quebrar das ondas, nas vozes de Miguel e Arthur, no abraço deles também te sinto...

Ainda assim a saudade machuca, doe...

Esteya bem, e onde voce estiver receba meu carinho...

Nossa estrela do mar, que brilha também no céu, Jorge, continue brilhando, fique bem

Ruth

Figura 80 – Carta elaborada pela enlutada Nalva

Rio de Janeiro, 17 de Abril de 2023.
 Uma carta para o meu grande amor: você, Fernando.
 Para mim, você foi tudo demais. É uma forma que não consigo
 entender. Não sei se vai de amor, de céu, você entende meus
 questionamentos.
 Não deu tempo de tantas coisas... mesmo te conhecendo aos
 12 anos.
 Casamos tão rápido! Mas, os 36 anos de casada ao seu
 lado, não foram suficientes... você partiu.
 O tempo que tivemos falamos (quase) tudo. Já o "Eu te amo"
 nunca deixamos para o amanhã.
 Tivemos casas paradas: alergia ao abacaxi e medo de
 andar de moto.
 Ayudar o próximo era o que nos fazia caminhar cada dia
 mais felizes! A alergia não passaria. O medo de moto não
 tentamos. Já as pessoas que ajudávamos ficaram sem entender
 sua partida.
 Bem que poderia ter um horário em que eu pudesse te contar
 as novidades. São tantas...!
 As meninas, Amanda e Camilla choram demais a sua falta,
 sentem saudades até das suas chaticeiras... um.. O Gabriel está
 estudando na escola que você estudou na juventude.
 Ninguém te esperou... infelizmente ele se foi. Já você não vai
 casar! Camilla arrastou outra cachorra. Já eu imagino
 você voando com ela aqui na sala, levando para nova cama,
 e eu, como sempre, pedindo briga para você não colocar.
 São muitas novidades novas quase 2 anos da sua partida.
 Até uma homenagem fizemos para você: plantamos um pé de
 Ipê no campo que você jogava bola.
 Os primeiros dias foram muito difíceis sem você, como até hoje
 Truquei de lugar na cama. Hoje durmo do lado que você
 dormia, para não ver o vazio que ficou.
 Ah, que saudades daquele casarão na cama, e o meu
 chinelo, que você deixava na posição curta pra quando...

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

eu me levantando.

O barulho das chaves às 15h quando você chegava...
ainda acho que vai ouvir... mas você não chega.

Você era isso o que queria: você aqui. Com sua alegria,
carinho, carinha e proteção. Me sentir protegida
novamente por você.

A todo momento penso no tempo. Sem 10 dias
tão que te sepultar. Sem direito ao último olhar,
ao último adeus, ao último te amo.

Você muito dura a realidade da perda.

Perder você dói todos os dias, mas o universo se
ganhou você para sempre.

Com saudades e carinho
da sua filha

Figura 81 – Carta elaborada pela enlutada Emile

A querido Mário (ma)

Hoje faz 2 anos de sua partida. Não re-
lembrar o Rio de Janeiro: atoso na compra das
vacinas da COVID-19.

Ah, pelo tempo para nós, com
59 anos, fomos vacinados. Semura devido
ao desinteresse, à ineficiência dos nada respon-
sáveis e à desmenda das políticas públicas
relacionados à saúde.

Tivemos dentes juntos, tivemos sim-
mas muito diferentes e infelizmente para-
mos pelo processo de idos e vindos aos mé-
dicos e hospitais, no pico de doença, o que fez
por você ter recebido toda a assistência mé-
dica e hospitalar necessária, coisa que sa-
bemos ter sido negada a muitos.

Deu grata por poderemos conversar re-
motamente durante sua internação e ter ver
entubado na UTI. Vi camas vazias nos corre-
dores, indicando a partida de outros dentes.
Conversei diariamente com médicos dedicados,
sentindo a impotência da ciência frente ao
caso da pandemia. Ambulâncias que chegavam
em busca de vagas inexistentes ou o comércio
da morte que se instaurou no país.

Mas, sobretudo procuro na memória re-
viver nossos bons momentos, coisas pequenas
do cotidiano, suas comidas, o café levado na
cama, o silêncio compartilhado entre nós.
O prazer de estar ao seu lado, mas tam-
bém de liberdade de vivermos nossas vo-

Tudo, sem ser à vela, meu coral...

Cria na vida que contêm, e sent
nessa ligação em sintonia, pensamen
e vibrações.

Racião mantém a calma e a ha
monia, sem deixar de lutar para q
a justiça seja feita aos mais de 40
mil mortos por este vírus.

Comunhão até vós me acosta
Te amo.

Emile (Vi)

CT

CONSIDERAÇÕES FINAIS: carta aberta “ao tempo que não cala”

*“Para isso fomos feitos:
Para lembrar e ser lembrados
Para chorar e fazer chorar
Para enterrar os nossos mortos
Por isso temos braços longos para os adeuses
Mãos para colher o que foi dado
Dedos para cavar a terra”.*
(Vinicius de Moraes)

Caras interlocutoras,

Chego ao fim deste trabalho. Cinco anos se passaram desde que iniciei meu processo formativo no doutoramento em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (PPGA/UFPB). Tenho gratidão pelo antropólogo que sou hoje. Mas, ainda assim, não posso e nem quero afirmar que aqui tudo se encerra. A jornada acadêmica, como a vida, é feita de recomeços. E cada recomeço carrega a força de tudo aquilo que, mesmo diante do cansaço, é necessário finalizar. E, neste momento, finalizo esta tese.

Pensei em muitas formas de escrever estas considerações finais. Rascunhei frases, busquei estruturas acadêmicas, conversei com minha orientadora em reunião de orientação, revisei parágrafos inteiros. Mas, no fim, percebi que estava imerso demais no texto – ou melhor, atravessado por ele.

Foi então que decidi escrever uma carta aberta para finalizar a tese. Uma carta “*ao tempo que não cala*”, como disse Nalva, uma das minhas interlocutoras, ao afirmar com firmeza e dor que o tempo não pode calar as vítimas da Covid-19. Essas palavras ficaram ecoando em mim, e fiquei relendo as cartas que vocês, interlocutoras, fizeram. Vocês me ensinaram que, por mais que se tente apagar ou esquecer, ou colocar em números, há vidas que insistem em gritar, há memórias que se recusam a desaparecer, mesmo depois da morte.

E é neste instante de despedida e de gratidão que me permito realizar estas últimas considerações finais. Não para encerrar, mas para acolher o que foi vivido. As reflexões com que fecho este estudo são mais que dados ou números: são registros de uma trajetória coletiva, marcada por perdas e formas de manter a memória viva.

Quero dizer que chorei muito ao longo do doutorado e, neste momento, com o coração aberto, escrevendo estas considerações, continuo chorando, ainda em movimento; ciente de que esta carta – assim como esta tese – é também uma tentativa de manter acesa a memória daqueles e daquelas que não podem mais falar, mas que seguem vivos em seus relatos no decorrer destes

capítulos, em cada linha de resistência, em cada palavra que ousamos escrever, e que gentilmente vocês, interlocutoras, me deixaram analisar.

Foram tantas trocas de mensagem, de afeto e de tessitura desta caminhada. Busquei entrelaçar saberes, palavras e silêncios de uma pandemia de Covid-19 que deixou cicatrizes. E é impossível seguir adiante sem evocar os versos de Conceição Evaristo, em seu poema “Certidão de óbito”: *“Os ossos de nossos antepassados colhem as nossas perenes lágrimas pelos mortos de hoje.”*

A citação não é apenas poética, é um compromisso ético. E neste momento, quero trazer os caminhos éticos das vozes que se foram – e que foram contadas por vocês, minhas narradoras. Entrelaçam-se o vivido e o narrado, o pessoal e o coletivo, como também o eu pesquisador que aqui descrevo. Não há como escrever, pesquisar, existir neste tempo, neste país, nesta carne, sem considerar o luto que carregamos. Sou um sobrevivente da pandemia e todas vocês também são, com danos e dores que ficaram de um governo negacionista.

O Brasil, até o dia 1º de abril de 2025, contabilizou oficialmente 702.116 mortes confirmadas por Covid-19, segundo a Organização Mundial da Saúde. Mas os números, frios, ainda que duros, não me bastam. Daí o tema da tese: *“se números frios não tocam a gente, espero que nomes consigam tocar”*. Por isso, fiz questão de lembrar, ao longo de toda a tese, que tratamos de vidas e não de estatísticas. Vidas que foram interrompidas, negligenciadas, silenciadas. Vidas que importam.

Este trabalho foi também um gesto de memória. É denúncia, mas é também oferta. Foi uma tentativa de organizar dados etnográficos, nas entrelinhas do discurso acadêmico; os fragmentos de um mundo em narrativas.

Foram muitos os momentos em que pensei em desistir. A afetação do antropólogo – um recurso metodológico que é necessário destacar. A exaustão, o medo, a solidão e os atravessamentos do cotidiano por vezes se impuseram. Mas havia algo que me mantinha: a certeza de que está escrita não era só minha; era uma escrita nossa, coletiva. Ao mesmo tempo, outra percepção: a de que vocês, interlocutoras, precisavam preservar a memória em outras linguagens.

Esta tese foi atravessada por vozes. Vozes de pessoas que caminharam comigo. De mestras, de colegas, de familiares, de encantados que no contexto pandêmico ficaram como vítimas. Foi atravessada também pelos corpos que dançam, mesmo quando o chão falta; pelas mãos que seguram outras mãos; pelos olhos que, mesmo cansados, seguem atentos, e que, em certos momentos, precisaram testemunhar até a abertura das covas de seus entes queridos, em um cenário de calamidade pública.

Escrever, neste contexto, foi resistir. Foi lutar contra o apagamento, contra a indiferença, contra a morte, que se pretende definitiva – um estudo da antropologia da morte que carregou desde a minha graduação. Foi afirmar, com radicalidade, o direito de lembrar, de viver, que não se encerra na morte biológica.

Nesta minha investigação, considero que tive os objetivos alcançados, na medida em que acessei autores/as, as suas histórias, interlocutoras, e vivências que me forneceram informações sobre o seu *rito de passagem* da pandemia. A caminho de concluir esta caminhada de campo, reafirmo que o principal propósito desta pesquisa foi compreender os processos ritualísticos das vítimas da Covid-19, por meio das experiências das mulheres *enlutadas* – termo que foi escolhido e ressignificado por vocês mesmas, nos percursos atravessados pela morte, pelo luto, pela luta e pela memória. Vocês que, em certos momentos, gostavam de ser chamadas de “*mulheres na luta*”.

Neste trajeto, busquei identificar mulheres enlutadas cujos entes morreram nos anos de 2020 e 2021, período anterior à vacinação; momento marcado por incertezas, medo e ausência de políticas públicas eficazes de cuidado. Nossas conversas, porém, não ficaram só entre aqueles anos, mas foram levadas até 2025, pensando a esfera do luto. Nesse meio tempo, atentei para os rituais e as práticas específicas relacionadas ao adoecimento das vítimas da Covid-19 nos ambientes hospitalares, reconhecendo as rupturas nas formas tradicionais de acompanhar, cuidar e despedir-se, e como o uso da tecnologia foi fundamental para um sistema de ligação e informação.

Também foi possível identificar, ao longo desta caminhada, os modos como se deu a despedida de seus “amores” (termo utilizado por vocês) no ambiente hospitalar, muitas vezes atravessada pela dor da ausência do toque, do impedimento de rituais. O corpo passou a ser visto como um agente contaminador, interditando gestos de cuidado e afeto entre os familiares. Foram tantas iniciativas apresentadas em reconhecer esses amores que redes como a AVICO e os memoriais construídos no momento da pandemia foram importantes agentes na preservação da memória coletiva e no reconhecimento das vítimas da Covid-19. Ao transformar o luto em ação política, essas iniciativas ressignificaram o sofrimento e visibilizaram as mortes.

Realizei uma antropologia da escuta com vocês, permitindo entrar na compreensão da pandemia para além dos dados epidemiológicos, dos discursos institucionais e dos boletins, trazendo em suas narrativas as experiências vivenciadas por desigualdades e por uma produção social da morte atravessada pelo racismo, pelo gênero e pela classe.

Suas narrativas revelaram a necropolítica em ação em suas experiências, na qual o Estado, ao negligenciar políticas públicas de cuidado e proteção, contribuiu deliberadamente

para o agravamento da crise sanitária, *transformando corpos vulneráveis em vidas descartáveis*. Esse sentimento estava nas falas de vocês, minhas interlocutoras. E como foi difícil, em vários momentos, acompanhar essas histórias.

Minhas considerações evidenciaram que a pandemia não foi, nem poderia ser, um evento sanitário isolado de um território no tempo-espço. Ao contrário, constituiu-se como um *fato social total*, que mobilizou afetos distantes, desorganizou rituais, reconfigurou vínculos e escancarou a seletividade da morte em uma sociedade desigual. As suas narrativas, de mulheres de vários espaços do Brasil, demonstram que o sofrimento não foi apenas *biológico*, mas *social*. O luto coletivo foi atravessado por sentimentos e gritos de revolta, injustiça e abandono, *dimensões sociais da dor* – esta, muitas vezes silenciada nas análises quantitativas, que despersonalizam as perdas.

Com o auxílio de vocês, mulheres enlutadas, foi realizada uma etnografia, transformando os números em poemas, desenhos e pinturas. Vocês não apenas narraram suas dores, mas produziram conhecimento, a partir da memória, da experiência e do viver a pandemia. Suas reflexões desestabilizam as noções hegemônicas de normalidade e convocam a antropologia a comprometer-se com práticas de construção de políticas públicas. Ao rememorar as ausências, vocês também afirmaram a vida: “*não uma vida qualquer, mas uma vida que exige ser reconhecida em sua dignidade, em sua historicidade e em seu direito à existência, mesmo depois de sua morte*”, como destaca Maria Araújo.

No contexto pandêmico, as formas de biossegurança foram instauradas, alterando as práticas de despedida e os modos de lidar com o adoecimento ou até mesmo a morte. A experiência hospitalar foi ressignificada. Vocês a retrataram e a viveram como um cenário de guerra, onde as rotinas médicas e os corredores silenciosos assumiram contornos de urgência, medo e solidão. Em frente ao hospital, em certos momentos, formou-se um espaço de vivência.

Ao mesmo tempo, nesses últimos anos, procurei compreender as adaptações realizadas pelas instituições de saúde diante das exigências daquele contexto, especialmente no que se refere às despedidas possíveis e aos limites impostos pela pandemia – e foi aí que, em suas narrativas, podemos identificar o esforço de vocês em procurar meios para se manterem presentes.

Em seus relatos, se destacou o modo como se deu a comunicação da morte para vocês. Em meio a dinâmicas institucionais muitas vezes impessoais e frias, a notícia da perda chegou abruptamente, atravessada por silêncios, ruídos e falta de acolhimento. Pois o corpo precisava ser liberado para outro entrar; uma família precisava ser avisada para outra ser chamada. Era tudo muito rápido: o protocolo era mantido, mas, frequentemente, faltou humanização.

Em certos casos, uma simples fotografia do corpo servia como reconhecimento, num gesto duro, distante. Em outros momentos, ações afetivas rasgavam os protocolos de biossegurança, revelando o vínculo humano mesmo diante do risco. E houve ainda situações em que nem o reconhecimento foi possível, e o que pairava era o medo da troca de corpos, o pavor da incerteza, a solidão do vazio, a dor de não saber ao certo se aquele corpo sepultado ou cremado era, de fato, o do seu familiar. E tudo começou a ser mais rápido: o tempo entrava em outra dimensão, na transição do corpo morto “*do hospital ao cemitério*”.

As análises sobre o ritual de morte apresentadas na tese demonstraram que este foi atravessado pelas restrições sanitárias; revelaram as transformações nos modos de velar, despedir-se e comunicar a morte. Nesse processo, o corpo morto emergiu como signo de ambiguidade, ora tratado como ameaça sanitária, ora como objeto de memória.

As múltiplas conversas com revelaram a dimensão política e emocional dos rituais interrompidos por medo da morte, quando a ausência do toque, da visualidade e da comunhão comunitária configuraram um luto interrompido. As noções de liminaridade e *communitas*, discutidas por Turner, ajudaram a compreender como os *rituais de passagem* foram tensionados e, em muitos casos, substituídos por “*ritos de impasse*”, nos quais a descontinuidade das relações simbólicas fragilizou as mediações entre vivos e mortos, impedindo a conclusão do ciclo do luto e a reintegração social das enlutadas.

De todo modo, percebi a importância de refletir sobre a morte em tempos de pandemia, o que exigiu mais do que uma análise das medidas de biossegurança e dos protocolos sanitários impostos. Vocês, minhas interlocutoras, mostraram que minha escuta deveria estar atenta às experiências subjetivas das famílias, às ausências sentidas e às estratégias de reinvenção dos rituais. Porque a pandemia não apenas “*desorganizou os modos de morrer*”, mas também reconfigurou os modos de resistir à desumanização da morte, dos corpos e dos mortos, convocando-nos a pensar o luto pandêmico como um direito, e a despedida, como um ato político de reconhecimento da dignidade do ritual de morte.

Ao concluir esta tese (ou esta etapa de uma pesquisa ainda a ser continuada, pois existem outras questões que precisam ser problematizadas), é com respeito e gratidão que me dirijo a cada uma de vocês. A impossibilidade de realizar velórios (vivida pela maioria), os rituais abreviados e a ausência do corpo no ritual impactaram e intensificaram os sentimentos de solidão, abandono e sofrimento. No entanto, os registros produzidos demonstraram que o sofrimento não foi vivido apenas como passividade, mas como potência, como gesto de resistência, pelos vários movimentos sociais contra a invisibilidade e a indiferença das mortes.

Os desdobramentos desta tese compartilhada apontam que vocês, ao mobilizarem objetos, fotografias, memórias afetivas e práticas coletivas como manifestações, memoriais e redes de apoio, têm reconfigurado o espaço do luto em uma dimensão social e política, diante do sofrimento.

O luto transcende, assim, a esfera individual e se articula como um processo público e coletivo com as redes que foram sendo criadas, nas quais o sofrimento se converte em denúncia e em busca de justiça – sendo o governo presidencial da época o agente reconhecido como o perpetrador dessas injustiças, pela maioria das mulheres com quem conversei. Seja como for, a memória das vítimas dos que se partiram permanece viva, não apenas na saudade, mas também nas ações de enfrentamento, nas tatuagens no corpo e nas narrativas que denunciam a negligência estatal, reafirmando a dignidade das vidas perdidas.

Assim, encerro esta pesquisa e esta carta aberta, reiterando que as histórias aqui documentadas, muitas das vezes com lágrimas, constituem mais do que fontes de análise para antropologia; são testemunhos marcados por perdas irreparáveis e, ao mesmo tempo, por insurgências cotidianas das próprias relações.

Que esta tese possa contribuir para a valorização das experiências de vocês e de outros tantos enlutados – possivelmente leitores/as desta tese –; para a ampliação das políticas de cuidado, de políticas públicas, formas de reparação e espaços de memória; e para que nenhuma ausência de direito seja silenciada pela negligência do tempo que passa. Esta escrita foi, sobretudo, um compromisso com políticas da vida e da boa morte, com uma antropologia da escuta e com a reparação.

A cada uma de vocês, minha sincera gratidão, por compartilharem comigo seus afetos, suas dores e resistências.

Muito obrigado!

POSFÁCIO

POSFÁCIO - EXUMAÇÃO DE FERNANDO

“Deu vontade de trazer ele para casa, o corpo estava inteiro”: exumação, dor e indignação nas narrativas de Nalva sobre o corpo morto de Fernando¹¹⁵

Se os ritos da morte, como afirma Louis-Vincent Thomas (1985) servem à paz dos vivos, qual é a paz possível ao se deparar com um corpo que foi privado desses ritos?

Esse texto pode falar de morte, mas também fala de amor, há raiva com cuidado, luta com grandeza, isso é o que compõe as relações humanas em um cenário cotidiano.

A morte sempre chega de mãos frias, sem aviso, sem piedade, diz Nalva. Mas o que fazer quando nem ela é capaz de encerrar a história? Quando o corpo que deveria repousar é arrancado da terra, forçado a uma segunda despedida?

Esta não é apenas uma história sobre exumação. É um relato de amor e desamparo, de luto interrompido e indignação.

Foi no primeiro dia do ano de 2024 que o telefone de Nalva tocou. Era do cemitério onde Fernando, seu esposo, estava enterrado. A voz do outro lado era fria, burocrática, indiferente à passagem do tempo e ao peso da dor. “Precisamos exumar o seu marido.” O peito apertou, o chão sumiu sob os pés. O que responder diante do absurdo? “Feliz ano novo para você também!”, disse Nalva com ironia ácida, como se tentasse agarrar-se à única coisa que ainda lhe restava: a revolta.

Fernando partiu no caos da pandemia, enterrado apressadamente em uma cova rasa, sem velas, sem flores, sem as mãos de Nalva tocando as dele uma última vez. E agora, três anos depois, era como se a morte lhe roubasse o direito ao esquecimento. “Eu sabia que ia acontecer isso, todo mundo sabia, só não queriam ouvir”, me disse Nalva. A verdade é que seria impossível se preparar para um momento tão difícil.

¹¹⁵ Para um aprofundamento das reflexões desenvolvidas no posfácio, ver o artigo publicado em coautoria com Mônica Franch na *revista m.*: **“Deu vontade de trazer ele para casa, o corpo estava inteiro”: exumação, dor e indignação nas narrativas de Nalva sobre o corpo morto de Fernando**. Disponível em: <https://seer.unirio.br/revistam/article/view/14002>. Acesso em: 27 jan. 2026.

No dia 14 de junho de 2024, às 10:46min, familiares e amigos de Nalva a acompanharam ao cemitério. O cortejo do dia da exumação se transformava em algo semelhante a um segundo enterro, mas era o único, já que o primeiro tinha sido sob todas as proibições dos tempos de pandemia.

Nalva desenhou essa chegada

Figura 82 – Chegada no cemitério para exumação



Fonte: Desenho elaborado pela enlutada Nalva (2024)

O desenho feito por Nalva é sobre a experiência vivida durante a exumação. Nele, o espaço do Cemitério é representado com uma precisão afetiva: as cruzeiras que se repetem, os caminhos delimitados e as figuras nomeadas compõem uma cartografia da memória do momento da exumação. A disposição dos corpos, o destaque para a “Quadra 19” e a presença dos coveiros

e familiares evidenciam o modo como Nalva reinscreve esse momento em detalhes, buscando ordenar o caos do vivido.

Os coveiros iniciaram, então, o processo de abertura do caixão. Segundo relataram a Nalva, o procedimento se devia ao tempo regulamentar de permanência dos corpos estabelecido pelo cemitério nas corvas rasas, um prazo que, uma vez “dado o tempo”, autoriza a exumação para a liberação de espaço destinado a novos sepultamentos. A explicação, embora proferida de forma aparentemente técnica, produziu nela um misto de incredulidade. Diante da naturalização institucional desse gesto, Nalva percebeu, com espanto, como a lógica administrativa da morte se sobrepunha às temporalidades do luto. O que para os trabalhadores do cemitério era um ato cotidiano, para ela representava a reabertura de uma ferida ainda viva, um novo confronto com a perda, e levantou o seguinte questionamento: será que os corpos de pessoas falecidas em decorrência da Covid-19 deveriam ter o mesmo tempo de exumação que os corpos de pessoas que não morreram pela doença?

A cena, das mais duras, demorava para passar. Ao enterrar alguém, não imaginamos voltar àquele mesmo lugar para desfazer o que a “natureza” havia feito e guardado de nossa vista, diz Nalva. Quando Nalva teve coragem de olhar o que enfim se revelava, ela estremeceu. O tempo, que devora tudo, parecia ter se esquecido de Fernando. Seu corpo estava intacto, as feições ainda desenhadas com precisão. O nariz, as orelhas, os cabelos, o contorno do rosto, as mãos que antes seguraram as dela. Tudo estava lá.

Foi ali, entre as cruzes gastas pelo tempo, que o mundo pareceu parar...

As cruzes espalhadas, cada uma contando uma história silenciada pela terra, falam sobre a fé, sobre o adeus cristão que nos ensinaram desde pequenos. E mesmo assim, nada nos prepara.

O nome de Fernando ali, escrito com traços firmes, me atravessa. Não é só ele. Estão também os que cuidam desses lugares de silêncio, os coveiros, homens de mãos calejadas, quase sempre invisíveis, mas que sustentam o ritual, o cuidado, a despedida. Eles estavam lá. Presentes. Respeitosos. Fundamentais, Nalva disse que eles (os coveiros) tiveram cuidado com ela, dizendo para ela não olhar.

É curioso como até o tempo quis deixar sua marca: 10h46min. Não foi um momento qualquer. Àquela hora, aquele segundo, aquela dor. É o luto que se concretiza no tempo, que vira data, memória e calor do espaço. Nalva faz os desenhos e diz que é uma forma de dizer que Fernando esteve aqui. Que ainda está. Porque quem é lembrado, de alguma maneira, não foi embora de tudo.

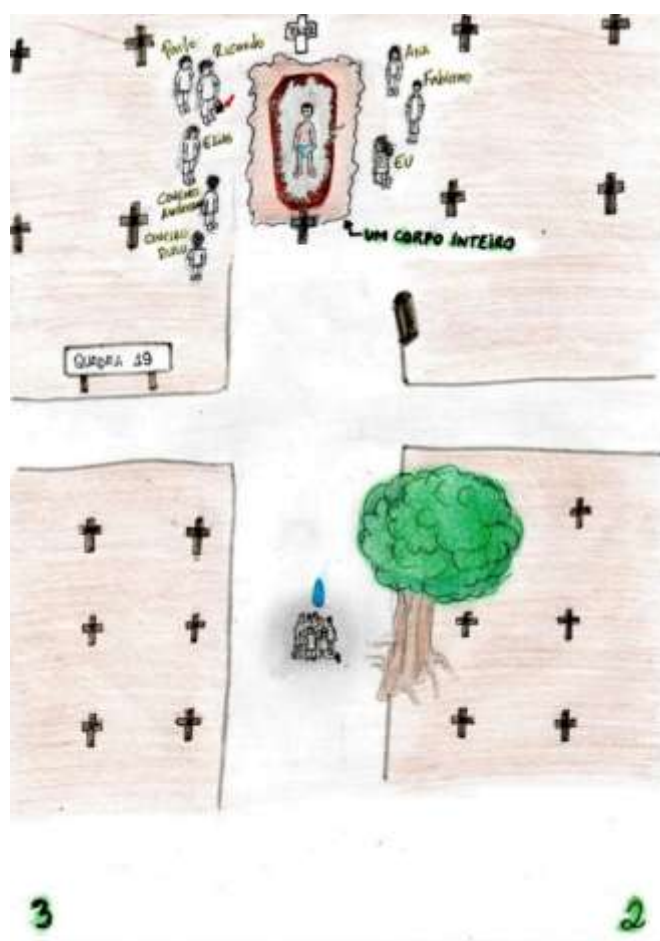
De súbito, Nalva sentiu um impulso visceral, uma vontade que lhe rasgava por dentro. O corpo de seu falecido esposo estava tão preservado que ela sentiu uma dor imensa de deixá-lo ali de novo, sozinho, no breu da cova. Desejou levá-lo consigo para casa.

Mas como levar para casa um corpo sem vida? Como proteger Fernando da escuridão da cova, do peso da terra, da frieza de um enterro sem ritos? O cheiro forte a impedia de tocá-lo, mas seu olhar não fugia dele. Observou a fralda ainda branca, os tubos que um dia o mantiveram vivo, os sacos plásticos que impediram sua decomposição. Um corpo que deveria ter se tornado pó, mas que a negligência do Estado manteve suspenso no tempo.

Quis gritar. Quis levar Fernando consigo, arrastar aquele corpo até o administrador do cemitério e exigir que vissem com os próprios olhos o que haviam feito. Mas foi contida. Em vez disso, pagou novamente pelo sepultamento. Um novo enterro. Uma nova tentativa de dizer adeus.

Nalva desenha a cena do corpo de Fernando

Figura 83 – Corpo inteiro de Fernando



Fonte: Desenho elaborado pela enlutada Nalva (2024)

Neste segundo desenho, Nalva retrata o instante em que o corpo de Fernando surge, surpreendentemente inteiro. A cena que ela não esperava, as pessoas ao redor, o olhar fixo, o silêncio. A frase “um corpo inteiro” parece condensar o espanto e o alívio de um encontro impossível. O tempo, que deveria ter apagado, poupou, não fez.

A pandemia silenciou vozes e apagou despedidas. Nalva foi uma entre tantas que tiveram seus lutos violados, que viram o amor de sua vida reduzido a um número, a um saco plástico, a uma ordem administrativa. Mas seu amor por Fernando permaneceu intacto, como o corpo que ela infelizmente viu naquela tarde.

Este relato surgiu desse instante, desse desejo impossível de carregar para casa, de protegê-lo da segunda morte, da burocracia, da negligência. Mais do que falar de exumação, este é um relato sobre os rastros que a morte deixa, sobre os corpos que amamos e que, mesmo ausentes, nunca deixam de existir dentro de nós.

Minha investigação envolveu um processo temporal que incluiu entrevistas realizadas em diferentes estágios do luto. Algumas interlocutoras foram contatadas logo após a perda de seus entes queridos, enquanto outras surgiram ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Minha relação com essas interlocutoras se deu em um período de quatro anos, permitindo acompanhar diversos *ritos de passagem*, seja em suas narrativas ou em conversas presenciais.

Este último relato, escolhido para o posfácio, parte da experiência de Nalva, que acompanhou o corpo de seu marido, Fernando, ser exumado. Senti a necessidade de narrar aqui essa parte da pesquisa porque, em muitos momentos, precisei encontrar calma para continuar escutando e processando sua história. A partir de agora, vou descrever como ouvi de Nalva a narrativa da exumação de Fernando, me detendo em alguns pontos.

Era por volta das 21h de uma noite de novembro de 2024 quando comecei a conversar com Nalva sobre a dor que ela sentia. Nos dias seguintes a essa ligação, Nalva me procurou, à beira da madrugada, dizendo que precisava conversar. Apenas aceitei ouvir.

Quando recebeu a ligação do cemitério, Nalva questionou imediatamente a decisão: “Querem exumar um corpo que está inteiro?”. Esse dilema – entre estar inteiro ou não estar – revelou desigualdades no tratamento das mortes por Covid-19 no momento da exumação. Era uma preocupação que já circulava, que ela já tinha.

Em nossa conversa, Nalva estabeleceu uma comparação entre o sepultamento de seu marido, realizado em uma cova rasa, e o de figuras públicas, como Paulo Gustavo, que foram enterradas em túmulos privados. Enquanto os corpos sepultados em jazigos particulares permanecem intactos, preservados pela estabilidade material do espaço, os que estão em covas rasas precisam ser exumados após o prazo determinado pelo cemitério, geralmente entre dois e três anos, para dar lugar a novos sepultamentos. Essa diferença, para Nalva, evidencia uma desigualdade que ultrapassa o campo administrativo, revela como até mesmo na morte há distinções de classe, e como o tempo do luto.

A ligação recebida por Nalva trouxe à tona memórias dolorosas do momento da pandemia. Fernando havia falecido durante um período de colapso funerário na cidade do Rio de Janeiro, quando não havia espaço nos cemitérios para novos enterros. Ele teve que esperar por uma vaga, evidenciando a falta de infraestrutura adequada para lidar com as mortes em massa causadas pela pandemia. E as covas rotativas foram a única escolha que restou para a sua família.

Durante o procedimento da exumação, ficou evidente que o corpo de Fernando permanecia intacto, sem sinais de decomposição avançada, porque o protocolo de sepultamento não havia sido respeitado. A descoberta de dois sacos plásticos, em vez de um, quando, segundo os protocolos do Ministério da Saúde, deveria haver apenas um invólucro plástico impermeável e selado para o acondicionamento do corpo de vítimas da Covid-19, agravou a revolta de Nalva. A duplicidade do invólucro intensificou sua sensação de violação e descaso, levando-a a refletir sobre os direitos negados ao corpo de seu companheiro, especialmente o direito à decomposição natural. Para ela, aquele excesso de camadas simbolizava não apenas uma medida sanitária, mas também o distanciamento imposto pela burocracia sobre os mortos da pandemia.

Na exumação, para acelerar esse processo, o coveiro, ao quebrar o vidro do caixão e rasgar os dois sacos que envolviam o corpo, permitiu que areia e cal fossem depositadas sobre o corpo de Fernando, acelerando a partir dali o processo de decomposição.

Naquele dia de junho, reunida entre os seus, ela se recordou do momento do primeiro sepultamento, marcado pela limitação de pessoas e pela impossibilidade de ver o corpo do marido. Desta vez, apesar da indignação, pôde realizar uma oração com os presentes, ainda que o cheiro forte da decomposição e o estado emocional dificultassem a experiência.

Nesse momento de lembrança, Nalva gritou, lembrou de Bolsonaro, ficou indignada e percebeu que o amor da sua vida estava intacto. Imediatamente, disse que sentiu vontade de levá-lo para

casa. Questionei o que significaria trazer para casa um corpo sem vida. Ela respondeu que tinha muita pena de enterrá-lo novamente, pois ele ficaria no escuro.

Nalva queria evitar a exumação, pois sabia que o corpo estava preservado, mas também cogitou levar o corpo até o administrador do cemitério para dizer: “Está vendo que o meu marido está inteiro?”. Contudo, foi contida por amigos e familiares. Ainda assim, precisou pagar novamente pelo enterro, que considerou o verdadeiro sepultamento de Fernando, já que no primeiro não teve a oportunidade de vivenciar o luto diretamente com o corpo.

Nalva destacou, ainda, que a inadequação do sepultamento inicial impediu que Fernando passasse pelo processo natural de decomposição. Embora tenha cogitado a cremação como alternativa, respeitou a vontade expressa de Fernando de não ser cremado.

Nalva fez uma oração com as pessoas presentes no cemitério. Pouco depois, pediram para que ela se retirasse. De volta para casa, caminhando, refletiu sobre tudo o que havia vivenciado. O corpo de Fernando estava intacto. Ele estava sem roupas, apenas com uma fralda branca, meia e objetos relacionados a intubação do hospital, que, segundo Nalva, não apresentava sinais de sujeira. Ela destacou especialmente a perfeição do nariz e das orelhas, o que marcou sua forma de sentir a exumação. Sentiu vontade de tocá-lo, mas o cheiro forte a impediu.

A presença do corpo nu de Fernando, acompanhado por acessórios hospitalares, suscita questões fundamentais sobre o tratamento *pós-mortem* e os significados atribuídos à dignidade corporal no contexto funerário em tempos de pandemia. Esse cenário revela a continuidade de uma lógica institucional que, mesmo após a morte, mantém marcas de um ambiente medicalizado e impessoal. Como interpretar a exposição de um corpo desprovido de vestes, mas com adornos que remetem à intubação? Tal imagem mostra a dinâmica do cuidado e o corpo como uma ameaça à saúde pública.

A fralda, os acessórios de intubação e a ausência de roupas sugerem um deslocamento da individualidade e da humanidade do falecido para uma representação quase clínica do corpo em tempos de Covid-19. Esses elementos amplificam a sensação de desamparo, para os familiares e os amigos, ao privar o corpo de Fernando de uma preparação que simbolizasse o respeito ao seu corpo morto.

A narrativa de Nalva suscita reflexões sobre os limites e as possibilidades do luto diante de contextos de morte marcados por desigualdades sociais e sanitárias. Quais são os significados atribuídos por Nalva ao corpo intacto de Fernando, especialmente em relação à sua recusa inicial

à exumação? Como a experiência sensorial – o cheiro, a visão e a impossibilidade do toque – molda suas memórias e sentimento de indignação? Que relações podem ser estabelecidas entre a materialidade do corpo preservado no momento da exumação?

Mesmo diante dessa experiência difícil, Nalva não desanimou. Ela sabia que precisava lutar por seus direitos e pela dignidade do processo de luto. E agora, nesse novo cenário, pelo direito à exumação. Com o tempo, percebeu que poderia entrar em um estado depressivo, mas isso só ficou evidente posteriormente, ao conversar com profissionais de saúde.

Nalva desenhou essas etapas

Figura 84 – Fases do luto pós-exumação



Fonte: Desenho elaborado pela enlutada Nalva (2024)

Nesse conjunto de desenhos, Nalva revela como a vida seguiu depois da exumação, um tempo de reconstrução silenciosa. Na imagem 4, ela aparece deitada, sozinha, entre o dia e a noite, indicando o intervalo entre a vigília e o descanso, o corpo ainda tomado pela lembrança daquele momento. Na imagem 5, vemos Nalva em diálogo com a psicóloga, sugerindo a tentativa de reelaborar a dor por meio da palavra, da escuta, da conversa. E, por fim, na imagem 6, ela se desenha caminhando por um caminho florido, sob o sol e o céu abertos, com a blusa da AVICO

Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19, uma organização civil criada no Brasil durante a pandemia, em 2021.

Esses caminhos conduzem ao processo de transformar o luto em reconhecimento de que, embora a morte tenha imposto distância, o amor segue encontrando formas de permanecer, como diz Nalva. Conversamos sobre comparações entre o primeiro sepultamento, realizado em meio à pandemia de Covid-19, e o momento da exumação. No primeiro, as pessoas estavam limitadas em número e ela sequer pôde ver Fernando. No segundo, apesar de um preparo maior, a dor foi ainda mais intensa, pois teve contato direto com o corpo. Durante esse momento, realizou uma oração coletiva, mas também precisou enfrentar medos e recorrer a medicamentos, algo que não havia ocorrido no primeiro enterro.

Ela destacou algo que considerava importante: o direito à decomposição natural. Segundo Nalva, a inadequação no primeiro sepultamento privou Fernando desse direito. A presença de dois sacos intactos foi um dos elementos que mais a revoltou, pois reforçava a ideia de negligência no manejo do corpo. A exumação de Fernando, narrada por Nalva, revela dimensões da antropologia da morte e dos rituais, articulando questões de corpo, memória, rituais e desigualdades sociais se entrelaçam nas experiências do luto.

O corpo preservado de Fernando emerge como um *locus* de tensões entre a materialidade do corpo morto e os significados culturais e afetivos atribuídos a ele. A reação de Nalva, marcada pela indignação, pelo desejo de tocar o corpo e pela revolta frente à manipulação inadequada dos restos mortais (o corpo inteiro), evidencia como o manejo do corpo após a morte reflete dinâmicas de poder, essas dinâmicas se revelam nas decisões institucionais que definem o destino dos corpos e na distância entre o saber técnico e o saber afetivo de quem fica.

O contexto da pandemia de Covid-19, com sepultamentos apressados e exumações marcadas por negligências institucionais, exacerbou a sensação de desumanização e ruptura dos rituais. Para Nalva, o corpo intacto de Fernando tornou-se um símbolo de sofrimento diante da precariedade do cuidado nos momentos finais, questionando a ausência de uma dignidade mortuária que permita o ciclo natural da decomposição.

Voltou para casa sozinha apenas com suas memórias, imaginando o seu amor ao seu lado...

Figura 85 – O retorno para casa depois da exumação



Fonte: Desenho elaborado pela enlutada Nalva (2024)

Durante nossa conversa, Nalva contou que Fernando costumava cantar para ela “As canções que você fez pra mim”, de Roberto Carlos, uma das músicas que mais marcavam o cotidiano do casal. Essa lembrança, ao mesmo tempo dolorosa, reapareceu de forma intensa quando conversávamos, a televisão estava ligada, e, por coincidência, um show de Roberto Carlos passava naquele momento. Para Nalva, ouvir essa canção é uma forma de continuar o diálogo

interrompido pela morte; é permitir que a ausência física substitua na melodia, uma maneira de permanecer vivo.

Ao retornar para casa, Nalva voltou sozinha, acompanhada apenas pelas memórias que insistem em permanecer. Na ausência, aprendeu a sentir Fernando em outra dimensão: “nas músicas, nos gestos do cotidiano, no silêncio que agora habita os lugares partilhados” Diz Nalva. É nessa tessitura afetiva que Nalva continua a se relacionar com Fernando, não mais pela materialidade do corpo, mas pela persistência sensível do vínculo, onde o amor se transforma em memória viva, em presença que se sente, mesmo quando já não se vê.

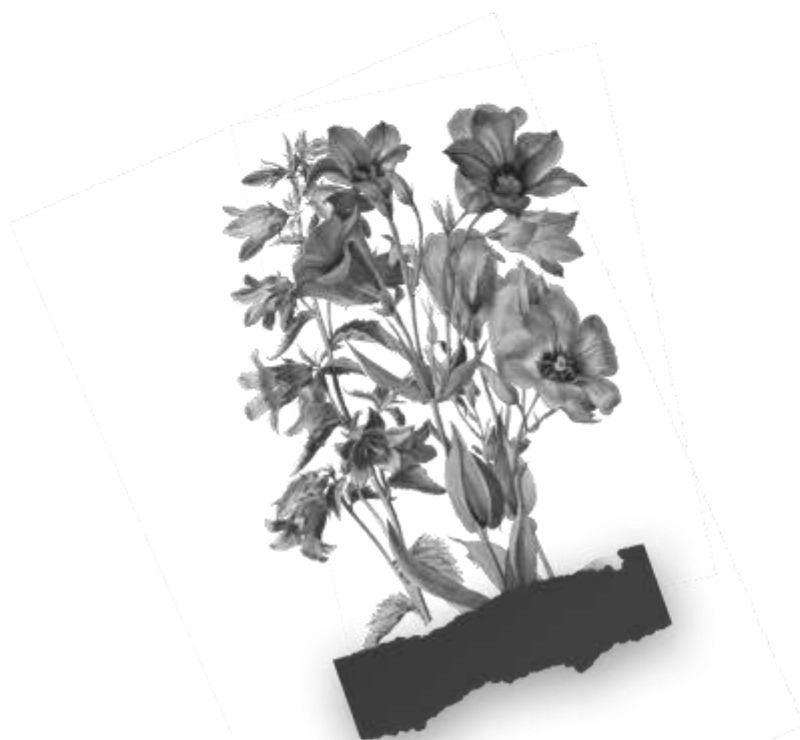
Nalva sofreu, chorou, procurou ajuda psicológica e refloresceu...

CADERNO DE IMAGEM

Colagem 3 – As mortes, os mortos e o morrer



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)



CADERNO DE **IMAGEM I**

CADERNO DE IMAGEM I: DIA DOS MORTOS NA PANDEMIA: AS FASES DE VIVENCIAR A MORTE NO CEMITÉRIO EM TEMPOS DE SOLIDÃO

APRESENTAÇÃO DO CADERNO DE IMAGEM I

O ensaio fotográfico aborda o tema do dia dos mortos em seu contexto pandêmico ritualístico na cidade de João Pessoa, Paraíba, mais precisamente no cemitério Senhor da Boa Sentença, situado no bairro do Varadouro. Esse ensaio é o primeiro de uma trilogia de três momentos, o mesmo está publicado na Revista de Antropologia UFSCar¹¹⁶. A finalidade é mostrar em experiência etnográfica o significado do processo de visitar os mortos como forma de lembrança, atentando aos processos sociais e econômicos em torno desse dia em tempos de distanciamento social, no primeiro dia dos mortos no Brasil em 2020 na presença da covid-19. Trata-se de problematizar os processos da contemporaneidade sobre o visitar no dia dos mortos, com as medidas de biossegurança e as máscaras, o novo acessório no mercado das flores e velas. As fotografias refletem o cemitério como espaço significativo no entendimento de uma organização social, como parte fundamental de uma cultura, e ainda como testemunha da história de uma sociedade que vive a experiência coletiva de visitar os seus mortos com restrições e apoio social limitado. Nesse sentido, o cemitério é visto como uma construção histórica feita a partir de processos de distanciamento, assombro e higiene em torno da morte e dos mortos, além do medo da contaminação pelo vírus invisível. Visando compreender os elementos que compõem o mundo social do cemitério, observo questões como o mercado dentro e fora dos muros e a presença de novos acessórios que compõem os sistemas de relações (máscaras e álcool 70), a ausência das missas religiosas, o simbolismo da solidão, o número reduzido de enlutados, como também toda a divisão de classes presente na estrutura do cemitério, que perpassa as relações dos vivos e/com os mortos, mostrando a diminuição dos serviços de limpeza dos túmulos. Dessa forma, a percepção da dinâmica social que envolve o cemitério com suas práticas socioculturais está associada ao contexto histórico vivenciado, e as relações construídas entre os indivíduos ajudaram a compreender o espaço do cemitério não apenas como lugar de morte, mas, principalmente, como espaço de vida, atividade social, memória e continuidade simbólica, onde os enlutados resistem no fortalecimento de suas práticas culturais mesmo com todas as formas do cenário de solidão de vivenciar esse dia.

¹¹⁶ **Dia dos mortos na pandemia as fases de vivenciar a morte no cemitério em tempos de solidão**, Acessar: <https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/402> : Acessado dia 12 de abril de 2025.

Imagem 1 – Comércio no cemitério e a venda de máscaras



Fonte: Acervo do pesquisador (2020)

Imagem 2 – Túmulos iniciais do cemitério e a presença do não humano



Fonte: Acervo do pesquisador (2020)

Imagem 3 – Profissionais autônomos do cemitério esperando clientes para organização dos túmulos



Fonte: Acervo do pesquisador (2020)

Imagem 4 – A visita restrita



Fonte: Acervo do pesquisador (2020)

Imagem 5 – O uso de máscara como critério de visitar os seus mortos



Fonte: Acervo do pesquisador (2020)

Imagem 6 – A limpeza dos túmulos pela enlutada



Fonte: Acervo do pesquisador (2020)

Imagem 7 – Acender as velas para os seus mortos



Fonte: Acervo do pesquisador (2020)

Imagem 8 – Organização e autocuidado no preparo dos túmulos



Fonte: Acervo do pesquisador (2020)

Imagem 9 – O levar as flores



Fonte: Acervo do pesquisador (2020)

Imagem 10 – Profissionais de limpeza realizando a limpeza dos túmulos



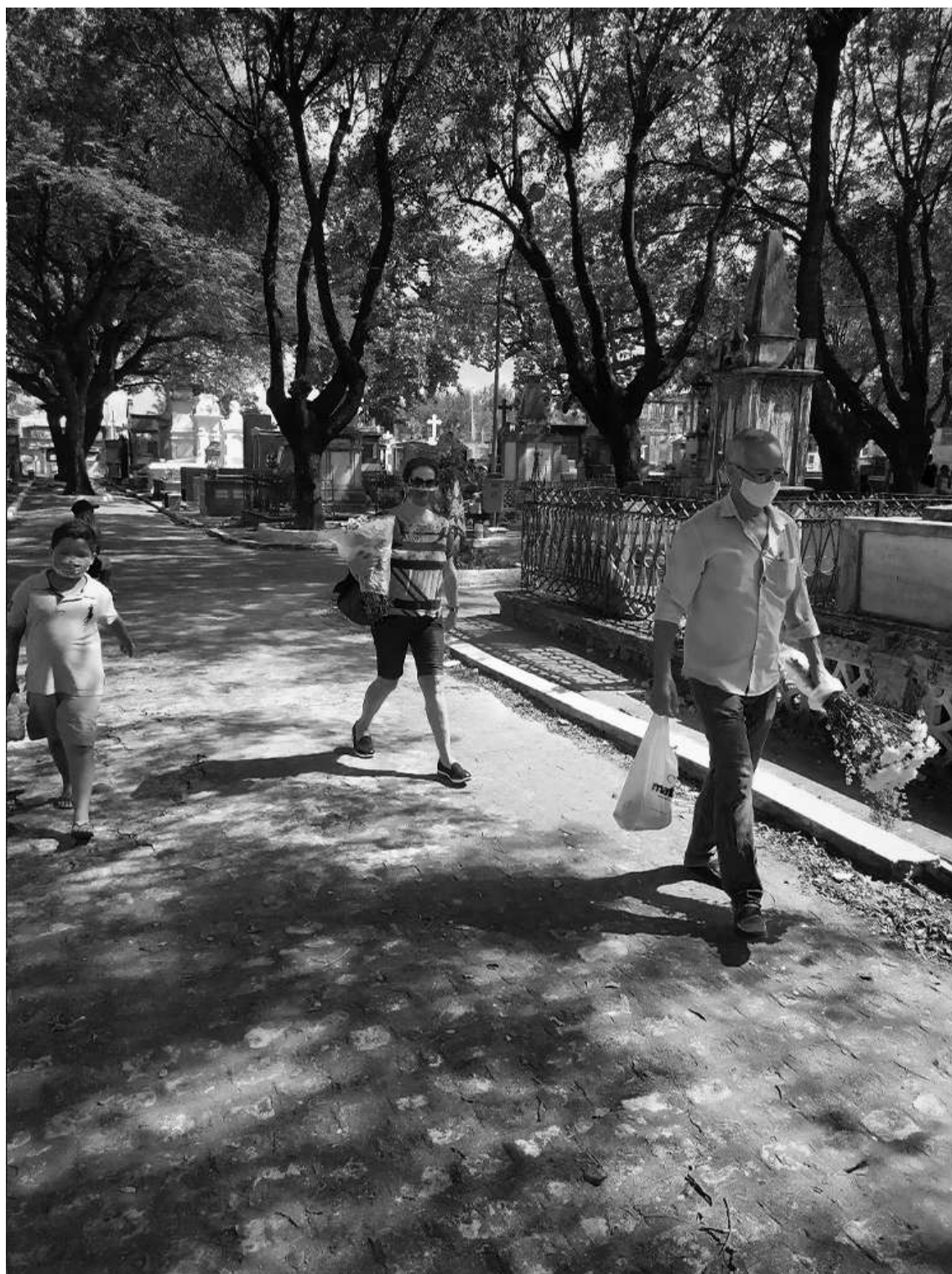
Fonte: Acervo do pesquisador (2020)

Imagem 11 – Profissionais autônomos do cemitério esperando clientes para organização dos túmulos



Fonte: Acervo do pesquisador (2020)

Imagem 12 – Os múltiplos agentes sociais



Fonte: Acervo do pesquisador (2020)

Imagem 13 – Os acordos de valores e preços dos serviços



Fonte: Acervo do pesquisador (2020)

Imagem 14 – Práticas de rezas individuais



Fonte: Acervo do pesquisador (2020)

Imagem 15 – Grupos geracionais familiares no culto aos mortos



Fonte: Acervo do pesquisador (2020)

Imagem 16 – O retornar do enlutado



Fonte: Acervo do pesquisador (2020)



CADERNO
DE **IMAGEM II**

CADERNO DE IMAGEM II: DIA DOS MORTOS NO SEGUNDO ANO DE PANDEMIA: AS FASES DE VIVENCIAR A MORTE NO CEMITÉRIO SENHOR DA BOA SENTENÇA NO “NOVO NORMAL”¹¹⁷

APRESENTAÇÃO DO CADERNO DE IMAGEM II

O ensaio fotográfico aborda o tema do dia dos mortos em seu contexto pandêmico ritualístico na cidade de João Pessoa, Paraíba, mais precisamente no Cemitério Senhor da Boa Sentença, situado no bairro do Varadouro, no centro da cidade. A finalidade é mostrar a continuação do ensaio fotográfico anterior publicado na Revista R@u – Revista de Antropologia da UFSCar¹¹⁸, sobre a experiência etnográfica no processo de visitar os mortos como forma de lembrança e ativismo da memória no dia de finados, atentando aos processos sociais e econômicos em torno desse dia em tempos de distanciamento social, no segundo dia dos mortos no Brasil em 2021 na presença da covid19 em um cenário do “novo normal”. Os enlutados resistem em suas práticas socioculturais, circulando no cemitério para execução das práticas religiosas e arrumação dos túmulos em que as mulheres zeladoras e crianças prestam serviços para realizar a limpeza. No segundo ano de pandemia, foi perceptível mais agentes sociais no ritual. Nesse segundo ensaio, busco trazer as cores das imagens como forma metodológica, do primeiro ano cinza e no segundo ano com mais esperança. As cores se vinculam as narrativas dos próprios interlocutores, ao destacar que o cemitério estava ganhando vida, mesmo sendo um espaço de morte, ou para os mortos. As fotografias foram tiradas do celular Xiaomi Note 7, como ferramenta metodológica mais confortável para facilitar o espaço privado no ambiente público no ritual dos mortos. Foi utilizado o Adobe Photoshop para aumentar o contraste das fotografias. No campo, com o silêncio do cemitério, era o momento que eu refletia e fazia a observação do espaço. Nesse instante, passava em minha cabeça que em cada túmulo ou cova existia uma história transcorrida, reprimindo o pensamento de Elisabeth KüblerRoss (1975) que o real desafio de tempo e espaço é viver o tempo que você tem antes da morte. Nessa hora tive que respirar, pois percebi que seria uma das minhas primeiras situações de pânico. Pois, nesse ápice de distanciamento social que estávamos vivendo, o cemitério estava mais vazio, comparado a outros dias de finados que realizei trabalho de campo.

¹¹⁷ Ensaio publicado na Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Link: [Dia dos mortos no segundo ano de pandemia | Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social](#) Acessado no dia 12 de abril de 2025

¹¹⁸ Link para acessar: <https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/402> . Acessado no dia 12 de abril de 2025

Imagem 17 – Entrada do cemitério e as crianças em busca de trabalho no Dia dos Mortos



Fonte: Acervo do pesquisador (2021)

Imagem 18 – A espera do chamado para limpar os túmulos



Fonte: Acervo do pesquisador (2021)

Imagem 19 - A venda de velas com os carrinhos de mão



Fonte: Acervo do pesquisador (2021)

Imagem 20 – A venda das flores



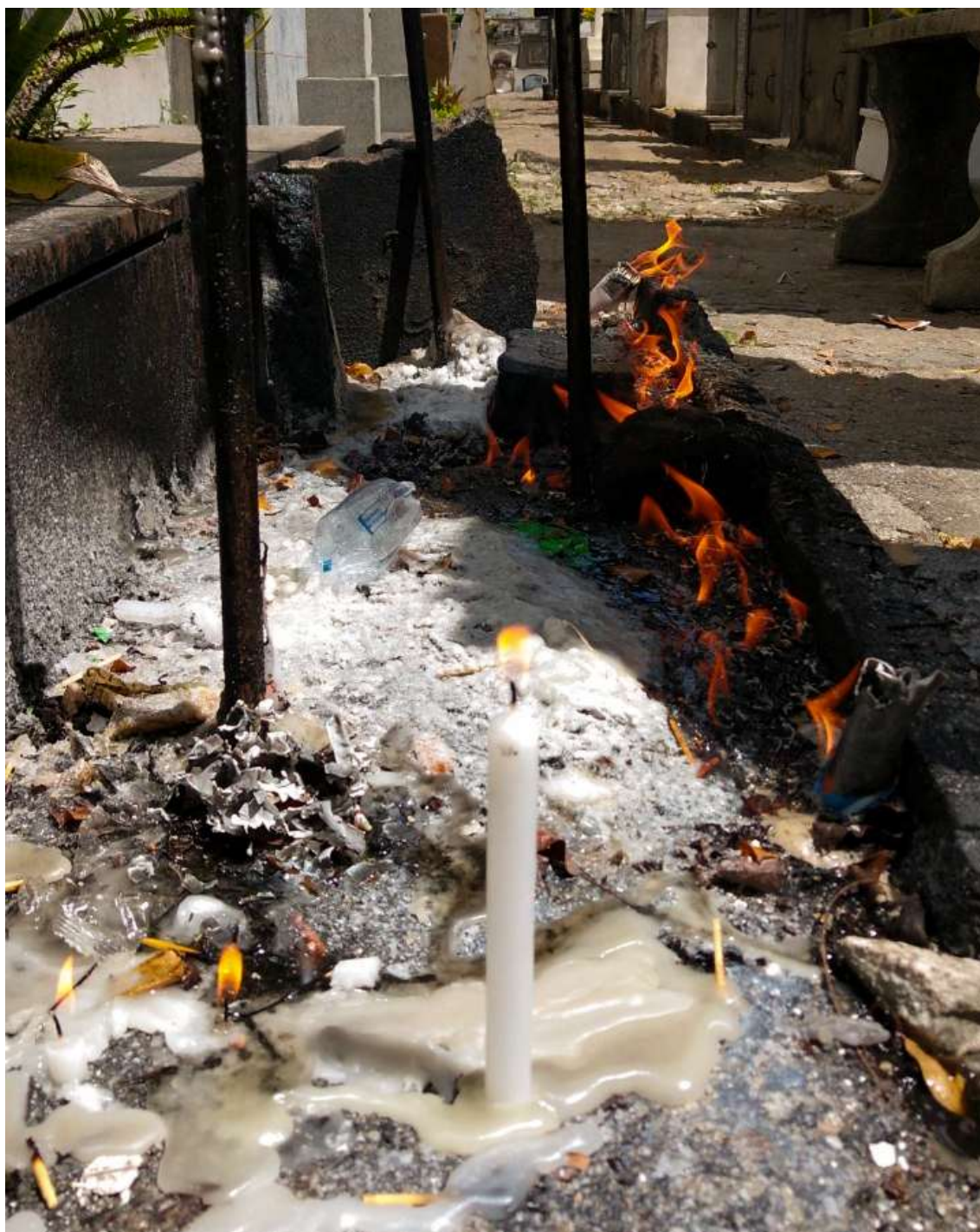
Fonte: Acervo do pesquisador (2021)

Imagem 21 – Monumentos mortuários ao sagrado



Fonte: Acervo do pesquisador (2021)

Imagem 22 – A vela que ilumina



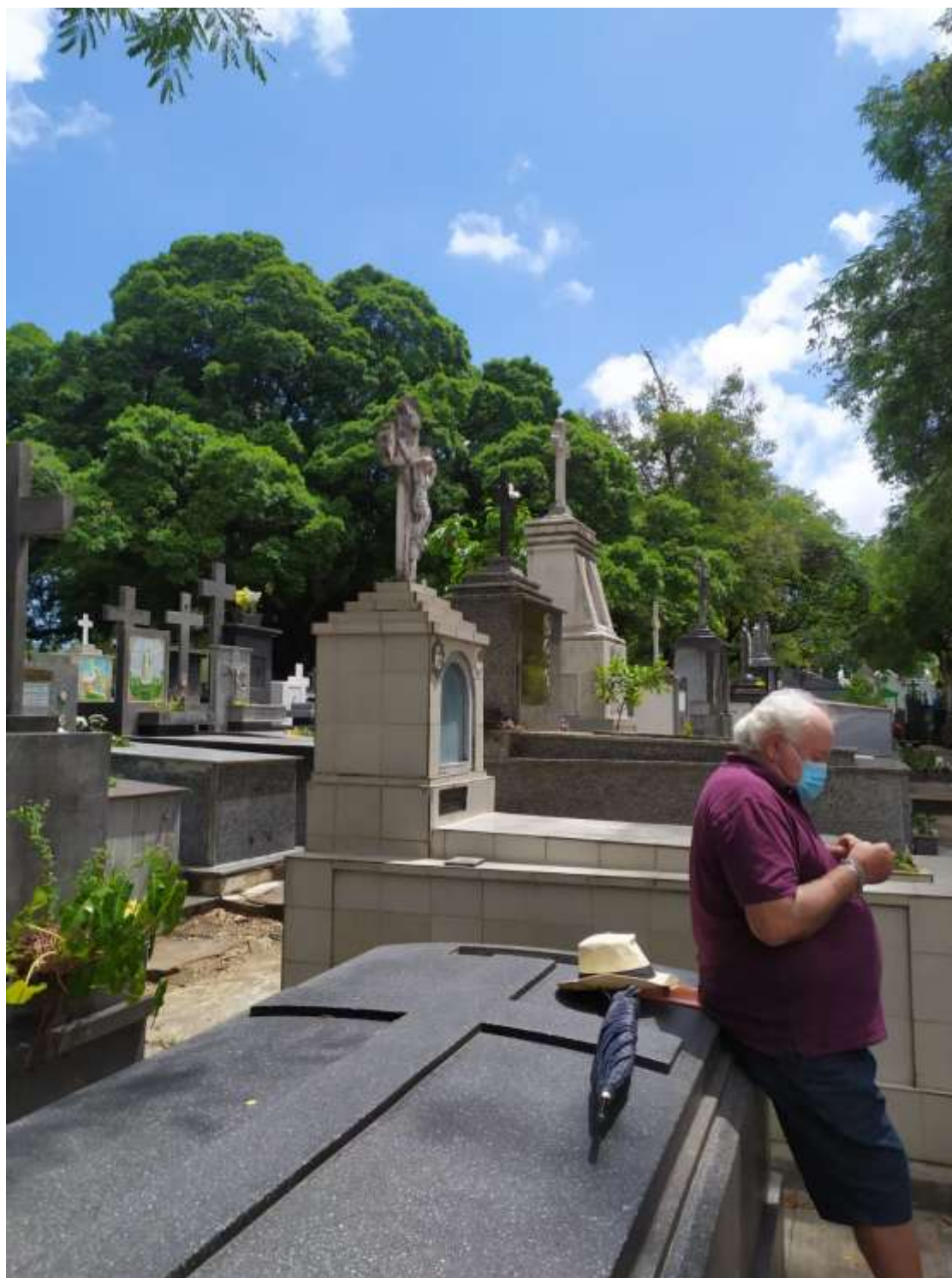
Fonte: Acervo do pesquisador (2021)

Imagem 23 – Os espaços que circulam



Fonte: Acervo do pesquisador (2021)

Imagem 24 – O visitar os seus mortos



Fonte: Acervo do pesquisador (2021)

Imagem 25 – O cuidado coletivo



Fonte: Acervo do pesquisador (2021)

Imagem 26 – Culto familiar aos mortos



Fonte: Acervo do pesquisador (2021)

Imagem 27 – O embelezar o espaço do morto



Fonte: Acervo do pesquisador (2021)

Imagem 28 – Deixar as flores



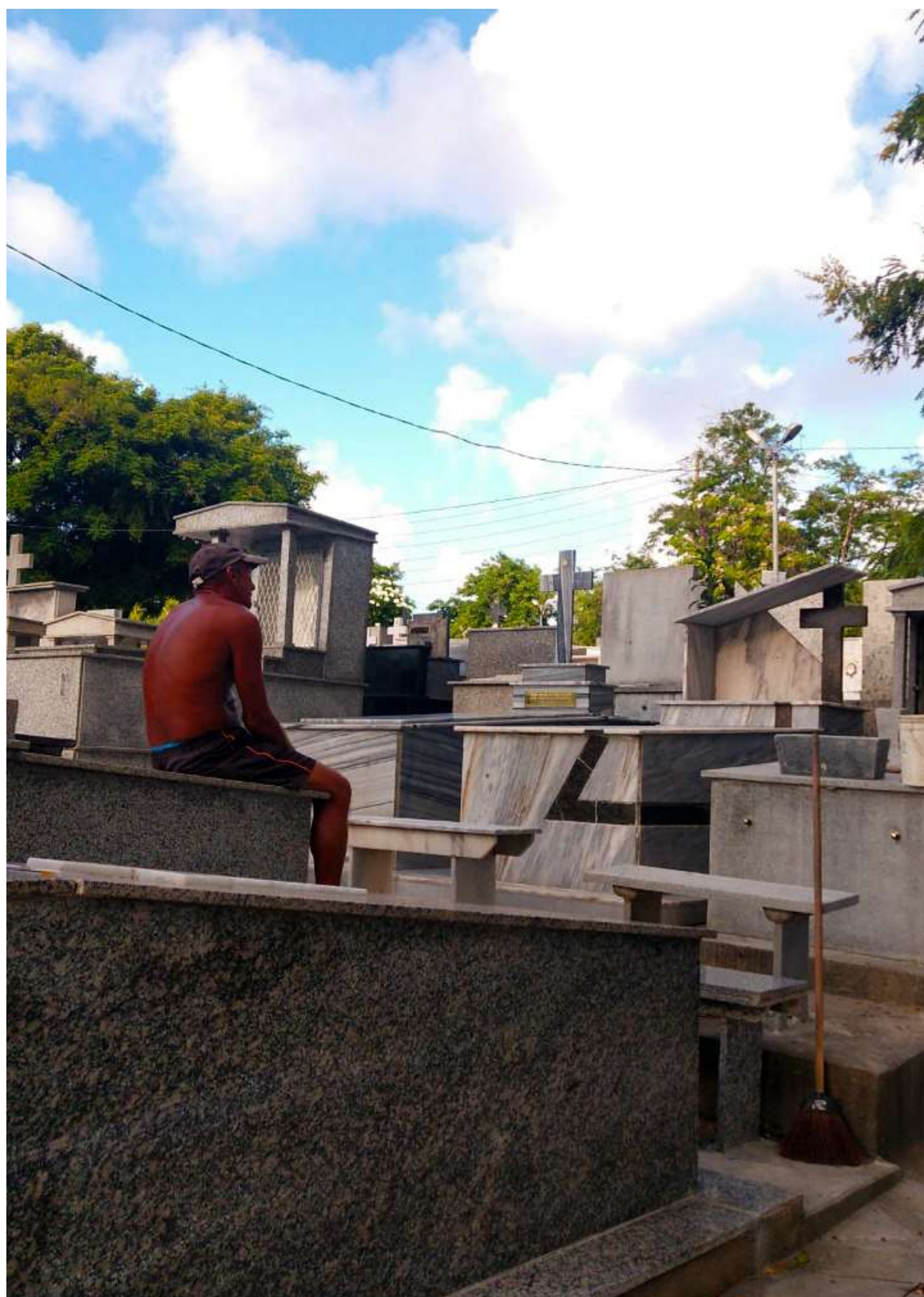
Fonte: Acervo do pesquisador (2021)

Imagem 29 – Classes e cenário da morte



Fonte: Acervo do pesquisador (2021)

Imagem 30 – Profissionais autônomos do cemitério esperando clientes para organização dos túmulos



Fonte: Acervo do pesquisador (2021)

Imagem 31 – A extensão do corpo



Fonte: Acervo do pesquisador (2021)

Imagem 32 – A água que limpa



Fonte: Acervo do pesquisador (2021)

Imagem 33 – O retorno e suas idas e vindas



Fonte: Acervo do pesquisador (2021)



CADERNO
DE **IMAGEM III**

CADERNO DE IMAGEM III: “*VOLTAMOS AO NORMAL*”: O DIA DOS MORTOS NO CEMITÉRIO SENHOR DA BOA SENTENÇA EM JOÃO PESSOA/PB NO PÓS-PANDEMIA

APRESENTAÇÃO DO CADERNO DE IMAGEM III

O ensaio fotográfico¹¹⁹ aborda o tema do Dia dos Mortos em seu contexto pandêmico ritualístico pós-pandemia na cidade de João Pessoa, Paraíba, mais precisamente no cemitério Senhor da Boa Sentença, situado no bairro do Varadouro. A finalidade é mostrar a experiência etnográfica no significado do processo de visitar os mortos como forma de manifestação política, resistência do culto aos mortos e politização da memória, atentando aos processos sociais, simbólicos e econômicos em torno desse dia em tempos da flexibilização no uso das máscaras, no terceiro dia dos mortos no Brasil em 2022 na presença da covid-19, porém em um cenário do “voltamos ao normal” e “todo mundo vacinado”. A finalidade é mostrar a continuação do ensaio fotográfico anterior publicado na Revista Equatorial da Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹²⁰.

As fotografias foram tiradas do celular Xiaomi note 7, com a tela de 6.3, com resolução 1080 x 2340 pixel tem densidade de pixels de 409 ppi, usa tecnologia IPS LCD com proteção Gorilla Glass 5. A câmera foi a de 48 Mp + 5 Mp na principal, o celular para registrar as fotografias é a ferramenta metodologia mais confortável para facilitar o espaço privado no ambiente público no ritual dos mortos. Foi utilizado o *FOTOR online* para ampliar o contraste das fotografias e diminuir o brilho, como também aumentando a qualidade.

Trata-se de problematizar os processos da contemporaneidade sobre o visitar no dia dos mortos, com a ausência/ou quase nenhuma das medidas de biossegurança. O modo como as pessoas organizam-se e agem no espaço do cemitério foi se reconfigurando devido às exigências frente ao que estamos vivenciando desde março de 2020. As mudanças são reflexões da necessidade de adaptações no meio social, para que seja possível manter a ritualização aos mortos e combater o novo coronavírus.

A percepção da dinâmica social que envolve o cemitério com suas práticas socioculturais, e as relações sociais construídas entre os indivíduos, corroborou a compreender o espaço do cemitério como lugar marcado pelo simbólico, ressaltando que o cemitério não é

¹¹⁹ Publicado Ponto Urbe: “Voltamos ao normal”: o dia dos mortos no cemitério Senhor da Boa Sentença em João Pessoa/PB no pós-pandemia. Acessar : <https://journals.openedition.org/pontourbe/13474> , acessado no dia 12 de abril de 2025.

¹²⁰ Acessar: [Dia dos mortos no segundo ano de pandemia | Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social \(ufrn.br\)](https://journals.openedition.org/equatorial/13474) Acessado no dia 12 de abril de 2025.

apenas um lugar para depositar os mortos, ou um patrimônio histórico, mas um espaço podendo-se encontrar marcadores sociais da diferença sendo um deles o racismo estrutural, cuja uma de suas consequência é estruturada no subemprego no dia de Finados.

Percebe-se que, o culto aos mortos é construído por histórias e memórias que entrelaçam sobre formas ritualísticas na perspectiva de pensar o tema estudado por suas diferenças, com seus sistemas particulares e subjetividades em todo o processo de alteridade. Nesse contexto vivenciado, a pandemia trouxe ao cenário habitual da morte e do morrer no contexto das relações entre os enlutados e o corpo morto, impactando assim, nos ritos fúnebres, culto aos mortos e no rito de passagem. No ensaio fotográfico, ficou evidente o retorno ao cemitério depois do “medo do cadáver” e do espaço cemiterial.

Imagem 34 – Retorno da missa no cemitério



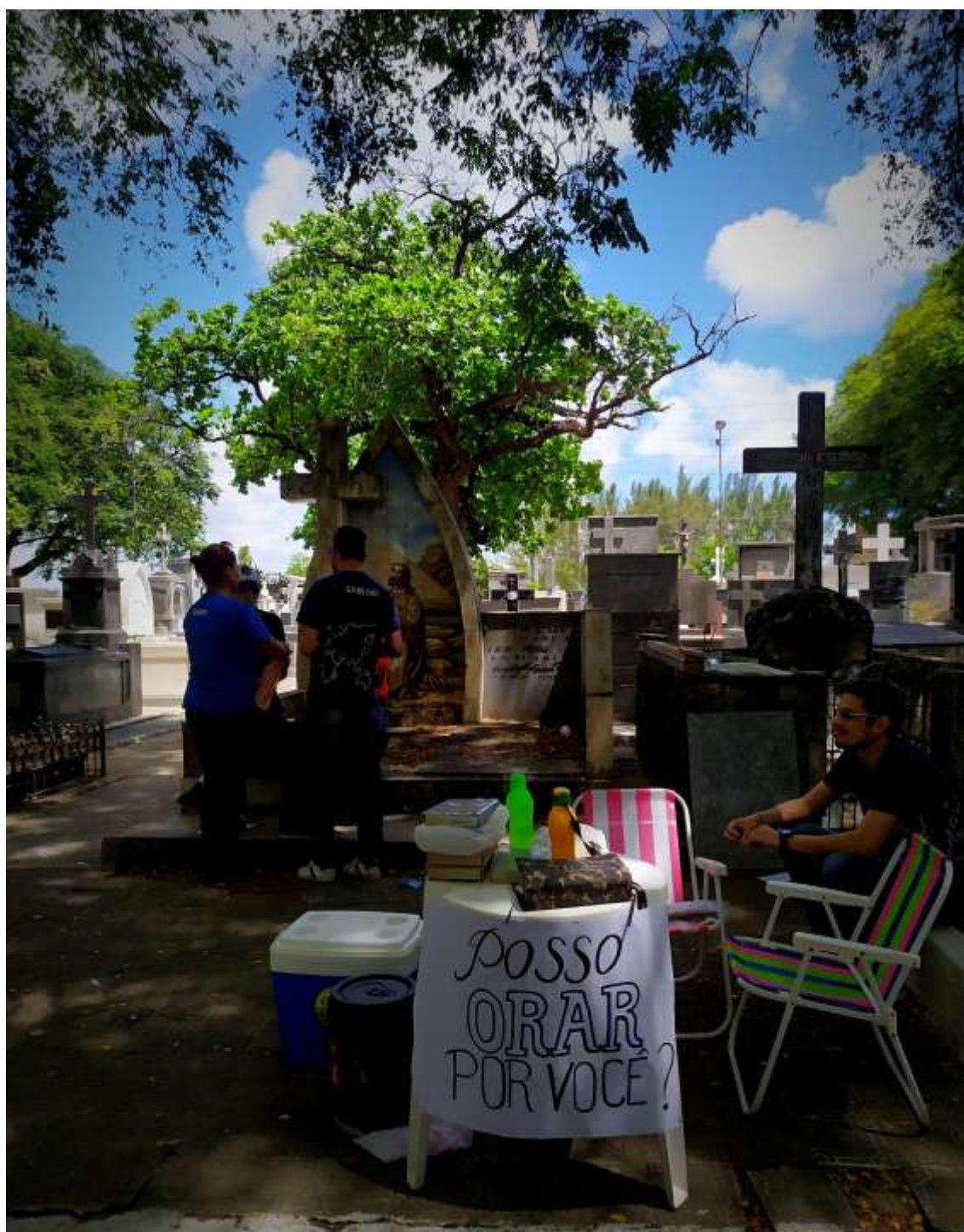
Fonte: Acervo do pesquisador (2022)

Imagem 35 – Oração no momento da missa



Fonte: Acervo do pesquisador (2022)

Imagem 36 – Religiosos como apoio social



Fonte: Acervo do pesquisador (2022)

Imagem 37 – Acender as velas para os seus mortos como conexão



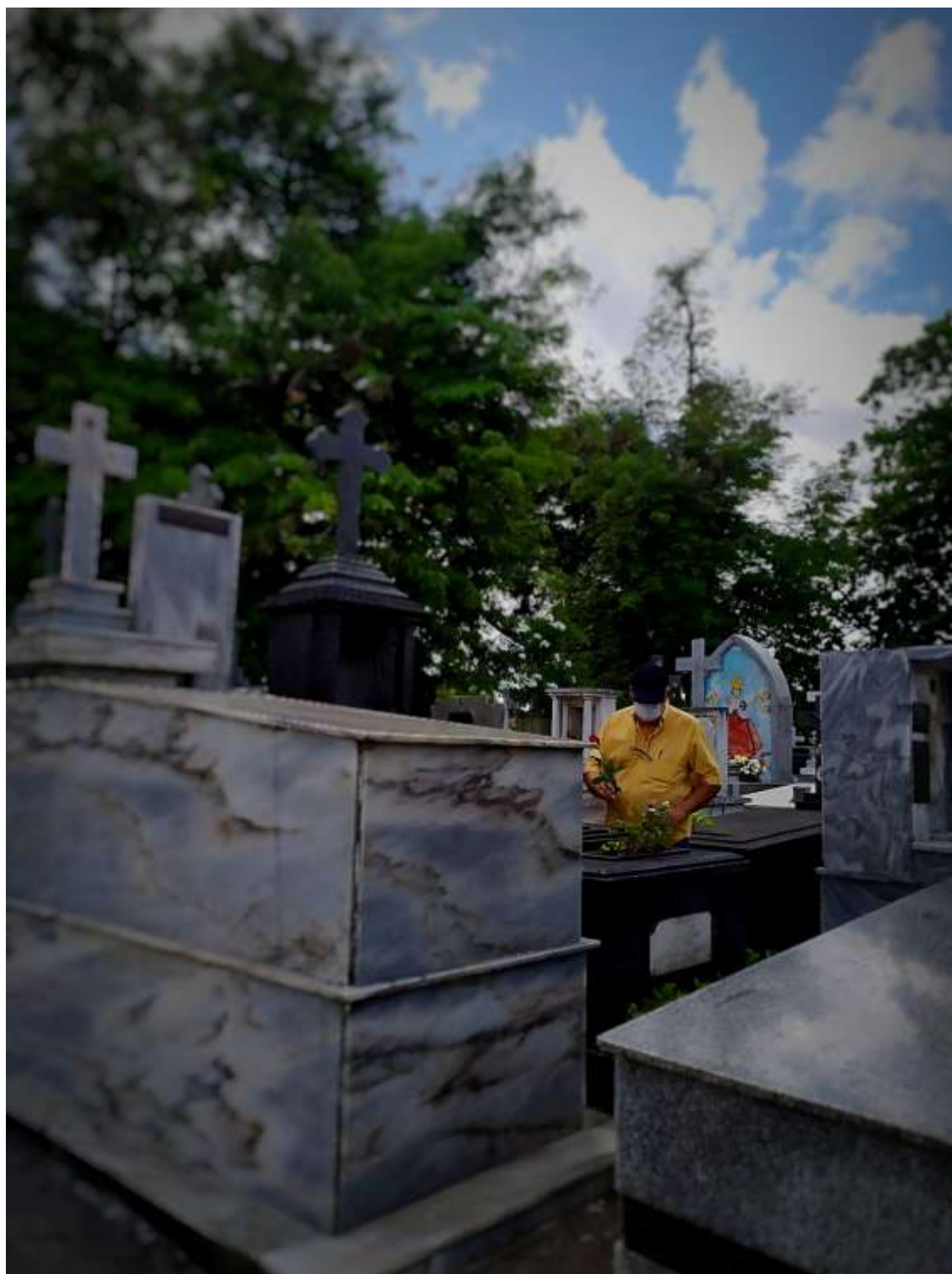
Fonte: Acervo do pesquisador (2022)

Imagem 38 – O levar as flores



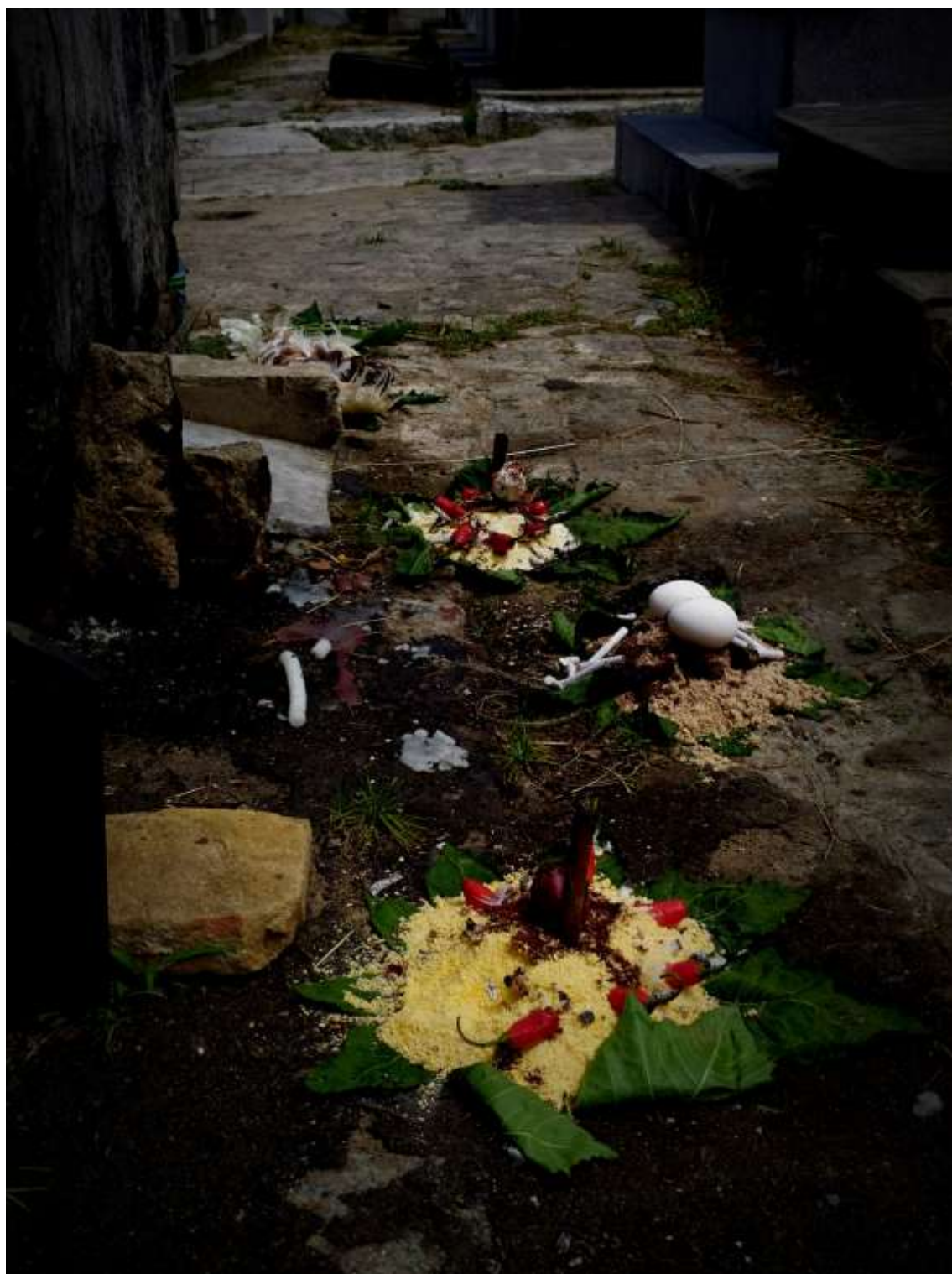
Fonte: Acervo do pesquisador (2022)

Imagem 39 – A limpeza do túmulo pelo enlutado com máscara



Fonte: Acervo do pesquisador (2022)

Imagem 40 – Manifestação religiosa



Fonte: Acervo do pesquisador (2022)

Imagem 41 – Oferenda de água e pão para matar a sede e fome dos mortos



Fonte: Acervo do pesquisador (2022)

Imagem 42 – Manifestação política Lula querido do povo nordestino



Fonte: Acervo do pesquisador (2022)

Imagem 43 – Devotos da Santa popular Maria de Lourdes



Fonte: Acervo do pesquisador (2022)

Imagem 44 – Devotos do Padre Zé



Fonte: Acervo do pesquisador (2022)

Imagem 45 – Profissional autônoma do cemitério esperando clientes para organização dos túmulos



Fonte: Acervo do pesquisador (2022)

Imagem 46 – O cenário da saudade



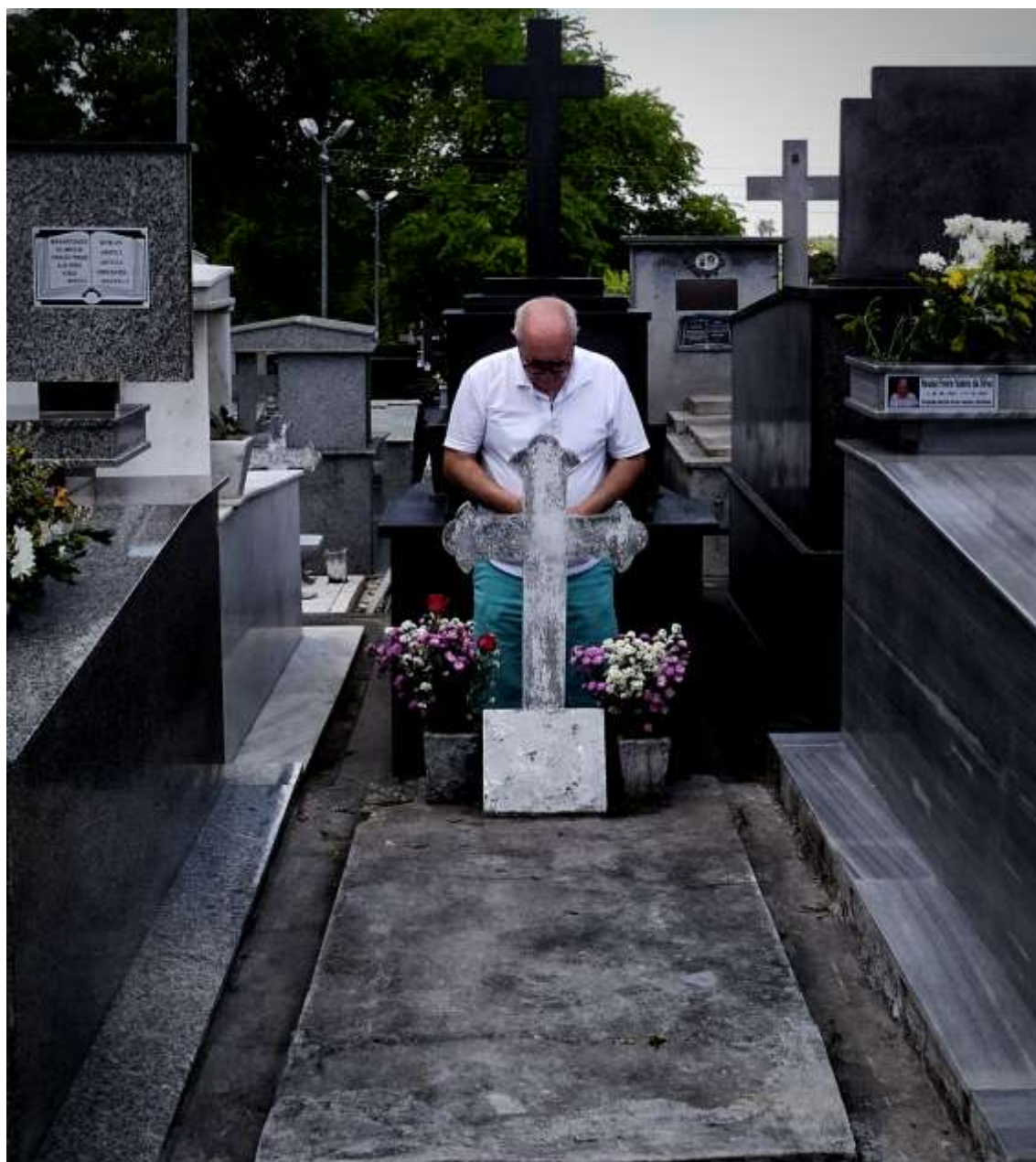
Fonte: Acervo do pesquisador (2022)

Imagem 47 – O ser lembrado



Fonte: Acervo do pesquisador (2022)

Imagem 48 – Práticas de rezas individuais



Fonte: Acervo do pesquisador (2022)

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- ACCIARI, Luís; BRITO, Plínio Soares de. *Trabalhadoras domésticas e a pandemia da COVID-19 no Brasil*. Brasília: Organização Internacional do Trabalho (OIT), 2021.
- ACUIO, Rafaela Porcari Molena. “O que o bombeiro faz? O que ninguém mais faz”: uma etnografia sobre o atendimento de emergência à saúde mental realizado pelo Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba. 2025. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2025.
- ADICHIE, Chimamanda. *Notas sobre o luto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- AGUILAR, Paula Lucía. Pensar el cuidado como problema social. In: GUERRERO, Gabriela Nelba; RAMACCIOTTI, Karina Inés; ZANGARO, Marcela (org.). *Los derroteros del cuidado*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2019.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ANDRADE, Rosane. *Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- ARANTES, Ana Claudia Quintana. *A morte é um dia que vale a pena viver*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2016.
- ARAÚJO, Emília. A espera e os estudos sociais do tempo e sociedade. In: Emília Araújo & Eduardo Duque (eds.). *Os tempos sociais e o mundo contemporâneo*. Um debate para as ciências sociais e humanas. Braga/PT: Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade / Centro de Investigação em Ciências Sociais, 2012, p.9-26.
- ARAÚJO, Fábio; MEDEIROS, Flavia; MALLART, Fabio. As valas comuns: imagens e políticas da morte. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social*, Rio de Janeiro, Reflexões na Pandemia 2020, p. 1-12, 2020.
- ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1977.
- ARIÈS, Philippe. *História social da infância e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- AUYERO, Javier. *Pacientes del Estado*. Buenos Aires: Edueba, 2016.
- AZEVEDO, Aina Guimarães. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 101-119, ago. 2016. Disponível em: [Portal de Periódicos da UFPB](#). Acesso em: 22 set. 2024.
- BALTAZAR Jr.. Norbert Elias e a solidão dos moribundos, 2011. *Cadernos ESP*, Ceará 5(1): 37-43, jan./jun. 2011.
- BARROS, Luriana de Sousa. *Nós lutamos por dignidade. Quem não luta por seus direitos: trabalhadoras domésticas em contexto de pandemia de Covid-19 na cidade de São Luís-Maranhão*. João Pessoa, 2022. 123 f.

- BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- BELTING, Hans. *Antropología de la imagen*. Madrid: Katz Editores, 2012.
- BERREMAN, Gerald. “Por detrás de muitas máscaras”. In: GUIMARÃES, Alba Z. (Org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- BITTENCOURT, Luciana. A fotografia como instrumento etnográfico. *Anuário Antropológico*, Brasília, v. 17, n. 1, p. 225-241, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6536>. Acesso em: 22 set. 2024.
- BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989. p. 107-132.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- BUTLER, Judith. Vida precária: os poderes do luto e da violência. *Autêntica* v. 1, n. 1, Belo Horizonte, 2023.
- CAIUBY, Sylvia. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 455-475, 2008.
- CAIXETA, Juliana Eugênia. *Guardiães da memória: tecendo significações de si, suas fotografias e seus objetos*. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Os mortos e os outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os Krahó*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- CARVALHO, Bruna Carla Cordeiro de. *Fique em casa? Estudo antropológico sobre os desdobramentos da pandemia da COVID-19 nos encontros entre o consultório na rua e as pessoas em situação de rua no município de João Pessoa/PB*. João Pessoa, 2022. 128 f. : il.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CASTRO, Rosana. *Negacionismos e temporalidades: antecipação, evidência e ciência na defesa do “tratamento precoce”*. Revista Brasileira de Estudos CTS, v. 1, n. 1, p. 168–188, 2025. Disponível em: <https://revistabrasileiradeestudoscts.com/revista/article/view/17/28>. Acesso em: 17 jan. 2026.
- CHAN, Johannes M. M. Hong Kong’s Umbrella Movement: The Protests and Beyond. *Journal of Democracy*, v. 26, n. 3, p. 61-75, 2015.
- CHANG, Paul. Candlelight Protests in South Korea: The Legacies of 2016-17. SSRN, 2018.

CLEM, Luciana; HOCH, Verena Augustin. A morte dizendo olá: vivência dos pacientes internados em leitos UTI Covid-19, um olhar a partir dos profissionais de saúde. *Anuário Pesquisa e Extensão Unoesp São Miguel do Oeste*, Joaçaba, v. 6, e29799, 2021. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesp.edu.br/apeusmo/article/view/29799>.

COMAS-D'ARGEMIR, Dolors. El don y la reciprocidad tienen género: las bases morales de los cuidados. *Quaderns-e de l'ICA*, Barcelona, v. 22, n. 2, p. 17-32, 2017.

COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. Onde estamos? Considerações sobre a modernidade, negacionismo, ciência e a Covid-19. *Boletim de Conjuntura – BOCA*, Boa Vista, ano II, v. 3, n. 8, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. *Demarginalizing the intersection of race and sex: a Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics*. University of Chicago Legal Forum, Chicago, v. 1989, n. 1, p. 139–167, 1989.

CREPALDI, Maria Aparecida et al. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, Campinas, v. 37, e200090, 2020.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter *anthropological blues*. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 1-15, 1978.

DANTAS, Clarissa de Rosalmeida et al. O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 509-533, set. 2020.

DAS, Veena. *Life and Words: Violence and the Descent into the Ordinary*. Berkeley: University of California Press, 2007.

DAS, Veena. *O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELUMEAU, Jean. *O Medo no Ocidente (séculos XIV-XVIII): Uma cidade sitiada*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DINIZ, Débora. *Zika: do sertão nordestino à ameaça global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUARTE, André. “E daí?” Governo da vida e produção da morte durante a pandemia no Brasil. *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 46, p. 74-109, jul. 2020.

DURKHEIM, *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Presença, 2000.

EDWARDS, Elizabeth. Rastreando a fotografia. In: BARBOSA, [prenomes] et al. (org.). *A experiência da imagem na etnografia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2016. p. 153-155.

- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Feitiçaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FARIA, Aline Ferreira; LERNER, Kátia. Luto e medicalização: gestão do sofrimento entre mães que perderam filhos. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 29(3), e290317, 2019.
- FASSIN, Didier. Governar por los cuerpos: políticas de reconocimiento hacia los pobres y los inmigrantes. *Educación*, Porto Alegre, ano XXVIII, n. 2 (56), p. 201-226, maio/ago. 2005.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Tradução de Pedro Siqueira. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005.
- FAZZIONI, Natália Helou. Entre “linhas de cuidado” e “linhas de vida”: etnografando uma unidade básica de saúde na favela. In: *Jornadas de Antropologia John Monteiro*, 2017, Campinas. Anais. Campinas: Unicamp, 2017.
- FERREIRA, Letícia; LOWENKRON, Laura (orgs.). *Etnografia de documentos: pesquisas antropológicas entre papéis, carimbos e burocracias*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2020.
- FLEISCHER, Soraya; FERREIRA, Jaqueline. *Etnografias em serviços de saúde*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.
- FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica: curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. Omnes et singulatim: por uma crítica da “razão política”. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 26, p. 77-99, mar. 1990.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- FRANCH, Mónica. Saúde e migrações em tempos de crise: incursões etnográficas a partir do HIV/Aids. In: CASTRO, Rosana; ENGEL, Cíntia; MARTINS, Raysa (org.). *Antropologias, saúde e contextos de crise*. Brasília: Sobrescrita, 2018. p. 63-73.
- FRANCH, Mónica. Três histórias – tempo, juventude e gênero em contextos de exclusão social. In: SOUZA, Marcio (org.). *Desigualdades de gênero no Brasil: novas idéias e práticas antigas*. Belo Horizonte: Argumentum, 2010, p.209-238.
- FRANCO, Fábio Luís. *Governar os mortos : necropolíticas, desaparecimento e subjetividade*. São Paulo: UBU, 2021.
- FUSTINONI, C. F.; CANIATO, A. O luto dos familiares de desaparecidos na Ditadura Militar e os movimentos de testemunho. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 30, e180131, 2019.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

- GEERTZ, Clifford. *Negara: o Estado-teatro no século XIX em Bali*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- GEERTZ, Clifford. O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem. In: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GELL, Alfred. *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon Press, 1998.
- GIOVANELLA, Ligia et al. Negacionismo, desdém e mortes: notas sobre a atuação criminosa do governo federal brasileiro no enfrentamento da Covid-19. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 126, p. 895-901, jul./set. 2020.
- GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e educação*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação* v. 16 n. 47 maio-ago. 2011.
- GOMES, Edlaine de Campos; MENEZES, Rachel Aisengart. Aborto e eutanásia: dilemas contemporâneos sobre os limites da vida. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 77-103, 2008a.
- GOMES, Edlaine de Campos; MENEZES, Rachel Aisengart. Etnografias possíveis: “estar” ou “ser” de dentro. *Ponto Urbe*, São Paulo, n. 3, 2008b.
- GRISALES, Sandra Patricia Arenas. Fazer visíveis as perdas: morte, memória e cultura material. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 201-217, 2016.
- GUIMARÃES, Nadya A. *A “crise do cuidado” e os cuidados na crise: refletindo a partir da experiência brasileira*. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, 2024. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sant/a/qv89WgWxdGKgmkcB9GtjxXt/?lang=pt>>. Acesso em: 31 jan. 2026.
- GUTIERREZ, S. A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais online. In: 32ª Reunião Anual da ANPED, Rio de Janeiro, 2009. Anais. Rio de Janeiro: ANPED, 2009.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HERTZ, Robert. Contribution à une étude sur la représentation collective de la mort. *L'Année Sociologique*, 2e série, p. 48-137, 1978.
- HERTZ, Robert. *Sulla rappresentazione collettiva della morte*. Introduzione di Pietro Angelini. Roma: Savelli, 1978.
- HERZLICH, Claudine. *Os encargos da morte*. Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 1993.
- HINE, Christine. *Virtual ethnography*. London: Sage Publications, 2000.

HULL, Matthew S. *Government of Paper: The Materiality of Bureaucracy in Urban Pakistan*. Berkeley: University of California Press, 2012.

KAIRIZA, Terrence; KEMBO, George; CHIGUSIWA, Lloyd. Herding behavior in COVID-19 vaccine hesitancy in rural Zimbabwe: The moderating role of health information under heterogeneous household risk perceptions. *Social Science & Medicine*, v. 323, p. 115854, 2023.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A sociologia das emoções e os clássicos. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.). *Emoções, sociedade e cultura*. Curitiba: CRV, 2010.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **As emoções em tempos de isolamento social**. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.). *Tempos de pandemia: reflexões sobre o caso Brasil* [recurso eletrônico]. João Pessoa: GREM-GREI; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Sociologia da emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto*. Petrópolis: Vozes, 2003.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *A roda da vida: memórias do viver e do morrer*. Rio de Janeiro: GMT, 1998.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KUSCHNIR, Karina. Desenhando cidades. *Revista Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 295-314, 2012. Disponível em: https://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2015/05/v2n04_13.pdf. Acesso em: 22 set. 2024.

LATOURE, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo (org.). *Objectos impuros: experiências em estudos sobre a ciência*. Porto: Afrontamento, 2008. cap. 1.

LEITÃO, Débora Krischke; GOMES, Laura Graziel. Estar e não estar lá, eis a questão. *Sociais e Humanas*, Natal, v. 12, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1958. p. 215–236. Ensaio originalmente elaborado em 1946.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *El pensamiento salvaje*. México: Fondo de Cultura Económica, 1962.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2004. (Mitológicas, v. 1).

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1. ed., 15 ago. 1996. 456 p.

LIMA, Fátima. *Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe*. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 70, n. (spe.), p. 20-33, 2018.

LIMULJA, Hannah. *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

LONGHI, Márcia Reis. Cuidados, velhice e pandemia: algumas questões para pensar o cenário brasileiro. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 28, p. 1-14, 2024.

LUTZ, Catherine; WHITE, Geoffrey M. The anthropology of emotions. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, v. 15, p. 405-436, 1986.

LYSAKOWSKI, Simone; MACHADO, Kelen Patrícia Mayer; WYZYKOWSKI, Cíntia. A comunicação da morte em tempos de pandemia por Covid-19: relato de experiência. *Saberes Plurais: Educação e Saúde*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 71-77, ago./dez. 2020.

MALINOWSKI, Bronislaw. Os argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1922.

MALUF, Sônia Weidner. *Antropologia em tempo real: urgências etnográficas na pandemia*. Brasil Plural – INCT, 27 mai. 2020. Disponível em: <https://brasilplural.paginas.ufsc.br/antropologia-na-pandemia/antropologia-em-tempo-real-urgencias-etnograficas-na-pandemia/>. Acesso em: 20 nov. 2025.

MALUF, Sônia Weidner. *Antropologia em tempo real: urgências etnográficas na pandemia*. Florianópolis: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Brasil Plural, 2020.

MANUAL: a linha do tempo da estratégia federal de disseminação da Covid-19. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário (CEPEDISA), 2021.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. O que é morte. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARCUS, George. Etnografia em/del sistema mundo: o surgimento da etnografia multilocal. *Alteridades*, Cidade do México, v. 11, n. 22, p. 111-127, 2001.

MARQUES, Heytor de Queiroz. *As máscaras de “proteção” como passaporte para quebra do isolamento social em uma cidade do interior de Pernambuco*. *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 2, n. 10 (Número Especial), p. 186-194, out. 2020.

MARTINS, José de Souza (org.). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1983.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2008.

MASCARELLO, Kella Cristina et al. Hospitalização e morte por COVID-19 e sua relação com determinantes sociais da saúde e morbidades no Espírito Santo: um estudo transversal. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 30, n. 3, e2020919, 2021.

MATTEDI, Marcos A.; PEREIRA, Ana Paula. “Vivendo com a morte: o processamento do morrer na sociedade moderna”. *CADERNO CRH, Salvador*, v. 20, n. 50, p. 319-330, Maio/Ago. 2007.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos: funerais orais funerários australianos. In: MAUSS, Marcel. *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2005 [1921].

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

- MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- MEDEIROS, Flavia. Matar o morto: uma etnografia do Instituto Médico-Legal do Rio de Janeiro. Niterói: EDUFF, 2016.
- MEIRINHO, Daniel. A fotografia como suporte para o envolvimento nas pesquisas sociais. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 50, p. 11-23, 2017.
- MEIRINHO, Daniel. A fotografia como suporte para o envolvimento nas pesquisas sociais. *Vivência: Revista de Antropologia*, Natal, n. 1, p. 59-78, 2017.
- MELLO, Roberta do Nascimento. *Sociabilizando na casa: uma análise antropológica das sociabilidades de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional em tempos de pandemia de Covid-19*. 2022. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, João Pessoa/Rio Tinto, 2022.
- MENDES, Raphaella Ferreira. “*Companheira me ajuda que eu não posso andar só, sozinha ando bem, mas com você ando melhor*”: mulheres, coletividades e organização no movimento de ocupação das escolas em Campina Grande/PB. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Campina Grande, 2020.
- MENEZES, Rachel Aisengart. Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.
- MERCEDES NETO et al. *Fake news* no cenário da pandemia de Covid-19. *Cogitare Enfermagem*, Curitiba, v. 25, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72627>.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2013.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Contribuições da antropologia para pensar e fazer saúde. In: Tratado de saúde coletiva. pp.201-230. 2006.
- MITCHELL, Don. *The Right to the City: Social Justice and the Fight for Public Space*. New York: The Guilford Press, 2003.
- MOREL, Ana Paula Massadar. Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 19, e00315147, 2021.
- MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- MOTTA, Antonio. À flor da pedra: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. Recife: Massangana, 2009.
- MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 1994.

- NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira; GOMES, Renata Correia Lima Ferreira; CARDOSO, Tarcísio de Sá. Epistemologias mutiladas e a exploração política de vieses cognitivos: o negacionismo engendrado pela retórica bolsonarista em grupos de WhatsApp. *Revista Mídia e Cotidiano*, Niterói, v. 14, n. 3, set./dez. 2020.
- NASCIMENTO, Ana Maria Guedes do. *Risco como dispositivo biopolítico e seus sentidos frente ao novo coronavírus: cartografia da pandemia de covid-19 no Brasil*. 2022. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 21 set. 2022.
- NEVES, Ednalva M. Da morte biológica à morte cultural: um estudo sobre o morrer em casa em João Pessoa-PB. 1998. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1998.
- NEVES, Marcos Freire de Andrade. Entre pessoas, corpo e coisas: a vida social de cadáveres em laboratórios de anatomia. *Revista Antropolítica*, Niterói, n. 40, p. 206-229, 1. sem. 2016.
- NOGUEIRA, Christina Gladys de Mingareli. “Destinos reservados”: uma etnografia sobre governo das infâncias e adolescências em audiências concentradas. 2024. (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.
- PAIS, José Machado. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 371-381, 2009.
- PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- PETRUSKI, M. R. A cidade dos mortos no mundo dos vivos. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 11, n. 2, p. 93-108, 2006.
- PIANA, Maria Cristina. *A construção do perfil do assistente social no cenário educacional*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233p.
- PIMENTA, Denise Moraes. O cuidado perigoso: tramas de afeto e risco na Serra Leoa (a epidemia de Ebola contada pelas mulheres, vivas e mortas). 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- PINHEIRO, D. A. J. P.; LONGHI, M. R. Maternidade como missão! A trajetória militante de uma mãe de bebê com microcefalia em Pernambuco. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 3, n. 2, p. 113–133, 2017. Acesso em: 4 fev. 2026.
- PINHO, Miriam Ximenes; ROSA, Miriam Debieux. Luto em versão contemporânea: as tatuagens memoriais. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 1, p. 18-24, 2014.
- PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michael; HEINICH, Nathalie. *O testemunho*. Vivência: Revista de Antropologia, [S. l.], v. 1, n. 62, 2023. DOI: 10.21680/2238-6009.2023v1n62ID34989. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/34989>. Acesso em: 9 jan. 2026.

PUSSETTI, Chiara; BRAZZABENI, Micol. “Sofrimento social: idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo”. *Etnográfica*, vol. 15, n.º 3, 2011, pp. 467-478.

RAMOS, Alcida. O papel político das epidemias: o caso yanomami. Brasília: Série Antropologia, UnB, 1993.

RECODER, María Laura; GARCÍA, María Guadalupe. Problemas socio-sanitarios y producción de conocimiento antropológico en el contexto de la pandemia por COVID-19: reflexiones desde la gestión. In: MARGULIES, Susana; GARCÍA, María Guadalupe (org.). *Diario antropológico de la pandemia por COVID-19: relatos del trabajo en instituciones de salud, noviembre de 2020*. 1. ed. compendiada. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Susana Margulies, 2021.

REESINK, Maria Lúcia. Morte, católicos e imaginário: o caso do Alto Reservatório, Casa Amarela. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.

REIS FERREIRA DE, Geissy; GONÇALVES, Ruanna. A Covid-19 experienciada: adoecimento e experiência pública desde uma antropologia visual da saúde. *Equatorial*, Natal, v. 10, n. 19, p. 3-15, jul./dez. 2023.

REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REZENDE, Cláudia Barcellos; COELHO, Maria Cláudia. Antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2010.

RIAL, Carmen. Mortes belas, mortes boas, mortes malignas e a Covid-19. *Boletim ANPOCS: Ciências Sociais e Coronavírus*, n. 20, 2020. Disponível em: http://anpocs.com/images/stories/boletim/boletim_CS/Boletim_n20.pdf. Acesso em: 30 maio 2022.

ROCHA, Igor Tadeu Camilo. Fake news e fundamentalismo como formas de ver o mundo. *Justificando*, 17 mar. 2019.

RODRIGUES, Elisa Gonçalves. *Espaços da morte na vida vivida e suas sociabilidades no Cemitério Santa Izabel em Belém-PA: etnografia urbana e das emoções numa cidade cemiterial*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.

RODRIGUES, Elisa Gonçalves; SILVA, Weverson Bezerra. Apresentação. *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, Vitória, v. 12, n. 2, p. 1–15, 2024. Dossiê: *A morte, o morrer e os mortos: abordagens a partir das Ciências Sociais*. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/cadecs/article/view/47254/32831>. Acesso em: 19 jan. 2026.

RODRIGUES, José Carlos. Tabu da morte. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SANJURJO, Lílania; NADAI, Laissa; AZEVEDO, Desirée. Corpos, tempo e instituições: um olhar sobre os cemitérios na pandemia de Covid-19. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social*, Rio de Janeiro, Reflexões na Pandemia 2020, p. 1-16, 2020.

SANTOS, Nádja Silva dos. “*Só sabe quem passa!*”: uma análise antropológica da segurança alimentar de feirantes agricultores familiares da CECAF-JP. 2023. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes; Programa de Pós-Graduação em Antropologia, João Pessoa/Rio Tinto, 2023.

SANTOS, Thayonara Marina da Silva. *Políticas de morte e tecnologias de sobrevivência: estudo socioantropológico sobre o contexto pandêmico em territórios quilombolas da Paraíba, Brasil*. 2022. 111 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

SEGATA, Jean. Covid-19, biossegurança e antropologia. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 26, n. 57, p. 275-313, maio/ago. 2020.

SEGATA, Jean; LÖWY, Ilana. Covid longa, a pandemia que não terminou. *Horizontes Antropológicos*, v. 30, n. 70, p. e700601, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/nvbMkWCWBZ9sh5QHwcpjlc/>. Acesso em: 17 jan. 2026.

SEGATA, Jean; SCHUCH, Patrice; DAMO, Arlei Sander; VÍCTORA, Ceres. A Covid-19 e suas múltiplas pandemias. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 27, n. 59, p. 7-25, jan./abr. 2021.

SILVA, Ana Paula Marcelino da. Os riscos do cuidado: experiências do trabalho das profissionais de enfermagem na pandemia de Covid-19 / Ana Paula Marcelino da Silva. - João Pessoa, 2022b. 111 f. : il.

SILVA, Andreia Vicente da; AZEVEDO, Paulo Roberto; SANTOS, Alessandra dos. *Entre máscaras, tubos, tabelas e fluxogramas: a fabricação das mortes na pandemia de COVID-19 no Brasil*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 39, e39030, 2024.

SILVA, Andreia Vicente. Os “ritos possíveis” de morte em tempos de coronavírus. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social*, Rio de Janeiro, Reflexões na Pandemia 2020, 2020.

SILVA, Andreia Vicente. Velórios em tempos de Covid-19. *Boletim ANPOCS: Ciências Sociais e Coronavírus*, n. 25, 2020.

SILVA, Durvalina Rodrigues Lima de Paula e. *Corpos traçados: um estudo antropológico sobre experiências de mulheres com traço falciforme no estado da Paraíba*. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, João Pessoa, 2021b.

SILVA, Luziana Marques da Fonseca; OLIVEIRA NETO, Francisco Paulino de; MORAES, Gabriel Cavalcante Bueno de. *Interações sinérgicas entre o HIV/ Aids e a Covid-19: a descentralização do cuidado em HIV/ Aids na atenção básica em Rio Tinto (Paraíba)*. *Áltera Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 14, p. 1–25, 2022. DOI: 10.22478/ufpb.2447-9837.2022.n14.64981. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/64981>. Acesso em: 18 jan. 2026.

SILVA, Uliana Gomes da. “*Minha companheira de vida*”: uma análise etnográfica sobre as estratégias de cuidado das pessoas com doença falciforme no estado da Paraíba. 2024. Trabalho acadêmico (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.

SILVA, Uliana Gomes. “Já cumpri minha obrigação”: um olhar antropológico sobre o cemitério da comunidade Nossa Senhora da Guia, Lucena/PB. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SILVA, Vinícius Gabriel da. *A professora que se vire: impactos da pandemia de Covid-19 no trabalho produtivo e reprodutivo de mulheres mães e professoras de ensino básico*. João Pessoa, 2022c. 96 f. : il.

SILVA, Weverson Bezerra. “*Lembre de mim*”: um olhar antropológico sobre o Dia dos Mortos no Cemitério Senhor da Boa Sentença em João Pessoa–PB. 2019. 90 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

SILVA, Weverson Bezerra. “*Trabalhar com a morte é não parar de pensar nela*”: estudo antropológico sobre as práticas dos profissionais de saúde do Hospital Napoleão Laureano com os pacientes com câncer em cuidados paliativos. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021a.

SILVA, Weverson Bezerra. *Medo da morte e solidão: os cuidados paliativos para pacientes com câncer em tempos de Covid-19 na ótica dos profissionais de saúde*. *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, n. 14, p. 1-25, 2022a.

SILVA, Weverson Bezerra. *Pensando a morte: uma revisão bibliográfica*. 2017. 62 f. Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SILVA, Weverson Bezerra; FRANCH, Mônica. “Deu vontade de trazer ele para casa, o corpo estava inteiro”: exumação, dor e indignação nas narrativas de Nalva sobre o corpo morto de Fernando. *Revista M.*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, e14002, jan./jun. 2026. ISSN 2525-3050. DOI: <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2026.v11n21.e14002> .

SILVA, Weverson Bezerra; RODRIGUES, Elisa Gonçalves. *Viver da morte no Cemitério Santa Izaabel (PA) e no Cemitério Senhor da Boa Sentença (PB)*. *Revista de Informação Contábil – RIC*, v. 17, e-023019, p. 1–18, 2023.

SILVA, Weverson Bezerra; SILVA, Uliana Gomes da. Reflexões antropológicas sobre a Covid-19 e o corpo morto. *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 2, n. 10, p. 65-72, out. 2020.

SOARES, Ângelo. (2012), “*As emoções do care*”, in H.S. Hirata & N.A. Guimaraes (org), *Cuidado e cuidadoras: várias faces do trabalho do care*, São Paulo, Atlas.

SOARES, Juliana Bassoli Santos; RODRIGUES, Patrícia Matos. A exigência psíquica dos rituais de despedida diante da morte em uma UTI da Covid-19 (Sars-CoV-2). *Revista SEP Hallus de Orientação Lacaniana*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 103-117, nov. 2019/abr. 2020.

- SOUZA, Maysa Carvalho de. *Trabalhos de agulha e a pandemia da Covid-19 no Brasil: mulheres na produção de máscaras artesanais*. 2022. 148 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, João Pessoa, 2022.
- SZWAKO, José. O que nega o negacionismo? *A Terra é Redonda*, 11 abr. 2020. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/o-que-nega-o-negacionismo/>.
- SZWAKO, José; RATTON, José Luiz. *Dicionário dos negacionismos no Brasil*. Recife: CEPE, 2022.
- TALES, Janaína de Almeida. Luto e memória da ditadura: o Memorial dos Desaparecidos de Vila Formosa, em São Paulo. *Revista M.*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 65-93, jan./jun. 2017.
- THOMAS, Louis-Vincent. (1985). *Rites de mort: pour la paix des vivants*. Paris : Fayard.
- THOMAS, Louis-Vincent. *Antropología de la muerte*. 2. ed. Barcelona: Paidós, 1993.
- THOMAS, Louis-Vincent. *La mort*. Paris: Presses universitaires de France, 1998. (Collection *Que sais-je?*).
- TRONTO, Joan C. Assistência democrática e democracias assistenciais. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 285-308, maio/ago. 2007.
- TRONTO, Joan C. *Moral boundaries: a political argument for an ethic of care*. New York: Routledge, 1993.
- TRONTO, Joan C.; FISCHER, Berenice. Toward a feminist theory of caring. In: ABEL, Emily K.; NELSON, Margaret K. (ed.). *Circles of care: work and identity in women's lives*. Albany: SUNY Press, 1990. p. 35-62.
- TSALLIS, Alexandra et al. Do anonimato à política de nomes: pesquisas de campo com teoria ator-rede. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, Montevideu, v. 10, n. 1, p. 184-204, maio/out. 2020.
- TURNER, Victor. O processo ritual. In: TURNER, Victor. *Liminaridade e comunidades*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VALLE, Carlos Guilherme. Memórias, histórias e linguagens da dor e da luta no ativismo brasileiro de HIV/Aids. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana* n. 30 - dic. / dez. / dec. 2018 - pp.153-182.
- VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- VELAME, João Vítor. *Experiências artísticas e encontros com alteridades: um estudo etnográfico dos ritmos e movimentos (a vida) no ambiente de um mercado público paraibano*. 2020. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, Rio Tinto, 2020.
- VIANNA, Adriana. *Etnografando documentos: uma antropóloga na máquina estatal*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2014.
- VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987. Tradução de Maria Julia Goldwasser.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo? *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 93-120, 2009.

WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

WERNECK, Guilherme L.; BAHIA, Lígia; MOREIRA, Alessandra; SCHEFFER, Mário. Mortes evitáveis por Covid-19 no Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 24, e210015, 2021.

WINKIN, Yves. Descer ao Campo. In: *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papirus, 1998.

ZIEGLER, Jean. *Os vivos e a morte: uma “sociologia da morte” no Ocidente e na diáspora africana no Brasil e seus mecanismos culturais*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

Música / Vídeos / Poemas

BESSA, Bráulio. Inumeráveis. Poema. Disponível em:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/leia-na-integra-o-poema-inumeraveis-do-cordelista-cearense-braulio-bessa-1.3038916> . Acesso em: 18 nov. 2025.

CÉSAR, Chico. Inumeráveis. Letra: Bráulio Bessa. Áudio/vídeo online. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=xTKk6N6h5vA> . Acesso em: 18 nov. 2025.

GIL, Gilberto. Ojú Obá. Vídeo online (YouTube). Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=H16LnUBQ38s&list=RDH16LnUBQ38s&start_radio=1 . Acesso em: 18 nov. 2025.

Portais

AVICO BRASIL - Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da COVID-19. Sobre nós. Disponível em: <https://avicobrasil.com.br/> . Acesso em: 18 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Divisão Técnica de Vigilância Sanitária do Trabalho – Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (DVST-CEREST). Disponível em: *[inserir link oficial do DVST-CEREST utilizado]* . Acesso em: 18 nov. 2025.

MEMORIAL CORONA BRASIL. Memorial virtual das vítimas da COVID-19 no Brasil.

Disponível em: <https://www.facebook.com/memorialcoronabrasil> . Acesso em: 18 nov. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID). Disponível em:

<https://www.who.int/standards/classifications/classification-of-diseases> . Acesso em: 18 nov. 2025.

PORTAL INFOBAE. Marcha de las piedras: emotivos actos en Plaza de Mayo y en Olivos en memoria de los muertos por el COVID-19 en Argentina. *Infobae*, 16 ago. 2021. Disponível em:

<https://www.infobae.com/sociedad/2021/08/16/marcha-de-las-piedras-emotivos-actos-en->

[plaza-de-mayo-y-en-olivos-en-memoria-de-los-muertos-por-el-covid-19-en-argentina/](#). Acesso em: 16 nov. 2025.

REDE APOIO COVID-19. Quem somos. Disponível em: <https://redeapoioicovid.com.br/quem-somos-rede-apoio-covid-19/>. Acesso em: 18 nov. 2025.

SACKS, Oliver. Oliver Sacks faz uma reflexão sobre viver com câncer em fase terminal. Disponível em: <https://drfelipeades.com.br/oliver-sacks-fala-de-suas-reflexoes-ao-saber-que-tem-um-cancer-em-fase-final/>. Acesso em: 7 mar. 2025.

Sites

A história de Bolsonaro com a hidroxicloroquina em 6 pontos: de tuítes de Trump à CPI da Covid. BBC News Brasil, 16 jul. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/>. Acesso em: 16 jul. 2023.

A pandemia da Covid-19 tem rosto de mulher. Metrôpoles, 12 jul. 2023. Disponível em: <https://www.metrosoles.com/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

Após pedido de Bolsonaro, deputados invadem hospital, diz governo do ES. Congresso em Foco, 15 jul. 2023. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

Bolsonaro ataca 'lockdowns' dos Estados e diz ver 'problemas sérios' pela frente. UOL Notícias, 16 jul. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/>. Acesso em: 16 jul. 2023.

Bolsonaro diz que contaminação é mais eficaz que vacina contra Covid; especialistas contestam. G1, 18 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 18 jul. 2023.

Bolsonaro provoca aglomeração em passeio de moto com apoiadores no Rio de Janeiro. G1, 16 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 16 jul. 2023.

Bolsonaro sobre uso de máscaras: “coisa de viado”. UOL, 16 jul. 2023. Disponível em: <https://uol.com.br/>. Acesso em: 16 jul. 2023.

Brasil chega a meio milhão de mortos por Covid-19. Exame, 26 jun. 2023. Disponível em: <https://exame.com/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

Brasil ultrapassa 650 mil mortos por Covid; ainda sob influência do feriado, média móvel cai para 509. G1, 14 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

Cleonice Gonçalves. Instituto Walter Leser, 12 jul. 2023. Disponível em: <https://institutowalterleser.org/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

Como é transmitido? Ministério da Saúde, 11 jul. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

Coronavírus Brasil. Ministério da Saúde, 14 jul. 2023. Disponível em: <https://saude.gov.br/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

Desemprego diante da pandemia bate recorde no Brasil em setembro, aponta IBGE. G1, 15 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

Empresas brasileiras lançam manifesto contra demissões. DW, 06 abr. 2020. Disponível em: <https://dw.com/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

Entenda por que o registro de zero morte por Covid não significa que ninguém morreu naquele dia. G1, 14 jun. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

Entidades reagem à declaração de Bolsonaro que incentiva fechar interior de hospitais. G1, 15 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

Estudo analisa registro de óbitos por Covid-19 em 2020. Fiocruz, 14 jun. 2023. Disponível em: <https://fiocruz.br/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

Gripezinha e histeria: cinco vezes em que Bolsonaro minimizou o coronavírus. Congresso em Foco, 16 jul. 2023. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/>. Acesso em: 16 jul. 2023.

Informes Diários Covid-19. Ministério da Saúde, 12 jul. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

Mapa da Covid-19 - Coronavírus Brasil. Ministério da Saúde, 14 jul. 2023. Disponível em: <https://saude.gov.br/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

Medidas de estímulo à economia executadas pelo governo atingem R\$ 1,169 trilhão. Ministério da Economia, 15 jul. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

Medo da morte é uma das consequências da pandemia. Jornal da USP, 11 jul. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

Memorial vítimas da Covid-19. G1 – Bem Estar, 14 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

Na pandemia, desemprego no Brasil cresceu ainda mais entre negros. GloboNews – G1, 15 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

Negros morreram quase duas vezes mais de Covid-19 do que brancos no Itaim Bibi em 2021, diz pesquisa. G1, 11 jul. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

Por que o coronavírus mata mais as pessoas negras e pobres no Brasil e no mundo. BBC News Brasil, 12 jul. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

Primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil ocorreu em SP e completa seis meses nesta quarta. G1, 11 jul. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

Quantas pessoas morreram de Covid-19 no Brasil. Bing, 26 jun. 2023. Disponível em: <https://www.bing.com/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

Relatório final da CPI da Covid. Senado Federal / G1 (PDF), 20 jul. 2023. Disponível em: <https://globo.com/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Retrospectiva 2020: lives dominaram o ano, e Brasil é destaque mundial. UAI, 14 jul. 2023. Disponível em: <https://uai.com.br/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

‘Uma pessoa muito batalhadora’, diz sobrinho de empregada doméstica que morreu de coronavírus. Fantástico – G1, 12 jul. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA AS ENLUTADAS

- 1) Como é o seu nome? autoriza fazer a gravação da nossa conversa? Ano de nascimento, socioeconômico, raça...?
- 2) Quem foi sua vítima da covid-19? Fale um pouco da sua história...
- 3) Como está sendo/foi esse processo de pandemia para você?
- 4) Como você conheceu o memorial das vítimas da covid-19 no Brasil? Como foi o atendimento do memorial? Na rede de apoio do memorial você participou de alguma atividade? Como foi essas experiências? [para os enlutados do memorial]
- 5) Qual sua relação com ele/ela/es/as?
- 6) Ele/ela/es/as como descobriu que estava com a covid-19?
- 7) Quanto tempo conseguiu ficar em casa, para posteriormente ir ao hospital? Como foi a rotina na residência do corpo?
- 8) Chegando ao hospital como foi a comunicação com o paciente? Como foi para receber notícias? Quanto tempo ficou hospitalizado? Como foi o processo de adoecimento?
- 9) Como era a sensação para você nesse momento que ele/ela/es/as estava hospitalizado? Quais forma os sentimentos que apareceram?
- 10) Como o uso das tecnologias realizaram esse contato de informação? Como era a relação dos profissionais da saúde no momento da comunicação das notícias?
- 11) Qual era sua sensação no processo de adoecimento, distanciamento do corpo contaminado e o vírus invisível circulando?
- 12) Essa vítima tinha condição de seguir a quarentena? Como era sua rotina no período de 'isolamento social'?
- 13) Seu ente querido precisou fazer a intubação? Se sim, como foi passada essa informação e quais foram os sentimentos?
- 14) Qual e como os profissionais da saúde transmitiu a notícia da morte?
- 15) Como foi o reconhecimento do corpo? você foi acompanhada?
- 16) Até que momento você teve o contato com o corpo presencialmente, antes é *post-mortem*?
- 17) Nesse *post-mortem* como foi as questões burocráticas de atestado de óbito? Funerária e cemitério?
- 18) Como foi esse "cuidar do corpo" ou o velório dessa vítima?

- 19) Quantas pessoas puderam participar do velório? Como foi esse último contato com o corpo morto? Quanto tempo o corpo permaneceu no translado do hospital ao cemitério antes do enterro?
- 20) Algo te incomodou nesse processo do ritual? Teve alguma manifestação que você realizou?
- 21) Você tem alguma religiosidade? como ela fez parte desse processo do velório?
- 22) Você queria ter feito algo que não conseguiu no velório ou enterro? Onde seu familiar/amigo se enterrou?
- 23) Como foi ou está sendo o processo de luto? O memorial colabou em algum sentido nesse processo? Ou alguma outra manifestação? Você faz algum autocuidado?
- 24) Depois de todas as experiências da morte em tempos de pandemia, como está sendo sua rotina com essa perda?
- 25) Qual a sua visão do Estado nesse processo da pandemia e dos mortos? Existiu alguma assistência ou políticas públicas para você (enlutados)?
- 26) Como você percebeu os resultados das eleições?
- 27) Por fim, tem alguma outra questão que você gostaria de acrescentar? O que você achou dessa entrevista?

JARDIM ALDIR BLANC, NA TIJUCA, RIO DE JANEIRO, INAUGURADO EM HOMENAGEM AO COMPOSITOR MORTO EM 2020 EM DECORRÊNCIA DA COVID-19. NA FOTO, ESTOU COM NALVA.



JARDIM ALDIR BLANC, NA FOTO, ESTOU COM NALVA, SUA IRMÃ CÉLIA E A ANTROPÓLOGA ULIANA GOMES.



CEMITÉRIO SANTO AMARO – RECIFE – PERNAMBUCO – ALA DA COVID-19



121



¹²¹ Foto tirada pela antropóloga Elisa Rodrigues, que estava junto realizando pesquisa exploratória no cemitério com a arqueóloga e historiadora Pollyana Calado.

“MARCHA DAS PEDRAS”: ATO REALIZADO EM BUENOS AIRES EM HOMENAGEM ÀS VÍTIMAS DA COVID-19







RÁDIO CURA ELY

[introdução de música e conversas]

Guga: Ei, Elizão, é Guga rapaz, tudo bom? Olha, estou trazendo aqui ó, um recado de um montão de gente, monte de amigos, de gente querida, que te ama, que te quer muito bem, que está torcendo pra você ficar bom o mais rápido possível. [barulho de conversas] Aí ó, está ouvindo ó? É gente, visse. Não, mas eu não vou tocar assim não. Eu vou tocar um por um. Vai lá, escuta aí irmão. E ó, estamos aqui te esperando, viu? Se recupera logo aí, estamos torcendo pra você, meu irmão, cheiro gigante em tu!

[música] “refazendo tudo, refazenda, refazenda toda, guariroba”

Pablito: Força Mestre Eli, um abraço do Pablito

Vânia Perazzo: Querido Eli é Vânia Perazzo que está falando. Querido, nós estamos aqui com você e nós estamos aguardando que esse ser humano formidável que é você volte dessa guerra, querido, guerreiro do cinema e de uma cidade, de uma sociedade melhor

locutor 1: Eli, meu irmão. Camarada Eli, quando está com aquela blusa vermelha da CCCP (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) lute, lute, lute, nós estamos aqui esperando você para retomar com o nosso convívio. Para que a gente se sente na ilha, fazendo o que ama, o que gosta. O que a gente com a graça de Deus se encanta, se embebeda, constrói, colabora, emana, venha embora pra cá porque a gente tem muitos filmes para fazer. Eu tenho muitas coisas para concordar com você. E quando começamos a divergência, você começa a dizer assim para mim “João, João...”

Lúcio César: Querido camarada, Eli. Aqui é Lúcio César, estou mandando aqui essa mensagem de força, sabendo que você vai estar brevemente com a gente recuperado para gente fazer filmes, para gente contar história. Forte abraço, meu amigo. Te aguardo aqui

Dani: Oi, meu querido amigo, Eli. Aqui é Dani. Eu sei que é muito difícil para você. A última imagem que ficou gravada na sua mente. Deixar pra trás seu irmão e amigo, a sua esposa, a sua mãe, todos os amigos que te amam muito, mas não é hora de colocar essa imagem em evidência. É hora de você sentir o seu coração batendo, é hora de sentir o ar entrando no seu pulmão, restaurando todas as células que estão lá dentro. Você está na UTI? Mas você está sendo o quê? Tratado. Cuidado, com muito amor, com muito carinho, com muito zelo. Todos nós estamos aqui juntos em oração e vibrando energias positivas, clamando a Deus pela sua recuperação. A UTI não quer dizer o fim. UTI quer dizer unidade de terapia intensiva. Para que a gente possa voltar, voltar, sim para vida, para realização dos sonhos, para poder dar aquele abraço apertado, aquele cheiro gostoso. Olhar ao nosso redor e saber que tudo valeu a pena. Tudo valeu a pena. Dentro de você, meu querido, tem aquela coisa maravilhosa. Aquele sorriso carinhoso que nos enche de alegria, do seu jeitinho meigo de fazer as coisas acontecerem. Você tem um amor aqui fora e você tem um amor aí dentro. Dentro de você tem a força e coragem que você precisa. Você está indo bem. Você está reagindo bem. Você precisa permanecer com essa energia aí de dentro de você, com esse pensamento positivo igual o nosso porque nossas energias estão se

cruzando nesse momento e essa energia, esse amor que emana de nós, está sendo clamado e Deus está escutando, Deus está escutando, Deus está tendo a misericórdia de olhar para você e restaurar você. Eu creio nisso, meu querido. Você vai sair dessa. Força e coragem. Porque quem como Deus, ninguém como Deus

Bertran: Oi, Eli. Nosso grande pós-produtor, diretor também. Eli, estamos aqui fora, eu sei que você está internado e estou desejando você aqui fora. A gente está também dessa forma internado porque não estamos saindo de casa. Eu estou passando aqui pra te desejar força, muita força, muita coragem. A gente está aqui com você, todo mundo com pensamento positivo, uma só vibração. Emanando energias positivas para que você saia logo dessa o mais rápido possível e sem sequelas significativas. Pois pode ficar certo que a gente está aqui pensando em você. Um abraço hein. Bertran

Vinícius Rodrigues: Meu caro Eli, aqui é Vinícius Rodrigues, a gente conviveu muito pouco, mas você sempre me chamou atenção por aquilo que mais me apaixonou no cinema, que foi essa área técnica e me impressionou a sua dedicação, o seu conhecimento e seu empenho e seu empenho, inclusive, na luta e no trabalho dessa classe de profissionais. Eu quero que você conte com a nossa força para que vença esse momento e continue enriquecendo o trabalho do cinema na Paraíba. Um grande abraço, meu querido, estamos te esperando

Breno: Eli, meu amigo. Olha, aqui é Breno. Estou torcendo por sua recuperação, viu? Fique bom logo. Para gente fazer arte e mídia de novo (risos). E para gente fazer a borboleta do pastoril dois, viu? Estou esperando você se recuperar pra isso. Um abraço, viu, amigo. Estamos te esperando aqui

André: E aí Elizildo, tudo certinho? Como é que você está? Tenho certeza que muito forte. Quem tá mandando essa mensagem aqui é André da Costa Pinto para dizer que a gente está junto com você, mandando boas energias, mandando boas vibrações. Estou aqui pedindo muito a São Miguel que é um Santo Guerreiro, para que ele esteja do seu lado e eu tenho certeza que ele está lhe ajudando nessa recuperação, lhe ajudando nessa luta. Porque tenho certeza que vai dar certo. E já, já a gente vai estar aqui todo mundo junto. Ainda não se abraçando pessoalmente, que a gente não pode, o abraço vai ser mais para frente, mas pelo menos fazendo audiovisual, política, contando com você já para o voto no próximo ano, para gente derrubar tudo isso que tem no governo aí, que eu sei como sua luta política também é importante, mas neste momento é importante a saúde e eu tenho certeza que você logo logo vai estar bem junto conosco, tenha certeza das nossas orações aqui, mas acima de tudo peço a São Miguel e olhe porque por aqui a gente está pedindo muito por você e ele vai estar aí junto com você, segurando na mão e dando toda força necessária para que já já você esteja em casa, viu? Muita luz, tem muita gente aqui fora que lhe ama, é muito amor por você aqui fora, muita gente de mão dadas pedindo, muita gente mandando energia. Isso é o suficiente para que você tenha mais força aí e logo, logo esteja aqui conosco em casa, principalmente, viu? Beijoca em você. Está todo mundo bem. Cacau está bem, já falei com ela esses dias também. Muito forte Cacau também aqui junto conosco. E é isso. Beijão, beijão, beijão, muita luz pra tu. Simbora, como diz João Carlos “basculhar, bichão” que tem muita coisa aí pela frente, viu? Beijoca

locutor 2: Bom dia meu irmão, Eliosvaldo. Eu estou aqui gravando esse áudio pra dizer a você que como diria Avicena, que é um médico, Persa, do século X (dez), ele dizia que metade do

remédio é a tranquilidade e o primeiro passo para cura é a paciência. Então, a paciência que é a ciência de ter paz, a ciência da paz. Então, tudo que eu desejo para o senhor, nesse momento, é que o senhor procure ficar em paz. Certo? Porque o senhor vai se curar ficando em paz e mentalize a força da vida que é o sol, mentalize o sol, faça de conta que você está aí nesse quarto vendo o sol, olhando para o sol que é a evidência máxima da existência de Deus aqui neste planeta. Olhe para o sol, meu irmão, veja o sol na sua frente e se banhe nessa luz do sol dourada que vai fazer você alcançar tudo que você precisa. Desejo tudo de bom para o senhor, eu e minha família aqui nós estamos nessa torcida para que o senhor se recupere logo e logo tenha boa saúde e que volte para o combate. Nós estamos aqui aguardando o senhor, está bom? Tudo de bom para o amigo. Desejo luz, paz e amor para o senhor, tá bom? Grande abraço, viu? A gente gosta muito do senhor. Um abraço, Eliosvaldo, tudo de bom

Locutor 3: Eli meu parceiro, meu contrerrâneo de arte e mídia, meu irmão de cinema é Aber [inaudível 12:00] falando. Velhinho, derruba essa Covid logo aí, véio. Volta para gente. Te tenho como um dos pilares mais importantes do nosso cinema, véi. Não consigo imaginar o cinema paraibano sem você. Não faz sentido, não, sabe? Você é muito importante para gente. Muito importante para a minha trajetória, te respeito e te admiro demais, confio demais em tu. Eu aprendi demais contigo, volta logo para a gente que eu quero continuar aprendendo contigo e quero dar aquele rolê de bicicleta aqui que ficou prometido, mas a gente ainda não deu. Então, chega aí para gente poder fazer esse passeio junto, tanto de bicicleta quanto pelo nosso cinema. Te admiro demais, velho. Tu é guerreiro. Chega aí. Termina esse momento difícil e volta pra cá para a gente botar tudo para frente. Um beijo, velho. Um grande beijo

Mariá: Oi, Eli. Aqui é Mariá, eu queria aproveitar para te dizer que a gente está aqui vibrando, a gente está mandando várias ondas de amor e carinho pra vocês, a gente está super preocupado, a gente se sente impotente não poder estar aí juntos, mas com toda a tua assistência que você está recebendo de Cacau, de Joca, com certeza você está bem assistido e essas ondas de amor e carinho, de força que a gente está mandando para você, espero que chega aí e que aqueça um pouco nesse momento. Meu coração está aí com vocês. Estou aqui. A gente está aguardando notícias e está vibrando a cada melhora a sua, está bom? Um cheiro, se cuidem, nossa... é isso

Locutor 3: Eli, cabra velho, força aí! Segura esse tranco que logo, logo isso vai passar, conheço você muito bem para poder dizer que você não é de bater pino para uma luta. Todos aqui em casa estão com os pensamentos destinados a você. Lunara, eu e até Ícaro está mandando vibração positiva. Foco e força que mais à frente a gente vai se abraçar e contar mais essa vitória. Estamos junto meu irmão. Cheiro grande.

Mosca: Eli, meu querido. Aqui é Mosca, estamos aqui fora à sua espera, na torcida que você se recupere o mais rápido possível. A gente precisa muito de você. Venha simbora

Jack: Eli, meu irmão. Jack aqui falando meu velho. Passando pra te desejar melhoras e tenho certeza que você vai sair da ainda mais forte. Eu te espero aqui fora para a gente realizar tanta coisa junto ainda, viu? Um grande abraço meu irmão, fica com Deus

André Moraes: Olá Eli, parceiro, aqui é André Moraes, passando pra lhe desejar todo amor, serenidade e saúde neste momento. Que você possa sair disso com ainda mais energia de vida, energia criativa e que você receba todas as bênçãos de cura e saúde que a gente está emanando

pra você nesse momento. Força, fé que a gente se encontre e se abrace, em breve. Um abraço carinhoso

Norma: Oi, Eli. Aqui é Norma. Eu vim aqui pra trazer toda a minha energia, toda a minha força, toda a minha energia boa voltada para a sua recuperação. Estamos fazendo uma campanha maravilhosa de concentração, de orações e de boas vibrações para você, viu? Para que você recupere logo e que volte a nossa companhia e vambora que temos muitos filmes para editar, viu? Um beijo, abraço, até já, já que nós nos vemos de novo. Beijo, volta!

Locutor 4: Eli, pensando muito em ti, mandando meus melhores sentimentos e vai passar, você vai ficar muito bem. A gente precisa de toda força e eu estou editando este áudio muito com o que aprendi contigo. Um abraço. Toda força

Isaura: Eli, meu bem, bonjour, tudo bom? Logo, logo você vai sair dessa e a gente vai encher o peito de gargalhada, “mangar” das coisas do audiovisual, de colocar apelidos e fazer trocadilhos cretinos, com as coisas e da política nacional, viu? Aqui é Isaura. Vamos te aguardando já, já com essa força, com essa alegria, com essa serenidade para a gente tocar a vida junto. Nós e todos os coleguinhas aqui está uma corrente enorme. Eu estou fofocando seu boletim para todo mundo e todo mundo está emanando muita, muita, muita força, muita luz e muita vontade para que você fique bom logo, viu? Cacau, beijão, guerreira, beijão e você um abraço muito forte, muito forte, muito forte e a gente tem certeza que essa sua fortaleza é que está dando mais força também para Eli nessa luta, viu amiga? Beijo enorme em vocês dois

Zé Carlos: Eli, meu irmão, beleza? E aí brother aqui é Zé Carlos Costinha, você é um cara que eu amo de coração, é um brother conheci massa mesmo, massa, massa. Eu estou aqui orando por você sempre, sempre todos os dias. Deus vai te tirar dessa, você é forte também, vai sair dessa e quando sair vamos comemorar. Eu te amo de coração, viu? Vai dar tudo certo, força

Marquinhos: Eli, outra mensagem pra ti, se liga, você vai sair logo daí. Marquinhos aqui, anota aí, ainda vou dirigir um filme que você vai montar e colorir, te admiro demais, em tudo que faz, para arte, para causa, já, já você está em casa. Então, fica tranquilo porque meu amigo, você vai sair dessa com ainda mais gás

Laercinho: Bom dia Eli, aqui é Laercinho de Aparecida, quero aqui mandar o meu abraço forte pra você dizer que nós estamos aqui na torcida pra que você logo, logo esteja recuperado, produzindo, discutindo, debatendo o cinema na Paraíba lutando pela nossa classe. Forte abraço pra você, que Deus lhe abençoe, eu também tive Covid também, mas consegui superar eu e a minha família inteira tivemos e estamos contando história hoje. Vencemos da mesma forma que você vai vencer. Forte abraço da torcida, meu irmão, que você vai se recuperar e logo, logo estará de volta ao cinema paraibano

Socorro: Oi, Eli. Aqui é a Socorro Gadelha, sua amiga, amiga da professora Rosa. Estou dando uma força para você e estou querendo que você volte logo, tá? Estamos à sua espera. Fique com Deus e Nossa Senhora e eles vão lhe proteger para você voltar mais rápido. Um abraço, Eli

Maicon: Aqui é Maicon de Souza. Eu queria te mandar uma energia positiva que logo, logo você vai estar aqui conosco debatendo e construindo o audiovisual paraibano. Com certeza eu quero muito ainda trabalhar contigo, fazer projetos e está aí junto na luta, construindo esse áudio e,

além do mais, tendo esse laço mais próximo, que você é uma pessoa pelo que eu conheço, do que falam, um guerreiro e um cara determinado. Força, Eli!

França: Olá, Eli. É França, do sertão, da Cauã Produções Culturais. Mandar esse abraço para você, energia positiva, dizer que estamos na oração aqui para que você se recupere o quanto antes, memórias excelentes que nós temos aqui da sua presença no sertão, no filme “Rebento” do companheiro André Moraes, dizer que estamos rezando, orando para que você se recupere o quanto antes meu irmão. Abraço fraterno

Ana Célia: Oi Eli, Ana Célia Gomes falando aqui de Sumé no Cariri Paraibano. Passando aqui pra mandar minhas orações, minhas energias positivas para você, meu querido. Desejando que você fique bem o quanto antes que sua saúde seja restabelecida, você é um guerreiro e eu sei que vai dar tudo certo. A gente tem muita história para contar e estamos te esperando aqui fora com saúde. Força, meu amigo! Vai ficar tudo bem. A gente vai contar essa história juntos, viu? Um abraço grande. Deus te abençoe

Raiza: Oi, Eli. Bom dia, boa tarde, boa noite. Eu não sei como é que vai ser, quando você estiver escutando, mas aqui é a Raiza Prado. Estou enviando essa mensagem para dizer que estou enviando todas as minhas energias positivas para você, minhas orações, tudo para você ficar bem logo. A luta vale a pena quando se tem camaradas tão bacanas, tão batalhadores juntos, que é o caso de você. Então, a gente espera que você fique pronto logo para a gente continuar produzindo, criando, fazendo muita coisa boa e lutando também pelos nossos direitos

Heleno: Eli, companheiro. Eu quero que você mantenha a sua positividade, mas tenho certeza que em breve você estará de novo aqui com a gente. Eu sei que esse momento é difícil. Nós passamos por isso também aqui em casa, mas superamos com positividade. Vamos superar qualquer dificuldade, você é um cara guerreiro, um cara que está tudo que você sempre fez foi batalhando e ajudando os outros. Nesse momento tem muita gente pensando por você e rezando por você. Logo, logo você vai estar com a gente aqui cara sorte e fique na paz e pense sempre positivo. É um momento difícil, mas a gente supera. Superei aqui em casa, eu, minha mãe, meus irmãos e um sobrinho também. Então, força aí. E espero poder dar um abraço logo, logo em você viu? A gente está passando por esse momento, mas é isso. Grande abraço. Heleno Bernardo

Ramon: E aí, Eli. É o Ramon aqui direto do sertão, Nazarezinho. Muita força brother. Muita saúde nessa hora. Espero que você fique bom logo e tenha uma recuperação que logo a gente e esteja montando uns filmes novamente. Você foi uma pessoa muito importante no início da minha carreira e uma pessoa que eu aprendi muito sobre cinema, sobre montagem e edição foi muito massa a gente editar junto “Aroeira” e vamos editar outros trabalhos. Forte abraço mesmo, meu irmão. Saúde!

Lúcio: Olá, Eli. Quem fala é Lúcio Vilar e eu queria dizer, eu não sei se você tem time de preferência, mas eu queria dizer que todas as torcidas estão juntas, misturadas, todas as cores, estamos todos juntos. Emanados num único sentimento, pela expectativa e pela torcida fervorosa, pelo seu pleno restabelecimento, pela sua plena recuperação e sabemos que isso vai acontecer porque você é um guerreiro e tem muito ainda a colaborar, a contribuir com o

audiovisual paraibano e brasileiro. Estamos nessa, estamos juntos, vamos simhora, você vai sair disso

Guliver: Oi Eli, amigo. Aqui é Guliver, torcendo para você sair logo dessa e para assim que puder a gente se encontrar de novo e bater um papo

Locutor 5: Eli, meu professor, meu amigo passando para dizer que chamo todos do cinema paraibano de mão dadas com você. Passando pra mandar um abraço grande, muita força. Um beijo enorme, amigo. Até já

Aécio Amaral: Oi, Eli, aqui é Aécio Amaral. Você deve lembrar que eu entrei no fórum agora há pouco, no fórum do audiovisual paraibano e, foi, precisamente, você a pessoa que me incluiu aqui no grupo de Whatsapp. A gente se conhece pouco, tem pouco tempo de convivência, mas eu estou aqui engrossando esse couro para enviar forças aí pra você nesse momento, né? Você é uma pessoa muito marcante no campo do audiovisual aqui na Paraíba, não preciso lhe dizer isso, antes de eu entrar no fórum seu nome já era bastante conhecido e as pessoas sempre se referem a você com muita reverência pela sua dedicação, pela sua competência na montagem e você tem prestado um serviço entre outras pessoas aqui do fórum, mas você está entre as principais que prestam serviço essencial ao audiovisual paraibano e brasileiro. Que é exatamente essa luta pela profissionalização, pela dignidade, sobretudo de quem está na técnica. Então, camarada, força aí para você nesse momento. Estamos todos aqui na torcida por você. Eu me comuniquei pelo *Facebook* também com Cláudia, você sabe que fui professor de Cláudia e é uma pessoa que eu admiro muito também e precisamente a partir dela passei a admirar você também antes da gente se conhecer pela militância de vocês dois, via sempre a militância que vocês exercem também, não só você está no *front* só do audiovisual, mas também na política, do lado certo da história, como a gente diz e você Cláudia, sempre me passaram essa imagem de um casal muito bonito, muito aguerrido e que está no *front*. Então, camarada, estamos todos na torcida aqui por você, engrosso esse coro que em breve você vai estar na ativa de novo. Força Eli!

locutor 5: Oi Eli, tudo bem cara? Estou passando pra te desejar muita saúde, uma boa recuperação. Estamos juntos nessa. Vamos sair dessa vitoriosos. A gente vai “arruandar” muito ainda, se Deus quiser. Você é um cara massa que eu admiro bastante na pós produção do cinema independente aqui em João Pessoa, na Paraíba. Quando você sair da UTI a gente vai fazer muitos cursos, eu quero fazer muitos cursos contigo ainda pra gente aprender mais sobre pós produção do cinema, tecnologia, cinema do *stop* que com certeza você vai contribuir muito ainda para que eu e que pessoas aprendam, sobre essa coisa da interação entre computação no cinema. Eu estou aqui torcendo pela tua recuperação, cara. Te admiro demais, demais mesmo. Assim, espero que você fique bom logo para a gente aprontar muito ainda na luta pelos nossos direitos do audiovisual paraibano. Você é um braço forte para gente, pra mim também, você me representa muito. Um grande abraço querido a você, toda a minha energia positiva de melhoras para você, está bom? Até mais querido. Um abraço!

Marco Vidal: Eli, meu camarada. É Marco Vidal. Vamos ficar bom logo porque tem muita luta pela frente, uma frente para construir e muito filme pra fazer. Volte logo, um abraço

Ana: Salve, Eli. Ana aqui, me juntando a todas essas pessoas que tão aqui na torcida pela sua recuperação, que te admiram muito, que te admiram pela sua sensibilidade, pela sua competência, pelo seu amor ao cinema e como diria Brecht “há pessoas que lutam por uma vida inteira e essas são imprescindíveis” Então, você é imprescindível, a gente está aqui te esperando voltar e que Deus te proteja e te cure porque a gente é dessas, né? A gente é do materialismo histórico, mas também é da reza. A Totô e força!

Ramon: E aí, Eli. Aqui é Ramon, torço muito por ti, para tu sair desse hospital aí 100% (cem por cento) e imagino como deve estar sendo aí. Bom, é isso força, um cheiro

Áurea: Oi, Eli guerreiro! É a Áurea passando pra te dar um cheiro bem grande e dizer que estamos aqui com energias positivas, de cura e já, já você vai sair desse companheiro. Cheiro grande, muita força aí, a gente está aqui com todas as energias positivas voltadas para você. Abração

Locutor 6: Eli, passando para dar um abração, deixar a gente um pouquinho mais perto de você mesmo que por áudio. Quero dizer que a gente está com toda a nossa força, com toda a energia voltada para você, pra que tenha uma ótima recuperação e brevemente a gente possa se falar, se vacinar, se abraçar e estar junto nessa jornada da vida com tantos atropelos e coisas novas no meio dela. Abração, viu? Estamos com você, meu amigo. Força

Jaime: Fala, grande Eli. Aqui é Jaime. Rapaz, estou me juntando aqui nessa corrente com a galera para dizer que a gente está todo mundo aqui torcendo por você. Torcendo pela sua melhora e acreditando nela. Vai acontecer e em breve você vai estar de volta às atividades normais. A gente às vezes, infelizmente, espera um momento de luta, um momento de batalha para ter a noção da importância das pessoas em nossas vidas. Eu me peguei pensando na sua importância, não só para o audiovisual paraibano, mas para os indivíduos, um cara 100% (cem por cento). A gente já teve oportunidade de ser companheiro de quarto em festival e é isso cara. Eu estou aqui torcendo, rezando por você, mandando energia positiva e acreditando na sua melhora em breve você está aqui a gente tem dois filmes pra montar, hein! Abração amigo

Locutor 7: Eli, meu anjo. Passando para desejar melhoras e uma recuperação rápida para você e dizer que estou esperando pra você dar essa sacolejada na gente, nessa galera novinha que eu me incluo que pra mim não existe luta nem resistência falando de cinema e Brasil sem seu nome, cara. Então, estamos aqui todo mundo na torcida e tendo a certeza que você vai sair dessa e vai sair dessa bem fortalecido. E é isso cara. Melhoras estamos esperando aqui com muitos abraços, muitos cheiros, mesmo que a distância, mas é isso. Estamos junto Eli, abração cara

Locutor 8: Eli, meu amigo, força, precisamos de você demais

Locutor 9: Eli, muita luz para você, recuperação, volte, viu?

Locutor 10: Eli, Força aí! Vai dar tudo certo e vamos torcer para que você saia logo para gente se encontrar e fazer muito cinema

Locutor 11: Meu querido amigo e camarada, Eli. Com muita força, com muita fé que venho fazer esse áudio aqui. Muita fé na sua melhora, muita fé, no seu retorno. Você é um camarada que lutou muito para que o audiovisual do cinema paraibano chegasse aonde chegou e desde já

desejo melhoras para você amigo. Força. Isso aí é mais um dos obstáculos que a gente tem que passar, infelizmente você foi acometido por ele, mas a fé, as boas vibrações jamais vão deixar de existir, assim que esse áudio chegar para você sabe que a gente tem uma enorme admiração por você, por sua família, por sua trajetória pelo seu trabalho e estamos torcendo aqui para sua volta, meu camarada. Volte. Você é muito importante para o cinema paraibano, irmão. Estamos juntos sempre. E as vibrações não param, meu velho. Só vou parar de vibrar saúde pra você quando você sair dessa sua condição meu amigo.

Ana Amélia: Eli, querido. Aqui é Ana Amélia falando aqui para passar o meu desejo que você se recupere o quanto antes, que fique alerta aí com essa força que todo mundo está te enviando. A gente está na torcida para você sair daí, para poder contar essa história de vitória e para poder continuar contribuindo com tantas outras histórias que essa é uma das missões que você tem na vida para cumprir. Um abraço forte, força

Ana Bárbara: Oi, Eli querido. Bom dia, boa tarde, boa noite aqui sou eu Ana Bárbara, estou passando aqui para mandar essa mensagem para te dizer que eu tenho pensado muito em você, tenho me conectado bastante com você, tenho te colocar nas minhas orações e dizer meu querido que eu te amo muito, muito, muito, muito e estou aqui juntamente com outros tantos amigos teus que também estão nessa corrente de força, de emanção de boas palavras, enfim, que expressa juntamente com eles esse amor, esse carinho por você. Eu selecionei um poema que quero recitar pra você, que é muito bonito e que eu gosto bastante que é de Carlos Drummond de Andrade. É um poema que se chama “De Mãos Dadas”. Eu vou recitar ele agora pra você, tá? “Não serei o poeta de um mundo caduco, também não cantarei o mundo futuro, estou preso à vida e olho meus companheiros, estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças, entre eles, considero a enorme realidade, o presente é tão grande, não nos afastemos, não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas. Não serei o cantor de uma mulher, de uma história, não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela, não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida, não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins, o tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.”

Johnny: Salve, salve grande Eli. Aqui é o Johnny. E aí cara, força. Fique firme. Reaja. Já, já você está de volta aqui com a gente. Para fazer as finalizações fantásticas dos filmes. Grande abraço e muita iluminação de maquiagem para você. Cheiro grande

Locutor 12: E aí camarada, Eli. Meu irmão, está todo mundo concentrando energias para você melhorar, desejando forças pra você sair logo dessa e com certeza quando a gente se encontrar a gente só vai relembrar desse momento como uma página do que passou e só, porque o que está ficando mesmo é toda essa vontade e energia para você ficar aqui junto da gente, enfim

Locutor 13: Estamos aqui acompanhando de perto, Eli. Desejando tudo de bom e contando as horas para tua saída, mandando muitas energias boas o tempo todo com você em mente e no coração fica bem, querido.

Locutor 14: Beijo meu irmão. Fica bem!

Zezita: Oi, Eli. Aqui é Zezita Matos. Estou aqui para dizer que estamos todos rogando e te enviando energias positivas. Você vai ter força, você vai sair dessa, para continuarmos com o

nosso trabalho de resistência no cinema paraibano. Um abraço, amigo. Que Deus e Nossa Senhora e todos os anjos te cubram com o manto te salve dessa. Um abraço carinhoso e fraterno

Leandro: Eli, querido boa tarde. Aqui quem fala é Leandro. Eu estou aqui multiplicando essa corrente de amigos em busca da tua melhora, multiplicando vibrações, pensamentos, fé, força, corações, corrente de energia positiva. Para que você logo, logo saia desse quadro e junte-se a nós, a gente precisa muito de você, você é um cara de fato tem essa missão com o cinema Paraibano, nacional, o cinema brasileiro todo. Você é um cara muito especial, muito professor, ensinou muita gente aí, ensina muita gente ainda. Eu me coloco aqui aluno, na perspectiva de aluno. Um grande abraço. Você vai sair logo, logo dessa e vamos todos estar juntos, contribuindo com o audiovisual. Cheiro para você amigo, muita fé, muita paz e vai dar tudo certo, que você já está melhorando, vai dar tudo certo

Virgínia: Olá, Eli, aqui é a Virgínia Roberto, estou me somando a tantos outros companheiros do movimento do audiovisual paraibano para lhe emanar energias positivas, desejando-lhe saúde, melhoras quanto restabelecimento, para que a gente possa gozar da sua companhia, da sua alegria nas nossas fronteiras de luta. Um grande beijo, querido

Keitinho: Eli, meu véio. Aqui é Keitinho. Eu desejo que você se recupere logo, fique bem. Você é uma pessoa imprescindível na nossa trajetória no audiovisual, nossa luta e que você seja reestabeleça o quanto antes para que a gente possa seguir adiante e saiba que você não está sozinho. Todos nós estamos aqui por você, cara. Em orações, em desejos e vontade e eu sei muito bem que você vai sair dessa, velho. Um cheiro grande, se cuide meu amigo!

Ior: Oi Elisildo, aqui é Ior. Amigo, eu estou te mandando muita energia positiva. Todo dia eu estou rezando por tu, amigo. Tenho certeza que você vai sair daí rapidão, tenho certeza que em breve a gente vai estar celebrando essa volta para casa, essa reabilitação, a sua saúde. Muita força, muita força, muita energia positiva. Vai dar tudo certo, amigo. Em breve a gente está todo mundo se abraçando e comemorando a sua saída, a sua felicidade. Um beijo

Aloísio: Grande Eli. Aqui quem fala é Aloísio Guimarães, não é ninguém não. Olhe, a gente está aqui na torcida esperando você se restabelecer para a gente botar o barco pra frente. Precisamos mudar muita coisa no mundo e a gente conta contigo. Precisamos mudar a política, precisamos fazer nosso doutorado, precisamos reeditar “Borra de café”, não, isso daí é brincadeira. Então, meu amigo, a gente tá aqui na torcida, viu? Se levante e venha simhora, um abraço

Jesus: Eli, meu querido. Jesus aqui falando de Campina Grande. Eu espero que você recupere. Estamos juntos. Eu desejo o melhor para você. Eu desejo que você consiga superar isso. Você está passando. Eu sei que o negócio é tenso, mas também sei que você é muito forte e muito destemido também. Então vamos simhora, velho. Resiliência, você está em meus pensamentos, boas vibrações para você. Te amo cara, se cuida

Arthur: Eli, meu irmãozinho, Arthur aqui compadre. Meu amigo, que susto, Eli. Se recupere logo! Desejando aqui boas vibrações, boas energias nessa tua recuperação, tenho certeza que vai dar tudo certo, vai ser só um susto grande mesmo e mais uma para conta desse MISÉRIA que a gente vai tirar do poder já, já, viu? Fique bom, velho, precisamos de você aí para todas as

causas, tanto da política quanto a vida, dos afetos, do cinema, tudo que você representa, toda alegria e toda intensidade, toda a disposição de trabalho que você sempre teve, Eli. Vamos nessa, véi. Estamos sentindo tua falta, mas já, já tenho certeza que quando você se recuperar, no seu tempo, vamos estar todo mundo junto novamente, pilhando as coisas, viu? Beijão compadre, fique bem, fique bem, você e Cacau, beijão

Luciano: Grande, Eli. Quem tá falando aqui é Luciano Mariz, rapaz. Fiquei sabendo da sua situação, que coisa, né? Nossa, fiquei muito surpreso, mas quero que você fique sabendo que eu estou aqui torcendo muito por você. Estou liberando todas as boas energias e vibrando da melhor forma possível porque você vai sair daqui a pouco dessa situação. Daí a gente vai poder se encontrar, para você me contar com mais detalhes essa experiência. Fique bem, fique forte, viu? Fique sabendo que tem muita gente aqui que eu tenho conversado, que está torcendo por você, que estamos todos fazendo uma corrente muito massa, esperando você sair dessa daqui a pouco para gente poder comemorar a sua vida, viu? Um grande abraço e estou esperando o seu retorno aqui para a gente se encontrar, para gente bater aquele papo, viu? Um grande abraço, irmão. Fique bem

João: Eli, cara. Aqui é João. Eu estou torcendo muito por você, quero que você saia logo dessa para a gente continuar a falar do mundo, como a gente sempre conversou. Você é meu amigo mais antigo de arte e mídia e ainda tem muita história para a gente conversar junto. Trocar muita ideia, torcendo muito por você. Abração, beijo para todo mundo

Locutor 16: E aí, professor Eli. Passando para mandar um *good vibes vibration* que já, já estaremos pelo mundo trabalhando e nas lutas. Estamos aqui, precisando de você. Forte abraço!

Fabiano: Fala, meu irmãozinho querido. Aqui quem vos fala é Fabiano Raposo. Eu espero que você esteja se sentindo melhor e que você esteja na pronta recuperação, viu? Não esqueça que você está me devendo um rolê de *mountain bike*. Quando você estiver bem, quando as coisas estiverem melhores, não esqueça, vou arranjar uma *mountain bike* aqui em Campina Grande para dar um rolê com você, não se esqueça disso de jeito nenhum. Estou aqui na torcida por você. Não só eu, tem gente demais que ama você e que está na torcida. Tenho certeza absoluta que você vai sair dessa. Você não merece esse lugar que você está aí. Você é foda. Você vai sair dessa. Um abraço, um cheiro e tudo, tudo do melhor do mundo para você querido, cheiro, nos dois lados do cangote

Bruno: Eli, aqui é Bruno Pato, que a gente se conhece há mais de vinte anos, quantas vezes a gente foi para Campina Grande, pegando aquele ônibus de cinco horas da manhã para chegar e você assistir aula e eu ir dormir, perder minha aula de engenharia elétrica, mas força aí cara. Saiba eu gosto muito de você, sou seu fã também, admiro muito o seu trabalho, você como pessoa, sempre foi um exemplo para mim, para Leo. Você é pessoa íntegra, que trabalhava, batalhava muito por tudo e está aí bem. Então, melhora para você voltar a editar e ser esse grande editor, montador, finalizador, colorista, que temos. Força e abraços e muitos abraços, beijos

Metilde: Querido, aqui é a Metilde, que o grande Pai restaure muito em breve sua saúde e você possa voltar para sua casa, para sua Cláudia, porque nós temos muita coisa para fazer e ano que vem nós teremos muita mídia pra entregar, nós precisamos derrubar o Bozo. Você faz parte

dessa luta. Venha, estamos todos te esperando. Sua família, seus amigos, seu amor. Venha logo, querido. Estamos aqui.

Nina: Eli, querido, sou eu, Nina. Passando aqui para te mandar as mais lindas energias, para dizer o quanto você é importante, o quanto você é querido. Você precisa ver como o fórum está lindo de mensagens de carinho, precisa ver essa vibração que alguma coisa que você luta tanto pra gente se unir para estarmos todos juntos e olha que coisa bonita que você está fazendo com todos, estamos todos aqui de coração abertos te mandando essa energia linda para que você se recupere, que venha logo pra sua luta e você venha tomar parte desse posto que é tão teu, neste posto de nosso incentivador, nosso maestro, nosso amigo, sobretudo, nosso amigo, nosso amigo querido. Que Deus abençoe, que todas as forças do universo te cubram nesse momento, meu querido e volta logo, tá certo? Te amo, Eli

Locutor 17: Olá, Eli. Eu estou sabendo que você está resistindo. Bom, ao saber disso, eu mandei um e-mail pra você já há dois dias e, notadamente, você vai abrir quando você sair daí. Bom, você é um cara sempre constante na minha relação com o cinema. Eu nunca esqueço as noites, os impasses em torno do Jarro, Borges, agradeço muito a você, viu amigo? E com certeza quando passar essa pandemia e a gente poder se encontrar eu quero dar um grande abraço em você, tá bom? E vamos andar de *bike* que eu ando também, viu? Beijo Eli, um beijo grande

Bebeu: Grande Eli, aqui é Bebel que está falando. A gente não se conhece pessoalmente, mas admiro demais o seu trabalho ainda mais como pessoa. Então, você vai conseguir superar essa com muita força, daqui a pouco você estará presenteando a gente novamente com sua participação e sua arte. Força aí, cara

Locutor 18: Ei, Eli. Passando aqui para desejar rápidas melhoras, que saia logo dessa, temos ainda muitas lutas pela frente, muita coisa para acontecer, muito socialismo para implantar e boas práticas. Meu, a gente está só te esperando e quando essa porra toda passar, a gente vai celebrar isso tudo juntos e enfim, fazer ao vivo, trocar uma ideia, beber uma cerveja o que a vida precisa é isso, tá? Um beijo enorme, Eli e estamos aqui para o que precisar

Franz: Oi, Eli. Aqui é Franz, estou mandando esse áudio para dizer que está todo mundo aqui na torcida, mandando boas energias pra você. Torcendo para que o mais rápido possível você esteja com a gente brigando pelo Brasil, discutindo política, falando de cinema, trabalhando, produzindo, enfim. Fique bom logo, a gente está esperando você aqui para gente estabelecer a ursene nesse país, Grande abraço, meu amigo, fique bom

Juliana: Oi Eli, tudo bom? É Juliana Terra aqui, estou te mandando esse áudio para desejar super melhoras e tenho mandado muitas boas energias para você, você está nas minhas orações, te mandei uma mensagenzinha também no Twitter e eu sei que logo mais você vai ler tudo, vai ver tudo e vai entender o quanto você é querido e necessário para a gente e humano. Uma coisa quando eu penso, eu sempre penso nisso, uma pessoa que tenta sempre dialogar, que é muito justo que sempre se coloca nas situações e que é um exemplo em vários sentidos e que é muito importante, é muito querido e eu agradeço todos os momentos que eu pude estar contigo tanto presencialmente, quanto virtual e em todas as vezes em que você acolheu qualquer dúvida ou qualquer questionamento ou qualquer insegurança e espero que você esteja logo com a gente, eu sei que você vai estar, mas quero que seja logo e sei que logo mais você vai sair dessa e a

gente vai poder continuar na nossa luta, tão necessária e enfim, é isso. Desejo os melhores, melhores, rápidas e espero que você fique muito feliz com todo esse carinho que você está recebendo, está bem bonito mesmo no Fórum ver tanta gente mobilizada, para você ter ideia como você toca tantas pessoas e é isso. Um beijão e até breve

Celi: Oi, Eli, querido. Aqui é Celi, mandando essa mensagem para dizer que estou torcendo muito pela sua recuperação o quanto antes. Você é uma pessoa muito importante para o audiovisual paraibano. Você como profissional e você como militante. Então, estamos todos aqui na torcida para que você saia o quanto antes dessa e esteja aqui com a gente pra que em breve todo mundo possa se abraçar muito nos *sets* da vida, viu? Um abração querido pra você e para sua esposa

Lunara: Eli, amigo. Aqui é Lunara. Estamos aqui numa grande corrente de carinho e vibrações boas, emanando energia para a sua cura. Você é muito querido, viu? Muito querido por todos. Tem uma história massa de resistência e vai superar mais esse obstáculo. Sinta-se abraçado por todos os seus companheiros de luta, por todos os seus amigos, está todo mundo aqui numa vibração só. Você é forte e você consegue. A gente tem muita história ainda para escrever junto, a gente tem muito filme ainda para fazer. Esperando por você aqui, amigo. Um beijo.

QUANTIFICAÇÃO DE ÓBITOS POR COVID-19 SEGUNDO A DATA DO FALECIMENTO

Nome Completo / (enlutada)	Ano de nascimento	Data de morte	Número de mortos no dia da morte da vítima
Adriano Henriques Cosmo da Silva	1964	09 de julho de 2021	1.387 Brasil registra mais de 539 mil mortes de Covid na pandemia; em queda, média móvel é a mais baixa desde 1º de março Coronavírus G1 (globo.com)
Ely Marques Ferreira	1981	03 de abril de 2020	365 Casos de coronavírus no Brasil em 3 de abril Coronavírus G1 (globo.com)
Anderson Costa	1975	11 de junho de 2021	2.216 Covid-19: Brasil registra 17,2 milhões de casos e 484,2 mil mortes - 11/06/2021 - UOL Notícias
Bernardo Wanghon Maia	1938	10 de janeiro de 2021	483 https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/10/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-10-de-janeiro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml
Roberto Cintra de Oliveira	1964	21 de julho de 2021	1.170 Brasil ultrapassa 545 mil mortes por Covid; média móvel é a menor desde 26 de fevereiro Coronavírus G1 (globo.com)
Edvaldo Bezerra de Moura	1954	03 de abril de 2021	1.931 Com quase 2 mil óbitos em 24h, Brasil ultrapassa 330 mil mortos por covid - 03/04/2021 - UOL Notícias

Mário Lúcio Fortes Bustamante de Siqueira	1962	26 de abril de 2021	1.279 Brasil passa de 392 mil mortes por Covid; nenhum estado tem alta nos óbitos pela 1ª vez desde criação do consórcio de imprensa Coronavírus G1 (globo.com)
Alexandre Borges Pereira Reis	1957	27 de dezembr o de 2020	331 Brasil passa de 191 mil mortes por Covid-19 Coronavírus G1 (globo.com)
Maria Vilma Gomes Ottero	1954	16 de maio de 2021	1.915 Brasil tem 446,5 mil mortes por Covid e se aproxima de 16 milhões de casos Coronavírus G1 (globo.com)
Hélio Henrique Alves	1951	31 de julho de 2020	1.191 Brasil passa de 92 mil mortes por Covid-19; média de óbitos na última semana é de 1.026 Coronavírus G1 (globo.com)
Juliano Arruda da Silva	1985	08 de abril de 2021	4.190 Com 4.190 mortes por Covid em 24 horas, Brasil tem segundo pior dia na pandemia Coronavírus G1 (globo.com)
Ronaldo do Carmo Pascualetto	1978	03 de maio de 2020	275 Casos de coronavírus e número de mortes no Brasil em 20 de maio Coronavírus G1 (globo.com) Cronologia da pandemia de COVID-19 em maio de 2020 – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)
Pedro Glauco Coelho Lopes	1967	08 de junho de 2021	1.714

			Brasil registra mais de 480 mil mortes por Covid-19, com 2.344 em 24h Coronavírus G1 (globo.com)
Maria de Moraes Leite Filha	1937	07 de julho de 2020	1.312 Brasil tem 1.312 mortes por coronavírus em 24 horas, mostra consórcio de veículos de imprensa; são 66.868 no total Coronavírus G1 (globo.com)
Daniel Tiago Omena Melo	1982	02 de abril de 2021	2.807 Brasil tem média de mortes acima de 3 mil pelo segundo dia seguido (uol.com.br)
Rogério Theodoro de Brito e seus pais	1976	26 de abril de 2021	1.279 Brasil passa de 392 mil mortes por Covid; nenhum estado tem alta nos óbitos pela 1ª vez desde criação do consórcio de imprensa Coronavírus G1 (globo.com)
Licinha Pitanga Félix	1943	22 de janeiro de 2021	1.071 Brasil ultrapassa 215 mil mortes por Covid, com 1.071 registradas em 24 horas Coronavírus G1 (globo.com)
Erasmus Pereira de Araújo	1967	24 de março de 2021	2.279 Brasil registra 90.504 novos casos de Covid em 24 horas, no dia em que supera marca de 300 mil mortos Coronavírus G1 (globo.com)
Fernando Francisco Monteiro	1965	19 de maio de 2021	1.944 Brasil tem 446,5 mil mortes por Covid e se aproxima de 16 milhões de casos Coronavírus G1 (globo.com)

Ibrahim Ayach	1963	29 de junho de 2021	1.917 Brasil registra 1.917 mortes por Covid em 24 horas; total passa de 516 mil Coronavírus G1 (globo.com)
Marcello Vitor	1987	15 de junho de 2021	2.760 Covid: Brasil registra 2.760 novas mortes e ultrapassa 490 mil óbitos (uol.com.br)
Maria Augusta Oliveira da Silva	1925	31 de dezembro de 2020	1.036 Brasil registra 1.036 mortes por coronavírus; total chega a 194.976 óbitos Coronavírus G1 (globo.com)
Jorge Lourenço Junior	1955	26 de março de 2021	3.600 Mortes por Covid: Brasil bate recorde com 3.600 óbitos em 24h (uol.com.br)
Nelson Filipe Neto Maia	1970	20 de julho de 2021	1.197 Brasil ultrapassa 545 mil mortes por Covid; média móvel é a menor desde 26 de fevereiro Coronavírus G1 (globo.com)
Zeíla Duarte Lopes	1934	17 de janeiro de 2021	518 Com 518 óbitos por Covid-19 em 24h, Brasil chega a quase 210 mil Coronavírus G1 (globo.com)
Jonas Barbosa do Espírito Santo	1966	17 de agosto de 2020	684 Covid-19: país tem 108,5 mil mortes e 3,35 milhões de casos acumulados Agência Brasil (ebc.com.br) Cronologia da pandemia de COVID-19 em agosto de 2020 – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)

Efigênio Manoel	1955	30 de maio de 2020	1.124 Casos de coronavírus e número de mortes no Brasil em 29 de maio Coronavírus G1 (globo.com)
Joana Darc Monteiro Elias	1958	15 de março de 2021	Brasil registra média de 1.855 mortes diárias por Covid-19 e bate novo recorde

ANEXO

ANEXOS

CARTA DE ENCAMINHAMENTO DO PROGRAMA (PPGA)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CARTA Nº 1 / 2023 - PPGA (11.01.35.05)

Nº do Protocolo: 23074.002163/2023-54

Rio Tinto-PB, 13 de Janeiro de 2023

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Certificamos, para os devidos fins, que o aluno Weverson Bezerra Silva, CPF nº 088.678.674-66, é aluno regular da Pós-Graduação em Antropologia da UFPB, sob a matrícula de nº 20211009244, no curso de DOUTORADO, na linha de pesquisa *Corpo, Saúde, Gênero e Geração*, sob orientação da professora MONICA LOURDES FRANCH GUTIERREZ, com trabalho de pesquisa intitulado **"Terminalidade e post-mortem: a gestão das mortes e dos mortos e os modos de produção de memória na pandemia de Covid-19"**.

(Assinado digitalmente em 16/01/2023 11:37.)

MARCO AURELIO PAZ TELLA
COORDENADOR DE CURSO
Matrícula: 1722411

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpb.br/documentos/> informando seu número: 1, ano: 2023, documento(espécie): **CARTA**, data de emissão: 13/01/2023 e o código de verificação: **e769ee5143**

COMITÊ DE ÉTICA

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Estado, populações e políticas locais no enfrentamento à pandemia de Covid-19: análise social e diretrizes de ação e intervenção não farmacológica em populações em situação de vulnerabilidade e precariedade social

Pesquisador: Sônia Weidner Maluf

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 44876821.7.1001.5540

Instituição Proponente: Instituto de Ciências Humanas

Patrocinador Principal: JBS S/A

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.644.496

Apresentação do Projeto:

A Pesquisa "Estado, populações e políticas locais no enfrentamento à pandemia de Covid-19: análise social e diretrizes de ação e intervenção não farmacológica em populações em situação de vulnerabilidade e precariedade social" visa elaborar diretrizes e ações para intervenções não farmacológicas no combate à pandemia de COVID-19. Para tal, serão analisados as diferentes respostas e ações não farmacológicas de enfrentamento à pandemia de Covid-19, praticadas tanto através das políticas estatais de saúde quanto das políticas locais de diferentes populações em situações de precariedade social e de vulnerabilidade, como mulheres, idosos, crianças, pessoas com comorbidades e deficiências, população carcerária e pacientes psiquiátricos.

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com a Pesquisadora, o objetivo geral da proposta é analisar as diferentes respostas sociais praticadas tanto através das políticas públicas de saúde quanto das políticas locais das diferentes populações em situações de precariedade social, em risco e vulnerabilidade citadas neste projeto.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com a Pesquisadora, os riscos identificados na elaboração da proposta são os seguintes:

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 4.644.496

1) Como a pesquisa será feita ainda durante a pandemia, a maior parte da pesquisa de feita enquanto durar o isolamento social será feita remotamente, via redes sociais, formulário Google, contatos online com os entrevistados. Em alguns casos específicos, a pesquisa demanda contato presencial. Nessas situações, todas as medidas de proteção, como distanciamento, uso de máscaras e álcool gel, entre outras, serão tomadas pelas pesquisadoras e pelas pesquisadas, no intuito de minimizar os riscos de contágio.

2) Como o tema pesquisado envolve adoecimento, isolamento social, risco de morte, e mobiliza emoções como medo, angústia, solidão, luto, entre outras, estaremos atentas ao risco de gerar mal-estar junto aos entrevistados ao abordar determinados temas. Ao identificar a presença de algum mal-estar, estaremos atentas para interromper a entrevista e mesmo cancela-la, sempre com a possibilidade da entrevistada desistir de continuar participando da pesquisa. Além disso, estaremos à disposição para todo tipo de apoio que se fizer necessário em função de situações que possam ser desencadeadas pela situação de entrevista, inclusive apoio psicossocial através dos serviços de atendimento psicossocial das universidades envolvidas no projeto.

3) Uma pesquisa feita no calor dos acontecimentos, no momento mesmo da urgência sanitária, pode levar a análises apressadas e inconsistentes. Por isso também estaremos atentas a fazer um registro detalhado e rigoroso dos dados de campo, assim como uma leitura e análises detalhados buscando entender todos os aspectos envolvidos, comparando com outras situações similares e buscando apoio na literatura específica da área sobre o tema.

Quanto aos benefícios, a Pesquisadora aponta:

1) Compreensão dos impactos sociais da pandemia em diversas populações e comunidades em situação de vulnerabilidade e precariedade social;

2) Compreensão do alcance e dos limites das políticas sanitárias adotadas;

3) Contribuição para a avaliação e elaboração de políticas públicas e elaboração de diretrizes e propostas de ação e intervenções não farmacológicas diante da epidemia.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa está adequado às exigências das Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

**UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE**



Continuação do Parecer: 4.644.496

complementares.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A Pesquisadora forneceu todos os termos de apresentação obrigatória, exceto o Termo de Aceite Institucional cuja não apresentação foi devidamente justificada.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto de pesquisa está adequado às exigências das Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e complementares.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1719745.pdf	24/03/2021 18:14:59		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	cep_CHS_tcle_PROJ_COVID.doc	24/03/2021 18:14:24	Sônia Weidner Maluf	Aceito
Declaração de concordância	ACEITEINSTITUCIONAL_JUSTIFICATIVA.pdf	19/03/2021 11:42:38	Sônia Weidner Maluf	Aceito
Outros	Instrumento_coletadadedados.pdf	19/03/2021 11:07:19	Sônia Weidner Maluf	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_PROJETO_COVID.pdf	19/03/2021 10:13:03	Sônia Weidner Maluf	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	18/03/2021 18:02:54	Sônia Weidner Maluf	Aceito
Declaração do Patrocinador	CONTRATOS_DOACAO_JBS_FADE_UFPB.pdf	18/03/2021 17:48:29	Sônia Weidner Maluf	Aceito
Outros	CARTA_DE_REVISAO_ETICA_assinado.pdf	18/03/2021 17:40:28	Sônia Weidner Maluf	Aceito
Outros	CARTA_DE_ENCAMINHAMENTO_assinado.pdf	18/03/2021 17:39:49	Sônia Weidner Maluf	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CARTAS_DE_ANUENCIA_UNIVERSIDADE.pdf	18/03/2021 17:38:59	Sônia Weidner Maluf	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_covid_CEP.pdf	18/03/2021 17:36:43	Sônia Weidner Maluf	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 4.644.496

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 12 de Abril de 2021

Assinado por:

MARCIO CAMARGO CUNHA FILHO
(Coordenador(a))

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70 910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

CARTA DE ENCAMINHAMENTO DO PROJETO

CARTA DE ENCAMINHAMENTO

Ao

Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília

Senhor/a Coordenador/a,

Eu, *Sônia Weidner Maluf*, RG nº 3089973 – SSP/SC, encaminho o projeto de pesquisa intitulado *“Estado, populações e políticas locais no enfrentamento à pandemia de Covid-19: análise social e diretrizes de ação e intervenção não farmacológica em populações em situação de vulnerabilidade e precariedade social”* para revisão ética por parte deste Comitê.

Natureza do projeto: Projeto de pesquisa em rede envolvendo diversos subprojetos de graduação (Iniciação Científica), pós-graduação (Mestrado e Doutorado) e pesquisa avançada.

Instituições as quais o projeto está vinculado: UFPB (sede), UnB, UFSC, UFAM, Unicentro/PR, UFPA.

Pesquisador/a responsável: Sônia Weidner Maluf

Link para o *lattes*: <http://lattes.cnpq.br/8292062616231105>

E-mail pra contato: soniawmaluf@gmail.com

Equipe de pesquisa:

Mônica Franch (UFPB, coordenadora) - <http://lattes.cnpq.br/3848871240061464>

Soraya Fleischer (UFPB – Coordenadora) - <http://lattes.cnpq.br/4854939558671572>

Ana Paula Muller de Andrade (Unicentro) - <http://lattes.cnpq.br/1148391460509018>

Ednalva Neves (UFPB) - <http://lattes.cnpq.br/7766410071856075>

Fátima Weiss (UFAM) - <http://lattes.cnpq.br/4689197153811481>

Luziana Fonseca Silva (UFPB) - <http://lattes.cnpq.br/6583873422051307>

Marcia Longhi (UFPB) - <http://lattes.cnpq.br/6213186075424256>

Mirella Alves de Brito (Transes – UFSC) - <http://lattes.cnpq.br/8283960985370963>

Pedro Guedes do Nascimento (UFPB) - <http://lattes.cnpq.br/0419711056417011>

Rosamaria Giatti Carneiro (UnB) - <http://lattes.cnpq.br/5760185568410598>

Instituição onde será realizada a pesquisa: sendo um projeto em rede, a pesquisa será realizada nas redes sociais e junto a usuários do SUS, trabalhadores da saúde e lideranças comunitárias e de movimentos sociais.

Início da pesquisa/fase de coleta de dados: 03 de maio de 2021

Eu me comprometo a iniciar a pesquisa/fase de coleta de dados apenas quando houver a aprovação ética de meu projeto de pesquisa por parte do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS)

Trata-se de um projeto que envolve uma rede de abrangência nacional, com pesquisadoras e estudantes de graduação, mestrado e doutorado de seis universidades

(UnB, UFPB, UFSC, UFAM, Unicentro/PR, UFPA). A pesquisa financiamento da empresa JBS S.A. e apoio institucional e estrutural das universidades integrantes.

O projeto tem como foco analisar os impactos sociais da pandemia de Covid-19 em suas múltiplas dimensões e complexidade e elaborar propostas de intervenção não farmacológica, em diálogo com ações já desenvolvidas em termos de políticas públicas e levando em consideração as respostas locais à pandemia de diferentes comunidades e grupos sociais.

O projeto envolve os seguintes eixos de pesquisa de campo: pesquisas junto a usuários do SUS, buscando entender experiência de adoecimento, trajetórias terapêuticas e impactos da pandemia na vida cotidiana, trabalho, saúde mental; pesquisa junto a serviços de saúde, hospitais, unidades básicas, buscando conhecer as rotinas e protocolos institucionais de atendimento e cuidado e a experiência dos trabalhadores e trabalhadoras da saúde; pesquisa junto a comunidades, lideranças comunitárias e de movimentos sociais, buscando compreender as compreensões e formas e estratégias locais de enfrentamento à pandemia, demandas e necessidades.

Enquanto instrumentos de coleta de dados serão utilizadas as redes sociais como fonte de informações, narrativas públicas, grupos e comunidades virtuais; entrevistas roteirizadas com enfoque narrativo (conforme roteiros gerais em anexo, que serão adaptados a cada situação específica), remotamente durante o isolamento social na pandemia (via email, whatsapp, Skype, formulários google e outros recursos) e em algumas situações presencialmente, desde que tomados todos os cuidados para que não aconteça transmissão do vírus (uso de máscaras mais eficazes, higienização com álcool gel, escolha de espaços abertos e ventilados).

É importante informar que vários projetos específicos vinculados a este projeto mais abrangente já passaram pelo CEP, conforme certidões em anexo. No entanto, por exigência da financiadora, estamos submetendo o projeto mais amplo ao CEP. Nesse sentido, tanto os instrumentos de coleta que apresentamos, quanto os TCLEs são gerais para cada tipo de interlocutor de pesquisa e entrevistado, sendo que em cada pesquisa específica, serão detalhados com os dados dos pesquisadores, contato, etc.

Em função do futuro ingresso de novos estudantes ao projeto, qualquer modificação ou acréscimo de instituição ou comunidade e sujeitos de pesquisa ao projeto será submetido na forma de aditivo a esta solicitação em seu devido tempo.

Estou à disposição para outros esclarecimentos.

Atenciosamente



Documento assinado digitalmente:
Sônia Weidner Maluf
Data: 16/03/2023 17:12:41 -0300
CPF: 441.181.180-48
Verifique as assinaturas em <https://s3.ufsc.br>

Profa. Dra. Sônia Weidner Maluf
Coordenadora do Projeto

CARTA DE ANUÊNCIA AVICO



CARTA DE ANUÊNCIA

Avaliamos o projeto de Pesquisa "Terminalidade e post-mortem: a gestão das mortes e dos mortos e os modos de produção de memória na pandemia de Covid-19", de Weverson Bezerra Silva (discente do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB), sob a orientação da Profa. Mônica Franch (Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB) e, em nossa avaliação, a Avico Brasil - Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas de Covid-19 poderá participar como instituição colaboradora do referido projeto. Ressaltando ainda, que é de responsabilidade do pesquisador todo e qualquer procedimento metodológico, bem como o cumprimento da Resolução 446/12, sendo necessário após a conclusão da pesquisa o encaminhamento de uma cópia para nossa entidade.

Porto Alegre, 29 de maio de 2023.

Paola Falceta da Silva
Presidente

AVICO – Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas de COVID-19
Avenida Carlos Gomes, nº 111, conjunto 1101 Bairro Auxiliadora, CEP 90480-003, Porto Alegre/RS
avicobrasil@gmail.com
www.avicobrasil.com.br

CARTA DE ANUÊNCIA DO MEMORIAL DAS VÍTIMAS DA COVID-19

**DECLARAÇÃO DE VOLUNTARIADO**

Declaramos para os devidos fins de comprovação que WEVERSON BEZERRA SILVA, portador do CPF nº 088.678.674-66, RG: 3.439.146, fez parte do quadro de voluntários da Rede apoio Covid-19: Acolhimento, escuta e memória da pandemia, como editor do memorial das Vítimas do Coronavírus no Brasil, no período de julho de 2020 até a presente data.

Atenciosamente,

João Pessoa (PB), 19 de maio de 2023

Documento assinado digitalmente por
ELISIANA TRILHA CASTRO
 Data: 2023.05.19 14:56:04 -0300
 Verifique em <https://portal.trilha.gov.br>

Elisiana Trilha Castro
 Rede de Apoio Covid



CARTA DE MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDO CEMITERIAIS



DECLARAÇÃO DE FILIAÇÃO

A **Associação Brasileira de Estudos Cimiteriais (ABEC)**, inscrita no CNPJ 21.612.105/0001-71 declara que **WEVERSON BEZERRA SILVA**, portador(a) do CPF nº 088.678.674-66, pertence ao quadro de sócios contribuintes sob a matrícula 095-20, do período de agosto/2022 - agosto/2023, tendo cumprido os requisitos legais e exigências do estatuto e devendo atentar-se, em seu exercício profissional ou de pesquisa, ao código de ética da referida associação.



Eliana Trilha Castro
Presidente da Associação Brasileira de Estudos Cimiteriais (ABEC)
Gestão 2017 - 2021



Código do Certificado: 1965497A48A982F54810510 - Verifique autenticidade em: e-certificado.com

FESTA DE OTTO COM HOMENAGEM AO AVÔ ADRIANO



O VIOLÃO DE MÁRIO E A CORDA QUEBRADA



PERTENCES PESSOAIS DE DANIEL DISPOSTOS AO LADO DO MONITOR HOSPITALAR DURANTE O PERÍODO DE SUA INTERNAÇÃO POR COVID-19



AÇÃO SOLIDÁRIA EM MEMÓRIA DE JONAS E TATUAGEM

AÇÃO SOLIDÁRIA

**SÁBADO
14 AGO**

**Praça Getúlio
Vargas - Centro
Nova Friburgo
Às 13H**



**Em memória do companheiro,
Jonas Barbosa do Espírito Santo,
da P-43, vítima da Covid-19, há 1 ano**



LICINHA NA ELABORAÇÃO E FABRICAÇÃO DE MÁSCARAS DE TECIDO



ÚLTIMA AÇÃO DE FERNANDO: LAVAR E COLOCAR NO VARAL AS MÁSCARAS E O CORDÃO RELIGIOSO.



MENSAGEM PARA JORGE, DE SUA ESPOSA RUTH

Jorge,

Naquele dia 12 de março, quando te levei pro hospital na ambulância do SAMU, não achei que seria o último dia que te veria... eu tinha razão, continuo te vendo em cada flor, no por do sol, na lua... te escuto no vento, no quebrar das ondas, nas vozes do Miguel e Arthur... no abraço deles também te sinto.

Ainda assim a saudade machuca, doe... esteja bem, e onde você estiver receba meu carinho.

Você é nossa Estrela do Mar, que brilha também no céu... continue brilhando...

Muito amor da sua Sereia e seus Peixinhos.



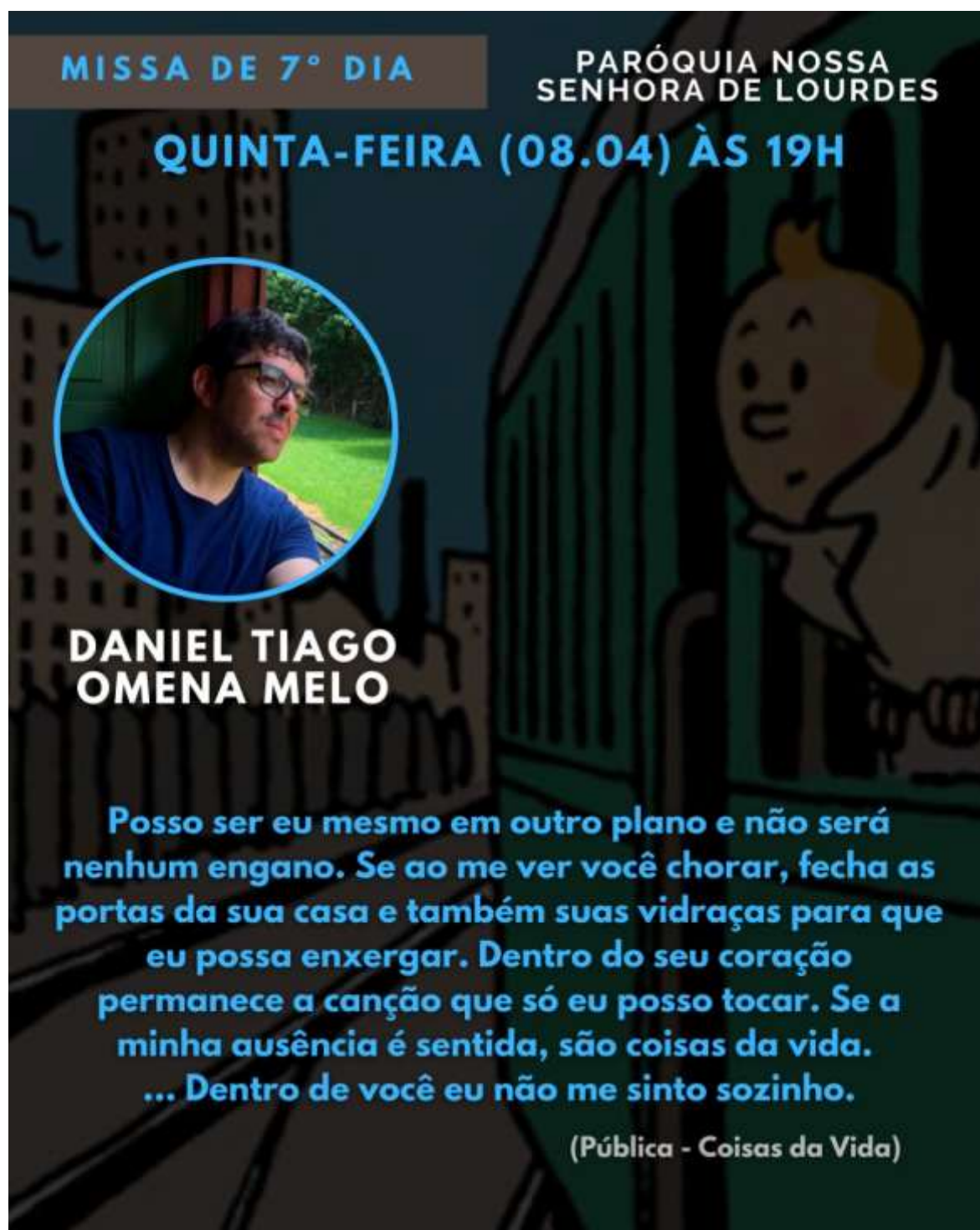
SANTINHO DE JULIANO ARRUDA



SANTINHO DE BERNARDO WANGHON



CONVITE PARA A MISSA DE 7º DIA DE DANIEL TIAGO

The poster features a dark green background with a faint, stylized illustration of a city skyline and a cartoon character with a large head and a small body, wearing a white shirt and a tie. The text is in white and blue. At the top left, it says 'MISSA DE 7º DIA'. At the top right, it says 'PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE LOURDES'. In the center, it says 'QUINTA-FEIRA (08.04) ÀS 19H'. Below this, there is a circular portrait of Daniel Tiago Omena Melo, a man with glasses and a blue shirt. Below the portrait, his name 'DANIEL TIAGO OMENA MELO' is written in white. At the bottom, there is a quote in blue text: 'Posso ser eu mesmo em outro plano e não será nenhum engano. Se ao me ver você chorar, fecha as portas da sua casa e também suas vidraças para que eu possa enxergar. Dentro do seu coração permanece a canção que só eu posso tocar. Se a minha ausência é sentida, são coisas da vida. ... Dentro de você eu não me sinto sozinho.' and at the very bottom, in white text, '(Pública - Coisas da Vida)'.

MISSA DE 7º DIA

**PARÓQUIA NOSSA
SENHORA DE LOURDES**

QUINTA-FEIRA (08.04) ÀS 19H



**DANIEL TIAGO
OMENA MELO**

**Posso ser eu mesmo em outro plano e não será
nenhum engano. Se ao me ver você chorar, fecha as
portas da sua casa e também suas vidraças para que
eu possa enxergar. Dentro do seu coração
permanece a canção que só eu posso tocar. Se a
minha ausência é sentida, são coisas da vida.
... Dentro de você eu não me sinto sozinho.**

(Pública - Coisas da Vida)

SANTINHO DE MARIA AUGUSTA

Maria Augusta Oliveira da Silva – Marucha

☆27/12/1925 †31/12/2020



“Porque o que se leva dessa vida, coração
É o amor que a gente tem pra dar.”

Antonio Barros e Cecéu

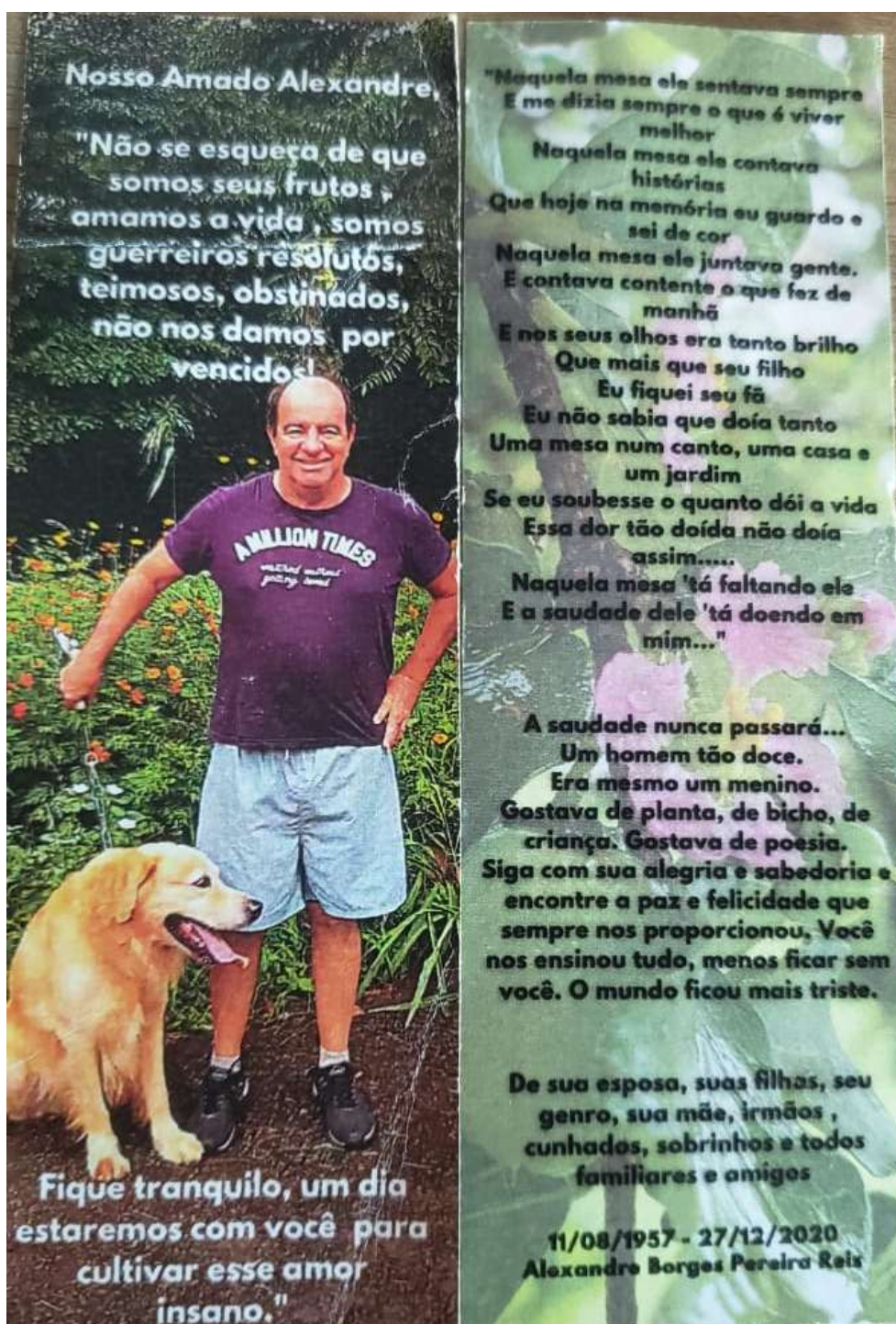
SANTINHO DE JONAS BARBOSA

Março De Luto Pelas Vítimas da Covid-19



Jonas Barbosa
01/01/1966
+16/08/2020

SANTINHO DE ALEXANDRE BORGES



DESABAFO DE FERNANDA SOBRE O QUE OCORREU NA DOENÇA E FALECIMENTO DO MEU PAI

Esse é um desabafo meu sobre o que ocorreu na doença e falecimento do meu pai. Não é positivo, é pesado, mas, serve de alerta para outros. Aprendemos coisas que gostaríamos de saber logo que meu pai foi diagnosticado...

Meu pai teve sintomas, fomos ao pronto socorro e o teste deu positivo para Covid, o início foi leve. Dor de cabeça, garganta, dor no corpo... Orientação dos médicos: toma azitromicina e ivermectina e vai para casa ficar em isolamento. Não foi proposto nenhuma forma de monitoramento.

Compramos e usamos um oxímetro por nossa conta, e, sem conseguir qualquer orientação. Meu pai piorou, sentiu mais indisposto, cansado e fomos ao pronto socorro novamente. O médico despreparado, falou que ele estava ótimo e mandou ele pra casa do mesmo modo sem maiores exames ou recomendações. Disse inclusive que não adiantava tomografia, porque, se tivesse qualquer problema, nada poderia fazer.

Não aceitamos isso, falamos que queríamos pelo menos exame de sangue e o pronto-socorrista relutantemente pediu. Logo que saiu vimos o resultado na internet e ficamos muito aflitos.

Procuramos desesperadamente um médico da Unimed que atendesse Covid. Todos só atendiam após a quarentena, partimos para um particular. Custamos a achar, mas, encontramos. O médico pediu tomografia e o pulmão dele estava 22% tomado. Entrou com antibiótico, fisioterapia em casa com máscara, mas, ele foi piorando.

A máscara que o home-care trouxe era horrível de tamanho inadequado para o rosto dele e machucava. Falaram que ia trocar. O cateter também era inadequado, saía facilmente, ficava exposto, podendo ser fonte de infecções.

Estávamos aflitos e com medo. Meu pai tinha passado uma noite sem dormir, incomodado, oxigenação caindo... O médico falou que a decisão de internar ou não era nossa... Que tudo que ele teria no hospital, estava tendo em casa. Com receio de não saber o melhor a fazer, internamos. Minha irmã estava com Covid acabando a quarentena, e, deixaram ficar com ele. A previsão de alta era em apenas 3 dias.

Meu pai amanheceu muito melhor. Falou que se soubesse que era tão bom tinha ido antes. O hospital tinha outros recursos sim, inclusive o oxigênio que o médico não tinha passado para usar em casa. Apesar disso, mesmo no quarto do hospital, não tinha oxímetro (levamos o de casa) e nem monitoramento contínuo de sinais vitais.

Como meu pai amanheceu bem, minha irmã veio pra casa descansar, e, iria voltar final de tarde. Logo após o almoço, entretanto, meu pai ligou pedindo pra retornar. Ele passando muito mal, com calor, falta de ar, a enfermagem custava a vir. Minha irmã voltou correndo.

Infelizmente ao longo do dia meu pai piorou e precisou de mais volume de oxigênio. Inclusive, o tubo de oxigênio saiu e ela muito aflita chamou a enfermeira por várias vezes e quando esta finalmente chegou falou “que ela estava pedindo, porque não tinha recolocado “... Minha irmã respondeu que não era enfermeira e não sabia como fazer. A enfermeira falou que então ele devia ir pra UTI porque lá elas tinham muitos pacientes e não tinham como dar atenção.

Meu pai mesmo passando muito mal ficou horas para ser internado na UTI. Apesar disso, o quadro era estável e a previsão de alta se manteve. Na manhã seguinte, a UTI faz uma chamada de vídeo e meu pai desesperado fala que estavam matando-o, pra tirar ele de lá. Que ele passou sede a noite inteira, que não mudaram ele de posição, que ninguém o atendia.

Ficamos em pânico e correndo atrás de vaga de UTI em outro hospital, conseguimos. A tarde a UTI fez outra videochamada e meu pai já estava bem diferente...

Havia sido reclamado com um dos diretores do hospital sobre o ocorrido, e, os médicos passaram lá explicaram pro meu pai que o jejum de água era pelo risco de entubamento, que a posição era parte do protocolo e que não podia mudar ... Meu pai ligou a tarde com a cara boa, falou que os médicos passaram e explicaram o que estava sendo feito, que os antibióticos estavam fazendo efeito... Mudou da água para o vinho seu estado de espírito, seu conforto... Nem quis mais trocar de hospital.

As videochamadas que mencionei, eram feitas da UTI Covid já que não eram permitidas visitas. Só que, elas aconteciam em alguns dias, outros não e não tinham hora marcada... Ficávamos em constante estado de alerta na esperança da chamada...

A internação continuou e as perspectivas eram boas. Só que ele foi piorando apesar do esperado. Por fim foi necessária a intubação. Vivíamos respirando só a cada boletim. A força e a dor da esperança...

A forma com que eram dados os boletins era péssima, de manhã éramos obrigados a passar no hospital pra pegar um papel. Não mandavam por WhatsApp... A alternativa, seria só por um telefone que só dava ocupado. O hospital nos expunha a riscos desnecessários. Ainda, muitas vezes atrasava e era uma tensão enorme, com a qual ficávamos lá parados esperando.

A tarde o médico dava o boletim pessoalmente. Só que era apenas um familiar que permitiam, não importa o quão nervoso estivesse. Era uma fila de familiares na porta da UTI Covid, sem qualquer privacidade e um desespero pois se alguém passasse mal, o médico atrasava, e ficávamos, pensando o que estaria ocorrendo... Fora a exposição pelo local, era literalmente na porta da UTI. A impressão que passa é que quiseram economizar, e, durante o próprio plantão o médico precisava atender os familiares... Aí não podia se distanciar e era feito dessa forma atroz ...

Meu pai continuava internado e os exames melhoraram, ele estava vencendo... Aí do nada numa manhã piorou... Veio um boletim que estava tudo ruim, rins, pulmão, coração, pressão... Ficamos péssimos e rezamos por um milagre. A tarde falou que ele estabilizou o que nos deu nova esperança.

Final de tarde fui receber o boletim e atrasou mais de uma hora... Quando finalmente liberaram subida, pedi pro meu marido ir comigo e não deixaram. Mesmo sendo a 1ª da fila queriam me atender por último, porque “iam em ordem de leitos”, processo que nunca havia sido feito dessa forma. Insisti que não, que estava muito aflita e, foi quando me deram a notícia...

Falaram que meu pai teve uma parada cardiorrespiratória e que tentaram reanimar diversas vezes, mas ele não respondeu. Que atrasou inclusive porque o estavam atendendo. Me perguntaram se queria sentar eu falei que sim, pedi confirmação do que tinham me falado, e finalmente deixaram meu marido subir.

Logo, sem me dar tempo ou apoio, quiseram me falar do procedimento para o enterro, ao que falei que não, que ainda precisava ver como dar a notícia pra minha família. Pedi 5 minutos, falei com uma tia pra conseguir um médico para ir à casa da minha mãe, pra que eu pudesse dar a notícia, porque fiquei com medo de passarem mal...

Esperei mais 10 minutos, pra alguém do hospital voltar e ninguém aparecia fomos embora... Tudo foi muito difícil... Nessa triste sina do meu pai são muitas dores e revoltas. Umas inevitáveis, outras não...

Falarei primeiro das sem solução:

Meu pai lutou com todas as forças, ouvi histórias dos pacientes que não quiseram fazer fisioterapia e, meu pai, antes de entubar, estava fazendo mais de 2 horas por dia. Tanta luta... Por que tanta dor pra acabar assim? Pra que tanto esforço pra nada... Dá uma revolta e dói tanto...

Tento me consolar pensando que muitos sofreram, e, que foi rápido no caso dele... Foi só 20 dias entre diagnóstico, entre ele estar bem e ativo, e, o falecimento. Mas, aí me vem que é um desperdício de vida... E tento novamente me consolar, pensando na outra hipótese, de ele ir definhando...

Ele, uma pessoa tão ativa e inquieta não seria mais ele mesmo. Assim, vou tropeçando e buscando um caminho melhor, de aceitação e aplacar a dor e a saudade...

Mais complicadas e sem solução, são as dores, revoltas e incompreensões que no meu ver poderiam e deveriam ter sido evitadas.

1. Por que atender um paciente de Covid e não pedir um exame pra verificar seu real estado de saúde? Por que não é feito um monitoramento eficaz da evolução da doença?

O Covid pode não ter remédio, mas, as infecções paralelas têm, a inflamação que ele causa também. Sem exames, só por sintomas, não se sabe a real gravidade do paciente! Inclusive a pneumonia de Covid pode ser silenciosa, ou seja, não dar sinais. Alguns médicos irresponsáveis mandam o paciente pra casa sem qualquer exame ou monitoramento! Aí quando vai pro hospital já é tarde demais e está com pulmão quase todo tomado.

Não foi o caso do meu pai, pois não aceitamos o que os médicos falavam e procuramos outros, mas é o caso de muitos que morreram! Mesmo no caso do meu pai fica a dúvida e se tivesse entrado com antibiótico específico mais cedo? E se tivessem percebido e tratado a inflamação exacerbada antes?

Já foi criado um protocolo que além de determinar o risco do paciente, ajudando a distribuir recursos, ainda ver de perto qual a gravidade que se encontra <https://noticias.r7.com/.../pesquisadores-criam-formula...>

O Covid pode ser novo, mas, a medicina não.. Existem exames de sangue simples como Proteína C reativa, hemograma, entre outros, que ajuda a saber o real estado do paciente. SE A DOENÇA É NOVA E POUCO SE SABE, MAS UM MOTIVO PRA MONITORAR DE PERTO E FAZER EXAMES CONSTANTES! Principalmente nos pacientes com comorbidades que o risco de morte é aumentado exponencialmente.

Ao contrário do que um dos médicos que erraram conosco falou, existe muito a ser feito caso esses exames apontem problemas. Existe oxigênio a ser ministrado, fisioterapia a ser feita, antibiótico, corticoide... Uma série de recursos que devem ser usados na hora certa, sem atrasos.

2. Porque não ensinar e recomendar o uso do oxímetro?

Já que pneumonia do covid pode ser silenciosa o uso do oxímetro deveria ser obrigatório e orientado.

Compramos por nossa conta e ficamos perdidos procurando na internet qual valor de referência. Só depois viemos a saber que o valor padrão varia conforme a condição de cada paciente e o médico que deve avaliar. Além disso, o valor da oxigenação pode sofrer pequenas variações, mas, não pode é cair de forma permanente. A sua queda é um sinal grave.

3. Por que não se tem um protocolo uniforme e nacional de diagnóstico e tratamento do Covid?

Minha tia em Belo Horizonte teve Covid e já no primeiro atendimento pediram uma tomografia do pulmão, enquanto aqui, tivemos que insistir pelo exame. Um dos médicos que mandou meu pai pra casa, porque estava bem, falou que ele tinha 4 fatores de risco, obesidade (embora poucos

quilos acima), idade (63 anos), pressão (normal, mas com uso baixo de medicamentos) e diabetes (idem), mas, não fez absolutamente nada quanto a isso! Não propôs nenhum exame, nem monitoramento, NADA. Existem recursos a serem usados! Conhecimento a ser aproveitado

4. Por que a negligência e descaso com que se tem tratado a doença e os avanços não são efetivamente noticiados e dados destaques?

Fala-se em número de mortes, fala-se em falta de equipamentos, mas e quando se tem os recursos e eles não são usados adequadamente?

Participo de grupos de luto de pessoas que perderam parentes para o Covid e as histórias se repetem... Descaso: sem exames, está ótimo vai pra casa... Não estamos falando só de hospital público, mas de particular também, que os recursos estavam a mão, e, não foram usados por falta de vontade? Capacidade? Não sei, mas sei que da revolta isso!

Quando procuramos na Unimed ela falou que era pra ligar nos médicos no site, sendo que eles não atendiam antes do fim da quarentena E MAIS NADA FOI FEITO, mesmo diante da reclamação que fizemos...

A negligência não é só de alguns profissionais da saúde, é de todos que tem o poder pra fazer alguma coisa, governantes, ministros, diretores...

Avanços como a reportagem que eu citei e que poderia salvar vidas se perdem no mar de esquecimento. Se gasta dinheiro público com medicamentos não comprovados, entre outros... Não dá pra entender. Estamos com uma doença matando mais que uma guerra e isso não parece importante.

5. Porque não explicam que falta de ar, não é só a sensação de insuficiência ao puxar o ar, mas sim qualquer alteração na respiração?

Como contei meu pai piorou e fomos pela 2ª vez ao pronto socorro ao que ele relatava muito cansaço, mas não falta de ar.

Só que a respiração dele estava diferente e depois viemos a saber que isso já é considerado falta de ar. Mediram a oxigenação e estava boa, MAS, depois também soubemos que a oxigenação pode demorar a cair, mesmo com a respiração piorando, por isso, existem outros exames que detectam piora do estado do pulmão mais cedo.

6. Porque deixaram meu pai ficar passando mal, quando havia recursos para diminuir seu desconforto, sua dor?

Como disse quando meu pai foi internado e recebeu oxigênio melhorou muito. Por que não foi recomendado antes? Ele não conseguia dormir estava clamando muito, sentindo mal.

Seu pulmão já havia sido diagnosticado como comprometido. Não dá pra entender! Quero ressaltar que não foi falta de recursos, estávamos em um momento em que havia leitos e oxigênio disponível até para home-care! Fica a revolta de uma dor desnecessária e talvez uma piora que poderia ter sido aplacada.

7. Porque internar um paciente com covid em um quarto sem monitoramento contínuo, nem mesmo da oxigenação?

Como podem fazer isso? A evolução do Covid pode ser inesperada e, para piorar pelas regras de isolamento do Covid, muitos pacientes ficam sem acompanhante. Eles podem piorar e ninguém vai saber.

Será quantas mortes assim já ocorreram?

8. Porque não houve um mínimo de suporte psicológico ao meu pai na 1ª noite na UTI? Por que diante de uma doença tão psicologicamente devastadora nada é feito?

Se simplesmente tivessem explicado o tratamento meu pai não passaria tanto medo e incômodo... Deveria se ter uma preocupação de oferecer conforto ao paciente. Informação sobre o tratamento é um direito do paciente, é o mínimo. Mas deveria ser feito.

9. Por que o sistema de informação aos familiares não é feito de uma forma humana? Por que a vídeo chamada não é feita em um horário marcado e com constância? Por que a comunicação do óbito não é pensada do ponto de vista de quem recebe a notícia?

Como relatei a forma como tudo foi feito foi cruel e aterrorizante para o paciente e os familiares...

Esse é o meu desabafo espero que outros não precisem passar pelo que passei. Não sou médica, mas, as informações sobre o Covid e direitos dos pacientes estão disponíveis para todos.

Me baseie no que li de reportagens de instituições que acredito como Einstein, Sírio Libanês, Fiocruz, entre outras, tentei buscar fontes confiáveis e as informações que passei veio delas.

Tenho esperança de que se aprenda com erros, que não ocorram mais mortes evitáveis, que seja dado conforto aos pacientes e familiares e que algum dia se encontre a cura para essa doença.

AGORA, ENQUANTO ISSO, HAVIA MUITO QUE PODERIA E DEVERIA ESTAR SENDO FEITO...

Será que se o tratamento tivesse sido diferente meu pai estaria aqui conosco? Eu tenho certeza de que essa dúvida é também de milhares de outras pessoas.

Ps: Nem tive cabeça pra comentar que meu pai ainda foi atendido e tenho que agradecer, apesar de tudo. E as pessoas que morreram por falta de atendimento? De oxigênio? Acho ainda mais doído. Muita força a todos.

ADRIANO HENRIQUES COSMO DA SILVA • ADRIANO HENRIQUES COSMO DA SILVA • ALEXANDRE BORGES PEREIRA REIS • ANDERSON COSTA • ALEXANDRE BORGES PEREIRA REIS • BERNARDO WANGHON MAIA • DANIEL TIAGO OMENA MELO • EDVALDO BEZERRA DE MOURA • EFIGÊNIO MANOEL • ELY MARQUES FERREIRA • ELY MARQUES FERREIRA • ERASMO PEREIRA DE ARAÚJO • FERNANDO FRANCISCO MONTEIRO • HÉLIO HENRIQUE ALVES • IBRAHIM AYACH • JOANA DARC MONTEIRO ELIAS • JONAS BARBOSA DO ESPÍRITO SANTOS • JORGE LOURENÇO JUNIOR • JULIANO ARRUDA DA SILVA • LICINHA PITANGA FÉLIX • LICINHA PITANGA FÉLIX • MARIA VILMA GOMES OTTERO • MARCELLO VITOR • MARIA DE MORAES LEITE FILHA • MARIA DE MORAES LEITE FILHA MARIA AUGUSTA OLIVEIRA DA SILVA • MÁRIO LÚCIO FORTES BUSTAMANTE DE SIQUEIRA • NELSON FILIPE NETO MAIA • PEDRO GLAUCO COELHO LOPES • ROBERTO CINTRA DE OLIVEIRA • ROGÉRIO THEODORO DE BRITO • RONALDO DO CARMO PASCUALETTO • ZEÍLA DUARTE LOPES • MARIA DA PAZ E CECÍLIA • ADRIANO HENRIQUES COSMO DA SILVA • ADRIANO HENRIQUES COSMO DA SILVA • BORGES PEREIRA REIS • ANDERSON COSTA • ALEXANDRE BORGES PEREIRA REIS • BERNARDO ADRIANO HENRIQUES COSMO DA SILVA • ADRIANO HENRIQUES COSMO DA SILVA • ALEXANDRE BORGES PEREIRA REIS • ANDERSON COSTA • ALEXANDRE BORGES PEREIRA REIS • BERNARDO WANGHON MAIA • DANIEL TIAGO OMENA MELO • EDVALDO BEZERRA DE MOURA • EFIGÊNIO MANOEL • ELY MARQUES FERREIRA • ELY MARQUES FERREIRA • ERASMO PEREIRA DE ARAÚJO • FERNANDO FRANCISCO MONTEIRO • HÉLIO HENRIQUE ALVES • IBRAHIM AYACH • JOANA DARC MONTEIRO ELIAS • JONAS BARBOSA DO ESPÍRITO SANTOS • JORGE LOURENÇO JUNIOR • JULIANO ARRUDA DA SILVA • LICINHA PITANGA FÉLIX • LICINHA PITANGA FÉLIX • MARIA VILMA GOMES OTTERO • MARCELLO VITOR • MARIA DE MORAES LEITE FILHA • MARIA DE MORAES LEITE FILHA MARIA AUGUSTA OLIVEIRA DA SILVA • MÁRIO LÚCIO FORTES BUSTAMANTE DE SIQUEIRA • NELSON FILIPE NETO MAIA • PEDRO GLAUCO COELHO LOPES • ROBERTO CINTRA DE OLIVEIRA • ROGÉRIO THEODORO DE BRITO • RONALDO DO CARMO PASCUALETTO • ZEÍLA DUARTE LOPES • MARIA DA PAZ E CECÍLIA • ADRIANO HENRIQUES COSMO DA SILVA • ADRIANO HENRIQUES COSMO DA SILVA • BORGES PEREIRA REIS • ANDERSON COSTA • ALEXANDRE BORGES PEREIRA REIS • BERNARDO ADRIANO HENRIQUES COSMO DA SILVA • ADRIANO HENRIQUES COSMO DA SILVA • ALEXANDRE BORGES PEREIRA REIS • ANDERSON COSTA • ALEXANDRE BORGES PEREIRA REIS • BERNARDO WANGHON MAIA • DANIEL TIAGO OMENA MELO • EDVALDO BEZERRA DE MOURA • EFIGÊNIO MANOEL • ELY MARQUES FERREIRA • ELY MARQUES FERREIRA • ERASMO PEREIRA DE ARAÚJO • FERNANDO FRANCISCO MONTEIRO • HÉLIO HENRIQUE ALVES • IBRAHIM AYACH • JOANA DARC MONTEIRO ELIAS • JONAS BARBOSA DO ESPÍRITO SANTOS • JORGE LOURENÇO JUNIOR • JULIANO ARRUDA DA SILVA • LICINHA PITANGA FÉLIX • LICINHA PITANGA FÉLIX • MARIA VILMA GOMES OTTERO • MARCELLO VITOR • MARIA DE MORAES LEITE FILHA • MARIA DE MORAES LEITE FILHA MARIA AUGUSTA OLIVEIRA DA SILVA • MÁRIO LÚCIO FORTES BUSTAMANTE DE SIQUEIRA • NELSON